

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Pedro Paulo Amorim**

**AS TENSÕES NO CAMPO ESPÍRITA BRASILEIRO EM  
TEMPOS DE AFIRMAÇÃO (PRIMEIRA METADE DO SÉCULO  
XX)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito final para obtenção do Grau de Doutor em História Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Artur Cesar Isaia.

**Florianópolis  
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Amorim, Pedro Paulo

AS TENSÕES NO CAMPO ESPÍRITA BRASILEIRO EM TEMPOS  
DE AFIRMAÇÃO (PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX) /  
Pedro Paulo Amorim ; orientador, Artur Cesar Isaia,  
2017.

462 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis,  
2017.

Inclui referências.

1. História. 2. Espiritismo. 3. Federação Espirita  
Brasileira. 4. Intelectuais. 5. Rede de  
Sociabilidade. I. Isaia, Artur Cesar. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em História. III. Título.

Pedro Paulo Amorim

AS TENSÕES NO CAMPO ESPÍRITA BRASILEIRO EM TEMPOS  
DE AFIRMAÇÃO (PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX)

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para  
obtenção do título de

**DOCTOR EM HISTÓRIA CULTURAL**

**Banca Examinadora:**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia  
(Presidente e Orientador) - UFSC

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cleusa Graebin - UNILASALLE

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Arnaldo Huff Jr – UFJF

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup>. Cristiana Tramonte – UFSC/CED

\_\_\_\_\_  
Prof.a Dra. Aline Silveira Dias da Silveira – UFSC

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma – UFSC

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. : Gerson Machado – Museu do Sambaqui – Joinville  
(Suplente)

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup>. Eunice Sueli Nodari – Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 30 de março de 2017.



## AGRADECIMENTOS

Um longo caminho foi percorrido até aqui... Com muitas dúvidas, certezas, aflições e alegrias... Como em todos os momentos da minha vida nada consegui, ou não cheguei a lugar algum sem a preciosa ajuda de muitos companheiros e companheiras de jornada, aos quais serei eternamente grato. Com certeza serei injusto com alguns por esquecê-los nesta hora, mas fiquem certo que todos, sem exceção, encontram-se em meu coração, repleto de profunda gratidão.

Agradeço a Helena Maria e Beatriz, mais uma vez, pelo amor e apoio incondicionais, além das muitas horas roubadas de nosso convívio. Também aos meus pais, por terem me proporcionado mais essa oportunidade de vida e pelo amor que me deram, ajudando muito mais do que imaginam. Mais do que agradecer a esse quarteto dedico esse trabalho do fundo do meu coração aos **MEUS PAIS a MINHA COMPANHEIRA e MINHA FILHA.**

Tenho profunda gratidão e carinho pelo meu orientador e amigo, Dr. Artur César Isaia, por sua orientação firme, confiante, não importante hora ou lugar, pela sua compreensão e amizade nos meus muitos momentos difíceis e por ter sido meu grande incentivador, indo muitíssimo mais longe que o dever profissional, atingindo onde somente a verdadeira amizade pode chegar, pois, certamente, sem seu apoio não chegaria até esse momento.

Agradeço de maneira muito especial as professoras Dra. Cristiana Tramonte e a Dra. Cleusa Graebin pelas importantes e decisivas contribuições no processo de qualificação dando-me suporte para a realização desse trabalho e por aceitarem mais uma vez contribuírem para que eu possa terminá-lo com grande êxito. Da mesma forma agradeço aos professores Dr. Marcos Montysuma, Dr. Arnaldo Huff Jr, Dra. Aline da Silveira, Dra. Claudia Drucker e ao Dr. Gerson Machado pela grande deferência imputada a mim ao aceitarem analisar e contribuir para a realização e conclusão desse trabalho.

Também não posso deixar de expressar os meus sinceros agradecimentos aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, pelos seus incansáveis esforços a fim de proporcionarem as melhores condições de trabalho para os estudantes dessa casa.

Um agradecimento muito especial aos funcionários do Setor de Periódicos da Biblioteca Nacional que não mediram esforços para me ajudar em todos esses anos de pesquisa apesar de todas as dificuldades relativas à preservação e manutenção dos acervos lá guardados e as

condições físicas da própria Biblioteca, nem sempre as ideais para se trabalhar.

Durante os muitos anos dessa pesquisa conheci diversos lugares, bibliotecas, centros de documentação, editoras, etc e também várias pessoas nesses lugares que me ajudaram, a grande maioria de forma anônima, portanto, não posso nominá-las aqui, porém possuirão eternamente a minha gratidão. Já outros, guardei os seus nomes, certamente por importuná-los inúmeras vezes como os amigos da Federação Espírita do Paraná, em especial aqueles responsáveis pelo setor de documentação, documentos raros e pelo jornal Mundo Espírita, como a Odete Cachuba que me ajudou muitas vezes. Da mesma forma aos amigos da Casa Editora O Clarim, responsáveis pelo jornal O Clarim e pela Revista Internacional de Espiritismo como Cássio Carrara que não mediu esforços diante das minhas diversas solicitações de ajuda. Aos amigos da Federação Epírita Brasileira do setor de obras raras como a Maria do Carmo que também sempre me ajudou.

Aos amigos Professor Marcelo Henrique que me ajudou com sua sabedoria e conhecimentos, além de me apresentar pessoas importantes como o Carlos de Brito Imbassahy a quem devo muito, que lá de Nova York jamais deixou de atender a qualquer das minhas solicitações de ajuda.

Sem dúvida jamais poderei esquecer dois grandes irmãos e amigos de longuíssimas jornadas pelo verdadeiro amor, carinho e contribuições dadas as minhas pesquisas e sobretudo a minha vida Yvon Luz e Heitor Luz, onde quer que estejam.

E por fim, agradeço a Deus o Grande Arquiteto do Universo pela força, a beleza e sabedoria existentes em todo universo sem as quais nada se faria.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o projeto homogeneizante da FEB em busca da pretendida hegemonia no interior do Campo Espírita Brasileiro, através de minuciosa pesquisa em fontes institucionais na busca da tentativa de construção da identidade espírita, tendo em vista a relação entre a cultura letrada e o Espiritismo, através dos principais periódicos espíritas: Reformador, Mundo Espírita, O Clarim, Revista Internacional de Espiritismo, Revista Espírita do Brasil e o Almenara.

A partir da análise dessas fontes pudemos destacar a atuação de quatro entre os principais intelectuais espíritas: Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e Herculano Pires. Todos responsáveis pela construção de algumas redes de sociabilidades criadas no interior do Campo Espírita Brasileiro, cuja análise nos permitiu identificar os principais interesses que moviam a economia de forças reveladas pelo Espiritismo Brasileiro.

Palavras-chave: Espiritismo – Federação Espírita Brasileira – Intelectuais – Rede de Sociabilidade



## ABSTRACT

The present work has the objective of analyzing the homogenizing project of the FEB in search of the desired hegemony within the Brazilian Spiritist Field, through a small research in institutional sources in search of the attempt to construct the Spiritist identity, considering the relationship between the literate culture And Spiritism, through the main spiritist journals: Reformador, Mundo Espírita, O Clarim, Revista Internacional de Espiritismo, Revista Espírita do Brasil e Almenara.

From the analysis of these sources we could highlight the performance of four of the main Spiritist intellectuals: Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim and Herculano Pires. All responsible for the construction of some networks of sociabilities created inside the Brazilian Spiritist Field, whose analysis allowed us to identify the main interests that moved the economy of forces revealed by Brazilian Spiritism.

Key words: Spiritualism – Federação Espírita Brasileira – Intelectuais -



## Lista de Ilustrações

Referência	Pág.
Figura 1 – Conheça o Espiritismo – Panfleto	49
Figura 2 – Divulgue o Espiritismo – Panfleto	50
Figura 3 – Assinatura	68
Figura 4 – Propaganda	68
Figura 5 – Folhetim	70
Figura 6 – Mapa de Países Afiliados a CEI	104
Figura 7 – Capa Reformador	105
Figura 8 – Capa Reformador	106
Figura 9 – Capa Reformador	107
Figura 10 – Capa Reformador	107
Figura 11 – Capa Reformador	107
Figura 12 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	113
Figura 13 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	117
Figura 14 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	118
Figura 15 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	118
Figura 16 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	119
Figura 17 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	119
Figura 18 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	120
Figura 19 – Logotipo Mundo Espírita – pág.1.	121
Figura 20 – Capa Revista Espírita do Brasil	122
Figura 21 – Capa Revista Espírita do Brasil	125
Figura 22 – Capa Revista Espírita do Brasil	125
Figura 23 – Capa nº1 de O Clarim	126
Figura 24 – Logotipo de O Clarim	129
Figura 25 – Logotipo de O Clarim	131
Figura 26 – Capa da RIE	131
Figura 27 – Capa da RIE	135
Figura 28 – Capa da RIE	135
Figura 29 – Capa da RIE	135
Figura 30 – Capa da RIE	135
Figura 31 – Capa da RIE	136
Figura 32 – Capa da RIE	136
Figura 33 – Capa da RIE	136
Figura 34 – Capa da RIE	136
Figura 35 – Capa Almenara	137
Figura 36 – Logotipo Almenara	140
Figura 37 – Estatutos da FEB	164
Figura 38 – Carlos Imbassahy	231

Figura 39 – Atividades – Carlos Imbassahy	238
Figura 40 – Atividades em congressos – Carlos Imbassahy	239
Figura 41 – Editoras usadas – Carlos Imbassahy	239
Figura 42 – Leopoldo Machado	240
Figura 43 – Atividades – Leopoldo Machado	248
Figura 44 – Atividades em congressos – Leopoldo Machado	249
Figura 45 – Editoras usadas – Leopoldo Machado	249
Figura 46 – Deolindo Amorim	250
Figura 47 – Atividades – Deolindo Amorim	259
Figura 48 – Atividades em congressos – Deolindo Amorim	260
Figura 49 – Editoras usadas – Deolindo Amorim	260
Figura 50 – Herculano Pires	261
Figura 51 – Atividades – Herculano Pires	284
Figura 52 – Atividades em congressos – Herculano Pires	284
Figura 53 – Editoras usadas – Herculano Pires	285
Figura 54 – As Redes	286

## Lista de Quadros, Tabelas e Gráficos

Quadro 1 – A Imprensa Espírita no Brasil – Primeiros Anos	64
Tabela 1 – Analfabetismo no Brasil	65
Quadro 2 – Diretores (Registrados no Frontispício) – FEB	110
Quadro 3 – Diretor-Substituto (Editor) – FEB	110
Quadro 4 – Redatores-Chefes e Redatores-Secretários – FEB	110
Quadro 5 – Secretários – FEB	111
Quadro 6 – Gerentes e Administradores - FEB	111
Tabela 2 – População das maiores cidades brasileiras 1900	291
Gráfico 1 – Quantidade de artigos por periódico	295
Tabela 3 – Quantidade de artigos por periódico	295
Gráfico 2 – Quantidade de artigos O Clarim	296
Gráfico 3 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos no jornal O Clarim	297
Gráfico 4 – Quantidade de artigos RIE	302
Gráfico 5 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos na RIE	306
Gráfico 6 – Quantidade de artigos REB	307
Gráfico 7 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos REB	309
Gráfico 8 – Quantidade de artigos Mundo Espírita	310
Gráfico 9 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos Mundo Espírita	316
Gráfico 10 – Quantidade de artigos Almenara	318
Gráfico 11 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos Almenara	320
Gráfico 12 – Quantidade de artigos Reformador	324
Gráfico 13 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos Reformador	324



## Lista de Abreviações

ABI – Associação Brasileira de Imprensa  
ABHR – Associação Brasileira de História das Religiões  
ABRAJEE – Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas  
BCMPE – Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho  
CEB – Confederação Espírita Brasileira  
CEERJ – Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro  
CEFEC – Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade  
CEI – Conselho Espírita Internacional  
CEPA – Confederação Espírita Pan-americana  
CFN – Conselho Federativo Nacional (FEB)  
EDICEL – Editora Cultural Espírita Ltda  
ECO – Editora Eco  
FBEP – Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos  
FEA – Federação Espírita Amazonense  
FEAP – Federação Espírita do Amapá  
FEB – Federação Espírita Brasileira  
FEC – Federação Espírita Catarinense  
FEDF – Federação Espírita do Distrito Federal  
FEEAC – Federação Espírita do Estado do Acre  
FEEAL – **Federação Espírita do Estado de Alagoas**  
FEEB – Federação Espírita do Estado da Bahia  
FEEC – Federação Espírita do Estado do Ceará  
FEEES – Federação Espírita do Estado do Espírito Santo  
FEEGO – Federação Espírita do Estado de Goiás  
FEEMT – Federação Espírita do Estado do Mato Grosso  
FEES – Federação Espírita do Estado de Sergipe  
FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo  
FEETINS – Federação Espírita do Estado do Tocantins  
FEI – Federação Espírita Internacional  
FEMAR – Federação Espírita do Maranhão  
FEMS – Federação Espírita do Mato Grosso do Sul  
FEP – Federação Espírita Pernambucana  
FEP – Federação Espírita do Paraná  
FEP – Faculdade de Estudos Psíquicos  
FEPI – Federação Espírita Piauiense  
FEPB – Federação Espírita Paraibana  
FER – Federação Espírita Roraimense  
FERGS – Federação Espírita do Rio Grande do Sul  
FERN – Federação Espírita do Rio Grande do Norte

ICEB – Instituto de Cultura Espírita do Brasil  
LAKE – Livraria Allan Kardec Editora  
LEB – Liga Espírita do Brasil  
LEESP – Liga Espírita do Estado de São Paulo  
MEU – Movimento de Unificação Espírita  
REB – Revista Espírita do Brasil  
RIE – Revista Internacional de Espiritismo  
TELMA – Teatro Espírita Leopoldo Machado  
UAI – União Artística do Interior  
UEB – União Espírita Baiana  
UEM – União Espírita Mineira  
UEP – União Espírita Paraense  
UFEP – União Federativa Espírita Paulista  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
URE – União Regional Espírita  
USE – União Social Espírita  
USE – União das Sociedades Espíritas  
UME – União Municipal Espírita  
USEB – União Social Espírita da Bahia

## SUMÁRIO

Introdução.....	19
Capítulo 1 – Espiritismo e letramento.....	33
1.1 – O livro e identidade espírita.....	33
1.2 – As fontes institucionais espíritas – Os periódicos espíritas.....	62
1.2.1 – Os periódicos, os intelectuais e as redes – Uma primeira aproximação.....	74
1.2.1.1 – Reformador.....	75
1.2.1.2 – O Clarim.....	75
1.2.1.3 – Revista Internacional de Espiritismo.....	76
1.2.1.4 – Revista Espírita do Brasil.....	76
1.2.1.5 – Mundo Espírita.....	76
1.2.1.6 – Almenara .....	77
1.3 – As Gerações da FEB.....	77
1.3.1 – 1ª Geração – Fundadores.....	79
1.3.2 – 2ª Geração – A Liga.....	96
1.3.3 – 3ª Geração – O Pacto.....	100
1.3.4 – 4ª Geração – Internacionalização.....	101
Capítulo 2 – O projeto homogeneizante da FEB e a imprensa espírita.....	105
2.1 – Periódicos Espíritas.....	105
2.1.1 – Reformador.....	105
2.1.2 – Mundo Espírita.....	113
2.1.3 – Revista Espírita do Brasil.....	122
2.1.4 – O Clarim.....	126
2.1.5 – Revista Internacional do Espiritismo.....	131
2.1.6 – Almenara.....	137
2.2 – A FEB, o Pacto Áureo e as lutas intestinas na imprensa espírita	141
2.2.1 – FEB – Surgimento e Constituição.....	141
2.2.2 – Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho.....	188
2.2.3 – Rumo ao Pacto Áureo.....	198
Capítulo 3 – Intelectuais e redes.....	227
3.1 – Intelectuais espíritas.....	227
3.1.1 – Carlos Imbassahy.....	231
3.1.2 – Leopoldo Machado.....	240
3.1.3 – Deolindo Amorim.....	250
3.1.4 – Herculano Pires.....	261
3.2 – As Redes de sociabilidade e seus locais.....	285
3.2.1 – As relações de amizade entre os quatro intelectuais.....	287
3.2.2 – Escola de Niterói.....	288

3.2.3 – A Cidade do Rio de Janeiro.....	289
3.2.4 – As redes nos jornais e revistas espíritas.....	294
Considerações Finais.....	339
Referências Bibliográficas.....	344
Fontes.....	350
Índice Onomástico.....	363
Anexo A – Lançamento de Periódicos Espíritas até 1960.....	409
Anexo B – Países Afiliados a CEI.....	419
Anexo C – Instruções de Allan Kardec aos Espíritas do Brasil.....	422
Anexo D – Ata do Pacto Áureo.....	430
Anexo E – Quadros Resumos das Atuações dos Quatro Intelectuais..	433
Anexo F – Cronologia.....	445
Anexo G – Organograma do Movimento Espírita Federado (FEB).....	458

## INTRODUÇÃO

Em 2011, ao apresentarmos nossa dissertação de mestrado, atestávamos o crescimento vertiginoso dos estudos acadêmicos sobre temas diretamente ligados às religiões ou religiosidades, tendo como base o grande sucesso dos três primeiros encontros do Grupo de Trabalho Nacional de História das Religiões e das Religiosidades – (ANPUH), responsáveis pela consolidação definitiva das referidas temáticas no cenário acadêmico e no calendário dos eventos culturais brasileiro, nos quais, em outubro de 2010, foram apresentados 230 trabalhos em três dias de encontro em Florianópolis (SC). Hoje constatamos definitivamente a materialização do GT devido às exitosas realizações dos quarto e quinto encontros nacionais ocorridos, respectivamente, nas cidades de São Leopoldo (RS), em 2012, e na cidade de Salvador (BA), em novembro de 2014. Se não bastasse o grande sucesso dos encontros nacionais, podemos destacar ainda os encontros regionais e estaduais dos GTs de História das Religiões e das Religiosidades espalhados pelo país em que agregam cada vez mais pesquisadores em torno da temática, além dos encontros promovidos pela Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Outro termômetro desse sucesso é a consolidação no cenário nacional da Revista Brasileira de História das Religiões (RBHR), que atingiu rapidamente o índice B1 do “Qualis”, em 2012.

Assim, em razão direta da natureza dinâmica desses temas, concluímos ser necessário o desenvolvimento de muitos outros estudos, a fim de ampliarmos o nosso entendimento acerca dos temas em questão. Em virtude dessa necessidade, apresentamos aqui nossa contribuição para as reflexões ligadas a tais assuntos; mais especificamente relacionados ao Espiritismo<sup>1</sup>.

Como não poderia deixar de ser, este trabalho, como os demais apresentados na academia, é fruto de uma inquietação, de um incômodo que nos move em busca do entendimento das questões referentes ao

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo Espiritismo é utilizado para se referir ao corpo teórico-doutrinário desenvolvido inicialmente pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizar Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, em meados do século XIX. Rivail adotou o uso de um pseudônimo a fim de, em primeiro lugar, evitar confusões devido ao seu extenso e conhecido trabalho no mundo científico francês da época; em segundo, para proteger o nome de sua família, muito conhecida na magistratura francesa e, finalmente, por causa de uma comunicação mediúnica na qual seu guia relatara terem ambos vividos juntos uma existência anterior nas Gálias, como druidas, e Rivail viveu sob o nome de Allan Kardec. Conforme: WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. Vv I. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 275-282.

tema escolhido, fazendo com que nós pesquisadores nos comportemos como detetives, dominados pela ânsia de chegarmos a algumas conclusões sobre o caso, lembrando que, no nosso “metier”, temos a verdade apenas como algo a ser atingido, buscado, de forma ideal e não absoluta.

A escolha da temática religiosa em nosso estudo vai ao encontro de Bourdieu, para quem a religião ocupa um lugar fundamental, que acompanha os processos de divisão social do trabalho, de urbanização, portanto, de constituição da sociedade.

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos na divisão do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e de sistematização das crenças e práticas religiosas<sup>2</sup>.

Dessa forma, podemos notar a importância dos estudos religiosos para a compreensão dos fenômenos sociais.

Os estudos ligados à religião, assim como todos os demais temas de pesquisa histórica, requerem atenção e cuidado quanto à forma pela qual devem ser tratados. A nossa interpretação dos fenômenos religiosos, e da religião em si, devemos de forma direta a Dominique Julia e Peter L. Berger.

De acordo com Julia, a religião deve ser encarada como uma representação, um produto cultural, em que o mais importante é a relação que esse produto mantém com a sociedade. Em seu artigo, “A Religião: História Religiosa”, Julia aponta como objeto das ciências humanas

a linguagem, as leis segundo as quais se organizam as linguagens sociais, históricas ou psicológicas. A consciência não é mais, nessas condições, do que uma representação – o mais das vezes, falaciosa – dos determinismos que a organiza. Ela não pode ter a pretensão de constituir o real, não o pode mais. O que uma análise histórica ou sociológica revela são as regras dos funcionamentos sociais<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 34.

<sup>3</sup> JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (Org.). *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 107.

Peter L. Berger proporciona o entendimento da religião como um produto histórico decorrente da ação humana, conforme verificamos em suas palavras: “A religião é definida como um empreendimento humano porque é assim que ela se manifesta como fenômeno empírico”<sup>4</sup>. Ou ainda quando ele afirma que “a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada”<sup>5</sup>.

Berger encara a sociedade como o resultado da ação humana, sem esquecer que essa mesma sociedade retroage continuamente sobre seu produtor. Assim, o autor presta tributo a Karl Marx, com base na ideia de uma relação dialética na qual os homens “fazem” a sociedade, ao mesmo tempo em que a “sofrem”<sup>6</sup>.

Construímos nossa pesquisa teoricamente, tendo por fundamento dois conceitos principais, o de representação, de acordo com Roger Chartier, e o de campo, desenvolvido por Pierre Bourdieu. As representações aqui são consideradas de uma forma ampla, englobando as construções mentais, o imaginário, as imagens por meio dos quais os homens interpretam e dão sentido à realidade. Para assim proceder, utilizamos a posição de Chartier, ao afirmar que a ideia de representação, ao contrário da de mentalidade, é capaz de articular três modalidades de relação com o mundo social<sup>7</sup>. Primeiramente, como o trabalho referente à classificação e delimitação capazes de “organizar a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”<sup>8</sup>. A seguir, encara as representações como práticas que objetivam reconhecer uma identidade social, buscando significar simbolicamente um estatuto e uma posição. Dessa forma, Chartier assevera que “a relação de representação – entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme”<sup>9</sup>. Assim, a representação atua como substituição, sendo capaz de personificar um ausente, tornando possível a sensação de sua presença. Finalmente, as representações como formas institucionalizadas, definidas pelo autor como a “exibição de uma presença, como apresentação pública de algo

---

<sup>4</sup> BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 38.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem. p. 15-16.

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. p. 23.

<sup>8</sup> Idem. p. 17.

<sup>9</sup> Idem. p. 21.

ou de alguém”<sup>10</sup>. Ainda no que concerne a última posição, Chartier assevera que

a distinção fundamental entre representação e representado, entre signo e significado, é pervertida pelas formas de teatralização da vida social de Antigo Regime. Todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe<sup>11</sup>.

Assim sendo, as representações, nesses casos, dizem mais do que aquilo que mostram, trazendo consigo uma carga simbólica evidente. Por outro lado, ainda referenciados em Chartier, encaramos as representações dentro de uma perspectiva tensional na qual

as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se anunciam em termos de poder e dominação<sup>12</sup>.

Tensão essa que o autor denomina de “lutas de representações”. Essa característica tensional aproxima a concepção de representação de Chartier da noção das disputas inerentes à concepção de campo de Bourdieu, com a qual trabalhamos.

Encontramos as definições sobre campo religioso conforme Bourdieu na sua obra intitulada “A Economia das Trocas Simbólicas”, compiladas na introdução por Sergio Miceli como

um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As oposições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalecente de dominação<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> CHARTIER (1990). Op. Cit. p. 20.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 21.

<sup>12</sup> Ibidem. p. 17.

<sup>13</sup> BOURDIEU; MICELI. Op. Cit. p. XXL.

No entendimento de Bourdieu, a noção de campo é um espaço social de dominação e de conflitos, dotado de certa autonomia, definida pela sua própria capacidade de estabelecer as normas de sua produção e reprodução, possuindo também suas próprias regras de organização e de hierarquia<sup>14</sup>. Assim, o campo é o espaço no qual instituições e indivíduos encontram-se em processo de luta a fim de disputarem as melhores posições no interior desse próprio campo, em busca de um maior acúmulo de capital simbólico, fator esse que, em razão dos diferentes montantes acumulados, os diferenciam entre si. Em virtude dessa concepção, encaramos o Espiritismo como integrante do campo religioso brasileiro, no qual competirá com os demais integrantes do campo pelas demandas do mercado de bens da salvação<sup>15</sup>.

Além disso, as tensões internas a ele revelam a existência de um campo espírita, entendido por nós como o “local” no qual competem, pela hegemonia e pelo poder de produção e reprodução das normas que configuram a existência desse próprio campo, instituições como a FEB, possuidora do maior capital simbólico do campo, as federações estaduais, os centros espíritas, na figura de seus representantes e, por fim, os espíritas, sendo estes compostos por aqueles que buscam inovar e/ou revolucionar as práticas e representações do campo, e os que buscam a manutenção do status quo.

Implícitos na noção de campo de Bourdieu estão outros conceitos com os quais trabalharemos em nossa pesquisa: o de capital cultural e o de acumulação simbólica. Segundo Bourdieu, o campo cultural está formado por integrantes dotados de desiguais posições quanto à sua valorização. Essa desigualdade de posições relaciona-se com os respectivos processos de acumulação simbólica.<sup>16</sup> De acordo com essas ideias, o Espiritismo será encarado fazendo referência a uma acumulação simbólica peculiar ao processo histórico brasileiro. Assim sendo, a história do Espiritismo no Brasil é vista como a da afirmação de valores caros e reconhecidos pela sociedade brasileira (daí vemos, por exemplo, a existência de um Espiritismo à brasileira<sup>17</sup>, permeado de valores católicos). De acordo com Bourdieu, a acumulação simbólica leva ao que o autor denomina de “violência simbólica”, expressa nos mecanismos que fazem com que os indivíduos percebam como “naturais” as representações ou as ideias sociais dominantes, impostas

---

<sup>14</sup> BOURDIEU; MICELI. Op. Cit. p. 106-119.

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre(2001). Op. Cit. p. 59.

<sup>16</sup> BOURDIEU; MICELI. Op. Cit. p. 99-105.

<sup>17</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: USP; Curitiba: Orion, 2003. p. 49-62.

de forma a dissimular as forças que estão na sua base, ou seja, na base dessas relações de força. Portanto, a violência simbólica é criada pelas instituições e pelos seus agentes sobre a qual se apoia o exercício consentido de autoridade<sup>18</sup>.

Assim sendo, agora neste trabalho, partimos da noção de campo, de Bourdieu, para configurar o lugar histórico-social de diversos integrantes do mencionado campo. Esses vários componentes do campo espírita desenvolveram leituras peculiares não só da obra de Kardec, como também da obra de Roustaing, leituras essas analisadas com base na obra de Chartier. Somando-se a isso, teremos sempre em mente a noção de religião como discurso e construção humana, amparando-nos em Eni Orlandi<sup>19</sup> e Peter Berger<sup>20</sup>. Dessa forma, tendo em vista a religião como discurso e como integrante de um campo tensional (Bourdieu), fomos capazes de, por meio do método indiciário proposto por Ginzburg<sup>21</sup>, perseguir os muitos indícios deixados não só pela Federação Espírita Brasileira, como pela Liga Espírita do Brasil e por vários outros integrantes do campo relativamente às questões envolvendo a unificação do Movimento Espírita Brasileiro, ao Pacto Áureo e também perante as obras de Kardec e de Roustaing.

Michel Foucault chama a nossa atenção ao destacar que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”<sup>22</sup>. Assim, perceberemos, por meio dos discursos das principais entidades constituintes do Campo Espírita Brasileiro, a luta pela possibilidade de criação dos objetos de que tratam os seus próprios discursos<sup>23</sup>.

Este trabalho desenvolveu-se à luz da História Cultural, a qual, na definição do historiador Roger Chartier, possui o objetivo central de identificar como, em diferentes tempos e lugares, uma determinada realidade social é construída, pensada e lida<sup>24</sup>. Dessa maneira, uma abordagem teórica a respeito do estudo das religiões, do pensamento

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1975. p.19-25.

<sup>19</sup> ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.p.15.

<sup>20</sup> BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**.Petrópolis: Vozes, 2007. p 228-230.

<sup>21</sup> GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 143-179.

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michael. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p.10.

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michael. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.p.55.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger (1990). *Op. Cit.* p. 16-18.

religioso e das formas de religiosidade em geral, deve levar em conta a historicidade dos fenômenos religiosos<sup>25</sup>. A nossa abordagem é tributária da História Religiosa, a qual dá ênfase ao contexto histórico no qual está inserida a religião, pois, de outra forma, não podemos compreendê-la, diferentemente da concepção endossada pela História das Religiões, na qual o fundamental é a religião em si e a solução proposta por esta aos problemas religiosos dos homens, ficando o contexto em segundo plano, conforme as palavras do historiador Eduardo Bastos de Albuquerque<sup>26</sup>.

A familiaridade que possuímos com o Espiritismo encarado como objeto de pesquisa advém desde a nossa iniciação científica no curso de graduação, a qual culminou com o trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado “Roustaing: a cisão no interior da Federação Espírita Brasileira”, defendido em 29 de abril de 2008, no Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O passo seguinte rumo ao nosso desenvolvimento como pesquisador, ainda utilizando o Espiritismo como objeto de pesquisa, dá-se com a pesquisa que resultou em nossa dissertação de mestrado apresentada sob o título: A Renovação Cristã: de Kardec a Lutero (1949 – 2010), na qual analisamos o papel do livro na cisão do Espiritismo Brasileiro, que levou à criação da Renovação Cristã. Assim sendo, dando sequência à nossa pesquisa sobre o tema, introduzimos uma nova problemática acerca do assunto, em que procuraremos estudar as tensões existentes no interior do Campo Espírita Brasileiro, com maior ênfase nos tempos quando o Espiritismo afirmava-se como mais um integrante do Campo Religioso Brasileiro, nos primeiros sessenta anos do século XX.

Um ponto importante para o contexto deste trabalho diz respeito à questão de sermos ou não adeptos do Espiritismo. Em nosso entendimento, o fato de ser espírita não estabelece uma vantagem ou desvantagem “a priori”. Certamente, a nossa proximidade com o objeto de estudo facilitou sua escolha, por outro lado, determinou um maior cuidado, de nossa parte, no que se refere às interpretações. Não podemos esquecer o caráter subjetivo do trabalho do historiador, nem,

---

<sup>25</sup> SILVA, Eliane Moura. **O Espiritualismo no Século XIX**: reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade. Campinas: IFCH/UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n. 27, 1999. p.10.

<sup>26</sup> ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos de. Distinções no campo de estudos da religião e da História. In: GUERREIRO, Silas, Org. **O estudo das religiões**. Desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2003. p.64-65.

tampouco, a falsa questão da neutralidade do historiador e seu objeto de estudo, não importando seja ele religioso ou não<sup>27</sup>.

A fim de dar uma melhor estruturação e entendimento ao nosso trabalho, ele foi dividido em três capítulos. A pesquisa possui como um de seus fios condutores uma das principais características do Espiritismo, a sua afinidade com a cultura letrada, conforme percebemos em Bernardo Lewgoy:

o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o Século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da “ciência” e da “literatura”<sup>28</sup>.

Visto que essa característica perpassa todas as etapas do trabalho, sendo ela também responsável por um dos epítetos mais famosos do Espiritismo, ou seja, “Religião do Livro”, iniciamos o primeiro capítulo investigando o papel do livro e da aprendizagem formal como indispensáveis à constituição da pretendida identidade espírita proposta por seu codificador e pelas autoridades espíritas brasileiras, baseadas na Federação Espírita Brasileira, partindo da ideia de que a identidade se forja com base na alteridade e de maneira dinâmica e processual, com o aporte teórico de Stuart Hall<sup>29</sup>. Dessa forma, destacamos a natureza discursiva e processual da formação identitária espírita. Também com o intuito de contribuir para nossas reflexões sobre o assunto, lançamos mão dos conceitos formulados por Chartier a respeito das práticas de leitura<sup>30</sup>.

Na segunda parte deste primeiro capítulo, discutimos a propósito das condições dos periódicos disponíveis entre o fim do

<sup>27</sup> GOMES, Francisco José Silva. Religião como objeto da História. In: LIMA, Lana Lage da Gama, Org. et al. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. p. 20-21.

<sup>28</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. 2000. 360 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, 2000. p 15.

<sup>29</sup> HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>30</sup> Sobre o assunto, ver os seguintes textos: CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999; CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

século XIX e a primeira metade do século XX, com ênfase naqueles vinculados ao Espiritismo, destacando o seu surgimento e a vida efêmera que os caracterizaram de modo geral. A seguir, fazemos uma apresentação, de forma concisa, dos intelectuais (Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e Herculano Pires) e dos periódicos selecionados (*Reformador*, *O Clarim*, *Revista Internacional de Espiritismo*, *Revista Espírita do Brasil*, *Mundo Espírita* e *Almenara*), para posteriormente desenvolvermos de forma mais detalhada a nossa pesquisa nos capítulos seguintes. Finalizamos o primeiro capítulo discutindo a formação das quatro gerações que, a nosso juízo, compuseram até o presente momento a história da Federação Espírita Brasileira.

No segundo capítulo, a fim de pesquisarmos o projeto homogeneizante da FEB e sua busca pelo lugar mais proeminente do Campo Espírita Brasileiro, iniciamos nossa análise pelos seis periódicos espíritas, escolhidos por nós, como os mais representativos entre os cerca de quatrocentos títulos lançados: *Reformador*, *Mundo Espírita*, *O Clarim*, *Revista Internacional de Espiritismo*, *Revista Espírita do Brasil* e *o Almenara*.

Após o levantamento das principais características dos periódicos espíritas aqui estudados, partimos para a análise do Pacto Áureo e das lutas intestinas do Campo Espírita Brasileiro em torno da sua efetivação e da conseqüente supremacia da FEB em relação aos demais componentes do campo. Para tanto, utilizamos os estudos de Eni Orlandi a propósito do discurso<sup>31</sup>, principalmente sobre o discurso religioso, o qual é apresentado pela autora como um discurso autoritário<sup>32</sup>.

Finalmente, chegamos ao terceiro e último capítulo deste trabalho no qual iniciamos discutindo, com mais detalhes, as trajetórias dos intelectuais aqui destacados. Cabe ressaltar que não fizemos propriamente uma biografia de cada um deles, mas utilizo dados históricos desses sujeitos para melhor compreensão de suas atuações como integrantes de algumas redes de sociabilidade existentes no interior do Campo Espírita Brasileiro. Assim, faço um uso instrumental da biografia<sup>33</sup> com a finalidade de atingir meus objetivos, sem deixar de

---

<sup>31</sup>ORLANDI (2007). Op. Cit. passim.

<sup>32</sup>ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

<sup>33</sup> Sobre as questões ligadas aos estudos da biografia e análises mais profundas acerca do tema, deve-se consultar além das obras mencionadas no corpo do texto: DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009. GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os**

reconhecê-la como um gênero historiográfico de fundamental importância para a compreensão da sociedade, em razão do já consagrado descrédito das totalizações e dos modelos macro-explicativos e das ideias de sujeito universal e de sentido na história, conforme podemos notar nas observações do historiador Benito Bisso Schmidt<sup>34</sup>. Ainda sobre a crítica à valorização excessiva das grandes estruturas sociais e econômicas e, em contrapartida, a valorização da biografia como caminho utilizado para compreendermos a sociedade, a historiadora Regina Célia Lima Xavier chama a nossa atenção para a “preocupação cada vez mais recorrente com a esfera privada ao se formular questões sobre as formas pelas quais as pessoas organizam suas vidas e construíram a sociedade, iluminando, portanto, o papel dos indivíduos[...]”<sup>35</sup>. Desse modo, utilizamos as trajetórias pessoais como fios condutores de nossa narrativa, não como algo capaz de conferir coerência e sentido à existência humana, como bem salientou Bourdieu ao referir-se à “ilusão biográfica”<sup>36</sup>.

Seguindo a estrutura do terceiro capítulo, passamos a analisar a atuação dos intelectuais destacados no interior das principais redes de sociabilidade atuantes no Campo Espírita Brasileiro. De início, damos ênfase à função da amizade e, posteriormente, da cidade do Rio de Janeiro, ambas como fatores de atração, formação e aglutinação dessas mesmas redes. Por fim, analisamos individualmente cada uma das redes e, mais uma vez, utilizamos os estudos de Eni Orlandi a respeito do silêncio<sup>37</sup>, forma destacada de atuação da FEB em relação a assuntos polêmicos.

O corpus documental que dá suporte ao nosso trabalho fundamenta-se na imprensa de cunho institucional/confessional, composta por revistas, jornais, livros de divulgação e folhetos, responsáveis por amplo material de divulgação e doutrinação. Ainda, contamos com um grande volume de livros e jornais não vinculados diretamente à FEB ou a outras instituições majoritárias do Campo

---

vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. DAVIS, Natalie Zemon. Nas Margens: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In. AMADO, J e MORAES, M.F. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2005.p. 183-192.

<sup>34</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. **A biografia histórica**: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”.In:XAVIER, Regina Célia Lima (Org.) et al. Questões da teoria e metodologia da História. Porto Alegre:Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p.123-124.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> BOURDIEU (2005). Op.Cit. p. 183-192.

<sup>37</sup>ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

Espírita Brasileiro, patrocinados por instituições espíritas e por indivíduos adeptos da doutrina.

Nunca é demais lembrar que as fontes aqui analisadas não foram pensadas como meros meios de informações, imparciais e neutras, sem intenções e tendências. Mas, foram tratadas como documentos-monumentos, como afirma Le Goff:

[...] o documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinadas imagens de si próprias. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção<sup>38</sup>.

Diante disso, ao analisarmos as fontes disponíveis, procuramos desvendar, nas entrelinhas dos discursos ali apresentados, as vozes e os interesses dos seus produtores, que por meio desses discursos tentaram impor-se, silenciar os conflitos e, com isso, seus oponentes, além de igualmente fazer valer suas práticas e representações de mundo. Diante da subjetividade inerente a todas as fontes, a nossa interpretação abre novos caminhos e novas possibilidades para análises futuras, por parte de outros pesquisadores.

Como afirma a historiadora Tânia Regina De Luca, o uso do jornal como fonte histórica tem se revelado como um valioso meio de investigação, principalmente a partir da renovação da prática historiográfica proporcionada pela Nova História e pela terceira geração dos Annales<sup>39</sup>, desde que, como foi ressaltado anteriormente, analisado de forma crítica, confrontando-o com outras fontes, nunca se esquecendo de sua subjetividade. A historiadora chama a nossa atenção para o cuidado que devemos ter para o emprego de jornais e revistas como fontes históricas: “o impresso revista merece ser analisado com vagar”<sup>40</sup>. Desse modo, devemos levar em conta o constante

<sup>38</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.p. 547-548.

<sup>39</sup> DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-113.

<sup>40</sup> *Ibidem*. p. 121.

aprimoramento das técnicas empregadas na sua elaboração e o tratamento aplicado aos textos e imagens que a compõem, sem esquecer que a materialidade dos impressos e seus suportes, com sua variedade de formatos, papel, impressão, cores e imagens, nada têm de natural, portanto, devem ser historicizados<sup>41</sup>. De Luca ainda lembra que a imprensa periódica “ordena, estrutura e narra o que elegeu como digno de chegar ao público”<sup>42</sup>. Assim, ela representa, ainda que nas entrelinhas, a defesa dos interesses de um determinado grupo ligado à sua direção. Dessa forma, ainda segundo De Luca, “é preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”<sup>43</sup>. A autora ainda assinala que jornais e revistas, na maioria dos casos, são obras coletivas, que reúnem vários indivíduos em torno de ideias, crenças e valores comuns, que pretendem divulgar; daí a importância de se determinar, por intermédio de pesquisas, o grupo responsável pela linha editorial, seus colaboradores habituais e os títulos e textos programáticos escolhidos por eles<sup>44</sup>.

Como já declaramos, as nossas principais fontes foram os seis periódicos espíritas e, em sua grande maioria, obtivemos acesso físico a eles pelas inúmeras visitas à Biblioteca Nacional, localizada na cidade do Rio de Janeiro, ao longo desses anos de pesquisas, tanto para o mestrado, quanto para o doutorado. Embora contando sempre com a maior presteza e ajuda de todos os funcionários do Setor de Periódicos da Biblioteca Nacional, as nossas pesquisas contaram com grandes dificuldades. Primeiramente, referente ao altíssimo custo de obtenção de cópias dos conteúdos necessárias, pois eram cobrados R\$ 10,00 por foto de cada página selecionada dos exemplares físicos e R\$ 2,00 por foto quando o exemplar já se encontrava microfilmado, mesmo para pesquisas vinculadas a universidades ou centros de pesquisa. Isso deu causa à criação de mais de vinte volumes de cadernos-universitários escritos (copiados) manualmente a lápis, pois estes eram os únicos materiais com acesso permitido ao salão de pesquisa. Portanto, esse procedimento demandou um tempo muito grande, que, de outra maneira, poderia ter sido empregado para novas pesquisas. Somente agora no início do ano de 2016, quando voltei para uma última visita à Biblioteca Nacional, tomei conhecimento de que foi liberada uma quantidade “infinita” de fotos das páginas dos periódicos, bastando, para tanto, preenchermos alguns formulários, declarando qual o fim da

---

<sup>41</sup> DE LUCA (2005). Op.Cit. p. 132.

<sup>42</sup> Ibidem. p. 139.

<sup>43</sup> Ibidem. p. 140.

<sup>44</sup> Idem.

pesquisa e as páginas que fotografamos. Lamentável, pois, apesar de fotografar o máximo que pude, não dispunha mais de tempo hábil para novas pesquisas, e as minhas anotações anteriores encontravam-se em Florianópolis.

Em segundo lugar, a deterioração do acervo é grande e acelerada, por diversas vezes obtive acesso a uma determinada documentação e tempos mais tarde, ao voltar à Biblioteca Nacional, o acesso a tal documentação já não estava disponível, em razão do avançado estado de danificação dos referidos documentos, principalmente quanto aos exemplares mais antigos do *Reformador*, do *O Clarim* e do *Mundo Espírita*. Infelizmente, não há qualquer previsão para a microfilmagem ou digitalização desses documentos; dessa forma, de minha parte, já comuniquei aos detentores dos direitos sobre os periódicos a respeito do que está ocorrendo, mas não obtive qualquer resposta acerca do assunto.

Algumas outras vezes, o manuseio dos periódicos foi negado devido a impossibilidade de acesso ao material, em razão do elevador que faz o transporte desse material encontrar-se quebrado. Utra vez, os documentos encontravam-se depositados fisicamente em locais fora do prédio principal da Biblioteca Nacional, também por causa das condições, ou melhor, da falta de condições de trabalho no interior da Biblioteca Nacional, por vários motivos ligados à estrutura física do prédio histórico onde ela encontra-se situada.

Ultimamente, a FEB vem disponibilizando em seu sítio na internet cada vez mais exemplares digitalizados do *Reformador*, o que facilita sobremaneira a pesquisa, evitando os altos custos de deslocamento e estada em Brasília e também “salva” da destruição de maneira efetiva os documentos.

A Federação Espírita do Paraná, da mesma forma, vem digitalizando o seu acervo do *Mundo Espírita*, mas ainda não o disponibiliza via internet, o que dificulta a nossa pesquisa, mas, sempre que precisei, e eles tinham disponibilidade dos exemplares, enviaram-me cópias xerox do solicitado.

A Casa Editora Clarim, detentora dos direitos de *O Clarim* e sobre a *Revista Internacional de Espiritismo*, não disponibiliza o seu acervo pela internet; porém, sempre que solicitei informações, fui prontamente atendido.

Tanto o *Almenara* quanto a *Revista Espírita do Brasil* têm seus exemplares confiados à Biblioteca Nacional, ambos os acervos ainda em bom estado, entretanto, com o passar do tempo, terão o mesmo destino dos demais, isto é, de deterioração e perda final dos documentos.

As demais fontes por nós analisadas, em sua grande parte, pertencem ao meu acervo pessoal, o qual foi arrebanhado ao longo dos anos por meio de compras e doações de velhos e novos amigos, reunidos em torno da pesquisa e pertencentes ao Movimento Espírita Brasileiro.

Quando cheguei praticamente ao fim da pesquisa/escrita, constatei a existência de um número muitíssimo elevado de personagens ligados de forma direta ou indireta a ela, os quais compareceram na escrita da tese. Dessa forma, durante a leitura deste texto, o leitor poderia ficar um pouco confuso em razão de desconhecer grande parte dos nomes aqui presentes. Assim, resolvi criar, no fim do trabalho, um rol no qual, deforma bastante sucinta, procuro dar informações básicas sobre cada um deles, de modo a minimizar as dúvidas do leitor; porém, nem sempre obtive êxito na busca de informações sobre alguns deles e, dessa forma, ficaram apenas informações mínimas.

Com o mesmo objetivo de ajudar o leitor, elaborei um quadro resumo (Anexo E) das atividades dos quatro intelectuais destacados em nossa pesquisa, a fim de possibilitar uma visão panorâmica da atuação de cada um deles, facilitando uma possível comparação entre eles.

Já no Anexo F, elaborei uma pequena cronologia do Espiritismo, com o foco no Brasil, com o intuito de possibilitar uma ideia geral e resumida do Movimento Espírita Brasileiro. Finalmente, no Anexo G, o leitor poderá observar claramente a organização do Movimento Espírita Brasileiro Institucional, ou seja, aquele ligado diretamente à FEB, por meio de uma série de organogramas que facilitam o entendimento de sua estrutura.

Portanto, aspiramos, com a realização dessa pesquisa, contribuir para a compreensão das intensas e frequentes transações ocorridas no interior do Campo Espírita Brasileiro, visando ao domínio do campo, pelos atores sociais aí atuantes, mediante algumas de suas práticas culturais.

## Capítulo 1 – Espiritismo e letramento

### 1.1– O livro e identidade espírita

A relação que o Espiritismo guarda com o livro confunde-se com sua própria origem, pois, sempre que abordamos algum tema relativo ao livro, ou ao letramento e à sua importância para o Espiritismo, salta à nossa lembrança a pessoa do próprio compilador da Doutrina Espírita, Allan Kardec<sup>45</sup>, e sua atuação como educador durante mais de trinta anos, tendo publicado inúmeros livros de cunho pedagógico<sup>46</sup>, além do chamado Pentateuco Espírita<sup>47</sup>.

Há longo tempo, as relações entre o Espiritismo e o livro acarretam reflexões no interior da academia, como podemos observar já no pioneiro estudo de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, na década de 1950, publicado em 1961, com o título *Kardecismo e Umbanda*, no qual o autor investiga o desenvolvimento das duas religiões e propõe a formação do que define como um continuum religioso, composto em uma das pontas pela Umbanda e na outra pelo Kardecismo mais ortodoxo, intermediados por um sem número de religiões e religiosidades que tratam dos fenômenos mediúnicos<sup>48</sup>. Ferreira de Camargo foi também um pioneiro ao afirmar que o Espiritismo brasileiro possui como traço distintivo o caráter religioso, apontado pelo autor como aspecto responsável pelo seu sucesso<sup>49</sup>. Ainda nessa obra, encontramos outro marco de pioneirismo, quando o autor esclarece que a difusão do livro tem um caráter importante no interior do Espiritismo Brasileiro, ao dizer que “igualmente típico da “internalização” do

---

<sup>45</sup> Denizard Hyppolyte Leon Rivail adotou o uso de um pseudônimo a fim de, em primeiro lugar, evitar confusões devido ao seu extenso e conhecido trabalho no mundo científico da época; em segundo, para proteger o nome de sua família, muito conhecida na magistratura francesa e, por fim, devido a uma comunicação mediúnicamente na qual seu guia espiritual relatara terem ambos vividos juntos uma existência anterior nas Gálias, como druidas, sob o nome de Allan Kardec. Disponível em: WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 275-282. Também sobre tal aspecto da vida de Kardec, autores como Aubrée e Laplatine advogam as ideias de que essa identidade representa uma tentativa de diminuir o peso de uma herança católica francesa, recorrendo a um passado celta, pré-cristão, em que se endossava a crença reencarnacionista. Conforme AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. *La table, le livre et les esprits*. Paris: JC Lattès, 1990.

<sup>46</sup> WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. Op. Cit. p. 133-180.

<sup>47</sup> As cinco obras formadoras do Pentateuco são: “O Livro dos Espíritos”, referente à parte filosófica, de abril de 1857; “O Livro dos Médiuns”, relativo à parte científica, de janeiro de 1861; “O Evangelho segundo o Espiritismo”, relativo à parte moral, de abril de 1864; “O Céu e o Inferno, ou A justiça de Deus segundo o Espiritismo”, de agosto de 1865; “A Gênese, Os Milagres e as Predições”, de janeiro de 1868. (Nota do autor).

<sup>48</sup> CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961. p. XI – XIX.

<sup>49</sup> *Ibidem*. p. 4-8.

Movimento Espírita, em grau menor, umbandista, é a importância que assume o livro como fator de difusão e manutenção da convicção religiosa”<sup>50</sup>.

Segundo a historiadora e antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, o Espiritismo é uma religião letrada, codificada, na qual o livro, a leitura e o estudo ocupam, junto com a caridade e a mediunidade, um lugar de destaque no seu sistema ritual<sup>51</sup>. A autora destaca a importância do estudo e, por conseguinte, do livro e da leitura quando ressalta que

a valorização do estudo relaciona-se a características estruturais desse sistema de crenças. É preciso que os homens, de seu lado, estudem e conheçam, participem em sua dimensão humana e menor dessa Verdade que os Espíritos detêm e lhes transmitem gradualmente. O estudo eleva o homem, dá-lhe firmeza e segurança, torna-o digno dos Espíritos. Essa religião desenvolve assim em seus adeptos um gosto pelo conhecimento, pela leitura, uma *sede de saber*<sup>52</sup>.

Os antropólogos franceses Marion Aubrée e François Laplantine, em seu livro “La Table, Le Livre et Les Esprits”, além de nos proporcionarem um amplo estudo histórico e antropológico em torno do Espiritismo na França e, posteriormente, no Brasil, apresentam como principal tese a profunda importância da escrita e da leitura para o Espiritismo:

tanto o espiritismo brasileiro como o francês refletem as características de seu fundador, educador de formação, implicando um processo de formação doutrinária, de controle contínuo e pedagógico que passa pelo livro e pela escritura. Ele atribui um valor capital às mensagens escritas (a psicografia), tanto que ela constitui um setor importante do mercado editorial brasileiro.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> CAMARGO. Op. Cit. p. 63.

<sup>51</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 12.

<sup>52</sup> Ibidem. p. 55. Grifo da autora.

<sup>53</sup> Conforme minha tradução do seguinte trecho: Le spiritisme brésilien, à l’image du spiritisme français, et de son fondateur, éducateur de formation, implique un processus de formation doctrinale, de controle continu et de pédagogie qui passe par le livre et l’écriture. Il attribue un valeur capitale aux messages écrits (la psychographie) tandis qu’il constitue un secteur important de la publication au Brésil, tous genres confondus. AUBRÉE, Marion, LAPLATINE, François. **La Table, Le Livre et Les Esprits: naissance, évolution e actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil**. Paris (França): Éditions Jean-Claude Lattès, 1990. p. 194.

Outra contribuição significativa vem da obra do antropólogo Bernardo Lewgoy, que redimensiona o entendimento do Espiritismo, quando insiste na compreensão das práticas espíritas, com base na noção de práticas de leitura. Assim, no Espiritismo, haveria a legitimação “da autoridade de seu referencial doutrinário, cosmológico e ritual por meio de práticas culturais letradas, que necessariamente envolvem a escrita e a leitura em sua realização”<sup>54</sup>. No entendimento do autor, o Espiritismo é uma religião da cultura escrita no sentido de pressupor limites mínimos de letramento ao seu adepto a fim que este possa participar de forma efetiva nos trabalhos realizados cotidianamente nos centros espíritas<sup>55</sup>. Segundo Lewgoy,

o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o Século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da “ciência” e da “literatura”.<sup>56</sup>

Lewgoy ainda aponta como característica marcante do espiritismo o fato de que, ao lado dos seus rituais mediúnicos, os quais privilegiam a escrita, por meio das comunicações psicográficas quanto às comunicações orais, realiza práticas culturais letradas que

idealmente encarnadas de um lado, na “escola”, como a leitura, o acúmulo de erudição, a citação, a crítica, o comentário de textos, a narrativa e a retórica e, de outro, mas também na “burocracia” e na política democrática, como o registro em documentos escritos e o auto-governo das casas, através da associação voluntária e federativa<sup>57</sup>.

Dessa forma, cabe aqui um parêntese a fim de determinarmos o nosso entendimento daquilo que abordamos como letramento e, por conseguinte, o que entendemos por alfabetização. Para tanto, lançamos mão dos estudos da professora e doutora em educação Magda Becker Soares, que nos fala sobre as diferenças entre letramento e alfabetização.

---

<sup>54</sup> LEWGOY(2000).Op. Cit. p.III.

<sup>55</sup> Ibidem. p. 9.

<sup>56</sup> LEWGOY(2000). Op. Cit. p.15.

<sup>57</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 183-184.

Conforme a autora, dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, visto que, ao entrar no mundo da escrita, aquele que não o conhece ou domina, o faz de maneira simultânea pela aquisição do sistema convencional de escrita, a chamada alfabetização, e pelo desenvolvimento da habilidade em fazer uso desse conhecimento em atividades de escrita e leitura, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, assim, definida como letramento<sup>58</sup>. Portanto, Soares afirma que

não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização<sup>59</sup>.

Assim sendo, Magda Becker Soares nos diz que o letramento seria o estado ou a condição de indivíduos ou de grupos sociais que fazem parte de uma sociedade letrada, na qual exercem, verdadeiramente, as práticas sociais de leitura e de escrita, dominando os seus códigos, sendo capazes de manterem com os outros e com o mundo que os cercam formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes permitem efetivamente a condição de inclusão em uma sociedade determinada pela cultura letrada<sup>60</sup>.

O Espiritismo, desde a sua origem, como vimos anteriormente, em virtude das características pessoais e profissionais de Allan Kardec, evidenciadas em seus livros doutrinários, revela uma íntima ligação com a cultura letrada, dado que Kardec, ao longo de seus escritos, procurou demonstrar como característica principal de sua nova doutrina o seu tríplice aspecto, afirmando que o Espiritismo revelava-se como religião, ciência e filosofia. Essa ainda é uma questão polêmica no interior do movimento espírita, discutida desde a sua fundação e ainda hoje é motivo de controvérsias. A quase totalidade dos intelectuais ligados ao Espiritismo advoga o chamado tríplice aspecto da doutrina. Kardec, no

---

<sup>58</sup> SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004, p. 5-17. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 maio 2014.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 maio 2014.

livro “A Gênese”, apresenta o Espiritismo em seu aspecto científico ao afirmar que,

como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.<sup>61</sup>

Em outra passagem, agora do livro “O que é Espiritismo”, Kardec afirma que “o Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”<sup>62</sup>.

Em relação ao seu aspecto filosófico, Kardec escreveu também em “O que é Espiritismo”:

o Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações<sup>63</sup>.

Quanto ao aspecto religioso, Kardec afirmou, em uma palestra transcrita na “Revista Espírita” de dezembro de 1868, que  
dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias

<sup>61</sup> KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.p.29.

<sup>62</sup> KARDEC, Allan. **O que é Espiritismo**. Araras: IDE, 1989.p.12.

<sup>63</sup> Idem.

religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer laço. Uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; [...]

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que lhe seja o objeto, é, pois, um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais, que se quebram à vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam aos olhos mais do que ao espírito [...]

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! Sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta exclusivamente uma idéia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião freqüentemente é levantada<sup>64</sup>.

Kardec ainda reafirma o tríplice aspecto do Espiritismo dizendo que

o Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos. Essa doutrina se acha exposta, de maneira completa, em O Livro dos Espíritos para a parte filosófica, em O Livro dos Médiuns para a parte prática e experimental, e em O Evangelho Segundo o Espiritismo para a parte moral<sup>65</sup>.

A análise dos trabalhos desses autores, conjugada com teóricos como Stuart Hall, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Peter Berger e Thomas Luckmann, permite-nos investigar o papel do livro, da cultura

<sup>64</sup> KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Décimo Primeiro Ano – 1868. Araras: IDE, 2001.p.237.

<sup>65</sup> KARDEC, Allan (1989). Op.Cit.p.186.

livresca e da aprendizagem formal como constitutivos da pretendida identidade espírita proposta por seu codificador e pelas autoridades espíritas brasileiras nucleadas na FEB.

Em nossa pesquisa, fundamentamos as questões referentes à identidade na obra de Stuart Hall, conseqüentemente, trabalhamos com a ideia de identificação<sup>66</sup>. Devemos ter cuidado com a noção do senso comum, em que identificação corresponde a uma origem comum ou relaciona-se com características partilhadas entre grupos ou pessoas, ou ainda tendo por fundamento um ideal comum<sup>67</sup>. Em uma abordagem discursiva, como a proposta por Hall, identificação é percebida

como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada.<sup>68</sup>

Assim, por ser construída dentro e não fora do discurso é que as identidades devem ser compreendidas como fruto de locais históricos e institucionais exclusivos, criadas no interior de jogos de poder específicos, sendo, portanto, mais fruto da diferença e da exclusão, do que da unidade<sup>69</sup>. Assim sendo, quando abordamos de alguma maneira identidade, devemos ter em mente o sentido de alteridade, uma vez que somente a existência do “outro” torna possível a nossa própria identidade. É assim nesse contexto, no qual as identidades são constituídas no interior de formações e práticas discursivas, que vamos identificar as lutas existentes dentro do campo espírita na busca entre a FEB e alguns de seus opositores pela possibilidade de impor sua visão do que é ser espírita e do que é ser o outro, ou seja, o diferente.

Colocada nesses termos, temos aqui uma situação na qual se procura, sobretudo, encontrar ferramentas que possibilitem a nomeação da realidade. Ferramentas essas que são históricas, efêmeras, conseqüentemente, contrárias à ilusão segundo a qual se pode congelar o tempo. Dessa forma, as identidades são encaradas como projetos, intenções sujeitas ao decurso do tempo. Pois, não existe projeto de nomeação da realidade imune à variação temporal; assim, podemos verificar que a tentativa de se fixar uma determinada identidade

---

<sup>66</sup> A partir deste ponto, quando grafarmos o termo identidades, será usado neste novo sentido de identificação.

<sup>67</sup> HALL, Stuart (2000). Op.Cit. p. 102-103.

<sup>68</sup> HALL, Stuart (2000). Op.Cit. p. 106.

<sup>69</sup> Ibidem. p. 109-110.

contrapõe-se às transformações históricas, ou seja, ao passar do tempo. Da mesma maneira, podemos identificar, no caso da nossa pesquisa, que as identidades religiosas não escapam dessa fluidez histórica, em oposição à tentativa ilusória das instituições religiosas de fixá-las por meio de projetos identitários<sup>70</sup>.

Bourdieu esclarece sobre o erro de pensarmos as questões relativas à identidade em termos essenciais, indo claramente ao encontro da criação de um projeto identitário, associado às operações de nomeação da realidade que balizam a divisão do mundo social. Pensando sobre isso, Bourdieu salienta que

ninguém sustentaria hoje a existência de critérios capazes de fundar classificações “naturais”, em regiões “naturais” separadas por fronteiras “naturais”. A fronteira nada mais é que o produto de uma divisão à qual se atribuirá maior ou menor fundamento na “realidade” [...] Mas isso não é tudo: neste caso, a “realidade” é social de alto a baixo, e mesmo as classificações mais “naturais” apoiam-se em traços que não têm nada de natural, sendo, em ampla medida, o produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima<sup>71</sup>.

Berger e Luckmann, da mesma forma que Bourdieu, sustentam a ideia de que a realidade humana somente pode ser compreendida atendo-se ao caráter histórico de sua construção. Desse modo, as identidades encaradas como criações devem ser compreendidas como construções sociais, portanto, humanas. Assim, Berger e Luckmann afirmam que

a identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a.

---

<sup>70</sup>ISAIA, A. C. Brasil: três projetos de identidade religiosa. In: RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tânia Regina de; GUIMARÃES, Valéria. (Org.). **Identidades brasileiras: composições e recomposições**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v. 1, p. 175-202.

<sup>71</sup>BOURDIEU (2001). Op. Cit. p.109-110.

[...]

A identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade. Os tipos de identidade, por outro lado, são produtos sociais *tout court*, elementos relativamente estáveis da realidade social objetiva (sendo o grau de estabilidade evidentemente determinado socialmente, por sua vez)<sup>72</sup>.

A constituição e o papel desenvolvido pela FEB, ao longo dos anos, são de capital importância para podermos compreender a dinâmica do Campo Espírita Brasileiro. Assim, devemos ressaltar o seu posicionamento no interior desse campo, uma vez que é portadora de um projeto no qual pretende ser reconhecida como porta-voz autorizado<sup>73</sup>.

Em meio às lutas pela constituição e manutenção da identidade espírita, encontramos, desde antes da fundação da FEB (1884), anteriormente mesmo à chegada do Espiritismo ao Brasil, traços da aproximação da identidade espírita com a cultura livresca, que emprestava e ainda agrega ao Espiritismo certa respeitabilidade social.

Dentre os muitos exemplos que podem ilustrar de modo marcante as lutas travadas ao longo dos anos, intra e extramuros, pelo Movimento Espírita Brasileiro em busca de sua identidade, usamos aqui apenas dois. Primeiramente, a divisão entre místicos e científicos<sup>74</sup>, defendida por alguns autores, entre eles Canuto Abreu, Francisco Acquarone, Ubiratan Machado e Sylvia Damazio, como a responsável por grande parte da história do Espiritismo Nacional. História essa encarada como reflexo da luta entre esses grupos, com grande ênfase na atuação de ambos na busca incessante pela proeminência dentro do movimento<sup>75</sup>. Por outro lado, associamo-nos à postura de Emerson

---

<sup>72</sup>BERGER; LUCKMANN(2007),p 228-230.

<sup>73</sup> Quando nos reportamos à noção de porta-voz autorizado, recorreremos a Bourdieu a fim de entendermos esta posição da FEB no interior do campo espírita, quando ele define: “O porta-voz autorizado é aquele ao qual cumpre, ou cabe, falar em nome da coletividade, é ao mesmo tempo seu privilégio e seu dever, sua função própria, em suma, sua competência (no sentido jurídico do termo). BOURDIEU (2001). Op.Cit. p. 81-128.

<sup>74</sup> Apoiados nos escritos de Canuto Abreu e Emerson Giumbelli, para nós os “científicos” seriam aqueles adeptos do Espiritismo que apoiam seus estudos, exclusivamente, no “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. Já os “místicos” seriam aqueles que além de nos livros citados, sem os quais não poderiam ser chamados de espíritas, dão ênfase maior ao “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e demais livros escritos por Kardec. A partir de agora serão grifados sem aspas. (Nota do autor).

<sup>75</sup> Tanto as obras doutrinárias de ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 1991. e ACQUARONE, Francisco. **Bezerra de Menezes**:o médico dos pobres. São Paulo: Aliança, 2004, quanto às análises historiográficas de MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o**

Giumbelli, que defende a fluidez da identificação entre místicos e científicos. Segundo o autor, essa disputa resume-se a um jogo por parte do Espiritismo no emprego, ora da identificação de místico, ora na de científico, determinado pelas conjunturas, isto é, quando se fazia necessário um diálogo com o arcabouço jurídico da República, apresentava-se como religião, tendo em vista a liberdade de culto preconizada pela Constituição Federal de 1891<sup>76</sup>, que possibilitava a fuga da repressão policial ensejada pelo Código Penal de 1890<sup>77</sup>. Por outro lado, quando se fazia necessário dialogar com o discurso médico-psiquiátrico, apresentava-se como ciência<sup>78</sup>.

Partindo mais uma vez da ideia de que a identidade se forja com base na alteridade e de maneira dinâmica e processual, apresentamos, como segundo exemplo, a luta empreendida pelo Espiritismo em busca de sua identidade, demonstrando a sua intenção de diferenciar-se das crenças afro-brasileiras, tentando fugir tanto do caráter ágrafo do Candomblé, quanto das acusações de anticristianismo e mesmo de conteúdos racialistas.<sup>79</sup>

**Espiritismo.** Niterói: Lanchâtre, 1997 e DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo:** advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, entre outros, fazem parte daqueles que encaram o desenvolvimento da doutrina espírita no Brasil como reflexo da luta entre místicos e científicos.

<sup>76</sup> Art. 72 - A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes:

§ 1º - Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

§ 2º - Todos são iguais perante a lei.

A República não admite privilégios de nascimento, desconhece foros de nobreza e extingue as ordens honoríficas existentes e todas as suas prerrogativas e regalias, bem como os títulos nobiliárquicos e de conselho.

§ 3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

<sup>77</sup> O Código Penal de 1890, vigente até 1942, entre os “crimes contra a saúde pública”, apontava o seguinte:

Art. 157: Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas – de prisão celular de um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.

<sup>78</sup> GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos:** Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997, p. 69.

<sup>79</sup> Esse mesmo jogo discursivo existia entre os intelectuais da Umbanda, o Candomblé, a Macumba e a Quimbanda, tentando a primeira portar-se longe das três últimas. O grande esforço realizado pelos intelectuais da Umbanda na tentativa de aproximação com o Espiritismo e a concomitante tentativa de afastamento das demais religiões de matiz africana encontramos em ISAIA, Artur César. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de

Inicialmente, a FEB, em 1926, faz publicar no *Reformador* uma resenha dos trabalhos realizados na primeira reunião do Conselho Federativo do mesmo ano, na qual declarava que

a Federação, em tese, não infirma as manifestações de “caboclos” nem de “pretos”, conquanto não os adote como norma mais eficiente de trabalho, [...] achando que, do mesmo modo devem proceder as sociedades adesas, uma vez que, como acima fica dito tais práticas são, não há que negar, Espiritismo, porém não Doutrina Espírita<sup>80</sup>.

No que se refere à questão de a Umbanda ser considerada Espiritismo por parte da FEB, à época, devemos procurar os fundamentos para tal posicionamento no livro *O que é o Espiritismo*, de Kardec, quando ressalta o pretendido caráter científico do Espiritismo, alegando que este se encontra em estado de potência na natureza, assim como a eletricidade, sob outro ponto de vista<sup>81</sup>. Desse modo, partindo de tal princípio, a análise dos escritos de Kardec possibilita a interpretação segundo a qual qualquer pessoa ou instituição, desde que concordasse com suas premissas básicas ou interpretações dos fenômenos mediúnicos, poderiam ser espíritas, como podemos observar em suas palavras:

Mais bem observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião; e a prova disso é que ele conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que por esse fato não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres do seu culto, quando a Igreja os não repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramanistas<sup>82</sup>.

Seguindo tal linha de raciocínio, a afirmação da Federação de que a Umbanda seria espírita estaria de acordo com a obra de codificação, conquanto a FEB faça uma diferença que Kardec não fez entre Espiritismo e Doutrina Espírita. Dessa maneira, relativamente à

---

Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 97-120, 1999.

<sup>80</sup> SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995. p. 161.

<sup>81</sup> KARDEC (2003). Op. Cit.p. 129.

<sup>82</sup> Ibidem. p. 130.

interpretação da FEB quanto ao fato de a Umbanda ser Espiritismo e não Doutrina Espírita, observamos uma contradição no que se relaciona às afirmações de Kardec, contidas na introdução do livro *O Livro dos Espíritos*:

Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas<sup>83</sup>.

Em 1953, a FEB expõe mais uma vez seu apoio à tese, sobre a equivalência entre Umbandistas e Espíritas, fonte de grandes debates no interior do Movimento Espírita, conforme podemos observar na declaração de seus dirigentes nas páginas do *Reformador*:

[...]  
 II – Kardec igualmente escreveu (O Livro dos Médiuns, 21ª ed, capítulo XXXII, pag. 411) que todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita. Raciocinando com o Codificador, podemos dizer: Todo protestante é cristão, mas nem todo cristão é protestante; e ainda: Todo umbandista é espírita, mas nem todo espírita é umbandista. E mais: Todo neo-espiritualista é espírita, porque aceita a manifestação dos Espíritos, mas nem todo espírita é neo-espiritualista.  
 Assim, todo umbandista é espírita, porque aceita a manifestação dos Espíritos, mas nem todo espírita é umbandista, porque nem todo espírita aceita as práticas de Umbanda<sup>84</sup>.

Somente em 1978, por intermédio do mesmo *Reformador*, a FEB, em declaração oficial, publica que chamar de Espíritas aos Umbandistas é impróprio, abusivo e ilegítimo:

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, na sua condição de Casa-Máter do Espiritismo no Brasil e de legítima representante do Movimento Espírita Brasileiro, não só por motivos tradicionais e estatutários, mas porque congrega efetivamente, em seu Conselho Federativo

<sup>83</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1989. p. 13.

<sup>84</sup> Conceitos elucidativos. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano 71. n. 7, jul. 1953. p. 149.

Nacional, as instituições federativas estaduais, a ela livremente adesas, as quais federam, por sua vez, no mesmo regime de livre adesão, as mais representativas entidades espíritas legalmente constituídas em cada Estado da República Federativa do Brasil, cumpre o dever de declarar aberta e definitivamente que:

1. É imprópria, ilegítima e abusiva a designação de ESPÍRITAS adotada por pessoas, tendas, núcleos, terreiros, centros, grupos, associações e outras entidades que, mesmo quando legalmente autorizadas a usar tal título, não praticam a Doutrina Espírita, tal como foi clara e formalmente definida no editorial de “Reformador” de setembro de 1977, Ano 95, nº 1782<sup>85</sup>.

Em maio de 2014, a FEB por intermédio de seu presidente Antonio Cesar Perri de Carvalho, em desagravo à sentença judicial exarada por Juiz federal do Estado do Rio de Janeiro, na qual afirmava que “as manifestações religiosas afro-brasileiras não se constituem em religiões”, porque “não contêm os traços necessários de uma religião como um texto base, uma estrutura hierárquica e um Deus a ser venerado”<sup>86</sup>, publicou o seguinte manifesto:

A Federação Espírita Brasileira – FEB vem a público solidarizar-se com as religiões de matrizes africanas, em especial ao Candomblé e Umbanda, no reconhecimento de suas características religiosas e na necessidade de respeito à diversidade religiosa pelos poderes públicos constituídos no dever de garantia da laicidade do Estado.

Em um momento que as diversas expressões religiosas se unem para um diálogo contra a intolerância, imprescindível se faz o repúdio às ações discriminatórias que ofendem os Direitos Humanos gerando preconceito e fanatismo.

A lição de amor ao próximo conduz, necessariamente, à formação de uma sociedade que promova o respeito e o diálogo inter-religioso fomentando a fraternidade e solidariedade entre todos, bem como liberdade de consciência e de crença<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> Declaração Oficial. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 96. n. 1.787, fev. 1978. p. 46.

<sup>86</sup> Juiz não reconhece manifestações afro-brasileiras como religiões. **G1**. Disponível em: <<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/juiz-nao-reconhece-manifestacoes-afro-brasileiras-como-religoes.html>>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

<sup>87</sup> Manifesto da FEB a respeito da decisão judicial sobre religiões de matriz africana. **FEB**. Disponível em: <<<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/manifesto-da-feb-sobre-decisao-judicial-sobre-religoes-de-matriz-africana/>>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

Assim, podemos identificar, por agora, a manutenção do posicionamento da FEB, marcado desde 1978, quanto à questão anteriormente discutida em seu seio sobre a Umbanda ser ou não Espiritismo, identificando aquela como uma religião de matriz africana, portanto, desigual do Espiritismo.

Não cabe aqui nos aprofundarmos nas reverberações geradas por essas posições da FEB no interior do Movimento Espírita Brasileiro. Dessa maneira, salientamos apenas a natureza discursiva e processual da formação identitária espírita. Uma das formas mais claras de se dirimir esse conflito foi o emprego do livro, do estudo, como marca distintiva do Espiritismo<sup>88</sup>. No surgimento da doutrina espírita, a base de seu desenvolvimento e distinção eram os fenômenos de efeitos físicos, como por exemplo, as “mesas girantes e dançantes” e as chamadas “materializações”, embora o marco considerado fundante para o Espiritismo tenha sido o próprio livro (o Pentateuco Kardequiano). Hoje, no Brasil, a sua caracterização não passa mais por tais fenômenos, mas sim pelo livro<sup>89</sup>.

Como mencionamos anteriormente, a FEB procura atuar como instituição hegemônica no interior do campo espírita e como tal procura de várias maneiras a manutenção dessa condição. Uma das formas mais eficientes para se ter sucesso nessa empreitada é tentar monopolizar as questões referentes à identidade, principalmente o poder de instituí-la. Tendo em vista tal objetivo e a peculiar característica do Espiritismo em relação à leitura e ao estudo, verificamos o seu grande esforço na tentativa de inculcar, pela leitura, em seus membros afiliados e naqueles leitores eventuais das obras e textos por ela editados, a definição do que é ser espírita ou não. Para refletir sobre o assunto, lançamos mão dos conceitos formulados por Chartier, para quem a leitura é uma prática essencialmente criativa<sup>90</sup>, e apoiando-se na bela figura de imagem de Michel de Certeau, na qual o leitor é um caçador que percorre terras alheias, Chartier percebe a leitura como uma apropriação, invenção e

---

<sup>88</sup> Muito embora possamos observar o grande esforço realizado pelos intelectuais de Umbanda em sua tentativa de aproximação com o Espiritismo por intermédio do livro e da cultura letrada, como estudado por Artur Isaia em: ISALIA, Artur César. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 97-120, 1999. Também sobre o livro e o letramento como marca distintiva da Umbanda, devemos analisar os estudos de Cristiana Tramonte, principalmente sua tese de doutoramento: TRAMONTE, Cristiana Com a bandeira e Oxalá: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí, Florianópolis: Editora da UNIVALI, Lunardellii [???], 2002.

<sup>89</sup> AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

<sup>90</sup> CHARTIER (2001). Op. Cit. p. 214.

produção de significados por parte do leitor<sup>91</sup>. Assim, espíritas, simpatizantes e quaisquer leitores revelarão diferentes leituras com base nas obras e textos vinculados pela FEB, evidenciando peculiares apropriações<sup>92</sup>. Na contramão do leitor, conforme aponta Chartier, é possível

identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto. Dentre essas estratégias, algumas são explícitas e se fundamentam no discurso (em prefácios, prólogos, comentários e notas), e outras são implícitas, transformando o texto num mecanismo que deve, necessariamente, impor uma compreensão considerada legítima.<sup>93</sup>

Dessa forma, é necessário trabalharmos sempre no interior de uma tensão, em que encaramos a leitura como prática criadora e a tentativa de inibição do leitor por meio de uma interpretação autorizada por parte dos autores, editores, impressores e autoridades. É nesse clima que encaramos os leitores dos textos federativos e a pretensão da FEB em ditar a correta leitura de seus textos.

Ainda trabalhando com a ideia de tensão, vamos encontrá-la, por exemplo, nas tentativas de imposição por parte da FEB do que é ser espírita, procurando impor seu padrão de identidade espírita. Por sua vez, outros componentes do campo espírita brasileiro que de alguma forma contestam essas diretrizes, e tentam sobrepô-las impondo as suas próprias, dão causa ao que Chartier denomina de lutas de representações<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> CHARTIER (1999).Op.Cit. p. 77.

<sup>92</sup> Por apropriação, vamos entender o processo criativo que anula o sentido denotativo dos textos, configurando diferentes processos de relacionamento com eles. Igualmente, a apropriação para Chartier refere-se às diferenças no tocante aos usos comuns até mesmo opostos dos mesmos bens, textos e ideias. O que importa de fato é o contraste entre os modos de utilização de temas e formas comuns pelos grupos ou indivíduos (ênfase sobre as apropriações culturais). Conforme CHARTIER (2001). Op. Cit. p. 232-234.

<sup>93</sup> CHARTIER (2001). Op. Cit. p. 215.

<sup>94</sup> Encaramos a identidade também como representação tendo por base Chartier. Dessa maneira, representação, de uma forma ampla, engloba as construções mentais, o imaginário, as imagens por meio dos quais os homens interpretam e dão sentido à realidade, também como substituição, sendo capaz de personificar um ausente, tornando possível a sensação de sua presença, ou ainda como a exibição de uma presença. Para melhor compreendermos representação e seu tríplice aspecto em relação às suas articulações no mundo social, ver CHARTIER(1990). p. 177-23. Por isso, as lutas identitárias, no interior do campo mediúnic brasileiro, são encaradas como lutas de representações que, segundo Chartier, são “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre

A FEB, por intermédio do Conselho Federativo Nacional (CFN), promove a Campanha de Divulgação do Espiritismo a qual possui como objetivo “tornar a Doutrina Espírita cada vez mais conhecida e melhor compreendida pelo público em geral”<sup>95</sup>. O principal veículo utilizado é a distribuição de dois folhetos explicativos, um sobre a Doutrina Espírita (Conheça o Espiritismo), destinado a todas as pessoas interessadas em conhecer o Espiritismo, e o outro sobre o próprio Movimento Espírita (Divulgue o Espiritismo), destinado a todas as pessoas e instituições que participam do trabalho, cujo objetivo é promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita<sup>96</sup>. Esses dois textos, elaborados e distribuídos pela FEB em conjunto com as Atas das reuniões do CFN, que deram causa às suas criações<sup>97</sup>, são ilustrativos e elucidativos do comportamento e das intenções da FEB no interior do campo espírita, assumindo-se como detentora do direito de falar em nome do Espiritismo, quando afirma difundir em seus textos a maneira certa de se interpretar o Espiritismo:

A Campanha de Divulgação do Espiritismo, aprovada e lançada pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em novembro de 1996, tem por objetivo tornar a Doutrina Espírita cada vez mais conhecida, melhor compreendida e adequadamente praticada.

[...]

Com uma correta visão da Doutrina Espírita, com o conhecimento das diretrizes gerais que norteiam o Movimento Espírita e com uma clara visão das tarefas que os espíritas e as instituições espíritas podem e devem realizar, serão facilitados e estimulados, por certo, os serviços de apoio às atividades mais específicas dos núcleos espíritas, tais como as de estudo da Doutrina, as de assistência espiritual, as de estudo e prática da Mediunidade, as de evangelização espírita da criança e do jovem, as de assistência e promoção social e as de divulgação da Doutrina Espírita.<sup>98</sup>

---

colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se anunciam em termos de poder e dominação”. Conforme podemos observar em: CHARTIER (1990). Op. Cit. p. 17.

<sup>95</sup> FEB. **O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita**: preparação de trabalhadores para as atividades espíritas. Brasília: FEB, 2002. p. 2.

<sup>96</sup> *Ibidem*. p. 44-48.

<sup>97</sup> As versões mais atualizadas dos textos que buscam orientar o Movimento Espírita Brasileiro expeditos pela FEB são os conhecidos: Orientação aos Órgãos de Unificação e Orientação ao Centro Espírita, respectivamente, de 2010 e 2006. (Nota do Autor).

<sup>98</sup> FEB. **O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita**: preparação de trabalhadores para as atividades espíritas. Brasília: FEB, 2002. p. 2.

No folheto denominado *Conheça o Espiritismo*, encontramos aquilo que a FEB entende e divulga como sendo a prática espírita. Em um rol de sete práticas, destacamos:

[...]

O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.

[...]”<sup>99</sup>

Figura 1 – Conheça o Espiritismo - Panfleto



Fonte: Conheça o Espiritismo – CEI.

No folheto denominado *Divulgue o Espiritismo*, a FEB explicita suas intenções do que vem a ser, entre outras coisas, o Movimento Espírita e o que são os grupos, centros ou sociedades espíritas que atuam no interior do movimento. O Movimento Espírita seria “o conjunto das

<sup>99</sup> FEB. **Conheça o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade”<sup>100</sup>.

Os grupos, centros ou sociedades espíritas, conforme o mesmo folheto,

são núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas;  
são escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;  
[...]<sup>101</sup>

Figura 2 – Divulgue o Espiritismo - Panfleto



Fonte: Divulgue o Espiritismo – CEI.

Fica claro, diante da elaboração e distribuição desses folhetos, e de outros textos dirigidos ao público em geral e, particularmente, ao que a FEB denomina de Movimento Espírita, entre outras coisas, o seu projeto de instituir uma identidade espírita centrada em torno de si. Também podemos notar a centralidade dos textos, e o seu uso de forma ampla, na tentativa da Federação de controlar o campo por intermédio

<sup>100</sup> FEB. **Divulgue o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

<sup>101</sup> Idem.

dessas leituras e o estilo de escolas e núcleos de estudo dados às instituições formadoras do campo espírita.

A ligação entre a FEB e a história do Espiritismo é necessária e notória. Sendo assim, não nos cabe aqui repassá-la mais uma vez; porém, a relação entre a busca e a definição da identidade espírita tentada pela FEB nos faz refletir sobre o entrelaçamento entre suas histórias, surgindo assim, como um elo entre ambas, o texto e a leitura.

Na época do surgimento do Espiritismo na França, ler o *Livro dos Espíritos* era uma tomada de decisão política, como foi a leitura da Bíblia durante a Reforma Protestante, simbolizando o acesso ao conhecimento, assim como um ato de libertação quanto ao conservadorismo católico e, do mesmo modo, um ato de insubordinação aos valores burgueses da sociedade, refletindo uma identidade laica e republicana<sup>102</sup>. Os espíritas franceses de então pertenciam em sua grande parte à classe média, constituída por indivíduos que desejavam uma forma de religiosidade que estivesse de acordo com o seu tempo, ou seja, que acreditasse no progresso, na ciência, na “evolução” da humanidade e, ainda, garantisse a liberdade de consciência<sup>103</sup>.

Na transferência do Espiritismo para o Brasil, a centralidade do livro e da leitura ganhou novo caráter, configurando como símbolo de ascensão social, em que saber ler e poder estudar é a marca de pertencimento às classes médias e superiores, além de ser uma resposta concreta às acusações de obscurantismo<sup>104</sup>. Ficando claro, desse modo, o papel de vanguarda das elites no desenvolvimento do Espiritismo também no Brasil, onde saber ler e escrever era privilégio concedido a muito poucos.

O melhor exemplo a respeito da vinculação entre o livro e a identidade espírita pode ser encontrado na assinatura e posterior consolidação do Pacto Áureo, e na definitiva consagração do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, como o veículo constituidor da legitimação do Espiritismo relativamente ao Estado brasileiro e às demais instituições religiosas componentes do campo religioso brasileiro e da FEB no que se refere ao campo espírita brasileiro.

No próximo capítulo desta tese, abordaremos, com maiores detalhes e profundidade, as nossas análises referentes ao estabelecimento do Pacto Áureo e as consequências dele decorrentes,

---

<sup>102</sup> AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

<sup>103</sup> SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder** (1938 – 1949). Londrina: EDUEL, 2005. p. 18.

<sup>104</sup> AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

assim, a fim de evitarmos a redundância de informações neste trabalho, sugerimos que, caso o leitor queira, poderá seguir diretamente para lá e depois voltar a esse ponto do nosso trabalho.

Em 5 de outubro de 1949, foi assinado, na cidade do Rio de Janeiro, com a presença de dirigentes espíritas de várias federações e uniões de nível estadual e nacional, um acordo para tentar por fim às históricas divergências que ocorriam no Movimento Espírita, o qual posteriormente passou a ser conhecido como Pacto Áureo, reunião denominada pela revista *Reformador* como “o evento de mais alta significação da história do espiritismo brasileiro”<sup>105</sup>. Esse sentimento de relevância é encontrado em todos os lugares no interior do campo espírita brasileiro, o evento é festejado como o símbolo maior da união do Movimento Espírita Brasileiro, em que, mesmo aqueles que não concordaram ou não concordam com a assinatura do pacto, são unânimes em declarar a sua importância.

Dentre as várias determinações surgidas devido à assinatura do pacto, destacamos apenas três:

A criação do “Conselho Federativo Nacional”-CFN composto por representantes das sociedades de âmbito estadual, inclusive do Distrito Federal, presidido pelo presidente da FEB;

a obrigação dos espíritas brasileiros porém em prática as orientações contidas no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo;

a ação do CFN ocorrerá no caso de alguma sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o “Conselho”, a entidade orientadora do Espiritismo no Brasil<sup>106</sup>.

O primeiro e terceiro itens da lista demonstram o início do processo de consolidação da FEB como instituição possuidora do maior capital simbólico do campo espírita brasileiro<sup>107</sup>. O destaque que damos ao segundo advém da importância do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, psicografado por Chico Xavier e editado pela FEB, em 1938. O livro, segundo o historiador Fábio Luiz da Silva, dá à

<sup>105</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 3-12.

<sup>106</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 13-14.

<sup>107</sup> Para uma maior compreensão da ação da FEB, verifique sua estrutura no Anexo G

história do Brasil feições de uma história sagrada, tratando-a como uma criação divina, estabelecendo uma origem mitológica<sup>108</sup>.

Além disso, apresenta uma imagem do país de acordo com as pretensões do Estado Novo, apostando na ideia de um núcleo central das decisões tão caras ao governo da época, justificando, assim, a centralização do poder federal, a intervenção do Estado na sociedade e a construção da nacionalidade brasileira, atendendo também aos seus próprios interesses, na busca de sua afirmação como a legítima representante do Espiritismo no Brasil<sup>109</sup>. A obra estabelece um discurso que procura legitimar o Espiritismo e a FEB diante dos diversos agentes sociais, fazendo com que esta fosse reconhecida como porta-voz único do Movimento Espírita<sup>110</sup>. Além da origem divina do Brasil e de sua missão evangelizadora da humanidade, encontramos, nas páginas do livro, as origens materiais e espirituais da FEB, atribuindo a esta um papel de liderança no processo evolutivo do país, segundo a perspectiva espírita. Mais do que isso, detectamos a tentativa de afirmação de um mito de origem da FEB, por meio de uma narrativa de caráter histórico que, de acordo com o historiador José Murilo de Carvalho, tem como característica e função

a criação de um mito de origem é fenômeno universal que se verifica não só em regimes políticos mas também em nações, povos, tribos, cidades. Com frequência disfarçado de historiografia, ou talvez indissolúvelmente nela enredado, o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos, real ou imaginada, que dará sentido e legitimidade à situação vencedora<sup>111</sup>.

Ainda refletindo acerca do projeto da FEB de instituir uma identidade espírita centrada em torno de si, utilizando para isso livros e orientações emanadas do seu Conselho Federativo Nacional, chamamos a atenção sobre parte do texto (livro) denominado *Orientação ao Centro Espírita* em que, como o próprio título sugere, dá diretrizes aos centros espíritas, definindo o que deveriam ser e também a maneira correta de funcionamento, segundo o desejo da FEB.

Assim, de acordo com as orientações emanadas da FEB, os centros espíritas:

---

<sup>108</sup> SILVA, Fábio Luiz da. Op.cit. p. 18.

<sup>109</sup> Ibidem. p. 49-60.

<sup>110</sup> Ibidem. p. 63.

<sup>111</sup> CARVALHO, JOSÉ Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 13-14.

- São núcleos de **ESTUDO**, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas;
- São **ESCOLAS** de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;
- São postos de atendimento fraternal para todos os que os buscam com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;
- São oficinas de trabalho que proporcionam aos seus frequentadores oportunidades de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;
- São casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, **ESTUDAR** e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;
- São recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus frequentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do “amai-vos uns aos outros”;
- São núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores; e
- São as unidades fundamentais do Movimento Espírita.

Os Centros Espíritas têm por objetivo promover o **ESTUDO**, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo as pessoas que:

- buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais;
- querem conhecer e **ESTUDAR** a Doutrina Espírita;
- querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece.

Os Centros Espíritas têm por atividades básicas:

- Realizar Palestras Públicas destinadas ao público em geral, nas quais são desenvolvidos temas abordados à luz da Doutrina Espírita;
- Realizar reuniões de **ESTUDO** Sistematizado da Doutrina Espírita, de forma programada, metódica e constante, destinadas às pessoas de todas as idades e de todos os níveis culturais e sociais, que possibilitem um conhecimento abrangente e aprofundado do Espiritismo em todos os seus aspectos;
- Realizar atividades de Atendimento Espiritual no Centro Espírita para as pessoas que procuram esclarecimento, orientação, ajuda e assistência espiritual e moral, abrangendo as atividades de: recepção, atendimento fraternal, explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, passe e magnetização de água, irradiação e Evangelho no lar;
- Realizar reuniões de **ESTUDO** e Educação da

Mediunidade, com base nos princípios e objetivos espíritas, esclarecendo, orientando e preparando trabalhadores para as atividades mediúnicas;

- Realizar Reuniões Mediúnicas destinadas à prática da assistência aos espíritos desencarnados necessitados de orientação e esclarecimento;
- Realizar **atividades de Evangelização** Espírita da Infância e da Juventude, de forma programada, metódica e sistematizada, atendendo a criança e o jovem, esclarecendo-os e orientando-os dentro dos princípios da Doutrina Espírita;
- Realizar atividades de Divulgação da Doutrina Espírita utilizando todos os veículos e meios de comunicação social compatíveis com os princípios espíritas, tais como: palestras, conferências, **LIVROS, JORNAIS, REVISTAS, BOLETINS, FOLHETOS**, mensagens, rádio, televisão, internet, cartazes, fitas de vídeo e áudio;
- Realizar atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita destinado a pessoas carentes que buscam ajuda material: assistindo-as em suas necessidades mais imediatas; promovendo-as por meio de cursos e trabalhos de formação profissional e pessoal; e esclarecendo-as com os ensinamentos morais do Evangelho à luz da Doutrina Espírita;
- Realizar Atividades Administrativas necessárias ao seu normal funcionamento, compatíveis com a sua estrutura organizacional e com a legislação do seu país;
- Participar das atividades que têm por objetivo a União dos Espíritas e das Instituições Espíritas e a Unificação do Movimento Espírita, conjugando esforços, somando experiências, permutando ajuda e apoio, aprimorando as atividades espíritas e fortalecendo a ação dos espíritas<sup>112</sup>.

Como podemos observar na lista anterior, na qual a FEB elenca em relação aos Centros Espíritas “o que são” os seus “objetivos” e “suas atividades”, a relação direta com o estudo ou com situações quidizem respeito ao letramento surgem 40% dos itens, revelando a magnitude e a relevância desse tópico para a formação do espírito e, conseqüentemente, do Movimento Espírita de forma geral<sup>113</sup>.

Kardec, preocupado com o futuro da doutrina por ele desenvolvida, declarou que “dois elementos não de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar”<sup>114</sup>. A fim de colimar seus objetivos, Kardec propõe a criação com urgência de uma sociedade, a qual deveria possuir

---

<sup>112</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Orientação ao Centro Espírita. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 19-22.

<sup>113</sup> Os destaques dados aos itens anteriores foram realizados pelo autor deste trabalho.

<sup>114</sup> KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2000.p.410.

um local convenientemente situado e disposto para as reuniões e recepções. Sem lhe dar um luxo desnecessário e, ao demais, sem cabimento, precisaria que nada aí denotasse penúria, mas apresentasse um aspecto tal, que as pessoas de distinção pudessem estar lá sem se considerarem muito diminuídas. Além do alojamento particular onde eu habitasse, deveria possuir:

1º Uma grande sala para as sessões da Sociedade e para as grandes reuniões;

2º Um salão de recepção;

3º Um compartimento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha;

4º Um escritório para a Revista, os arquivos e os negócios da Sociedade.

Tudo isso disposto e preparado de maneira cômoda e condizente com a sua destinação.

Criar-se-ia uma biblioteca composta de todas as obras e escritos periódicos franceses e estrangeiros, antigos e modernos, relacionados com o Espiritismo<sup>115</sup>.

Para tanto, criou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em 1º de abril de 1858, fundando, dessa maneira, o primeiro Centro Espírita que temos conhecimento em todo o mundo. A seguir foram surgindo em outras cidades francesas novas sociedades, organizadas nos moldes estabelecidos por ele. No Brasil, o termo "centro" ficou consagrado como o local destinado a reunir as ações de estudo e de encontro dos espíritas, embora as palavras sociedade, núcleos, grupos, casa apareçam com bastante frequência.

Em paralelo à criação do primeiro centro espírita, Kardec propôs o desenvolvimento de

um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências<sup>116</sup>.

---

<sup>115</sup> KARDEC (2000).Op. Cit. p.417-418.

<sup>116</sup> KARDEC (2000).Op. Cit. p.418.

Para dar maior visibilidade ao Espiritismo, por meio do incremento da sua publicidade, ponto primordial para Kardec, ele então propôs que se daria

maior desenvolvimento à Revista, quer aumentando-se-lhe o número de páginas, quer tornando-se-lhe mais freqüente a publicação. Agregar-se-lhe-ia um redator remunerado.

Uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das idéias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporá silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral<sup>117</sup>.

Podemos ver assim a preocupação de Kardec com o destino do Espiritismo e como ele propôs a solução para esse problema com o estabelecimento de uma unidade central, a fim de unificar o seu desenvolvimento, complementado pelo estudo sistemático da nova doutrina, mais uma vez revelando a sua constante preocupação de pedagogo com as questões ligadas ao letramento. Esses arranjos com a finalidade de dar uma direção segura ao Espiritismo, na visão de seu fundador, ganharam posteriormente o nome de *Projeto 1868*, ficando consagrado no livro *Obras Póstumas*. Projeto esse que teve sua execução prejudicada em virtude da morte de seu criador.

Dessa maneira, podemos verificar a importância da constituição do Centro Espírita na formação do Espiritismo conforme as intenções de Allan Kardec, proporcionando no entendimento de seu fundador a possibilidade de unificação doutrinária e expansão da nova doutrina. Em virtude de sua importância para a constituição do Movimento Espírita, Bernardo Lewgoy chama a nossa atenção para a existência de um tríplice aspecto, capaz de nos fornecer a possibilidade de compreendermos as variações na interpretação do Centro Espírita como um templo, um hospital e uma escola<sup>118</sup>.

Primeiramente, podemos observá-lo como um templo religioso, onde se realizam serviços de ordem espiritual, preces, irradiações, passes, atendimento fraterno, palestras, consultas, etc.<sup>119</sup>.

---

<sup>117</sup> KARDEC (2000).Op. Cit. p. 419-420.

<sup>118</sup> LEWGOY (2000).Op.Cit. p. 231.

<sup>119</sup> Idem.

Atuando como um hospital, encontramos-lo na medida em que se realizam trabalhos ligados ao tratamento de “doenças espirituais”, como a obsessão, em que os “espíritos superiores”, ou por vezes “médicos do além”, comparecem para tratarem os doentes que ali se encontram. Também se apresenta nessa acepção quando ligado ao receitismo mediúnico, mais especificamente à homeopatia, a qual teve seu desenvolvimento ligado de forma bastante íntima com a própria história e desenvolvimento do Espiritismo no Brasil<sup>120</sup>; fato esse já bastante explorado por diversos pesquisadores e que não cabe aqui no escopo desta pesquisa recapitular maiores detalhes<sup>121</sup>. Ainda hoje a própria FEB envia receitas homeopáticas àqueles que solicitam esse serviço tanto nas suas dependências quanto por correio-eletrônico; soma-se a esse fato a existência de inúmeros centros que possuem farmácias, a fim de aviarem receitas homeopáticas recebidas mediunicamente.

Como escola, segmento que mais nos interessa neste trabalho, podemos iniciar com a própria disposição física dos Centros Espíritas, de uma forma geral, os quais se assemelham muito a uma sala de aula tradicional, em forma retangular, oblonga, tendo à frente um quadro destinado à escrita, muitos deles hoje contando com data-show e outros recursos eletrônicos, uma mesa, uma pequena estante com livros destinados a dar apoio ao palestrante (professor) e algumas fileiras de cadeiras ou longos bancos destinados à audiência (alunos).

Tendo como base os dois mais importantes e difundidos lemas do Espiritismo, sendo o primeiro, “Fora da Caridade não há salvação”<sup>122</sup> e o segundo “Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento, Instruí-vos, eis o segundo”<sup>123</sup>, encontraremos os dois objetivos primordiais que o centro espírita deve buscar em sua relação com aqueles que o procuram, como bem aponta Lewgoy, ou seja, “instrução e consolo”<sup>124</sup>. A ideia principal de uma religião que se apresenta como racional “implica no relevo atribuído ao *aprendizado* e ao *estudo*, lado a lado com a *caridade*”, ambos objetivando o desenvolvimento moral por meio da vivência no Espiritismo<sup>125</sup>. Os ensinamentos e os saberes

---

<sup>120</sup> LEWGOY (2000).Op.Cit. p. 232.

<sup>121</sup> Podemos destacar as pesquisas de AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. **La table, le livre et les esprits**. Paris: JC Lattès, 1990, MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lanchâtre, 1997 e DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, entre outros.

<sup>122</sup> KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: FEB, 1988. p. 207.

<sup>123</sup> KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: FEB, 1988. p. 108.

<sup>124</sup> LEWGOY (2000). Op. Cit. p.234.

<sup>125</sup> Idem.

transmitidos pelo Espiritismo compartilhados nas palestras doutrinárias e nos cursos de estudos sistemáticos da doutrina devem ser mais bem entendidos e difundidos no interior de um Centro Espírita, conforme o entendimento geral de seus dirigentes, com o objetivo de unificar sua difusão. Além do ambiente que de várias maneiras destaca o ensino e a instrução devemos dar atenção

não apenas o detalhe dos livros no ambiente e das citações dos lemas espíritas em cartazes, como a própria presença de bibliotecas e postos de venda de livros reforçam essa percepção, utilizada de forma explícita no grupo de estudos. A própria categoria principiante na doutrina é altamente significativa do lugar modelar dentro do kardecismo, onde o compromisso do adepto não se dá apenas com uma manifestação religiosa, com a lealdade a um grupo ou rede dentro do kardecismo (ainda que isto efetivamente ocorra) mas realiza-se em face de uma doutrina. Não apenas uma piedade ou um conjunto de práticas e posturas religiosas são requeridos: é preciso conhecer a doutrina através da leitura e do estudo das obras básicas e seus complementos. Na visão kardecista, o centro espírita, além de ser um local de culto, de orientação e de atendimentos terapêuticos, só realiza plenamente suas finalidades se for também um espaço escolar, onde a doutrina é estudada em pequenos grupos<sup>126</sup>.

Outro ponto que nos remete à importância do livro e do letramento para o Espiritismo é encontrado ao longo das nossas pesquisas referentes à realização de nossa dissertação de mestrado sobre a Renovação Cristã. Fruto das nossas pesquisas a respeito das lutas de representações empreendidas pelos membros do campo espírita em torno da união do movimento e da definição do que é ser espírita, foi o nosso encontro com um dos mais caros bens simbólicos do Espiritismo, ou seja, o livro. Desse proveitoso encontro, podemos destacar dois exemplos que demonstram sobejamente a importância do livro na história do Espiritismo, quais sejam: *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, de Chico Xavier, e *Os Quatro Evangelhos – Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação*, de Roustaing.

O primeiro, como mencionado anteriormente, configura a tentativa da sua utilização como definidor do que é ser espírita; o segundo, por seu turno, representa o poder exercido, pelas ideias

---

<sup>126</sup> LEWGOY (2000). Op. Cit. p.235.

contidas em um livro, em desagregar, ou mesmo, impedir as diversas tentativas de união do Movimento Espírita Brasileiro. Dessa forma, por Roustainguismo, entendemos a doutrina formulada por Jean Baptiste Roustaing, em seu livro *Os Quatro Evangelhos*, publicado a primeira vez em maio de 1866, em Paris (França). A polêmica acerca dessa obra data dos comentários realizados por Kardec na Revista Espírita de junho do mesmo ano<sup>127</sup>.

Kardec, como de costume, fez alguns comentários na Revista Espírita<sup>128</sup> de junho de 1866 a respeito da obra de Roustaing. Comentários que deram origem à grande polêmica, anos depois, no Brasil. Podemos destacar dentre eles o que aponta sobre o desrespeito ao princípio da confirmação universal propalado por ele:

Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita<sup>129</sup>.

A seguir, Kardec ponderou sobre a tese central do livro, ou seja, o corpo flúidico de Cristo ou docetismo<sup>130</sup>, ao escrever que

<sup>127</sup> KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001. p.129.

<sup>128</sup> A Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - (La Revue Spirite - Journal d'Études Psychologiques) fundada em 1º de janeiro de 1858, por Allan Kardec, que a editou até sua morte, em 31 de março de 1869. Editada mensalmente é composta de 12 volumes, referentes aos anos de 1858 a 1869. Nela, Kardec procura explicar os fatos que aconteciam à época à luz da Doutrina Espírita, escrevia artigos, comentava obras espíritas, dialogava com adeptos e detratores do Espiritismo, editava mensagens. Após o falecimento de Kardec, a revista continuou sendo publicada na França, com interrupções. (Nota do autor).

<sup>129</sup> KARDEC, Allan. **Revista Espírita**:Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001. p. 129.

<sup>130</sup>Docetismo (do grego [dokeō], "para parecer") é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Conforme: FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-Rom.

[...] dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agênere*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA*, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apóia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

[...] Sem prejudicá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea<sup>131</sup>.

Posteriormente, Kardec, no seu último livro *A Gênese*, condena em definitivo a concepção docetista como parte integrante da Doutrina Espírita, ao escrever que Jesus Cristo,

como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis<sup>132</sup>.

Ainda em seu artigo na Revista Espírita, Kardec mencionou a prolixidade da obra: “Na nossa opinião, se, limitando-se (sic) ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade”<sup>133</sup>.

Enfatizamos, assim, a relação fundamental entre o Espiritismo e o letramento, destacando a utilização do livro como definidor da identidade espírita e sua utilização por parte da FEB na tentativa de tomar para si o direito de definir quem é ou não espírita. Em paralelo, salientamos a natureza discursiva e processual da formação identitária

---

<sup>131</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001. p.129-130.

<sup>132</sup> KARDEC 1980. Op. Cit., p. 395.

<sup>133</sup> KARDEC 2001. Op. Cit., p. 130.

espírita, em que o emprego do livro e a ênfase no estudo apresentam-se como marcas distintivas do Espiritismo.

Seguindo em nossas pesquisas, as pistas deixadas pelo comportamento da FEB no que diz respeito à adoção do livro de Roustaing, equiparando-o em importância, em relação aos estudos, aos livros de Kardec, por meio dos seus estatutos, fomos capazes de chegar ao Movimento de Reformas e, posteriormente, à Renovação Cristã. Agimos da maneira como descreveu em seus artigos e livros Carlo Ginzburg, para quem o historiador trabalha de forma semelhante aos detetives, colhendo pistas e indícios que, analisados e combinados, permitem oferecer deduções e significados<sup>134</sup>.

Conferindo à FEB a responsabilidade pela desordem geral no interior do Movimento Espírita Brasileiro, tendo como principal razão a adoção por parte dela dos princípios contidos no livro *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing, surgiu como resposta a esse estado de coisas o Movimento de Reformas, em 1992, sob a liderança de José Queid Tufaile Huaixan, em luta aberta contra as ideias roustaingistas. Destacamos, assim, o poder desagregador do livro em questão. Dez anos após o início do Movimento de Reformas (2002), portanto, depois de permanecer cerca de vinte anos vinculado ao campo espírita, o grupo responsável pelo Movimento de Reformas fundou a Renovação Cristã e, dessa forma, abandonou o Espiritismo.

## **1.2 – As fontes institucionais espíritas – Os periódicos espíritas**

Como podemos constatar nas linhas anteriores, de acordo com o Espiritismo, a cultura letrada e o livro fazem parte do ser espírita; por conseguinte, a concepção do ser espírita pressupõe o letramento e o efetivo estudo dos livros e textos que compõem sua doutrina e a participação nos cursos oferecidos pelas casas espíritas. Essa concepção ligada aos livros e ao estudo nasceu junto com sua criação pelas ideias de Allan Kardec e de seus seguidores.

Logo, nada mais lógico do que o Espiritismo possuir uma abundante obra literária composta por livros, panfletos, jornais e revistas. Não mencionamos aqui a superabundante existência de sítios na internet referentes ao Espiritismo, os quais disponibilizam os mais variados tipos de arquivos, contendo todo tipo de material escrito sobre o espiritismo, além de arquivos de áudio e vídeo. O nosso interesse nesta pesquisa limita-se aos periódicos, jornais e revistas, disponíveis no

---

<sup>134</sup> GINZBURG (2007).Op.Cit. 145-146.

fim do século XIX até um pouco mais da metade do século seguinte; assim sendo, os meios eletrônicos não fazem parte do escopo do nosso trabalho.

A imprensa espírita no Brasil surgiu com o jornal *O Eco d'Além-Túmulo*, na cidade de Salvador, na Bahia, pelas mãos de Luiz Olímpio Teles de Menezes<sup>135</sup>, em junho de 1869, também responsável pela fundação da primeira sociedade espírita legalmente constituída no país<sup>136</sup>. O segundo jornal foi *O Espírita*, de Natal, Rio Grande do Norte, fundado em 1874, por Manoel Gomes; o terceiro periódico foi a *Revista Espírita*, pertencente ao Grupo Confúcio, da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1º de janeiro de 1875, dirigido por Antônio da Silva Neto; o quarto, também na cidade do Rio de Janeiro, foi a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, fundada em 1881, por Antonio Pinheiro Guedes, Carlos Joaquim de Lima e Cirne, Francisco Siqueira Dias Sobrinho, José Antônio Val de Vaz e Salustiano José Monteiro de Barros, e gerenciada por Angeli Torterolli; o quinto foi o jornal *União e Crença*, de março de 1881, na cidade de Areias, no Estado de São Paulo, fundado como órgão do Grupo Espírita Fraternidade Areense; o sexto periódico foi *A Cruz*, de Recife, em Pernambuco, fundado em julho de 1881, pelo futuro presidente da FEB, Júlio Cesar Leal; o sétimo foi *O Espiritismo*, fundado na cidade do Rio de Janeiro, em outubro de 1881; o oitavo foi o jornal e, posteriormente, a revista *Reformador*, no Município Neutro, cidade do Rio de Janeiro, em 21 de janeiro de 1883, por Augusto Elias da Silva; o nono foi o jornal *Século XX*, na cidade de Campos, no interior do Estado do Rio de Janeiro, fundado em abril de 1885, por João Barreto, funcionando como órgão da Sociedade Espírita Concórdia; o décimo foi *A Luz*, de São Luiz do Maranhão, em julho de 1886, como órgão do Clube Espírita Redenção; o décimo primeiro foi *A Nova Era*, também na cidade do Rio de Janeiro, com início em 1º de janeiro de 1890, sob a direção de Antônio Francisco Pereira e Nelson Faria; o décimo segundo foi *Verdade e Luz*, fundado na capital do Estado de São Paulo, em maio de 1890, por Antônio Gonçalves Batuira; e o décimo terceiro foi *A Regeneração*, fundado na cidade de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, em meados de 1890, órgão oficial do Grupo Espírita Allan Kardec<sup>137</sup>.

---

<sup>135</sup> RAMOS, Clovis. *A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978*. Juiz de Fora-MG. Instituto Maria, 1978. p.5.

<sup>136</sup> Grupo Familiar do Espiritismo, em 17 de setembro de 1865, na cidade de Salvador-BA. Conforme WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB. 1969. p. 570.

<sup>137</sup> RAMOS, Clovis. Op. Cit. p.5-6.

Corroborando as afirmações do historiador Nelson Werneck Sodré, no seu livro *História da Imprensa no Brasil*, com exceção do *Reformador*, que até hoje é editado, os demais periódicos aqui listados tiveram vida curta<sup>138</sup>, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – A Imprensa Espírita no Brasil – Primeiros Anos

Nome	Duração
O Eco d'Além-Túmulo (mensal)	Pouco mais de um ano
O Espírita (quinzenal)	Não informado
Revista Espírita (mensal)	Seis números
Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (mensal)	18 meses
União e Crença (mensal)	Não informado
A Cruz (semanário)	Não informado
O Espiritismo	Não informado
O Renovador	Cerca de um ano
Reformador (quinzenal e depois mensal)	De 1883 até a presente data
Século XX (quinzenal)	Não informado
A Luz (semanal)	Não informado
A Nova Era	Não informado
Verdade e Luz (quinzenal)	Não informado (+ de 32 anos)
A Regeneração	Não informado

Fonte: A Imprensa Espírita no Brasil – Primeiros Anos<sup>139</sup>

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Não poderia ser diferente o destino da grande maioria dos periódicos surgidos no Brasil oitocentista até meados dos noventa, visto que a taxa de analfabetismo relativa à população com mais de cinco anos de idade atingia a marcas incríveis, conforme verificamos na Tabela 1.

<sup>138</sup> SODRE, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.251.

<sup>139</sup> RAMOS, Clovis. Op. Cit. passim.

Tabela 1 – Analfabetismo no Brasil

Ano	População Total	Pop. não Alfabetizada	%
1872	8.854.774	7.290.293	82,3
1890	12.212.125	10.091.566	82,6
1920	26.042.442	18.549.085	71,2
1940	34.796.665	21.295.490	61,2
1950	43.573.517	24.907.696	57,2
1960	58.997.981	27.578.971	46,7

Fonte: FERRARO, Alceu Ravanello. **Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?** Revista Educação e Sociedade. <sup>140</sup>

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Da mesma forma que os demais periódicos criados na mesma época em sua esmagadora maioria ligados às questões políticas, os periódicos espíritas revelavam as intenções de seus criadores na busca pela difusão de suas ideias e aspirações. Devido à incipiência e precariedade das gráficas existentes no país, as publicações eram muito semelhantes entre si, tendo como formato mais comum o de quatro folhas e duas colunas.

Somente a partir do início do século XX, quando as inovações técnicas estrangeiras tornaram-se disponíveis às gráficas nacionais, entre elas, a introdução de novas técnicas de impressão e ilustração, e a possibilidade da impressão em cores, permitiram a criação de periódicos com maior número de páginas, capas mais atraentes e finalmente com maior tiragem<sup>141</sup>.

O período delimitado entre o último quartel do século XIX e o início do século seguinte marca, segundo os especialistas, um período de inflexão para a trajetória da imprensa brasileira, como lembra a historiadora Tânia Regina de Luca, marcado pela introdução dos avanços tecnológicos em substituição à produção artesanal, impondo um caráter industrial aos impressos nacionais<sup>142</sup>. Cabe ainda lembrar que esse período foi marcado pelo fim da escravidão, a implantação do regime republicano e sua busca pela erradicação do analfabetismo generalizado na sociedade brasileira, o crescimento urbano e o do setor

<sup>140</sup> FERRARO, Alceu Ravanello. **Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?** Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

<sup>141</sup> COBEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 103-105.

<sup>142</sup> DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 149.

de serviços na economia brasileira, com destaque para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, foi o momento do crescimento e da prosperidade do ciclo do café, da grande leva de imigrantes, do crescimento da malha ferroviária e do início do primeiro surto industrial brasileiro<sup>143</sup>. Assim, os jornais diários de uma forma geral, graças à introdução das máquinas rotativas, ao incremento das propagandas e ao aumento das redes de distribuição, em virtude da melhora e do crescimento da malha ferroviária ampliaram suas tiragens<sup>144</sup>.

Para termos uma ideia da movimentação desse mercado ligado à imprensa, somente no Rio de Janeiro, por exemplo, em 1881, nasceram 95 novos periódicos; no ano seguinte, mais 64; em 1883, foram mais 56; enquanto em 1884, mais 37. Em 1888, surgiram mais 45 periódicos e, no ano seguinte, mais 29. Para encerrar esse século, nos dois últimos anos, surgiram 47 periódicos. Esses números nos dão uma ideia da efervescência da imprensa e do volume do público letrado. Outro exemplo importante ocorreu na cidade de São Paulo, onde apenas nas duas últimas décadas do século XIX, surgiram mais de seiscentas publicações<sup>145</sup>.

Mais uma vez encontramos a imprensa espírita seguindo o mesmo padrão dos acontecimentos da imprensa leiga, dessa vez em relação ao crescimento de sua tiragem, servindo-se da crescente importância dada ao saber ler como forma de distinção social. Diferentemente da França, como já mencionamos, na transferência do Espiritismo para o Brasil, a centralidade do livro e da leitura ganhou o caráter, de ascensão social, na qual saber ler e poder estudar eram marcas de pertencimento às classes médias e superiores<sup>146</sup>.

Outra característica marcante dos jornais e revistas das primeiras décadas da República Brasileira foi a busca pela novidade, pelo novo, onde as novidades ligadas às ciências e às técnicas pareciam não ter fim, vislumbrando uma época na qual tudo parecia possível<sup>147</sup>. A busca pela modernidade trouxe transformações para a Capital Federal, novas avenidas, novos prédios construídos e, ao mesmo tempo, tentava-se derrubar tudo que simbolizava o atraso colonial. O advento da

---

<sup>143</sup> DE LUCA (2013). Op. Cit. p.150.

<sup>144</sup> COBEN. Op. Cit. p. 104-105.

<sup>145</sup> BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 118.

<sup>146</sup> AUBRÉE; LAPLATINE. Op. Cit. p. 196.

<sup>147</sup> COBEN. Op. Cit. p. 111-112.

República catalisou esse processo de modernização, chegando até mesmo a definir uma nova identidade cultural para o Rio de Janeiro<sup>148</sup>.

Os periódicos espíritas igualmente se aproveitaram dessa paixão pelo novo, não só em virtude do seu pouco tempo de existência, ou seja, 1857 criação na França e 1865 chegada ao Brasil, mas também pelas novidades da época, com o intuito de buscar ampliar seus espaços junto ao público leitor, como podemos observar em artigo assinado por Julio Cesar Leal, dividido nas primeiras páginas do *Reformador*, editados em 1º de janeiro de 1895, 15 de janeiro de 1895, 1º de fevereiro de 1895, intitulado *Electro-homeopathia – Suas vantagens sobre os demais systemas de tratamento médico*<sup>149</sup>.

Não só transformações físicas e tecnológicas viveram os periódicos da segunda metade do século XIX em diante, outra variação fundamental foi a mudança de atitude das publicações, passando de uma posição de doutrinação de seus leitores para tornarem-se veículos de informação, em que se consagrou a ideia de que ao jornal cabia a função de informar o que se passou, com rigoroso respeito à “verdade dos fatos”. Dessa maneira, devemos lembrar sempre do que ressaltou o filósofo Jügen Habermas sobre a transformação dos periódicos europeus em imprensa comercial, em que os interesses econômicos acabaram por prevalecer sobre os demais, fatos esses que, guardadas as devidas proporções, também ocorreram no Brasil, conforme aponta De Luca<sup>150</sup>.

Como vimos, a importância dada ao livro e ao letramento, por parte do Espiritismo, reporta-nos à ligação demonstrada por Michel de Certeau entre modernidade, progresso e livro, e a valorização da prática escriturística pela modernidade ocidental, prática esta que, segundo o autor, “assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história”<sup>151</sup>. Ainda conforme Certeau, a modernidade ocidental, nesse contexto, ligou o oral ao atraso, àquilo “que não contribui para o progresso”<sup>152</sup>. Assim, o Espiritismo e a sua supervalorização do escriturístico transbordam para os jornais espíritas, conferindo a eles um caráter de semeador da “verdade”. O conteúdo por eles expressos, de forma semelhante aos demais jornais,

<sup>148</sup> BARBOSA (2010). Op. Cit. p. 119.

<sup>149</sup> LEAL, Julio Cesar. *Electro-homeopathia – Suas vantagens sobre os demais systemas de tratamento médico*. *Reformador*, Rio de Janeiro, n. 285, p. 1, 1º jan. 1895. Também nos números 286(15/01/1895) e (287 01/02/1895).

<sup>150</sup> DE LUCA (2013). Op. Cit. p. 152-155.

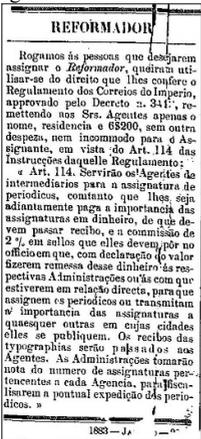
<sup>151</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 224.

<sup>152</sup> Idem.

sofre a tentativa de ser imposto ao leitor como reflexo da verdade absoluta; logo, aquilo que está escrito nos jornais espíritas, somente pelo fato de ter sido escrito ou vinculado, é suficiente para possuir o sentido de verdade.

A criação e a manutenção financeira dos jornais e revistas espíritas, como os demais congêneres lançados no mercado editorial brasileiro do fim do século XIX e início do XX, dependiam do idealismo de seus executores, fato esse responsável pela diminuta vida desses periódicos<sup>153</sup>. De forma geral, a vida dos periódicos dependia da saúde financeira de seus criadores, ou das assinaturas e da publicidade por eles vinculadas, sendo, naqueles veículos menores, a dependência das amizades na obtenção da publicidade praticamente uma regra; dessa forma, vital para a sua subsistência<sup>154</sup>. Também como fruto do idealismo de seus fundadores e mantenedores, os periódicos espíritas circulavam com o propósito explícito de divulgação da nova doutrina, defendendo os interesses de seus criadores, servindo-se dos sistemas de assinaturas e propagandas para a sua manutenção, conforme podemos observar na Figura 1 retirada da página 1, do número 1, editado em 15 de janeiro de 1883, do *Reformador*<sup>155</sup>.

Figura 3 - Assinatura



Reformador n°1 – pag.1. Assinaturas. Acervo da Biblioteca Nacional<sup>156</sup>

Figura 4 - Propaganda



Reformador n°6 – pag.4. Propaganda. Acervo da Biblioteca Nacional<sup>157</sup>

<sup>153</sup> COBEN. Op. Cit. p. 104-105.

<sup>154</sup> Ibidem. p.106.

<sup>155</sup> Todas as imagens encontradas neste trabalho referente às páginas do Reformador foram retiradas do Acervo da Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>156</sup> Reformador. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 1. n. 1, 15 jan. 1884. p. 1.

Dados precisos sobre as tiragens dos jornais são praticamente impossíveis pela carência de informações e métodos quantitativos confiáveis daquela época; todavia, encontramos, em algumas fontes, números a respeito da cidade do Rio de Janeiro que apontam para uma tiragem no início do século XX de 150.000 exemplares, em relação à soma dos cinco maiores jornais diários – *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e *Jornal do Commercio*.<sup>157</sup>, para uma população de pouco mais de 811.000 habitantes<sup>159</sup>. As taxas de analfabetismo no fim do século XIX e início do XX, como demonstrado anteriormente, rondavam índices estratosféricos. Contudo, na Capital Federal, esse índice era menor, segundo o censo, o qual apontava para o ainda elevado índice de 48%. Portanto, com esses números imprecisos, podemos conjecturar que uma população letrada de 421.720 pessoas consumiam 150.000 jornais diariamente, ou seja, 35,56% dessa população liam/tinham contato com jornais cotidianamente.

Tânia de Luca apresenta um depoimento do poeta Olavo Bilac, datado do início do século XX, no qual tecia comentários desoladores a respeito da situação dos jornais e do analfabetismo no Rio de Janeiro:

O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheciam se não fosse a folha diária; os proprietários de jornal vêem limitada, pela falta de instrução, a tiragem das suas empresas. Todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, cento e cinquenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa. São oito os nossos! Isso demonstra que o público não lê [...]. E por que não lê? Porque não sabe!<sup>160</sup>

No entendimento da autora, os próprios dados apresentados por Bilac deveriam estar superestimados, visto que outros contemporâneos

---

<sup>157</sup> Anúncios. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 1. n. 6, 1º abr. 1884. p. 4.

<sup>158</sup> BARBOSA, Marialva. História da comunicação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 194-199. Ver também DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 156-157.

<sup>159</sup> População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais. IBGE. Disponível em: <<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

<sup>160</sup> RIO, João do. O Momento literário. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. p. 10-11. Apud DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 156-157.

do poeta apresentavam dados bem mais modestos. Consequentemente, conforme De Luca, a demanda por leitura era diminuta, o que dificultava a disputa pelo mercado entre os jornais existentes, os quais buscavam nessa fonte grande parte de seu sustento<sup>161</sup>.

Devemos manter em mente que parte da circulação desses jornais efetuava-se em outras cidades do país, tendo em vista a posição privilegiada da cidade do Rio de Janeiro como capital da República<sup>162</sup>. Do mesmo modo, contribuía, para esse número de leitores, as estratégias redacionais e editoriais empregadas por esses periódicos em busca de novos leitores. Ressalta-se aqui a exploração do jornal como algo notadamente visual, chegando a publicar páginas inteiras somente com ilustrações; dessa maneira, era possível atrair uma parte dos componentes do grupo de excluídos da sociedade, tornando-os leitores extensivos desses mesmos periódicos<sup>163</sup>.

Uma das estratégias mais eficazes implementadas pelos periódicos em busca de novos leitores, também usada pelos jornais e revistas espíritas, foi a publicação de obras aos pedaços em suas páginas, os chamados folhetins, os quais estimulavam a curiosidade e a imaginação de seus leitores, fazendo com que eles adquirissem os novos exemplares<sup>164</sup>.

Figura 5 – Folhetim



Fonte: Reformador Arquivo da Biblioteca Nacional.<sup>165</sup>

<sup>161</sup> DE LUCA (2013). p. 157.  
<sup>162</sup> BARBOSA (2010). Op. Cit. p. 201.  
<sup>163</sup> BARBOSA (2013). Op. Cit. p. 199.  
<sup>164</sup> MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 54-55.  
<sup>165</sup> Folhetim.Reformador. Rio de Janeiro, ano XIV. N. 312, 15 de fev. 1896, p. 3.

O público feminino foi afetado de modo mais contundente por essa forma de publicação das obras por intermédio dos jornais. Como assinala Ubiratan Machado, o Brasil possuía uma sociedade marcadamente patriarcal, sobrando às mulheres alçarem “as primeiras aventuras de libertação” através da literatura<sup>166</sup>. O autor ainda ressalta que, a partir da segunda metade do século XIX, o número de mulheres alfabetizadas passou por um processo de incremento, facilitando a entrada da leitura em suas casas por meio da leitura em voz alta, ou coletiva, irradiando-se, assim, pela família. Fato que não passou despercebido pelos autores que passaram a investir nesse crescente segmento de mercado, ampliando as vendas dos jornais e revistas<sup>167</sup>.

A fim de pensarmos nos números de possíveis leitores dos jornais e revistas daquela época, devemos trazer à lembrança, como aponta a historiadora Marialva Barbosa, que a leitura desses periódicos envolvia, muitas vezes, a mistura do mundo da oralidade com o mundo das práticas escritas. Da mesma forma que existia a leitura silenciosa por parte de alguns leitores, ocorria da mesma maneira leituras em voz alta, após o jantar em família, no trabalho, em lugares públicos, como as tabernas e os bares<sup>168</sup>. Ainda segundo Marialva Barbosa, muito dos leitores desses periódicos sabiam ler, sem saberem escrever, outros, ainda, não sabiam ler nem escrever, mas por intermédio de outros, tomavam ciência dos escritos ali existentes. A leitura coletiva fazia com que os textos fossem transmitidos oralmente a outras pessoas, possibilitando o alargamento do número de leitores e mesmo proporcionava novas interpretações dos fatos ali narrados, tendo em vista a influência causada pelo leitor e as discussões daí geradas. Portanto, conforme afirma a autora, os jornais possuíam mais ouvintes do que leitores<sup>169</sup>.

A leitura desses periódicos, em voz alta, em torno da família, dos amigos, no ambiente da casa, ou silenciosamente, no trajeto de casa para o trabalho e vice versa, nos bondes, nos trens, ao ar livre, e das duas formas, no ambiente de trabalho, nas horas vagas do dia, coloca em destaque uma sociabilidade particular. Muitos sabiam ler, sem saber escrever. Outros não sabiam ler, nem escrever, mas tomavam contato com os sinais impressos naquelas páginas. Os jornais tinham, seguramente, mais ouvintes do que leitores e foram mais

---

<sup>166</sup> MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o Romantismo. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.p. 39.

<sup>167</sup> *Ibidem*.p. 39-40.

<sup>168</sup> BARBOSA (2013). Op. Cit. p. 200-203.

<sup>169</sup> *Ibidem*. p. 203-205.

ouvidos e vistos do que lidos<sup>170</sup>.

O escritor e poeta Coelho Neto, em seu texto intitulado *A Antiga Cidade*, comentava, a título de curiosidade, como um exemplar do *Jornal do Commercio* era lido por várias pessoas durante o mesmo dia:

Terminada a leitura, o taberneiro entregava o jornal ao caixeiro para que levasse ao freguês mais importante e, até à noite, a folha andava de casa em casa, lida, relida, informação sobre política, sobre o preço dos gêneros e das fazendas, sobre os casos das ruas e fazendo sorrir e chorar com os episódios do folhetim, sempre suspenso no ponto mais interessante<sup>171</sup>.

Elmano Cardim, jornalista e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, em conferência realizada a respeito do sesquicentenário do *Jornal do Commercio*, fez alusão à oralidade como forma de apreensão do conteúdo do referido jornal, em relação ao início do século XX, por causa das altas taxas de analfabetismo:

O texto era antes feito para ser falado e ouvido do que para ser lido, donde, talvez, um certo ar grandiloquente e retórico da nossa figura típica de intelectual, de que Rui Barbosa seria aqui ‘o homem e o mito’ [...]. Também o costume doméstico dos serões foi outra instituição que muito contribuiu para ampliar os nossos públicos, aí incluindo, mesmo, os analfabetos<sup>172</sup>.

Esses fatos criavam um número indefinido de “leitores” dos periódicos daquela época. Da mesma maneira, podemos inferir sobre o número de leitores dos periódicos espíritas, imaginando que a quantidade de pessoas por eles atingidas seria maior do que aqueles informados apenas pelo volume de suas tiragens. Não podemos cair na ideia simplista sobre a existência de um abismo, o qual separava a “elite letrada” da “plebe ignara e inculta”, como se autorreferenciavam os membros da primeira, e assim reproduzir acriticamente a condição por eles criada. Havia uma relação entre a elite letrada e as demais camadas

---

<sup>170</sup> Ibidem. p. 203.

<sup>171</sup> NETTO, Coelho. *Palestras da Tarde*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.p.67. Apud BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1800 - 1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 205.

<sup>172</sup> CARDIM, Elmano. No sesquicentenário do *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro.1978, p. 121. Apud BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1800 - 1900.Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 205.

sociais estabelecidas formalmente ou não. A questão da circularidade cultural, como apontam Bakhtin e Ginzburg, em seus consagrados estudos, nos ajudam a pensar a propósito da atuação dos analfabetos, dos escravos e libertos e das mulheres, como leitores e/ou ouvintes. Portanto, a noção de uma imprensa “elitista” deve ser relativizada a fim de refletirmos sobre o número de leitores.

Na cidade do Rio de Janeiro, como também nas demais cidades brasileiras, inicialmente, as tipografias e as livrarias, e, posteriormente, as redações dos próprios periódicos, atuavam como locais de sociabilidades formais e informais, habitualmente frequentados por redatores e leitores onde ocorria a venda de periódicos, impressos, leituras coletivas, além de conversas, debates, laços de solidariedade política, principalmente em fins do século XIX<sup>173</sup>.

Morel e Barros chamam a nossa atenção ainda para a necessária relativização do consagrado fosso entre os letrados, a imprensa e os escravos e libertos. Embora seja clara a extrema dificuldade dos cativos ou libertos em se livrarem da condição de analfabetos, existiam algumas saídas para driblarem essas adversidades, como, por exemplo, a existência de lugares que proporcionavam leitura pública, a qualquer leitor, como a Biblioteca Real, as leituras em voz alta em pequenos grupos, nas ruas, tabernas, boticas ou residências. Assim, as esferas da escrita e da oralidade encontravam-se, ao mesmo tempo, na mesma sociedade, possibilitando o contato e a interação entre ambas, representada nesse momento pelas elites e as camadas pobres da sociedade, inclusive dos escravos. Os escravos não eram apenas mercadorias, mas também sujeitos da história<sup>174</sup>.

No período que compreende o lançamento do primeiro jornal espírita *Eco D'Além Túmulo*, em 1869, até o fim do século XIX, foram lançados 38 periódicos ligados ao movimento espírita em todo o Brasil, na primeira década do século seguinte; 33 novos surgiram no cenário nacional; na década de 1911 a 1920, surgiram mais 23; enquanto entre os anos de 1921 a 1930, novos 38 periódicos vieram ao mundo; entre 1931 e 1940, surgiram mais 84 novos periódicos; na década seguinte até o 1950, mais 50 novos títulos passaram a existir e, finalmente, entre 1951 e 1960, vieram à luz 62 novos periódicos espíritas. Portanto, nesse período de oitenta anos, foram fundados 337 periódicos espíritas no Brasil, ou seja, uma média de 4,2 periódicos por ano. Como citamos

---

<sup>173</sup> MOREL; BARROS. Op. Cit. p. 44-45.

<sup>174</sup> Ibidem. p. 86-99.

anteriormente, quase nenhum deles teve uma vida longa; porém, o *Reformador* – 1883, *O Clarim* – 1905, a *Revista Internacional de Espiritismo* – 1925 e o *Mundo Espírita* – 1932 pertencem à classe das grandes exceções, pois continuam a ser impressos ainda hoje (2016). Embora no período compreendido entre os anos de 1931 a 1940, o Espiritismo ainda sofresse em relação às suas demandas com os saberes médicos e jurídicos, e também com a perseguição religiosa movida pela Igreja Católica, como podemos observar, a média de criação de periódicos, 8,4, foi o dobro da média do período de oitenta anos analisado, de 4,2. Seguida pelo período de 1951 a 1960, com a média anual de 6,2, espaço de tempo que marca o início da solidificação da FEB como principal instituição do Campo Espírita Brasileiro, e também marca o início do abrandamento dos grandes enfrentamentos do Espiritismo e de seus oponentes históricos, ou seja, saberes médicos e jurídicos e a Igreja Católica.

### 1.2.1 – Os periódicos, os intelectuais e as redes – Uma primeira aproximação

A nossa pesquisa busca a atuação do grupo ao qual chamamos de intelectuais, formado por aqueles indivíduos especializados em produzir cultura e saber, utilizando essa produção a serviço de uma determinada causa. Como afirma Angela de Castro Gomes, “não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural”<sup>175</sup>. Desse modo, outro pilar desta pesquisa é a noção de lugar de sociabilidade, encarado aqui em uma dupla dimensão. Como também salienta Angela de Castro Gomes,

de um lado, aquela contida na idéia de “rede”, que remete às estruturas organizacionais, mais ou menos formais, tendo como ponto nodal o fato de se constituírem em lugares de aprendizado e de trocas intelectuais, indicando a dinâmica do movimento de fermentação e circulação de idéias. De outro, aquela contida no que a literatura especializada chama de “microclimas”, que estão secretados nessas redes de sociabilidade intelectual, envolvendo as relações pessoais e profissionais de seus participantes. Ou seja, se os espaços de sociabilidade são

---

<sup>175</sup> GOMES, Angela de Castro Gomes (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 51.

“geográficos”, são também “afetivos”, neles se podendo e devendo captar não só vínculos de amizade/cumplicidade e de competição/hostilidade, como igualmente marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por eventos, personalidades ou grupos especiais<sup>176</sup>.

Portanto, a nossa escolha orientou-se para um grupo formado por quatro intelectuais espíritas composto por Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e José Herculano Pires, e suas atuações em determinados periódicos espíritas, encarados neste trabalho como locais de sociabilidades, sobre os quais passaremos a fazer uma breve apresentação e que, posteriormente, voltaremos a tratar neste trabalho.

#### 1.2.1.1 – Reformador

Em primeiro lugar, apontamos o *Reformador*, fundado em 21 de janeiro de 1883, pelo fotógrafo português Augusto Elias da Silva, com recursos próprios, com redação e oficinas localizadas no seu atelier fotográfico, situado na rua da Carioca, nº 120, 2º andar, na cidade do Rio de Janeiro, onde morava com sua família. No ano seguinte, o jornal foi doado por seu proprietário à Federação Espírita Brasileira, criada em 2 de janeiro daquele ano, por iniciativa de Augusto Elias da Silva e mais onze companheiros, tornando-se, assim, órgão oficial e porta-voz da FEB<sup>177</sup>.

Conforme os *Anais da Biblioteca Nacional*, no volume 85, nas páginas 106 e 187, o *Reformador* é um dos quatro periódicos surgidos no Rio de Janeiro, entre 1808 e 1889, que sobreviveram até os dias de hoje. São eles, pela ordem de aparecimento: *Jornal do Commercio* (1827); *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839) e o *Diário Oficial* (1862)<sup>178</sup>.

#### 1.2.1.2 – O Clarim

---

<sup>176</sup> GOMES, Angela Maria de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 20.

<sup>177</sup> O Centenário do Reformador. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 100. n. 1845 dez. 1982. p. 364-367.

<sup>178</sup> O Centenário do Reformador. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 100 n. 1845,dez. 1982. p. 366. e RAMOS. Op. Cit. p. 129-130.

O jornal *O Clarim*, fundado em 15 de agosto de 1905, na cidade de Matão – SP, por Cairbar Schutel, também continua sendo impresso até os dias de hoje, contando com 110 anos, deixando apenas uma única vez de ser publicado. O jornal circulava por alguns períodos quinzenalmente e por outros mensalmente<sup>179</sup>.

#### 1.2.1.3 – Revista Internacional de Espiritismo

A *Revista Internacional de Espiritismo*, fundada em 15 de fevereiro de 1925 em Matão – SP, também por Cairbar Schutel, é dos poucos periódicos espíritas que possuem uma vida tão longa, completando esse ano 92 anos de vida. Inicialmente tinha como objetivo principal atingir um público diferenciado do público-alvo de *O Clarim*, voltado para o público em geral. Dessa forma, o RIE publicava trabalhos vinculados a autores não brasileiros como Oliver Lodge, Conan Doyle, Charles Richet, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Léon Denis e outros<sup>180</sup>.

#### 1.2.1.4 – Revista Espírita do Brasil

A *Revista Espírita do Brasil*, fundada em 1929, na cidade do Rio de Janeiro, como órgão oficial da Liga Espírita do Brasil, teve como primeiro diretor-gerente, João Torres, e redator, Jonathan Botelho. Em março de 1950, em virtude do Pacto Áureo firmado no ano anterior, a Liga Espírita do Brasil restringiu sua atuação ao Distrito Federal e passou a chamar-se Liga Espírita do Distrito Federal. A *Revista Espírita do Brasil* continuou a ser impressa com esse título até dezembro de 1952<sup>181</sup>.

#### 1.2.1.5 – Mundo Espírita

O *Mundo Espírita – Semanário noticioso e doutrinário*, fundado em 4 de abril de 1932, na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa de Henrique Andrade, João Torres, antigo presidente da Liga Espírita do Brasil, e Benedito de Souza, pretendia ser um diário, mas funcionou como semanário, depois quinzenal e finalmente como mensal. Por dezesseis anos, até 1948, o *Mundo Espírita* foi dirigido por Henrique Andrade, passando, na sequência, a Lins de Vasconcellos.

---

<sup>179</sup> RAMOS. Op. Cit. p. 44-45.

<sup>180</sup> Ibidem. p. 138-139.

<sup>181</sup> Ibidem. p. 137-138.

Logo depois, sob a direção de Lins de Vasconcellos, o jornal transferiu-se para o Estado do Paraná e, em 1956, foi transformado em órgão oficial da Federação Espírita do Paraná<sup>182</sup>. O periódico continua a circular ainda hoje.

#### 1.2.1.6 – Almenara

O *Almenara* veio à luz na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, em agosto de 1952, pelas mãos de Antônio Pereira Guedes com José Angelito Passos, como gerente e Thales Pereira Guedes, como secretário. Foi um dos mais críticos e combativos jornais espíritas em oposição à Federação Espírita Brasileira. Encerrou suas atividades em dezembro de 1962<sup>183</sup>.

### 1.3 – As Gerações da FEB

Com o intuito de refletirmos sobre a atividade dos intelectuais espíritas no interior do Movimento Espírita Brasileiro ao longo de sua história, aliamos ao conceito de intelectual e sociabilidade o de geração. Assim, tomamos emprestadas as análises empreendidas por Jean François Sirinelli, em *A Geração*<sup>184</sup>, e de Angela de Castro Gomes, no seu livro *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*<sup>185</sup>.

Quando nos reportamos ao conceito de geração, devemos nos ater em especial a aspectos relativos à periodização e à regularidade, pois a questão é: como podemos delimitar o início, o fim e a duração de uma geração? Sirinelli destaca a importância do fato ou do acontecimento como o marco inaugurador ou assinalador da identidade de uma geração, sem esquecer os antigos preconceitos historiográficos quanto ao tempo curto e ao acontecimento<sup>186</sup>.

No que tange aos problemas de periodização, quando discute a geração, possuindo uma aparência de produto da natureza, e dessa forma constituindo-se como um parâmetro invariável, como um marco da

---

<sup>182</sup> RAMOS. Op. Cit. p.112.

<sup>183</sup> Ibidem. p. 14.

<sup>184</sup> SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.131-137.

<sup>185</sup> GOMES, Angela Maria de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

<sup>186</sup> Ibidem. p.132-133.

inserção da sociedade na duração, na tentativa de se definir o uso deste padrão para a leitura do tempo, Sirinelli afirma que

[...] a noção de periodização remete à de regularidade. Ora, os fatos inauguradores se sucedem de maneira forçosamente irregular e por isso existem gerações “curtas” e gerações “longas”. E assim como o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo<sup>187</sup>.

Sirinelli usa uma simbologia marcante para a história por intermédio do conceito de geração, ao denominá-la de “história em sanfona”, ora dilatando-se, ora encolhendo-se ao sabor dos fatos inauguradores; portanto, deve-se encarar a geração como uma escala móvel do tempo<sup>188</sup>. Assim sendo, a geração padrão não existe como uma invariância, tanto relativamente ao tempo quanto em relação ao local.

A historiadora Angela de Castro Gomes, em seu livro *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*, traz um grande exemplo da utilização do conceito de geração baseada nos apontamentos de Sirinelli, definindo-a como “[...] um grupo que constrói uma memória comum, referida a um “tempo” e a “acontecimentos” que conformaram uma certa maneira de experimentar, no caso, a vida intelectual”<sup>189</sup>. A autora demonstra a aplicabilidade das noções destacadas, a fim de analisar o modernismo e o nacionalismo no Rio de Janeiro, entre as décadas de 20 e 30 do século passado, por meio da análise de duas revistas: *Festa e Lanterna Verde*.

Em relação ao Movimento Espírita Brasileiro institucionalizado, mais especificamente à Federação Espírita Brasileira, e à identificação de possíveis gerações ligadas ao desenvolvimento dessa instituição ao longo do tempo, podemos destacar os seguintes fatos inauguradores, que dariam origem a essas possíveis gerações, sendo a primeira relacionada à fundação da própria Federação Espírita Brasileira (FEB – 1884), a segunda podemos ligá-la à fundação da Liga Espírita do Brasil (LEB – 1926), a terceira ao estabelecimento do Pacto Áureo (1949) e a quarta geração, à internacionalização do Movimento Espírita Brasileiro com a criação do Conselho Espírita Internacional (CEI – 1992).

---

<sup>187</sup> GOMES (1999) Op. Cit. p.133.

<sup>188</sup> SIRINELLI. Op. Cit. p.134-135.

<sup>189</sup> GOMES (1999) Op. Cit. p. 79.

A seguir, trataremos algumas breves reflexões sobre as possíveis gerações que compõem a história da Federação Espírita Brasileira, visto que mais à frente neste trabalho nos deteremos mais detalhadamente nos intelectuais ligados à geração mais vinculada aos acontecimentos referentes à implantação do Pacto Áureo.

### 1.3.1 – 1ª Geração – Fundadores

O Acontecimento inaugural da primeira geração é a constituição da Federação Espírita Brasileira, instituição hoje, sem dúvida, possuidora do maior capital simbólico do Campo Espírita Brasileiro; todavia, nem sempre ocupou esse posto. Fundada em 2 de janeiro de 1884, em uma época na qual certamente não existia nada a se federar, passou por inúmeras vicissitudes em sua primeira década de existência, sofrendo dissensões, penúria econômica, deserções e dificuldades também decorrentes de questões sociais e políticas impostas pela abolição da escravatura, seguida da queda do Império, da proclamação da República, da revolta da Armada. A primeira Diretoria da Federação ficou assim constituída: Presidente, Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros; Vice-Presidente, Manoel Fernandes Figueira; Secretário, João Francisco da Silveira Pinto; Tesoureiro, Augusto Elias da Silva; e Arquivista, Francisco Antonio Xavier Pinheiro<sup>190</sup>. Constam ainda entre os seus fundadores os denominados “científicos” Angeli Torteroli e Joaquim Távora, convidados a se cadastrarem como sócio-fundadores<sup>191</sup>.

Antes propriamente da fundação da FEB em janeiro de 1884, podemos acompanhar alguns acontecimentos que, de alguma maneira, contribuíram para esse desdobramento final. Junto ao Grupo Confúcio, constituído em 1873, com duração aproximada de seis anos, encontramos a atuação de alguns membros responsáveis pela implantação da futura Casa de Ismael (FEB), entre outros, destacamos Siqueira Dias, Bittencourt Sampaio e o professor Casimir Lieutaud. Ao grupo atribui-se a primeira revelação de ser o “Anjo Ismael” o Guia Espiritual do Brasil. Ao Grupo Confúcio seguiu-se a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, fundada em 26 de abril de 1876, em razão de graves divergências internas no grupo anterior. A nova sociedade, com uma programação em que se destacava

<sup>190</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário da Federação Espírita Brasileira – Aspectos Marcantes de sua trajetória I. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 101. n. 1857 dez. 1983. p. 355-359.

<sup>191</sup>QUINTELLA, Mauro. **História do Espiritismo no Brasil**.p. 2.

francamente o lado religioso do Espiritismo, cumpriu seu programa inicial até 1879.

Mais uma vez, por causa das inúmeras divergências entre científicos e místicos, ocorreu no interior da Sociedade de Estudos Espiritas Deus, Cristo e Caridade, novos e seguidos desmembramentos, no período entre 1877 e 1879, dando origem a novos grupos. Em 1879, a sociedade transformou-se em Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, ou simplesmente Sociedade Acadêmica, de caráter eminentemente científico<sup>192</sup>. Os místicos reorganizaram-se após a saída da sociedade e, em março de 1880, invocaram a liderança do espírito Ismael, fundaram a Sociedade Espírita Fraternidade, ou somente Fraternidade. Esse grupo continuou com a orientação religiosa até transformar-se em “Sociedade Psicológica”, findando suas atividades em 1893<sup>193</sup>. No interior do “Fraternidade”, quatro meses depois de sua fundação, em julho de 1880, ocorreu uma nova separação, quando Antônio Luiz Sayão<sup>194</sup> criou o Grupo dos Humildes, cujo programa era o estudo de *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing. Posteriormente, em setembro de 1885, o grupo passa a se chamar Grupo Ismael ou Grupo dos Estudos Evangélicos do Anjo Ismael, mantendo o mesmo programa, sob a direção de Sayão e Bitencourt<sup>195</sup>.

Em agosto de 1889, no *Reformador*, encontramos a seguinte referência aos estudos de *Os quatro Evangelhos*, em uma reunião de 24 de setembro de 1885:

Desde tempos, reuniu-se um grupo pequeno de spiritas, que dedicaram exclusivamente ao estudo dos quatro evangelhos, geralmente conhecidos, com o fim de interpretar-os em espírito e verdade.

[...]

Para isso, seguiram a ordem já estabelecida no livro do Sr. Roustaing, isto é, confrontaram o primeiro dos tres evangelistas, Matheus, Marcos e Lucas, ás passagens que se occupam de assumptos similares ou eguaes, e posteriormente estudaram só o evangelho de João.

O espírito que presidiu taes trabalhos foi Ismael, que

<sup>192</sup> MARTINS. Op. Cit. 40; ABREU. Op. Cit. p. 33-34; ACQUARONE Op. Cit. p. 49.

<sup>193</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário da Federação Espírita Brasileira – Aspectos Marcantes de sua trajetória I. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano 101. n. 1857 dez. 1983. p. 355-359.

<sup>194</sup> Antônio Luiz Saião (1829 – 1903), advogado, foi um dos fundadores do Grupo dos Humildes, depois Grupo Ismael da Federação Espírita Brasileira, destacou-se como um dos grandes pioneiros do Espiritismo. Pertenceu ao Grupo Ismael e foi um Roustaingista declarado, sendo seu grande defensor. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro:FEB, 1969. p. 139-168.

<sup>195</sup> MARTINS. Op. Cit. p. 40-43; ABREU. Op. Cit. p. 33 e 45.

segundo a crença da maioria dos spiritas, é quem dirige o spiritismo no Brazil.

Ao que nos consta, alem deste grupo só a Sociedade Fraternidade é que dedicou-se a semelhantes estudos.

[...] <sup>196</sup>

No interior da Fraternidade, onde o estudo de *O Evangelho Segundo Espiritismo*, de Kardec, era obrigatório, ocorreu a mais antiga divergência entre kardecistas e roustainguistas, quando estes, após fracassarem na tentativa de imporem suas teorias, abandonaram a sociedade e foram para o Grupo do Anjo Ismael <sup>197</sup>.

Paulatinamente, todos os grupos afinados com a filiação ideológica Espiritismo-Evangelho foram reunindo-se em torno da Federação Espírita Brasileira, consolidando-se com Bezerra de Menezes, de 1895 em diante, toda a diretriz sintetizada do dístico "Deus, Cristo e Caridade" <sup>198</sup>.

O Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael foi um dos maiores responsáveis pela futura opção de dar primazia ao viés religioso ao destino da FEB, fundado por Antonio Luís Sayão e Bittencourt Sampaio, figuras de proa do Roustanguismo no Brasil. Posteriormente, cerraram fileiras no grupo personagens da mais alta distinção em relação aos destinos da FEB, como Bezerra de Menezes, Frederico Júnior, Domingos Filgueiras, Pedro Richard, Albano do Couto e outros. Com o retorno de Bezerra de Menezes à Presidência da Federação, em 1895, o Grupo Ismael acompanhou o novo presidente, apoiando-o na direção da Casa após firmar sua integração a ela <sup>199</sup>.

Como aconteceu ao *Reformador*, seu órgão oficial, curiosamente fundado antes dela própria, no período logo após sua fundação, a Federação passou a funcionar na residência de seu fundador, Augusto Elias da Silva, para, em seguida, começar uma penosa peregrinação por diversos prédios alugados, ora por falta de recursos financeiros, ora a pedido dos proprietários <sup>200</sup>.

Em decorrência da Revolta da Armada, ocorrida entre setembro de 1893 e março de 1894, intensificou-se o abandono à Federação,

---

<sup>196</sup> Grupo de estudos evangelicos. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano VII. n. 161, 1º ago. 1889. p. 2.

<sup>197</sup> ABREU. Op. Cit. p. 48.

<sup>198</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário da Federação Espírita Brasileira – Aspectos Marcantes de sua trajetória I. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 101. n. 1857 dez. 1983. p. 358.

<sup>199</sup> Idem.

<sup>200</sup> Ibidem. p. 356.

quando praticamente ficaram suspensas todas as atividades<sup>201</sup>. Insatisfeitos com a posição política conciliadora mantida pela FEB em relação às disputas entre místicos e científicos, estes, encabeçados por Angeli Torteroli, abandonam a FEB e fundam, em 4 de abril de 1894, outra casa federativa, o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, embora o Centro funcionasse nas dependências da FEB e utilizasse o *Reformador* para divulgar suas atividades<sup>202</sup>.

Em 1895, a crise chegou ao auge, com a completa ruína das finanças da Federação, quando os poucos remanescentes recorreram a Adolfo Bezerra de Menezes, como último recurso para evitar a dissolução completa. Assim, atendendo ao pedido da comissão formada por Augusto Elias da Silva, Manoel Fernandes Figueira, Alfredo Pereira, o então gerente do *Reformador*, e o ex-Presidente da FEB, Dias da Cruz, Bezerra de Menezes aceitou a indicação à Presidência da Federação, mais uma vez, pois já exercera o cargo em 1889. Porém, dessa vez, Bezerra de Menezes foi eleito com poderes excepcionais pela Assembleia Extraordinária, de 3 de agosto de 1895, em que os estatutos da instituição foram reformados para concederem os já citados amplos poderes ao novo presidente e, também, tornar obrigatório o estudo da obra de Roustaing, conforme o artigo 4º, § 1º<sup>203</sup>. Silvino Canuto Abreu, grande intelectual espírita e profundo conhecedor do Movimento Espírita Brasileiro, destaca o fato de que, para os místicos, chegara a hora de assumir a direção da FEB mais uma vez, eo primeiro passo para a grande vitória seria eleger um presidente místico forte, que lhes garantisse a hegemonia interna e externamente anulasse a ação dos científicos da União Espírita. Desse modo, essa tarefa caberia a Bezerra de Menezes<sup>204</sup>.

Entre o fim de 1895 e o de 1897, portanto, por dois anos consecutivos, uma grande batalha foi travada por meio das páginas do *Reformador*, entre Bezerra de Menezes, expoente máximo dos chamados místicos, e por Torteroli, líder dos científicos, culminando com o fim da União Espírita.

Na sexta-feira, 15 de novembro de 1895, na primeira página do número 306, do *Reformador*, seu presidente Bezerra de Menezes

---

<sup>201</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário da Federação Espírita Brasileira – Aspectos Marcantes de sua trajetória I. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano 101. n. 1857 dez. 1983. p. 357-358.

<sup>202</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p. 4.

<sup>203</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. Op. Cit. p. 356-357.

<sup>204</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p.4.

publicou seu primeiro artigo contra os científicos, *Res nonverba*<sup>205</sup>, no qual criticava a montagem da peça *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz, durante uma das reuniões ordinárias do Congresso Espírita Permanente:

[...]

Uma sessão spirita quer se a considere científica, quer religiosamente, deve ostentar a seriedade de uma academia ou o respeito de um templo; nunca, jamais, o cenário de um theatrinho, em que se representam comédias. Se fosse o caso de não poderem todos os que quiserem, dirigir aqueles trabalhos, relevar-se-hia ao que ficasse privado de fazel-os, entregar-se á pratica do spiritismo patuá

[...] <sup>206</sup>.

Durante o período de 1º de janeiro a 1º de março de 1896, em cinco números, do 309 a 313, do *Reformador*, Bezerra de Menezes publicou uma série de artigos denominados *Os tempos são chegados*, dos quais destacamos o seguinte:

[...]

A orientação actual está muito aquém do que deve ser. A doutrina caminha por entre espinhos espalhados na estrada por seus adeptos inconscientes. Tal estado de coisas não pode, não deve continuar. É tempo de collocarmos bem alto, como disse o Bemdito Ismael, o Estandarte de Nosso Senhor Jesus Christo, afim de que todos vejam, por mais distantes que estejam, tremular a bandeira da paz, do amor e da misericórdia

[...] <sup>207</sup>.

Em 1º de fevereiro de 1896, ainda na mesma série *Os tempos são chegados III*, observamos Bezerra de Menezes qualificando o que era ser místico ou ser científico:

[...]

Eu sei que muitos que se dizem spiritas não abraçarão a sagrada bandeira: a interpretação e divulgação do Evangelho pelo spiritismo, em espirito e verdade,

---

<sup>205</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Res non verba. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIII. n. 306, 15 nov. 1895. p. 1. “Atos e não palavras”, no sentido de “o que interessa são os fatos, não as palavras”.

<sup>206</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Res non verba. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIII. n. 306, 15 nov. 1895. p. 1.

<sup>207</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Os tempos são chegados I. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 309, 1º jan. 1896. p. 1.

qualificando seus sectarios de mysticos. Mysticos, porque vêm no spiritismo, como caracter essencial, não um meio de avolumar depositos scientificos, que alias não são excluidos, mas de transformar em bons todos os maus sentimentos humanos; de melhorar até purificar o espirito humano; de substituir a arca immunda de todas as paixões humanas, por encantador escritorio, rico de siblines virtudes!

Se considervelam essencialmente o spiritismo por esta face, pela qual nol-o revelam todos os altos espiritos que conosco communicam, é ser mystico; como chamarei eu os que o consideram meio de conseguir-se a satisfação de curiosidades, muitas vezes inconfessaveis, ou mesmo de sómente consideral-o pela face que dá luz ás sciencias da terra?

É por obra d'essa variedade na concepção do caracter essencial do spiritismo, que temos andado fraccionados, cada um para seu lado, constituindo, não uma familia homogenea, como é mister á propaganda da verdadeira doutrina, mas um ajuntamento hybrido, sob uma bandeira esfarrapada, que por antinomia, tem por emblema a palavra spiritismo.

[...] <sup>208</sup>.

Finalizando a série *Os tempos são chegados III*, o presidente da FEB publicou, em 1º de fevereiro de 1896 as seguintes palavras:

[...]

Os preconceitos e o emperramento irão desaparecendo, e um dia não haverá senão um só rebanho e um só pastor; e esse rebanho será a humanidade spirita, isto é, sectária do Evangelho, explicado pelo spiritismo em espírito e verdade.

Não procedem, pois, os protestos nem de annullar-se a sciencia, que ha de vir agasalhar-se sob o pallio bemdito, nem de reduzir-se o spiritismo a uma seita quando ha de vir ser o robusto tronco, cujos ramos cobrirão com sua sombra toda a humanidade.

[...] <sup>209</sup>.

Em 15 de março de 1896, Bezerra de Menezes publicou o artigo *Falsos profetas* <sup>210</sup>. E, na mesma edição do *Reformador*, a União, por intermédio do Officio nº 248, afirmou que suas posições doutrinárias não

<sup>208</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Os tempos são chegados III. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 311, 1º fev. 1896. p. 1.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Falsos Profetas. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 314, 15 mar. 1896. p. 1.

são infalíveis e pediu que os centros espíritas manifestassem-se a respeito do problema da conceituação do Espiritismo<sup>211</sup>.

A seguir, em 1º de maio de 1896, o presidente da FEB publicou o artigo *Pelo fruto se conhece a árvore*, afirmando entre outras coisas que

[...]

É intuitivo que nem todo o que se diz spirita é spirita, isto é, comprehende a sublimidade d'esta doutrina e os deveres que lhe correm de practical-a como n'ella se contem.

Em absoluto talvez ninguem o seja, porque talvez não haja quem tenha a perfeita comprehensão dos altos princípios e observe rigorosamente os preceitos do spiritismo; mas entre os que se adornam com aquelle titulo, ha muitos que já têm a noção dos principios fundamentaes e procuram adaptar suas acções ás praticas verdadeiramente spiritas.

Estes são os que estudam e praticam o spiritismo, no exclusivo intuito de se aperfeiçoarem e de concorrerem para o aperfeiçoamento de seus irmãos, são realmente spiritas.

Os outros, os que relaxam o estudo, contentando-se com as superficialidades relaxam a pratica, que não procuram senão como meio de ver o maravilhoso, passa-tempo agradável á sua curiosidade; são spiritas *in nomine*.

[...] <sup>212</sup>.

Em 1º de julho de 1896, no *Reformador* de número 320, Bezerra de Menezes publicou o artigo *Espiritismo - ciência ou religião?*. Em resposta aos acontecimentos, a diretora do Centro da União exonera Bezerra de Menezes de sua diretoria, acusando-o de ter militância político-partidária<sup>213</sup>.

No *Reformador* de 1º de agosto de 1896 número 322, o Centro da União publicou sua deliberação do Congresso Spirita do Brasil C.S.428, em que, entre outros assuntos, conclamava os espíritas afirmando que

[...]

Na terra não ha espirito incarnado infallivel nem que possua a verdade absoluta. Podemos estar no erro ou estar

<sup>211</sup> Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 314, 15 mar. 1896. p. 2.

<sup>212</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Pelo fructo se conhece a arvore*. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 316, 1º maio 1896. p. 1.

<sup>213</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Espiritismo - ciência ou religião?*. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 320, 1º jul. 1896. p. 1.

de posse da verdade relativa, segundo o momento historico em que nos achamos.

Se estamos no erro e os estatutos que vos remetemos não correspondem, na vossa opinião, ao fim que almejamos, em nome de Deus nosso Eterno Pae de Amor e em testemunho de solidariedade spirita, dignai-vos enviar-nos os vossos conselhos e indicai-nos quaes as modificações que devemos fazer nos estatutos.  
[...]<sup>214</sup>.

Em 15 de agosto de 1896 no número 323, do *Reformador*, o presidente da FEB, Bezerra de Menezes, publicou o artigo *A verdadeira propaganda*, no qual condenava os métodos utilizados pelo Centro da União afirmando que

ensem como quizerem os que entendem dever fazer a propaganda spirita por todos os modos, mesmo nas praças, sujeitando a divina doutrina á galhofa do publico, mesmo nos theatros, em meio ao ridiculo dos espectadores e até nos alcouces, por entre os esgares despreziveisde seres infelizes seus frequentadores.

Nem Jesus, o santissimo modelo, nem os apóstolos, seus autorizados imitadores, expuzeram jamais á galhofa, ao ridiculo e aos esgares da corrupção os ensinios de salvação.

[...]

Pregar o spiritismo por toda a parte, sim; mas pregal-o com o respeito e acatamento que requer o ensino da divina revelação.

[...]

E, pois, me parece evidente: ou spirita com o Centro da União Spirita, ou spirita com a Federação Spirita Brasileira; ou abraçar a propaganda apparatusa e semi-profana, ou a que tem sido acoimada de mystica, porque se inspira nos ensinamentos do Evangelho.

Eu respeito a opinião de todos, e peço a Deus: luz para os que estiverem mal encaminhadlos, como para mim, se fôr o que está em erro<sup>215</sup>.

Em 1º de setembro de 1896, na primeira página do *Reformador* número 324, Bezerra de Menezes publicou um expediente em que afirmou que nem ele nem tampouco a FEB e o *Reformador* mantinham mais alguma relação com o Centro da União com os seguintes dizeres:

Declaração Necessaria

<sup>214</sup> Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 322, 1º ago. 1896. p. 2.

<sup>215</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. A verdadeira propaganda. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 323, 15 ago. 1896. p. 1.

Aos spiritas da Capital Federal e dos Estados, julgo do meu dever, para evitar equívocos, declarar:  
 Que nenhuma relação tenho com o Centro da União Spirita de Propaganda;  
 Que a Federação Spirita Brasileira, de que este jornal é órgão, também não faz parte d'aquelle Centro;  
 Que se, antes daminha presidencia, a Federação nomeou delegado junto á União, eu não a ratifiquei, tendo recebido o cargo com poderes discricionarios;  
 Que o facto de publicar o *Reformador* o expediente da União, não implica ligação, mas sim condescendencia, que teriamos com qualquer outro grupo spirita<sup>216</sup>.

O presidente ainda informou que destituirá o representante da FEB do Centro da União, nomeado anteriormente na gestão de Júlio César Leal. Ainda nas páginas do *Reformador*, de 1º de setembro de 1896, na primeira página, Bezerra de Menezes escreveu sobre o ser místico e científico:

E eis como Deus distribuiu as coisas de modo que concorressem para o progresso humano a religião e a sciencia, mas incluindo a sciencia no seio da religião. Sejam, pois, spiritas scientificos os que negam a N.S. Jesus Christo supremacia sobre a humanidade, que nós, os membros da Federação Spirita, nos contentamos com a *menor* partedo spiritismo, o seu caracter religioso. Nossa propaganda é esta: unamonos em Jesus, por Jesus e para Jesus, procurando comprehender e praticar os divinos ensinamentos do Evangelho<sup>217</sup>.

No exemplar seguinte do *Reformador*, em 15 de setembro de 1896, número 325, O Centro da União publicou o Ofício nº 487, no qual explicou o verdadeiro sentido da frase de Torteroli sobre o Nazareno: “Jesus não é meu Senhor - e sim meu irmão amado, que me auxilia a chegar até ele”<sup>218</sup>. Ainda nesse número do *Reformador*, Bezerra de Menezes publicou o artigo *Clama, não cesses*, em que contesta o lema “Amor, Deus e Liberdade” da União, afirmando que

[...]  
 <<Deus-Amor-e liberdade>>, é o seu lemma, com o qual procuram, sob a bandeira do spiritismo, reunir em torno de si os que se deixam levar por palavras, sem

<sup>216</sup> Expediente. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 324, 1º set. 1896. p. 1.

<sup>217</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. ... a propaganda spirita. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 324, 1º set 1896. p. 1.

<sup>218</sup> Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 325, 15 set. 1896. p. 2.

prescrutarem o fundo moral das obras.

Invocam o nome de Deus, os que não seguem systematicamente os ensinios de Jesus, que é o pensamento de Deus!

Falam em nome do amor, emanção do próprio Deus, os que não podem sentir, desde que não amam nem adoram a Jesus, puríssima incarnação do divino sentimento, como verbo do Senhor!

E pregam a liberdade; sabeis como e para o que?

Como meio de se libertarem da lei de Deus pregada por Jesus, e para abafarem os escrúpulos das almas timoratas, afim de subjugal-as ao seu modo de comprehender o amor de comprehender a liberdade, de comprehender o spiritismo!

[...] <sup>219</sup>

O presidente da FEB, no mesmo artigo, criticou o uso de flâmulas na porta do Centro da União:

[...]

Os templos não têm placas, nem flâmulas, nem arautos, pregando pelas ruas e praças ao som de timbales. Estes são meios empregados por emresas theatraes para attrahirem concurrencia. Isto é próprio de festas mundanas; nunca de exercícios religiosos

[...] <sup>220</sup>.

Na página 3, do *Jornal do Brasil*, em seu suplemento ao número 285, em 11 de outubro de 1896, Vítor Antônio Vieira, diretor de Centro de União, publicou uma extensa e pesada crítica aos artigos de Bezerra de Menezes, ressaltando que

[...]

Como diretor honorario do Centro da União Spiritica, e como pregador d'essa doutrina que tem por objectivo a pratica do Evangelho do Christo na actividade social da vida humana, sinto-me impellido a manifestar-vos a sincera magoa que me causou a leitura de uns artigos publicados no Reformador com a assignatura do dr. Bezerra de Menezes, nos quaes, dando á doutrina spiritica um caracter accentuadamente religioso, procura desorientar a quantos o lerem sobre o modo de praticar-se e propagar-se o spiritismo.

Não é de hoje que eu me manifesto adverso á orientação demasiadamente mystica que o dr. Bezerra de Menezes tem pretendido dar aos Estudos Philosophicos, assignados

---

<sup>219</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Clama, não cesses. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 325, 15 set. 1896. p. 1.

<sup>220</sup> Idem.

por Max, á philosophia spirita.

[...]

Os argumentos produzidos pelo dr. Bezerra de Menezes, em prol da sua orientação spirita não passam de vistosas bolhas de sabão, sopradas pelo seu mysticismo para desluzbrarem a simplicidade ignorante dos que não sabem ou não se querem dar ao trabalho de raciocinar [...]<sup>221</sup>.

Na edição de 2 de novembro de 1896 do *Reformador*, Bezerra de Menezes publicou a primeira parte do artigo *Fiat Lux*, no qual respondeu ao artigo de Vítor Antônio Vieira citando, da forma como segue:

Afinal o Centro de União Spirita de Propaganda, creado pelo Sr. Torteroli, disse claramente o que é e o que quer. Honra lhe seja.

Um dos seus directores, Sr. Victor Antonio Vieira, no intuito de combater nosso mysticismo, que <<desorienta a quantos nos lerem>>, publicou no Jornal do Brasil, de 10 de outubro do anno corrente, um estirado artigo em que expõe seu modo de comprehender a doutrina spirita.

<<O spiritismo é philosophia social, baseada em sciencia positiva, tendo por forma pratica, no exercício da actividade humana, os preceitos do Evangelho>>.

Deducção forçada: ou o spiritismo philosophia social, baseada em sciencia positiva, se modela pelos principios do Evangelho, para servir-lhe de forma pratica, tem o cunho de philosophia social baseada em sciencia positiva. A não ser assim, são antagonistas, e não pode um ser forma pratica do outro.

O illustre publicista do Centro não vacilla na escolha e collocando-se acima da opinião universal, resolve o dilema por estas palavras:

<<Jesus legou-nos o seu Evangelho, menos como um cathecismo religioso, do que como um cogido civil>>.

Está, pois, escripto por autoridade competente do Centro, creado pelo Sr. Torteroli, que o Evangelho de N. S. Jesus Christo é, em sua essência, um código civil!

E, pois, o spiritismo do Centro da União Spirita de Propaganda é pura philosophia social, baseada em sciencia positiva, não se prendendo ao Evangelho senão porque este é <<código civil>>.

Mais claramente não pode ser definida a fé spirita do Sr. Victor Vieira, do Centro Torteroli, e de todos os que alli commungam.

Esta feita a luz!

---

<sup>221</sup> VIEIRA, Vítor Antônio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. n. 285. suplemento ao número 285, 11 de out. de 1896.p 3.

[...]²²².

Na mesma edição do *Reformador*, o Centro da União divulgou o Ofício nº 522, de 30 de outubro de 1896, garantindo que levaria o problema da natureza e conceituação do Espiritismo à decisão do Congresso Espírita Permanente, que seria realizado no ano vindouro, em 28 de agosto de 1897²²³.

Em 15 de novembro de 1896, no *Reformador*, Bezerra de Menezes publicou a segunda parte de *Fiat Lux*:

[...]

Quem diz regeneração, diz aperfeiçoamento moral, embora não exclua este o desenvolvimento intelectual.

Ao contrário, nós cremos que o saber e a virtude são as duas fontes onde o espírito vai beber os elementos de seu progresso para a perfeição.

<<Sciencia e religião diz o Evangelho segundo o spiritismo, são as duas alavancas da inteligencia humana; uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral; porem ambas, tendo o mesmo principio, que é Deus, não podem contradizer-se.>>

Se é assim, (e negal-o é recusar os principios fundamentaes da doutrina spirita) o spiritismo comprehende sciencia e religião, não religião praticada por culto externo (confissão ou igreja), mas religião fundada na crença das leis divinas reveladas á humanidade, para regeneração moral .

Se o spiritismo é sciencia e religião, como o ensina a doutrina, porque eliminar-se-lhe a parte religiosa e dar-se-lhe, como característico, a parte scientifica, ensinando-se que é elle philosophia social, baseada em sciencias positivas, segundo diz o Centro por seu órgão, n'estas palavras: <<o spirirtismo e o Evangelho deixam de ser uma religião, para serem positivamente um systema político>>?

Nós julgamos que esta opinião é inteiramente contrária á doutrina, que consagra tanto a sciencia como a religião; e como a regeneração da humanidade, isto é, sua purificação moral, é o fim exclusivo das revelações mosaica, messiânica e spirita, cremos por isto que taes revelações e, porconsequente, o spiritismo, assentam essencialmente na religião, visto que disse o Espirito da Verdade: <<o mundo e a sciencia humana) é impotente para dar-v0s força e consolação>>.

²²² MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Fiat Lux I. Reformador*. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 328, 2 nov. 1896. p. 1.

²²³ Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 328, 2 nov. 1896. p. 4.

[...] <sup>224</sup>.

Ainda em 15 de novembro de 1896, no *Reformador*, Bezerra de Menezes publicou a primeira parte de *Uma simples réplica*. Como o próprio nome sugere, o segundo artigo era uma resposta às críticas do científico Vítor Antônio Vieira:

[...]

Se meus argumentos são bolhas de sabão, permita-me dizer-lhe: fez mal em dar-lhes consideração porque o que não tem valor por si mesmo se desfaz, como bolhas de sabão.

Diz-me-há que veio salvar do perigo de se deslumbrarem os simples ignorantes, que não sabem ou não querem raciocinar.

Terá, talvez razão; mas diga-me: tem absoluta certeza de que o meu fanatismo religioso perde, e o seu fanatismo anti-religioso salva?

[...] <sup>225</sup>

Em 1º de dezembro de 1896, o *Reformador* esclareceu que alguns grupos espíritas romperam com o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil: Esperança e Fé, de Franca; Filhos de Deus, de Barra do Pirai; e Antônio de Pádua, de Ouro Preto<sup>226</sup>. E Bezerra de Menezes publicou a terceira parte de *Fiat Lux III*:

[...]

Ou é falso isto que ensina a doutrina spirita, ou não é spirita senão de nome o Centro de União Spirita de Propaganda, em cujo nome o Sr. Victor Vieira prega o antagonismo da sciencia e da religião.

Nós, os mysticos, temil-o dito á saciedade, embora entendamos que o spiritismo é uma revelação religiosa, cujo fim *essencial* é explanar os ensinios do Evangelho, nós os mysticos não repellimos a sciencia e, muito pelo contrario, sustentamos que ella concorre para o progresso do do espirito; nós não suprimimos uma das alavancas proclamadas pela doutrina.

O Centro, pois exultando por ver que a intelligencia humana se desprende das peias da religião para dirigir-se livremente ao estudo da natureza, manifesta idéias tão

---

<sup>224</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Fiat Lux II*. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 329, 15 nov. 1896. p. 1.

<sup>225</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Uma simples replica I*. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 329, 15 nov. 1896. p. 1.

<sup>226</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Protesto*. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 330, 1º dez. 1896. p. 2.

francamente *materialistas*, que só poderá impor de spirita a quem não possuir nem o simples senso comum.  
[...]<sup>227</sup>

Também fez publicar a segunda parte de *Uma simples réplica* em resposta a Vítor Antônio Vieira:

[...]  
Eu já tenho dito que o spiritismo, essencialmente religioso, por ser complemento da revelação messianica compreende no entanto, a sciencia; porque o espirito chega á perfeição pela virtude e pelo saber. Sendo assim, quer se o considere sob o ponto de vista religioso quer sob o scientifico, é de origem divina; porque diz o Evangelho segundo o spiritismo: sciencia e religião tem o mesmo principio, que é Deus. Não é, pois, minha porem da doutrina a demonstração da procedencia divina do spiritismo, e não pode ser spirita quem não acceta os principios deliniados pelo spiritismo. A questão, porem, não é esta, mas sim dizer eu que o spiritismo é essencialmente religioso. Ahi é que está o meu *sacrilego mysticismo*.  
[...]<sup>228</sup>

Já em 15 de dezembro de 1896, Bezerra de Menezes continuou na série *Fiat Lux*, em seu quarto artigo, no qual explicou que o Espiritismo do Centro da União era uma grande contradição quando declarava que

[...]  
Crer em Deus e dizer: <<que Jesus, por Elle enviado a guiar a humanidade á salvação, *ostentava a sua irreligiosidade, menosprezando publicamente os preceitos da religião mosaica*>>, e dizer <<que o Evangelho, o repositório das verdades eternas, confiadas pelo Pae ao Divino Mensageiro, para Illuminarem o caminho da salvação, não passa de um código civil, de um *systema politico*>>, é sustentar o contrario do que diz crer. O Centro da União Spirita de Propaganda crê em Deus por aquelle modo, segundo se lê no artigo publicado pelo Sr. Victor Vieira director daquelle Centro e, portanto, seu autorizado órgão.  
[...]<sup>229</sup>

<sup>227</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Fiat Lux* III. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 330, 1º dez. 1896. p. 1.

<sup>228</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Uma simples réplica* II. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 330, 1º dez. 1896. p. 1.

<sup>229</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Fiat Lux* IV. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 331, 15 dez. 1896. p. 1.

Continua ainda em seu artigo, *Uma simples réplica*, em resposta a Vítor Antônio Vieira:

[...]

Admittir que tudo é obra de Deus, e exultar por ver uma parte d'ella divorciada da outra, é o que eu não comprehendo, é o que só o Centro da União de Propaganda poderá comprehender, por artes do seu spiritismo que comprehende estes altissimos principios: Deus não castiga nem perdôa; Jesus ostentou sua irreligiosidade, menosprezando publicamente os preceitos da religião mosaica; o Evangelho é um código civil, um system juridico nada mais; o spiritismo... de philosophia social, de systema político.

[...] <sup>230</sup>

Na edição de 1º de janeiro de 1897, do *Reformador* número 332, Leopoldo Cirne, vice-presidente da FEB desde a saída de Dias da Cruz, publicou um longo e inusitado artigo de uma página e meia, intitulado *Pax!*<sup>231</sup>, pedindo a união da família espírita brasileira. Inusitado na medida em que Leopoldo Cirne pode ser apontado como um dos responsáveis pelos embates entre místicos e científicos.

Em resposta ao artigo de Cirne, no *Reformador*, de 15 de janeiro de 1897, Bezerra de Menezes publicou o artigo *Paz*, em que o presidente da FEB discorda veementemente de Cirne e chega a usar de um tom muito agressivo, declarando *Guerra aos que dão costas à luz*<sup>232</sup>.

Em 1º de fevereiro de 1897, Bezerra de Menezes publicou, no *Reformador*, o artigo *Mirabile dictu* (Admirável de se dizer), discordando da ideia de definir o Espiritismo em um congresso e afirma que

o Centro da União Spirita de Propaganda convocou para o dia 28 de agosto d'este anno um congresso spirita, destinado a definir o spiritismo.

É a ideia mais arrojada de quantas têm brotado do cerebro humano, depois dos tempos da cavallaria andante!

Um punhado de homens, sem compettencia litteraria ou scientifica, seja dito sem offensa a seu character, pretenderem dar ao mundo a definição do spiritismo!

Mas, antes de tudo, o spiritismo ainda está por definir? Haverá, entre os letrados, alguém que não saiba o que

<sup>230</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Uma simples réplica III. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano XIV. n. 331, 15 dez. 1896. p. 1.

<sup>231</sup> CIRNE, Leopoldo. Pax!. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano XV. n. 332, 1º jan. 1897. p. 1-2.

<sup>232</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Paz. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano XV. n. 333, 15 jan. 1897. p. 1.

elle é? Há para mais de meio século que despontou na terra, que tem invadido as massas, que se constituiu estudo obrigatório dos sábios, e no entanto ainda não se sabe o que é elle!

Sim, ainda não se sabe; pois que o Centro de União Spirita de Propaganda vai reunir um congresso para dizelo, definil-o!

[...]

Assim pois os que quizerem guerrear o spiritismo, definido por Allan Kardec, Roustaing e todo mundo, ligue-se ao Centro e concorra ao tal congresso; mas saibam que vão trabalhar pela destruição as doutrina santa; e não pela definição, como lhes fazem crer.

[...]

Façam seu congresso de sábios, pois que vão definir o dogma do spiritismo scientifico, e sejam muito felizes com o seu dogma, que nós preferimos a humildade dos pequeninos a quem \deus descobre as excelsas verdades. Só lastimamos uma coisa, e é que os scientistas do Centro exponham o spiritismo do Brazil, com tal invenção do congresso, ao mais ridiculo de todos os ridiculos!<sup>233</sup>

Conforme Mauro Quintella, em sua *História do Espiritismo no Brasil*, sobre essa grande demanda, salienta o pesquisador que, em 1º de novembro de 1897, os diretores do Centro de União Augusto Elias da Silva, Ernesto dos Santos Silva, João Gurgel Valente, José Vila Franca e Manoel Joaquim Maximino divulgaram um lacônico comunicado ao movimento espírita, por meio de diversos jornais cariocas, informando que haviam abandonado aquela instituição e que não há indícios de que Pinheiro Guedes, Lima, Cirne e Júlio César Leal igualmente tenham abandonado a instituição naquele momento<sup>234</sup>. O *Reformador*, de 15 de novembro de 1897, número 353, reproduziu o comunicado dos diretores do Centro:

Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil  
Os infra assignados declaram que n'esta data deixaram de fazer parte do Centro da União Spirita de Propaganda, como sócios e directores da mesma sociedade.  
Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1897.  
Augusto Elias da Silva.  
Ernesto dos Santos Silva.  
João Gurgel do Amaral Valente.  
José Villa Franca  
Manoel Joaquim Moreira Maximino<sup>235</sup>.

<sup>233</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. Mirabile dictu! **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XV. n. 334, 1º fev. 1897. p. 1.

<sup>234</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p.6.

<sup>235</sup> Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XV. n. 353, 15 nov. 1897. p. 2.

Do artigo de 15 de novembro de 1897, denominado *Lamentável*, Bezerra de Menezes comentou a saída dos membros do Centro da União:

[...]

Gravísimos motivos, effectivamente actuaram no animo d'esses nossos confrades para assim procederem, mas sómente agora acabam de chegar ao nosso conhecimento;

[...]

[Reformador] vem lavrar o seu protesto; vem declarar ao mundo spirita que o Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil mentiu á sua missão e, abandonado pelo nucleo mais forte dos directores que até aqui haviam luctado por manter a sua cohesão, entra francamente n'uma phase de perigosa dissolução, sustentado e mantido exclusivamente pela vontade caprichosa de um falso apostolo, [Tortero] que, no seu desvario, na sua transloucada pertinácia, expulsou do seu gremio os unicos que ainda poderiam prestigial-o pelos seus conhecimentos e pelas virtudes pessoais e que, em face da resistencia ameaçadora que encontram á sua tentativa de fechar aquelle grupo, em virtude dos seus resultados negativos, tiveram de recuar abandonando o campo, para não darem o publico testemunho do escandalo que não pode ser a arma do verdadeiro spirita christão

[...] <sup>236</sup>.

Como podemos verificar anteriormente, em virtude da total opposição desferida por Bezerra de Menezes, principalmente contra o principal dirigente, o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil acabou cerrando suas portas no fim de 1897. Como bem afirma Quintella, o fim do Centro da União decreta a desarticulação dos científicos e possibilita a restauração de uma FEB totalmente mística e roustanguista<sup>237</sup>. Essa vitória marcará o caráter da FEB até os dias atuais, em que as questões referentes à adoção do roustanguismo ainda geram conflitos no interior do movimento, responsáveis que são por diversos cismas.

Nessa primeira geração, podemos apontar, sem sombra de dúvidas, Bezerra de Menezes como a principal figura do Espiritismo Brasileiro e também como o intelectual espírita de maior destaque. Também merecem destaque nessa época outros intelectuais ligados à

---

<sup>236</sup> MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Lamentavel*. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XV. n. 353, 15 nov. 1897. p. 1.

<sup>237</sup>QUINTELLA.Op. Cit. p.10.

Federação como: o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros, o célebre poeta Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834 – 1895), Dr. Joaquim Carlos Travassos (1839 – 1915), Antônio Luís Sayão (1829 - 1903), Leopoldo Cirne, Francisco de Menezes Dias da Cruz, o poeta alagoano Júlio César Leal, Pedro Richard e outros.

Agora damos um salto em nosso breve relato das Gerações Espíritas até atingirmos o início da segunda geração.

### 1.3.2 – 2ª Geração – A Liga

Com a morte de Bezerra de Menezes, em 11 de abril de 1900, Leopoldo Cirne assumiu a direção da FEB e realizou profundas reformas nos estatutos da instituição, retirando os amplos poderes concedidos ao presidente e também retirando a obrigação de se estudar a obra de Roustaing. O estudo de *Os Quatro Evangelhos* passaria a ser opcional no interior da FEB. Somente em 1917, com o segundo mandato de Aristides Spínola, restabeleceu-se a obrigatoriedade do estudo de Roustaing, o que continua até hoje.

A reforma parcial da Constituição Brasileira de 1925 – 1926<sup>238</sup>, realizada durante o governo de Artur Bernardes (1922 – 1926), possibilitou uma reação de correntes ligadas ao Catolicismo no interior do Poder Legislativo Federal, em que destacamos a criação de emendas, dispondo sobre o ensino religioso, caracterizando a tentativa de definir o Catolicismo como religião oficial do povo brasileiro. Destacou-se nesse sentido o deputado católico, Plínio Marques, representante do Estado do Paraná, ao introduzir, na reforma, emendas oficializando o estudo do Catolicismo nos escolas do país, o que ficou conhecido como “Emendas Plínio Marques” ou “Emendas Católicas”<sup>239</sup>.

Diante desses fatos, deu-se uma grande reação nacional contrária a eles, unindo evangélicos, espíritas, maçons e outros grupos

---

<sup>238</sup> Durante a presidência de Artur Bernardes (1922 – 1926), a Constituição de 1891 sofreu uma Reforma Constitucional (1925 – 1926), a qual fortaleceu o Poder Executivo Federal, ampliando o direito de intervenção federal nos Estados, dando maior autonomia para instalação do estado de sítio, intervenção nos sindicatos e limitação do direito ao *habeas corpus*, e o Presidente da República passa a ter o direito de vetar, parcialmente, leis aprovadas pelo Congresso Nacional. Conforme ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 518-558.

<sup>239</sup> HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico.– Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era Vargas. Disponível em: <<[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_huff.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_huff.htm)>> Acesso em: 1º jul. 2014. Ver também QUINTELLA. Op. Cit. p. 11-12.

que se coligaram, a fim de derrubarem as emendas na Câmara Federal, obtendo sucesso nessa empreitada.

No interior do Movimento Espírita Brasileiro, foram realizadas várias reuniões nos centros espíritas, com o objetivo de se obter o apoio necessário do movimento contra o projeto do deputado paranaense. Essas reuniões por vias indiretas desencadearam uma grande crise no interior do Movimento Espírita Brasileiro, caracterizada pela alegada inação da FEB<sup>240</sup>, proclamada por seus opositores, quanto ao processo que culminou com a não aprovação de tais emendas no Congresso Nacional. O grande sucesso das reuniões no interior do movimento levou os grupos a decidirem pela ampliação de sua agenda e, assim, começaram a discutir os problemas referentes à unificação espírita, o que proporcionou à formação de um movimento, que pleiteava a criação de um Congresso Constituinte Espírita Nacional, o qual seria responsável pela criação de uma Constituinte Espírita Brasileira<sup>241</sup>. Desse movimento, surgiu a Liga Espírita do Brasil<sup>242</sup>, criada na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal. Instituição de vertente Kardecista, fundada em moldes federais, com o intuito de unificar o movimento espírita em âmbito nacional, apresentava-se como alternativa à contestada liderança da FEB, conforme veremos a seguir<sup>243</sup>.

Mais à frente, neste trabalho, quando discutiremos as lutas travadas no interior do Campo Espírita Brasileiro, analisaremos com mais detalhes as lutas empreendidas entre a FEB e a Liga em busca da hegemonia nesse campo.

---

<sup>240</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. Campinas: Editora Átomo, 2004. p. 68-69.

<sup>241</sup> Movimento formado por membros do movimento espírita, o qual visava à unificação deste, inicialmente com uma entidade que substituisse a FEB. Mas a iniciativa acabou reduzindo-se apenas ao limite de uma Assembleia, realizada em 31 de março de 1926, da qual resultou a fundação, na mesma data, da Liga Espírita do Brasil, a qual se propunha também a federar as instituições espíritas. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p.7, out. 1999.

<sup>242</sup> Fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, com o advento do Pacto Áureo, teve a sua denominação modificada para Liga Espírita do Distrito Federal, passando a integrar a organização federativa coordenada pela FEB, como membro do Conselho Federativo Nacional (CFN). Com o passar dos anos, sua denominação foi alterando-se até chegar à atual: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999 e também o sítio do CEERJ < Disponível em:

<[http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=20&Itemid=34](http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=34)>. Acesso em: 1º nov. 2007.

<sup>243</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 68-69.

Nas páginas da *Revista Espirita do Brasil*, encontramos alguns relatos dos desdobramentos que antecederam a fundação da Liga Espirita do Brasil:

[...]

A Liga Espirita do Brasil, surgida como resultante de reaes anseios de um systema federativo das associações espiritas, e, ao mesmo tempo, de uma acção de legitima defesa, quando um dos representantes da nação com as exquisitas emendas religiosas pretendeu nos fazer retrogradar nos nossos principios de crença consciente, de fé raciocinada, já, então, em uma relatividade de independencia bem accentuada, a Liga Espirita do Brasil nos seus primeiros tempos de vida luctou e venceu difficuldades as duras.

Foi em 1926, com o fim combativo áquella exdruxula ideia e mais o de estudar-se o systema federativo das associações, que então na existia bem definido, que sob a chefia dos nossos amados irmãos desembargador Gustavo Affonso Fornesse e o jornalista e professor Nobrega da Cunha, aos quaes nesta hora prestamos nas colunas da Revista Espirita do Brasil o mais assignalado preito de veneração, realizou-se auspiciosamente a reunião dos directores das associações desta capital para o fim especial de assentarem-se as bases de uma acção enérgica tolher a nossa liberdade de pensar e de crêr, que a nossa constituição nos garante.

[...]

No Congresso Constituinte Espirita Nacional estiveram representadas 286 das 620 associações convidadas.

Conjuncta e calorosamente foi aclamado o primeiro Conselho Director da Liga Espirita do Brasil, composto dos seguintes confrades: Desembargador Gustavo Affonso Fornesse, presidente; Jarbas Ramos e General Jacques Ourique, 1º e 2º vice-presidentes; professor Nobrega da Cunha e Arthur Fonseca, 1º e 2º secretários; Candido Damazio Filho e D. Guiomar Alvim de Figueiredo Ramos, 1º e 2º thesoureiros.

[...]

O Congresso Constituinte Espirita Nacional, pelos seus trabalhos, por vezes, agitados pelas calorosas e necessárias discussões, visto como tratar-se de um vasto plano de remodelação no sentido de assentarem-se as bases do systema federativo e diffusão dos estudos da doutrina e pratica do Espiritismo nos aspectos scientifico-philosophico-religioso, nos promettia um periodo de luctas de toda ordem com o fim de impedir a vida serena e gallarda que hoje, mais ou menos, vae gozando a Liga Espirita do Brasil.

[...]

Como cellulas do organismo federativo da Liga Espirita do Brasil, estão devidamente instaladas a Liga Espirita do

Distrito Federal e as Ligas Espíritas dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes e Pernambuco, as Ligas Espíritas Municipais de Petropolis e Juiz de Fora.

Por enquanto os trabalhos de propaganda da Liga Espirita do Brasil constam das “conferencias”, que se realizam nos primeiros domingos de cada mez, e das <<semanaes>> nos demais domingos, ás 6 horas da tarde na Casa dos Espíritas.

O estudo nas “semanaes” vêm sendo feito entre os directores de associações, presidentes de sessões e os espíritas em geral, aggregados ou não á Liga Espirita do Brasil, no decorrer de palestras intimas.

[...] <sup>244</sup>

Como é possível observar na *Revista Espirita do Brasil*, o Congresso Constituinte Espirita Nacional contou com a presença de 286 das 620 instituições convidadas, ou seja, um pouco mais que um terço dos convidados participou. A presidência do Congresso ficou a cargo do Desembargador Gustavo Farnese, e o escritor maranhense Coelho Neto, considerado o Príncipe dos Prosadores Brasileiros, ficou com a vice-presidência<sup>245</sup>.

Entre os mais diversos participantes do congresso, podemos destacar a presença de: Jacques Ourique, Nóbrega da Cunha, Xavier de Araújo, João Torres, Jarbas Ramos, Estevão Magalhães, Guiomar Ramos, Bertoldo dos Santos, Florentino Rego, Arthur Machado, Alfredo Molinaro, Brandão da Rocha, Lameira de Andrade, Arthur Fonseca, Cândido Damázio, Alves Júnior e Angeli Torteroli<sup>246</sup>.

A plenária do “Congresso Constituinte” aprovou a “Constituição Espirita do Brasil”, e, de acordo com esse documento, a instância máxima dos espíritas brasileiros passaria a ser a Assembleia Espirita do Brasil, que se reuniria anualmente. Couberia à Liga Espirita do Brasil atuar como órgão executor das decisões da Assembleia. Ficou firmado igualmente que mais tarde deveriam ser fundadas ligas municipais e estaduais para congregar os Centros Espíritas que desejassem participar desse novo esquema federativo<sup>247</sup>.

O primeiro presidente da Liga foi o Desembargador Gustavo Farnese, que a implantou e organizou dentro do seu próprio escritório de trabalho. Já no segundo triênio (1929 – 1932), João Torres o sucedeu e inaugurou a sede provisória, na qual instituiu um curso popular de

<sup>244</sup> Liga Espirita do Brasil. *Revista Espirita do Brasil*. Rio de Janeiro, 1º de jan. 1929. Ano II. n.1. p. 3-5.

<sup>245</sup> Idem.

<sup>246</sup> QUINTELLA.Op. Cit. p.13.

<sup>247</sup>Ibidem.13-14.

Espiritismo; além disso, fundou *Revista Espírita do Brasil*, que circulou de 1929 a 1952<sup>248</sup>.

Nos anos seguintes, a Liga atuou de forma a fornecer todo o apoio possível à Coligação Pró-Estado Leigo, criada em 17 de maio de 1931, a qual “congregava pessoas das mais diferentes orientações intelectuais, na defesa da separação entre Igreja e Estado e na luta pela igualdade de credos na futura constituição”<sup>249</sup>, entidade ecumênica presidida pelo espírita Lins de Vasconcelos<sup>250</sup>.

Fizeram parte da Liga, em seus diversos anos, os seguintes intelectuais espíritas: Deolindo Amorim, Francisco Klörs Werneck, Godofredo dos Santos, Jonatas Botelho, Mário de Castro Pinto, Antônio Vieira Mendes, Edmundo Albuquerque, Geraldo de Aquino, Abstal Loureiro, Lipman Tesch D'Oliver, João Pinto de Souza, Moreira Guimarães, Calazans de Campos, Venâncio Martins, Itália Martins, Barbosa da Paixão, Bandeira de Melo, João Carlos de Assis, Álvaro de Abreu, Manoel Raimundo da Paz, Luciano Costa, Floriano Burlamaqui, Mário da Gama, Jacy Sebastião, Sebastião Tourinho, Henrique Magalhães, José Fernandes de Souza, Constantino Gomes de Carvalho e J.B. Chagas.

A Liga Espírita do Brasil, como vimos, rapidamente nasceu como uma alternativa à proposta federativa capitaneada pela FEB, que passava por um processo de grande contestação quanto ao papel de sua liderança no Movimento Espírita Brasileiro. A FEB, liderada principalmente por Manoel Quintão, Guillon Ribeiro e Wantuil de Freitas, três dos principais intelectuais ligados à sua direção à época, lutou contra esse estado de coisas. Podemos destacar como um importante movimento elaborado pela FEB em sua defesa e consequente luta pela liderança do Movimento Espírita Brasileiro, símbolo de sua futura vitória, o lançamento do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, como mencionado, e seu papel como o veículo constituidor da legitimação da FEB no que se refere ao Campo Espírita Brasileiro e sua liderança.

### 1.3.3 – 3ª Geração – O Pacto

O Pacto Áureo, firmado em 1949 entre a FEB e outras lideranças do movimento espírita nacional, fato institucionalizador da

<sup>248</sup> Liga Espírita do Brasil. *Revista Espírita do Brasil*. 1/06/1929n. 6. p.149.

<sup>249</sup> ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 103.

<sup>250</sup> QUINTELLA.Op. Cit. p.14.

próxima geração, transformou a Liga em entidade federativa de âmbito regional, transformando-a em Liga Espírita do Distrito Federal, subordinando-a à FEB.

A terceira geração que apontamos possui como grande marca o estabelecimento do Pacto Áureo, em 1949. Podemos ressaltar a assinatura do Pacto Áureo, como o ponto de inflexão da definitiva ascensão da FEB ao cargo de instituição de maior prestígio, detentora do maior capital simbólico, do Campo Espírita Brasileiro. Neste momento do nosso trabalho, a fim de não torná-lo repetitivo, visto que retornaremos mais à frente à questão do Pacto Áureo com detalhes, fica aqui apenas o registro de sua marca como fato inicial dessa importantíssima geração intimamente ligada ao futuro da FEB.

#### 1.3.4 – 4ª Geração – Internacionalização

Assim, chegamos à quarta geração, marcada pela criação do Conselho Espírita Internacional (CEI) e a difusão do Espiritismo à Brasileira pelo mundo, em que podemos destacar o trabalho da FEB com o objetivo de formar uma comunidade espírita transnacional que envolva a exportação de um modelo de Espiritismo desenvolvido no Brasil, em comunidades latino-americanas, hispânicas, portuguesas e na diáspora brasileira no exterior.

O CEI, fundado em 28 de novembro de 1992, na cidade de Madrid, na Espanha, é o organismo resultante da união de diversas associações representativas dos Movimentos Espíritas Nacionais. Objetiva trabalhar em conjunto com os representantes de cada país, promovendo seminários, cursos, eventos regionais e congressos mundiais a cada três anos. Até hoje já foram realizados sete congressos internacionais. O primeiro congresso ocorreu em Brasília, em 1995; o segundo, em Portugal, na capital Lisboa, em 1998; o terceiro, na cidade de Guatemala, na Guatemala em 2001; o quarto congresso, em 2004, foi realizado na cidade de Paris, na França; em 2007, o quinto congresso aconteceu na cidade de Cartagena, na Colômbia; o sexto congresso realizou-se em Valencia, na Espanha; e, por fim, o sétimo Congresso Espírita Mundial foi realizado na cidade de Havana, em Cuba, em 2013; e, por fim, o oitavo Congresso Espírita Mundial foi realizado na cidade de Lisboa, em Portugal, em 2016<sup>251</sup>.

---

<sup>251</sup> CEI. 8º Congresso Espírita Mundial. Disponível em: <<<http://www.8cem.org>>>. Acesso em: 15 nov. 2016. Ver também – Conselho Espírita Internacional. Disponível em: <<<http://cei.spirite.org/pt/>>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

O CEI é dividido em quatro coordenadorias (Europa, América do Norte, América Central, Panamá e Caribe e América do Sul), criadas a fim de facilitarem a operacionalização dos trabalhos realizados pelo Conselho junto as diversas instituições nacionais, por meio da manutenção constante do contato entre as Instituições Espíritas nacionais e a coordenadoria responsável de sua região<sup>252</sup>.

O antropólogo Bernardo Lewgoy, desde meados da década de 2000, vem estudando o fenômeno que chamou de “Transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro”<sup>253</sup>, no qual procura compreender a hegemonia do espiritismo brasileiro diante do espiritismo disseminado pelo mundo. Para tanto, o autor salienta como fundamental para a criação desse circuito espírita internacional as ações de entidades federativas, como a Federação Espírita Brasileira, o Conselho Espírita Internacional e as suas parceiras, como as Associações Médico-Espíritas<sup>254</sup>.

Lewgoy aponta dois momentos distintos do desenvolvimento do Espiritismo Brasileiro, patrocinado pela Federação Espírita Brasileira. O primeiro deles é caracterizado principalmente pela atuação do médium Chico Xavier e possui como principal destaque o movimento de “tornar-se brasileiro” do espiritismo francês, no qual a FEB passa a conferir ao Espiritismo raízes verde-amarelas típicas da década de 1930, como podemos observar no livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, citado anteriormente<sup>255</sup>.

O segundo momento é representado pela atuação do médium Divaldo Pereira Franco, o qual representa a vontade de expansão internacional da FEB, caracterizada por um espiritismo à moda brasileira; entretanto, sem perder a referência original nos trabalhos desenvolvidos por Allan Kardec<sup>256</sup>. Lewgoy aponta como característica básica desse período o fato de que “a recepção ao espiritismo articula-se à organização de grupos que fora do Brasil reproduzem o modelo brasileiro de funcionamento, vivência doutrinária e práticas rituais das casas espíritas”<sup>257</sup>. Além da destacada atuação de Divaldo

---

<sup>252</sup> Departamentos CEI. Disponível em: <<[www.cei.spirite.org/pt/departments/](http://www.cei.spirite.org/pt/departments/)>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

<sup>253</sup> LEWGOY, Bernardo. **Transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro**: uma discussão inicial. Rio de Janeiro:Religião e sociedade, 2008. p.84-104.

<sup>254</sup> LEWGOY, Bernardo. Entre herança européia e hegemonia brasileira: notas sobre o novo espiritismo transnacional. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João. (Org.). **Transnacionalização religiosa**: fluxos e redes. São Paulo:Editora Terceiro Nome, 2012. p. 101.

<sup>255</sup> LEWGOY (2008). Op. Cit. p.89-91.

<sup>256</sup> Ibidem. p. 91-92.

<sup>257</sup> Ibidem. p. 90

Franco à frente das plateias de simpatizantes do Espiritismo pelo mundo afora, Lewgoy ressalta as atuações de outros médiuns também poderosos e performáticos, como o primeiro, e destaca como exemplos Raul Teixeira e médicos, como Marlene Nobre, presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil). Soma-se à atuação dos médiuns e médicos espíritas o protagonismo político dos dirigentes do CEI, especialmente Nestor João Massoti, ex-presidente da FEB e secretário-geral do CEI e de Antonio Cesar Petri de Carvalho, ex-presidente da FEB<sup>258</sup>.

Divaldo Franco, pelo olhar de Lewgoy, é o segundo homem em importância no Espiritismo Brasileiro, logo após de Chico Xavier. Divaldo Franco foi fundamental no proselitismo e na constituição das redes espíritas no exterior entre brasileiros e estrangeiros. Desde a década de 1990, o Espiritismo tem se articulado em vários países, realizando congressos mundiais, nacionais e regionais<sup>259</sup>.

Outra estratégia usada pela FEB, para assegurar sua condição de maior instituição espírita em nível internacional, é a atuação de sua editora, associada à distribuição e venda dos seus respectivos livros. A FEB tomou a iniciativa de traduzir para diversos idiomas as obras espíritas, fazendo com que cheguem aos mais diferentes países, exceção feita ao mundo francófono, o qual consegue manter uma pequena independência em relação à FEB. Dessa maneira, a “Federação Espírita Brasileira” busca fornecer o sustento intelectual, ritual e doutrinário para o Espiritismo Internacional. Junta-se a essa estratégia a realização de cursos de formação de dirigentes, divulgadores, médiuns e oradores espíritas em sua sede, apoiada em vasta bibliografia técnica de apoio às atividades ordinárias de centros espíritas, envolvendo aspectos organizacionais, administrativos e legais dos centros espíritas<sup>260</sup>.

Mediante o trabalho de divulgação internacional, realizado por Divaldo Franco, a figura de Chico Xavier tornou-se a personagem mais divulgada no Espiritismo internacional, logo após Allan Kardec, fato que simboliza o sucesso do Espiritismo Transnacional arquitetado e liderado pela Federação Espírita Brasileira. Por consequência, a presença de Chico Xavier e Divaldo Franco, entre as recomendações bibliográficas, é indicador seguro da influência brasileira no Espiritismo local<sup>261</sup>.

---

<sup>258</sup> LEWGOY (2012). Op. Cit. p. 103-104.

<sup>259</sup> LEWGOY (2008).Op. Cit. p.91-92.

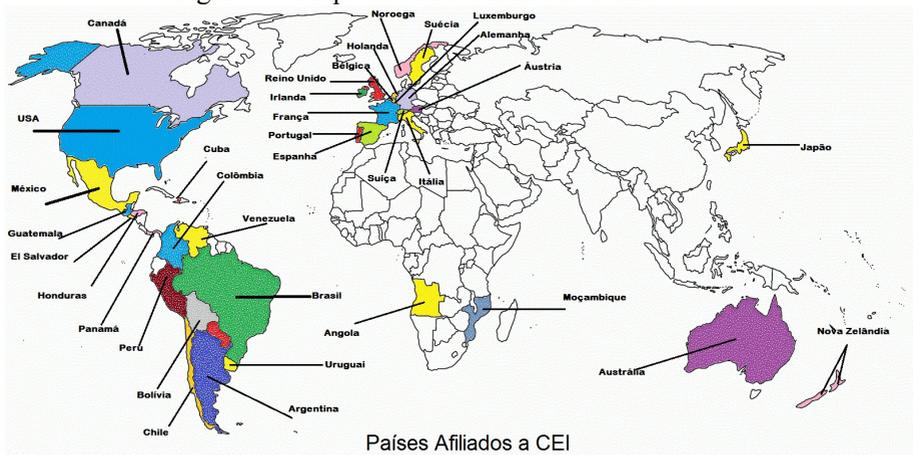
<sup>260</sup> Ibidem. p. 92-93.

<sup>261</sup> Idem.

Por intermédio das várias ações desenvolvidas pela FEB, como a criação de redes internacionais em conjunto com espíritas de cada país, o incremento do circuito de palestras e conferências, os diversos Congressos Espíritas e também de Médicos-espíritas, workshops, as inúmeras traduções dos livros de Chico Xavier e de Allan Kardec e a busca pela unificação dos princípios pedagógicos de formação de lideranças e práticas espíritas, a Federação busca tornar o Espiritismo uma religião globalizada<sup>262</sup>.

Outro passo importante nesse sentido são as alianças forjadas com segmentos não espíritas em busca de novos diálogos que aproximam o Espiritismo do movimento denominado de Nova Era como se pode observar nas parcerias, com Raymond Moody, e nas “experiências de quase morte”, com Carol Bowman, e a “reencarnação”, com o físico Amit Goswamie a “Física da alma” entre outros<sup>263</sup>.

Figura 6 – Mapa de Países Afiliados a CEI



Fonte: Autor

O Conselho Espírita Internacional possui como membros efetivos 36 países, os quais listamos no Anexo B com suas respectivas instituições aglutinadoras. Alguns outros países mantêm relações com o CEI sem fazerem parte do conselho como membros efetivos como, por exemplo, Hungria, República Checa e Rússia.

## Capítulo 2 – O projeto homogeneizante da FEB e a imprensa espírita

<sup>262</sup> LEWGOY (2012). Op. Cit. p. 103-104.

<sup>263</sup> Idem.

## 2.1 – Periódicos Espíritas

Como pudemos observar no capítulo anterior, a ligação do Espiritismo e da cultura letrada é de suma importância para o entendimento do Espiritismo. A FEB, desde a sua fundação, utiliza-se do seu órgão de imprensa oficial *Reformador* como veículo de interlocução tanto com o movimento espírita, como com todos os demais atores sociais. A fim de analisarmos o projeto homogeneizante da FEB ao longo do tempo, a nossa escolha recai sobre o *Reformador* e também sobre alguns órgãos de imprensa que rivalizavam e rivalizam com ele.

Dentre os mais de quatrocentos periódicos espíritas lançados em nosso país, desde a chegada do Espiritismo, ainda no século XIX, destacamos como os principais, levando-se em conta as suas longevidades e os interesses desta pesquisa: o *Reformador*, o *Mundo Espírita*, o *O Clarim*, a *Revista Internacional de Espiritismo*, a *Revista Espírita do Brasil* e o *Almenara*.

### 2.1.1 – Reformador

Figura 7 – Capa Reformador



28 de agosto de 1883 - Ano 1 n° 17-  
Acervo da Biblioteca Nacional

Assim, inicialmente veremos o desenvolvimento do *Reformador* ao longo de sua trajetória. O *Reformador* foi fundado um ano antes da própria FEB, em 21 de janeiro de 1883, por Augusto Elias da Silva, com recursos próprios, na cidade do Rio de Janeiro. Em razão disso, em 2 de janeiro do ano seguinte, o jornal foi doado por seu

proprietário à Federação Espírita Brasileira, em virtude de sua fundação<sup>264</sup>.

No momento de sua fundação, o jornal era editado em formato tabloide e possuía quatro páginas de texto, medindo 44 x 36 cm, e tinha a periodicidade quinzenal. Sua tiragem girava em torno de trezentos a quatrocentos exemplares, contando com duzentos assinantes, os quais não chegavam a pagar as despesas com a preparação dos jornais. Dividia-se nas seguintes seções: doutrina, coletânea, fenomenologia, romântica, bibliografia, colaboração, conferências e ditados.

Figura 8 – Capa Reformador



16 de fevereiro de 1925 ano 43 n° 4

A partir de janeiro de 1903, o jornal passou a circular com o formato de revista, medindo 27 x 18,5 cm, ainda com a periodicidade quinzenal. A revista era impressa em papel de boa qualidade, contando com 16 a 20 páginas e várias seções: ecos e fatos, notícias do Brasil, folhetim, lírica, informações, catálogos de livros à venda, pensamentos, transcrição, além do expediente. A revista manteve-se com essas características durante os seguintes 34 anos, de 1903 a 1937<sup>265</sup>.

Assim, a partir de 1937-1938, sob a presidência de Guillon Ribeiro, tendo como gerente Antonio Wantuil de Freitas, a revista tornou-se publicação mensal, aumentando, gradativamente, seu volume

<sup>264</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário do Reformadinternacionalor. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 100. n. 1845 dez. 1982. p. 364-367.

<sup>265</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário do Reformador. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 100. n. 1845 dez. 1982. p. 366-367. SOUZA, Juvanir Borges de. Reformador – 120 anos. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 121. n. 2086 jan. 2003. p. 7-8.

de páginas, até atingir o número de 48. Ainda em 1939, a FEB comprou e instalou máquinas impressoras próprias, nos fundos do prédio de sua sede da Avenida Passos, nº 30, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, foi possível o início de uma grande expansão nas edições e reedições da revista e de livros espíritas.

Em 1948, a FEB instalou seu novo Departamento Editorial em amplo edifício construído especialmente no bairro de São Cristóvão. As instalações foram posteriormente ampliadas, com a construção de dois novos pavimentos, inaugurados em 1961. Uma nova reformulação do parque gráfico ocorreu na década de 1970, com a adoção do sistema offset de impressão. Ainda nessa época, início da década de 1970, mais precisamente em 1972, o *Reformador* possuía uma tiragem de 40.000 exemplares<sup>266</sup>.

Assim, por intermédio desse movimento de expansão e afirmação do parque gráfico da FEB a partir da década de 1940, podemos verificar como a federação dava indícios, não só da forma como buscava inserir-se no mercado editorial brasileiro, principalmente o religioso, mas, também do significativo aumento de sua pujança econômica, destacando-se cada vez mais no interior do Campo Espírita Brasileiro.

Figura 9 – Capa Reformador



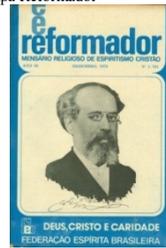
Fonte: Sítio do Reformador<sup>267</sup>

Figura 10 – Capa Reformador



Fonte: Sítio do Reformador<sup>268</sup>

Figura 11 – Capa Reformador



Fonte: Sítio do Reformador<sup>269</sup>

<sup>266</sup> THIESEN, Francisco. Reformador: Porta-voz da Espiritualidade Superior. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 121. n. 2086 jan. 2003. p. 18-19.

<sup>267</sup> Capa Reformador de Setembro de 1970. Disponível em: <<<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1970/capa/10.jpg>>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

<sup>268</sup> Capa Reformador de novembro de 1970. Disponível em: <<<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1970/capa/11.jpg>>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

<sup>269</sup> Capa Reformador de dezembro de 1975. Disponível em: <<<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1975/capa/12.jpg>>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

A revista, sob a direção de Francisco Thiesen, também na presidência da FEB, em dezembro de 1975, passou a imprimir suas capas em cores. Um pouco antes no início da década de 1970, o logotipo e o desenho da capa haviam sido alterados. Assim, como podemos observar, essas mudanças dão início a um período de várias transformações gráficas na revista, renovando e modernizando sua apresentação. A modernização, em matéria gráfica, é uma imposição do mercado editorial, a que estão sujeitos os meios de comunicação impressos de uma forma geral; deste modo, a FEB não poderia ficar imune a esse processo de atualização de seus livros e periódicos.

Ao longo do tempo, depois de peregrinar por diversos endereços pela cidade do Rio de Janeiro, em conjunto com a sede da Federação Espírita Brasileira, a administração da revista instalou-se na nova sede da FEB construída na administração de Leopoldo Cirne, na Avenida Passos, nº 30, na cidade do Rio de Janeiro<sup>270</sup>.

Somente na década de 1980, sob a administração de Francisco Thiesen, a redação do *Reformador* foi transferida para a nova sede da FEB em Brasília<sup>271</sup>. Atualmente, a Direção e a Redação da revista localizam-se em Brasília, na sede central da Federação, e a editoração e impressão no Departamento Editorial e Gráfico, permaneceu na Rua Souza Valente, nº 1, no Rio de Janeiro, até fevereiro de 2012<sup>272</sup>. Posteriormente, a FEB em comunicado oficial, publicado no *Era do Espírito*, jornal também pertencente à Federação, deu ampla divulgação de sua decisão estratégico-gerencial, quanto às questões editoriais da federação, onde anunciou que

a Federação Espírita Brasileira comunica aos dirigentes das instituições espíritas, aos adeptos espíritas, aos simpatizantes da Doutrina Espírita e à sociedade de um modo geral que:

- 1) procedeu em fevereiro do corrente ano à desativação de seu parque gráfico na Rua Souza Valente, São Cristóvão, Rio de Janeiro, atendendo a estudos de viabilidade econômica que indicaram a adequação dessa medida;
- 2) está terceirizando a totalidade das impressões de seus produtos em gráficas contratadas para tal finalidade, com resultados mais propícios em relação à impressão em gráfica própria, de acordo com a tendência verificada nas grandes editoras brasileiras e mundiais;
- 3) os processos de preparação, produção editorial,

<sup>270</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. *Reformador* – 120 anos. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 121. n. 2086 jan. 2003. p. 8-9.

<sup>271</sup> Idem.

<sup>272</sup> Idem.

distribuição e comercialização prosseguem normalmente, em trabalho ativo de reestruturação, readequação e reorganização para atender com precisão, qualidade e tempestividade às demandas do mercado editorial;

4) os resultados produtivos e qualitativos desses trabalhos editoriais serão constatados pelos parceiros, distribuidores, livretos e leitores no curto prazo. Brasília, 18 de abril de 2012<sup>273</sup>.

Em janeiro de 1989, foram introduzidas pequenas mudanças na diagramação da revista, impressa ainda somente em preto. Dez anos após, em janeiro de 1998, novas mudanças na diagramação e, em junho, ocorreu a mudança mais significativa, com a introdução de cores, letras coloridas em algumas páginas interiores da revista. Somente em agosto de 2000, foram introduzidas fotos e páginas com fundos e letras coloridas.

Em janeiro de 2003, a revista passou a contar com 42 páginas por edição e ter as seguintes seções: editorial, Presença de Chico Xavier, Entrevista, Esflorando o Evangelho, Páginas da Revue Spirite, A FEB e o Esperanto, FEB – Conselho Federativo Nacional e Seara Espírita. Em janeiro de 2006, mais uma vez mudou a diagramação da revista; em sua totalidade, as páginas, os textos e as imagens passaram a ser publicados em cores, em papel de muito boa qualidade, operando ainda com as mesmas seções.

Em janeiro de 2014, muitas novidades na revista com maior número de páginas, agora com 62, novas e antigas seções (Editorial, Entrevista, Esflorando o Evangelho, A FEB e o Esperanto, Reformador de ontem, Em dia com o Espiritismo, Conselho Espírita Internacional, Conselho Federativo Nacional e Seara Espírita) e a incorporação do *Boletim Brasil Espírita*, agora impresso como suplemento do *Reformador*.

Desde a sua fundação, o *Reformador* possuiu os seguintes subtítulos:

*Órgão evolucionista*, *Órgão da Federação Espírita Brasileira*, *Periódico Evolucionista – Órgão da Federação Espírita Brasileira*, *Mensário Religioso de Espiritismo Cristão* e *Revista de Espiritismo Cristão*, permanecendo, esse último, até a data de hoje.

Nos quadros que dispostos a seguir podem ser vistos ver os diversos colaboradores e dirigentes do *Reformador*:

Quadro 2 – Diretores (Registrados no Frontispício) – FEB
--

<sup>273</sup> Destaque do mês. **Era do Espírito**. Brasília. Ano 2, n. 7, maio de 2012. p.1.

Nome	Período
Manuel Quintão	1915 a 1916, 1918 a 1920, 1920 a 1930
Aristides Spínola	1916 a 1918, 1922 a 1925
Guillon Ribeiro	1920 a 1922, 1930 a 1943
Luís Barreto A. Ferreira	1925 a 1927
Armando de O. Assis	1970 a 1975
Francisco Thiesen	1975 a agosto de 1990
Juvanir Borges de Souza	Setembro de 1990 a abril de 2001
Nestor João Masotti	Maio de 2001 a março de 2013
Antonio Cesar Perri de Carvalho	Abril de 2013 a março de 2015
Jorge Godinho Barreto Altivo	Abril de 2015

Quadro 3 – Diretor-Substituto (Editor) – FEB

Lauro de Oliveira S. Thiago	1980 a janeiro de 1982
Altivo Ferreira	Fevereiro de 1983 a março de 2012
Affonso Borges Gallego Soares	Abril de 2012

Quadro 4 – Redatores-Chefes e Redatores-Secretários – FEB

Nome	Período
Ewerton Quadros	1884 a 1888
Leopoldo Cirne	1905 a 1913 (Redator-Sec.)
Aristides Spínola	1914 (Redator-Chefe)
Miguel Ricardo Galvão	1913 a 1915 (Redator-Sec.)
Guillon Ribeiro	1922 a 1929 (Redator-Chefe)
Manuel Quintão	1927 a 1928 (Redator-Chefe)
Carlos Imbassahy	1943 (Redator-Chefe)
Indalcio Mendes	1978 a julho de 1988
Lauro de Oliveira S. Thiago	Fevereiro de 1983 a abril de 2009
Carlos Augusto de São José	Fevereiro de 1983 a agosto de 1990
Carlos Roberto Campetti	Fevereiro de 1983 a março de 1984
Inaldo de Lacerda Lima	Julho de 1984 a julho de 1988
José Salomão Mizrahy	Setembro de 1986 a dezembro de 1988
Agadyr Teixeira Torres	Janeiro de 1989 a agosto de 1990
Túlio Borges de Oliveira	Setembro de 1990 a abril de 1992

Evandro Noletto Bezerra	Setembro de 1997 a dezembro de 1997
Evandro Noletto Bezerra	Março de 1998
Antonio Cesar Perri de Carvalho	Janeiro de 2003 a março de 2013
Affonso Borges Gallego Soares	Maior de 2004 a março de 2012
Geraldo Campetti Sobrinho	Janeiro de 2011
Marta Antunes de Oliveira de Moura	Janeiro de 2011
Sady Guilherme Schmidt	Janeiro de 2011 a dezembro de 2011
José Carlos da Silva Silveira	Maior de 2012
Altivo Ferreira	Abril de 2012
Hélio Blume	Maior de 2013

Quadro 5 – SECRETÁRIOS – FEB	
Nome	Período
Sylvino Canuto Abreu	1915 a 1916
Amaral Ornelas	1917 a 1923
Fernando Coelho	1920
Carlos Imbassahy	1923 a 1943
Indalício Mendes	1943 a 1975
J. Antero de Carvalho	1975 a 1978
Alberto Romero	1978 a fevereiro de 1998
Iaponan Albuquerque da Silva	Março de 1998 a abril de 2004
Sônia Regina Ferreira Zaghetto	Maior de 2004 a março de 2007
Paulo de Tarso dos Reis Lyra	Abril de 2007

Quadro 6 – GERENTES E ADMINISTRADORES - FEB	
Nome	Período
Augusto Elias da Silva	1883 a 1887
F. A. Xavier Pinheiro	1887 a 1890
Alfredo A. O. Pereira	1891 a 1897
Pedro Richard	1897 a 1902, 1903 a 1912 , 1916 a 1917

Adauto Noiva	1912 a 1913
Francisco Chaves	1913 a 1914
Jarbas Ramos	1914 a 1915
A. A. Rodrigues Quintans	1915 a 1916
Emílio Wirz	1916
Arthur Rosenberg	1917 a 1918, 1924 a 1927
Antônio Alves da Fonseca	1918 a 1920, 1920 a 1924, 1931 a 1932
Américo Lopes Vieira	1927 a 1929
José Vaz de Carvalho	1929 a 1931
João da Costa Viana	1932 a 1936
A. Wantuil de Freitas	1936 a 1943
Henrique Sondermann	1943 a 1948
João d'Oliveira e Silva	1948 a 1951, 1952 a 1957
Paulo de O. Ludka	1951
Carlos Guimarães	1951 a 1952
Ernesto Teixeira Barros	1957 a 1959
José Yolando dos Santos	1959 a 1970
Francisco Thiesen	1970
Getúlio Soares de Araújo	1970 a 1981
Alfonso B. G. Soares	1981 a janeiro de 1982
Tânia de Souza Lopes	Fevereiro de 1982 a julho 1982
Agadyr Teixeira Torres	Agosto de 1982 a dezembro de 1988
José Salomão Mizrahy	Janeiro de 1989 a agosto de 1990
Agadyr Teixeira Torres	Setembro de 1990 a maio de 1997
Amaury Alves da Silva	Abril de 1998 a março de 2007
Ilcio Bianchi	Abril de 2007 a dezembro de 2011
Sady Guilherme Schmidt	Janeiro de 2012 a fevereiro de 2014
Rosiane Dias Rodrigues	Maio de 2014

## 2.1.2 – Mundo Espírita

Figura 12 – Logotipo – Mundo Espírita



Fonte: Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>274</sup>

Na sequência, o segundo periódico que analisaremos é o jornal *Mundo Espírita*, que veio à luz em 4 de abril de 1932, fundado e dirigido pelo jornalista e advogado Henrique Andrade, com a companhia nessa empreitada do Comandante João Torres, Tenente João de Souza Moraes e pelo industrial Benedicto de Souza, na cidade do Rio de Janeiro<sup>275</sup>. Inicialmente, os quatro companheiros fundaram, em 1º de março de 1932, a sociedade por cotas Empresa Jornalística Mundo Espírita Limitada, a qual, em 4 de abril do mesmo ano, deu origem ao jornal<sup>276</sup>. Àquela época, o semanário tinha como subtítulo: *Semanário noticioso e doutrinário*. Sua redação e administração situava-se na Rua do Ouvidor, nº 15 – 2º andar, e sua oficina funcionava na Rua do Carmo, nº 43, ambas na Capital Federal. O jornal era composto por quatro páginas impressas em preto e branco, com rara utilização de fotografias, em tudo semelhante às publicações típicas do início do século XX, impresso no tamanho 58 x 40 cm.

Porém, Artur Lins de Vasconcellos lembrava, em seu artigo de 4 de abril de 1948, o qual comemorava o 16º aniversário de fundação do jornal e também a data na qual ele assumia como novo diretor, que o jornal fora de fato fundado em 1926:

[...]

Nascido em 1926, num momento de agitação nacional contrária à intromissão, indebita e nociva, da igreja católica romana na reforma da Constituição de 1891,

<sup>274</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1º out. 2014.

<sup>275</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. Início de Nova Etapa. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 21 de fev de 1948. Ano XVI. N. 737. p.1. Também em KERENSKY, Nelson. Aniversário. **Mundo espírita**. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1951. Ano XIX. p.4.

<sup>276</sup> KERENSKY, Nelson. Aniversário. **Mundo espírita**. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1951, Ano XIX. p.4.

“Mundo Espírita”, logo que se verificou a vitória dos republicanos liberais contra as pretensões clericalistas ensarilhadas as penas brilhantes que iluminaram suas colunas e suavemente adormeceu para despertar somente em 4 de Abril de 1932, quando a Nação inteira clamava contra os sicários da liberdade de consciência, que já haviam introduzido o ensino religioso nas escolas públicas, em 30-4-1931, e pleiteavam outras medidas contrárias aos interesses nacionais. Desde então, este semanário tem agitado continuamente o meio espírita brasileiro, despertando nas almas sentimentos complexos, numa extraordinária variedade de aspectos, indo das mais inocentes fantasias até às rígidas manifestações de obstinada intransigência nas malfadadas controversias internas que nos dividem e enfraquecem, gerando o desamor e debilitando a ação edificante e edificadora da família brasileira, que necessita alijar de si as superstições, a idolatria, o fetichismo e as miserias que a corrompem.  
[...]<sup>277</sup>

Em seu número de lançamento, encontramos as razões propaladas por seus fundadores para o lançamento de mais um jornal ligado ao Espiritismo na Capital Federal:

Bem melhor seria que silenciássemos acerca do programma que deverá nortear os destinos de <<Mundo Espírita>>. Bastara, apenas, dizer aos nossos leitores e a todos aqueles que de boa vontade nos quiserem ajudar, que não mediremos esforços, nem pouparemos energias para levar avante o empreendimento que ora tentamos, lançando á publicidade este semanário; por isso que, ao fazel-o, outro intuito não nos move que o de preencher uma lacuna que de ha muito se vem fazendo sentir no nosso meio social, notadamente no ambiente da família espírita brasileira.  
[...]  
Pois bem: o desejo de cumprir esse dever na certeza de contribuir para o aperfeiçoamento da humanidade é, pode-se dizer, o programma de **Mundo Espírita**.  
[...]<sup>278</sup>

Em virtude de uma determinação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>279</sup>, de janeiro de 1941, o *Mundo Espírita* foi

<sup>277</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. 16º aniversário de “Mundo Espírita”. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 4 de abr. de 1948. Ano XVI. N. 741. p.1.

<sup>278</sup> Nosso Programma. **Mundo espírita**. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1932, Ano I. n. 1, p.1.

<sup>279</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado durante a ditadura Vargas, em dezembro de 1939, que possuía, entre outras atribuições, censurar as atividades ligadas ao

proibido de circular como jornal, da forma como vinha fazendo desde a sua criação em 1932; por causa disso, o jornal viu-se obrigado a interromper sua publicação<sup>280</sup>.

Como podemos observar no artigo de Nelson Kerensky, publicado no *Mundo Espírita*, em 17 de abril de 1951, devido aos esforços de Henrique Andrade junto às autoridades do Estado Novo,

[...] não sem grande esforço e dispêndio de energia, uma verdadeira luta de gigantes, conseguiu, afinal, o dr. Henrique Andrade a reforma da decisão do DIP, ficando assegurada a circulação do jornal, não como jornal, mas tão somente como folheto de propaganda religiosa, vale dizer, sem possibilidade de publicar anúncios ou qualquer outra matéria paga<sup>281</sup>.

Essa atuação de Henrique Andrade, relatada por Kerensky, chama a nossa atenção para as observações realizadas por Emerson Giumbelli, quando analisou as relações da FEB com a Ditadura Vargas e as autoridades policiais do Distrito Federal. Antes mesmo do período varguista, as relações da FEB com as autoridades policiais eram “amistosas” a ponto de o delegado solicitar à direção da FEB uma relação das sociedades espíritas a ela filiadas, a fim de evitar confusões com as instituições ligadas ao “baixo espiritismo”<sup>282</sup>. A seguir, Giumbelli trata do relatório emitido pelo chefe da Polícia do Distrito Federal, Filinto Müller, em dezembro de 1938, em relação às “forças religiosas no Brasil”, no que dizia respeito às suas possíveis influências econômicas e políticas, em que afirmava que o Espiritismo naquele momento não oferecia qualquer ameaça ao Estado Brasileiro<sup>283</sup>.

Assim, somente após dois meses, em 1º de março de 1941<sup>284</sup>, com o subterfúgio de funcionar não mais como jornal, mas como folheto de propaganda religiosa, voltou a circular, porém, sem poder vincular propaganda alguma, o que gerou grandes dificuldades financeiras para o

---

teatro, cinema, funções recreativas e esportivas, radiodifusão, literatura social e política e da imprensa.

<sup>280</sup> KERENSKY, Nelson. Aniversário. **Mundo espírita**. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1951, Ano XIX. p.4.

<sup>281</sup> Idem.

<sup>282</sup> GIUMBELLI, E. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e da legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p.256-258.

<sup>283</sup> Ibidem. p.259-260.

<sup>284</sup> Mundo Espírita. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, abril de 1941. Ano XIII, n.4.p.8.

jornal<sup>285</sup>. A saída encontrada por Henrique Andrade para subvencionar o jornal foi a criação de uma sociedade anônima, a qual geraria recursos com o intuito de adquirir e montar uma tipografia onde o jornal pudesse ser impresso, além da possibilidade de serem impressos outros jornais profanos e livros, cujos lucros viriam a sustentar o jornal<sup>286</sup>. Dessa empreitada, surgiu a Gráfica Mundo Espírita S/A, que, além de publicar e imprimir o jornal, também foi responsável pelo lançamento de inúmeros livros.

Ainda em 1945, o *Mundo Espírita* mantinha o mesmo subtítulo e tamanho, com sua redação situada na Rua do Carmo, nº 85, no 4º andar, no centro da cidade do Rio de Janeiro, e sua oficina localizada na Rua dos Inválidos, nº 216, também no centro da Capital Federal. O exemplar do jornal nesse ano era vendido por Cr\$ 0,40, enquanto a assinatura semestral podia ser adquirida por Cr\$ 15,00, e a anual saía por Cr\$ 20,00. Ainda na capa do jornal, podemos colher a informação de que Henrique Andrade era seu diretor e Deolindo Amorim, o secretário<sup>287</sup>.

Por dezesseis anos, até 1948, *Mundo Espírita* foi dirigido por Henrique Andrade, passando, na sequência, a Lins de Vasconcellos. Durante o ano de 1949, encontramos Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, como diretor; Deolindo Amorim, como secretário; e Amadeu Santos, como gerente<sup>288</sup>. Em 1951, como início de uma nova etapa, o jornal passou a ter periodicidade mensal e a adotar o subtítulo *Órgão noticioso e doutrinário*. Em 1952, com a morte de Lins de Vasconcellos, a direção do jornal passou para as mãos de Carlos Imbassahy, por apenas uma edição (19/4/1952 – edição nº 824). Ocorreu uma interrupção passageira na edição do jornal de aproximadamente um ano, voltando a circular em março de 1953, quando Lauro Schleder assume a responsabilidade de levar a cabo os destinos do jornal, conforme os planos de Lins de Vasconcellos<sup>289</sup>. Ainda em 21 de março de 1953, sob a direção de Lauro Schleder saiu o primeiro número do jornal em Curitiba, para onde todo o acervo do jornal foi transferido, a pedido de João Ghignome, então presidente da FEP. De 1953 até 1971, Lauro

---

<sup>285</sup> KERENSKY, Nelson. Aniversário. Mundo espírita. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1951, Ano XIX. p.4.; e Mundo Espírita. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, abril de 1941. Ano XIII, n.4.p.8.

<sup>286</sup> KERENSKY, Nelson. Aniversário. Mundo espírita. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1951, Ano XIX. p.4.; e Mundo Espírita. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, abril de 1941. Ano XIII, n.4.p.8.

<sup>287</sup> *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1945. Ano XIII, n. 601.p.1.

<sup>288</sup> *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1949. Ano XVII, n. 761.p.1.

<sup>289</sup> Federação Espírita do Paraná. “Mundo Espírita chega aos 80 anos”. *Mundo Espírita*. Curitiba, abril 2012.

Schleder e Francisco Raitani revezam-se na direção do *Mundo Espírita*. Sob essa direção, o jornal tornou-se órgão oficial da Federação Espírita do Paraná em 1956, contando com seis páginas, trazendo notícias sobre o Movimento Espírita Brasileiro e, também, a respeito do movimento mundial<sup>290</sup>.

Em artigo comemorativo, aos quarenta anos do *Mundo Espírita*, Francisco Raitani descreveu o seu surgimento

como uma proposta para lutar pelas justas liberdades do ser humano, notadamente as de consciência, e contra as inferioridades espirituais em suas mais variadas modalidades [...] a luta em prol da difusão da DOCTRINA DOS ESPÍRITOS [...]<sup>291</sup>.

Figura 13 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte: Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>292</sup>

Somente em abril de 1972, o *Mundo Espírita* passou por sua primeira reforma gráfica de vulto, sob a tutela de Victor Ribas Carneiro, atuando como Diretor. Carneiro alterou a logomarca do jornal, que passou a ostentar uma imagem de Allan Kardec; além disso, a diagramação foi toda modernizada, com a utilização de mais fotos e a redução para cinco colunas de texto. A mudança mais profunda foi o grande aumento do número de páginas, que passou de quatro para doze<sup>293</sup>.

<sup>290</sup> Federação Espírita do Paraná. “Mundo Espírita chega aos 80 anos”. **Mundo Espírita**. Curitiba, abril 2012.

<sup>291</sup> RAITANI, Francisco. Quarenta Anos. **Mundo Espírita**. Curitiba, abr. 1972, n. 1.054, p.2.

<sup>292</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1º out. 2014.

<sup>293</sup> Federação Espírita do Paraná. “Mundo Espírita chega aos 80 anos”. **Mundo Espírita**. Curitiba, abril 2012.

Figura 14 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte:Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>294</sup>

Em novembro de 1977, Honório Mello assume a direção do jornal até 1979, quando Victor Ribas retorna, afastando-se, novamente, em 1984, por motivo de enfermidade. Em seu lugar, assume Célio Trujillo Costa, que realiza mudanças visuais na diagramação do jornal. A primeira página assume a função de capa, com manchete e chamadas que remetem ao interior do jornal.

Figura 15 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte:Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>295</sup>

Em 1985, Maurício Roberto Silva, Diretor do Departamento de Difusão Doutrinária, assume a secretaria do jornal. Em agosto do ano seguinte, tornou-se Diretor do *Mundo Espírita*, cargo que ocupou até 1992. De agosto de 1992 em diante, a logomarca do jornal foi modernizada e, a partir de 1993, a responsabilidade editorial passou a ser exercida pela Diretoria Executiva da Federação Espírita do Paraná.

No início da década de 2000, encontramos o jornal sendo impresso na gráfica O Estado do Paraná, composto por 12 páginas em preto e branco com várias fotos, no formato tabloide com 34,5 x 29 cm. O jornal contava com as colunas: Editorial, História Infantil, Momento Espírita, Lançamentos, Os Expoentes da Codificação, Leitura Dinâmica,

<sup>294</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1 out. 2014.

<sup>295</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1º out. 2014.

além de vários artigos e reportagens. A sua administração e redação situavam-se na Al. Cabral, nº 300, em Curitiba, possuindo uma tiragem de 10.000 exemplares, com assinatura anual no território brasileiro no valor de R\$ 15,00 e, no exterior, US\$ 20,00, sendo o número avulso vendido por R\$ 1,30<sup>296</sup>.

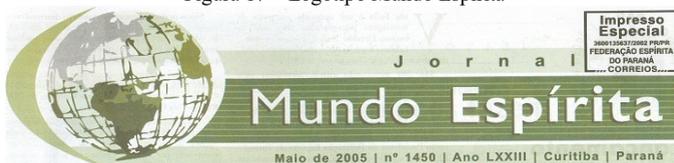
Figura 16 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte: Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>297</sup>

Dando prosseguimento à modernização do jornal, em dezembro de 2002, o jornal ganhou sua primeira capa colorida.

Figura 17 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte: Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>298</sup>

Em abril de 2005, a logomarca foi mais uma vez alterada e, também, o jornal sofreu modificações em sua estética. A partir de fevereiro de 2008, o periódico passou à responsabilidade do novo presidente eleito da FEP, Francisco Ferraz Batista, que incumbe o assessor de Comunicação Social, Carlos Augusto de São José, de coordenar os trabalhos ligados ao jornal, sob sua supervisão. Ele continua sendo impresso na gráfica O Estado do Paraná, composto por doze páginas, sendo praticamente quase todo colorido, com várias fotos, no formato tabloide com 33 x 27,5 cm. O jornal contava com as colunas:

<sup>296</sup> Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, nov. 2000. Ano LXVIII, n. 1396. p.2.; Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, fev. 2001. Ano LXVIII, n. 1399. p.2.

<sup>297</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1º out.2014.

<sup>298</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1º out.2014.

Editorial, Mundo Espírita Há 75 anos, Espaço DIJ, Grandes Educadores, Trabalhadores em Ação, Notícias das URE'S, Momento Espírita, Vidas Exemplares, Sugestão de Leitura, Leitura Dinâmica, Movimento Espírita do Paraná, além de vários artigos e reportagens. A administração e redação do jornal continuavam situadas na Al. Cabral, nº 300, em Curitiba. A tiragem não era especificada, e sua assinatura anual no território brasileiro era de R\$ 30,00 e, no exterior, US\$ 30,00; a assinatura bianual no Brasil era de R\$ 50,00, sendo o número avulso vendido por R\$ 3,00<sup>299</sup>.

Figura 18 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte: Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>300</sup>

A partir de fevereiro de 2009, marcando a posse da nova administração, a logo foi novamente modificada, permanecendo como está até a presente data (dezembro de 2016). Foi também a partir dessa data que o jornal passou a ser totalmente colorido, com nova diagramação e novas propostas. Inicialmente ainda contava com doze páginas, nas quais encontramos várias fotos, no formato tabloide com 33 x 27,5 cm. O jornal contava com as colunas: Editorial, Mundo Espírita Há 75 anos, Espaço DIJ, Notícias das URE'S, Doutrina Espírita em Versos, Momento Espírita, Sugestão de Leitura, Comentando..., Fatos em Notícias, Movimento Espírita do Paraná, além de vários artigos e reportagens. A tiragem do jornal continuava não sendo mais informada nas suas páginas e o valor do número avulso e das modalidades de assinaturas (anual, bianual), no território brasileiro ou no exterior, continuavam os mesmos praticados em 2009<sup>301</sup>.

<sup>299</sup> Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, jun. 2008. Ano 76, n. 1487. p.2.; Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, dez. 2008. Ano 76 n. 1493. p.2.

<sup>300</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acessado em: 01/10/2014.

<sup>301</sup> Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, nov. 2009. Ano 77, n. 1504. p.2.; Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, jan., 2010. Ano 77– nº 1506 .p.2.

Figura 19 – Logotipo Mundo Espírita



Fonte: Sítio do jornal Mundo Espírita – pág.1<sup>302</sup>

Entre 2010 e 2011, foram impressos números no mesmo formato tabloide, com o mesmo tamanho, porém, com 28 páginas<sup>303</sup>. Ainda em 2011, o jornal alterou mais uma vez o seu número de páginas, passando a ser impresso com o total de vinte, mantendo as demais características físicas inalteradas. O jornal passou a contar com as colunas: Editorial, Mundo Espírita Há 75 anos, Espaço DIJ, Doutrina Espírita em Versos, Momento Espírita, Notícias das URE'S, Revista Espírita, Sugestão de Leitura, Comentando..., Fatos em Notícias, Coordenadoria de Estudos da Doutrina Espírita, além de vários artigos e reportagens<sup>304</sup>.

Em 4 de janeiro de 2012, tomou posse a nova diretoria executiva da FEP para o biênio 2012 – 2013, tendo como presidente Luiz Henrique da Silva e Maria Helena Marcon, ex-presidente, no período 2004 – 2007, como Assessora de Comunicação Social, portanto, agora como responsável pelo jornal *Mundo Espírita*<sup>305</sup>, ambos mantêm-se em seus cargos até a presente data. Em fevereiro de 2012, o jornal modificou o seu tamanho mais uma vez e fixou o número de páginas em vinte. Porém, conservou as demais características físicas, seus preços de assinatura e venda avulsa, e também manteve a publicação de suas colunas inalteradas.

Já, em 2013, houve apenas mudanças nas colunas do jornal: Editorial, Mundo Espírita Há 75 anos, Espaço DIJ, Lições para a Vida, Momento Espírita, Revista Espírita, Sugestão de Leitura, Trabalhadores do Bem, Notícias das URE'S, Fatos em Notícias<sup>306</sup>. Em 2014, tanto os

<sup>302</sup> Logotipo Mundo Espírita. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acessado em: 01/10/2014.

<sup>303</sup> Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, mar. 2010. Ano 77, n. 1508. p.2.; Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, mar. 2011. Ano 79, n. 1520.p.2.

<sup>304</sup> Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, ago. 2011. Ano 80, n.1525. p.2.; Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, mar. 2011. dez. Ano 80, n. 1529.p.2.

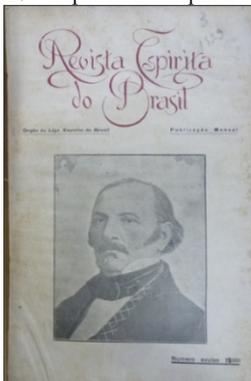
<sup>305</sup> Redação. **Mundo Espírita**. Curitiba, fev. 2012. Ano 80, n. 1531 – p.18-19.

<sup>306</sup> Preço. **Mundo Espírita**. Curitiba, mar. 2010. nov. 2013. Ano 81, n. 1552.p.2.

aspectos físicos, quanto as colunas mantiveram-se sem alterações; o jornal, porém, voltou a divulgar em suas páginas o volume de sua tiragem: 3.500 exemplares<sup>307</sup>.

### 2.1.3 – Revista Espírita do Brasil

Figura 20 – Capa Revista Espírita do Brasil



Fonte: REB – Jan 1929 num.1 ano 1.  
Acervo da Biblioteca Nacional<sup>308</sup>

Passaremos, a seguir, à *Revista Espírita do Brasil (REB)*, órgão oficial da extinta Liga Espírita do Brasil. Fundada em 1929, na cidade do Rio de Janeiro, como órgão oficial da Liga Espírita do Brasil, teve como primeiro diretor-gerente João Torres, como redator-chefe, Jonathan Botelho, e como secretário, J. C. Moreira Guimarães. O primeiro número da revista foi impresso em 1º de janeiro de 1929, na tipografia Benedicto de Souza, situada na Rua do Carmo, nº 43, no centro da cidade. Sua redação foi estabelecida na denominada Casa dos Espíritas, sede da Liga Espírita do Brasil, na Rua do Mercado, nº 22 – 3º andar do Palácio Ouvidor. A revista era impressa em papel de muito boa qualidade, no tamanho 26 x 17,5 cm, contando com 26 páginas, com periodicidade mensal. Era vendida por 1\$000 o número avulso, e as assinaturas eram de seis e doze meses, aos preços de 5\$000 e 10\$000, respectivamente<sup>309</sup>. A revista era composta pelas seguintes colunas: Liga

<sup>307</sup> Redação. **Mundo Espírita**. Curitiba, abr. 2014. Ano 82,n. 1557.p.2.

<sup>308</sup> Capa. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jan. 1929. Ano 1, n. 1.

<sup>309</sup> **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jan. 1929. Ano 1, nº 1.p.1.

Espírita do Brasil, Perguntas, Respostas e Conselhos, As obras da Caridade Espírita, Noticiário e Indicador Espírita<sup>310</sup>.

No seu primeiro exemplar, a REB publicou o seu amplo programa de ação e os objetivos pelos quais a Liga Espírita do Brasil deu à luz ao seu órgão oficial de propaganda:

Obedecendo aos <<princípios>> e <<objectivos>> constitucionais da Liga Espírita do Brasil, como seu órgão, procuraremos dar cumprimento ao nosso programma da maneira a mais firme e segura no disseminamento do Espiritismo, nos seus aspectos scientifico, philosophico e religioso.

[...]

A Revista Espírita do Brasil, além do mais, até certo ponto, será também um órgão combativo, da mesma sorte que será doutrinário, sem contudo ser aggressivo; deste modo a acção da politica religiosa, qualquer que seja a sua fonte, será combatida por meios esclarecedores, notadamente quando houver ostensiva aggressão ou ridiculo de que, a cada passo, os espiritas são victimas.

Egualmente a Revista Espírita do Brasil, detalhadamente, noticiará o movimento espírita no Brasil, para o que pede aos seus leitores <<notas>> especiaes a respeito.

[...]

A Revista Espírita do Brasil, ao mesmo tempo espalhando os ensinamentos do Christo de Deus, apreciará, discutirá os factos de toda ordem da vida de relação, tanto político-administrativos, social-artisticos, como moral-religiosos, visto como, sendo, como é, o Espiritismo uma doutrina de aperfeçoamento em toda sua extensão, por certo, espalhando os seus ensinamentos, descrevendo ou assentando os deus moldes de estudo e de prática, teremos indubitavelmente de intervir nos problemas varios da vida, apreciando todosos factos, todos os acontecimentos, onde quer que se verifiquem<sup>311</sup>.

Já em seu número 6, de 1º de junho de 1930, a revista apresentava a seguinte direção: João Torres, como diretor; J. C. Moreira Guimarães, como secretário; e Mauro F. Oliveira, como gerente<sup>312</sup>. Em julho de 1930, o jornal mudou sua sede para a Rua do Ouvidor, nº15, no segundo andar, no Palácio Ouvidor, na Capital Federal<sup>313</sup>. Em fevereiro de 1931, Francisco Corrêa Velho assumiu a gerência da revista<sup>314</sup>.

<sup>310</sup> **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, mar.1930. Ano 1, n. 3.p.67.

<sup>311</sup> Nosso Programa. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jan. 1929. Ano1, n. 1.p.1.

<sup>312</sup> **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jun. 1930. Ano 2, n. 6.p.1.

<sup>313</sup> **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jul. 1930. Ano 2, n. 7.p.2.

<sup>314</sup> **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, fev.1931. Ano 3, n. 2.p.1.

Durante o ano de 1933, novas colunas foram incorporadas à revista: Do Invisível e Revistas das Revistas<sup>315</sup>. Do mesmo modo, durante o ano de 1933, Henrique de Andrade assumiu o cargo de presidente da Liga Espírita do Brasil e diretor da *Revista Espírita do Brasil*, junto com Mario Braga, como redator-chefe, J.C. Moreira Guimarães e Francisco Corrêa Velho, como gerentes<sup>316</sup>.

No número referente a maio de 1938, encontramos mudanças na direção da *Revista Espírita do Brasil*, em que João Pinto de Souza aparece como diretor-gerente e Deolindo Amorim como diretor-secretário<sup>317</sup>. Já no número de novembro do mesmo ano, encontramos referências a Aurino Barbosa Souto, como diretor; João Pinto de Souza, como diretor-gerente; e Deolindo Amorim, na função de diretor-secretário<sup>318</sup>. No ano seguinte, a revista de agosto de 1939 apresenta como diretor Leoncio Corrêa, também presidente da Liga Espírita do Brasil e, ainda, João Pinto de Souza, como diretor-gerente, e Deolindo Amorim exercendo o cargo de diretor-secretário<sup>319</sup>.

Em 1940, encontramos sob nova denominação na composição da direção da revista Leoncio Corrêa, como diretor-presidente, e Deolindo Amorim, como diretor responsável<sup>320</sup>. Em março de 1943, Aurino Barbosa Souto aparece como diretor-presidente, e Deolindo Amorim, como diretor-responsável.

Em janeiro de 1950, a assinatura anual da revista custava Cr\$ 30,00 enquanto o número avulso era Cr\$ 3,00<sup>321</sup>. Em março de 1950, em virtude do Pacto Áureo firmado no ano anterior, a Liga Espírita do Brasil restringiu sua atuação ao Distrito Federal e passou a chamar-se Liga Espírita do Distrito Federal. A *Revista Espírita do Brasil* continuou a ser impressa com esse título até dezembro de 1952<sup>322</sup>.

Durante os dois últimos anos de sua existência, a periodicidade da revista foi precária e confusa; o número 3 do ano 22 (1951) reunia os meses de março e abril; o número 4 continha os meses de maio e junho; o número 5, os meses de julho e agosto de 1951; e o número 6, os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro. Em 1952, o número 7

---

<sup>315</sup> Conjunto de revistas referentes ao ano de 1933. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, jan.1933. Ano 5, n. 1. a *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, dez.1933. Ano 5, n. 12.

<sup>316</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, jul. 1933. Ano 5, n. 7.

<sup>317</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, maio 1938. Ano 10, n.5.

<sup>318</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, nov. 1938. Ano 10, n. 11.

<sup>319</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, ago. 1939. Ano 11, n.8.

<sup>320</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, jul. 1940. Ano 12, n.7.

<sup>321</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, jan.1950. Ano 22, n.1.

<sup>322</sup> RAMOS. Op. Cit. p. 137-138.

compreendeu os meses de janeiro, fevereiro e março desse ano. O número 1 de 1952 compôs-se dos meses de abril a setembro; e o número 2, dos meses de outubro, novembro e dezembro, finalizando, assim, suas atividades<sup>323</sup>.

Figura 21 – Capa REB



Fonte: REB Fev. 1950 num.2 anoXXII. Capa  
Acervo da Biblioteca Nacional<sup>324</sup>

Figura 22 – Editorial REB



Fonte: REB Fev. 1950 num.2 anoXXII.  
Página 3.  
Acervo da Biblioteca Nacional<sup>325</sup>

Ao longo de seus 23 anos de vida, a Liga Espírita do Brasil e sua revista proporcionaram ao movimento espírita, principalmente ao da Capital Federal, uma segunda opção relativamente à FEB, quando traziam uma nova proposta de federalização das casas espíritas em paralelo e em oposição à principal instituição do Movimento Espírita Brasileiro.

<sup>323</sup> **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, jan. de 1951. Ano 22, n.1; **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, fev. de 1951. Ano 22, n.2; **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, mar.-abr. de 1951. Ano 22, n.3. **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, maio-jun. de 1951. Ano 22, n.4. **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, jul.-ago. de 1951. Ano 22, n.5. **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, set.-out.-nov.-dez. de 1951. Ano 22, n.6. **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, jan.-fev.-mar. de 1952. Ano 22, n.7. **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, abr.-maio-jun.-jul.-ago.-set. de 1952. Ano 22, n.1. **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, out.-nov.-dez. de 1952. Ano 22, n.2.

<sup>324</sup> **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, fev. 1950. Ano XXII, n.2.

<sup>325</sup> **Revista Espírita do Brasil.** Rio de Janeiro, fev. 1950. Ano XXII, n.2.p.3.

## 2.1.4 – O Clarim

Figura 23 – Capa nº1 de O Clarim



Fonte: Sítio de O Clarim <sup>326</sup>

Passamos agora ao jornal *O Clarim* da cidade de Matão, no interior do Estado de São Paulo, fundado em 15 de agosto de 1905, contando hoje com 111 anos; portanto, é um dos mais longevos periódicos espíritas do país. O jornal contava como subtítulo: *Organ do Grupo Spirita <<Amantes da Pobreza>>*; assim sendo, nasce como órgão oficial do centro espírita Amantes da Pobreza, o qual foi fundado em 15 de julho de 1905, logo, um mês antes da fundação do jornal<sup>327</sup>.

Infelizmente, na Biblioteca Nacional podem ser consultados em seu acervo exemplares do jornal apenas a partir de 3 de janeiro de 1948. Apesar de possuir exemplares referentes ao período de outubro de 1924 a maio de 1928, eles encontram-se indisponíveis, por estarem deteriorados. Por conseguinte, não tivemos acesso aos exemplares entre o período de 15 de agosto de 1905 a dezembro de 1947.

O jornal fundado por Cairbar de Souza Schutel possuía inicialmente o formato de 28 X 38 cm e era impresso contendo quatro folhas, com uma tiragem de duzentos exemplares e com periodicidade

<sup>326</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de ago. 1905. Ano I, n.1. p. 1. Disponível em: <<<https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao-jornal-o-clarim.html>>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

<sup>327</sup> GARCIA, Wilson; MONTEIRO, Eduardo Monteiro. **Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo**. Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”, 2009. 2. ed. p. 54-56.

quinzenal<sup>328</sup>. Por diversas vezes, o jornal foi totalmente redigido pelo seu fundador<sup>329</sup>, evidenciando uma grande carência de colaboradores diretos; possivelmente a sua localização no interior do Estado de São Paulo em meados da década de 1910 contribuía para esse isolamento. Até 1907, o jornal foi impresso na Tipografia Norte de São Paulo, na cidade de Taubaté, São Paulo, de propriedade de Francisco Veloso; posteriormente, passou a ser impresso em gráfica própria com a aquisição de impressoras por parte de Schutel<sup>330</sup>.

O jornal foi idealizado por seu fundador com uma linha editorial voltada para um público mais simples, de poucos recursos financeiros e culturais, com uma linguagem adequada ao seu público-alvo. Mais tarde, como veremos mais adiante, o jornalista Cairbar Schutel lançará a *Revista Internacional de Espiritismo*, voltada para um público mais culto<sup>331</sup>. Como afirma Leopoldo Machado, em seu livro sobre a vida de Schutel, *O Clarim* surgiu com o objetivo de propagar e lutar a favor do Espiritismo:

Cairbar Schutel foi à praça pública protestar contra o desrespeito à letra da Constituição de 1891 e profligar os desmandos e erros do delegado e do padre. E surgiu, então, a idéia da publicação de um órgão de propaganda, O CLARIM, que teria de clarinar, pelos anos afora, as verdades do Espiritismo em linguagem popular ao alcance de todas as inteligências<sup>332</sup>.

A tiragem média do jornal era de 10.000 exemplares; entretanto, em momentos de maiores dificuldades, o jornal semanal circulava com uma periodicidade maior, ou seja, quinzenalmente ou até mesmo mensalmente. O jornal, durante os primeiros anos de vida, lutou contra grandes dificuldades financeiras, deixando até mesmo de circular algumas vezes, principalmente durante o ano de 1910. Porém, a partir de janeiro de 1911, com a ajuda financeira de Luiz Carlos de Oliveira

---

<sup>328</sup> RAMOS, Clóvis. **A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978**. Juiz de Fora/MG: Instituto Maria – Departamento Editorial, 1978. p. 44-45. GARCIA, Wilson; MONTEIRO, Eduardo Monteiro. **Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo**. Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”, 2009. 2. ed.p. 80-81.

<sup>329</sup> *Ibidem*. p. 44-45.

<sup>330</sup> GARCIA; MONTEIRO. *Op. Cit.* p. 67-69.

<sup>331</sup> *Ibidem*. p. 221.

<sup>332</sup> MACHADO, Leopoldo. **Uma Grande Vida** – Estudo Biográfico de Cairbar Schutel. Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”, 1980. 2. ed. p. 65.

Borges, da cidade de Dourado-SP, o jornal voltou a circular com regularidade<sup>333</sup>.

Em suas edições excepcionais, conforme deixou claro em sua edição de 14 de outubro de 1916, como aquelas produzidas na época dos feriados de Finados, a tiragem chegava até 47.000 exemplares, quando eram distribuídas nos cemitérios pelo seu fundador, por diversas cidades do país<sup>334</sup>.

Para manter a sua distribuição por todo o país, o jornal mantinha uma rede de representantes, os quais viajavam pelas diversas cidades a fim de realizarem a cobrança pelas assinaturas. Em seu número de 15 de junho de 1907, o jornal estampava em suas páginas que a assinatura semestral era de 3\$000 e, caso o interessado não pudesse pagar pela assinatura, ela seria remetida gratuitamente<sup>335</sup>. A partir de 15 de maio de 1908, o jornal passou a contar com seis páginas e a aceitar publicidade que não entrasse em choque com os princípios doutrinários defendidos por seu fundador<sup>336</sup>; certamente tratou-se de uma tentativa de arrecadar fundos para custear o jornal.

No seu exemplar de 8 de novembro de 1913, *O Clarim* tratou da proibição de sua circulação e distribuição nos cemitérios da cidade de São Paulo, por determinação do delegado de polícia Rudge Ramos. Diversos jornais espalhados pelo país deram publicidade aos fatos ocorridos na capital paulista em razão da arbitrariedade do delegado, como podemos citar, por exemplo, *A Tribuna* – Santos (SP), *Diário de Notícias* – Curitiba (PR), *Gazeta de Notícias* – São Paulo (SP), *Correio da Manhã* – São Paulo (SP), *A Platea* – São Paulo (SP). A redação de *O Clarim* também recebeu diversos telegramas dando conta da distribuição dos jornais sem que houvesse qualquer impedimento por parte das autoridades policiais das seguintes cidades: Campinas (SP), São Carlos (SP), Dourado (SP), Curitiba (PR), Rio de Janeiro (DF), Niterói (RJ), Santos (SP), Capivari (RJ), Jaboticabal (SP), São João Batista Cachoeiros (MG), Bebedouro (SP), Descalvado (SP), Piracicaba (SP), Salvador (BA), Taquaritinga (GO), Valença (RJ), Campos (RJ), Sertãozinho (SP), Itabuna (BA), Brotas (SP) e muitas outras<sup>337</sup>.

---

<sup>333</sup> GARCIA; MONTEIRO. Op. Cit. p. 80-81.

<sup>334</sup> Ibidem. p. 68 e 79.

<sup>335</sup> Ibidem. p. 73.

<sup>336</sup> Ibidem. p. 70.

<sup>337</sup> GARCIA; MONTEIRO. Op. Cit. p. 102-107.

Figura 24 – Logotipo de O Clarim



Fonte: Redação de O Clarim Logotipo.  
Cedido pela “Casa Editora O Clarim” via e-mail.<sup>338</sup>

Durante esses longos anos de existência do jornal, muitos foram aqueles que contribuíram de alguma forma para a sua manutenção, tanto financeira quanto trabalhando nas suas oficinas, escrevendo artigos, ou trabalhando na sua direção ou em outros cargos. Dos companheiros de primeira hora que lutaram junto com Schutel, destacamos, por exemplo: Antônia Perche da Silveira Sampaio, Ângelo Watson Campelo, Italo Ferreira, Joaquim Alves e outros. Posteriormente, atuaram com destaque, na direção do jornal, José da Costa Filho, José da Cunha, Wallace Leal V. Rodrigues<sup>339</sup>.

No seu exemplar de 3 de janeiro de 1948, encontramos estampado o subtítulo *Órgão de Propaganda Espírita – Científico, Filosófico e Noticioso*, com sua redação localizada na Avenida 28 de Agosto, nº 301, e oficina situada na Rua Rui Barbosa, nº 673, ambas em Matão(SP). Como diretor responsável aparece José da Costa Filho e atuando como gerente, Antonia Perche da Silveira Campêlo. O jornal ainda contava com quatro páginas no formato de 28 X 38 cm<sup>340</sup>.

Além do editorial de cada número do jornal, localizamos a coluna “Noticiário”, dando conta dos acontecimentos relevantes no movimento espírita brasileiro<sup>341</sup>. Além dessas principais colunas, há outras assinadas por vários intelectuais, dos quais destacamos Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e Herculano Pires. Sobre as colunas e artigos desses quatro intelectuais, falaremos mais tarde, no capítulo 3, quando analisarmos de forma mais detalhada as redes de sociabilidades.

No exemplar de 10 de maio de 1958, A. Watson Campêlo atuava como diretor responsável; Italo Ferreira, como redator; e Antônia Perche da Silveira, como gerente<sup>342</sup>. Durante o mês de agosto de 1961,

<sup>338</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 26 de jan. 1935. Ano XXX, n. 24.p.1.

<sup>339</sup> RAMOS, Clóvis. Op. Cit. p. 44-45.

<sup>340</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 3 de jan. 1948. Ano XLIII, n. 11.p.1.

<sup>341</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 3 de jan. 1947. Ano XLIII, n. 11. p.1-3.

<sup>342</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 10 de maio 1958. Ano LIII, n. 19.p. 1.

no seu número 1 desse ano, o jornal anunciou que passaria a circular com a periodicidade mensal, saindo sempre nos dias 15 de cada mês<sup>343</sup>.

No exemplar de 15 de junho de 1963, José da Cunha aparecia exercendo a função de diretor responsável, Zélia Silveira Perche, como secretária de redação e Antônia da Silveira Campêlo, como gerente<sup>344</sup>.

A coluna *Crônicas* passou a ser assinada por Wallace Leal V. Rodrigues a partir de março de 1963. O valor das assinaturas era discriminado na folha dois, sendo a assinatura anual de Cr\$ 400,00 e a semestral no valor de Cr\$ 220,00<sup>345</sup>. Com o grande aumento dos custos para a edição dos periódicos espíritas declarados por Deolindo Amorim nas páginas de *O Clarim* de novembro de 1964, já no seu número de janeiro de 1965, encontramos a assinatura semestral do jornal no valor de Cr\$ 350,00, enquanto a anual era oferecida por Cr\$ 600,00; logo, com um aumento de 50% sobre o preço praticado no mês anterior<sup>346</sup>.

Durante o ano de 1968, o jornal passou por duas alterações em seu tamanho; a primeira em 15 de janeiro, quando começou a circular com 48 X 35 cm, e em 15 de agosto, mudou para 55 X 48 cm<sup>347</sup>.

Durante a década de 1970, o jornal contava com as seguintes colunas: *Editorial, Opinião dos Outros, Estudando Espiritismo, Movimento Espírita e Crônica Estrangeira*<sup>348</sup>. Em dezembro de 1970, a assinatura anual do jornal era de NC\$ 5,00<sup>349</sup>.

Apesar de contar com doze páginas na edição de agosto de 1972<sup>350</sup>, nas demais, o jornal contou com oito páginas, como também nas edições dos anos seguintes da década de 1970<sup>351</sup>. A partir do número referente a agosto de 1972, o jornal passou a circular com o formato tabloide, que mantém ainda hoje, contando com 38 X 28 cm<sup>352</sup>.

Em sua edição de 15 de fevereiro de 1975, o jornal oferecia a assinatura anual no valor de Cr\$ 25,00 e apresentava as seguintes colunas: *Editorial, Entrevista, Comentários, Livros* (onde avaliava os

<sup>343</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de ago. 1961. Ano LVII, n. 1. p.4.

<sup>344</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de jun. 1963. Ano LVIII, n. 11.p. 1.

<sup>345</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de maio 1964. Ano LIX, n. 10.p. 2.

<sup>346</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de nov. 1964. Ano LIX, n. 10.p. 2. **O Clarim**. Matão (SP), 15 de jan. 1965. Ano LX, n. 6. p. 4.

<sup>347</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de jan. 1968. Ano LXIII, n. 6. **O Clarim**. Matão (SP), 15 de ago. 1968. Ano LXIV, n. 1.

<sup>348</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de out. 1970. Ano LXVI, n. 3. **O Clarim**. Matão (SP), 15 de fev. 1971. Ano LXVI, n. 7. **O Clarim**. Matão (SP), 15 de jan. 1973. Ano LXVIII, n. 6.

<sup>349</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de dez. 1970. Ano LXVI, n. 5.

<sup>350</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de ago. de 1972. Ano LXVIII, n. 1.

<sup>351</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de set. 1972. Ano LXVIII, n. 2. **O Clarim**. Matão (SP), 15 de maio 1973. Ano LXVIII, n. 10.

<sup>352</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de ago. 1972. Ano LXVIII, n. 1.

livros editados referentes à temática espírita), *Recado à Opinião Espírita* (doutrina espírita), *Síntese* (notícias do movimento espírita), *Opinião dos Outros* (opinião de outros periódicos espíritas) e *Internacionais* (notícias internacionais referentes à temática espiritualista)<sup>353</sup>.

No ano de 1978, o jornal destacava Wallace Leal Valentim Rodrigues, como redator: José da Cunha, como diretor: Carlos Vital Olson, como secretário-geral: e Aparecido O. Belvedere, como relações públicas. A assinatura anual era oferecida por Cr\$ 45,00<sup>354</sup>.

Figura 25 – Logotipo de O Clarim



Fonte: Jornal O Clarim – jun/2013 - acervo do autor<sup>355</sup>.

Atualmente, o jornal é mensal e conta com doze páginas e uma tiragem de 6.000 exemplares<sup>356</sup>.

## 2.1.5 – Revista Internacional do Espiritismo

Figura 26 – Capa da RIE



Fonte: Sítio da RIE <sup>357</sup>

<sup>353</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de fev. 1975. Ano LXX, n. 7.

<sup>354</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 15 de mar. 1978. Ano LXXII, n. 8.

<sup>355</sup> **O Clarim**. Matão (SP), jun. 2013. Ano CIX, n. 11.

<sup>356</sup> GARCIA; MONTEIRO. Op.Cit. p. 69-71.

Passamos agora à *Revista Internacional de Espiritismo – Revista Mensal de estudos anímicos e espíritas (RIE)*, que junto com o *Reformador* e *O Clarim* possuem as vidas mais longas entre os periódicos espíritas de nosso país. A revista foi criada também por Cairbar Schutel, na cidade de Matão, no interior do Estado de São Paulo, em 2 de fevereiro de 1925; portanto, conta hoje com noventa anos de existência. Schutel foi seu presidente e diretor editorial até a sua morte em janeiro de 1938, sem prejuízo de suas atividades no jornal *O Clarim*, também sob sua direção. Apenas a partir do terceiro número, a RIE passou a ser impressa na Casa Editora, em Matão, e, assim, continuou até a edição de janeiro de 2011, quando a produção da revista foi terceirizada para a Gráfica São Francisco, de Ribeirão Preto (SP)<sup>358</sup>, em papel couché, de alto padrão, no formato 18,30 X 26,30 cm, possuindo 32 páginas; apresentava Cairbar Schutel, como diretor e como colaboradores citava apenas: “diversos”<sup>359</sup>.

Em seu primeiro número, a revista trazia logo na sua página inicial as razões e os objetivos pretendidos por seu fundador com a edição de mais uma revista voltada para o Espiritismo:

O título e subtítulo que adoptamos para esta publicação comprehende uma vasta area de trabalhos e conhecimentos que marcam na hora actual um movimento de accentuado progresso na marcha da humanidade.

[...]

Todos os empreendimentos realizados e que se forem realizando no terreno do animismo experimental, bem como os que se acharem na area do espiritismo propriamente, ou vulgarmente dito serão lembrados por esta revista.

O escopo principal do nosso programa é de mostrar e propagar, que no homem existe um dualismo, composto de corpo e espirito, e esta demonstração não deve ser feita por méras especulações philosophicas, mas por meio de verificação experimental<sup>360</sup>.

---

<sup>357</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 1. Disponível em: <<<https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao- revista-internacional-do-espiritismo.html>>> Acesso em: 29 jun. 2015.

<sup>358</sup> GARCIA; MONTEIRO. Op.Cit. p. 126-127; Fundação da RIE, a Revista Internacional de Espiritismo. O Clarim. Disponível em: <https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao- revista-internacional-do-espiritismo.html>. Acesso em: 29 jun. 2015.

<sup>359</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 1, 15 de fev. 1925.

<sup>360</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 1, 15 de fev. 1925.

Cumprindo as promessas listadas em seu número inicial, a RIE desde o seu lançamento contava em suas páginas com tradução de artigos de renomados colaboradores e pesquisadores europeus e dos Estados Unidos da América como, por exemplo: Conan Doyle, Charles Richet, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Henri Sausse, Léon Denis, Oliver Lodge, entre outros. Além desse seu aspecto voltado às coisas internacionais, a linha editorial da revista pendia mais para o aspecto científico e experimental do Espiritismo. Já nos seus primeiros números, podemos encontrar diversos artigos e reportagens internacionais assinadas ou não, as quais confirmavam as tendências anunciadas pela revista como: *Psychologia Experimental*<sup>361</sup>, *Photografia Fluido-Magnética e Radio-Actividade Humana – Os Raios V, do Comandante Darget*<sup>362</sup>; *O Progresso Humano e os Phenomenos Psychicos*, de Camille Flamarion<sup>363</sup>. Nessa primeira fase, a revista divulgava artigos provenientes do exterior em sua grande maioria e por alguns de articulistas nacionais, assinando Cairbar Schutel sob vários pseudônimos. Ela também contava com algumas colunas como *Chronica Estrangeira e Écos e Notícias*, trazendo notícias de diversos países, como, por exemplo, Inglaterra, França, Venezuela, África do Sul, Austrália<sup>364</sup>.

Estampado em seus números, o preço avulso da revista era 2\$500 e a assinatura anual simples para o Brasil 24\$000, a registrada 30\$000 e a assinatura para o estrangeiro simples 30\$000 e a registrada 40\$000<sup>365</sup>.

A RIE destacava-se das demais revistas e periódicos pesquisados, entre outras coisas, pelo farto material fotográfico existente em suas páginas a fim de ilustrar e apoiar as suas reportagens e artigos, como por exemplo, a clara intenção de provar a existência da vida após a morte, por parte de seu diretor e idealizador.

A revista pôde sair do plano das ideias devido ao financiamento inicial do casal Luis Carlos de Oliveira Borges e Maria Elisa de Oliveira

<sup>361</sup> *Psychologia Experimental*. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 1, 15 de fev. 1925. p 1-10. e *Psychologia Experimental*. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 2, 15 de mar. 1925. p 1-10.

<sup>362</sup> *Photographia Fluido-Magnetica e Radio-Actividade Humana – Os Raios V, do Commandante Darget*. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 1, 15 de fev. 1925. p. 16-19.

<sup>363</sup> FLAMARION, Camille. *O Progresso Humano e os Phenomenos Psychicos*. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano I, n. 1, 15 de fev. 1925. p. 20-21.

<sup>364</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1925. Ano I, n. 1.

<sup>365</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1925. Ano I, n. 1; **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de mar. 1925. Ano I, n. 2.

Borges, da cidade de Dourado no interior paulista, assíduos leitores do jornal *O Clarim*, também editado por Schutel<sup>366</sup>. Àquela época, Schutel recebia vasto material em outros idiomas com conteúdo mais elaborado, mas que, em sua opinião, não poderiam ser publicados no jornal *O Clarim*. Esse material era traduzido das línguas espanhola e francesa, por Schutel, e do alemão, inglês e italiano, por Ismael Gomes Braga, do Rio de Janeiro<sup>367</sup>. Posteriormente, as traduções foram realizadas por Severiano Ivens Ferraz, da cidade de São Paulo, e Watson Campello, de Monte Azul Paulista, além de pelo próprio Schutel<sup>368</sup>.

A partir de sua edição de fevereiro de 1929, encontramos a impressão de algumas páginas totalmente coloridas (rosa, azul, verde, amarela e branca) e as edições seguintes passaram a contar com quarenta páginas<sup>369</sup>.

Oito anos depois, em fevereiro de 1937, encontramos a RIE com os seguintes preços de venda das suas assinaturas: assinatura anual simples para o Brasil 20\$000, a registrada 24\$000, e a assinatura para o estrangeiro simples 24\$000 e a registrada 30\$000; portanto, sofrendo uma redução nos preços<sup>370</sup>.

Reafirmando o seu caráter de divulgação do Espiritismo com ênfase no seu aspecto ligado à ciência, encontramos, durante o intervalo de maio de 1938 a maio de 1943, uma série de artigos assinados por Leopoldo Machado, intitulados *O Espiritismo em face da Ciência*<sup>371</sup>. Ainda nesse período, a revista contava com suas tradicionais 32 páginas impressas em papel de muito boa qualidade<sup>372</sup>.

Com a morte de Schutel, a presidência tanto da RIE quanto de *O Clarim* passaram às mãos de Antonia (“Antoninha”) Perche da Silveira Campêlo, permanecendo no cargo de 1938 a 1966. Watson Campêlo ficou como diretor-editorial de fevereiro de 1938 a março de 1963, quando José da Cunha assume este último cargo até 1966, deixando-o posteriormente a fim de assumir a presidência tanto do jornal quanto da revista até agosto de 1979. Wallace Leal Valentin Rodrigues, em substituição a José Cunha, exerceu o cargo de diretor-

<sup>366</sup> GARCIA; MONTEIRO. Op. Cit. p. 122-126. e RAMOS, Clóvis. Op. Cit. p. 138-139.

<sup>367</sup> Idem.

<sup>368</sup> GARCIA; MONTEIRO. Op. Cit. p. 130-131.

<sup>369</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de fev. 1929. Ano V, n. 1.

<sup>370</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de fev. 1937. Ano XIII, n. 1.

<sup>371</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de mai. 1938. Ano XIV, n. 4; a *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de maio 1943. Ano XIX, n. 4.

<sup>372</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de fev. 1938. Ano XIV, n. 1; *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de maio 1938. Ano XIV, n. 4; a *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de mai. 1943. Ano XIX, n. 4.

editorial entre o período de 1966 a setembro de 1988. Em razão da morte de Wallace Leal Valentin Rodrigues, Aparecido Belvedere assumiu o cargo de diretor-editorial de setembro de 1988, permanecendo no cargo até a presente data. Com a saída de José Cunhada presidência para assumir o cargo de diretor editorial, Carlos Vital Olson assumiu a presidência de agosto de 1979 a julho de 2010, quando deixou o cargo em virtude da idade avançada, aos 94 anos. Assim, José Luiz Alberto Marchesan assumiu a presidência, cargo esse que ocupa até a presente data.

Em meados da década de 1940 e durante a década de 1950, encontramos as colunas: *Livro e Autores* nos quais eram realizadas crítica a respeito dos lançamentos de livros sobre o Espiritismo; *Pontos de Vista* sobre assuntos diversos ligados diretamente ou não ao Espiritismo; *Espiritismo no Brasil*, com notícias do Movimento Espírita Brasileiro<sup>373</sup>.

Em dezembro de 1953, encontramos o exemplar avulso da RIE sendo vendido ao preço de Cr\$ 4,50 e suas assinaturas: anual simples para o Brasil Cr\$ 50,00; a registrada, Cr\$ 60,00; e a assinatura para o estrangeiro simples Cr\$ 55,00; e a registrada Cr\$ 70,00; e semestral simples para o Brasil Cr\$ 25,00, a registrada Cr\$ 30,00<sup>374</sup>.

Figura 27 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano XXXI – nº 1 – 15/02/1955 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>375</sup>

Figura 28 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano XXXVI – nº 12 – 15/01/1961 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>376</sup>

Figura 29 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano XLVII – nº 2 – 15/03/1971 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>377</sup>

Figura 30 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano XLVIII – nº 6 – 15/07/1972 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>378</sup>

<sup>373</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de jul. 1947. Ano XXIII, n. 6; **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de maio 1948. Ano XXIV, n. 4; **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1951. Ano XXVII, n. 1.

<sup>374</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de dez. 1953. Ano XXIX, n. 11.

<sup>375</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1955. Ano XXXI, n. 1.

<sup>376</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de jan. 1961. Ano XXXVI, n. 12.

<sup>377</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de mar. 1971. Ano XLVII, n. 2.

<sup>378</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de jul. 1972. Ano XLVIII, n. 6.

Já na edição de março de 1954, a revista contou com apenas 24 páginas impressas, sem, contudo, informar a razão para essa diminuição no número de páginas e, também, não avisou o valor cobrado pelo exemplar avulso e tampouco o valor referente às assinaturas<sup>379</sup>.

Na edição de maio de 1968, mais uma vez, a revista não mencionava os valores referentes ao número avulso e os das assinaturas, contando com o seu número regular de 32 páginas<sup>380</sup>.

Com as mesmas 32 páginas a edição de fevereiro de 1970 não apresentava o valor do número avulso; porém, indicava que a assinatura anual correspondia a NCr\$ 10,00 e a semestral, NCr\$ 6,00<sup>381</sup>. Em fevereiro de 1975, a assinatura anual correspondia ao valor de Cr\$ 50,00 e o avulso era de Cr\$ 5,00<sup>382</sup>. Cinco anos mais tarde, em fevereiro de 1980, mantendo as 32 páginas, a assinatura anual era cobrada a Cr\$ 140,00 e o número avulso Cr\$ 14,00<sup>383</sup>.

Em 2015, a RIE circula regularmente, por intermédio do serviço de assinaturas, em 26 países, diferentes, atingindo todos os continentes, com exceção da Ásia. São eles: Argentina, Bolívia, Canadá, Colômbia, Cuba, Equador, Estados Unidos da América, Honduras, México, Porto Rico, Uruguai, Venezuela, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Luxemburgo, Nigéria, Portugal, Suíça, Angola, Moçambique e Austrália<sup>384</sup>.

Figura 31 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano LIV – nº 7 – 15/08/1979 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>385</sup>

Figura 32 – Capa RIE



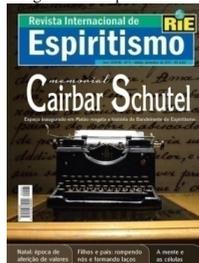
Fonte: RIE – Ano LXIII – nº 6 – 15/07/1986 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>386</sup>

Figura 33 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano LVI – nº 8 – 15/09/1981 – Acervo Biblioteca Nacional<sup>387</sup>

Figura 34 – Capa RIE



Fonte: RIE – Ano LXXXVIII – nº 11 – 15/12/2013 – Acervo Próprio<sup>388</sup>

<sup>379</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de mar. 1954. Ano XXX, n. 2.

<sup>380</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de mai. 1968. Ano XLIV, n. 5.

<sup>381</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1970. Ano XLVI, n. 1.

<sup>382</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1975. Ano LI, n. 1.

<sup>383</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de fev. 1980. Ano LV, n. 1.

<sup>384</sup> Fundação da RIE, a Revista Internacional de Espiritismo. **O Clarim**. Disponível em: <<https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao-revista-internacional-do-espiritismo.html>>. Acesso em: 29/06/2015.

<sup>385</sup> **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de ago. 1979. Ano LIV, n. 7.

## 2.1.6 – Almenara

Figura 35 – Capa Almenara



Fonte: Almenara – Ano 1 – nº 1 – ago/1952  
Acervo Biblioteca Nacional<sup>389</sup>

A seguir, chegamos ao último periódico destacado neste trabalho, o *Almenara – Órgão Independente e de Orientação Espírita*, aquele que possuiu a vida mais curta entre todos, ou seja, foi publicado apenas durante onze anos. Fundado na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 1952, possuindo como diretor responsável o jornalista Antonio Pereira Guedes, como secretário, José Angelito Passos e como gerente, Thales Pereira Guedes. A redação do jornal funcionava na Rua Sampaio Ferraz, nº 33 no bairro do Estácio de Sá, no centro da cidade. O jornal possuía a periodicidade mensal e circulava com oito páginas, salvo, em algumas edições comemorativas, quando circulava com mais páginas, no formato 24 X 32 cm<sup>390</sup>. O último número do jornal circulou no mês de dezembro de 1962<sup>391</sup>.

O *Almenara* contou, em toda a sua existência, com a coluna *Da Torre de Vigilância*, nome escolhido por seu fundador por significar “uma torre de vigilância”<sup>392</sup>, papel a ser exercido pelo jornal, conforme o anseio de seu fundador, em relação ao Movimento Espírita Brasileiro. Também contou com a coluna *Nossa Estante* em alguns números

<sup>386</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de jul. 1986. Ano LXIII, n. 6.

<sup>387</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de set. 1981. Ano LVI, n. 8.

<sup>388</sup> *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão (SP), 15 de dez. 2013. Ano LXXXVIII, n.11.

<sup>389</sup> *Almenara*. Rio de Janeiro (RJ), ago. 1952. Ano I, n. 1. p.1.

<sup>390</sup> *Almenara*. Rio de Janeiro (RJ), ago. 1952. Ano I, n. 1. p.1.

<sup>391</sup> *Almenara*. Rio de Janeiro (GB), dez. 1962. Ano XI, n. 125.

<sup>392</sup> Houaiss Eletrônico – versão mono usuário de junho de 2009.

quando necessitava realizar críticas e comentários sobre livros referentes ao Espiritismo.

Jornal com uma linha editorial de caráter extremamente combativo, desde o seu primeiro número já dava mostra de sua verve polêmica e aguerrida em defesa daquilo que julgava ser o verdadeiro e puro Espiritismo. Além de suas análises e críticas ao Movimento Espírita Brasileiro, como na sua manchete de primeira página *Os próprios Espíritos Decretam a Falência do Espiritismo no Brasil*, complementada pelo artigo na sua terceira página:

[...]

Se Viana de Carvalho ainda estivesse entre nós, em 1936, concordaria com Leopoldo Cirne, e, de pé, valentemente, estaria na vanguarda de uma nova cruzada em defesa do Espiritismo enxovalhado, como está sendo hoje com a cooperação de muitos daqueles que acompanharam, desde Bezerra de Menezes até Guillon Ribeiro, o surto maravilhoso de uma propaganda honesta.

Se em 1936, quando Cirne, publicou o seu segundo livro – O Anticristo – não se podia acreditar na decadência da Doutrina que êle então sentia, hoje porém, forçoso é confessar que, os próprios espíritas decretam a falência do Espiritismo no Brasil.

Chega-se facilmente a esta conclusão, bastando apenas que se tenha um pouco de memória, lembrando aqueles que foram paladinos das primeiras horas, em época em que o ultramontanismo, com mais impetuosidade, dominava as massas ignorantes e impunha, a ferro e fogo, a sua vontade.

Hoje não há mais respeito ao magnífico ideal. Conspurca-se a Doutrina, malbaratando o tesouro da Revelação.

E tudo isso se faz ao som da fanfarra, entoando hinos e canções.

Aqui é um médico, cheio de ambições, que se diz espírita, encastelado atrás de um diploma explorando a credulidade pública. Ali, um fanfarrão mal alfabetizado, ainda em nome do Espiritismo, com milhares de mãos estendidas a pedir; a dêle e as dos que o acompanham prestigiando a promessa de uma obra e enxovalhando a Doutrina, visto que na ânsia de arrancar o dinheiro por todos os processos, se lançam mãos, desde a lista, de aparência inocente, as festas descabidas culminando no jogo que tanto degrada o caráter. Acolá, é a sincretização da Doutrina que deixa de ser a que orienta e liberta para tornar-se em cadêia que manietta a inteligência e escravisa o espírito [...]<sup>393</sup>.

---

<sup>393</sup> GUEDES, Antônio Pereira. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), ano I, n. 1, ago. 1952. p.3-4.

Mais adiante, no seu terceiro número, o jornal reafirma sua disposição em defesa do Espiritismo:

[...]

Aos que vivem à sombra do Espiritismo explorando o povo sob qualquer aspecto, nós os alertamos, convocando-os ao trabalho honesto.

Os que tumultuam a doutrina, que transformam os templos em pagodes orientais conduzindo o Espiritismo à idolatria, nesse retrocesso avassalador que estamos testemunhando, serão os nossos mais visados adversários, sem contudo fugirmos à norma doutrinária da fraternidade.

[...]

Se penetrarmos em uma “tenda umbandista”, o fazemos com o mesmo espírito de fraternidade, mas, nem por isso seríamos capaz de abdicar do nosso direito de ser franco, dizendo a verdade, acima de tudo: “Umbanda” não é “Espiritismo”.

[...]

O nosso espírito de fraternidade jamais chegará ao ponto de fundirmos ou confundirmos Espiritismo com mediunismo, “umbanda” com Espiritismo.

[...] <sup>394</sup>

Ao longo dos anos, pudemos observar, nas páginas do jornal, a defesa intransigente de seus pontos de vista em relação àquilo que encarava como ataques ao Espiritismo ou como deturpação deste, por meio dos artigos assinados por seu diretor ou por muitos daqueles que escreviam costumeiramente no jornal. Pereira Guedes assinou uma série de artigos acerca da questão referente à relação entre a Umbanda e o Espiritismo, debatendo de forma candente com a FEB e alguns intelectuais do campo espírita:

No que se relaciona às posições polêmicas do Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg OFM, em relação ao Espiritismo, encontramos diversos artigos assinados por Pereira Guedes, Newton Boechat<sup>395</sup>, Deolindo Amorim<sup>396</sup>, Carlos Imbassahy<sup>397</sup> etc. Sobre as diferenças entre as interpretações dadas pela LBV sobre o Espiritismo, também localizamos inúmeros artigos assinados por Pereira Guedes<sup>398</sup> e outros colaboradores do jornal.

---

<sup>394</sup> GUEDES, Antônio Pereira. A Verdade ACIMA DE TUDO. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), out. 1952. Ano I, n. 3. p.3.

<sup>395</sup> BOECHAT, Newton. Novidades do Frei Boaventura O.F.M. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), mar. 1953. Ano I, n. 8. p.6. BOECHAT, Newton. Novidades do Frei Boaventura O.F.M. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), jun. 1953. Ano I, n. 11, p.6.

<sup>396</sup> AMORIM, Deolindo. A Igreja e o Espiritismo. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), jun. 1956. Ano IV, n. 47.p.5.

<sup>397</sup> IMBASSAHY, Carlos. Os jornais do Tio Ignácio. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), out. 1956. Ano V, n. 51. p.4. IMBASSAHY, Carlos. O Frade e o Cristianismo. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), nov. 1956. Ano V, n. 52, p.7.

<sup>398</sup> GUEDES, Antonio Pereira. O maior e o Mais Nefasto Inimigo do Espiritismo. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), jan./fev. 1958. Ano VI, n. 66 e 67. p.3.

Durante o ano de 1956, o jornal ainda mantinha a mesma direção de sua fundação, ocorrendo apenas a mudança de endereço de sua redação e administração para a Rua Hadock Lobo, nº 419 A, casa XXXVII<sup>399</sup>.

No número 61, de agosto de 1957, o jornal anunciava para breve a criação da Sociedade de Estudo e Divulgação do Espiritismo Almenara, a qual iria “constituir-se no órgão responsável pela publicação de ALMENARA, terá ainda outros programas doutrinários no terreno da defesa e propaganda do Espiritismo”<sup>400</sup>. A sociedade teve como presidente Pereira Guedes que de contínuo se manteve à frente do jornal.

Figura 36 – Logotipo do Almenara



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional<sup>401</sup>

Em razão das várias divergências entre o jornal e as posições assumidas pela FEB, em seu número de janeiro de 1959, Pereira Guedes anunciava a proibição imposta pela FEB quanto à venda do jornal nas dependências da instituição, fato esse que ocorria desde a fundação do jornal em agosto de 1952,

[...]

“O dr. Wantuil” (é assim chamado, pelos empregados, o presidente da Federação) – “mandou suspender a venda de ALMENARA, alegando que paga impostos e empregados, mas não para vender e ajudar um jornal que ataca a Federação”.

Aí está, pois, a razão pela qual ALMENARA não mais será vendido no balcão da F.E.B.

O artigo considerado ofensivo à Federação, pela diretoria que é o “dr” presidente, é de autoria de nosso ilustre colaborador Alfredo Molinaro, em forma de carta dirigida ao confrade Monteiro Bastos, de Juiz de Fora<sup>402</sup>.

Já em 1959, o jornal apresentava dificuldades financeiras, a ponto de, em maio daquele ano, apresentar um número, o 82, com apenas quatro páginas impressas<sup>403</sup>.

<sup>399</sup> **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), jul. 1956. Ano IV, n. 48. p.23.

<sup>400</sup> **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), ago. 1957. Ano VI, n. 61. p.1.

<sup>401</sup> **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), ago. 1957. Ano VI, n. 61. p.1.

<sup>402</sup> GUEDES, Antonio Pereira. Para Começo de Ano. **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), jan. 1959. Ano VII, n.78. p.3.

<sup>403</sup> **Almenara**. Rio de Janeiro (RJ), maio 1959. Ano VII, n. 82.

A partir de meados de 1961, o jornal passou a sair com a periodicidade bimestral, contando, porém, com a numeração dobrada: junho (107) – julho (108); agosto (109); setembro (110) – outubro (111); novembro (112) – dezembro (113).

Em seu último ano, ainda continuou com edições bimestrais por quase todo o ano; exclusivamente as edições de julho (120), agosto (121), novembro (124) e dezembro (125) foram referentes a um único mês.

## **2.2 – A FEB, o Pacto Áureo e as lutas intestinas na imprensa espírita**

Com o objetivo de darmos maior inteligibilidade ao processo que possibilitou a implantação do Pacto Áureo, passo decisivo para a FEB fixar-se como a instituição mais prestigiosa do Campo Espírita Brasileiro, devemos instituir três marcadores capazes de facilitar essa compreensão, servindo ao propósito de guiar-nos pelos inúmeros acontecimentos como um verdadeiro fio condutor:

- ✓ o primeiro é denominado de marcador institucional, determinado pela fundação da FEB em 1884;
- ✓ o segundo, de marcador doutrinário, em razão do lançamento do livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho* em 1938;
- ✓ e o terceiro, de marcador discursivo em virtude da efetivação do Pacto Áureo em 1949.

Definidas as trilhas a serem percorridas, a seguir, passaremos a investigar, como detetives, os detalhes e as situações que nos permitiram analisar a situação hegemônica da FEB.

### **2.2.1 – FEB – Surgimento e Constituição**

As duas décadas finais do século XIX e as três iniciais do século seguinte presenciaram uma grande confusão no interior do jovem Movimento Espírita Brasileiro, um misto de conflitos, disputas de poder e lutas de representação, não só entre os próprios espíritas, mas também entre eles e os clérigos, o saber médico e o saber jurídico<sup>404</sup>. Esses

---

<sup>404</sup> Para maiores informações a respeito dos conflitos e das lutas de representações entre espíritas e católicos, ver trabalho do historiador ISAIA, A. C. Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, n. 30, p. 67-80, 2001. Sobre as disputas e poder e saber entre espíritas, católicos e médicos, também ver ISAIA, A. C. O catolicismo pré-conciliar brasileiro e as religiões

conflitos ocorridos por todo o país refletiam a situação conturbada da Capital Federal em relação ao Espiritismo e suas práticas.

Nas palavras de Pedro Richard, o Movimento Espírita, por volta dos anos 1880, encontrava-se tumultuado quando afirma

Por essa época ocorreu um fato bem significativo: Os espíritas, ou por discordância de idéias, ou por criminosa pretensão, criaram considerável número de grupos, cujos membros, em sua maioria, desconheciam os preceitos mais rudimentares da doutrina. Qualquer espírita formava um grupo, só para satisfazer, a vaidade de dar-lhe por título um nome que ele venerava. De grupos produtivos apenas se contavam alguns, em número por demais reduzido<sup>405</sup>.

O Campo Espírita Brasileiro constituía-se de diversas entidades atuando de forma totalmente livre sem a ação de uma força centralizadora capaz de dar algum sentido de unidade tanto à prática ritual quanto às questões doutrinárias. Cada centro, ou grupo familiar, tratava o Espiritismo como acreditavam ser a maneira correta de praticá-lo. Devemos lembrar que ainda hoje o Movimento Espírita Brasileiro mantém o caráter de independência histórica dos centros espíritas, uma vez que não é obrigatória a filiação dos de tais centros às federações atuantes nas suas respectivas áreas de atuação, pois, para se considerar espírita, o centro deve apenas cumprir as formalidades legais para a sua instituição e declarar-se espírita conforme a orientação de seus fundadores. Desse modo, essas obrigações encontram-se de acordo com a tradição do Movimento Espírita Brasileiro desde o seu surgimento, consideradas como fator importante para a disseminação do Espiritismo Brasileiro<sup>406</sup>.

Certamente, em razão desse quadro de ampla diversidade de ação e entendimento sobre o Espiritismo, qualquer ação que visasse à unificação do Movimento Espírita Brasileiro tornava-se um trabalho hercúleo. Porém, algumas instituições tentaram fazê-lo, entre elas, podemos destacar o Centro da União Espírita do Brasil (1881 – 1894) e

---

mediúnicas: a recorrência ao saber médico-psiquiátrico. Revista de História das Idéias, Coimbra, v. 26, p. 599-622, 2005. Sobre as disputas entre espíritas e o saber jurídico e também sobre as disputas com o saber médico, ver o trabalho do antropólogo GIUMBELLI, E. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e da legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

<sup>405</sup> KLOPPENBURG, Boaventura. **O Espiritismo no Brasil**: orientação para os católicos. Petrópolis: Vozes, 1960. p. 18.

<sup>406</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.78-79.

a Federação Espírita Brasileira (1884 – até hoje), ambas fundadas na cidade do Rio de Janeiro.

A fundação da FEB já destacada no capítulo anterior, assim sendo, não carece de voltarmos a ela nos referir aqui, funciona como fato inaugural de sua primeira geração, marcando de forma emblemática as lutas desenvolvidas no interior do campo Espírita Brasileiro. A fundação da Federação também nos proporciona o estabelecimento de um marco que denominamos institucional em virtude da fundação da mais poderosa instituição espírita brasileira surgida até hoje, facilitando a nossa compreensão dos acontecimentos.

O comportamento inicial da FEB contraria aquilo que a maioria dos estudiosos<sup>407</sup> do Espiritismo Brasileiro afirma relativamente aos objetivos por ela colimados em seus primeiros anos de vida, ao asseverarem que desde essa época ela já lutava pela hegemonia. Assim, Emerson Giumbelli salienta que a FEB, no primeiro momento, foi criada com o objetivo de apenas divulgar o Espiritismo por intermédio das páginas do *Reformador*<sup>408</sup>, baseado na descrição dos objetivos da Federação divulgada na capa do primeiro número do *Reformador* impresso em 15 de janeiro de 1884, na qual observamos que seu objetivo era “a propaganda ativa do Espiritismo pela imprensa e por conferências públicas”<sup>409</sup>. O autor acrescenta a esse argumento a resposta dada pela FEB ao convite da London Spiritualist Alliance para se associar à confederação internacional:

A FEB não é mais que uma simples reunião de alguns espíritas bem resolvidos a derramar os conhecimentos da doutrina, pela imprensa e por conferências públicas; não é um centro a que estejam filiados todas as sociedades e grupos do Brasil<sup>410</sup>.

---

<sup>407</sup> Sobre o tema ligado à fundação da FEB, destacamos: AUBRÉE, Marion, LAPLATINE, François. *La Table, Le Livre et Les Esprits: naissance, évolution e actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*. Paris (França): Éditions Jean-Claude Lattès, 1990. WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB, 1969; DAMAZIO, Sylvia. *Da Elite ao Povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994; ABREU, Canuto. *Bezerra de Menezes: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895*. São Paulo: FEESP, 1991; ACQUARONE, Francisco. *Bezerra de Menezes: o médico dos pobres*. São Paulo: Aliança, 2004; QUINTELLA, Mauro. *História do Espiritismo no Brasil*.

<sup>408</sup> GIUMBELLI (1997). Op.Cit. p. 63-64.

<sup>409</sup> *Reformador*. Rio de Janeiro, 15 de jan.1884. Ano I, n.1. p.1.

<sup>410</sup> *Reformador*. Rio de Janeiro, 11 de nov.1884. Ano I; Op. Cit. GIUMBELLI (1997). p. 63-64.

Portanto, ainda segundo Giumbelli, não se tratava de uma “federação” nem tampouco “brasileira”, visto que, dentre seus quarenta sócios fundadores, somente três não pertenciam à Província do Rio de Janeiro. Além disso, a FEB não previa inicialmente a filiação de grupos ou de representantes deles, mas exclusivamente de indivíduos<sup>411</sup>.

Canuto Abreu, em uma série de artigos publicados na revista *Metapsíquica*, na década de 1930, os quais posteriormente foram publicados em forma de livro pela FEESP<sup>412</sup>, ao escrever a respeito da crise em torno da FEB e do Movimento Espírita, de uma forma geral, por volta dos cinco anos subseqüentes à implantação no novo Código Penal de 1890, declarava que:

o trabalho fundamental da **Federação** era a propaganda do Espiritismo e o seu desideratum era o proselitismo. A aspiração dos seus diretores era aumentar quantitativamente o seu quadro social, o seu auditório, o número de seus leitores<sup>413</sup>.

Assim, percebemos a concordância entre Giumbelli e Abreu quanto aos objetivos iniciais da FEB, aos quais mudariam a seguir em busca da união do Movimento Espírita Brasileiro, aí sim, sob sua liderança e guarda.

Como possível observar no capítulo anterior, as lutas no interior do Campo Espírita Brasileiro tiveram como etapa importante de sua história o antagonismo entre místicos e científicos, incompatibilidade surgida ainda no século XIX, especialmente travada durante o período da primeira geração entre os grupos liderados, de um lado, por Bezerra de Menezes e, de outro, por Angeli Torteroli.

A fim de elucidarmos as dissensões ocorridas no interior do Campo Espírita Brasileiro, já no início do último quartel do século XIX, reportamo-nos aos escritos de Canuto Abreu, quando aborda explicitamente a tentativa por parte da FEB de construir-se historicamente como “Casa Mater”, ou instituição mor do Espiritismo Brasileiro.

Canuto Abreu transcreve na íntegra as célebres “Instruções de Allan Kardec aos Espíritas do Brasil” (ver Anexo C), datada de 5 de fevereiro de 1889, obtida por meio do médium Frederico Pereira da Silva Júnior, mais conhecido por Frederico Júnior, na sede da Sociedade

<sup>411</sup> GIUMBELLI (1997). Op. Cit.1997. p.64.

<sup>412</sup> ABREU.Op. Cit. passim.

<sup>413</sup> ABREU. Op. Cit. p. 53.

Espírita Fraternidade, na cidade do Rio de Janeiro<sup>414</sup>, chamando a nossa atenção para o fato de que essa polêmica surgiu antes mesmo do auge da luta entre místicos e científicos.

Sobre essa mensagem, constatamos de forma bastante acentuada o contraste entre o tipo de linguagem empregada pelo espírito de Kardec nessa oportunidade e aquela costumeiramente empregada pelo codificador do Espiritismo em seus livros e artigos, apresentando agora um estilo acentuadamente religioso, repleto de elementos pertencentes ao Catolicismo, característica bastante comum aos espíritas ligados à FEB. Além disso, entendemos que essas mensagens dão mostra de alguns dos objetivos perseguidos pela FEB durante todo o período de sua afirmação no interior do Campo Espírita Brasileiro:

- legitimar-se como herdeira e responsável pelo Espiritismo no Brasil;
- sancionar o trabalho de Roustaing como colaborador e continuador de Kardec por meio da “Revelação da Revelação”;
- convalidar a condição do Anjo Ismael como o guia e responsável espiritual pelo Espiritismo no Brasil e pelos destinos do país.

Soma-se a isso o fato do médium responsável pelas mensagens possuir uma estreita ligação com a FEB e seus líderes, mormente aqueles ligados de forma direta à questão entre místicos e científicos, atuando entre 1878 e 1880 na Sociedade Espírita Deus, Cristo e Caridade, e, entre 1880 e 1882, na Sociedade Espírita Fraternidade, e, finalmente, permanecendo por 34 anos atuando de forma ininterrupta na FEB<sup>415</sup>.

Abreu aponta como fruto imediato dessa comunicação a anuência por parte de Bezerra de Menezes, pela primeira vez, em exercer o cargo de Presidente da FEB e a subsequente convocação de um congresso, o qual se realizou em 31 de março de 1889, visando à organização do movimento<sup>416</sup>.

Assim, nas páginas do *Reformador*, encontramos sobre o evento o seguinte texto:

A convite da Directoria da sociedade spirita Federação, reuniram-se no dia 31 de Março proximo passado os representantes dos grupos spiritas da côrte, com o intuito

---

<sup>414</sup> ABREU. Op. Cit. p. 105-116.

<sup>415</sup> SILVA, Ricardo; ROCHA, Paulo de Tarso. Frederico Pereira da Silva Júnior. **Reformador**. Rio de Janeiro, ago. 2014. Ano 132. n. 2.225. p. 463-466.

<sup>416</sup> *Ibidem*. p. 54.

de solemnizarem o passamento do immortal Allan Kardec, procurando um modo de organizar os nossos trabalhos, que são feitos sem ordem, guiando-se cada um por sua lei, ou antes, por sua vontade.

O concurso foi numeroso, o que prova a boa vontade que tem todos de fazerem o que está na consciencia de todos.

O presidente da Federação expoz o fim da convocação e propoz: que os grupos, tomando conhecimento das manifestações de Allan-Kardec a respeito da necessidade de uma organização, escolhessem cada um o seu representante, para na proxima sessão, que foi marcada para hontem, 14 do corrente, resolverem o que lhes parecer melhor relativamente ao assumpto.

Suggeriu dous planos, que submetteu ao estudo dos mesmos grupos: o de se formar uma centro com um membro de cada grupo, e o de elegerem um numero limitado de spiritas, para com estes constituir-se o mesmo centro.

[...] <sup>417</sup>.

No número seguinte do *Reformador*, de 1º de maio de 1889, Bezerra de Menezes ressaltava aspectos que reputava importantes sobre a mensagem do espírito de Kardec e também sobre a realização do congresso:

[...]

No meio dessa aspiração geral, baixou á *Fraternidade* o mestre Allan Kardec, e, n'uma communição, que exalta os sentimentos de quem a lê, fez sentir os graves inconvenientes de continuarem os trabalhos spiritas como até aqui, e a urgente necessidade de dar-se uma organização seria ao exercito que combate á sombra da bandeira de Ismael.

Da *Federação* ergueu-se o brado de reunir, e, mediante convite a todos os grupos espiritas da côrte, teve logar uma assembléa, em que estiveram representados vinte e quatro grupos, dous terços pouco mais ou menos dos que trabalham entre nós.

Nessa assembléa, em que transparecia o ardente desejo de todos: de verem erguer-se, no Brazil, e sobre as bases da união e da fraternidade, o templo do angelico Ismael, resolveu-se, por unanimidade, convocar um Congresso constituinte, para se assentar no modo de dar-se satisfação á recommendação do Mestre, e aspiração de todos os spiritas.

[...]

O Congresso spirita brasileiro decretou: que se fizesse a união de todos os grupos em um *Centro*, para o qual concorreriam, cada um, com um membro, e que o modo de organização dos trabalhos, por um systema uniforme,

---

<sup>417</sup> Congresso Spirita. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de abr. 1889. Ano VII. n. 154. p.1.

ficasse a cargo do *Centro*, depois de constituído.

Já foi uma gloriosa conquista a uniformidade de todas as vontades no sentido de se unirem todos os grupos, em uma única família, constituída pelo *Centro*.

Decretando, pois, o regime federativo como lei orgânica do Espiritismo no Brasil, o Congresso dissolveu-se convidando todos os grupos a mandarem seus eleitos (um por cada grupo) a se reunirem no dia 21 de Abril para se instalar o grande *Centro*, que terá a direcção suprema do Spiritismo, entre nós, sendo composto de todas as associações spiritas do Imperio<sup>418</sup>.

Além de descrever o momento pelo o qual passava o Movimento Espírita Brasileiro como “A hora era, porém, de confusão, rivalidade e isolamento”<sup>419</sup>, Abreu afirmava que os convocados pelo espírito de Kardec eram “os kardecistas, não os espíritas”<sup>420</sup>, e também que a união à qual o espírito conclamava era, sobretudo, entre a Sociedade Espírita Fraternidade (Fraternidade) e o Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael (Grupo Ismael), ressaltando ainda que o resultado dos esforços do congresso fora pura perda de tempo e contraproducente<sup>421</sup>.

Portanto, Canuto Abreu declara que, em razão de ver seus esforços malograrem, Bezerra de Menezes, em 1890, abandona também a Fraternidade e vai fazer parte do Grupo Ismael, junto aos maiores defensores da obra de Roustaing<sup>422</sup>.

Conforme relato de Canuto Abreu, o Grupo Ismael, o qual se reunia fisicamente nas dependências da FEB, herdou da Fraternidade o lema “Deus, Cristo e Caridade”, o qual constava no lema da bandeira do “Anjo Ismael”, considerado o guia espiritual supremo do Espiritismo Brasileiro, segundo a tradição febeana<sup>423</sup>. Devemos lembrar que esse lema consta ainda na atual bandeira da FEB, mantendo-se a tradição febeana.

A fim de promover a união do Movimento Espírita Brasileiro, Bezerra de Menezes passou a atuar em diversas frentes no interior do movimento como podemos verificar:

---

<sup>418</sup> MENEZES, Bezerra. Rio, 15 de abril de 1889. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano VII. n.155. maio 1889. p. 1.

<sup>419</sup> Op.Cit. ABREU p. 55.

<sup>420</sup> Idem. Kardecistas aqui entendidos como aqueles que se dedicavam ao estudo não só do “O Livro dos Espíritos” como os aqui denominados espíritas, mas também as demais obras de Kardec, conforme nomenclatura da época.

<sup>421</sup> Op. Cit. ABREU. p. 55-56.

<sup>422</sup> Ibidem. p. 59-60.

<sup>423</sup> Op. Cit. ABREU. p. 89.

- na FEB, além da presidência, atuava nas sessões públicas das sextas-feiras, criadas por ele nessa ocasião (23/05/1889), na qual se estudava *O Livro dos Espíritos*;
- na União Espírita do Brasil, na qual, a pedido dessa instituição, escrevia a coluna *Estudos Filosóficos* no jornal *O Paiz* e também realizava conferências aos domingos a respeito da união entre os espíritas e a respeito da organização do Espiritismo;
- no Centro Spírita do Brasil, junto com Dias da Cruz (FEB), Lima e Cirne (União), João Kahl (Fraternidade), Siqueira Dias (Academia), Antônio Sayão (Ismael) e outros, buscavam também a união dos espíritas brasileiros;
- no Grupo Luz e Caridade, no qual atuava nos trabalhos de desobsessão e na tradução do livro *Obras Póstumas*, de Kardec<sup>424</sup>.

Ao fim de 1889, Bezerra de Menezes sai da presidência da FEB e propõe a criação de uma Escola de Médiuns, no Centro Spírita do Brasil, e a criação de uma classificação dos grupos espíritas em cinco categorias. Essas iniciativas, contudo, não lograram o êxito esperado por Bezerra de Menezes, ficando a escola abandonada<sup>425</sup>.

Aos poucos, o Centro Spírita do Brasil foi ficando abandonado e as forças voltavam-se cada vez mais para a FEB. Em janeiro de 1890, foi fundada, no interior da FEB, a Assistência aos Necessitados<sup>426</sup>, a qual futuramente seria de enorme importância para a supremacia da FEB no interior do Campo Espírita Brasileiro e até mesmo para a configuração do caráter final do Espiritismo Brasileiro, em razão da prática da caridade.

Ainda em 1890, após convocar o Centro Spírita do Brasil por várias vezes, pelas páginas do *Reformador*, sem qualquer êxito, pois ninguém atendia aos seus chamados, Bezerra de Menezes vai bater às portas da Fraternidade, onde se estudava de forma sistemática o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec. Canuto Abreu lembra que

---

<sup>424</sup> Op. Cit. ABREU. p. 56.

<sup>425</sup> Ibidem. p. 56-57.

<sup>426</sup> Op. Cit. ABREU. p. 57. Ver também WEGELLIN, João Marcos. Memória Espírita: papéis velhos e histórias de luz. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005. p. 126. Onde afirma que a fundação da Assistência aos Necessitados deu-se em 20 de abril de 1890, com seus trabalhos iniciando-se em 11 de maio do mesmo ano. Ver também no Reformador de 15 de maio de 1890. Assistência aos Necessitados. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de maio 1889. Ano VIII. n. 180. p.2.

nessa instituição ocorreu a primeira divergência entre kardecistas e roustanguistas, responsável pela saída destes em direção ao Grupo Ismael, liderado por Sayão, ainda nesse mesmo ano<sup>427</sup>.

Ainda no interior da Fraternidade, devido à intermediação de Bezerra de Meneses, ficou acertado que existiria um espaço referente ao Centro Espírita do Brasil, para a realização de uma seção experimental para os científicos e o estudo dos evangelhos para os místicos<sup>428</sup>. No entanto, o grupo dos místicos, liderados por Frederico Júnior, composto, entre outros, por Pedro Richard, Zeferino Campos, Domingos Filgueiras, Manoel Seve, José Ramos e outros abandonam a Fraternidade, indo compor as fileiras do Grupo Ismael, liderado por Sayão e Bittencourt Sampaio<sup>429</sup>, todos, futuros membros de proa da FEB.

Em paralelo às lutas intestinas que ocorriam no interior do Campo Espírita Brasileiro ao redor de sua hegemonia, o Novo Código Penal de 1890 caiu como uma verdadeira bomba no seu interior. Em vista disso, mais uma vez recorremos aos escritos de Giumbelli, a fim de pensarmos as mudanças provocadas pelo novo código e a criminalização do Espiritismo em razão de seus artigos 156, 157 e 158<sup>430</sup>, os quais o

---

<sup>427</sup> Op. Cit. ABREU. p. 58-59.

<sup>428</sup> Ibidem. p. 58-60.

<sup>429</sup> Ibidem. p. 59-60.

<sup>430</sup> Após a implementação do Código Penal de 1890, o Espiritismo tornou-se um crime contra a tranquilidade pública no capítulo dos crimes contra a saúde pública, em seus artigos 156, 157 e 158. Como podemos observar:

### **CAPÍTULO III**

#### **DOS CRIMES CONTRA A SAÚDE PÚBLICA**

**Art.** 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

Penas de prisão celular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Paragrapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

**Art.** 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas – de prisão celular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das facultades psychicas:

Penas – de prisão celular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

enquadravam no Título III “dos crimes contra tranquilidade pública” e, mais especificamente, como “crime contra a saúde pública”, ou seja, crimes capazes de colocar em risco a tranquilidade social e a ordem pública, e a conseqüente repressão aos grupos e práticas espíritas.

A FEB saiu logo em defesa do Espiritismo, movimento esse que, em futuro próximo, lhe daria vantagens na luta pela hegemonia no campo. A Federação emitiu uma “Carta Aberta” ao Ministro da Justiça do Governo Provisório que contou com o apoio da União Espírita do Brasil e do Centro Espírita do Brasil<sup>431</sup>.

Nas páginas do *Reformador*, encontramos parte da carta endereçada ao Ministro da Justiça:

Ao Sr. Ministro da Justiça

[...]

O Spiritismo, Sr. Ministro, é a mais completa negação de todas as superstições: elle as combate como a mais poderosa causa do atrazo do espirito humano, elle afirma que só se deve acreditar naquillo que a obsevação, illuminada pelos processos scientificos modernos, pôde verificar como aquisição certa para o patrimonio dos conhecimentos.

[...] <sup>432</sup>

Dessa maneira, em virtude do código, a FEB modificou suas ações e seu discurso, a fim de resguardar os espíritas das perseguições judiciais, passando a reivindicar para si o papel de órgão representativo do Movimento Espírita Brasileiro. Para tanto, a FEB passou a caracterizar-se menos como um agrupamento de indivíduos voltados à divulgação do Espiritismo, e mais como um núcleo em torno do qual, outros grupos se reuniram em busca de apoio institucional. Além disso,

**Art. 158.** Ministrar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fôrma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro:

Penas – de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Paragrapho unico. Si o emprego de qualquer substancia resultar á pessoa privação, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funcções physiologicas, deformidade, ou inhabilitação do exercicio de orgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma enfermidade:

Penas – de prisão cellular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

Si resultar a morte:

Pena – de prisão cellular por seis a vinte e quatro annos.

Penas – de prisão cellular de um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.

<sup>431</sup> Op.Cit.ABREU. p. 60.

<sup>432</sup> Ao Sr. Ministro da Justiça. **Reformador**.Rio de Janeiro, 1º de nov. 1889. Ano VIII. n. 191.

passou a dar maior ênfase ao aspecto religioso do Espiritismo, em busca do apoio constitucional em oposição ao caráter persecutório do Código Penal, alegando a inconstitucionalidade deste<sup>433</sup>. Assim, podemos perceber a mudança no discurso da FEB ao optar pela legitimação do Espiritismo via religião, consagrando, dessa forma, o destino do Espiritismo em terras brasileiras, como aponta Giumbelli:

[...] Dado isso, a reivindicação do caráter ‘religioso’ da ‘doutrina espírita’ representava a *escolha de uma via de legitimação bem fundada*. Isto é, não se tratava apenas de uma forma possível de definir um conjunto de concepções e práticas oportunizadas pelo seu sistema conceitual, mas de uma interpretação que poderia ser aceita por aqueles a quem cabia julgá-las<sup>434</sup>.

Giumbelli assinala, ainda, o fato de a FEB perceber que suas alegações para com as autoridades constituídas da época e seus esforços para evidenciar, segundo seus propósitos, as diferenças existentes entre suas práticas e as declaradas práticas mágicas, principalmente àquelas ligadas aos cultos de origens africanas, não surtiram qualquer efeito prático que provocasse alguma mudança do Código Penal. O objetivo das lideranças espíritas da época era descriminalizar a prática do Espiritismo, demonstrando ao novo governo que as atitudes tomadas em razão do Código Penal de 1890 iam de encontro às ideias de “civilização”, uma vez que, segundo seus adeptos, o Espiritismo era uma ciência codificada por Allan Kardec, que, durante o seu desenvolvimento, fizera uso de processos científicos com o escopo de validá-la. Portanto, o Espiritismo, ao condenar a superstição e os milagres, não podia ser nivelado às práticas mágicas, e, além disso, condenar ou perseguir de alguma forma o Espiritismo seria “marcar limites ao progresso humano”<sup>435</sup>.

Como vimos anteriormente, os líderes espíritas protestaram inicialmente junto ao Ministro da Justiça do Governo Provisório da República, Manoel Ferraz de Campos Salles, porém, sem obterem sucesso. Ainda em defesa do Espiritismo, Bezerra de Menezes publicou vários artigos a propósito da ingerência indevida do Código Penal de

---

<sup>433</sup> Op.Cit.GIUMBELLI. p.105-116.

<sup>434</sup> Ibidem. p.116-117.

<sup>435</sup> Op.Cit.GIUMBELLI. p. 83.

1890, em sua ótica, não só no *Reformador*<sup>436</sup> como no *Jornal do Commercio*, e no jornal *O Paiz*, onde escrevia sua coluna sob pseudônimo de Max. Entre os vários artigos mencionados, destacamos o publicado em 29 de dezembro de 1890, no jornal *O Paiz*, no qual Bezerra de Menezes voltou a fazer severas críticas a Batista Pereira, o elaborador do Código Penal, acusando-o, entre outras coisas, de leviandade em relação ao Espiritismo, uma vez que legislou sobre algo que desconhecia.

Secção Livre: Spiritismo Estudos Philosophicos Depois de ter vasado sua bílis contra o spiritismo, sendo para isto aproveitado pelos espiritos que ainda se comprazem com o mal, o Dr. Batista Pereira veiu a imprensa sustentar sua obra. Veiu pelo Jornal do Commercio – e por isto Max teve necessidade de recorrer também áquelle jornal para combater o novo Deocleciano no terreno por elle escolhido para a exposição de motivos da sua perseguição. Acudindo, porém, á luta naquele ponto Max não abandona seu velho posto, donde tem procurado demonstrar com a autoridade dos maiores vultos de todos os tempos a verdade do principio fundamental da cosmogonia spirita: a pluralidade de existência da alma. Parece que suas vozes não chegaram aos ouvidos do illustre Sr. Baptista Pereira, ou não tiveram a força de abalar as crenças enraizadas de S.S., porque, sem fazer o mínimo cabedal das notáveis citações feitas por Max, atirou com o spiritismo das alturas de sciencia ao baixo nível de feitiçarias que condemnou á cellular. Como não ser assim, se o illustre doutor, apesar de se proclamar bon christão, foi beber instrucções, sobre a nova sciencia, no artigo, que lhe consignam os dictionarios de Liltré e de Larousse! O espirito humano, ainda mesmo o da tempera moral de homens como o Sr. Dr. Baptista Pereira, é como a cera: recebe as impressões do meio que a envolve.

[...] Não será Max que conteste a qualificação, que muito deve lisonjear aos ilustres literatos principalmente partindo de um doutor brasileiro, que se proclama bom christão. O caso, porém, de elevar o Sr. Baptista Pereira a Liltré e a Larousse ás grimpas da sciencia, quando rebaixa Crookes – Wallace – Flamarion – e Gibier vultos aureolados pela sciencia, á categoria de mágicos e feiticieiros, não pode deixar de levantar um protesto da parte do velho Max.

[...] Em spiritismo, quem não pensar coherente com as ideias de Liltré – Lafite – e Larousse, como se lê em seus dictionarios, é para o Sr. Baptista Pereira, membro ou partifice da seita, isto é: vai para a classe dos que

---

<sup>436</sup> Podemos observar vários artigos em diversos números do *Reformador* a respeito do Código Penal de 1890 e o Espiritismo, por exemplo, a série iniciada no número 196, de 15 de janeiro de 1891 ao 203 de 1º de maio de 1891.

exploram a bolsa (ilegível) ou dos que estão no caminho que leva a um hospício de alienados!

[...] Para condemnal-o, em vez de procurar estudal-o em si – nas suas doutrinas – nas suas experimentações, vai pedir informações a quem só as póde dar más!

E abraça-se com os fundamentos destas informações, que são os mesmos que destróem suas crenças religiosas, que nem por isto abandona, pois que continua a dizer-se – bom christão.

Dóe-nos ver um espírito assim desvairado pelo ódio! Porque, já o dissemos, aquelle artigo do código foi meditado como uma arma de vingança pessoal. Max perdoa e pede a Deus perdão para seu inimigo.

Max. (Da União Spiritita)<sup>437</sup>.

Ainda em 1890, a FEB, por intermédio do *Reformador*, de 1º de dezembro, conclama mais uma vez as instituições espíritas à união em torno de uma instituição única, conforme ela demonstrava ser a saída encontrada nos mais diversos países a fim de promoverem o desenvolvimento do Espiritismo e também assinala a morosidade do processo em terras brasileiras:

Depois do importante Congresso, que no anno passado reuniu-se em Paris, tem-se em todas as partes do mundo, em que mais accentuado se mostra o movimento spirita, agitado a questão de federarem-se os grupos e sociedades por zonas corespondentes a cada paiz. Não tem parado ahi um tal movimento; em execução já se acha a idéa em certos paizes, emquanto em outros, embora por executar, caminha ella comtudo a passos largos.

[...]

Tanto esta verdade está na consciencia geral, e por assim dizer paira nos ares, que ha mais de um anno reuniu-se aqui no Rio de Janeiro um Congresso, de onde nasceu o Centro Spiritita do Brasil. Infelizmente, porém, não tem este produzido todos os bens que delle se podéra esperar, porque desde começo não se orientou pelo plano das Federações, conforme os votos posteriores do Congresso de Paris.

Outra causa houve para que quasi improductiva tivesse ficado esta primeira tentativa: não estando a recente sociedade em relação com os espiritos do mundo e do resto do Brazil, morosos e difficeis tinham de ser os primeiros passos na senda do desenvolvimento.

[...]

Federação – é a palavra magica que se acha nos labios de todos os spiritas do mundo; Federação – deve ser o

---

<sup>437</sup> MAX. *Spiritismo Estudos Philosophicos*. O Paiz. Rio de Janeiro 29 de dezembro de 1890. p.2.

pensamento constante de todos os que nos, interessamos pelas cousas de além-vida.  
Reflectam os grupos, e ponham-se em movimento<sup>438</sup>.

No que concerne à questão entre as lideranças espíritas e o autor do Código Penal, Sylvia Damazio relata a malograda atuação do Centro Spirita do Brasil, tendo à frente seu presidente Bezerra de Menezes, ao enviar um memorial em defesa da Doutrina Espírita ao então Presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca. Sem obter o resultado esperado, a iniciativa apenas conseguiu que Batista Pereira expressasse sua interpretação dos artigos que elaborara no Código Penal. Nas páginas do *Jornal do Commercio*, de janeiro de 1891, Batista Pereira rebateu as críticas, afirmando que o que entrara para o Código não fora o Espiritismo filosófico, religioso e moral, mas sim o chamado “Baixo Espiritismo”<sup>439</sup>. Como também ressalva Damazio, de forma contrária à interpretação divulgada pelo criador do Código Penal, as autoridades policiais continuaram com suas perseguições aos médiuns, chegando, em alguns casos, até mesmo a prisões e abertura de processos<sup>440</sup>.

Os líderes espíritas, com o objetivo de sustar as perseguições, constituíram uma comissão permanente para a defesa daqueles espíritas que se considerassem ofendidos em seus direitos<sup>441</sup>. Assim noticiava o *Jornal do Brasil*, de 6 de agosto de 1892:

Escrevem-nos:

<<Hontem, em numerosa assembléa Spirita, promovida pelo Circulo Conciliação, foi eleita uma comissão permanente que defenderá os Spiritas que forem perseguidos em virtude de suas convicções e de propaganda da sciencia Spirita.

Foram eleitos para a comissão os seguintes cavalheiros:  
Dr. Itamar Nogueira, senador A. Pinheiro Guedes, deputado Aristides C. Spinola Zama, Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, deputado Alcindo Guanabara, Dr. Francisco Dias da Cruz, professor A. Angelo Torteroli, deputado J. L. Almeida Nogueira, Dr. Valentim Magalhães, que compareceu e accedeu a fazer parte da comissão como advogado permanente dos spitritas enquanto prevalecerem os artigos 157 e 158 do codigo penal.

<sup>438</sup> Federações. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano VIII. n. 193. 1º de dez. 1890. p.1-2.

<sup>439</sup> DAMAZIO. Op. Cit. p.121.

<sup>440</sup> Idem.

<sup>441</sup> Idem.

Na mesma assembléa deliberou-se promover uma representação ao congresso nacional para eliminar os absurdos dos artigos mencionados>>><sup>442</sup>.

A comissão permanente, em 10 de agosto de 1893, apresentou ao Congresso Nacional nova representação, solicitando a revisão dos artigos que restringiam a liberdade religiosa, por considerá-los inconstitucionais. A representação seguiu assinada por: Antonio Luiz Ramos Nogueira (advogado), Antonio Pinheiro Guedes (senador/médico), José Luiz de Almeida Nogueira (deputado/advogado), Aristides Cesar Spinola Zama (deputado/médico), Valentim Magalhães (advogado), Adolpho Bezerra de Menezes (médico), João Carlos de Oliva Maia (advogado), Francisco de Menezes Dias da Cruz (médico) e Affonso Angelo Torterolli (professor)<sup>443</sup>. Porém, mais uma vez a iniciativa dos espíritas não obteve êxito<sup>444</sup>.

Compreendendo que suas atitudes eram ineficazes, os líderes espíritas ligados à FEB adotaram nova estratégia a fim de conseguirem sucesso em suas empreitadas no Poder Judiciário, objetivando o reconhecimento e a legitimidade da Doutrina Espírita. Dessa forma, buscaram demonstrar a incompatibilidade dos artigos do Novo Código Penal que condenavam a prática do Espiritismo com os estatutos consagrados na nova Constituição Federal que garantiam a liberdade de consciência e de crença. Para tanto, os líderes febeanos passaram a desenvolver um novo discurso, no qual argumentavam que, acima de tudo, a verdadeira identidade do Espiritismo encontrava-se em seu aspecto moral/doutrinário, quer dizer, religioso<sup>445</sup>. Assim, verificamos a opção da FEB pela legitimação do Espiritismo via religião, consagrando, dessa maneira, o destino do Espiritismo em terras brasileiras.

Em consequência das lutas internas e da atuação policial em virtude da proibição gerada pelo código de 1890, o Movimento Espírita Brasileiro passou por sérias dificuldades. Em 1892, os principais grupos espíritas da Capital Federal praticamente não mais atuavam. A Fraternidade, por falta de participantes, não se reunia, a Acadêmica não passava de um depósito de papéis, e tanto a União quanto o Centro não passavam de lembranças<sup>446</sup>.

<sup>442</sup> **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 de ago. 1892. Ano II n. 218. p. 2.

<sup>443</sup> Representação. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de set. 1893. Ano XI. n. 259. p.1.

<sup>444</sup> DAMAZIO. Op.Cit. p.121.

<sup>445</sup> Op.Cit. GIUMBELLI. p.105-116.

<sup>446</sup> Op.Cit. ABREU. p. 65-66.

Os anos de 1892 e 1893, além de as conjunturas políticas nacionais serem desfavoráveis ao Movimento Espírita, marcaram também uma época de grande tumulto na direção da FEB, em que entre as idas e vindas, da sua direção entre o “kardecismo” e o “Espiritismo científico”, para, como afirma Canuto Abreu, definir-se pelo aspecto científico do Espiritismo. Assim, em 1893, o grupo liderado por Torterolli assume a direção tanto da FEB como da Acadêmica, da União e da Fraternidade. Esta passou a denominar-se Sociedade Psicológica Fraternidade, para marcar bem sua nova tendência<sup>447</sup>.

No ano seguinte, a Revolta da Armada agravou os problemas da FEB, ocasionando o quase total abandono de suas reuniões<sup>448</sup>. Em meio à total crise, Dias da Cruz, na presidência da FEB, em editorial do *Reformador*, procura estabelecer sua posição de “espírita puro”, ou seja, nem místico, nem científico:

O espírita está, pois, em seu verdadeiro posto quando se coloca entre o homem de ciência e o homem de fé, não possuindo as credências de um, nem por igual as negações de outro. Não nos desviemos de nosso lugar. Postos entre fé e a razão, evitemos os exageros do sectarismo, pois que elle é o verdadeiro inimigo<sup>449</sup>.

Em razão de atravessar severa crise, a FEB percebeu-se relegada ao abandono e, mais tarde, viu seu destino atrelar-se definitivamente ao da Assistência aos Necessitados, com seu papel filantrópico, único, naquele momento, capaz de manter a afluência de público às dependências da FEB. A Assistência não possuía natureza jurídica própria e trabalhava de forma autônoma, embora, dentro do mesmo teto da Federação, enquanto em dias de grande festa cerca de trinta pessoas, no máximo, compareciam às reuniões doutrinárias e/ou festivas, outras centenas compareciam diariamente em busca de socorro na Assistência. Assim, afirma Canuto Abreu, a prosperidade da FEB devia-se ao trabalho de caridade exercido pela Assistência, com enfoque maior na “homeopatia dos médiuns”, em detrimento à “homeopatia dos médicos”. Dessa forma, coube à próxima diretoria da FEB selar a união definitiva entre a Federação e a Assistência<sup>450</sup>.

---

<sup>447</sup> Op.Cit. ABREU. p. 66-67.

<sup>448</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário da Federação Espírita Brasileira – Aspectos Marcantes de sua trajetória I. *Reformador*. Rio de Janeiro, dez. 1983. Ano 101. n. 1857. p. 357-358.

<sup>449</sup> Sectarismo. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de jun. Ano XII. n. 271.1894. p.1.

<sup>450</sup> Op. Cit. ABREU. p. 68-70.

Júlio César Leal assumiu a presidência da FEB em 1895, com Dias da Cruz agora no cargo de vice-presidente. Leal rompeu o “acordo” estabelecido por Dias da Cruz e tendeu francamente para o aspecto científico do Espiritismo, resultando no afastamento das correntes mais ligados ao aspecto religioso. Leopoldo Cirne (1º secretário da FEB) e Arnaldo Pereira (tesoureiro da FEB), à frente do *Reformador*, assumem posição oposta à do presidente da FEB e passam a combatê-lo por meio das páginas da revista.

Leal publica no *Reformador* uma série de artigos<sup>451</sup> defendendo a Electro-homeopathia, do conde italiano Mattei, com “suas vantagens sobre os demais systemas de tratamento médicos”, além de abordar vários temas pela ótica da ciência da época, como observamos no segundo artigo da série:

[...]; abstrahindo-se de todas as theorias hypotheticas até hoje conhecidas, desde a geração espontanea até o fraccionamento de uma grande estrella, de que a terra houvesse sido parte; o que se acha fóra de duvida é que o homem existe desde a mais remota antiguidade, e que os factos nos forçam a reconhecer, que sua existencia material ou organica, sua existencia planetária, depende, necessariamente, da união dos dous sexos. (continua)<sup>452</sup>.

Em contrapartida aos artigos de Leal, Cirne e Pereira também publicam no *Reformador* outra série de artigos, intitulada *Nossa Missão*<sup>453</sup>, defendendo o aspecto mais religioso do Espiritismo:

[...]  
Há meio seculo Allan Kardec vibrou sobre a noite do scepticismo e da vacillação, em que se debatiam os povos so occidente o luminoso golpe da sublime doutrina. Espirito de eleição, elle soube apanhar no crepusculo em que bruxoleava a palavra do Christo

---

<sup>451</sup> LEAL, Julio Cesar. Electro-homeopathia . **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de jan. 1895. Ano XIII. n. 285.; LEAL, Julio Cesar. Electro-homeopathia II. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de jan. 1895. Ano XIII. n. 286. LEAL, Julio Cesar. Electro-homeopathia II - Continuação. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de fev. 1895. Ano XIII. n. 287; LEAL, Julio Cesar. Electro-homeopathia II - Continuação. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de fev. 1895. Ano XIII. n. 288.

<sup>452</sup> LEAL, Julio Cesar. Electro-homeopathia II. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de jan. 1895. Ano XIII. n. 286. p.1.

<sup>453</sup> A nossa missão I. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de abr. 1895. Ano XIII. n. 292. p.1. A nossa missão II. Neophytos. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de maio 1895. Ano XIII. n. 293.p.1. A nossa missão III. Os Professos **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de maio 1895. Ano XIII. n. 294. p. 1-2. A nossa missão IV. Os Propagandistas. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de jun. 1895. Ano XIII. n. 295. p. 1-2.

suffocada pelas lantejoilas e mundanos adornos de uma religião que a fazia esquecer quase, trocando-a pelo fausto de sua encenação, e d'esse tremedal que que ella perigava soube arrancar-a para oferecel-a na sua limpidez, na sua tocante simplicidade aos que tinham sede de luz para a noite de sua duvida, aos que tinham sede de fé, mas de uma fé que a sua razão sancionasse, e que fosse o seu conforto, a sua fonte de energia para a rude batalha da vida.

Desde esse abençoado momento, quantos beneficios não têm sido prodigalizados sobre as almas soffredoras! Quantas afflições calmadas, quantos desvarios trocados pela segura rota do bem e da regeneração moral, e sobretudo que largos e novos horisontes devassados á sciencia! E que profunda revolução social não está destinada a fazer a nova synthese sob o seu tríplice aspecto scientifico, religioso e pholosophico!<sup>454</sup>

Com a crise no centro do poder da FEB, nada mais natural que ocorresse uma nova divisão, conforme acontecera nos vários grupos que antecederam a própria FEB, por exemplo, com o Grupo Confucius e a Fraternidade. Assim, ao abandonarem a FEB, Torterolli e seu grupo fundaram o Centro de União Espírita de Propaganda do Brasil, em 24 de maio de 1895, com o objetivo de manter uma caixa de propaganda para o Espiritismo.

Com a intenção de diminuir a crise na FEB, Dias da Cruz publicou um artigo de primeira página no *Reformador*, buscando o entendimento entre as duas correntes conflitantes, intitulado *A tolerância e a bondade*:

Uma das virtudes que devem constituir o fundo do character de um spirita e que devem distinguir dos religionarios de outra qualquer doutrina, é sem contestação a tolerancia: porque o spiritismo é uma tenda a cujo abrigo se podem acolher todos os que no recesso de sua alma aninham um sentimento de religião, quaesquer que sejam as formas de que o seu culto externo revista.

É graças a esse cunho que caracteriza a doutrina spirita que ella pode-se considerar a religião do futuro, porque n'ella virão necessariamente fundir-se todos os outros systemas, quando do espirito dos homens varrerem-se todas as idéas de partido e de ambição, e quando para elles raiar a deslumbrante a deslumbrante aurora da verdadeira fraternidade universal.

---

<sup>454</sup> A nossa missão I. **Reformador**. Rio de Janeiro, 15 de abr. 1895. Ano XIII. n. 292. p. 1.

[...] <sup>455</sup>.

A iniciativa do vice-presidente da FEB não surtiu o efeito desejado de trazer mais uma vez a instituição ao caminho da tolerância e do entendimento entre as suas correntes majoritárias, apregoando a característica apontada por ele como fundamental do caráter de acolhimento do Espiritismo a qualquer ponto de vista em matéria relativa à fé, assim cabendo todas as correntes interpretativas dentro de seu sistema religioso.

Julio Cesar Leal renunciou à presidência da FEB em julho de 1895 e passou a atuar somente no Centro de União Espírita de Propaganda do Brasil; já o seu vice-presidente, Dias da Cruz, alegando incompatibilidade com a Assistência aos Necessitados, nega-se a assumir a presidência, que permanece vaga. Assim, ela foi oferecida por Dias da Cruz, Elias da Silva e Fernandes Figueira a Bezerra de Menezes, que aceita o encargo e assume com poderes discricionários. Dessa forma, uniram-se as três maiores forças do Espiritismo na Capital Federal: FEB, Grupo Ismael <sup>456</sup> e a Assistência aos Necessitados <sup>457</sup> <sup>458</sup>.

Analisando a precipitação dos fatos relativos a essa segunda passagem de Bezerra de Menezes pela presidência da FEB, Canuto Abreu ressalta o episódio no qual os correligionários de Bezerra de Menezes publicaram no *Reformador*, na edição de 1º de agosto de 1895, antes mesmo da realização da assembleia na qual ele seria eleito presidente da Federação, que se daria em 3 de agosto do mesmo ano, editorial classificado por Abreu como “um sinal de combate sectarista” <sup>459</sup>. Parte desse editorial está transcrita a seguir:

É para lamentar que, tendo-se diffundido admiravelmente no Brazil as idéas spiritas, de modo a não haver quase ninguem que não as aceite, seja sua propaganda feita sem ordem ou systema.

---

<sup>455</sup> CRUZ, Dias da. A tolerancia e a bondade. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIII. n. 298. 15 de jul. 1895. p. 1.

<sup>456</sup> O “Grupo Ismael” (Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael), fundado em 15 de julho de 1880, por Antonio Luís Sayão e Bittencourt Sampaio, funciona até os dias de hoje nas dependências da FEB. Posteriormente, juntaram-se ao grupo Bezerra de Menezes, Frederico Júnior, Domingos Filgueiras, Pedro Richard, Albano do Couto e outros vindos de diversos núcleos.

<sup>457</sup> Braço assistencial da FEB, responsável pela distribuição de receitas e remédios homeopáticos, pelo estabelecimento de cursos de alfabetização de “cestas básicas”, entre outros serviços.

<sup>458</sup> Op. Cit. ABREU. p. 81-90.

<sup>459</sup> Ibidem. p. 91.

Nos Estados ha grupos dispersos que trabalham isoladamente, guardando para si o melhor das observações que fazem, com grave prejuizo para a propaganda e para a sociedade que tem na santa doutrina o mais poderoso impulsor de seu progresso tanto moral como scientifico.

Aqui na Capital, já se contam muitas dezenas de associações spiritas, mas desligadas – agindo cada uma como melhor lhe parece – empregando mesmo algumas, como tambem acontece nos Estados, methodos inconvenientes, á falta de unidade de vistas e de orientação accommodada aos pricipios da verdadeira doutrina.

Depois da Hespanha, pode-se dizer que o Brazil é o paiz do mundo civilizado, onde tem-se derramado o spiritismo, quer pelas camadas superiores da sociedade, quer pelas inferiores; mas, ao envez do que se dá nos outros paizes essa diffusão da idéa spirita não se enfeixa n'uma unidade de vistas, não se unifica em uma concepção harmônica.

Cada grupo, quase se pode dizer, tem sua orientação – seu methodo de trabalho – e seu modo de comprehender os principios geraes, senão mesmo os fundamentos do spiritismo.

Compreende-se qua a primeira phase dese ser isto – é a phase syncretica da evolução de todos as idéas novas.

Tudo, porem, progride, e parece-nos que já é tempo de entrar o spiritismo, entre nós, em nova phase analytica, de que deve subir á synthetica, que unificará o spiritismo do Brazil com o de todo o mundo.

Para passarmos do estado de confusão, em que nos achamos, ao de ordem bem regulada, para chegarmos ao de systema, que será o ultimo trabalho humano, ou antes, o alvo do trabalho humano, em materia de spiritismo, faz-se mister uma seria e bem comprehendida organização, pela qual todos trabalhem livremente, dedicando-se cada um ao ramo de estudos, para que tenha mais vocação, mas todos ligados pela communhão de methodo e de fins.

[...]

Organização – organização; eis a palavra que parte de todos os labios – a idéa que paira em todos os pensamentos, porque é chegada a hora de passarmos da phase syncretica á phase analytica, como acima indicamos.

Aceitamos, pois, de boa vontade, como nos cumpre, as inspirações, que nos dão os prepostos do Senhor, incumbidos de desenvolver o spiritismo no Brazil. Organizemos.

[...] <sup>460</sup>.

---

<sup>460</sup> O Spiritismo no Brazil. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XIII. n. 299. 1º de ago. 1895. p. 1.

Como notamos no trecho anterior, a FEB não só dava o seu diagnóstico do movimento, como apresentava, em tese, as diretivas para “arrumá-lo” sob sua tutela, isto é, sob uma direção única, acompanhada de obediência generalizada. Não obstante, ainda nessa fase a FEB possuir como principal função a propaganda, podemos constatar que ela já dava mostras de uma mudança em seus objetivos fundamentais, visando à implementação de seu projeto de tornar-se hegemônica no interior do Campo Espírita Brasileiro.

Também ficam claros, no fragmento anterior, os vários ataques ao Centro de Propaganda, visto que a finalidade deste, conforme o próprio nome indica, era propagar o Espiritismo, feito de modo completamente errôneo, sem ordem e sem sistema aos olhos da FEB.

Na compreensão de Canuto Abreu, o editorial deixava bem claro os objetivos do grupo, de reformar o Espiritismo, quando afirmava ser necessária a doutrina entrar em uma nova fase analítica, o que significava nada mais nada menos do que

declarar que a síntese de Allan Kardec estava, senão em caducidade, por força em insuficiência. Bem se pode imaginar o arrepio que tal suspeita provocou nos kardecistas, para os quais a obra genial do codificador do Espiritismo era uma relíquia sacrossanta. O propósito reformista dos místicos tornou-se-lhes alarmante. Tentavam organizar um novo Espiritismo!<sup>461</sup>.

Ao analisar a parte final do editorial, Canuto Abreu destacava a “aceitação” dos novos dirigentes da FEB em organizar o Espiritismo no Brasil, como o cerne da questão, pois, conforme Abreu, eles acreditavam que

esses prepostos, chefiados por Ismael, sustentavam que o Brasil era a terra eleita do Evangelho e, portanto, nenhum Espiritismo poderia nele dar bons frutos se não tivesse por base a Palavra Eterna. Muitos aceitaram essa revelação. Outros a recusaram, considerando-a sectária e oposta à finalidade universalista da Doutrina Espírita<sup>462</sup>.

Baseados na premissa anterior, os novos líderes, com a finalidade de sedimentar esse Espiritismo Cristão, segundo Canuto Abreu, consideravam o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec, como somente comentários aos princípios da doutrina de Jesus; assim,

---

<sup>461</sup> ABREU. Op. Cit. p. 95-96.

<sup>462</sup> Ibidem. p. 100.

foram buscar uma obra com maior embasamento cristão, e, lançaram mão do livro de Roustaing, tomando-o como uma espécie de vademecum cristão:

Os espíritas evangélicos mais cultos, à frente dos quais se achava o mais erudito de todos – Bittencourt Sampaio –, tomaram **Os Quatro Evangelhos** como vademecum e o levaram à altura de última palavra sobre doutrina de Jesus. O Livro de Roustaing apresentava o mesmo valor doutrinário de “O Livro dos Espíritos”, isto é, ambos atribuíam o que estava escrito a uma revelação ditada. Mas tinham sobre a obra de Kardec uma vantagem para o crente: todas as explicações eram dadas como advindas dos próprios evangelistas, assistidos pelo Apóstolos e estes, a seu turno, assistidos por Moisés<sup>463</sup>.

Ainda segundo Abreu,

esses apóstolos de Ismael estavam decididos, sob a inspiração de Espíritos cristófilos, a romper de frente com os adversários de seu misticismo.

[...]

A primeira necessidade da arrancada estava satisfeita. A Federação, até aquele momento uma estéril sociedade de livres estudos espíritas, ia ser transformada numa cidadela de espíritas evangélicos, orientados por uma falange mística. As demais necessidades seriam vencidas facilmente, uma vez que consideravam, na sua fé ardente, o lábaro DEUS-CRISTO-CARIDADE como um novo in hoc signo vinces. [...] <sup>464</sup>.

Desse modo, Canuto Abreu interpretou a plataforma lançada no editorial com a promessa de formar um novo Espiritismo, baseado no Evangelho, com os místicos impondo com o tempo por intermédio da propaganda sistemática, nem mais nem menos, do que o Roustainguismo.

Segundo Canuto Abreu, a chegada de Bezerra de Menezes à presidência da FEB, pela segunda vez, teve um significado que mudou de forma definitiva as feições do Espiritismo no Brasil, pois, realizava-se

[...] um tratado espiritual entre as três mais fortes correntes espirituais que atuavam em nossa terra e cujos pólos eram a **Federação**, o **Grupo Ismael** e a **Assistência**.

<sup>463</sup> ABREU. Op. Cit. p. 100.

<sup>464</sup> Ibidem. p. 91-92.

Bezerra de Menezes ia ser o delegado desta aliança espiritual, à qual ficava daquela hora em diante confiada a bandeira **Deus, Cristo e Caridade** e a tarefa de erguer sobre os três pólos o templo do Cristianismo Espírita no Brasil. Quem ia dirigir a **Federação** e a **Assistência** era o **Grupo Ismael**<sup>465</sup>.

Bezerra de Menezes impôs a FEB a obrigação do estudo de *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing, com base na tradição dos estudos realizados no Grupo Ismael e também, elevou esse último à categoria de grupo majoritário na direção da Federação. Por fim, articulou a vinculação definitiva da Assistência a Federação, que passou a atuar como seu braço assistencial. Essas articulações deram origem àquilo que hoje conhecemos como a FEB, ou, como bem assinalou Canuto Abreu no início da década de 1930, e podemos dizer que ainda no século XXI mostra-se como uma hipótese verdadeira: “Era a fase dos místicos, que dura até hoje”<sup>466</sup>.

Dessa maneira, como destacamos anteriormente, quando tratamos da formação da 1ª geração da FEB, a luta pelo poder nos anos seguintes foi intensa, finalizando com a vitória de Bezerra de Menezes à frente da FEB, cristalizando a hegemonia do grupo dos místicos. Portanto, apenas onze anos após a sua fundação e da instituição daquilo que denominamos como marcador institucional, já notamos, em estado embrionário, o futuro caráter eminentemente religioso do Espiritismo Brasileiro.

As lutas travadas entre Kardecistas e Roustainguistas, que desde a década de 1880, são responsáveis pela criação de um sem número de impedimentos à união do Espiritismo, continuam no início do século XX, mediante grande discussão teológica nas páginas do Reformador, conforme observamos no trecho retirado de suas páginas, em que seu editor procura debater com “nosso collega d’O Spirita Alagoano”:

[...]

O assumpto exigiria um desenvolvimento que, porem, o espaço de que dispomos não comporta. Limitamo-nos por isso a estes commentarios superciciaes, reservando para outra occasião a analyse de dois pontos importantes, a saber: a natureza do corpo que revestiu Jesus para a sua missão na terra – corpo compatível com a sua immaculada pureza espiritual, com que jamais o nosso organismo grosseiro offerreteria affinidade – e a reserva que, a esse respeito, manteve o nosso mestre Allan Kardec em face

---

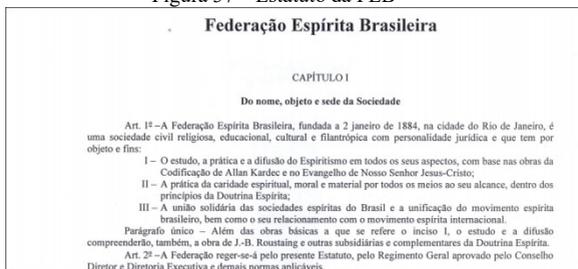
<sup>465</sup> ABREU. Op. Cit. p. 89-90.

<sup>466</sup> Ibidem. p. 104.

da Revelação da Revelação, dada a Roustaing, na qual se encontra o assumpto ampla e cabalmente desenvolvido. [...]<sup>467</sup>.

A obrigação estatutária de se estudar a obra de Roustaing como subsidiária ou complementar às de Kardec, no artigo 1º, parágrafo único, do atual estatuto<sup>468</sup>, tendo constado dos estatutos desde a sua inclusão em 1895 com Bezerra de Menezes<sup>469</sup>, passando por um breve período de exclusão de 1902 até retornar em 1917<sup>470</sup>, vem provocando muitos debates no interior do movimento espírita ao longo dos anos. Mesmo no período em que seu estudo não era obrigatório, a importância da obra no campo espírita fica patente, tendo em vista os vários artigos publicados no *Reformador* durante esse período.

Figura 37 – Estatuto da FEB



Fonte: Acervo do autor

Tal alvoroço atingiu seu clímax em 1903, com a publicação de uma série de artigos a respeito da personalidade e da natureza do corpo de Jesus, nos quais a FEB deixou claro seu apoio às teses Roustainguistas. Não podemos deixar de mencionar que, durante esse período, o *Reformador* publicava em suas páginas o livro de Roustaing, parando somente quando a primeira edição do livro publicado pela editora da FEB ficou pronta. A publicação dos artigos aqui mencionados iniciou no número 1, editado em 1º de janeiro de 1903, com o título de *A personalidade de Jesus*, continuando pelos demais onze números subsequentes da revista até o número 12, em 1903, em que foi impresso

<sup>467</sup> A Personalidade de Jesus. Rio de Janeiro. *Reformador*. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1902. Ano XX, n. 458. p.1.

<sup>468</sup> Assim falou Allan Kardec. **O Franco Paladino**, Niterói, agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.francoopaladino.pro.br/ofp0803.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2007.

<sup>469</sup> MARTINS. Op. Cit. p. 49.

<sup>470</sup> *Ibidem*. p. 53-58.

o edital com o título de *A personalidade de Jesus XI*<sup>471</sup>, nos quais, segundo seus editores, escreviam “sobre o corpo de Jesus de acordo com os Quatro Evangelhos, como única explicação para justificar os inúmeros fatos aparentemente miraculosos de Jesus”<sup>472</sup>. Contrários a tal posicionamento da FEB, muitos opositores a essas ideias manifestaram-se por meio de outros periódicos espíritas<sup>473</sup>.

A última década do século XIX e o início do século XX viram nascer várias tentativas de unificação do movimento espírita brasileiro, algumas capitaneadas pela FEB, a qual promoveu uma reforma de seus estatutos, em 1901, visando, entre outros objetivos, implementar um sistema federativo segundo o qual se faria em torno dela a filiação das agremiações espíritas espalhadas pelo país<sup>474</sup>.

Destarte, ao dar início à sua luta mais contundente em busca da aceitação e legalização da prática do Espiritismo, a FEB passou, simultaneamente, a reivindicar igualmente o papel de liderança do movimento. Para tanto, passou a incentivar a filiação de todas as instituições espíritas, quer da capital federal, quer de outros Estados. A fim de colimar seus objetivos, a FEB começou a incentivar a criação de Federações Estaduais, às quais as instituições locais deveriam filiar-se, acarretando, assim, de forma indireta, a filiação dos centros espíritas à FEB. Nesses movimentos, percebemos o início, por parte da FEB, da prática de um discurso em prol da unificação do Movimento Espírita Brasileiro em torno de si.

Já em 1889, como aludimos anteriormente, a FEB, no congresso realizado nesse ano por iniciativa de Bezerra de Menezes, objetivava uma primeira tentativa de união doutrinária e institucional do Movimento Espírita Brasileiro, buscando um modelo de representação para o Espiritismo, como bem lembra José Luiz dos Santos:

[...] Sediada na capital política e mais importante cidade brasileira da época, a Federação pretendia ser a representante do espiritismo no Brasil. O projeto era ambicioso [...] [a FEB precisou] definir qual o modelo de representação do espiritismo [pretendia implementar]. Isso foi feito num encontro do movimento espírita do Rio de Janeiro realizado no começo de 1889. Decidiu-se que o espiritismo brasileiro seria organizado numa base

<sup>471</sup> Reformador números 1 a 12, do ano XXI.

<sup>472</sup> Reformador. *A personalidade de Jesus VII*. Rio de Janeiro, 31/03/1903, n.7. p. 100-104.

<sup>473</sup> GIUMBELLI. Op. Cit. p.123.

<sup>474</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, out. 1999. Ano. 117,n. 2047, p. 7.

federativa, como, aliás, o nome da FEB sugeria<sup>475</sup>.

Junto com a tentativa de representar e unificar o movimento espírita por meio da proposta de defendê-lo diante dos ataques proporcionados pelas autoridades policiais baseadas no Código Penal, a FEB, por intermédio daquilo que Bourdieu caracteriza como lutas de representação, travadas aqui contra várias outras instituições espíritas, também procurava impor uma normatização da prática mediúnica e doutrinária, passando, assim, a apresentar-se como um modelo de instituição a ser seguido pelos centros espíritas e pelas Federações Estaduais. Demonstrava, desse modo, seu objetivo de controlar o Movimento Espírita Brasileiro, impondo-se como a única instituição legítima e capaz de representá-lo em todas as frentes de lutas no cenário nacional, bem como no próprio interior do Campo Espírita Brasileiro.

Em outubro de 1904, por ocasião do centenário de nascimento de Allan Kardec, sob a direção da FEB, que nesse momento tentava dar um passo mais afirmativo em busca da concretização de seus objetivos visando à unificação do movimento sob a sua liderança, alguns representantes de núcleos espíritas de vários Estados da União como, por exemplo, “Estados do Amazonas, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, bem como de grande número de Instituições Espíritas sediadas na antiga Capital Federal”<sup>476</sup>, assinaram um documento, que mais tarde ficou conhecido como “Bases de Organização Espírita”, o qual representava uma tentativa de orientar a marcha do Movimento Espírita no Brasil<sup>477</sup>. Esse documento não só visava à adesão das instituições existentes, como estimulava a criação de outras instituições nos Estados da Federação, com funções representativas, as quais, em última instância, se filiariam à FEB e, conseqüentemente, filiariam de forma secundária todas as agremiações sob os seus respectivos comandos. Observamos aqui a gênese do tipo de organização pretendida pela FEB, a qual privilegiava o modelo com base federativa:

Os espíritas do Brazil, tendo em vista a conveniencia de uma organização geral da  
propaganda, sobre bases homogêneas, e:  
[...]  
Considerando ainda que já é tempo de fazerem os

<sup>475</sup> SANTOS, José. Luiz dos. Op. Cit. 2004. p.23.

<sup>476</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999.

<sup>477</sup> Idem.

espíritas a demonstração pratica da doutrina que professam, não sómente pelos círculos de investigação e propaganda existentes, dando-lhes uma organização methodica, mas tambem pela criação de institutos didacticos, em que, a par da instrução geral, sejam ministradas, da creança ao adulto, as noções da doutrina espirita, obtendo-se por essa forma a sua divulgação mais rápida e extensa;

Resolveu:

Empregar desde já todos os esforços para a criação na capital de cada Estado da União Brasileira, de um Centro calcado nos moldes da Federação do Rio de Janeiro, tendo por fim promover a organização e filiação de associações de estudo e propaganda em todo o Estado. Taes instituições, adherindo ao programma da Federação Espirita Brasileira, a ella se filiarão com as respectivas associações subsidiarias, sem nenhuma relação de dependência disciplinar, mas unicamente com intuitos de confraternização e unidade de vistas.

Em todas essas agremiações o programma consistirá:

- a) para a parte experimental, na observação e analyse dos phenomenos espíritas e conexos, creando-se para isso <<Escolas de médiuns>>, em que, antes do ensaio das faculdades, receberão elles a instrução do seu exercício, adoptando-se para isso o Livro dos Mediuns como vademecum indispensável;
- b) para a parte philosophica, no estudo analytico e commentado, por ordem seguida, do Livro dos Espíritos, podendo ser completado com o d'O Céu e o Inferno, do mesmo modo;
- c) para a parte moral, no estudo dos Evangelhos, adoptando O Evangelho segundo o Espiritismo os que assim o entendem, ou Os Quatro Evangelhos, ou Revelação da Revelação, dada por J.B. Roustaing, os que o preferirem, em todos esses estudos permitindo-se sempre a permuta de opiniões, para perfeito entendimento das questões tratadas.

Além d'isso, como complemento demonstrativo da moral que professam os seus filiados, as associações espíritas se esforçarão por crear e manter caixas de socorros, da natureza da Assistencia aos Necessitados, ou semelhante, creando igualmente gabinetes médiumnicos receiptistas nos moldes dos da Federação, para cura gratuita de enfermos e distribuição de medicamentos homeopathicos.

[...]

O presente programa será remettido por copia a todas as sociedades espíritas do Brazil e aos espíritas militantes, onde não as haja, a fim de ser tentada a sua approvação e consecutiva realização.

Sala das sessões da Federação Espirita Brasileira, no Rio de Janeiro, em 1 de outubro de 1904.

[...]<sup>478</sup>.

Os anos seguintes demonstraram que os esforços empreendidos pela FEB não surtiram os efeitos desejados, pois somente pequena parcela das instituições espíritas uniu-se a ela. Mas, isso não impediu que a FEB continuasse durante toda a primeira metade do século XX mobilizando esforços no sentido de cobrar das instituições espíritas espalhadas pelo país a filiação as federativas estaduais onde elas existissem, caso contrário, as instituições autônomas deveriam ligar-se diretamente à FEB, pois as federativas estaduais, por sua vez, já deveriam encontrar-se filiadas à FEB.

Embora notemos por parte da FEB a tentativa de implementação de um sistema federativo hierárquico e centralizado em razão da sua liderança no Campo Espírita Brasileiro, conforme apontamos anteriormente, o que se percebia no interior deste era uma luta pela liderança e possibilidades de ordenação do movimento, em que algumas federações estaduais iam além da simples resistência às pretensões febeanas, negando sua filiação e chegando mesmo a pretenderem, de alguma maneira, assumir para si a própria liderança do movimento por meio de filiações aos seus quadros, concorrendo, assim, de forma direta com a FEB. Alegando para isso, não só divergências doutrinárias, como também diferentes maneiras de conduzirem a unificação do movimento.

Algumas modificações nos estatutos foram implementadas pela FEB ao longo das duas primeiras décadas do século XX (1913, 1917), buscando a coordenação e a filiação dos grupos espíritas aos seus quadros. Porém, mostraram-se mais uma vez infrutíferos os seus esforços, os quais foram tentados de forma mais efetiva a partir da década de 1920<sup>479</sup>.

Nas páginas do *Reformador*, de 1º de abril de 1920, a FEB apresenta uma mensagem assinada pelo “Espírito de Verdade”, na qual afirma a excepcionalidade do Brasil como a nova terra do Evangelho de Jesus:

A árvore do Evangelho, semeada há dois mil anos na Palestina, eu a transplantei para o reino de Santa Cruz, onde o meu olhar se fixa, nutrindo o meu Espírito a esperança de que breve florescerá, estendendo a sua fronte

---

<sup>478</sup> Bases da organização espírita. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1908. Ano XXVI, n. 11.p.169-175.

<sup>479</sup> GIUMBELLI. Op. Cit. p. 249-250.

por toda parte e dando frutos sazonados de amor e perdão  
 [...] Filhinhos meus muito amados, há longos séculos que  
 procuro reunir-vos todos, para que formeis um só rebanho  
 sob minha direção...  
 [...] <sup>480</sup>.

Mensagens com esse teor reproduzir-se-ão futuramente por várias ocasiões, continuamente afirmando a supremacia do Brasil e da FEB como herdeira do Espiritismo no Brasil, como veremos mais tarde.

Em dezembro de 1924, os membros da FEB reuniram-se em Assembleia Geral para deliberar sobre o projeto de reforma dos seus Estatutos. Embora o ponto responsável pela maior polêmica da reunião fosse o referente à instituição dos cursos de instrução, ficando deliberada a total gratuidade do ensino primário e profissional, enquanto, no secundário, seria cobrada uma pequena anuidade de cada aluno, com o intuito de auxiliar na compra e conservação do material escolar, de acordo com o *Reformador*, o aspecto mais relevante em relação ao futuro institucional da Federação foi

[...]  
 Os mais importantes dos pontos sobre que incidiu a reforma é sem duvida o da organização federativa, que até agora não dera o resultado apreciável, de accordocom o alto objectivo que a inspirará [...] o acto de filiação, que lhe servia de base, jamais, na grande maioria dos casos, passou de uma formalidade, quasi sem alcance algum e, ligicamente, sem effeito pratico.  
 Acresce que, da organização de que falamos, uma parte muito consideravel das Associações espiritas entre nós existentes – as do Districto Federal – se achava excluida, resultando desse facto conservar-se incompleta a alludida organização, ser uma organização parcial, quando, devêra ser integral.  
 [...] <sup>481</sup>.

A FEB, por intermédio desse novo regulamento, buscava constituir de fato a centralização do movimento em torno de si, uma vez que ela mesma atestava como inócua as tentativas anteriores realizadas nesse sentido:

[...]  
 Qual meio? Um só havia: tornar preciso, positivo, pratico,

---

<sup>480</sup> As três mensagens. *Reformador*, Rio de Janeiro, 1º de abril de 1920. Ano XXXVIII. N.4.p.149-151.

<sup>481</sup> Reforma de Estatutos. *Reformador*, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1925. Ano XLIII. N.1, p.12-13.

o que era impreciso e vago; tirar o cunho de simples formalidade ao acto da filiação e dar-lhe o de efficiencia real, pelos corollarios que delles decorram.

Foi o que a reforma procurou attender com o subordinar a filiação a um regulamento onde se encontrem estipuladas, de modo claro, além das condições exigidas para que ella se dê, as obrigações que as Sociedades assumem ao filiar-se, os direitos que adquirem e tambem as causas que determinarão serem excluidas do quadro das afiliadas e o modo por que se prodederá á exclusão, tudo collimando o fim unico de confraternisação, concordia e solidariedade, mediante harmonia de vistas e unidade de programma.

[...] <sup>482</sup>.

Quanto às associações situadas no Distrito Federal, os novos estatutos e regulamentos de adesão facultavam a elas a filiação e mantiveram, praticamente sem alteração a situação das sucursais:

[...]

Pelo que respeita ao Districto Federal, servira tambem de fundamento á exclusão de que temos falado o cogitarem os artigos Estatutos da criação ahi de filiais da Federação, prescrevendo que, quando as necessidades do desdobramento de seus serviços o exigissem e seus meios o permittessem, crearia ella, nos arrebaldes e suburbios, nucleos de estudo da doutrina, etc., sob a direcção de um consocio. Entendera-se que, essa fórmula, se completava a organização federativa, da qual, então, nenhuma circumscripção do paiz ficaria excluida. Que a solução não era facilmente praticavel prova-o a circumstancia de ainda não existir nenhuma dessas filiaeis de que tratava esse dispositivo.

[...] <sup>483</sup>.

No que se relaciona às federações estaduais já constituídas ou que viessem a se constituir e as sociedades a elas filiadas, a FEB firmava que o fato de o regulamento anterior assegurar que a filiação de uma Federação Estadual ou União Estadual automaticamente levaria à filiação de todas as associações referentes a esse Estado que anteriormente estivessem filiadas a FEB, na grande maioria das vezes tomava apenas um caráter de simples formalidade

---

<sup>482</sup> Reforma de Estatutos. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1925. Ano XLIII. N.1, p.12-13.

<sup>483</sup> Reforma de Estatutos. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1925. Ano XLIII n1. p.13-14.

[...] a Federação estadual, em geral, ou não cuidava de tornar effectiva aquella transferencia ou, se a principio disso cuidava, a simples mudança de directoria era bastante para que com tal coisa não mais se preocupasse, dando logar a que a, em muitos casos, as Sociedades que pediam a filiação á Federação central se recusasse a annuir ao que então se lhes respondia, isto é, que se filiassem á Federação do Estado onde tinham séde, visto já estar esta filiada. Dahi resultava, não raro, não se filiarem as alludidas Sociedades, nem á Federação central, nem á estadual respectiva, com prejuizo sensível da applicação do elevado principio das filiações, que, assim, não lograva ter efficiencia real.  
[...]<sup>484</sup>.

A fim de corrigir esses problemas apontados pela própria FEB e outros aqui não listados, a FEB afirmava que, com o novo regulamento,

[...]  
Estabelecendo que á transferencia da filiação das Sociedades de um Estado para a respectiva Federação estadual só se procederá quando esta já tenha filiado a maioria daquellas, os mesmos Estatutos instituiram um meio das Federações estaduaes se exercitarem na execução do princípsio das filiações, antes de tomarem exclusivamente sobre si o desempenho da missão em que se investem por effeito da transferencia destas, ao mesmo tempo que adquirem o prestígio indispensável a se constituírem factores reaes da execução da obra de união, solidariedade e unificação a que visa a organização federativa.  
[...]<sup>485</sup>.

No relatório do presidente da FEB, referente ao ano de 1924, a federação dispôs sobre sua adesão à Federação Espirita Internacional, colocando-se mais uma vez como a principal instituição espírita nacional, em razão do próprio reconhecimento internacional e da necessidade de uma prévia filiação à FEB de qualquer associação brasileira que desejasse filiar-se ou manter relações com a FEI:

[...]  
A 31 de maio de 1924, a nossa Federação, depois de

---

<sup>484</sup> Reforma de Estatutos. **Reformador**, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1925. Ano XLIII.n. 2. p.30.

<sup>485</sup> Reforma de Estatutos. **Reformador**, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1925. Ano XLIII.N.2. p.30-31.

maduramente estudado o assumpto pela Directoria, mandou sua adhesão á Federação Espirita Internacional, annuindo assim ao convite que para isso já reiteradamente lhe fizera o secretario da mesma instituição.

[...]

Respeito á adhesão da Federação Brasileira á Federação Internacional, vem de molde accentuarmos, lembrando os objectivos concordes de ambas, objectivos de união e solidariedade das aggremações espiritas, e ponderando que por meio da primeira é que as do nosso paiz poderão integrar-se na organização espirita mundial, tal como se acha delineada nos Estatutos da segunda e esteve sempre consignado nos daquella, quanto urgia que ao principio das filiações ou adhesões se procurasse dar entre nós uma feição pratica, que lhe assegurasse efficacia real e resultados positivos, e quanto importa que as Sociedades espiritas de nossa terra lhe dispensem a atenção que merece, lhe comprehendam a importância e o significado e procurem concorrer, submettendo-se ao regimemto federativo, para que alcancemos o bello ideal acariciado pelos que instituiram e fazem viver a Federação Internacional e acariciado, desde muito antes, pela nossa associação<sup>486</sup>.

No “Regulamento de Adhesão das Sociedades Espiritas á Federação Espirita Brasileira”, de 1925, encontramos praticamente como deveria ser toda a atividade organizativa das sociedades espiritas que desejassem vincular-se à FEB, como também daquelas a ela já vinculadas anteriormente. Em seu artigo 3º, encontramos as seguintes informações:

Ar. 3º A Sociedade que desejar fazer acto de adhesão deverá ter seus Estatutos elaborados de conformidade com os principios e normas da doutrina espirita codificada por ALLAN KARDEC e solicial-o, dirigindo-se á Directoria da Federação, por intermedio do 2º Secretario desta, [...]

[...]

§ 2º Não só para que exista o accordo, de que trata este artigo, com as normas e principios da doutrina espirita, como tambem para que se realiza a unidade de programma de que fala o art. 1º, de toda conveniencia é que os Estatutos das Sociedades adherentes disponham:

a) que, nas sessões experimentaes ou praticas, para a obtenção e pesquisa dos phenomenos espiritas, principalmente visando duas applicações Moraes, se terá como ponto capital a integral instrucção doutrinaria e moral dos mediuns, fazendo-se essa instrucção pelo *Livro dos Mediuns* e pelo Evangelho e completando-se por

---

<sup>486</sup> Relatório do presidente da FEB referente ao ano de 1924. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de março de 1925, n.5, ano XLIII. p.118-122.

exercícios de concentração e meditação.

b) que o estudo da doutrina, sob o seu aspecto philosophico, em sessões publicas, se fará preferencialmente pelo *Livro dos Espíritos*, podendo ser completado pelo d' *O Ceo e o Inverno*;

c) que da parte moral será feito, assim nas sessões reservadas, como nas publicas, pelo Evangelho segundo o Espiritismo, podendo, os que o preferirem, fazel-o pela Revelação da revelação, recebida por J. B. Roustaing<sup>487</sup>.

Mais uma vez, notamos a clara recomendação do estudo do livro de Roustaing, *Os Quatro Evangelhos*, em pé de igualdade com o *Evangelho segundo o Espiritismo*, da obra de Kardec.

No capítulo segundo do regulamento, encontramos listados, no artigo 8º, os deveres das sociedades que a ele se vinculassem:

Art.8º Constituem deveres de toda Sociedade adherente:

I. Fundar e manter, logo que seus recursos o permittam, caixas de soccorros semelhantes á Assistencia aos Necessitados da Federação; crear gabinetes mediuimnico-receitistas, nos moldes dos desta, para tratamento gratuito de enfermos, postos de distribuição de medicamentos momeopathicos, onde sejam attendidos ao que os procurem, sócios ou não; instituir aulas, também gratuitas, de instrucção elementar ou secundaria, onde igualmente de ensine a moral espirita.

II. Remetter semestralmente á Directoria da Federação uma exposição succinta de que conste:

a) o numero então existente de sócios;

b) especie e numero das sessões realizadas; como foram feitas as publicas de estudo da doutrina e as praticas; quaes as obras utilizadas para o estudo;

c) de que modo foi praticada a assistencia aos necessitados, com os dados estatísticos, se possivel, desse serviço;

d) [...]

III. Enviar tambem uma cópia ou summula dessa exposição á União ou Federação estadual a que igualmente tenha adherido e com a qual deverá entreter correspondencia tão assidua quanto possivel e manter relações directas, que facultem cada vez melhor entendimento recíproco.

§ unico. Quando se tratar de Sociedade cuja adhesão já tenha se transferido á União ou Federação estadual respectiva, a exposição a que se refere o n. II acima ella o enviará á Federação nacional a cópia ou summula de que fala este III.

<sup>487</sup> Regulamento de Adhesão das Sociedades Espiritas á Federação Espirita Brasileira. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1925, n. 11, ano XLIII. p.258.

IV [...]

V. [...]

VI. Adherir á União ou Federação do seu respectivo Estado, quando esta já for adherente á Federação Espirita Brasileira.

VII. [...]

VIII. Assumir, para com a Federação ou União estadual, a que tambem tenha adherido por effeito de sua adhesão á Federação nacional, todas as obrigações assumidas para com essa, desde que, relativamente áquella Federação ou União, se cumpra o disposto no § 1º do art. 109 dos Estatutos da Federação Espirita Brasileira.

IX. [...]

X.

XI.

XII.

XIII. Contribuir, trimestralmente ou semestralmente, com uma quota, cuja importancia será arbitrada livremente pala sua Directoria, de conformidade com seus recursos e os encargos que lhe pesem, quota essa que se destinará exclusivamente á caixa de propaganda existente na Federação e a custear as despesas com as reuniões do Conselho Federativo de que trata o Capitulo XVII dos Estatutos desta.

XIV.

XV. [...] <sup>488</sup>.

No capítulo III do regulamento – Dos deveres Especiais das Uniões ou Federações Estaduaes – em seu art. 9º, estavam descritos, como o próprio título já indica, as atribuições das Federações Estaduais:

Art. 9º Quando a Sociedade adherente for uma Federação ou União, com séde na Capital de um Estado, além dos deveres enumerados no artigo anterior, tocam-lhe mais os seguintes:

I – Encaminhar para a Federação nacional todo pedido de adhesão que receba de Sociedade ainda não adherente áquella, se não se achar verificada a hypothese do art. 109, § 1º de seus Estatutos.

II – Receber a adhesão de toda Sociedade que adherir á Federação nacional, uma vez que tambem ainda não esteja verificada a hypothese do citado art. 109, § 1º e cumprido o que elle dispõe.

[...] <sup>489</sup>.

---

<sup>488</sup> Regulamento de Adhesão das Sociedades Espiritas á Federação Espirita Brasileira. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1925, n. 11, ano XLIII. p.259-260.

<sup>489</sup> Ibidem. p.258.

No capítulo seguinte – Capítulo IV – Da Transferencia das Adesões para as Uniões ou Federações Estaduaes –, podemos verificar, entre outras coisas, a definição do que seria considerada Federação ou União estadual segundo a FEB:

Art. 11. Só é considerada União ou Federação, para o efeito do que dispõe o art. 109, § 1º dos Estatutos da Federação Espírita Brasileira, a Sociedade a que, com séde na Capital se um Estado, já tenha adherido a maioria das outras existentes no mesmo Estado, ou a que se haja constituido por deliberação da maioria ou de avultado numero das associações espiritas que no Estado de sua séde existam (art. 109, § 3º dos Estatutos da federação).  
 § unico. Emquanto á Sociedade que, com o nome de União ou Federação, exista ou venha a existir na Capital de um Estado não houver adherido a maioria das outras existentes neste, sua adhesão á Federação far-se-á, se for solicitada, como a de qualquer outra Sociedade<sup>490</sup>.

O capítulo 5 estabelecia os direitos das Sociedades vinculadas à Federação, como veremos a seguir:

Art. 15. São direitos de toda Sociedade adherente, que o for na conformidade do que este Regulamento estatue:  
 I – Fazer parte do Conselho Federativo de que cogita o Capitulo XVII dos Estatutos da Federação pela fôrma prescripta nelle e no Regimento que for expedido para o funcionamento do mesmo Conselho.  
 II – Receber da Federação toda assistencia moral e judiciaria de que necessite e a assistencia material que áquella seja possivel dispensar-lhe, em caso de urgencia, bem como todo o apoio que a mesma Federação lhe possa prestar, junto dos poders publicos, na defesa dos direitos e prerogativas que lhe assistam.  
 III – [...]  
 IV – [...]  
 V – Receber, ao ser-lhe communicado o deferimento do seu pedido de adhesão, um exemplar do *Livro dos Espiritos* e um das *Elucidações Evangelicas*, de Pedro Sayão.  
 VI – Receber regularmente dois exemplares de cada numero do Reformador.  
 VII – [...]  
 VIII – [...]  
 IX – [...]  
 X – Poder adquirir, com 50% de abatimento, as obras de

---

<sup>490</sup> Regulamento de Adhesão das Sociedades Espiritas á Federação Espirita Brasileira. **Reformador**, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1925. Ano XLIII.N. 12. p.282.

ALLAN KARDEC e a de J. B. ROUSTAING e com o de 20% a 30% todas as que se encontrem á venda na Livraria da Federação.  
[...]<sup>491</sup>.

Baseado nos novos estatutos aprovados em 1924, no ano seguinte, a FEB definiu o “Regulamento de Adesão” praticamente mantido sem alterações até 1940. Esse documento regia praticamente toda a atividade organizativa das sociedades espíritas que se vinculassem à FEB, como também daquelas a ela vinculadas anteriormente, nele se

mantinha a proposta de subordinação das agremiações de um dado estado à sua respectiva federação; as agremiações só se filiariam diretamente à FEB caso a entidade estadual não existisse ou não fosse reconhecida pela entidade nacional. Todo grupo, direta ou indiretamente filiado à FEB, teria de remeter periodicamente informações sobre sua organização e atividades, além de contribuir monetariamente para uma ‘caixa de propaganda’; a FEB, por sua vez, devia-lhes assessoria jurídica e doutrinária e auxílios materiais, além do envio de obras doutrinárias e do Reformador<sup>492</sup>.

A FEB, mais uma vez, dava mostras de suas pretensões em assumir o protagonismo no interior do campo, ao publicar o “Registro Geral das Sociedades Espíritas”, aprovado em 25 de março do mesmo ano, no qual afirmava:

Art. 1º De acordo com que nos seus arts. 38, § 22 e 42, § 4º, dispõem os Estatutos da Federação Espirita Brasileira, fica instituído na séde o Registro Geral das Sociedades Espíritas.

Art. 2º Na conformidade do que preceituam esses dispositivos, o Registro terá por fim:

a) fazer-se a inscrição censitaria das agremiações espíritas existentes no Brasil, de modo a reconhecer-se sempre, com a maior approximação possível, o numero dos espíritas brasileiros associados, primeiro passo para chegar-se ao censo geral de todos, [...]

b) [...]

c) estar a Federação habilitada a informar com a possível exactidão a Federação Espirita Internacional

<sup>491</sup> Regulamento de Adesão das Sociedades Espíritas á Federação Espirita Brasileira. **Reformador**, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1925. Ano XLIII.N. 12. p.282-283.

<sup>492</sup> GIUMBELLI. Op. Cit. p. 250.

acerca da organização e do movimento espíritas no Brasil, de modo que uma e outro possam ser devidamente assinalados nos *Archivos do Espiritismo Mundial*, que aquella instituição já publica, e no *Anuario*, cuja publicação encetarã em breve;

d) fornecer á Federação os elementos indispensaveis á publicação tambem de um *Anuario* do Espiritismo no Brasil, mediante o qual se torne conhecido annualmente o grão de desenvolvimento alcançado neste paiz pelo Espiritismo e os pontos onde seja necessario dar maior incremento á propaganda;

e) [...]

Dos Direitos e Deveres dos Inscriptos no Registro

Art. 7º. Á Sociedade ou Grupo que se fizer registrar será expedido um certificado de sua inscrição, assistindo-lhe o direito de solicitar e obter informações que possam ser extrahidas do livro do Registro.

[...] <sup>493</sup>.

Um dos principais eventos, senão o principal, em relação a essa disputa ocorrida no interior do Campo Espírita Brasileiro, o qual já destacamos anteriormente, quando analisamos a 2ª geração, foi a constituição e consolidação de uma oposição institucional à FEB, surgida na cidade do Rio de Janeiro, com a fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926, formada por representantes de instituições não filiadas e opositoras à FEB, sediadas no Rio de Janeiro. Fato esse decorrente da alegada inação da FEB, na visão dos seus opositores, quanto a não aprovação das emendas referentes ao ensino religioso e à tentativa de consolidação da religião católica como “religião do povo brasileiro” por parte das elites católicas, tendo em vista a revisão da Constituição Brasileira de 1925-1926. Desse modo, de acordo com seus opositores, a contestação por parte dos espíritas foi empreendida exclusivamente em caráter pessoal, não havendo reação de forma institucional, como podemos verificar em Santos:

[...] quando da reforma parcial da Constituição do Brasil, ocorrida no ano anterior, ocasião em que uma corrente clerical do poder legislativo havia apresentado emendas favoráveis à Igreja Católica, dispondo sobre o ensino religioso nas escolas e a definição do catolicismo como religião do povo brasileiro. A FEB foi acusada de omissão, e a oposição espírita às emendas que não foram aprovadas, ficou por conta de iniciativas individuais.

---

<sup>493</sup> Registro Geral das Sociedades Espíritas. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de maio de 1925. Ano XLIII n.9. p.209-211.

Reunida no Rio de Janeiro, a Constituinte Espírita resultou na criação da Liga Espírita do Brasil com propósitos de unificar o movimento em âmbito nacional. Apresentava-se, assim, como uma alternativa à Federação Espírita Brasileira e, ao contrário desta, suas lideranças eram Kardecistas<sup>494</sup>.

Em resposta a tais acusações, a FEB, no editorial do *Reformador*, de 3 de outubro de 1925, intitulado *Á solução justa*, publicou sua defesa, alegando que a confiança por ela depositada na ação dos espíritos superiores lhe davam a certeza da vitória contra os “inimigos do Semeador”, conforme definia aqueles que pugnavam pela aprovação das chamadas emendas religiosas:

Celebramos jubilosos o acontecimento, como uma victoria de Seu amor, buscando apprehender em todo a sua extensão o significado dessa vistoria, para corresponder-mos ao objectivo que ella encerra, nós os que nos temos feito discipulos do Evangelho e que hemos tomado o encargo, difficil e prenhe de responsabilidades, de o pregoarmos nos tempos novos que se iniciam [...]

Vistoria de Jesus, ella significa bondade, caridade, misericordia e não comporta a existencia de vencidos, nem de vencedores, que só Elle o é, e exprime um novo apello do seu coração á fraternidade, pois que era sobretudo a fraternidade que se achava entre nós ameaçada pelo golpe que o fanatismo e a intolerancia religiosa, sempre destructivos e geradores de ódios, premeditavam contra a mais preciosa das liberdades: a de pensar, de sentir, de crer.

[...]

A Federação, que confia sempre na desvelada acção espiritual dos que do plano invisivel dirigem a marcha progressiva da Verdade na nossa patria, plena e seguramente confiante estava em que elles, sob a chefia de Ismael, cumprindo os santos designos do divino Mestre, saberiam, no momento opportuno, afastar o obice que se pretendia oppor áquella marcha.

Cheia dessa confiança, antes de se dirigir aos homens, de lhes falar, num appello á razão e á consciencia, propugnando a paz sobre que, dentro da collectividade brasileira, pesava a ameaça das emendas chamadas <<religiosas>>; rogando-lhes não destruissem a obra de fraternidade que os constituintes de 1891 alicerçaram; exortando-os a que não patrocinassem a empreza nefanda de lançar entre os Brasileiros a mais venenosa de todas as sementes da discórdia, da separatividade, do desamor e das lutas estéreis, ella se voltou, em supplicas continuas,

<sup>494</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 68-69.

que a fé fazia fervorosas, para Aquelle que do throno de sua gloria provê incessantemente ao bem do armento que o Pae lhe confiou, tudo facultando aos obreiros sinceros e verazes da sua Seára, para proseguirem na obra, sem que os <<inimigos do Semeador>> logrem destruil-a, ou, sequer, paralyzal-a.

Legitimamente satisfeita, pois ella se sente, por haver confiado assim e assim haver procedido, deixando-se guiar pela inspiração dos que a assistem caridosamente do Além, e se congratula comsigo mesma e com os que formam as fileiras espiritas, onde tambem de certo todos os corações se abriram em preces ardentes ao Senhor do mundo, pela obtida demonstração do poder da fé ao serviço do Bem, que é justiça, que é paz, que é harmonia e fraternidade<sup>495</sup>.

A “Comissão Preparadora do Congresso”, em 16 de outubro de 1925, expediu uma circular na qual convocava as sociedades espíritas para comparecerem a um Congresso, o qual se realizaria em 31 de março de 1926, cujo objetivo principal era fixar as bases de uma organização visando à unificação do movimento e à criação de uma nova entidade federativa de âmbito nacional. A direção da Federação Espírita Brasileira também recebeu o convite para participar do evento e, como era de se esperar, recusou-se a participar do evento por motivos óbvios, visto que a nova instituição faria o papel unificador, o qual a FEB arrogava para si:

[...]

Cumprindo esse dever, cabe-nos scientificar-vos de que ella se vê constrangida, pelas razões que summariamente vamos expender, a declinar desse convite, deixando de comparecer á projectada reunião.

Tendo sido até hoje, em nosso paiz, no curso de seus quatro decennios de existencia, o nucleo central da organização espirita, em torno do qual não vindo successivamente grupar-se, assim muitas das mais modestas e prestigiosas e importantes associações espiritas, como muitas das mais modestas e humildes, todas com o proposito de lhe seguirem as pegadas, rumo do ideal que ella objectiva; tendo constituído até ao presente a cellula geradora das Federações e Uniões estaduaes, atravez de cujos organismos se desenvolveu e ampliou a organização federativa, a Federação esteve sempre e está pormpta a acolher e acolhido tem a todos quantos, de boa vontade, hajam querido ou quieriam collaborar com ella na obra, genuinamente espirita, de

---

<sup>495</sup> À solução justa. **Reformador**, Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1925. Ano XLIII. N. 19, p.413-415.

união, de fraternidade e solidariedade christãs, que essa organização visa realizar ao derredor do estandarte – Deus, Christo, Caridade – por ella desfaldado desde a sua origem e unico capaz de effectivar tão alta aspiração. Não vê, pois, motivos que lhe aconselhem a abandonar essa attitude e essa função congraçadora e coordenadora de vontades, capacidades e esforços orientados numa direcção superior, para cooperar, fóra do campo que ella cultiva, na execução de uma outra obra que, sem ser caracteristicamente espirita, é, pelo seus aspectos exteriores, de natureza semelhantes á que ella vem de longe procurando effectuar, com a ponderação, o cuidado e a firmeza que lhe impõe a constância de suas responsabilidades.  
[...]<sup>496</sup>.

Após recusar o convite por meio das páginas do *Reformador*, de 1º de dezembro de 1925, a FEB ultimou as providências visando à instalação definitiva do Conselho Federativo da FEB, tentando, assim, esvaziar o Congresso. Ainda na mesma edição de seu periódico, a FEB fazia alusão ao novo Conselho Federativo:

Conselho Federativo – Tendo noticiado, no ultimo numero do Reformador, que já se achava em estudo, na Directoria da Federação, o projecto de regimento que regulará a elaboração do programma dos trabalhos do Conselho Federativo e o funcionamento deste, felizes nos sentimos hoje por podermos noticiar que na sua reunião de 24 de novembro aquella Directoria ultimou esse estudo, estando, pois, o dito Regimento prompto para ser submettido á apreciação das Sociedades adherentes.  
[...]

Transforma-se assim em quasi certeza, a esperança que nesta secção exprimimos pelo Reformador de 1 de novembro: a de que em 1926, se celebrasse nesta Capital em a sede da Federação, a primeira reunião dos delegados das Associações que até lá se lhe tiverem tornado adhesas, para o fim indicado no art. 117 dos Estatutos da mesma Federação, artigo esse que define o Conselho e lhe traça a órbita de acção [...]<sup>497</sup>.

O *Reformador* de 1º de janeiro de 1926, em sua página 8, reproduz o artigo do jornal *Aurora*, de 16 de dezembro de 1925, intitulado *A unificação das crenças*, para logo a seguir, em sua página

<sup>496</sup> Constituinte Espirita Nacional. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de dez. 1925. Ano XLIII. n.23. p. 496-497.

<sup>497</sup> Organização Federativa. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de dez. 1925. Ano XLIII. n.23. p. 509.

18, do mesmo número, tecer comentários sobre esse artigo afirmando estar de pleno acordo com as

observações e ponderações que elle encerra, tão judiciosas quão oportunas neste momento em que os adversarios do Espiritismo, assim da terra como do espaço, têm por principal programma de sua acção contra a doutrina dos Espiritos produzir a mais completa confusão nas fileiras de seus adeptos.

Realmente, não pôde deixar ser effeito dessa acção malfazeja a balburdia que por ahi se vae estabelecendo, a pretexto de unificação das crenças, sob o manto de uma falsa tolerancia e de uma não menos falsa fraternidade, como se unificar significasse baralhar, misturar, amalgamar elementos heterogeneos e transigir com o que de nenhum modo se coaduna com os principios basicos daquella doutrina, principios que são e hão de ser sempre os do Christianismo do Christo.

[...] <sup>498</sup>.

Assim, os editores do *Reformador* acrescentavam críticas aos companheiros do Movimento Espírita Brasileiro, alegando a falta de sinceridade de alguns de seus membros e também afirmava que as opiniões daqueles contribuíam para a confusão no seio do movimento. Por sua vez, a “Comissão Preparadora da Constituinte Espírita Nacional” não acatou as reprimendas e enviou uma longa carta à FEB, refutando as críticas que lhe foram dirigidas<sup>499</sup>.

Ainda na mesma edição do *Reformador*, encontramos uma nota em que a FEB anunciava: “Conselho Federativo – Podemos hoje, com o maior prazer, noticiar que a Secretaria da Federação já expediu o projecto de Regimento desse Conselho a todas as Sociedade adherentes<sup>500</sup>”.

Em sua edição de 16 de fevereiro de 1926, o *Reformador* publicou os principais trechos da carta da Comissão Preparadora e a respondeu no artigo *Um repto impropriedade*, dando sua versão dos fatos:

Avessos, por indole, por principio e por tradição, a polemicas e controversias nestas columnas, não é sem constrangimento e sem magoa, que nellas registramos o

<sup>498</sup> A unificação das crenças. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de jan. 1926. Ano XLIV. n.1. p.18-19.

<sup>499</sup> Um Repto Impropriedade. **Reformador**. Rio de Janeiro, 16 de fev. 1926. Ano XLIV. n.4. p.77-78.

<sup>500</sup> Conselho Federativo. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de jan. 1926. Ano XLIV.n.1. p. 38.

documento supra.

Aos confrades que nol-o endereçaram, apenas nos cabe pedir melhor ponderem a impugnada local, que lhes suscitou tamanha acrimonia, pois, de facto, alli não ha, propriamente nossas, referencias ou allusões directas, nem indirectas, á commissão de que fazem parte, nem ainda á tarefa que propugnam, sendo certo ao demais que, na local em questão, não tratámos de “unificação espirita”, que, ao que supomos e se vê da carta acima, representa o ponto capital da obra da Constituinte, mas de “unificação de crenças”, que é coisa algum tanto diversa, se não de todo differente<sup>501</sup>.

Diante disso, a “Comissão Preparadora” reiterou o pedido para que a FEB se fizesse representar no futuro Congresso. No anexo à edição de 1º de março de 1926 do *Reformador*, incluso no relatório anual das atividades referentes ao ano de 1925, a FEB reitera sua decisão de não participar do “Congresso Constituinte”. A certa altura, diz o texto:

Qualificam-nos, por isso, de intolerantes. Mas, onde a nossa intolerancia? Digna attitude é, antes, a nossa, perseverando nos ponderados propositos que nos animam, na defesa denodada do posto e na execução da tarefa que nos foram confiados e do qual, se nos afastassemos, praticariamos culposa defecção<sup>502</sup>.

O “Congresso Constituinte Espírita Nacional” iniciou na data prevista em 31 de março de 1926, nas dependências do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, durando dez dias, nos quais os participantes discutiram os rumos do Movimento Espírita Brasileiro. Durante a realização do Congresso, mais umavez, na sessão de 4 de abril, os participantes decidiram reiterar o pedido à FEB para que ela se fizesse representar nas reuniões. Como nas demais oportunidades, a resposta foi negativa<sup>503</sup>.

Em meio às lutas de representações travadas no interior do Campo Espírita Brasileiro entre a FEB e a Constituinte, podemos perceber alguns aliados da FEB por intermédio das diversas manifestações de apoio e solidariedade que recebeu ao longo desses

<sup>501</sup> Um Repto Improcedente. **Reformador**. Rio de Janeiro, 16 de fev. 1926. Ano XLIV. n.4. p.78.

<sup>502</sup> Constituinte Espirita Nacional. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de mar. 1926. Ano XLIV. n.5.p.108.

<sup>503</sup> QUINTELLA.Op. Cit. p. 13.

acontecimentos. Vários registros de repúdio ao Congresso foram publicados no *Reformador* entre janeiro e maio de 1926, conforme vemos na edição de 1º de janeiro, na qual a Federação do Estado do Espírito Santo, em carta de 30 de outubro de 1925, declarava:

A Federação Espirita do Estado do Espírito Santo, por seus directores, accusa o recebimento do vosso officio, son o n. II[...]

Esta Directoria entende, entretanto, que uma sociedade como a que desejaes seja erguida já existe e é ella a Federação Espirita Brasileira, com a qual nos achamos perfeitamente irmanados, christãmente solidarios e em tudo accordes. E a ella temos hypothecados todo o nosso apoio, todos os nossos prestimos; desertar agora, seria uma indignidade.

[...]504.

O Centro Espirita Maria Santíssima do Estado do Espírito Santo, em carta de 30 de outubro de 1925, afirmava:

[...] Como adhesos que somos da Federação Espirita Brasileira, depois de haver sido da Federação Espirita deste Estado, não podemos tomar parte em coisa alguma espirita que não venha par estas duas Sociedades amparada, porque afastar-nos dahi se nos afigura uma especie de opposição que não achamos razão de existir. Perdoae-nos, carissimos confrades, a nossa rude franqueza, mas não vemos porque apparecer uma constituinte espirita á revelia da casa mater do Espiritismo no Brazil – a Federação.<sup>505</sup>

Na sua edição de 1º de fevereiro de 1926, o *Reformador* apresentava notícia do Centro Espirita de Valença em relação ao convite da “Comissão Preparadora da Constituinte Nacional”:

[...]

Accusamos recebido o vosso officio de 1 de dezembro do anno passado; respondendo o honroso convite que nelle nos fazeis, declaramos que só poderiamos ser representados na Constituinte Espirita Nacional, se a Federação Espirita Brasileira tambem o fizesse, pois que, adhesos que somos á referida Federação, só agimos de pleno accordo e em communhão de vistas, sob a direcção

---

<sup>504</sup> Conselho Federativo. **Reformador**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro. 1926. Ano XLIV. n.1. p.14-15.

<sup>505</sup> Idem.

de Ismael, a cuja bandeira nos acolhemos.  
[...]<sup>506</sup>.

A Igreja Espírita de Piracicaba, do Estado de São Paulo, em cópia à FEB assim responde ao convite da “Comissão Preparadora da Constituinte Nacional”:

[...]  
Refletindo ponderadamente sobre o objectivo da Constituinte, cumpre-nos declarar que declinamos do honroso convite que nos foi dirigido, visto como já de ha muito o nosso nucleo de trabalho espirita acha-se filiado á Federação Espirita Brasileira, da Capital. Sendo, pois, o objectivo da Constituinte idêntico áquelle collimado pela Federação, não vemos vantagem nessa duplicidade de acção em torno de uma idéa que, em seu conjunto, obedece mais ou menos aos mesmos fins.  
[...]<sup>507</sup>.

Encontramos também várias outras manifestações de apoio à FEB em outros números do *Reformador*, e ainda em outros periódicos espíritas, como constatamos nas palavras de Cairbar Schutel, nas páginas da *Revista Internacional de Espiritismo*, de 15 de abril de 1926, ao comentar a constituinte nos seguintes termos:

[...]  
De fato, é verdadeiramente lamentavel a situação espírita em certos meios do Brasil. Uma reunião que acaba de se verificar á guisa de congresso, no Rio, para a formação de uma << Constituinte>>, deixa bem transparecer quão desconhecidos são os princípios espiritas por aquelles proprios que se dizem espíritas e se arvoram mentores e representantes de Allan Kardec, neste paiz.  
A grande imprensa tratando desse pseudo congresso o fez com tanta ironia que causa verdadeira compaixão o papel que muitos representam sem conhecimento, as mais das vezes, de si proprios.  
[...]<sup>508</sup>.

---

<sup>506</sup> Conselho Federativo. **Reformador**. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro. 1926. Ano XLIV.n.3. p.59.

<sup>507</sup> Organização Federativa. **Reformador**. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro. 1926. Ano XLIV. n.4. p.71-72.

<sup>508</sup> Espiritismo no Brasil. **Revista Internacional do Espiritismo**. Matão, 15 abr. de 1926. Ano 2. n.3 p.96.

Na RIE do mês seguinte, Schutel volta à carga, opinando agora sobre a criação da Liga Espírita do Brasil:

[...]

A <<Constituinte>> encerrou seus trabalhos com a fundação da <<Liga>>; esta, porém, não ligou coisa alguma: fez muito barulho é verdade, houve discussão muito azeda, etc. A <<Liga>> é de espiritualistas, fazem parte d'ella theosophistas, occultistas, pensamentistas, etc., etc. Os espíritas, na expressão verdadeira do termo, ficaram de parte, abstiveram-se sem darem á mesma solidariedade.

[...] <sup>509</sup>.

Mais uma vez, percebemos a intensa luta pela hegemonia do campo, quando a “Casa Mater do Espiritismo no Brasil” foi afrontada pela “Casa dos Espíritas”. Ao autonominar-se “casa”, as instituições buscam apropriar-se do sentido de mãe, de refúgio e de proteção, vinculados ao símbolo, proporcionando aos seus afiliados o conforto, a garantia e a proteção proporcionada por uma mãe aos seus filhos.

Outra questão que marca a fundação da Liga era a alegação de que a FEB adotava equivocadamente as obras de Roustaing, sendo a recomendação dessa Liga que se fizesse uso exclusivo das obras de Kardec.

A intensificação da luta entre a FEB e seus opositores mais imediatos apresentou de forma inusitada, segundo os relatórios anuais da Federação, um incremento significativo na quantidade de instituições filiadas FEB, quando o esperado seria uma diminuição ou, quando muito, um pequeno incremento, em razão da grande disputa. De 47 sociedades filiadas em 1924, passou para 72 já no ano seguinte, ano de implementação do “Regulamento de Adesão”. Já em 1941, a FEB possuía 162 entidades filiadas diretamente a ela, e outras 168 ligadas por intermédio das federações estaduais, perfazendo, assim, um total de 330 entidades<sup>510</sup>.

Conforme aponta Giumbelli, no fim da década de 1920, a FEB, em busca da sua consolidação como principal instituição do Campo Espírita Brasileiro, procurou e ratificou acordos com as autoridades policiais da capital federal, os quais resultaram na ausência de ações

---

<sup>509</sup> Da Capital Federal. **Revista Internacional do Espiritismo**. Matão, 15 mai de 1926. Ano 2. n.3 p.131.

<sup>510</sup> GIUMBELLI. Op. Cit. p.255-256.

repressivas às atividades dela própria, como também das sociedades a ela vinculadas. Giumbelli cita como exemplo característico dessa situação o fato de o delegado de polícia Augusto Mendes, responsável pela repressão ao “baixo espiritismo” ter procurado a direção da FEB a fim de pedir que orientasse as suas filiadas quanto à realização de sessões públicas e também em relação às atividades curanderísticas. Assim, a Federação convocou de imediato uma reunião com os grupos a ela filiados, na qual foram acordadas várias medidas doutrinárias e rituais em conformidade com a reunião do “Conselho Federativo” de 1926, visando a tornarem conhecidas as normas e os métodos prescritos pela Federação para a condução dos trabalhos nos centros espíritas<sup>511</sup>.

Em 1929, o delegado de polícia solicitou à Federação uma lista contendo o nome das sociedades a ela filiadas, com o objetivo de controlar quem era e quem não era filiado à FEB, com a intenção de orientar as “batidas” policiais. Outras reuniões entre a FEB e os representantes da polícia, e as consequentes reuniões entre a Federação e as instituições filiadas, prosseguiram ao longo das décadas de 1930 e 1940<sup>512</sup>.

Como já destacamos em outro momento deste trabalho, um acontecimento importante em relação ao Espiritismo praticado pela FEB e a Umbanda, já retratado logo no início do primeiro capítulo quando tratamos da relação entre o livro e a identidade espírita, foi a declaração da FEB, onde afirmava que as práticas Umbandistas seriam Espiritismo, porém não Doutrina Espírita. Tal declaração, num momento em que as forças no interior do Campo Espírita Brasileiro estavam divididas, sendo proclamada justamente no mês de fundação da Liga Espírita do Brasil com a realização da “Constituinte Espírita Nacional”, revela a intenção de trazer para junto de si uma importante parcela de novos adeptos e instituições para o âmbito de influência da FEB, num momento em que essa instituição percebia um sério ataque às suas pretensões de hegemonia no campo.

No seu número de março de 1930, a *Revista Espírita do Brasil* comemorava o quarto ano de vida da Liga Espírita do Brasil:

[...]

Com um percurso de vida apenas de quatro annos, a Liga Espírita do Brasil que surgiu do primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado em 31 de Março de 1926, nos seus dois primeiros annos de existencia, de completa accção preparativa, vencendo as mais ingentes

<sup>511</sup> GIUMBELLI, Op. Cit. p.257.

<sup>512</sup> Ibidem. p.257-263.

necessidades e as maiores dificuldades, inclusive as consequentes de uma campanha derrotista impiedosa e desleal, nos dois outros annos conseguiu firmar-se na importancia dos seus <<principios>> e dos seus <<objectivos>> constitucionaes.  
[...]<sup>513</sup>

Seguindo ainda no número de março de 1930, encontramos a LEB, atuando de forma semelhante à FEB, buscando a padronização dos trabalhos realizados nos centros espíritas, apresentava os seus métodos de trabalho, os quais deveriam ser implementados, não somente por parte de seus afiliados, mas também pelos espíritas de um modo geral:

Para completa sciencia dos directores das associações espíritas e dos espíritas em geral, publicamos abaixo os methodos dos estudos da doutrina e pratica do Espiritismo que vêm sendo aconselhados nas semanas da Liga Espirita do Brasil, na Casa dos Espíritas, pelos quaes se deverão reger todas as associações que lhe são aggreddadas:

Nas sessões de estudos propriamente ditos, em torno das obras da codificação pelo preclaro mestre Allan Kardec, não deverão haver trabalhos experimentaes, devendo-se, apenas, no principio das sessões receber, por mediums devidamente desenvolvidos, uma communicação para a abertura dos trabalhos e outra para o respectivo encerramento. Estas communicações poderão ser psycographicas ou por incorporação.

Nas sessões praticas, para experimentações mediunnicas ou mesmo desenvolvimento de mediums, a frequência deverá ser limitada, pois, sendo numerosa terá prejudicada a sua acção objectiva. Nas associações de grande numero de socios, para que todos possam participar dessas reuniões, a directoria poderá estabelecer rodizio na frequência, estabelecendo escala com grupo limitado de sócios para cada reunião. Nesses trabalhos, somente o director respectivo, ou alguem por elle encarregado, deverá estabelecer relações ou palestras com os espíritos manifestados. Será de toda conveniencia, em reuniões tais, se ter mediums videntes de absoluta confiança e integro para controlar as manifestações e os proprios mediums.

Nas sessões denominadas <<sessões de caridade>>, estas deverão se realizar privativamente, só se permitindo a presença dos directores dos trabalhos e dos mediums delles encarregados, nenhuma assistencia nem a presença dos irmãos obsedados ou presumidamente obsedados, não

---

<sup>513</sup> Liga Espirita do Brasil. **Revista Espirita do Brasil**. Rio de Janeiro, 1º de mar. 1930. Ano II. n.3. p. 57-78.

deverá ser permitida.

Nestas sessões deve ser abolido o systema erroneo de <<consultas pessoas>> entre enfermos do corpo e da alma e os espiritos manifestados, considerados obsessores. Este systema que se vê adoptado em grande numero de associações, é contrario aos methodos aconselhados pelo mestre e contraproducentes, dando lugar a mystificações.

As sessões para receituário mediunico ou curas por meio de passes magneticos, não deverão ser publicos; pois, a natureza do ambiente nesses trabalhos é tudo para que, os mais largos e mais beneficos sejam os seus resultados.

Deverão ser abolidos todos os symbolos, emblemas ou estatuas de determinados <<santos>>, assim como qualquer ritualismo, que nem os estudos da doutrina nem a pratica do Espiritismo comportam.

[...] <sup>514</sup>.

Podemos observar que, além das recomendações quanto ao modo de procederem nas sessões práticas e doutrinárias, igualmente procuravam dar as diretrizes a respeito dos estudos da doutrina Espírita, recomendando a utilização, tão somente, dos livros codificados por Allan Kardec.

Da mesma forma que a FEB travou entendimentos com as autoridades policiais, a diretoria da LEB buscou também forjar entendimentos com as mesmas autoridades na figura do delegado Frota Aguiar e de seu auxiliar imediato Mario Serpa, a fim de pôr fim às ações repressivas às suas atividades e as das sociedades a ela vinculadas <sup>515</sup>.

### 2.2.2 – Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho

Seguindo o fio condutor dessa história, chegamos ao ponto que denominamos Marcador Doutrinário, ou seja, ao lançamento do livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, de Chico Xavier, em 1938. Acontecimento esse repleto de significação para o Movimento Espírita Brasileiro, do qual destacamos, de acordo com o excelente trabalho do historiador Fábio Luiz da Silva – Espiritismo história e poder (1938 – 1949) –, a tentativa de legitimação do Espiritismo frente ao Estado Novo, a identificação da FEB, como a entidade responsável

<sup>514</sup> Os methodos de trabalhos aconselhados pela Liga Espirita do Brasil. **Revista Espirita do Brasil**. Rio de Janeiro, 1º de mar. 1930. Ano II. n.3. p. 69-70.

<sup>515</sup> TORRES, J.O Espiritismo e a Polícia. **Revista Espirita do Brasil**. Rio de Janeiro, ano XI. n.7. 1º de jul. 1937. p. 246-247.

pela condução do Espiritismo Brasileiro – Casa Mater do Espiritismo – e da liderança do Anjo Ismael, como o espírito guia do Espiritismo no Brasil.

Além da origem divina do Brasil e de sua missão evangelizadora da humanidade, encontramos, nas páginas do livro, as origens materiais e espirituais da FEB, atribuindo a esta um papel de liderança no processo evolutivo do país, segundo a perspectiva espírita. Mais do que isso, detectamos a tentativa de afirmação de um mito de origem da FEB, por meio de uma narrativa de caráter histórico, de acordo com o que apontou o historiador José Murilo de Carvalho, visto anteriormente neste trabalho.

Ao analisar a compreensão da história do Brasil pelo prisma espírita pelas páginas do livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, o historiador Fábio Luiz da Silva afirma que

a história do Brasil narrada nessa obra é uma criação divina, é uma história sagrada, trabalho de seres sobrenaturais. O que faz pensar que ela participa de alguma maneira das crenças míticas, as quais permanecem, durante séculos, como representações fundamentais na compreensão do mundo<sup>516</sup>.

Além disso, a obra apresenta uma imagem do país de acordo com as pretensões do Estado Novo, apostando na ideia de um núcleo central das decisões tão caras ao governo da época, justificando, assim, a centralização do poder federal, a intervenção do Estado na sociedade e a construção da nacionalidade brasileira, atendendo também aos seus próprios interesses, na busca de sua afirmação como a legítima representante do Espiritismo no Brasil<sup>517</sup>.

Podemos, assim, atestar, a partir do ponto de vista da FEB em relação à História, a tentativa de criação de um projeto de nomeação da realidade dentro e fora do Campo Espírita Brasileiro.

Além dos pontos destacados por Fábio Luiz da Silva, que já por si só determinariam a relevância do livro, ressaltamos outros aspectos importantes:

- a elaboração de um discurso fundador para o Brasil;
- também a elaboração de um discurso fundador para a FEB;

---

<sup>516</sup> SILVA, Fábio Luiz da. Op. Cit. p.38.

<sup>517</sup> Ibidem. p. 49-60.

- criação de uma resposta à fundação da LEB;
- determinação de Roustaing como figura de proa do Espiritismo e como responsável pela parte religiosa do Espiritismo.

Artur Isaia, ao analisar o posicionamento da hierarquia católica brasileira perante a representação da nacionalidade brasileira, em artigo da revista *Debates do Ner* (2011), quando apontou o endosso da Igreja à ideia de Varnhagen, de uma nação unida de forma linear a Portugal pela cruz, nos permite também, entre outras coisas, perceber a elaboração de um discurso fundador do Brasil, atrelando-o aos desígnios cristãos, em uma tentativa de se criar uma essência católica para o Brasil, vinculando sua origem à realização da Primeira Missa, tornando legítima a identificação entre o povo brasileiro e a Igreja, apresentados na “Carta Pastoral Coletiva” de 1922, comemorativa ao centenário da independência. Nela encontramos as seguintes palavras:

Apenas descoberta nossa querida pátria, sobre ela desceram a 26 de abril e no dia 1º de maio de 1500, as bênçãos de Deus pela oblação do corpo e do sangue de Jesus nas aras improvisadas pelo zeloso frei Henrique de Coimbra ante o *gentio estupefato!* Qual pavilhão protetor no solo ainda virgem do Brasil ergueu-se a mandado de Pedro Álvares Cabral, em Porto Seguro, majestosa Cruz, feita de madeira das soberbas florestas da nossa terra. Eilo o descobridor do Brasil, levantando *para perpétua memória da posse divina* o glorioso padrão que há vinte séculos marca as conquistas do Filho de Deus. A Ele, pois, pertence desde a sua origem, a Terra de Santa Cruz<sup>518</sup>.

A FEB, com o livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, atribuiu uma nova roupagem à história do Brasil, criando uma nova narrativa mítica para o “nascimento” do Brasil, anterior à Primeira Missa católica, como se pode observar a seguir neste fragmento:

[...] no último quartel do século XIV, que o Senhor desejou realizar uma de suas visitas periódicas à Terra, a fim de observar os progressos de sua doutrina e de seus exemplos no coração dos homens.

[...]

E a caravana fulgurante, deixando um rastro de luz na

---

<sup>518</sup> EPISCOPADO BRASILEIRO. Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro ao clero e aos fiéis de suas dioceses por ocasião do Centenário da Independência. Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Marques, Araujo & Companhia, 1922. p.4.

imensidade dos espaços, encaminhou-se ao continente que seria, mais tarde, o mundo americano.

[...]

E, quando no seio da paisagem repleta de aromas e de melodias, contemplavam as almas santificadas dos orbes felizes, na presença do Cordeiro, as maravilhas daquela terra nova, que seria mais tarde o Brasil, desenhou-se no firmamento, formado de estrelas rutilantes, no jardim das constelações de Deus, o mais imponente de todos os símbolos.

Mãos erguidas para o Alto, como se invocasse a bênção de seu Pai para todos os elementos daquele solo extraordinário e opulento, exclama então Jesus:

— Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai Celestial.

[...]

Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo!<sup>519</sup>.

Em ambas as ocasiões, pudemos notar tanto a religião católica quanto a espírita como discursos que tentam constituir projetos de identificação própria com a realidade nacional. Dessa forma, observamos como a FEB objetivava declarar o Brasil uma nação cristã desde o seu surgimento, lançando mão de uma narrativa que procurava criar uma nova tradição amparando-se em fragmentos do ritual já instalado no imaginário da nação pela Igreja Católica.

Por conseguinte, diante dessas tentativas, podemos constatar a ocorrência daquilo que Eni Orlandi declarou como necessário para a instalação de um discurso fundador, ou seja, que “não há ritual sem falhas”<sup>520</sup>, criando-se assim a oportunidade de se re-significar o que existia antes e, a partir daí, instituir outra memória. Da mesma forma que os portugueses plantaram a Cruz durante a Primeira Missa, estabelecendo o “nascimento” do Brasil, no relato febeano, encontramos o plantio da árvore do evangelho de Jesus, símbolo da fundação cristã do Brasil.

Em ambos os discursos, tanto o de vinculação providencial católica quanto o providencial espírita, as instituições empreendiam o

<sup>519</sup> XAVIER. Chico. **Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho**. FEB:Rio de Janeiro. 1970.p. 14-16.

<sup>520</sup> ORLANDI, Eni P. **Vão surgindo sentidos**. \_\_\_\_\_ (Org.) Discurso fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Pontes: Campinas, SP. 2003, p.13.

projeto lembrado por Bourdieu, de “fazer ver a alguém o que ele é”<sup>521</sup>, certamente contando com um projeto mais viável a Igreja Católica na primeira metade do século XX, devido à riqueza da acumulação simbólica que detinha em face do Campo Religioso Brasileiro, embora não inviabilizasse a tentativa espírita de fazê-lo.

Orlandi também esclarece que os discursos fundadores possuem como uma das suas características a possibilidade de ir “inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido [...]”<sup>522</sup>, como podemos verificar em parte do fragmento acima aqui reproduzido mais uma vez: “Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor”<sup>523</sup>.

Outra importante ação implementada pela FEB por meio do livro aqui analisado é a confirmação do “Anjo Ismael” como o guia espiritual do Brasil, tendo recebido das mãos de Jesus essa atribuição e também a bandeira que mais tarde iria transformar-se na bandeira oficial da FEB junto com o seu lema “Deus, Cristo e Caridade”:

— Ismael, manda o meu coração que doravante seja o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado da minha seara, como a recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do Nosso Pai. Reúne as incansáveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da pátria do meu ensinamento. Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo.

[...]

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, banhado em lágrimas de reconhecimento, e, como se entrara em ação o impulso secreto da sua vontade, eis que a nível bandeira tem agora uma insígnia. Na sua branca substância, uma tinta celeste inscrevera o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”<sup>524</sup>.

Em virtude da atribuição recebida pelo “Anjo Ismael”, de guiar espiritualmente o Brasil, ainda no mesmo livro, a FEB busca a sua própria legitimação como a principal instituição do Campo Espírita

<sup>521</sup> BOURDIEU(1996).Op. Cit.p.97-106.

<sup>522</sup> ORLANDI (2003).Op. Cit. p.12.

<sup>523</sup> XAVIER. Chico (1970). Op. Cit.p. 16.

<sup>524</sup> Ibidem. p. 25-26.

Brasileiro pela elaboração de um discurso fundador, no qual sua existência deve-se à obra de Ismael:

A obra de Ismael, no que se referia às luzes sublimes do Consolador, estava definitivamente instalada na Pátria do Cruzeiro, apesar da precariedade do concurso dos homens. As divergências foram atenuadas, para que a tranqüilidade voltasse a todos os centros de experimentação e de estudo. Os operários espalhavam-se pelo Rio, cada qual com a sua ferramenta, dentro do grande plano da unificação e da paz, nos ambientes da doutrina, plano esse que eles conseguiram relativamente realizar, mais tarde, organizando o aparelho central de suas diretrizes, que se consolidaria com a Federação Espírita Brasileira, onde seria localizada a sede diretora, no plano tangível, dos trabalhos da obra de Ismael no Brasil<sup>525</sup>.

A seguir, encontramos, na narrativa febeana, a determinação explícita por parte de Jesus da função de vanguarda, destinada à FEB no interior do Movimento Espírita Brasileiro, que, por sua vez, seria liderada pelo Grupo Ismael e pelos trabalhos da Assistência aos Necessitados, ambos os grupos funcionando nas dependências da FEB:

Atendendo aos seus rogos reiterados, a palavra do Mestre se faz ouvir, esclarecendo o seu emissário dileto:

— Ismael — disse-lhe o Senhor — concentraremos agora todos os nossos esforços a fim de que se unifiquem os meus discípulos encarnados, para a organização da obra impessoal e comum que iniciaste na Terra.

[...]

Procurarás, entre todas as agremiações da doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos; colocarás aí a tua célula, a fim de que todas as mentalidades postas na direção dos trabalhos evangélicos estejam afinadas pelo diapasão da tua serenidade e do teu devotamento à minha seara.

[...]

As ordens e observações de Jesus foram por ele integralmente cumpridas. Escolheu as reservas preciosas da Federação e assentou, dentro dela, a sua tenda de trabalho espiritual. Consolidou a Assistência aos Necessitados, fundada em 1890, que radicou a sua obra no coração da coletividade carioca, e a caridade foi e será sempre o inabalável esteio da venerável instituição que hoje se ergue na Avenida Passos.

Com essas providências, levadas a efeito numa das noites memoráveis de julho de 1895, Bezerra de Menezes

---

<sup>525</sup> XAVIER. Chico (1970). Op. Cit. p.133.

assumia a sua posição de diretor de todos os trabalhos de Ismael no Brasil, coordenando os elementos para a evangelização e deixando a Federação como o porto luminoso de todas as esperanças, entre o Grupo Ismael, que constitui o seu santuário de ligação com os trabalhadores do Infinito, e a Assistência aos Necessitados, que a vincula, na Terra, a todos os corações infortunados e sofredores e representa, de fato, até hoje, a sua âncora de conservação no mesmo programa evangélico, no seio das ideologias novas e das perigosas ilusões do campo social e político<sup>526</sup>.

Por intermédio do artigo de Juvanir Borges de Souza, ex-presidente da FEB, no *Reformador*, observamos que foi na Sociedade Grupo Confúcio, na primeira metade da década de 1870, que se deu “a primeira revelação do Espírito Guia do Brasil — o Anjo Ismael”. Ele também ressalta, em seu artigo, as previsões de Ismael, realizadas aproximadamente à mesma época, a respeito do Brasil e também da declaração do seu dístico, o qual terá seu uso consagrado futuramente pela Federação:

O Brasil tem a missão de cristianizar. É a Terra da Promissão. A Terra de todos. A Terra da fraternidade. A Terra de Jesus. A Terra do Evangelho. Não foi por acaso que tomou o nome de Vera Cruz, de Santa Cruz.  
[...]

Com o Evangelho explicado à luz do Espiritismo, a moral de Jesus, semeada pelos jesuítas e alimentada pelos católicos, atingirá a sua finalidade, que é rejuvenescer os homens velhos, que aqui nascerão ou para aqui virão de todos os pontos do Globo, cansados de lutas fratricidas e sedentos de confraternidade. A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade. Os que quiserem bem cumprir o dever, a que se obrigaram antes de nascer, deverão, pois, reunir-se debaixo deste pálido trinitário: Deus, Cristo e Caridade. Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, Ismael<sup>527</sup>.

Assim, podemos notar, no livro em questão, como a FEB busca para o seu discurso uma filiação, uma tradição de sentidos, como nos mostra Orlandi, ao caracterizar o discurso fundador:

Cria tradição de sentidos projetando-se para frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-

<sup>526</sup> XAVIER. Chico (1970). Op. Cit. p. 220-222.

<sup>527</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. Primórdios do Movimento Espírita no Brasil. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano 118. n.2.053, abr. 2000. p. 3-4.

se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga no entanto na memória permanente (sem limite). Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim<sup>528</sup>.

Entendemos que a busca pela criação de uma tradição de sentidos por parte da FEB por meio da fixação de um discurso fundador visava igualmente à superação de seus conflitos com a LEB pela supremacia no Campo Espírita Brasileiro. Ao estabelecer a incumbência do Brasil como Coração do Mundo e Pátria do Evangelho, missão recebida das mãos do próprio Cristo, a ser capitaneada pelo “Anjo Ismael”, guia e mentor ao mesmo tempo do Brasil e da FEB, segundo esse mesmo discurso, a FEB procurava constituir uma irresistível supremacia para si sobre as demais instituições que por ventura integravam ou viriam integrar o Campo Espírita Brasileiro, estabelecendo-se como órgão centralizador do Movimento Espírita no Brasil.

Outra questão de muita importância para a história do Espiritismo Brasileiro, como já mencionamos neste trabalho, e em outros de forma mais detalhada, a polêmica aceitação do Livro de Roustaing, como essencial ao estudo doutrinário do Espiritismo, aparece mais uma vez aqui no livro analisado, quando Roustaing é apontado como um dos mais importantes colaboradores de Allan Kardec:

Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de João-- Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuará o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos<sup>529</sup>.

A questão doutrinária aqui presente prende-se de forma mais candente ao fato da equiparação do livro de Roustaing ao *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec, fato gerador de grande polêmica no

---

<sup>528</sup> ORLANDI (2003). Op. Cit. p. 13-14.

<sup>529</sup> XAVIER. Chico (1970). Op.Cit. 1970.p. 85-86.

interior do Campo Espírita Brasileiro. A polêmica iniciou-se logo após a publicação dos comentários de Kardec sobre *Os Quatro Evangelhos* na *Revista Espírita*, de junho de 1866, de onde podemos destacar duas objeções básicas apontadas pelo codificador:

- a primeira, em relação à tese central do livro, ou seja, o corpo fluídico de Jesus (docetismo)<sup>530</sup>, sobre a qual o codificador retornou posteriormente em seu último livro *A Gênese*, publicado em 1868, no qual condenou definitivamente esta tese;
- e a segunda, a prolixidade da obra, que poderia ser reduzida a apenas um único volume<sup>531</sup>.

Mais uma contradição flagrante entre as duas obras é o princípio da Metempsicose<sup>532</sup> combatido por Kardec e defendido por Roustaing<sup>533</sup>. Ainda podemos distinguir mais um ponto bastante conflitante da obra, quando Roustaing afirmou que Jesus era demasiado puro para utilizar um corpo de carne, partindo do princípio que todo espírito encarnado ou já faliu ou deve falir, dessa forma, é culpado. Assim, Jesus não encarnou, portanto, põe por terra um dos principais postulados do Espiritismo, ou seja, a encarnação e a reencarnação, por meio das quais operam as leis da evolução de causa e efeito, estabelecida no “Livro dos Espíritos”<sup>534</sup>, questão 133<sup>535</sup>.

O Livro de Chico Xavier ratificou e unificou sob um único discurso questões fundamentais para o pretendido estabelecimento da FEB como instituição mais importante do Campo Espírita Brasileiro. Questões, por exemplo, já antecipadas nas “Instruções de Allan Kardec aos espíritas do Brasil”, tratadas anteriormente e apresentadas na íntegra no Anexo C, em que a FEB, por meio dos trabalhos realizados pelos membros do Grupo Fraternidade, o qual entendemos ser a FEB herdeira natural de sua tradição, já apresentavam como certo o apoio de Kardec, ao trabalho realizado por Roustaing, quando nas instruções o codificador refletia sobre as lutas intestinas ao Campo Espírita

<sup>530</sup> Docetismo (do grego [doke ], "para parecer") é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Ver Conforme: FERREIRA, Aurélio B. Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. ICD-Rom

<sup>531</sup> TOURINHO, Nazareno. As tolices e pieguices da obra de Roustaing. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1999. p. 8 e 44.

<sup>532</sup> Doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, homens, animais ou vegetais; transmigração. Conforme: FERREIRA, Aurélio B. Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. ICD-Rom.

<sup>533</sup> PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. O verbo e a carne: 2 análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Caibar, 1973. p.24

<sup>534</sup> KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

<sup>535</sup> TOURINHO. Op. Cit., p.50

Brasileiro já em 1889, ao fazer alusão ao Espiritismo como “revelação da revelação”, título atribuído por Roustaing ao seu trabalho como podemos perceber no título e subtítulo de sua obra *Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação*:

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — revelação da revelação — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!<sup>536</sup>

As instruções também já haviam antecipado o “Anjo Ismael” como guia e protetor do Espiritismo brasileiro, em torno do qual todos deveriam agrupar-se:

Certos de que acaso é palavra sem sentido e testemunha dos fatos que determinam o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agrupar, ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael, único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta, único que tem toda a responsabilidade da sua marcha e do seu desenvolvimento.

[...]

Ismael tem o seu Templo e sobre ele a sua bandeira Deus, Cristo e Caridade! Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram como a verdade. Chama-se FRATERNIDADE!<sup>537</sup>

A fim de manter viva no imaginário espírita a imagem da filiação da FEB à vontade do “Anjo Ismael”, guia e protetor do Brasil, do Espiritismo Brasileiro e da própria FEB, a Federação passou a reproduzir sistematicamente as “Instruções de Allan Kardec aos Espíritas do Brasil”, no livro *A Prece Conforme O Evangelho Segundo o Espiritismo*, editado por ela a partir de ano de 1944. O livro é composto pelas instruções, pelos capítulos XVII e XXVII do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, a *Prece de Cáritas*, psicografia de W. Krell, e do artigo *A Casa de Ismael*.

A constante reafirmação da importância do livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho* sempre que é festejado o Pacto Áureo, no qual o livro encontra-se explicitamente citado, festejado de forma grandiloquente não só na passagem dos seus jubileus de prata,

---

<sup>536</sup> ABREU. Op. Cit. p.88.

<sup>537</sup> Ibidem.p.87.

ouro e diamante, como também anualmente, sempre que é ventilado o tema sobre a união do Movimento Espírita, sendo este o tema mais retratado nas páginas do *Reformador*, demonstra a constante reafirmação do discurso fundador criado pela FEB para o Brasil e para ela própria, importante aspecto da formação desse tipo de discurso.

Portanto, ao encontrarmos no livro não só a origem divina do Brasil e sua missão evangelizadora da humanidade, mas também as origens materiais e espirituais da FEB, atribuindo a esta um papel de liderança no processo evolutivo do país, responsável, como vimos, pela criação e manutenção de um discurso fundador tanto para o Brasil como para ela própria, mais do que isso, detectamos a tentativa de afirmação de um mito de origem da própria FEB, fundado em uma historiografia constituída pela própria entidade<sup>538</sup>.

### 2.2.3– Rumo ao Pacto Áureo

Encaminhamo-nos para o que chamamos de terceiro marcador, definido por nós como marcador discursivo, em razão de o estabelecimento do Pacto Áureo, em outubro de 1949, unir em torno de si tanto a fundação da FEB, aqui representada pelo início de uma nova fase da sua história, em que consolidou sua hegemonia no interior do campo e quanto à definição do aspecto doutrinário, fechando questão em torno do Roustainguismo. Encaramos o Pacto Áureo como um discurso à luz dos trabalhos de Eni Orlandi<sup>539</sup>, para quem a etimologia da palavra discurso traz em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. Assim, o discurso é entendido como a palavra em movimento. De acordo com a autora, o discurso faz a mediação entre o homem e a realidade natural e social:

Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana<sup>540</sup>.

Destarte, ainda apoiados em Orlandi, encaramos o discurso como produtor de sentidos, possuindo uma materialidade simbólica própria significativa, encarnada na história do Espiritismo Brasileiro,

<sup>538</sup> Sobre isso ver CARVALHO. Op. Cit. p. 13-14.

<sup>539</sup> ORLANDI (2007).Op. Cit. p. 17-18.

<sup>540</sup> Ibidem. p. 15.

mais especificamente naquele ligado à história da FEB, a fim de produzir sentidos próprios. Assim, entendemos o discurso como fruto da ação humana; dessa forma, possuidor de uma opacidade, de uma não transparência, logo, detentor de uma historicidade<sup>541</sup>. Assim, encontramos no discurso os embates históricos e sociais, pois ele não é fruto de determinações históricas, as quais se apresentam como imutáveis, naturalizadas, como a FEB busca demonstrar mediante o Pacto Áureo e o *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, evocando a intervenção divina.

Embora o Código Penal de 1890 fosse substituído pelo novo de 1940, o qual somente entrou em vigor em 1942, a repressão ao Espiritismo manteve-se ferrenha, por meio de portarias regulamentadoras emitidas pelos chefes de polícia, chegando até mesmo a suspender o funcionamento de todos os centros espíritas da Capital Federal até que promovessem os seus registros na 1ª Delegacia Auxiliar, a fim de voltarem a funcionar cumprindo as normas determinadas pela polícia. Somente em 1945 a polícia revogou a necessidade de registro para o funcionamento das casas espíritas, evocando o princípio constitucional da liberdade de culto; afirmou, contudo, que a repressão continuaria de forma enérgica às práticas do “baixo espiritismo”, ficando livres somente as federações e sociedades espíritas<sup>542</sup>.

Uma característica importante do Movimento Espírita Brasileiro, no período de sua expansão e subsequente afirmação no Campo Religioso Brasileiro, é a supremacia em termos quantitativos dos Kardecistas sobre os Roustainguistas, principalmente nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, os quais, aos poucos, assumiram local de destaque no Campo Espírita Brasileiro<sup>543</sup>. Outro aspecto relevante é a não rejeição por parte dos Roustainguistas dos livros de Kardec; pelo contrário, possuíam o propósito de juntar a obra de Roustaing à de Kardec. Assim sendo, os livros codificados por Kardec eram de referência comum às diversas correntes espíritas, facilitando, dessa maneira, a sua hegemonia<sup>544</sup>. Cabe ainda ressaltar que, desde o início do século XX até pelo menos toda a década de 1940, a FEB mantém em suas dependências o estudo sistemático da obra de Roustaing. Do período posterior, não temos dados que possam afirmar a

---

<sup>541</sup> ORLANDI (2007).Op. Cit. p. 46.

<sup>542</sup> GIUMBELLI.Op. Cit. p.262-263.

<sup>543</sup> SANTOS, José Luiz dos.Op. Cit. p. 68-69.

<sup>544</sup> Ibidem. p. 69-70.

sua continuidade ou não, uma vez que a FEB nada informa sobre o assunto em questão<sup>545</sup>.

Passadas as três primeiras décadas do século XX, marcadas pela batalha em favor da unificação do movimento em nível nacional em torno das duas federativas localizadas na capital federal, durante a década de 1940, o movimento espírita paulista tomou à frente em busca do processo de unificação, de início em âmbito estadual e, posteriormente, nacional.

Várias entidades federativas lutavam no Estado de São Paulo pela filiação dos centros espíritas<sup>546</sup>. As principais delas eram: a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém (1916), a União Federativa Espírita Paulista (UFEP – 1933), a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP – 1936) e a Liga Espírita do Estado de São Paulo (LEESP – 1944)<sup>547</sup>.

O empenho pela federalização e unificação por parte das várias federações existentes no Estado de São Paulo culminou com a criação do Movimento de Unificação Espírita (MUE), cuja denominação foi alterada para União Social Espírita (USE), por sugestão de Edgard Armond<sup>548</sup>, a fim de evitar confusão quanto a uma entidade política portadora da mesma sigla<sup>549</sup>. Ainda em razão da busca pela unificação, o movimento espírita paulista, sob a liderança de Edgar Armond, Herculano Pires, Júlio Abreu Filho e Vinícius, realizou, na capital paulista, o Primeiro Congresso Espírita do Estado de São Paulo, de 1º a 5 de junho de 1947. Entre as resoluções tomadas nesse encontro, primeiramente destacamos a fundação da União Social Espírita (USE) que, a partir de 1952, passou a chamar-se União das Sociedades Espíritas, conservando a mesma sigla até os dias de hoje.

---

<sup>545</sup> GIUMBELLI. Op. Cit. p. 300-314.

<sup>546</sup> Centro espírita é o local regular das reuniões das instituições vinculados ao espiritismo. Também vários outros sistemas de crenças utilizam tal denominação para os locais de suas reuniões. (Nota do autor).

<sup>547</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 69-70; SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 75-80; GIUMBELLI. Op. Cit. p. 300-314.

<sup>548</sup> Edgard Pereira Armond (1894 – 1982) militar, maçom, professor e intelectual espírita, foi responsável pela implantação da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) no qual colaborou por mais de três décadas; também teve participação ativa na criação da União das Sociedades Espíritas (USE). Em 1973, fundou a Aliança Espírita Evangélica. Disponível em: <[http://www.espiritismogi.com.br/biografias/edgard\\_armond.htm](http://www.espiritismogi.com.br/biografias/edgard_armond.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2010.

<sup>549</sup> **União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE**. Disponível em: <<http://useinterbotucatu.com.br/historico.html>>. Acesso em: 8 dez. 2010; SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 76.

Após sua criação, a USE convidou os centros espíritas baseados no Estado de São Paulo a reproduzirem o modelo federativo por ela implantado, com a formação de Comissões Espíritas Municipais, posteriormente rebatizadas de Uniões Municipais Espíritas (UMEs). Atenderam a esse convite em torno de 550 instituições espíritas formando, assim, diversas UMEs, sendo na capital paulista fundadas as Uniões Distritais Espíritas, posteriormente agregadas no Conselho Metropolitano<sup>550</sup>.

Outra resolução importante do Primeiro Congresso Espírita do Estado de São Paulo foi a convocação para o Congresso Espírita Centro-Sulino e sua posterior realização, na cidade de São Paulo, em 1948, o qual visava à divulgação às instituições espíritas das demais unidades da federação as vantagens de se adotar a estrutura federativa, objetivando a unificação de todo o movimento nacional. Congresso que contaria com representantes de quinze Estados da União<sup>551</sup>.

A FEB, como de costume, manteve-se distante desse movimento, recusando inclusive o convite feito por meio de carta enviada ao seu presidente, pelo comandante Edgard Armond, Secretário-Geral do congresso, então secretário-geral da FEESP e presidente da USE, para presidir o Congresso Espírita Centro-Sulino:

[...]

Posta assim a questão restava determinar qual a entidade que, em caráter oficial, faria a convocação e promoveria o conclave, tendo também ficado patente, ouvida a opinião das entidades que já a deram, que caberia a essa Federação Brasileira, em seu caráter de Casa Mater do Espiritismo Nacional, encampar e levar avante a iniciativa.

Concordando com essa opinião julgamos de nosso dever escrever-lhe esta carta, transferindo-lhe por fim, como presidente que é dessa benemérita instituição, a solução do caso.

[...]

Vamos, pois, a partir de agora, aguardar a resposta dos caros confrades da Federação Brasileira e fazemos ardentes votos para que ela aceite o encargo, realice o conclave e dê assim no sentido da unificação nacional, um grande e decisivo passo.

[...]<sup>552</sup>.

<sup>550</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p. 76.

<sup>551</sup> USE. Disponível em: <<http://www.usesp.org.br/use.html>>. Acesso em: 8 dez. 10; SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.76; RIZZINI. Op. Cit. p. 72-73.

<sup>552</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Imprensa Artística Ltda.p. 46-48.

Fiel à sua postura de indiferença, a FEB respondeu a carta da USE alegando que

[...]

Não é chegada, para nós, a hora desse grande empreendimento, volumoso de responsabilidades gerais para que o aceitemos, com a sua complexidade, assim inopinadamente, sem o prévio trabalho da sua judiciosa preparação e articulação, no âmbito nacional.

Volatmos a repetir aos Prezados Irmãos que, na hora presente, assoberbam-nos dificuldades e copioso trabalho, empenhados que movemos na conclusão de obras vultosas, que nos consumirão cerca de três milhões e quinhentos mil cruzeiros, ampliando consideravelmente o nosso Departamento Editorial, para a mais ampla e fecunda propaganda doutrinária, dentro e fora dos nossos limites geográficos, pelo livro, com a tiragem decuplicada do “Reformador”, além de um novo hebdomadário para o mesmo serviço de difusão da Doutrina.

[...] <sup>553</sup>.

Assim, a FEB sequer enviou representantes para o evento, que, dessa forma, foi presidido pela USE.

Os realizadores do congresso enviaram previamente aos estados brasileiros um documento chamado Plano do Congresso, no qual constavam os objetivos do futuro encontro, visando à unificação do Espiritismo nacional. Os organizadores afirmavam a necessidade da existência de um organismo representativo em nível nacional, visto que as duas entidades existentes na Capital Federal, Federação Espírita Brasileira e Liga Espírita do Brasil, que poderiam exercer tais funções, atuavam de forma deficiente e improdutivo. Por conseguinte, o problema residia em se reconhecer uma das duas entidades como legítima condutora do processo de unificação ou criar um organismo novo, ao qual todas as entidades estaduais deveriam dar apoio moral e material, além de nela se filiarem imediatamente <sup>554</sup>.

O Congresso realizou-se no período de 31 de outubro a 3 de novembro de 1948, na cidade de São Paulo, com a presença das federativas de Minas Gérias, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Os estados do Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Alagoas,

---

<sup>553</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 49-50.

<sup>554</sup> Ibidem.p. 11-14. ; QUINTELLA.Op.Cit.p. 27-30; RIZZINI. Op. Cit. p. 129-130.

Ceará, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso e Pernambuco estiveram representados por pessoas físicas<sup>555</sup>.

Em longo artigo vinculado no *O Espírita Mineiro*, de 31 de dezembro de 1948, Leopoldo Machado declarou que os estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais não só tinham mandado seus próprios delegados, como formavam as maiores delegações, excetuando-se São Paulo, por ser a sede. Além disso, Machado afirmou que outros dezesseis Estados que não enviaram delegações, fizeram-se representar por indivíduos presentes ao congresso<sup>556</sup>. Diante desses fatos, por sugestão de Leopoldo Machado, os congressistas resolveram alterar o nome do evento para Primeiro Congresso Brasileiro de Unificação Espírita<sup>557</sup>.

Dentre as ações e teses apresentadas no congresso, a mais significativa, em razão dos propósitos deste estudo, foi a tese apresentada pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) tendo em vista a unificação do Movimento Espírita no Brasil, contando com apoio irrestrito da União Espírita Mineira (UEM), que apresentou tese com o mesmo objetivo, e também da USE paulista. A FERGS delarava todo o seu apreço à FEB e à sua histórica atuação no interior do Movimento Espírita, e também a “transcendental tarefa em que está empenhada, na impressão e divulgação do Livro Espírita”<sup>558</sup>, desempenhada pela FEB. Porém, logo a seguir a FERGS afirmava o seu descontentamento com a atuação da FEB relativamente ao movimento federativo: “É inegável, entretanto, que tão empolgante, e jamais essás louvada, atividade interna da Casa, acarretou atrofia do setor propriamente federativo – que exige remodelação total, sob pena de inoperância definitiva.”<sup>559</sup>

Ainda em seu rol de argumentos para a implantação da nova Confederação Espírita Brasileira (CEB), a FERGS declarava a total inoperância do sistema federativo, em decorrência da não convocação do Conselho Federativo por parte da FEB:

---

<sup>555</sup> *Ibidem*.p 182-183. QUINTELLA. Op. Cit. p. 29-30; LEX, Ary. **60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo**: Nossa Vivência. Campinas: FEESP, 1996.p. 127-128.

<sup>556</sup> MACHADO, Leopoldo. *O Espírita Mineiro*, 31 de dezembro de 1948.

<sup>557</sup> O Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, como é mais conhecido pela Federação Espírita Paranaense (FEP), órgão filiado à FEB por intermédio do CFN, hoje é reconhecido como um passo essencial na direção da união do movimento espírita brasileiro pela FEP/FEB, realizou-se de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948. Conforme Federação Espírita do Paraná (FEP). **Pacto Áureo**: A vitória da fraternidade. Curitiba: FEP, 2009. p. 42. QUINTELLA. Op. Cit. p. 19.

<sup>558</sup> USE. *Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 60.

<sup>559</sup> *Idem*.

[...]

h) – No plano nacional não se pode afirmar o mesmo. O atual regime de adesão de Federações e Centros à FEB é platônico e inoperante, uma vez que, não convocando esta usualmente o Conselho Federativo, a decisão é num só sentido, de cima para baixo, sem o contrapeso salutar e justo de se considerarem, pelo exercício sistemático do voto, as recíprocas, igualmente respeitáveis, das Federações componentes do sistema coletivo, e de cuja integração de vontades é que deve a legítima deliberação do organismo supremo, aceita e praticada então, de boa mente, por todos os que nela intervirem<sup>560</sup>.

O Conselho Federativo até aquela data somente fora convocado por duas vezes, a primeira vez no período de 3 a 8 de outubro de 1926 e mais uma vez em outubro de 1933<sup>561</sup>. Assim, ficava patente a centralização das decisões em torno da FEB em prejuízo das entidades a ela filiadas, visto que eram alijadas das decisões pelo simples fato de não serem consultadas, como podemos perceber na alegação da FERGS.

A FERGS apresentou em seu projeto para o funcionamento da CEB os seguintes objetivos, que, se implantados, derogariam aqueles pelos quais a FEB tanto zelara ao longo tempo em relação à sua pretendida condição de Casa Mater do Espiritismo Brasileiro, arrogando para si o papel de líder e responsável direta pela organização do movimento:

- a) Congregar as Federações Estaduais.
- b) Representar o Espiritismo no Brasil.
- c) Assegurar-lhe ampla liberdade prevista na Constituição do País.
- d) Dar-lhe a necessária diretriz político-social.
- e) Organizar e desenvolver a propaganda doutrinária por meios modernos e eficientes.
- f) Arregimentar e educar, moral e fisicamente, a Mocidade Espírita.
- g) Propugnar o Ensino, em todos os seus graus, sob a luz dos postulados evangélicos e kardecistas.
- h) Incrementar obras de assistência social, obtendo-lhes recursos dentro e fora do meio espírita<sup>562</sup>.

<sup>560</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Imprensa Artística Ltda.p. 61.

<sup>561</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo – Do Apostolado de Bezerra de Menezes ao Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro.**Reformador**. Rio de Janeiro, out. 1999. Ano. 117.n. 2047. p. 7-8.

<sup>562</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Imprensa Artística Ltda.p. 63.

Em virtude da eventual criação da CEB, o projeto da FERGS propunha o seguinte papel para a FEB no interior do Movimento Espírita:

Na grata expectativa de vir a FEB coparticipar da CEB, fica já estabelecido:

10) – A FEB transfere para a CEB o encargo confederativo previsto em seu Estatuto.

11) – A FEB limita sua atividade federativa ao Território do Distrito Federal, passando a ter, como as demais Federações, o seu Delegado na CEB.

12) – Em compensação justa e meritória o triênio inicial da Presidência da CEB será exercido pelo Presidente da FEB.

13) – A CEB funcionará inicialmente na Séde da FEB.

14) – (Substitutivo do item 4):

As reuniões preparatórias da CEB serão presididas pelo Presidente da FEB, devendo a Mesa Provisória ser constituída dos 1º e 2º Secretários da FEB. Na primeira reunião, em dia e hora aprezados, os Delegados das Federações apresentarão suas credenciais.

15) – [...] <sup>563</sup>

A UEM, por intermédio de três de seus líderes, Camilo Rodrigues Chaves (presidente), Bady Elias Curi (vice-presidente) e Noraldino de Melo Castro, também apresentou tese no Congresso, propondo a criação de uma Confederação Nacional do Espiritismo:

Indicamos que o Congresso Nacional Espírita, ora reunido em São Paulo, promova, por intermédio de uma comissão de três membros, entendimentos com as Uniões e Federações Espíritas dos Estados do Brasil e da Capital da República, no sentido de se concertar a forma da unificação direcional do Espiritismo, observadas as seguintes condições principais:

1º – [...]

2º – Organização do Conselho diretor da Confederação Nacional do Espiritismo, que presida, oriente e dirija o movimento espírita no Brasil, á qual se filiarão e prestarão assistência as Uniões ou Federações estaduais.

3º – O Conselho da Confederação Nacional do Espiritismo será eleito pelas Uniões ou Federações filiadas, pelo prazo de cinco anos, composto de cinco membros, com exercício na capital da República.

4º – [...]

5º – Às Uniões ou Federações estaduais será assegurada a

---

<sup>563</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 65.

direção do Espiritismo nos respectivos Estados e a elas deverão filiar-se as sociedades, centros, ligas espíritas de sua jurisdição. Nas capitais dos Estados onde houver duas ou mais sociedades federativas, ajustarão elas entre si a divisão dos centros espíritas da capital, ficando elas como orientadoras como nome de Ligas. Elas, igualmente escolherão a Sociedade que deverá se transformar em União Estadual.

[...]

6º – [...]

7º – Realizado seu objetivo, a comissão indicada dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Congresso e sugerirá a conveniência e oportunidade da convocação de um segundo Congresso Nacional Espírita para o fim de regulamentar a Confederação Espírita Brasileira e eleger o seu primeiro Conselho Diretor.

8º – Com a aprovação dos membros deste Congresso e demais sociedades federadas, que estejam de acordo, a citada Comissão convocará o segundo Congresso Nacional Espírita para a Unificação do Espiritismo no Brasil. Esta indicação está condicionada ao pensamento da União Espírita Mineira, sem pretensão a imposição de ideias ou programas. Ela aceita e coopera com qualquer outro programa que mais se coaduna com os interesses superiores da Doutrina. O que mais almeja é contribuir para a Unidade Direcional do Espiritismo no Brasil.

São Paulo de Novembro de 1948

Pela União Espírita Mineira

Camilo Rodrigues Chaves – presidente

Bady Elias Curi – Vice-presidente

Noraldino de Melo Castro – pres. do Conselho Deliberativo<sup>564</sup>.

A USE também apresentou sua tese a fim de organizar o Movimento Espírita Brasileiro:

Confrades delegados e representantes estaduais. Desde os primeiros momentos em que se cogitou da realização deste Congresso esta entidade, como coordenadora, jamais duvidou do sucesso do magno empreendimento tendo em vista, entre outras razões, as seguintes:

– A – [...]

– B – [...]

O “Plano”, previamente organizado e aceito, estabeleceu os tres itens fundamentais seguintes para estudo e deliberação deste Congresso:

Primeiro:

“A unificação do Espiritismo nos Estados – Palno de execução.

---

<sup>564</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 127-129.

[...]

Segundo

– “A unificação do Espiritismo no País. Siatema a adotar. Logo de inicio, nesta tese, nos referimos á necessidade de urgência da organização do Espiritismo brasileiro e este pensamento é hoje comum a todos os elementos responsáveis e verdadeiramente interessados na evolução da doutrina espírita em nosso paíz.

Entre esses elementos destaca-se em justa evidência e sem diminuição para nenhum outro, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, liderada por confrades sensatos, sinceros e clarividentes, e cujas ideias são, de ha muito, do conhecimento da USE, pelo intercêmbio que vem sendo mantido, justamente visando a solução de tão delicado e momentoso problema.

O pensamento do Rio Grande é a criação de uma Confederação Espírita Nacional, conglobando todas as entidades federativas estaduais.

A USE concorda com essa soluções, em princípio, está pronta a estudar, oportunamente, neste Congresso, a tese enviada por aquela instituição, bem como as dos demais Estados porém, considerando que as resoluções deste Congresso devem servir como exemplificação da mais elevada conduta evangelica visando obter, por todos os meios, a harmonia, a condordia e a unidade entre todas as instituições espíritas nacionais, sem exclusão, todavia, da firmeza e da energia necessárias á consecução dos objetivos que motivou sua reunião, propõe que Congresso, no caso de vencer o pensamento do Rio Grande, ou outro semelhante ou aproximativo, proceda da seguinte maneira:

[...]

Terceiro

– “O estudo de problemas fundamentais e urgentes para a marcha do Espiritismo nacional.

[...]

S. Paulo 25 de Setembro de 1948

Luiza P. C. Branco

J. Herculano Pires

Luiz Monteiro de Barros

Manoel Paula Cerdeira

Julio de Abreu Filho

Edgard Armond

Relator<sup>565</sup>.

Assim, observamos a existência de contestação aberta à liderança e autoridade da FEB e de seu já constituído Conselho Federativo, por parte de representantes de três dos mais importantes Estados da União, chegando a proporem a criação de uma nova entidade

---

<sup>565</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 84-92.

de cunho nacional e de um novo Conselho, recomendando um rompimento com a liderança febeana. Fica ainda evidente a existência de uma luta de representações entre as diversas instituições espíritas presentes ao congresso e proponentes de teses, em que cada uma buscava o crescimento de seu capital simbólico no interior do Campo Espírita Brasileiro.

Certamente a FEB contestou de forma veemente tal pretensão de seus adversários, agindo de forma a fazê-los sentir todo o peso de sua longa caminhada no interior do Campo Espírita Brasileiro. As reações à realização do congresso logo se fizeram sentir, e as federações dos estados de Mato Grosso e Rio de Janeiro, que a princípio concordavam com o projeto, retiraram seu apoio, enquanto a FEB desligou de seus quadros as federativas de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina<sup>566</sup>. Não por acaso as federações listadas aqui foram as que mais se destacaram no congresso.

Ao fim do congresso, a direção geral divulgou “O Manifesto do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita” no qual determinava que:

[...] Ficou deliberado que a FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL, com seu passado de marcantes realizações e como mandatária, coordenasse a Unificação da Família Espírita Brasileira, dentro das normas básicas, traçadas e aprovadas em plenária:

I – Promoverá entendimento com as entidades federativas dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, no sentido de consertar a forma direcional do Espiritismo.

II – Que êsses entendimentos sejam feitos em torno de organização federativas existentes, que se adapte como entidade confederativa ou federativa de âmbito nacional.

III – [...].

IV – Que as Uniões ou Federações estaduais elejam seus representantes – um por Estado, Distrito Federal ou Território – para a formação de um Conselho Confederativo ou Federativo Nacional, com sede na capital da República e mandato de cinco anos.

V – Que êsse Conselho seja presidido pelo Presidente da entidade federativa que adotar o caráter definitivo do item II, regulamente e dirija o Espiritismo Unificado. Realizado o objetivo constante dos itens enumerados, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul sugerirá a conveniência e oportunidade de um Congresso Espírita Nacional, em prazo superior a um ano para o fim de organizar o funcionamento da entidade adaptada. [...].

Ficou assentado que, sob o patrocínio do Congresso, seja fundada uma UNIVERSIDADE ESPÍRITA para ensino em todos os graus. Para o importante empreendimento foi

<sup>566</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p. 18. RIZZINI. Op. Cit. p. 129-130.

nomeada uma comissão integrada por elementos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. [...] <sup>567</sup>.

Portanto, conforme constatamos, o congresso indicou a FERGS como entidade responsável pela coordenação dos estudos para a criação de um novo Conselho Federativo Nacional, sediado na capital federal, composto de um representante de cada estado. O conselho deveria possuir independência jurídica ou ser organizado em torno de uma instituição já existente, desde que ela se adaptasse à condição de entidade federativa nacional. Assinaram o manifesto representantes dos seguintes Estados: Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Sergipe, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso e Pernambuco <sup>568</sup>.

Encerrado o evento e na esperança de que a FEB encampasse e capitaneasse o novo projeto de unificação, os dirigentes da FERGS, Roberto Pedro Michelena, Francisco Spinelli, Marcírio Cardoso de Oliveira e João Pompílio de Almeida Filho voltaram à capital federal. Porém, mais uma vez, a tentativa de conciliação proposta pela FERGS em nome do congresso redundou em fracasso com a recusa de Antônio Wantuil de Freitas, naquela ocasião, presidente da FEB <sup>569</sup>. Somente no ano seguinte foi possível a aproximação e discussão com a FEB a respeito da unificação <sup>570</sup>.

O jornal *Mundo Espírita*, de 27 de novembro de 1948, publicou um resumo sobre as deliberações do congresso.

Realizou-se na Capital do Estado de São Paulo, de 31 de outubro a 3 de novembro corrente, o que se convencionou denominar de 1º CONGRESSO DE UNIFICAÇÃO ESPÍRITA [...] A Comissão de Teses, nomeada pelo Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, reunido na Cidade de São Paulo, composta dos Srs. Noraldino de Mello Castro, Leopoldo Machado, Francisco Raitani, João Pompílio de Almeida Filho e Carlos Jordão da Silva, examinando os trabalhos apresentados pela União Social

---

<sup>567</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 180-181.

<sup>568</sup> Ibidem.p. 182-183.

<sup>569</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p. 29-30. Cinquentenário do Pacto Áureo – Do Apostolado de Bezerra de Menezes ao Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro. **Reformador**. Rio de Janeiro, out. 1999. Ano 117. n. 2047. p. 7.8.

<sup>570</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.75-77. Ver também em: QUINTELA, Mauro. **O Pacto Áureo**.Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/bhu-004.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2007. Também em:

Espírita, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, União Espírita Mineira, Federação Espírita do Paraná, Federação Espírita Catarinense, relativamente à unificação direcional do Espiritismo Nacional, concluiu como a seguir:

- a) Que o espírito dominante em todos os trabalhos é o da unificação direcional do Espiritismo;
- b) Para concretização do item anterior, recomenda a Comissão as seguintes proposições, colhidas nos trabalhos estudados:

1º- Que o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita designe a Federação Espírita do Rio Grande do Sul para superintender àqueles trabalhos, observadas as normas gerais, traçadas por este Congresso;

2º - Que o Congresso lance um manifesto aos espíritas do Brasil, sucinto e objetivo, de ampla divulgação dos itens apresentados e aprovados pelo plenário;

3º - Que a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, como delegada deste Congresso, observe as seguintes normas básicas para o desempenho do trabalho que lhe é confiado:

I. Promoverá entendimentos com as entidades máximas e federativas do Estado, do Distrito Federal e Territórios, no sentido de concertar a forma de unificação direcional do Espiritismo;

II. Que esses entendimentos deverão ser feitos em torno de organização federativa existente, que se adapte como entidade confederativa de âmbito nacional;

III. Que a entidade existente, adaptada ao item anterior, se conserve autônoma quanto a parte social e patrimonial próprias;

- IV. Que as Uniões ou Federativas estaduais elegerão seus representantes – um por Estado, Distrito Federal e territórios – para a formação de um Conselho confederativo ou federativo, com sede na Capital da República, com mandato de cinco anos;
- V. Esse Conselho será presidido pelo presidente da entidade federativa que adotar o caráter definitivo no item II e traçará normas gerais de unificação direcional do Espiritismo, orientando-o e dirigindo-o;

4º– Realizado o seu objetivo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Conselho e sugerirá a conveniência e oportunidade da convocação de um Congresso Espírita Nacional em prazo nunca inferior de um ano, para o fim de regulamentar o funcionamento da entidade confederativa ou federativa de âmbito nacional;

5º – A Federação Espírita do Rio Grande do Sul manter-se-á em permanente contato com as entidades participantes deste Congresso e com as que aceitarem, posteriormente, as suas conclusões, por intermédio de um Delegado nos Estados, integrado nos ideais de unificação, como elemento de coordenação e animação do movimento nos

Ao longo da década de 1940, intensifica-se por todo o país a realização de congressos espíritas regionais em grande parte com o objetivo principal de refletirem acerca da unificação do Espiritismo no Brasil. A realização desses congressos mereceu destaque na imprensa espírita; todavia, o *Reformador*, refletindo a postura da FEB, simplesmente ignorava a realização desses eventos, não dando qualquer notícia sobre o desenrolar deles. A seguir, listamos uma pequena amostra dos diversos congressos realizados naquela época pelo país:

- 1º Congresso Espírita Mineiro (16 a 24 junho de 1944, na sede da UEM – Belo Horizonte)<sup>572</sup>.
- Congresso Espírita Paraná – Santa Catarina (28 a 30 de março de 1945 – Curitiba)<sup>573</sup>;
- I Congresso Espírita da Alta Paulista – Marília 30/03/1946 a 4/04/1946<sup>574</sup>;
- 1º Congresso Fluminense de Confraternização Espírita – Estado do Rio de Janeiro – setembro de 1946<sup>575</sup>;
- 2º Congresso Espírita Nordeste (Maceió – 1946)<sup>576</sup>;
- 1947 – 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo – Fundação da USE<sup>577</sup>;
- 1947 – III Congresso Espírita dos Estados do Nordeste – João Pessoa, 2 a 5 de outubro<sup>578</sup>;

---

<sup>571</sup> O Mundo Espírita. Rio de Janeiro. 27/11/1948. Ano XVII.n. 758. p.4. Publicação quinzenal (na época).

<sup>572</sup> 1º Congresso Espírita Mineiro. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, ago. 1944. Ano XX. n. 8. p. 2 e 18.

<sup>573</sup> Congresso Espírita Paraná – Santa Catarina. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, fev. de 1945. Ano XXI, n.2.p.4. Ver também: Os espíritas do Paraná confraternizam-se com os espíritas de Santa Catarina. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1945. Ano XIV, n. 619. p. 1 e 4.

<sup>574</sup> I Congresso Espírita da Alta Paulista. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de mar. Ano XXII, n. 2, 1946. p. 47-48. Ver também: 1º Congresso Espírita da Alta Paulista. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 18 de fev. de 1946. Ano XIV, n. 645.p. 3.

<sup>575</sup> 1º Congresso Fluminense de Confraternização Espírita – Estado do Rio de Janeiro. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, out de 1946. Ano XXII, n.10. p. 13-14.

<sup>576</sup> 2º Congresso Espírita Nordeste. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, set. de 1946. Ano XXII, n. 11. p. 3 e 13. Ver também: II Congresso Espírita dos Estados do Nordeste. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 10 de ago. de 1946. Ano XV, n. 670.p.4.

<sup>577</sup> 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, fev. de 1947. Ano XXIII, n.5. p. 17. Ver também: União Social Espírita – 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 26 de abr. de 1947. Ano XVI, n. 706.p.2.

- 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (17 a 25/7/1948) efetivado na cidade do Rio de Janeiro<sup>579</sup>;
- III Congresso de Sociedades Espíritas Fluminenses – 05/09/1948 – Nova Friburgo<sup>580</sup>;
- 1948 – 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, de 31 de outubro a 3 de novembro de 1948<sup>581</sup>;
- 1948 – IV Congresso Espírita Nordeste – Natal – RN – 30/07/1948 a 4/10/1948<sup>582</sup>.

Uma vez que as realizações desses eventos não se davam sob o comando da FEB, pois ela ainda não possuía posição hegemônica no interior do campo, podemos apreender a razão pela qual a Federação procurava diminuir a importância deles, chegando ao ponto de ignorá-los. Somente mais tarde, ao assumir de fato uma posição hegemônica no Campo Espírita Brasileiro, a FEB passou a realizar congressos sob a sua liderança e comando, como percebemos, a título de exemplo, nas páginas do *Reformador*, de outubro de 1999, em que, ao comemorar o cinquentenário do Pacto Áureo, a FEB anunciava a realização do 1º Congresso Espírita Brasileiro, nos dias 1º a 3 de outubro, embora esteja consagrado na história do Movimento Espírita Brasileiro a realização em 6 de setembro de 1881, do Primeiro Congresso Espírita do Brasil.

A simples observação da realização desses congressos nos faz refletir sobre a fragilidade com que se dava a unificação do Movimento Espírita Brasileiro daquela época.

Essas tendências culminam com as proposições realizadas pelas federações gaúcha e mineira para a criação da Confederação Espírita

<sup>578</sup> III Congresso Espírita dos Estados do Nordeste. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, fev. de 1947. Ano XXIII, n.9. p. 8-12. Ver também: III Congresso Espírita dos Estados do Nordeste. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 23 de ago. de 1947. Ano XVI, n. 720.p.4.

<sup>579</sup> 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, fev de 1947. Ano XX, n.9. p. 10-11. Ver também RIE 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano XXIV, n. 7, 15 de ago. 1948. p. 47-48. Ver também: 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 24 de jan. de 1948. Ano XVI, n. 735.p.1.

<sup>580</sup> III Congresso de Sociedades Espíritas Fluminense. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 11 de set. de 1948. Ano XVII, n. 753.p.2.

<sup>581</sup> 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano XXIV, n.11, 15 de dez. 1948. p. 264-268. Ver também 1º Congresso Brasileiro de Unificação. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jan. de 1949. Ano XXI jan. 1949 n. 1. p. 13. Ver também: 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 27 de nov. de 1948. Ano XVII, n. 758.p.4.

<sup>582</sup> IV Congresso Espírita Nordeste. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, nov. de 1948. Ano XX, n. 11. p. 11-12. Ver também: Triunfante o IV Congresso Espírita dos Estados do Nordeste. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 9 de out. de 1948. Ano XVII, n. 755.p.4.

Brasileira, como organismo federativo nacional durante o congresso, com total apoio da USE paulista<sup>583</sup>.

Finalizado o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, de 1948, realizaram-se, durante os doze meses seguintes, inúmeras e infrutíferas reuniões entre os dirigentes espíritas das várias federações e uniões estaduais e nacionais. Membros da USE, por exemplo, durante o mês de setembro de 1949, efetuaram uma viagem denominada Caravana da Fraternidade Paulista, primeiramente a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e, posteriormente, a Caravana seguiu para Curitiba, no Paraná, pugnando pela unificação do Movimento Espírita Brasileiro alheio à liderança da FEB<sup>584</sup>.

Apenas durante a realização do Segundo Congresso da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA)<sup>585</sup>, em outubro de 1949, deu-se o encontro entre diversos dirigentes espíritas e a diretoria da FEB. Portanto, a solução pretendida pelas federações que chefiam o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita de 1948, que a princípio levava ao rompimento com a FEB, pelo contrário levou à formação de um novo Conselho Federativo Nacional, sob o comando da FEB. Desse modo, em 5 de outubro de 1949, em reunião entre diretores da FEB e representantes de diversas Federações e Uniões de âmbito estadual, firmaram na sede da Federação, no Rio de Janeiro, o acordo que ficou consagrado como Pacto Áureo<sup>586</sup>.

O Acordo estabeleceu *ad referendum* objetivos a serem alcançados pelas entidades signatárias e que listamos a seguir apenas os cinco primeiros, os demais poderão ser lidos no Anexo D, no qual transcrevemos a ata da reunião em sua totalidade:

<sup>583</sup> QUINTELA, Mauro. **O Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/bhu-004.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2007; RIZZINI. Op. Cit. p. 130-131.

<sup>584</sup> SPINELLI, Francisco. Caravana Paulista da Fraternidade. A Reencarnação. FERGS, Porto Alegre, ano XVI, set. e out. de 1949. p.1. Ver também SPINELLI, Francisco. Na marchapara unificação. A Reencarnação. FERGS, Porto Alegre, ano XVI, set. e out. de 1949. p.13.

<sup>585</sup> A CEPA – Confederação Espírita Pan-americana é uma instituição de caráter federativo e associativo, integrada por entidades espíritas de diversos países. Sua fundação ocorreu em 5 de outubro de 1946, durante o primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Buenos Aires. Define o Espiritismo como “ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” e como filosofia espiritualista de consequências morais. Possui uma visão laica, livre-pensadora, humanista, dinâmica, progressista e pluralista do Espiritismo, não endossando a visão do Espiritismo como religião. Conforme **CEPA**. Disponível em: <<http://www.cepanet.org/cepa.php>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

<sup>586</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo – Do Apostolado de Bezerra de Menezes ao Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 3-12.

1º) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo.

2º) A F.E.B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa.

3º) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho.

4º) Se isso não for possível, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista tríplex de nomes, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho.

5º) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, escolhidos do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos.

Além do secretário Oswaldo Mello e de Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira, assinaram a ata representantes da Liga Espírita do Brasil, da Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, da Federação Espírita Catarinense, da Federação Espírita do Paraná, da União Social Espírita de S. Paulo (USE) e da União Espírita Mineira.

Mesmo que o Pacto Áureo seja celebrado como uma ação vital para o desenvolvimento da história do Espiritismo nacional, conforme preceitua a FEB e as entidades a ela filiadas, como podemos perceber ao longo dos festejos referentes ao jubileu de diamante de sua instituição durante ano de 2009, e também mais recentemente ao completar seu 65º aniversário, longe se encontra da unanimidade em relação aos benefícios e/ou malefícios por ele proporcionados ao Espiritismo Brasileiro. As entidades federativas, como os centros espíritas, de modo geral, são órgãos essencialmente políticos e, como tais, configuram-se como palco do confronto de ideias. Assim, desde o advento do acordo, alguns importantes intelectuais e dirigentes espíritas, como José Herculano Pires, Deolindo Amorim e Júlio Abreu Filho, citados aqui apenas como exemplo, foram contrários à sua assinatura e posterior consolidação. Dessa forma, encontramos-nos diante daquilo que Chartier denominou de luta de representações, em que diversos integrantes do campo espírita brasileiro batalham pela imposição de suas representações e apropriações aos demais componentes desse mesmo campo.

Nas páginas do Reformador, Wantuil e Freitas, presidente da FEB e diretor da revista declarou que

os espíritas do “Coração do Mundo”, no dia 5 de outubro de 1949, data que o nosso colega “Mundo Espírita” muito acertadamente chamou – DIA ÁUREO DA CONFRATERNIZAÇÃO –, vibraram de entusiasmo pelo grande acontecimento da Unificação, pois que a notícia foi levada celeremente a todos os recantos da Pátria, através de telegramas, de rádios, de cabogramas e de telefonemas interurbanos.

Com um entusiasmo nunca dantes verificado em nossos meios, os abraços se sucediam, enquanto de muitos olhos a alegria se manifestava cristalina e bela, através de pérolas liquefeitas a rolarem, silenciosas, mas vivificadas pelo Espírito, pelas faces dos velhos trabalhadores da Seara.

*Reformador* não pode registrar os acontecimentos. Seus redatores não se sentem capazes de descrever com palavras precisas, talvez por inexistentes no vocabulário humano, os quadros de verdadeira espiritualidade então presenciada por todos quantos tiveram a grande felicidade de se encontrarem reunidos na Capital da República<sup>587</sup>.

O Mundo Espírita, em sua primeira página, de 8 de outubro de 1949, em letras garrafais anunciava a assinatura do pacto, exaltando sua importância para o Movimento Espírita Brasileiro:

A grande aspiração de quase totalidade dos espíritas brasileiros era a realização do conagraçamento geral de todas as instituições espíritas do Brasil. Desde os primórdios da propaganda, manifestando-se em diferentes ocasiões, esse tema da união entre todos permaneceu na ordem do dia, sendo o Dr. Bezerra de Menezes em de seus paladinos.

[...]

Os fatos ocorridos nos últimos anos puseram o assunto em maior evidência. Irmãos da mesma família divergiam no modo de buscar a harmonia. No fundo, de forma geral, todos desejavam a mesma coisa.

E se alguns acham impossível a harmonia entre todos, em torno de Kardec e sua Doutrina, sob a égide do Cristo, podem varrer de sua mente essa impossibilidade, porque, no dia 3, foi combinado e, no dia 5 do corrente, foi realizado um encontro em que as nossas instituições mais expressivas, reunidas na sede da Federação Espírita Brasileira, celebraram o Pacto Áureo da Confraternização Geral dos Espíritas do Brasil.

[...]

O resultado dessa reunião foi verdadeiramente a Vitória do Amor. Do Amazonas ao Chuy e da Ponta das Pedras

---

<sup>587</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. Unificação. **Reformafor**. Rio de Janeiro: FEB, ano LXVII, nov. de 1949,p.5.

às cabeceiras do Javary, os espíritas do Brasil estão unidos para a Grande Jornada cristã das mais sublimes realizações.  
[...]<sup>588</sup>.

A *Revista Espírita do Brasil*, órgão oficial da LEB, em seus números de novembro e dezembro de 1949, não teceu comentários sobre o Pacto Áureo, unicamente comentou e analisou a realização do 2º Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 3 e 12 de outubro daquele ano. No seu número de novembro de 1949, apenas, convocou para assembleia extraordinária os membros da Liga a fim de deliberarem sobre a adesão ao pacto:

A Liga Espírita do Brasil realizará uma assembleia extraordinária no dia 20 do corrente, às 15 horas, em sua sede, à rua Uruguaiana, 141 – sobrado, para tratar do acordo de 5 de outubro último relativo à criação do Conselho Espírita Nacional<sup>589</sup>.

Já, em seu número de dezembro de 1949, a *Revista Espírita do Brasil* publicou artigo referente à assembleia realizada em 20 de novembro:

Tendo sido convocada pela imprensa, realizou-se no dia 20 de novembro último uma assembléia extraordinária da Liga Espírita do Brasil, para estudar a ata de 5 de outubro deste ano, pela qual se estabeleceu, ad referendum das assembléias das duas entidades, um acôrdo de unificação entre a Liga e a Federação Espírita Brasileira.

[...]

Discursou o Doutor Henrique Andrade, analisando os termos da ata e desaprovando o acôrdo, não por ser o orador contra a unificação do Espiritismo no Brasil, mas por estar francamente em desacordo com a forma da unificação, uma vez que não está explicitamente recomendada a aceitação integral da codificação de Allan Kardec.

[...]

Discursou em seguida a confrade Lippman Tesch d'Oliver, que apoiou integralmente as palavras do Dr. Henrique Andrade. Comentando o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, citado na ata do acôrdo, o confrade Lippman afirmou que esse livro

---

<sup>588</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. 5 de Outubro – Dia Áureo da Confraternização. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, out de 1949, n. 780, p.1.

<sup>589</sup> **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, nov. de 1949. Ano XXI, n. 11. p. 1.

tem muitos erros históricos, não podendo, portanto, ser aceito como livro básico, tanto mais que sustentar pontes duvidosas quanto à teoria de Roustaing. A discussão foi muito acalorada. Falou, depois, o prof. Sebastião Tourinho, discordando da veemência dos dois oradores e louvando a atitude dos confrades Aurino Souto e Dr. Lins Vasconcellos no trabalho de confraternização dos espíritas.

[...]

Deolindo Amorim, secretário geral da Liga, tendo opinião contrária ao Acordo, votou como sócio da Liga e não como diretor da instituição. Foram escolhidos para escrutinadores dos votos os confrades Geraldo de Aquino, José Fernandes de Souza, Nelson Batista Azevedo e Prof. Sebastião Tourinho. Feita a votação pelo processo de chamada nominal, foi apurado o seguinte resultado:

I – pela aprovação da ata – 78 votos;

II – contra a aprovação da ata – 13 votos;

III – Deixaram de votar por abstenção e por se terem retirados antes – 10 votos.

Proclamado o resultado da votação, a assembléia, por maioria dos votos, ratificou a ata de 5 de outubro.

[...] <sup>590</sup>

Nos números subsequentes de *O Clarim* à assinatura do Pacto, não encontramos qualquer referência à sua realização, somente no número editado em 28 de janeiro de 1950, o jornal fez menção ao Pacto, ao anunciar a realização de um acordo entre as juventudes e mocidades ligadas ao Conselho de Mocidades Espíritas do Brasil e da União de Juventudes, como fruto do Pacto Áureo.

Na *Revista Internacional de Espiritismo*, encontramos alusão ao Pacto também somente em janeiro do ano seguinte, em breves comentários de Leopoldo Machado e, a partir de janeiro de 1951, inicia-se uma série de artigos sobre a Caravana da Fraternidade, principalmente por artigos e colunas assinadas por Leopoldo Machado.

Dois jornais, logo de início, assumiram posições contrárias ao acordo: *O Poder* e *Almenara*. O primeiro, fundado em Belo Horizonte por Arlindo Correia da Silva, em 1947. Arlindo foi um dos primeiros a criticar o Pacto, com uma série de artigos contra o novo plano federativo em 1952, ficando conhecido, no meio espírita, por ser o responsável pelo trocadilho “Pato Áureo”, utilizado até os dias de hoje, quando se quer depreciar o acordo<sup>591</sup>. O segundo foi fundado no Rio de Janeiro,

<sup>590</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, dez de 1949. Ano XXI, n. 12. p. 3-4.

<sup>591</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p. 39-40. Ver também MACHADO, Leopoldo (2010). Op. Cit. p. 351-370.

em 1952, por Antonio Pereira Guedes, e possuía uma linha editorial ainda mais combativa em relação ao pacto. Por cerca de oito anos, esse jornal lutou incessantemente contra a FEB, o CFN e a adoção da obra de Roustaing<sup>592</sup>.

Deolindo Amorim, jornalista, escritor, sociólogo e intelectual espírita, em seu livro *Idéias e Reminiscências Espíritas*, escreveu sobre a assinatura do pacto:

Em 1949, por exemplo, quando a Liga Espírita do Brasil aceitou o Acordo de 5 outubro. Acordo que se denominou, depois, "Pacto Áureo", tomei posição contrária à de Aurino, votei contra a resolução, porque não concordei com o modo pelo qual se firmara esse documento. E o fiz em voz alta, de pé, na Assembléia, com mais doze companheiros, que pensavam da mesma maneira. Votação descoberta. Embora sinceras, com toda a pureza de intenções, as razões de Aurino em defesa do Acordo não me convenceram. Votei contra para ser fiel a uma convicção<sup>593</sup>.

Posteriormente, em carta enviada ao pesquisador espírita Mauro Quintella, em setembro de 1983, Deolindo Amorim reafirmou sua posição em relação ao pacto:

Fui contra o acordo de 49, depois chamado de Pacto Áureo, porque não concordei com a forma, o **modopolítico** (grifo de Amorim) pelo qual se realizou o plano, trabalhando em segredo. Não houve assembléia antes. Tudo já veio preparado<sup>594</sup>.

O jornalista, poeta e escritor espírita José Herculano Pires<sup>595</sup>, ao comentar a respeito das observações de Júlio Abreu Filho sobre a atuação da FEB, em seu livro *O Verbo e a Carne*, expressou de forma categórica sua opinião acerca do Pacto Áureo e da atuação do Conselho Federativo Nacional:

O movimento de unificação foi seriamente atacado pela FEB e o pacto áureo só foi possível graças à humildade, tolerância e insistência dos espíritas paulistas, tendo à frente Pedro de Camargo (Vinicius), cujo prestígio venceu a FEB. Mas, para aceitar a unificação, ela exigiu a criação de um

<sup>592</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p. 39-40.

<sup>593</sup> AMORIM, Deolindo. *Idéias e Reminiscências Espíritas*. Juiz de Fora: Instituto Maria, Departamento Editorial, 1980. p. 140.

<sup>594</sup> QUINTELLA. Op. Cit. p.36.

<sup>595</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 45-56.

conselho nacional sob seu controle. Esse órgão, o Conselho Federativo Nacional, deformou o espírito do movimento de unificação e erigiu-se numa espécie de colégio cardinalício, emitindo bulas sobre questões doutrinárias<sup>596</sup>.

Em outros termos, Herculano Pires, nas páginas do jornal *Mensagem*, em artigo sobre os 25 anos da assinatura do pacto, declara:

Vinicius, que era uma alma pura, sonhava com a ligação da FEB ao movimento de unificação. Arquitetou e conseguiu realizar essa ligação, mas teve de pagar o preço do pacto-áureo. Instalou-se no Rio o Conselho Federativo Nacional (órgão da FEB) e tivemos a primeira eclosão dos instintos vaticânicos. O Conselho começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para a realização de concentrações e congressos, a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, como aconteceu num congresso de jovens realizado em Marília, com a presença de um “fiscal do Templo de Jerusalém”. O Conselho chegou mesmo a baixar uma bula em que declarava que “todo umbandista é espírita, embora nem todo espírita seja umbandista”, uma sutíliza tipicamente jesuítica, do mais forte sabor bizantino. Desencadeados os instintos vaticânicos do Conselho Federativo Nacional, foi um deus-nos-acuda e ninguém mais conseguiu detê-los. Afastado Wantuil de Freitas da direção da FEB, substituiu-o Armando de Assis, que continuou reinando<sup>597</sup>.

Erasto de Carvalho Prestes, historiador e geógrafo, escritor e orador espírita, ex-primeiro-secretário da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro, em seu sítio *O Franco Paladino*, combateu de forma expressa aquilo que denomina de “roustainguismo da Federação Espírita Brasileira” e comentou sobre a assinatura do Pacto Áureo:

O que houve, na verdade, foi um conchavo, e não uma assembléia geral, adrede convocada para deliberar sobre o assunto em pauta. Por isso mesmo, muitos confrades ilustres, não só fizeram sérias críticas a esse documento como o repudiaram abertamente. E foi, justamente, o primeiro item (do pacto) o causador da desaprovação. Isto porque nesse livro (Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho) de Humberto de Campos (Espírito), psicografado por Chico Xavier, prefaciado por Emmanuel

<sup>596</sup> PIRES; ABREU FILHO. Op. Cit. p. 140.

<sup>597</sup> PIRES, J. Herculano. Os 25 anos de Pacto Áureo. Mensagem. São Paulo – SP. Fev. 1975. Ano I n.1, p. 3.

(Padre jesuíta Manoel da Nóbrega), publicado pela FEB roustanguista, está escrito que Roustaing foi “coadjutor” de Allan Kardec, encarregado de “organizar o trabalho da fé” (pág. 176 da 11ª edição), o que constitui uma grande e deslavada mentira<sup>598</sup>.

Gélio Lacerda da Silva, presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, por dois mandatos consecutivos (1980 a 1986), no seu livro *Conscientização Espírita*, ao tratar do Conselho Federativo Nacional (CFN) da FEB e sua constituição, relata que o jornalista Luciano dos Anjos, ligado à direção da FEB, escreveu sobre o Pacto Áureo.

O Sr. Wantuil de Freitas, instado a receber os representantes estaduais, desejosos de convidar a FEB para assumir a coordenação do movimento espírita brasileiro, depois de insistentes pedidos concordou em recebê-los. O encontro teve desfecho rápido: o Sr. Wantuil de Freitas tirou do seu bolso o documento contendo as condições impostas pela FEB, que foram aceitas pelos representantes, sem discussão. Nisso se resume a “Grande Conferência” do Rio de Janeiro, de 05.10.49, “grande” nos seus danos ao Espiritismo, pela perigosa influência da FEB com o seu antidoutrinário roustanguismo. Assim nasceu o Conselho Federativo Nacional, cognominado “Pacto Áureo”, que, diga-se honestamente, repetindo, não passa de inexpressivo departamento da Federação Espírita Brasileira, que não tem poderes sequer de eleger seu próprio presidente: o da FEB o dirige, em regime vitalício<sup>599</sup>.

Gélio Lacerda da Silva continua suas considerações a respeito do Pacto Áureo e segue narrando uma conversa com Juvanir Borges de Souza, vice-presidente da FEB, ao término da reunião do CFN, em Brasília, em 1980, presidida por este, a respeito da assinatura do pacto:

houve um “acordo de cavalheiros” entre a FEB e os poucos representantes estaduais, protagonistas do documento assinado em 05.10.49, segundo o qual não se cogitaria de Roustaing no CFN, o que equivale dizer: naquele Conselho só se falaria do Espiritismo autêntico, kardecista.

Mas a FEB, com a astúcia que lhe deu Roustaing, rompeu o “acordo de cavalheiros” já no item 1º do primitivo

---

<sup>598</sup> PRESTES, Erasto de Carvalho. **Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/>>. Acesso em: 13 set. 2010.

<sup>599</sup> SILVA, Gélio Lacerda da. Op. Cit. p. 195-196.

Regulamento do então criado Conselho Federativo Nacional, assim redigido:

“Cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do espiritismo.”

E o livro norteador do movimento espírita brasileiro, nada mais nada menos, enaltece o sistema federativo unilateral da FEB, seu programa doutrinário (roustainguista!), apresenta o “Anjo” Ismael, guia da FEB, como preposto de Jesus, com quem Ismael conversa com intimidade e de quem recebe a missão de implantar o pseudo-espiritismo roustainguista no Brasil e, para completar o seu florilégio para a FEB, Humberto de Campos diz que Roustaing “organizaria o trabalho da fê”<sup>600</sup>.

A FEB, por sua vez, ao longo dos anos, usa como uma das principais “armas” na luta pela imposição de suas representações ao campo espírita brasileiro, segundo analisamos anteriormente, o livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Livro designado, pela FEB, conforme observamos nas palavras do ex-presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, a respeito de sua conversa com o ex-vice-presidente da FEB, como “norte” do Espiritismo brasileiro, uma vez que consta no documento de formação do pacto e da constituição do CFN a obrigação dos espíritas brasileiros “porem em prática as orientações contidas no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo”.<sup>601</sup> Por intermédio das páginas do *Reformador*, a FEB reforça a importância da assinatura do pacto, classificando-o como “o evento de mais alta significação em sua história”<sup>602</sup>.

Voltando ao ano de 1949, mas especificamente ao mês de outubro, como salientamos anteriormente, somente assinaram o documento representantes ligados aos Estados do Sul e Sudeste brasileiro. Assim, no ano seguinte, os centros espíritas e as instituições ligadas às regiões do Norte e do Nordeste puderam referendar o Pacto mediante atuação de Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, Ary Casadio, Leopoldo Machado e, mais tarde, Luís Burgos Filho, os quais iniciaram, em 31 de outubro de 1950, uma excursão, àquelas regiões, e turnê que ficou denominada Caravana da Fraternidade, cuja ação se encerrou em 13 de dezembro do mesmo

<sup>600</sup>SILVA, Gélío Lacerda da. Op. Cit. p. 196.

<sup>601</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999. p. 13.

<sup>602</sup> *Ibidem*. p. 3.

ano, na cidade de Belo Horizonte (MG), tendo sido visitados onze estados das duas regiões, desde a Bahia até o Amazonas<sup>603</sup>.

Como resultado direto da ação da Caravana da Fraternidade, fundou-se a União Social Espírita da Bahia (USEB)<sup>604</sup>; a Federação Espírita Sergipana passou por reformulação, assim como a Federação Espírita de Alagoas, a Comissão Estadual de Pernambuco, a Federação Espírita do Rio Grande do Norte, a Federação Espírita Paraibana; no Ceará fundam-se a União Espírita Cearense, Federação Espírita do Piauí, Federação Espírita do Maranhão e reorganizam-se a União Espírita Paraense e a Federação Espírita Amazonense. Todas se vinculando ao recém-criado Conselho Federativo Nacional da FEB (CFN)<sup>605</sup>.

O CFN, composto pelas instituições Federativas Estaduais (Federações e Uniões) que, por sua vez, são formadas pelos centros espíritas sediados nos respectivos estados e no Distrito Federal, o qual substituiu o antigo Conselho Federativo que federava diretamente os Centros Espíritas de todo o país, foi criado na forma prevista no Pacto Áureo e instalado em 1º de janeiro de 1950. A constituição do CFN da FEB seguiu, em linhas gerais, a proposta apresentada anteriormente no “Manifesto do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita de 1948”, constituindo-se de um colegiado formado por um representante da cada Estado, Distrito Federal ou Território com sede na Capital Federal, portanto, na cidade do Rio de Janeiro.

Seguindo o espírito da Caravana da Fraternidade, durante a década de 1950, foram realizadas atividades nas instituições espíritas em geral, a fim de ressaltarem a importância do trabalho de unificação do Movimento Espírita Brasileiro em torno da FEB. Já na década de 1960, foram criados os Simpósios Regionais em todo o Brasil, dividindo-o nas regiões Norte, Nordeste, Centro e Sul, focando o trabalho operacional dos grupos, centros e demais instituições espíritas<sup>606</sup>.

Em razão dos estudos implementados na década de 1970, direcionados para o desenvolvimento dos centros espíritas, na reunião plenária do CFN de julho de 1980, foi aprovado o texto *Orientação ao Centro Espírita*, que enfocava o “como fazer”, em que oferecia uma série de sugestões e práticas ao Centro Espírita para o exercício das suas

---

<sup>603</sup> MACHADO, Leopoldo (2010). Op. Cit. p. 21-23.

<sup>604</sup> Pacto Áureo – FEEB. Disponível em: <<<http://feeb.org.br/federacao-espirita-do-estado-da-bahia-homenageia-os-pioneiros-do-pacto-aureo/>>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

<sup>605</sup> MACHADO, Leopoldo. A Caravana da Fraternidade. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010. At all.

<sup>606</sup> Orientação aos Órgãos de Unificação. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p. 13-15.

atividades básicas, em uma clara tentativa de normatizar os trabalhos em torno do entedimento febeano. O CFN, em novembro de 1985, transformou os Conselhos Zonais em Comissões Regionais (Norte, Nordeste, Centro e Sul), as quais começaram a se reunir anualmente, durante o primeiro semestre de cada ano e foram instaladas em 1986 e 1987<sup>607</sup>.

O modelo imposto pelas lideranças da FEB ao Movimento Espírita Brasileiro por meio do Pacto Áureo não foi oriundo de um mero acaso, ou por causa da intervenção dos espíritos como procuram fazer crer essas mesmas lideranças, quando divulgam sistematicamente que a assinatura aconteceu atendendo a questões de ordem superior muito “naturais”, em se tratando do imaginário espírita brasileiro:

Nos primeiros dias de outubro de 1949, várias lideranças espíritas estavam participando do II Congresso da Confederação Espírita Panamericana, na cidade do Rio de Janeiro. Carlos Jordão da Silva, um dos integrantes da delegação da USE-SP e depois seu presidente, relata que numa das noites do Congresso, após as exaustivas reuniões, todos tinham se recolhido em seus hotéis. Mas, ele resolveu tomar um pouco de ar e se dirigiu a uma praça próxima ao hotel:

[...] para surpresa nossa todas as delegações foram chegando ao mesmo local, como que convocados por forças invisíveis. Achamos graça por ter o Plano Espiritual nos reunido daquela forma e àquela hora da madrugada e ali mesmo marcamos uma reunião para as 8 horas da manhã, no Hotel Serrador, onde estávamos hospedados eu e minha senhora, e, realizada tal reunião, incumbiu-se Artur Lins de Vasconcellos da tarefa de aproximar-se da FEB para promover o encontro<sup>608</sup>.

Como pudemos observar ao longo dessas análises sobre as batalhas intestinas ao Movimento Espírita Brasileiro, a arena frequentada pela FEB e a LEB deixam evidentes o extenso passado de lutas pela hegemonia do campo. Sendo assim, essas lutas nos dão a exata medida da impossibilidade de se entender esses acontecimentos como determinados e naturalizados, como advogam os dirigentes espíritas. Igualmente, encontramos, nas páginas do jornal Mundo Espírate 2 de novembro de 1946, as reações dos líderes da LEB quanto ao desejo de fusão entre essa entidade e a FEB, declaradas durante uma reunião realizada em 27 de outubro de 1946, nas

<sup>607</sup> Orientação aos Órgãos de Unificação. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p. 16-17.

<sup>608</sup> CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. 60 anos do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 2160. mar. 2009. p. 21.

dependências da Coligação Espírita de Assistência, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, na qual foi discutida uma moção de autoria de Lins de Vasconcellos, Vice-presidente da Liga Espírita do Brasil e também membro do Conselho da Federação Espírita Brasileira

[...]

Em seguida é dada a palavra ao Dr. Henrique Andrade que inicia sua brilhante oração, historiando os prodomos da origem da fundação da Liga Espírita, quando surgiram sérias divergências entre os Espíritas que faziam parte da Federação, daí nascendo a idéia da criação da Liga Espírita do Brasil. Explicou sua situação especial em face da severidade e do estranho rigorismo com que a Federação tumultua sua obra administrativa, enclausurando-se na estreiteza de quatro paredes que mais se assemelham aos domínios do Vaticano, como acaba de provar com seu completo alheamento do Congresso Espírita Pan-Americano recentemente reunido em Buenos Aires, ressaltando que a Liga despertava para, com grandes sacrifícios, ali se fazer representar, a Federação engolfada em profunda letargia, evitava focalizar nosso movimento espírita em tão notável certame.

[...]

O Sr. Dr. Lins de Vasconcellos [...]. Lê a moção de sua autoria, apresentada à Liga quando ali foi em assembléia então realizada para fins diversos, focalizando o caso da união entre as duas entidades.

Por essa moção, se infere que a Federação ficaria com ação em todo território nacional e a Liga com sua jurisdição restrita ao Distrito Federal. Em aparte o Cap. Silva Pinto estranha que tal sugestão omita o fator mais importante que o aspecto da discussão revela, isto é, o corpo da doutrina sobre a divergência entre Roustainguismo admitido pela Federação e o Kardecismo adotado pela Liga. O orador declarou que não se tratou propriamente de fusão, sim porém, de simples aproximação das entidades, num trabalho recíproco de união de todos os espíritas [...]<sup>609</sup>.

De tal modo, verificamos a atuação de Lins de Vasconcellos na vanguarda dos fatos no que se relaciona ao movimento de unificação do Espiritismo Brasileiro, capitaneado pela FEB, em 1946, atuando na LEB e na FEB, também em 1948, quando, apesar de não participar diretamente do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, foi convidado pela sua comissão executiva a exercer a função de mediador

---

<sup>609</sup> O Caso da projetada fusão entre a Liga Espírita do Brasil e a Federação Espírita Brasileira. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro. 21 de nov. de 1946, n.682. p.4.

entre o congresso e a FEB<sup>610</sup>. Embora as tentativas anteriores de Lins de Vasconcellos não tenham sido exitosas, mais uma vez, no ano seguinte, atuando como tesoureiro do II Congresso Espírita Pan-Americano, patrocinado pela Confederação Espírita Pan-americana e pela Liga Espírita do Brasil, articulou o encontro de 5 de outubro entre diversas lideranças espíritas, o qual deu causa ao Pacto Áureo, alicerçando a futura hegemonia da FEB.

Os relatos de Deolindo Amorim, Gélvio Lacerda da Silva e de Erasto de Carvalho Prestes a respeito dos acontecimentos do dia 5 de outubro de 1949, apresentados demonstram que a atuação de Wantuil de Freitas, ao expor de pronto os pontos, segundo os quais a FEB não abriria mão para selar o acordo de união do Movimento Espírita Brasileiro, já se encontravam previamente arrançados, isto é, definidos anteriormente à realização da reunião que supostamente acontecera de modo inesperado, portanto, ajudando a derrubar a tese de influência espiritual que naturaliza os acontecimentos à luz do Movimento Espírita.

---

<sup>610</sup> ARTHUR LINS DE VASCONCELLOS LOPES – Biografia. FEB. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/CFN/Caravana%20da%20Fraternidade/Lins%20de%20Vasconcelos-Biografia.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

## Capítulo 3 – Intelectuais e redes

### 3.1 – Intelectuais espíritas

Uma longa tradição de trabalhos acadêmicos trata da definição de intelectual e suas funções sociais. Para a finalidade do nosso trabalho, não cabe aqui uma longa discussão a respeito do que seria esse personagem e quais as suas funções. A fim de identificar quem são, e quais as funções desses personagens vitais para a compreensão do campo espírita, recorreremos ao filósofo italiano Norberto Bobbio e aos historiadores francêss Jacques Le Goff e Jean-François Sirinelli.

Bobbio, em sua longa discussão sobre os intelectuais, define-os como “alguém que não faz coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, alguém cujos instrumentos de trabalho não são máquinas, mas ideias”<sup>611</sup>. Mais adiante, na mesma obra, Bobbio complementa sua ideia e distingue dois tipos de intelectuais em relação aos papéis que desempenham: “criadores ou transmissores de ideias ou conhecimentos políticos relevantes”<sup>612</sup>.

Na concepção de Norberto Bobbio, o que caracteriza o intelectual é o exercício do que chama de “poder ideológico” nas sociedades. Segundo o filósofo italiano existe,

ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de idéias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra<sup>613</sup>.

Assim, da mesma forma que o poder político e o poder econômico se mantêm no interior das diversas sociedades por intermédio das armas e da acumulação de bens materiais, o poder dos intelectuais, representado aqui pelo que Bobbio denomina de poder ideológico, sustenta-se nas relações entre esses poderes, possuindo como seu principal meio a palavra, ou melhor, a expressão das ideias por meio das palavras, ainda que hoje cada vez mais a imagem assumo esse papel<sup>614</sup>.

---

<sup>611</sup> BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1997. p. 68.

<sup>612</sup> *Ibidem*.p. 72.

<sup>613</sup> *Ibidem*.p. 11.

<sup>614</sup> *Ibidem*.p. 12.

Bobbio ainda chama a nossa atenção para a tão antiga como iníqua oposição estabelecida vulgarmente entre trabalho intelectual e trabalho manual ou profissões intelectuais e atividades do artesanato. Segundo ele, o que caracteriza de fato o intelectual não é tanto o tipo de trabalho que ele exerce, mas a função por ele realizada, quando lembra que

um operário que também desenvolva obra de propaganda sindical ou política pode ser considerado um intelectual, ou pelo menos os problemas éticos e cognoscitivos de sua obra de agitador são os mesmos que caracterizam o papel do intelectual [...]<sup>615</sup>

Jean-Françoise Sirinelli destaca o caráter polissêmico da definição de intelectual em virtude das inúmeras transformações que o significado dessa palavra sofreu ao longo do tempo. Por consequência, torna-se necessário, no entendimento de Sirinelli, uma definição cuidadosa do termo, levando-se em conta essas variações. Assim, busca uma ampla definição que possa garantir algumas invariantes que

podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento<sup>616</sup>.

No primeiro caso, encontramos os jornalistas, os escritores, os professores e o erudito. No segundo caso, que não exclui aqueles que se enquadram no primeiro, apenas leva em conta a atuação dessa figura, como ator, testemunha ou consciência, privilegiando a ação que o intelectual põe a serviço de sua causa<sup>617</sup>.

Jacques Le Goff aponta o surgimento do intelectual no ocidente em virtude da divisão do trabalho urbano em conjunto com o desenvolvimento das universidades, apresentando uma nova paisagem intelectual da cristandade ocidental entre os séculos XII e XIII<sup>618</sup>. O mestre da escola, como o chama Le Goff, “anuncia-se na Alta Idade Média, desenvolve-se nas escolas urbanas do século XII, desabrocha a partir do século XIII nas universidades<sup>619</sup>. Ao mesmo tempo em que se

<sup>615</sup> BOBBIO. Op. Cit. p. 114-115.

<sup>616</sup> SIRINELLI, Jean-Françoise. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). Por uma História Política. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 242.

<sup>617</sup> SIRINELLI. Op. Cit. p. 242-243.

<sup>618</sup> LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 8-9.

<sup>619</sup> Ibidem. p. 23.

desenvolviam as diversas profissões ligadas à produção de bens de consumo, cultivo da terra e à produção dos artesãos nas cidades, desenvolviam-se também aquelas ligadas à figura do professor ou intelectual. Assim, podemos verificar que Le Goff identifica o trabalho do intelectual como aquele cujo ofício é pensar e ensinar seu pensamento, ao afirmar que

o mestre universitário acumulava, assim, um trabalho de reflexão e de escrita, que chamaríamos hoje de pesquisa, e um trabalho de ensino. Para muitos, a sua reputação, suas intervenções em debates sociais e políticos (por exemplo, a mendicância dos religiosos, os poderes reais, a fiscalidade pontifícia) acrescentavam a sua função um papel que, desde o século XIX, foi em geral reconhecido aos intelectuais. Este é o motivo por que chamei esses universitários de “os intelectuais da Idade Média”.<sup>620</sup>

Portanto, o grupo a que chamamos de intelectuais é formado por aqueles indivíduos especializados em produzir cultura, produzir saber, que utiliza essa produção de saber a serviço de uma determinada causa.

No campo espírita, vamos encontrá-los, como em qualquer outro campo, atuando não somente como criadores e mediadores culturais, mas também como elementos engajados em suas lutas diárias no interior do campo. Assim, podemos perceber desde aqueles que atuam somente no interior dos centros espíritas onde frequentam, portanto, agindo localmente, como aqueles que atuam nas federações, municipais, estaduais e nacionais, agindo, assim, de forma mais ampla. Inúmeros são os que atuam localmente em suas casas espíritas, tornando o domínio da nossa pesquisa infinito; ainda, muitos atuam regionalmente, e poucos atuam nacionalmente, possibilitando um estudo mais acurado destes.

A atuação de um intelectual fica por demais restrita quando o percebemos como alguém que age individualmente, embora suas ações possam ter abrangência nacional. Assim, para entendermos o desempenho dos intelectuais e suas iniciativas, vamos ao encontro dos escritos de Angela de Castro Gomes, quando essa historiadora assinala como essencial, para compreendermos a atuação dos intelectuais dentro de um determinado campo de ação, a busca e a identificação do convívio entre eles e seus pares, uma vez que esse convívio é fundamental para o desenvolvimento de suas ideias, propondo que

---

<sup>620</sup> LE GOFF, J. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 174.

o convívio entre intelectuais, como a leitura, é fundamental para o desenvolvimento de idéias e sensibilidades. Para escrever, pintar, compor etc., o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo. Por isso afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita<sup>621</sup>.

Por conseguinte, não só a relevância de seus trabalhos e ações no interior do campo espírita dá importância aos intelectuais por nós elencados, mas também as redes de sociabilidades, por eles frequentadas ao longo de suas caminhadas pelo interior do Campo Espírita Brasileiro, responsáveis que são por seus desempenhos. Logo, aqui não podemos esquecer os apontamentos de Angela de Castro Gomes a respeito dos locais de sociabilidade, apresentando a ideia de rede e de microclima, já abordados anteriormente neste trabalho.

Tendo em vista as nossas opções para a realização deste trabalho, apresentaremos nossa lista de intelectuais espíritas por ordem cronológica. Iniciamos, então, com Carlos Imbassahy, seguido por Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e, por fim, Herculano Pires. Quatro representantes daqueles intelectuais que atuaram de forma destacada entre 1930 e 1984, alguns deles atuando um pouco antes e outros um pouco depois.

---

<sup>621</sup> GOMES, Angela de Castro Gomes (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 51.

### 3.1.1 – Carlos Imbassahy

Figura 38 – Carlos Imbassahy



Fonte: Sítio Espiritismo Face a Face<sup>622</sup>.

Carlos Imbassahy, o Bozzano brasileiro<sup>623</sup>, nasceu em 9 de setembro de 1883, em Salvador, no Estado da Bahia, e morreu um mês antes de completar 85 anos, na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, em 4 de agosto de 1969<sup>624</sup>. Com a morte de sua mãe, em virtude de complicações durante o seu parto, e a transferência de seu pai para a capital do Império, após completar três anos de idade, permaneceu morando com sua avó durante algum tempo até seu pai retornar a Salvador e levá-lo para morar, inicialmente, na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, em Niterói<sup>625</sup>.

Imbassahy formou-se em direito e foi trabalhar no interior do Estado da Bahia como promotor na Comarca de Andarahy<sup>626</sup>, permanecendo lá por pouco tempo. Logo depois, passou em concurso público e foi nomeado para a Delegacia Regional da Fazenda, em Salvador. Também aí ficou por pouco tempo, pois conseguiu transferência para a cidade do Rio de Janeiro<sup>627</sup>.

---

<sup>622</sup> Carlos Imbassahy. Disponível em

<<<https://memoriaspirito.files.wordpress.com/2015/02/untitled-1.jpg?w=201&h=254>>>.

Acesso em 15 set. 2015.

<sup>623</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito; ROCHA, Alberto de Souza. **Uma Visita aos Arquivos Implacáveis de Imbassahy**: o homem, um marco doutrinário. Rio de Janeiro, CELD, 2002. p. 15 e 86-87. Ernesto Bozzano -

<sup>624</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito. **Memórias pitorescas de meu pai**. Matão – SP, Casa Editora O Clarim, 1974. p. 1 e 214-215.

<sup>625</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito. **Memórias pitorescas de meu pai**. Matão – SP, Casa Editora O Clarim, 1974. p. 1 e 216-217.

<sup>626</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974).Op. Cit. p.34.

<sup>627</sup> Ibidem. p. 37-41.

Imbassahy teve seus primeiros contatos com o Espiritismo por intermédio de um amigo do trabalho, Amaral Ornelas, passando a estudar os livros de Allan Kardec e depois vários outros autores em francês, inglês e italiano. Com a ajuda de Ornelas, iniciou-se também como orador espírita<sup>628</sup>.

Carlos Imbassahy foi o que hoje podemos chamar de homem multimedia, atuou como advogado, funcionário público, estatístico, escritor, tradutor, debatedor, polemista, tribuno, jornalista e radialista, um personagem com “mil” funções.

No funcionalismo público, destacou-se na Diretoria de Estatística e Econômica e Financeira, do Ministério da Fazenda, seguindo carreira até galgar os postos mais elevados<sup>629</sup>. Dentre as suas diversas funções, as quais exercia concomitantemente a suas funções como funcionário público, Imbassahy trabalhava como jornalista profissional, como redator-chefe da *Revista da Estrada de Ferro*, vinculada à Estrada de Ferro Central do Brasil<sup>630</sup>.

Sua carreira de advogado foi curta, pois, ao constatar que houvera atuado vitoriosamente na defesa do algoz e não da vítima, desgostoso, rasgou o diploma e não mais atuou como tal. Somente em um único episódio futuro atuou como advogado, assim mesmo nos bastidores, devido ao fato de não possuir mais o diploma, como veremos mais à frente<sup>631</sup>.

Além de na imprensa espírita, Imbassahy operou em vários jornais diários, iniciando no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, o que o levou posteriormente à *Revista da Estrada de Ferro*. Também escreveu no *Diário Fluminense* e no *Diário do Comércio de Niterói*, em colunas e em contribuições avulsas sobre variados assuntos<sup>632</sup>.

A atuação de Imbassahy no Movimento Espírita Brasileiro demonstra toda a sua versatilidade. Devido à sua atuação como jornalista profissional, quando chegou a ser o redator-chefe e Diretor da *Revista da Estrada de Ferro*, e, além disso, por trabalhar na redação de alguns jornais diários do Rio de Janeiro, foi convidado para se tornar redator do *Reformador*, onde ocupou o cargo de secretário durante longos anos<sup>633</sup>.

---

<sup>628</sup> Ibidem. p. 64-72.

<sup>629</sup> Conforme introdução e perfil do autor de J. Herculano Pires em: IMBASSAHY, Carlos. **O que é a morte**. 2. ed. São Paulo, EDICEL, 1978. p. 7.

<sup>630</sup> Idem.

<sup>631</sup> Idem.

<sup>632</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit. p. 92-94.

<sup>633</sup> Ibidem 149-152.

Também manteve colunas nos jornais espíritas sustentados pelo advogado espírita Henrique Andrade, o jornal *Mundo Espírita*, naquela época publicado na cidade do Rio de Janeiro, e no jornal *Aurora*. Imbassahy atuou no *Mundo Espírita* desde o seu primeiro número e, posteriormente, criou sua famosa e longeva coluna intitulada *Na Hora da Consulta*, na qual respondia às questões enviadas por seus leitores<sup>634</sup>. Por diversas vezes, Imbassahy atuou no *Mundo Espírita*, em conjunto com Deolindo Amorim, como redator-chefe e secretário<sup>635</sup>. Contribuiu de forma destacada com o jornal *Almenara*, de Antonio Pereira Guedes, da cidade do Rio de Janeiro.

Imbassahy igualmente teve atuação destacada no Movimento Espírita por meio de suas participações e organizações de congressos, e nas conferências por ele ministradas. Foi orador oficial do II Congresso Espírita Pan-americano, realizado no Rio de Janeiro, de 3 a 12 de outubro de 1949, organizado pela Liga Espírita do Brasil, sob a presidência de Aurino Barbosa Souto e secretariado por Deolindo Amorim<sup>636</sup>. Participou de todos os congressos de Escritores e Jornalistas Espíritas realizados no Brasil, até sua morte. No primeiro, em 1939, apresentou a tese *O Espiritismo e as Religiões*. Já no segundo, realizado na cidade de São Paulo, participou da Comissão de Teses. Tanto no 3º congresso, realizado em Belo Horizonte (MG), em 1961, quanto no 4º, em Curitiba (PR), em 1968, atuou como Presidente de Honra. No quinto, realizado na cidade de Niterói, em 1972, recebeu a honraria de ser o patrono do evento devido à sua morte em agosto de 1969<sup>637</sup>.

Atendendo ao convite de Leopoldo Machado, em 1945, teve destacada participação na criação e organização do 1º Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil, o qual também contou com a enorme participação de Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, mais conhecido por Lins e Vasconcelos<sup>638</sup>.

Ao longo dos anos, durante os seus períodos de férias na repartição pública, Imbassahy viajava de forma intensa com o intuito de proferir palestras doutrinárias em inúmeras cidades pertencentes aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Ainda participou de forma efetiva das diversas “Semanas Espíritas”, como as

<sup>634</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit.p. 35 e69.

<sup>635</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974).Op. Cit.p. 203-204.

<sup>636</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit.p.41. Ver também CEPA NO BRASIL. Disponível em: <<http://cepabrasil.org.br/index.php/divulgacao/jornal-opiniaio/item/28-cepa-no-brasil>>. Acesso em 24 fev.2014.

<sup>637</sup> Op. Cit. IMBASSAHY; ROCHA.p. 72.

<sup>638</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit.p 73 e 155;e Op. Cit. IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974). p. 176-177.

realizadas em Campos dos Goitacazes (RJ), Volta Redonda (RJ), Macaé (RJ), Entre Rio (atual Três Rios – RJ), Juiz de Fora (MG), Astolfo Dutra (MG), Itaperuna (RJ), Nova Iguaçu (RJ), junto com Leopoldo Machado<sup>639</sup>.

Juntamente com sua esposa, Dona Maria Imbassahy, fez parte do Teatro Espírita, encenando esquetes e pequenas peças ou entreatos, em grande parte, escritas por ele, durante as *Semanas Espíritas*. Formaram uma dupla impagável e, posteriormente, juntaram-se a Olympio Campos, que, depois de crescido, órfão de pais, elegeu o casal para ser seus novos pais. Os três juntos faziam as cenas de humor, nas *Semanas Espíritas*, com grande sucesso<sup>640</sup>.

Por volta de 1934, após voltar a morar em Niterói, pelo menos uma vez por semana, saía mais cedo de casa a fim de ir às dependências da FEB, na Avenida Passos, no centro do Rio de Janeiro, antes de ingressar no trabalho, para aplicar passes. Realizava várias palestras nos mais diversos centros espíritas do Rio de Janeiro e Niterói<sup>641</sup>. Após assumir a presidência da FEB, pela terceira vez em 1929, Manuel Quintão convidou Imbassahy para fazer parte de sua diretoria. Em 1930, Guillon Ribeiro, o próximo presidente da FEB (1930 – 1943), nomeou Imbassahy redator do *Reformador*<sup>642</sup>.

Com a morte de Guillon Ribeiro, em 26 de outubro de 1943, foi eleito para assumir a presidência da FEB Antônio Wantuil de Freitas, ocupando o cargo por 27 anos (1943-1970)<sup>643</sup>. Nesse período, inicia-se o afastamento de Imbassahy da FEB em virtude de suas já declaradas aversões aos postulados Roustainguistas, professados de forma rígida pelo novo presidente<sup>644</sup>.

Após esses acontecimentos, foi convidado por Deolindo Amorim para assumir uma cadeira na Faculdade de Estudos Psíquicos e, mais tarde, no Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB)<sup>645</sup>.

Junto com alguns outros companheiros das lides espíritas, como Leopoldo Machado, Antonio Pereira Guedes, Lins e Vasconcellos, Deolindo Amorim, Henrique Andrade, entre outros, Imbassahy, no início da década de 1930, compôs a linha de frente dos pioneiros da divulgação do Espiritismo por meio da radiodifusão, no Rio de Janeiro e

<sup>639</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit. p. 72-82.

<sup>640</sup> Ibidem. p 132-135.

<sup>641</sup> Ibidem. p. 137; e IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974). Op. Cit.. p. 132-133.

<sup>642</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974). Op. Cit. p. 133.

<sup>643</sup> Conforme: FEB. **Presidentes.** Disponível em: <<  
<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/presidentes/>>>. Acesso em 26 fev.2014.

<sup>644</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit.p. 153.

<sup>645</sup> Ibidem.p. 154.

no Brasil<sup>646</sup>. Encontramos referência expressa da atuação de Imbassahy em 1937 em um programa radiofônico, realizado em homenagem a Allan Kardec, com o patrocínio do jornal *Mundo Espírita*, com transmissão das rádios Internacional e Ministério da Educação, ambas situadas na capital federal<sup>647</sup>. Em 9 de março de 1938, Imbassahy participa, em conjunto com Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e Jayme Rolemberg de Lima, na nova fase do programa Hora Espiritualista, de João Pinto de Souza, pela Rádio Transmissora do Rio, a P.R.E.-3, atual Rádio Globo<sup>648</sup>.

O programa citado deu origem a outro considerado por muitos como o programa de maior repercussão da época, tendo início em 1º de junho de 1939, denominado Hora Espírita Radiofônica, que, depois recebeu o nome de seu apresentador, João Pinto de Sousa, após a sua morte em 1943, e passou a se chamar Hora Espírita Radiofônica - João Pinto de Sousa. Ele era transmitido pela Rádio Transmissora, P.R.E.-3, todas as quintas-feiras, das 18 às 19 horas<sup>649</sup>. O programa contou, entre outros, com a direção geral de Leopoldo Machado e com as participações de Guillon Ribeiro e Manoel Quintão, ambos na qualidade de censores, visto que todos os trabalhos lidos no programa passavam por uma comissão previamente. Além desses personagens, ressaltamos a atuação de Henrique Andrade, como consultor jurídico<sup>650</sup>.

O alcance dos programas radiofônicos à época da transmissão era muito grande, podemos ter uma ideia, por exemplo, por meio da publicação de notícia pela imprensa espírita a respeito do programa na *Revista Internacional de Espiritismo*, em 15 de julho de 1939, publicada na cidade de Matão, no interior do Estado de São Paulo, revista essa que contava com distribuição nacional, a qual orientava a seus leitores a enviar cartas ao secretário do programa com qualquer tipo de sugestão e adesão<sup>651</sup>.

A *Revista de Estudos Psíquicos*, de Portugal, em seu número de novembro-dezembro de 1939, deu destaque à transmissão inaugural da Hora Espírita Radiofônica, na qual observamos as seguintes palavras:

[...] Mas a inauguração da *Hora Espírita Radiofônica* resultou num autêntico sucesso. Falou em primeiro lugar,

---

<sup>646</sup> MONTEIRO, Eduardo Carvalho. História da Radiodifusão Espírita. São Paulo: Madras, 2004. p. 21-54.

<sup>647</sup> Ibidem. p.25.

<sup>648</sup> Idem.

<sup>649</sup> Ibidem. p.25-34.

<sup>650</sup> MEDEIROS. Op. Cit.p.26-27.

<sup>651</sup> Ibidem. p. 33 -34.

Leopoldo Machado, expondo os objetivos do empreendimento e a forma como seriam organizados os programas. Depois, seguiu-se o presidente da Federação Espírita Brasileira, o da Liga Espírita do Brasil, o da União Espírita Suburbana, respectivamente drs. Guillon Ribeiro, Leôncio Corrêa e Henrique Andrade; o jornalista Brandão da Rocha, pelo vespertino *Vanguarda*; Humberto de Aquino, pela associação 'Obreiros do Bem'; Rocha Garcia tesoureiro da 'Hora' e o prof. Ismael Gomes Braga, todos ventilando assunto especial para dar maior variedade e relevo ao evento. [...]<sup>652</sup>

Também o *Reformador*, em suas páginas de junho de 1939, enfatizou a transmissão inaugural da Hora Espírita Radiofônica, destacando os oradores do programa: como os presidentes da FEB, da Liga Espírita do Brasil e da União Espírita Suburbana, conforme observamos anteriormente na nota da revista *Estudos Psíquicos* de Portugal. O *Reformador*, ainda deu destaque à participação de Carlos Imbassahy, que falou sobre a situação atual do mundo e da dramatização de três quadros de autoria de Leopoldo Machado, considerado pela revista como o ponto culminante do programa<sup>653</sup>.

Junto com seus amigos Amaral Ornelas e Bernardino Oliva da Fonseca Filho, médium psicógrafo, fundaram, os três, o Centro Espírita Trabalhadores da Verdade, em cuja presidência eles se alternavam<sup>654</sup>.

Com a morte do presidente Guillon Ribeiro, e a posterior eleição de Wantuil de Freitas na FEB, aliada à crença do novo dirigente, segundo a qual era fundamental que todos os participantes dos cargos diretivos da Federação Espírita Brasileira fossem ocupados não apenas por adeptos, mas militantes professos do roustainguismo, ocorreu um gradativo afastamento de Imbassahy. Mas, a essa altura, já consagrado como escritor possuidor de vasto lastro doutrinário, sua fama já lhe havia coroado a carreira literária. Assim, seus novos livros encontraram grande aceitação entre editores fora do contexto de influência direta da FEB a fim de serem publicados<sup>655</sup>.

Graças à sua competência como escritor, orador e estudioso, tornou-se grande colaborador do Movimento Espírita Brasileiro. Visto ser poliglota, fluente em francês, inglês, espanhol, italiano e latim, traduziu inúmeras obras para o português, entre elas: *A Vida Além do*

<sup>652</sup> MEDEIROS. Op. Cit.p. 35-36.

<sup>653</sup> Ibidem. p. 50-52.

<sup>654</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974).Op. Cit. p. 118.

<sup>655</sup> IMBASSAHY, Carmem. **Carlos Imbassahy.** Conforme<<  
[http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=53](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=53)>> Acessado em 27/02/2014 00:19.

*Véu*, de Vale Owen (inglês); *Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte*, de Ernesto Bozzano (italiano); *A Reencarnação*, de Gabriel Delanne (francês); *Fenômenos Hipnóticos e Espíritos*, de César Lombroso (italiano); *A Filosofia Penal dos Espíritos*, de Fernando Ortiz (espanhol); *A Vidente de Prevorst*, de Justinus Kerner (alemão).

Além das traduções, escreveu cerca de trinta obras, sendo seu primeiro romance chamado *Leviana*, quando ainda não era espírita<sup>656</sup>. Já, seu segundo romance, *Os Meneses*, de 1935, editado pela FEB, possuía uma vertente espírita<sup>657</sup>. Sua primeira obra de cunho doutrinário foi *A Margem do Espiritismo*, publicado pela FEB.

Em 1935, inicia a publicação dos livros em defesa do Espiritismo, contra os ataques por ele sofridos, que são responsáveis pela sua consagração no interior do Movimento Espírita Brasileiro. O primeiro deles foi intitulado *O Espiritismo à Luz dos Fatos*, onde contesta a obra de um pastor, livro também editado pela FEB<sup>658</sup>.

Em 1942, publicou pela FEB, o livro *Religião*, onde refutava as alegações dos que combatiam a parte religiosa do Espiritismo, segundo seu autor

Este livro é, portanto, menos uma defesa do Espiritismo contra os que, adversários, lhe negam caráter religioso, para nivelá-lo a credices e superstições cuja prática as leis humanas consideram passíveis de repressão, do que advertência amiga, exortação fraterna, partida de alma substancialmente cristã, [...]<sup>659</sup>

Em 1946, em defesa do Espiritismo e das práticas mediúnicas, e contra o projeto de lei do jurista Nelson Hungria, editou ainda pela FEB *A Mediunidade e a Lei*<sup>660</sup>. Imbassahy ainda editou livros pelas editoras: LAKE, Mundo Espírita, Édipo, FEP, Ghignome, Luzes, EDICEL, Calvário e ECO<sup>661</sup>.

Imbassahy abandonou a carreira de advogado, voltando apenas mais tarde com a intenção de defender o Espiritismo naquilo que ficou conhecido como o caso “Humberto de Campos”. Em 1944, trabalhou

---

<sup>656</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit. p. 34;e IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974).Op. Cit. p. 97-98.

<sup>657</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op. Cit. p. 35.

<sup>658</sup> Ibidem. p. 34-35.

<sup>659</sup> IMBASSAHY, Carlos. Religião: refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em Espiritismo. 5.ed. Rio de Janeiro:FEB, 2002.p.31-32. Ver também Op. Cit. IMBASSAHY; ROCHA.p. 35.

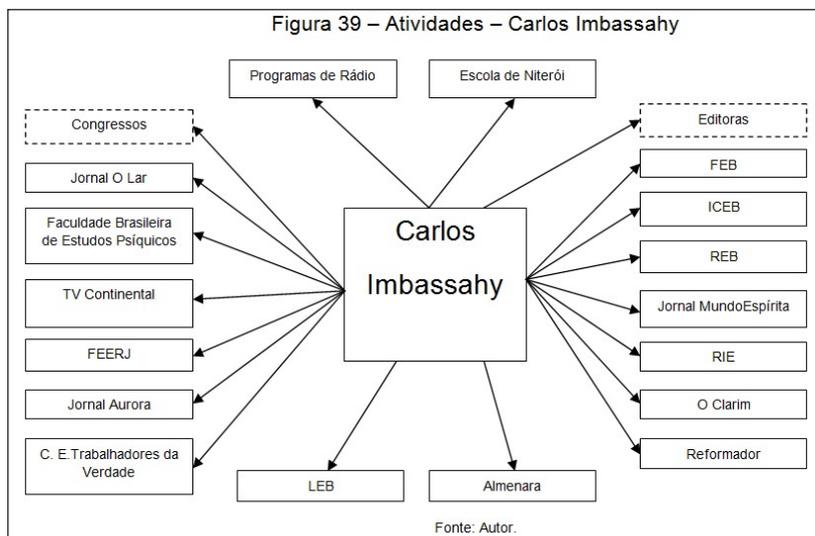
<sup>660</sup> IMBASSAY; ROCHA. Op. Cit. p. 35.

<sup>661</sup> Ibidem. p. 35-36.

em conjunto com a equipe liderada por Miguel Timponi, atuando como auxiliar na defesa da Federação Espírita Brasileira e do médium Francisco Cândido Xavier, de uma ação judicial movida pela família do escritor já morto Humberto de Campos. A viúva e os filhos exigiam que a justiça declarasse se os livros lançados pela editora da FEB e por Chico Xavier eram obras realmente ditadas pelo espírito de Humberto de Campos e, assim, poderiam exigir os direitos autorais sobre a venda dos livros do finado escritor. Carlos Imbassahy ficou responsável pela parte documental científica dos fenômenos espíritas. A questão recebeu bastante destaque na mídia nacional e internacional na época, e, após grandes esforços, o processo teve um final bem-sucedido para a FEB e Chico Xavier<sup>662</sup>.

Morreu quase aos 84 anos, em 1969, na cidade de Niterói (RJ), deixando sua marca e seu legado literário.

A seguir, podemos verificar um diagrama composto do resumo da atuação de Carlos Imbassahy no interior do Campo Espírita Brasileiro.



<sup>662</sup> IMBASSAY, Carlos de Brito (1974). Op. Cit. p.106-107.

Figura 40 – Atividades em Congressos – Carlos Imbassahy

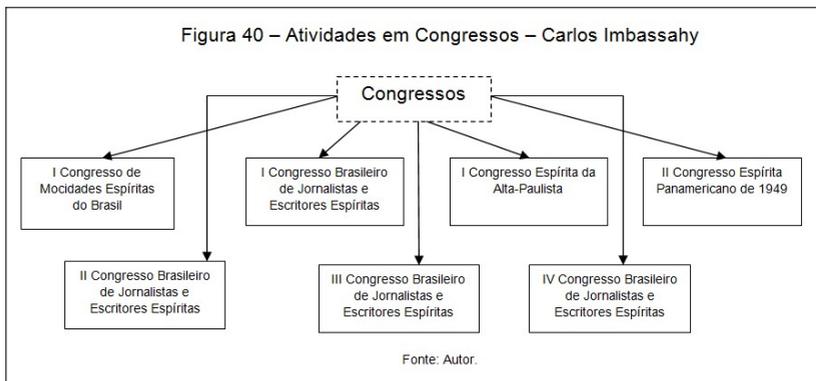
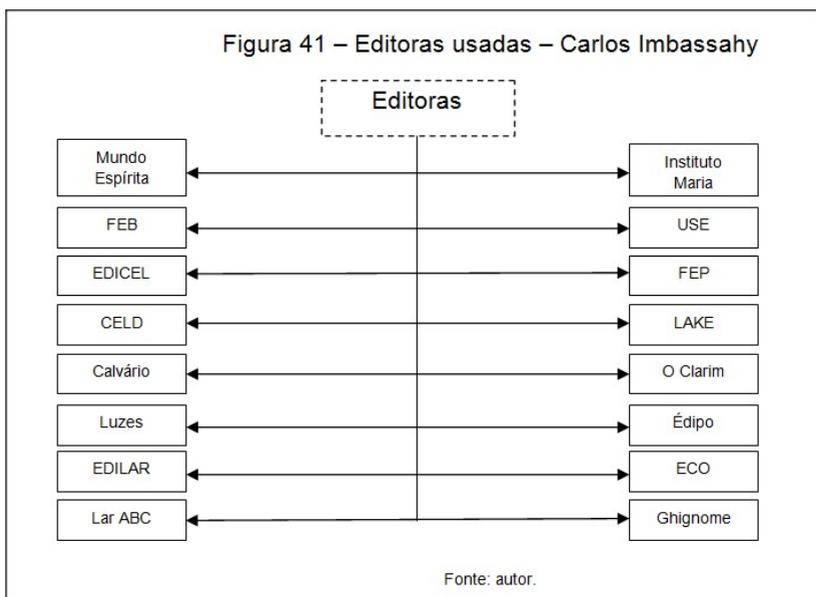


Figura 41 – Editoras usadas – Carlos Imbassahy



### 3.1.2 – Leopoldo Machado

Figura 42 – Leopoldo Machado



Fonte: Sítio Wikimedia - Leopoldo Machado<sup>663</sup>

Outro baiano merece o nosso destaque devido à sua atuação no Movimento Espírita Brasileiro, Leopoldo Machado de Souza Barbosa. Mais conhecido como Leopoldo Machado, nasceu em 30 de setembro de 1891, no Estado da Bahia, no Arraial Cepa Forte, hoje município de Jaindaira, distante 202 km da capital Salvador<sup>664</sup>. Morreu na cidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, em 22 de agosto de 1957<sup>665</sup>.

Teve uma infância marcada pela extrema pobreza, tendo nascido em uma família que nos dias de hoje seria classificada como pertencente ao extrato denominado “abaixo da linha da pobreza”. Seus pais, Eulálio de Souza e Anna Izabel Machado Barbosa, tiveram seis filhos, sendo Leopoldo Machado o mais novo dos meninos, além de uma irmã caçula chamada Leopoldina<sup>666</sup>. Em razão de tamanha pobreza e pela obrigação de trabalhar desde muito cedo e também pela falta de escolas na região em que cresceu, Leopoldo Machado frequentou apenas por oito meses a escola elementar, de acordo como relato de sua irmã Leopoldina, em entrevista concedida a Celso Martins, renomado escritor espírita<sup>667</sup>.

Por volta de 1896, quando Machado teria cinco anos de idade, sua família mudou-se para a cidade de Esplanada, também no interior baiano. Posteriormente, mudaram-se para a cidade de Salvador, capital do Estado, fixando residência inicialmente na “Ladeira do Pelourinho”

<sup>663</sup> Leopoldo Machado. Disponível em :

<<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/54/Leopoldo\\_Machado.JPG/454px-Leopoldo\\_Machado.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/54/Leopoldo_Machado.JPG/454px-Leopoldo_Machado.JPG)>>. Acesso em 20 set. 2015.

<sup>664</sup> VIEIRA, Marco Antônio. Leopoldo Machado: O Mentor das Mocidades Espíritas do Brasil. Rio de Janeiro: CELD, 2013. p. 203.

<sup>665</sup> Ibidem. p. 206.

<sup>666</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 23-26.

<sup>667</sup> Ibidem. p. 27-28.

e, depois, no bairro operário, conhecido por Plataforma, criado pela companhia Progresso Industrial da Bahia<sup>668</sup>.

Desde a infância até aos 18 anos de idade, Leopoldo Machado exerceu os mais variados tipos de trabalho braçal; atuou, por exemplo, como aprendiz de sapateiro, garçom, operário em uma fábrica de charutos e inclusive como operário em pequena fábrica de tecidos e nas docas em Salvador. Desde os 12 anos, passou a exercer a liderança da família, tomando para si a responsabilidade pelo sustento dela, em que pese não ser o mais velho dos irmãos<sup>669</sup>. Em paralelo aos diversos trabalhos estafantes, exerceu os estudos de forma autodidata, “autoalfabetizando-se”, aprendendo a ler e escrever, pois, como vimos anteriormente, passou pelos bancos escolares por exíguos oito meses<sup>670</sup>.

Em torno dos dezoito anos, quando trabalhava como garçom no Hotel Central, em Salvador, iniciou seus estudos da Doutrina Espírita, com o amigo de trabalho Joaquim de Souza Duarte, adquirindo seus livros em um sebo de livros local<sup>671</sup>. Em 1915, quando já possuía 24 anos e trabalhava nas docas, conheceu aquele que seria o seu primeiro e grande mestre em relação ao Espiritismo, José Petitinga, fundador, no mesmo ano, da União Espírita Baiana – UEB, da qual foi seu primeiro presidente<sup>672</sup>. Posteriormente, juntam-se à UEB o jovem médico Manoel Philomeno de Miranda e Manoel Quintão, dois futuros expoentes nacionais do Espiritismo. Pouco tempo depois, Leopoldo Machado assumiria o cargo de secretário da UEB<sup>673</sup>.

Assim como Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado atuou em diversas atividades, tanto no Espiritismo como fora dele; também podemos considerá-lo como alguém multimídia. Além das atividades exercidas em sua juventude, destaca-se sua atuação como jornalista, escritor, poeta, teatrólogo, polemista, contista, professor (de História, Geografia, Língua Portuguesa e Latim), biógrafo, memorialista, participou de bancas examinadoras sobre a língua francesa a convite do Governo do Estado do Rio de Janeiro, orador e conferencista espírita, e empresário no ramo da educação<sup>674</sup>.

Atuou como jornalista e colaborador de revistas e jornais em Salvador, onde exerceu a atividade de crítico literário no *Diário da*

<sup>668</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 29-30.

<sup>669</sup> Ibidem. p. 31-37.

<sup>670</sup> Ibidem. p. 35.

<sup>671</sup> Ibidem. p. 43-44.

<sup>672</sup> Ibidem. p. 47-48.

<sup>673</sup> Ibidem. p. 48-49.

<sup>674</sup> Ibidem. p. 19.

*Bahia* por volta dos anos de 1918 e 1919<sup>675</sup>. Mais tarde, atuou no Jornal *O Correio da Lavoura*, da cidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, nos jornais *a Vanguarda* e *A Pátria*, ambos do Rio de Janeiro e também na revista *O Malho*<sup>676</sup>.

Futuramente fundará, juntamente com sua esposa, e dirigirá o jornal *O Lar*, órgão oficial do Lar de Jesus e também fundará a Editora Lar de Jesus. O jornal foi órgão da Sociedade de Expansão dos Livros de Kardec e contava com a colaboração de Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Levindo Melo e outros<sup>677</sup>. A editora lançou, entre outros livros, *A medicina da Terra e do Espaço*, de Levindo Melo, e *Observações à Margem do Espiritismo*, coletânea baseada na coluna *Obervaçãoes*, de Leopoldo Machado, publicada aos sábados no jornal *Vanguarda*, do Rio de Janeiro<sup>678</sup>.

Sua vida de poeta, com livro publicado, iniciou aos 27 anos em 1918, quando publicou o livro *Saudade*, ainda em Salvador. No ano seguinte, publicou *Meus últimos versos*, também de poesias<sup>679</sup>.

Iniciou-se no magistério por volta dos anos de 1918 e 1921, em Salvador; mais tarde, chegou a possuir seu primeiro colégio, denominado Colégio Olavo Bilac<sup>680</sup>.

Em companhia de sua mãe, irmã e de um dos seus irmãos, Leopoldo mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1922, morando inicialmente no bairro do Méier. Com a intervenção de Manoel Quintão e de José Petitinga, Leopoldo Machado estabeleceu-se no Rio de Janeiro e recebeu ajuda do Almirante Paim Pamplona, que, na época, atuava com dirigente da FEB. Assim, de 1922 a 1926, trabalhou como professor no Colégio Nacional, de propriedade do Almirante Pamplona. Em 1927, foi transferido para a cidade de Paraíba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, para exercer o cargo de Professor e Diretor da filial do Colégio Nacional, permanecendo nessa cidade até 1929. No ano de 1927- casou-se com Marília Ferraz de Almeida Barbosa, que houvera conhecido anteriormente em Salvador<sup>681</sup>.

---

<sup>675</sup> VIEIRA. Op. Cit. p.51.

<sup>676</sup> Ibidem. p.66. Ver também MONTEIRO, Eduardo Carvalho. Leopoldo Machado em São Paulo. São Paulo: Edições USE, 1999. p. 31-35 e p.143.

<sup>677</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p. 40-49.

<sup>678</sup> Ibidem. p. 48-49.

<sup>679</sup> Ibidem. p. 50-51.

<sup>680</sup> Ibidem. p. 51-52.

<sup>681</sup> Ibidem. p. 55-60.

No início de 1931, Leopoldo e sua esposa mudam mais uma vez, agora para Nova Iguaçu no Estado de Rio de Janeiro, onde permaneceriam de forma definitiva<sup>682</sup>.

Leopoldo chegou de Salvador à Capital Federal, já envolvido com o Espiritismo, tendo inclusive atuado como secretário da União Espírita Baiana. Depois em Nova Iguaçu, passou a atuar no Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, homônima a que atuara em Salvador, onde exerceria a presidência durante quase vinte anos. Sempre muito ativo no Movimento Espírita, Leopoldo continuava a escrever em diversos jornais espíritas ou não, em várias localidades do Brasil, tornando-se, assim, conhecido nacionalmente no interior do Movimento Espírita Brasileiro. Dessa maneira, em 1932, lançou seu primeiro título, especificamente ligado ao Espiritismo, intitulado *Consciências*, obra prefaciada por Manoel Quintão. Livro considerado como pioneiro no que se relaciona aos contos espíritas publicados no Brasil, uma vez que os famosos contos publicados por Chico Xavier apenas posteriormente viriam à luz<sup>683</sup>. Leopoldo escreveu cerca de trinta livros com diversos temas e estilos, dos quais destacamos as poesias, prosas, contos, histórias, polêmicas, filosofia, ciência, peças teatrais<sup>684</sup>.

Na imprensa espírita, contribuiu com mais importantes periódicos dos quais ressaltamos, o *Reformador*, *O Clarim* e *Revista Internacional de Espiritismo*, em que contribuiu por mais de vinte anos<sup>685</sup>; no jornal *Mundo Espírita*, de 1934 a 1950<sup>686</sup>, participou nas seguintes colunas: *Notícias da FEB* e *Para o Padre Morais e seus fans*. Manteve coluna na *Revista Estudos Psíquicos*, de Lisboa – Portugal, e, além disso, contribuiu no jornal *Almenara*, do Rio de Janeiro.

Em defesa do Espiritismo, envolveu-se em grandes polêmicas com padres, pastores e médicos, com seus artigos, livros e com tribuna espírita, o que iriginou inúmeros artigos na imprensa espírita, ou não, e também deram causa a alguns livros<sup>687</sup>.

Em 1939, com atuação marcante na Liga Espírita do Brasil, sob a coordenação geral de Deolindo Amorim, dirigiu, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o 1º Congresso de Jornalista e Escritores Espíritas, no qual defendeu a tese *O Espiritismo é Obra de Educação*, a

<sup>682</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 62.

<sup>683</sup> Ibidem. p. 61-66.

<sup>684</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 142. Ver também: RAMOS, Clóvis (1995). Op. Cit. p. 11-16; MARTINS, Celso (2005). Op. Cit. p. 100-104.

<sup>685</sup> MONTEIRO, Eduardo Carvalho (1999). Op Cit. p.11.

<sup>686</sup> Conforme e-mail dirigido ao autor pelo referido jornal.

<sup>687</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 100-102.

qual, posteriormente, foi transformada em livro. Preparou ainda as teses *Das Responsabilidades dos espíritas do Brasil e Brasil, Berço da Humanidade*<sup>688</sup>. Por indicação de Leopoldo Machado, Deolindo Amorim acrescentou os “escritores espíritas” ao congresso, ideia prontamente acatada por Amorim<sup>689</sup>.

Apesar de não receber apoio da FEB, pelo contrário, contou com grande resistência por parte de seus dirigentes, os quais ignoraram suas diversas solicitações, em relação à realização e ao patrocínio de congressos por parte da Federação. Leopoldo Machado, contando com a ajuda de Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Lins de Vasconcelos, entre outros, foi o maior incentivador e criador do 1º Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil, ocorrido de 17 a 23 de julho de 1948, na sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo, contando com a presença de mais de cem grupos de Mocidades Espíritas e mais de seiscentos participantes. Durante o congresso, foi criado o Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil, igualmente ideia de Leopoldo Machado<sup>690</sup>.

Machado é considerado o patrono do movimento juvenil espírita, sendo o grande incentivador das mocidades espíritas. Fundou o segundo grupo de Mocidade Espírita do Brasil, vinculado ao Centro Espírita Fé e Esperança, em 1936<sup>691</sup>. Em 1947, em visita à cidade de Matão, em São Paulo, presidiu a reunião que fundou a Mocidade Espírita Cairbar Schutel, realizada na sede do Centro Espírita Amantes da Pobreza, fundado por Schutel<sup>692</sup>. Além disso militou pelo desenvolvimento da Evangelização Infantil, trabalhando em suas aulas de moral cristã, além de escrever contos infantis e poesias. A inclusão de jovens e crianças no Movimento Espírita, promovida por Machado, fazia parte de seu “Plano de Ação”, ao qual chamava de “Campanha do Espiritismo de Vivos”<sup>693</sup>.

Da mesma forma que Carlos Imbassahy, foi entusiasta e assíduo participante das Semanas Espíritas, inclusive da primeira na cidade de Entre Rios, atual Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro, contando coma colaboração de Imbassahy, Manoel Quintão, Guillon Ribeiro, Ramiro Gama entre outros. Também viajou com o fim de participar das

---

<sup>688</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 70; Op. Cit.RAMOS. p. 12-14.

<sup>689</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 161-162.

<sup>690</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 77-81; 152-168; Op. Cit.RAMOS.p. 12-14.

<sup>691</sup> MARTINS. Op. Cit. p. 83-85.

<sup>692</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p. 75.

<sup>693</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 77-81; 152-168; Op. Cit.RAMOS.p. 12-14.

Semanas Espíritas, pelos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo<sup>694</sup>.

Leopoldo Machado protagonizou inúmeras viagens pelo Brasil a fim de divulgar o Espiritismo. Em 1940, durante os meses de janeiro e fevereiro, excursionou pelo interior e pela capital de São Paulo, percorrendo em torno de quinze cidades. Mais tarde, ainda no mesmo ano, realizou nova excursão de fins doutrinários, agora nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. No ano seguinte, viajou através dos Estados da Bahia, Sergipe, Pernambuco e Alagoas, sempre no interior e nas capitais, divulgando o Espiritismo. Em 1948, realizou nova viagem de fim doutrinário pelo Estado de São Paulo. Em 1950, organizou a Caravana da Fraternidade e participou dela, em visita aos estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil<sup>695</sup>.

Deolindo Amorim, nas páginas da *Revista Internacional de Espiritismo*, de 15 de outubro de 1957, afirmou sobre Leopoldo Machado o seguinte:

[...] foi, a meu ver, um espírita de ação, em todos os sentidos: a tribuna de conferência, o jornal, a polêmica, o livro, a rádio. Como propagandista do Espiritismo, foi, até hoje, creio, o espírita que mais percorreu, neste país, a serviço de nossa Causa<sup>696</sup>.

Ao lado de seu trabalho com a infância e juventude espíritas, destacou-se pela realização do Teatro Espírita, escrevendo inúmeras peças e fundando o Teatro Espírita Leopoldo Machado (TELMA), o qual encenava as peças escritas por Machado nas dependências do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade. Foi igualmente incentivador da Música Espírita, compondo e escrevendo diversas composições<sup>697</sup>.

Voltando um pouco no tempo, mais especificamente ao dia 1º de fevereiro de 1930, encontramos Leopoldo Machado e sua esposa Marília Barbosa envolvidos diretamente com a fundação do Ginásio Leopoldo, primeiro colégio a oferecer curso secundário na região de Nova Iguaçu. Nessa época, Machado ligou-se de forma definitiva ao Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade (CEFEC). Mais tarde, ainda com a colaboração direta de sua esposa, em 1936, fundaram a Escola de

---

<sup>694</sup> MARTINS. Op. Cit. p. 85-87.

<sup>695</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p. 148-150.

<sup>696</sup> AMORIM, Deolindo. Algumas palavras sôbre Leopoldo Machado. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), ano 33, n. 9, 15 de out. 1957, p. 55-57.

<sup>697</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 80-81; RAMOS. Op. Cit. p. 12-14; MARTINS. Op. Cit. p. 88-89.

Alfabetização João Batista, nas dependências do CEFEC, para as crianças pobres que não podiam pagar pelos estudos. Dois anos mais tarde, fundaram, também nas dependências do CEFEC, o Albergue Noturno Allan Kardec. A dupla ainda fundaria em 1942, também em Nova Iguaçu, próximo ao Ginásio Leopoldo, o orfanato Lar de Jesus, destinado a meninas órfãs<sup>698</sup>.

Leopoldo Machado participou de várias entidades culturais, como por exemplo, o Grêmio Intelectual Carioca, mais tarde Academia Carioca de Letras, Grêmio Littero-Científico Rio Branco (RJ), Associação de Ciências e Letras de Petrópolis, Academia Juiz-Forense de Letras (MG), Sociedade de Homens de Letras do Brasil e na Arcádia Iguaçuana (RJ)<sup>699</sup>.

Como vimos anteriormente, junto com sua esposa Marília Barbosa, os companheiros Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim e outros, Leopoldo Machado, aproveitando o grande apelo popular do rádio no fim da década de 1930 e início da de 1940, trabalhou na difusão radiofônica do Espiritismo na Rádio Clube do Brasil – PRE-3, no programa Hora Espírita Radiofônica, onde foi diretor-geral do programa, e também na Rádio Transmissora do Rio, no programa Hora Espiritualista, ambas com alcance nacional<sup>700</sup>.

Por iniciativa de Leopoldo Machado, com a contribuição de João Pinto de Souza e Tavares Ferreira, pela Rádio Ipanema – P.R.H. – 8, da cidade do Rio de Janeiro, a partir de dezembro de 1938, foi ao ar o *Teatro Espiritualista pelo Ar*, transmitido no quarto domingo de cada mês, composto por peças escritas pelo próprio Leopoldo Machado e interpretadas por ele, sua esposa e por alunos da Escola Primária João Batista, e jovens da União da Juventude Espírita de Iguaçu<sup>701</sup>.

Junto com Carlos Imbassahy e Deolindo Amorim, lutaram pela defesa do Espiritismo contra os ataques dos padres católicos, médicos, juristas, etc. Defesa essa responsável por inúmeras palestras, artigos, debates e livros como, por exemplo, *Julga, Lector, por ti mesmo*, de 1937; *Sensacional Polêmica*, de 1938, ambos de Machado contra os padres católicos; *Pigmeus contra Gigantes*, também de Machado, agora contra os médicos e psiquiatras<sup>702</sup>.

O ano de 1948 foi profícuo para Machado, alcunhado “Homem de Congressos”, por seus detratores, devido à sua marcante atuação no

<sup>698</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 65-75.

<sup>699</sup> MARTINS. Op. Cit. p. 89.

<sup>700</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p. 21-54; VIEIRA. Op. Cit. p. 71-72.

<sup>701</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p. 46-48.

<sup>702</sup> RAMOS. Op. Cit. p. 104-122.

1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil e também quando trabalhou de forma incansável na realização do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita na capital paulista, entre 31 de outubro e 5 de novembro, patrocinado pela USE. Inicialmente, o congresso recebeu a designação de Centro-Sulino e, posteriormente, de Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. Leopoldo Machado apresentou no congresso não uma tese como ele mesmo frisou, mas um arrazoado denominado *Estudo e Sugestões*, no qual descreveu a situação do Movimento Espírita à época e também as questões referentes à unificação do movimento, encarado por ele como um “Problema de difícil solução”<sup>703</sup>, e também uma “Unificação Perigosa”<sup>704</sup>. Realizou ainda, na cidade do Rio de Janeiro, a Primeira Festa Nacional do Livro Espírita, em homenagem ao dia 18 de abril, data do lançamento do *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec<sup>705</sup>.

Machado foi fundamental para a costura do Pacto Áureo assinado em 1949, na sede da FEB, em 5 de outubro, e, sobretudo, para sua posterior consolidação nos anos seguintes. Assim, nessa data, foi celebrado o acordo que originou o Conselho Federativo Nacional (CFN), instalado em 1º de janeiro de 1950. Esse aclamado acordo, no início chamado de Acordo da União, passou para a história como Pacto Áureo, alcunha dada por Leopoldo Machado em comum acordo com Lins de Vasconcelos, pois criam que “pacto” seria um nome bem mais abrangente e profundo que o anterior “acordo”<sup>706</sup>.

Posteriormente, Machado foi indicado pela FEB para compor o CFN como representante do Estado da Bahia e convidado a compor uma comissão que deveria viajar pelos Estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil, para divulgar os princípios da unificação e buscar adesões nessas regiões. Inicialmente denominada Caravana da Unificação, chamada por Machado de Caravana da Cordialidade e, finalmente, denominada de Caravana da Fraternidade, pelo espírito de Bezerra de Menezes, por meio do médium Ary Casadio, nome pelo qual ficou conhecida. A caravana, tendo Leopoldo Machado como orador oficial, saiu em 31 de outubro de 1950, da cidade do Rio de Janeiro rumo à

---

<sup>703</sup> USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Impressora Artística Ltda.p. 32-33.

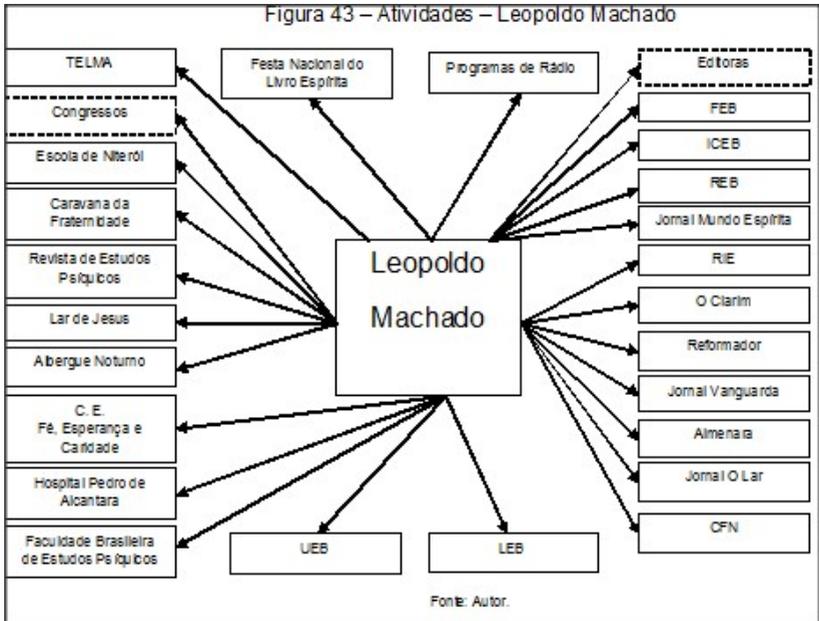
<sup>704</sup> Idem.

<sup>705</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 78-81; MONTEIRO. Op. Cit. p. 86-99.

<sup>706</sup> Op. Cit.VIEIRA. p. 89-91; FEP. **Pacto Áureo**: A vitória da fraternidade. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 2009. p. 51-58.

Bahia e durante quarenta dias percorreu onze Estados, desfazendo-se em 13 de dezembro do mesmo ano, em Belo Horizonte<sup>707</sup>.

A seguir, podemos verificar um diagrama composto do resumo da atuação de Leopoldo Machado no interior do Campo Espírita Brasileiro.

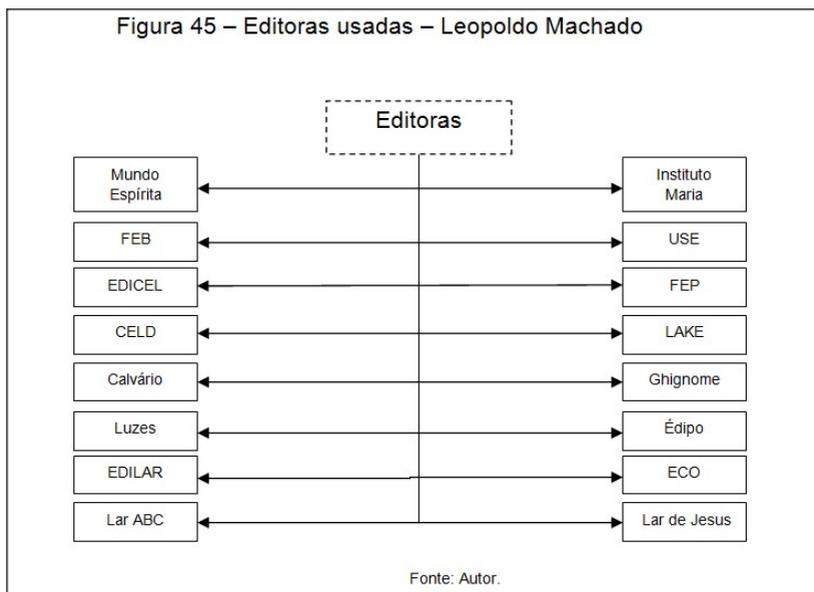


<sup>707</sup> Op. Cit. VIEIRA. p. 91-98; Op. Cit. FEP. p. 366-370.

Figura 44 – Atividades em congressos – Leopoldo Machado



Figura 45 – Editoras usadas – Leopoldo Machado



### 3.1.3 – Deolindo Amorim

Figura 46 – Deolindo Amorim



Fonte: Centro Espírita Trabalhadores de Jesus<sup>708</sup>

Passemos agora para mais um baiano, Deolindo Amorim. Nasceu em 23 de janeiro de 1906, em Baixa Grande, no sertão baiano, e morreu em 24 de abril de 1984, na cidade do Rio de Janeiro, numa família pobre e católica. Órfão de pai ainda muito menino, teve uma infância difícil em termos monetários, vivendo de forma harmoniosa com sua mãe e seu padrasto. Em razão da pobreza, foi obrigado a afastar-se dos bancos escolares, completando apenas o curso primário<sup>709</sup>.

Depois da morte de sua mãe, em 1925, contando com apenas 17 anos, Deolindo Amorim resolveu mudar-se para o sul da Bahia, onde trabalhou no comércio local, como caixeiro. No ano seguinte, mudou-se mais uma vez, agora para Aracaju, capital do Estado de Sergipe, lá vivendo na casa de um pastor presbiteriano. Sob a influência desse pastor, tornou-se presbiteriano, chegando mesmo a escrever artigos no jornal evangélico da cidade. Rompeu com sua igreja e permaneceu muitos anos sem definição religiosa. Anos mais tarde, em 1935, já no Rio de Janeiro, descobriu o Espiritismo<sup>710</sup>.

Ainda em Aracaju, alistou-se no exército e foi transferido para a capital federal, por iniciativa própria. Aproveitando seu escasso tempo livre, dedicou-se ao aperfeiçoamento intelectual de forma autodidata, passando horas na Biblioteca Nacional, em visitas a museus, além de comprar livros nos sebos e pedir jornais emprestados. Somando-se a

<sup>708</sup> Centro Espírita Trabalhadores de Jesus .Deolindo Amorim. Disponível em: << <http://www.cetj.org.br/cetj/wp-content/uploads/2015/10/deolindo1.jpg>>>. Acesso em: 15 set. 2015.

<sup>709</sup> GHIGGINO, Ivone M. M. **Deolindo Amorim**. Rio de Janeiro: Edilar – Editora Lar Fabiano de Cristo, 2007. p. 25-35.

<sup>710</sup> GHIGGINO.Op. Cit. p. 32-35.

isso, compareceu a diversas conferências e palestras. Com seus esforços, participou, como aluno ouvinte de Sociologia, Filosofia, Ciências Sociais, Metodologia, Pesquisas Sociológicas, Economia, nos cursos de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia, bem como na Faculdade Brasileira de Serviço Social<sup>711</sup>.

Mais tarde, foi promovido a Cabo e, durante essa época, passou a colaborar com artigos no prestigiado jornal carioca, *Jornal do Commercio*, de forma ainda anônima. Algum tempo depois, deu baixa no Exército e foi trabalhar na redação de diversos jornais, assinando seus artigos e revisando os de outros colegas de trabalho. Durante muitos anos, contribuiu na *Sessão Literária do Jornal do Commercio*<sup>712</sup>. No Rio de Janeiro, participou também do jornal *Vanguarda* e, posteriormente, em *O Radical*. Atuou como revisor no Instituto Pedagógico do Rio de Janeiro, na revista especializada em economia *Digesto Econômico* e na *Revista de Estudos Pedagógicos*, de São Paulo<sup>713</sup>.

Aos 29 anos, em 1935, Deolindo Amorim foi convidado a participar de uma reunião no Centro Espírita Jorge Niemeyer, em Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro e, segundo o relato de sua esposa, Delta dos Santos Amorim, iniciou-se no Espiritismo após a leitura do livro *O Porquê da Vida*, de Léon Denis, recomendado desde sua primeira visita àquele centro espírita<sup>714</sup>.

Já adaptado à antiga capital do Brasil, Deolindo Amorim tornou-se jornalista profissional e, posteriormente, funcionário público, trabalhando na Secretaria de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda, onde galgou elevada posição funcional<sup>715</sup>. Como os demais baianos aqui retratados, Deolindo Amorim também atuou em diversas frentes concomitantemente, jornalista, conferencista, graduou-se em Filosofia após os 40 anos, foi escritor, sociólogo, pedagogo, pertenceu à Sociedade Brasileira de Filosofia e também ao Instituto Histórico e

---

<sup>711</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 34-35; AMORIM, Delta dos Santos. Depoimento de uma esposa. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 11-17; SALLES, Lauro. A saga de um idealista. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 24-26.

<sup>712</sup> Idem.

<sup>713</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 34-35;

<sup>714</sup> AMORIM, Delta dos Santos. Op.Cit. p. 12; GHIGGINO. Op. Cit. p. 38-39;

<sup>715</sup> NASCIMENTO; LIMA; AMORIM. Op. Cit. p. 12-13.

Geográfico da Bahia, publicando diversos artigos em sua revista, foi sócio remido da Associação Brasileira de Imprensa –(ABI)<sup>716</sup>.

Sua atuação no Movimento Espírita foi das mais renomadas e festejadas através dos tempos, nos mais diversos periódicos espíritas. Como vimos anteriormente, Deolindo Amorim iniciou suas atividades espíritas em 1935, no Centro Espírita Jorge Niemeyer. Quatro anos depois, o encontramos idealizando e organizando o I Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas do Brasil, na sede da ABI, na cidade do Rio de Janeiro, do qual foi eleito presidente, tendo atuação marcante junto com Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy. Como fruto desse trabalho, identificamos a futura constituição da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE), da qual foi sócio-fundador e presidente durante vários anos<sup>717</sup>.

Já na primeira eleição, após integrar-se ao Centro Espírita Jorge Niemeyer, elegeu-se para o cargo de 1º secretário. Logo depois, passou a atuar na Liga Espírita do Brasil e, em maio de 1937, tomou posse como Procurador da Liga, sob a presidência do Comandante João Torres, ocupando, a seguir, rapidamente, por meio de eleições, os cargos de 1º secretário, Secretário-Geral e 2º Vice-Presidente, deixando-o apenas em virtude dos seus inúmeros afazeres no Instituto de Cultura Espírita do Brasil<sup>718</sup>.

Incansável em seu trabalho pela defesa do Espiritismo e no interior do Movimento Espírita em várias instituições e eventos, Deolindo Amorim participou em 1939, além da criação e organização do I Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas do Brasil, visto anteriormente, também da Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, a qual foi presidida por Artur Lins de Vasconcellos Lopes<sup>719</sup>.

Ao lado de Carlos Imbassahy e Leopoldo Machado, Deolindo Amorim foi um dos mais ardorosos defensores do Movimento Espírita, de caráter menos explosivo que Leopoldo Machado, porém implacável com os detratores como Imbassahy. Participou de corpo e alma das polêmicas, debatendo com o sindicato e entidade de classe dos médicos, autoridades republicanas, o clero e com a imprensa não espírita. Como um rápido exemplo, podemos destacar o seu livro *Africanismo e Espiritismo*, em resposta aos ataques do médico Xavier de Oliveira, para

<sup>716</sup> SALLES, Lauro. Op. Cit. p. 24-25; GHIGGINO. Op. Cit. p. 34-39.

<sup>717</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 38-42.

<sup>718</sup> LUCENA, Antonio de Souza. Deolindo. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra**. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 115-116.

<sup>719</sup> LUCENA. Op. Cit. p. 116-117.

quem o Espiritismo não passava de uma Fábrica de Loucos, no que era secundado pela imprensa e autoridades como “espiritismo de terreiro” e “baixo espiritismo”<sup>720</sup>.

Mais uma vez, com o auxílio imprescindível de Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy, em 1948, atuou de forma decisiva na elaboração do 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil e na criação do Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil, e, no ano seguinte, foi secretário do 2º Congresso Pan-Americano, realizado no Rio de Janeiro, sendo eleito Secretário da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), para o próximo triênio<sup>721</sup>.

Foi colaborador ativo de inúmeros jornais e revistas espíritas ou não, neste caso, em vários deles, escrevia sobre o Espiritismo. Dentre os periódicos ligados ao Movimento Espírita, destacamos sua atuação como redator e colunista do jornal *Mundo Espírita*, de 1941 a 1984, nas seguintes colunas: *Notícias da FEB* e *Assuntos Atuais*<sup>722</sup>; no jornal *O Clarim* e na “Revista Internacional de Espiritismo” de Matão (SP); jornal *Almenara*, no Rio de Janeiro; na revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa, em Portugal; e na *Revista Espírita do Brasil*, órgão oficial da Liga Espírita do Brasil<sup>723</sup>. Manteve uma coluna no jornal *Vanguarda*, de propriedade de Serôa da Mota, na cidade do Rio de Janeiro, a convite de Álvaro Brandão da Rocha, na qual convidava diversos companheiros a dela participarem escrevendo, realizava entrevistas e enquetes, além de divulgar palestras e comemorações referentes ao Movimento Espírita de forma geral<sup>724</sup>.

Atuou como grande tribuno espírita, viajando por grande parte do Brasil, e também proferiu inúmeras conferências em instituições não espíritas em defesa do Espiritismo ou explicando-o para leigos. Destacar, a seguir, algumas de suas conferências:

- em 1956, no Instituto de Criminologia da Universidade do Distrito Federal, com o tema *Criminoso nato*, palestra que deu origem a seu livro *Espiritismo e Crimonologia*;
- na Faculdade de Direito em Florianópolis – SC”;
- em seminário católico, em Petrópolis, sobre o sincretismo religioso;

---

<sup>720</sup> DIAS, Krishnamurti. Deolindo. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 110-111.

<sup>721</sup> LUCENA. Op.cit. p. 116-117.; GHIGGINO. Op. Cit. p. 41.

<sup>722</sup> Conforme e-mail dirigido ao autor pelo referido jornal.

<sup>723</sup> LUCENA. Op.cit. p. 115-116.

<sup>724</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 39.

- debate com estudantes de Psicologia da PUC – Rio de Janeiro, no curso de Ética Cristã;
- no Hospital Pinel, no Rio de Janeiro, com o tema *Suicídio em face do Espiritismo*;
- na Academia Brasileira de Letras, sobre o ex-presidente da FEB, Manoel Quintão;
- na Sociedade Brasileira de Filosofia, sobre Léon Denis<sup>725</sup>.

Nas inúmeras viagens que realizou ao longo de sua vida, principalmente após a aposentadoria, Deolindo Amorim não perdia a oportunidade de divulgar o Espiritismo e o ICEB. Participou de forma efetiva das Semanas Espíritas, de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, como presidente do ICEB, comparecendo a todas, até a sua morte. Empreendeu viagens ao interior dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, sempre difundindo o Espiritismo<sup>726</sup>.

Durante o mês de abril de 1945, Deolindo Amorim publicou um artigo no jornal *Mundo Espírita*, homenageando o dia da publicação de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec; dias depois, o artigo virou um folheto que foi distribuído em 18 de abril. Em razão desse artigo, Deolindo Amorim teve a iniciativa de fundar o Centro Espírita em 18 de abril em 1946, que continha no art. 1º de seus estatutos “é uma sociedade civil com sede e foro no Distrito Federal, para estudar o Espiritismo de acordo com a codificação de Allan Kardec”. Em reunião preparatória para a fundação do centro, ficou firmado o compromisso de realizar um *Curso Regular de Espiritismo*, conforme consta em *Obras Póstumas*, de Allan Kardec, referente ao *Projeto de 1868*<sup>727</sup>.

Foi fundador e primeiro secretário da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, em 1941, junto com o médico Levindo Melo, sociedade que tivera uma tentativa inicial de fundação em 1933,

---

<sup>725</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 40-41.

<sup>726</sup> PRADO, Alfredo Miranda. O Deolindo que eu conheci. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra.** Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 35-53.

<sup>727</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 42; PEREIRA, Flávio de Souza. Lembranças do “18”. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra.** Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 115-116.

cujo objetivo era, segundo seus estatutos, pesquisar e defender o Espiritismo<sup>728</sup>.

Atuou com diretor técnico da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, inclusive como seu último presidente, cabendo a ele promover o seu encerramento em dezembro de 1957<sup>729</sup>. A faculdade funcionou regularmente por mais de doze anos; não era, a rigor, uma instituição espírita, embora dela tenham participado inúmeros espíritas e o Espiritismo fazia parte do programa de ensino como disciplina, da mesma forma que a Biologia, Psicologia, História das Religiões, etc. O curso tinha duração de três anos, e a faculdade funcionava como escola livre. Também dela participaram como professores ligados à cadeira de Espiritismo, além de Deolindo Amorim, Newton de Barros, Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy e Lauro Pastor de Almeida, fora muitos outros que palestraram sobre o Espiritismo. A faculdade possuiu cinco diretores em sua história, sendo quatro deles ligados ao Espiritismo de forma declarada: Lins e Vasconcellos, Arnaldo S. Thiago, Celso Ferreira e Deolindo Amorim<sup>730</sup>

Deolindo Amorim, demonstrando mais uma vez sua preocupação com os estudos espíritas, declarou a respeito dos objetivos da faculdade que

O maior objetivo da Faculdade de Estudos Psíquicos era justamente despertar interesse pelos estudos espiritualistas em geral, e, de um modo especial, melhorar o nível intelectual de doutrinadores e expositores da Doutrina Espírita, dando-lhes oportunidade franca de formar um lastro de cultura capaz de atender às próprias exigências da vida moderna em relação à divulgação da doutrina. Foi sob esta feliz inspiração que nasceu a Faculdade. Entre seus fundadores e professores, havia elementos oriundos de diversas correntes espiritualistas: umbandistas, teosofistas, esoteristas, etc., mas alguns espíritas logo se juntaram ao grupo, justamente porque compreenderam e sentiram os objetivos da iniciativa<sup>731</sup>

Em 7 de dezembro de 1957, uma semana depois do encerramento das atividades da Faculdade Brasileira de Estudos

<sup>728</sup> LUCENA. Op.Cit. p. 115-116; COSTA, F. L.da. 2001. Demônios e anjos: o embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX. Ponta Grossa/PR (Tese de Doutorado). p.20-21.

<sup>729</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 42-53; LUCENA. Op.Cit. p. 115-116;

<sup>730</sup> AMORIM, Deolindo (1980). Op. Cit. p. 163-166.

<sup>731</sup> ICEB. **O ICEB conta sua história.** Conforme <[http://www.portaliceb.org.br/wordpress/?page\\_id=83](http://www.portaliceb.org.br/wordpress/?page_id=83)> Acessado em 25/03/14 às 12:02.

Psíquicos, em 30 de novembro de 1957, Deolindo Amorim fundou, nas dependências da antiga Liga Espírita do Distrito Federal, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, ocupando sua presidência até a sua morte. De acordo com Deolindo Amorim, o instituto não deveria ser caracterizado como uma mera continuação da faculdade

O Instituto veio, como se vê, depois da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, não é o resultado de uma fusão nem transformação. A Faculdade ficou e o Instituto surgiu, por necessidade, e dentro de outro quadro de circunstâncias. Mas a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos prestou inestimáveis serviços à causa espírita. Deixou frutos. Não “gorou”, mas vingou, e vingou bem, desempenhou satisfatoriamente seu papel até que chegou o momento em que teria de dar por encerrada sua nobre e produtiva tarefa.<sup>732</sup>

Entre os inúmeros fundadores do instituto, encontramos Carlos Imbassahy, Antônio Pereira Guedes, Henrique Andrade, Leopoldo Machado (como homenagem póstuma foi incluído entre os fundadores) e muitos outros<sup>733</sup>.

O nome do instituto foi definido mediante eleição, por maioria de votos, na qual concorreram nomes escolhidos em assembleia prévia:

- Instituto de Estudos Espíritas – proposto pelo Cel. Delfino Ferreira.
- Instituto Brasileiro de Espiritismo.
- Instituto de Cultura Espírita do Brasil.
- Instituto de Ciência Psíquica – proposto por Carlos Imbassahy<sup>734</sup>.

De acordo com seu fundador, o ICEB deveria possuir o caráter de um curso regular de Espiritismo, afirmando nas páginas do jornal *Mundo Espírita* de 10 outubro de 1972 que

o Instituto é uma entidade nova, mas não tem a pretensão de ser original, visto como a idéia de cursos de Espiritismo é muito mais antiga do que a nossa geração, conquanto muitas pessoas ainda vejam nisto um arremedo acadêmico, sem utilidade para o progresso do Espírito. Não é verdade, e é o bom senso, é a experiência que o demonstra. Que nos baste apenas recordar que partiu do

<sup>732</sup> AMORIM, Deolindo (1980). Op. Cit. p. 169; GHIGGINO. Op. Cit. p. 51.

<sup>733</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 42-45.

<sup>734</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 49-51.

próprio Allan Kardec a primeira idéia de um curso regular de Espiritismo. Está em “Obras Póstumas”, no projeto de 1868, já muitas vezes citado. Um curso – dizia ele – para “desenvolver os princípios da ciência e difundir o gosto pelos estudos sérios”. A Idéia, portanto, vem de longe. Kardec, com a sua iluminação espiritual, já previa há quase um século, a repercussão do Espiritismo também na cultura humana, e por isso ele próprio chegara a dizer que o Espiritismo ainda viria retificar os erros da História<sup>735</sup>.

O instituto não passou ileso pelas críticas de membros do Movimento Espírita, sendo apelidado por alguns de “Sorbone”, referindo-se a um pretensão caráter elitista, a um suposto academicismo ou intelectualismo<sup>736</sup>. Ao comentar as resistências sofridas pelo ICEB no interior do Movimento Espírita em relação ao conteúdo e método utilizados, Deolindo Amorim afirmou, no encerramento das atividades do instituto em 1964, o seguinte:

[...]

Há quem veja na ação do Instituto, e não é mais segredo para nenhum de nós, da Diretoria, uma tendência muito acentuada para se desviar dos estilos habituais do meio espírita. Por outras palavras, isto quer dizer, nada mais, nada menos, o seguinte: entendem certos companheiros nossos que o instituto se preocupa muito com a parte cultural, deixando de lado a parte sentimental do Espiritismo. Quanto ao fato de o Instituto se interessar pelo aspecto cultural do Espiritismo, é verdade, e ele foi criado para isto; quanto à parte sentimental, isto é, um problema subjetivo, cada qual que procure desenvolver os seus sentimentos, aplicando os ensinamentos da doutrina.

[...]

A Doutrina Espírita está no mundo, está na Terra, não está no espaço, não está nas regiões etéreas. Logo, ela deve encarar de frente a realidade humana. É necessário, porém, atualizar a cultura, evitar a repetição de argumentos que já pertencem à categoria dos conceitos históricos, a fim de que não digam que a Doutrina Espírita já se esvaziou, já não tem mais linguagem para a nossa época.

[...] <sup>737</sup>

<sup>735</sup> Instituto de Cultura Espírita do Brasil. **Mundo Espírita**. Curitiba, 10 out.1972. Ano XV, p.4.

<sup>736</sup> DIAS, Krishnamurti. Op.Cit. p. 110-111.

<sup>737</sup> GHIGGINO. Op. Cit. p. 52-55.

Como escritor, Deolindo Amorim teve alguns livros editados enquanto vivo e outros após sua morte, nos quais foram reunidos alguns artigos de sua autoria em coletâneas elaboradas por companheiros espíritas dentre um verdadeiro mar de artigos espalhados pelos mais diversos jornais e revistas. A título de ilustração, segue uma pequena amostra de seus livros:

- Africanismo e Espiritismo (1947).
- O Espiritismo e os problemas humanos (1948).
- Análises Espíritas.
- Doutrina Espírita.
- O Espiritismo à Luz da Crítica (1955).
- Espiritismo e Criminologia (1955).
- O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas (1957).
- Allan Kardec, o Homem, a Época, o Meio, a Missão (1976).
- Idéias e Reminiscências Espíritas (1980).
- Ponto de Encontro (1983).
- Ponderações Doutrinárias.
- Cadernos Doutrinários do Centro 18 de abril – 5 volumes.
- O Pensamento Filosófico de Leon Denis.
- Relembrando Deolindo – Vol.1.
- Relembrando Deolindo – Vol.2.
- Sertão de meu tempo – não espírita.
- Bahia nos Gabinetes Ministeriais da Monarquia – não espírita.
- Tradições comerciais da Bahia – não espírita<sup>738</sup>.

Em sua vocação para a difusão do Espiritismo, Deolindo Amorim também participou de forma pioneira na radiodifusão espírita. Como mencionamos anteriormente, encontramos Deolindo Amorim em 1938, ao lado de Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Antonio Pereira Guedes, Lins de Vasconcellos, Jayme Rolemberg de Lima, na nova fase do programa *Hora Espiritualista de João Pinto de Souza*, pela Rádio Transmissora do Rio<sup>739</sup>.

Na Rádio Guanabara – P.R.C. – 8, da cidade do Rio de Janeiro, em 1951, fez parte do programa *Seleções Espiritualistas*, ao lado do Cel. Delfino Ferreira Jr., presidente da CEPA, J.C. Moreira Guimarães,

---

<sup>738</sup> Op. Cit. GHIGGINO. p. 5-7-58; NASCIMENTO, Sergio Carvalho do. A Obra de Deolindo. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra**. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 110-111.

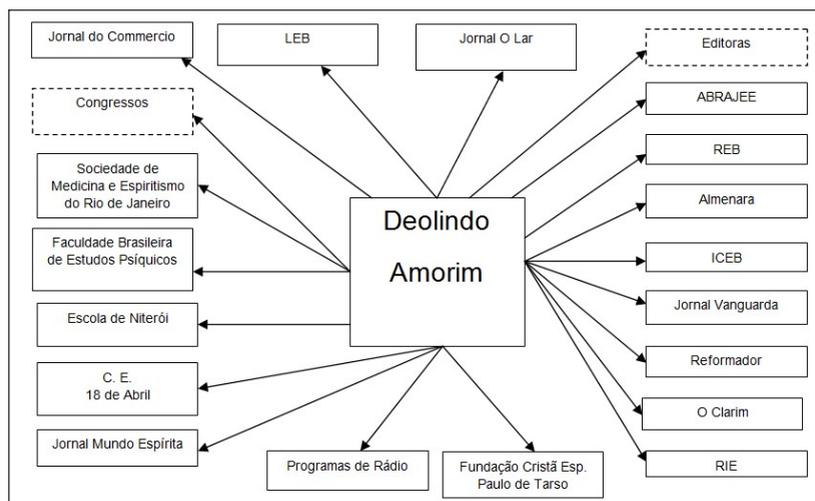
<sup>739</sup> MONTEIRO, Eduardo Carvalho (2004). Op. Cit. p. 21-54.

Rodolpho Penna Ribas, entre outros, no qual apresentava, todas as quartas-feiras, de 19:00 às 19:30, o quadro *Estudos da Doutrina Espírita*<sup>740</sup>. Com o material utilizado para a feitura do programa, Deolindo Amorim lançou o livro *O Espiritismo à Luz da Crítica*, em resposta ao padre Álvaro Negromonte, e o seu livro *O que é o Espiritismo*<sup>741</sup>.

Ao lado de Geraldo de Aquino, Gal. Milton O'Relly de Souza e muitos outros, participou da fundação da Rádio Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1971, compondo como fundador e conselheiro da Fundação Cristã Espírita Cultural Paulo de Tarso, mantenedora da rádio, a qual se encontra em atividade até o presente momento<sup>742</sup>.

A seguir, um diagrama composto do resumo da atuação de Deolindo Amorim no interior do Campo Espírita Brasileiro.

Figura 47 – Atividades – Deolindo Amorim



Fonte: autor.

<sup>740</sup> MONTEIRO, Eduardo Carvalho (2004). Op. Cit. p. 38-39.

<sup>741</sup> JORGE, José. *O Espiritismo à Luz da Crítica*. In: NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (Org.). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra**. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999. p. 110-111.

<sup>742</sup> MONTEIRO, Eduardo Carvalho. Op. Cit. p. 21-54.

Figura 48 – Atividades em congressos – Deolindo Amorim

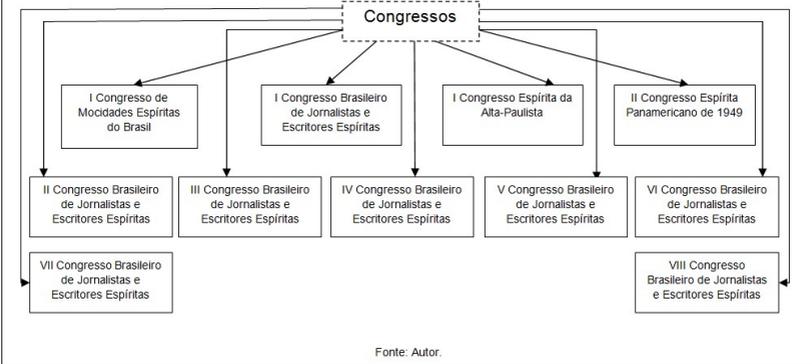
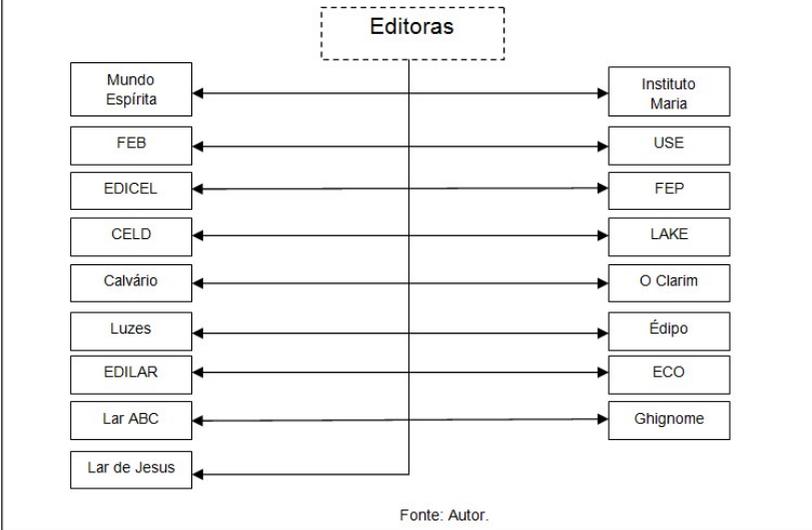
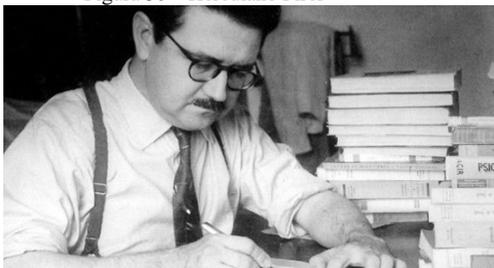


Figura 49 – Editoras usadas – Deolindo Amorim



### 3.1.4 – Herculano Pires

Figura 50 – Herculano Pires



Fonte: Sítio Visão Espírita<sup>743</sup>

Saindo um pouco da Bahia e do exílio carioca, encontramos em São Paulo, José Herculano Pires, nascido em Avaré, no Estado de São Paulo em 25 de setembro de 1914; morreu em São Paulo capital em 9 de março de 1979. Oriundo de uma família católica, filho do farmacêutico José Pires Correia e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires, fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César. Junto com a família, mudou-se de Avaré para a cidade de Itaí em 1920, aos seis anos. Demonstrou sua vocação literária já aos nove anos, ao fazer seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, da sua cidade natal. Aos dez anos, mudou-se mais uma vez, agora para a cidade de Cerqueira César, para logo depois retornar para Avaré, onde nascera<sup>744</sup>.

Aos treze anos, trabalhou como tipógrafo auxiliar, ajudando na publicação do tabloide *O Porvir*, jornal de seu pai, que, mais tarde, ele dirigiria até 1929. Aos dezesseis anos, publicou seu primeiro livro, *Sonhos Azuis* (contos), e aos dezoito, o segundo livro, *Coração* (poemas livres e sonetos). Contribuiu com vários jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro<sup>745</sup>.

Herculano Pires, como os demais intelectuais aqui citados, foi um homem múltiplo, multifunção. Foi jornalista, filósofo, educador, escritor, parapsicólogo, romancista, poeta, tradutor das principais obras de Kardec. Em todas as atividades, sobressaiu-se de forma brilhante,

<sup>743</sup> Herculano Pires. Disponível em: <<[http://visaoespiritabr.com.br/wp-content/uploads/2016/01/herculano\\_pires.jpg](http://visaoespiritabr.com.br/wp-content/uploads/2016/01/herculano_pires.jpg)>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

<sup>744</sup> RIZZINI, Jorge (2001). Op. Cit. p. 13-18.

<sup>745</sup> Ibidem. p. 19-21. Ver também Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires. **Biografia**. Disponível em: <<<http://www.herculanopires.org.br/herculanopires/biografia#>>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

com grande destaque tanto no interior do Movimento Espírita Brasileiro quanto fora dele.

Herculano Pires, aos dezessete anos, fundou a União Artística do Interior (UAI), em 5 de junho de 1932, sendo seu primeiro presidente. A UAI tinha como objetivo promover a “defesa dos interesses dos nossos escritores, difusão da cultura artística em geral, amparo e incentivo ao desenvolvimento das artes e letras, inclusive a formação de núcleos nas diversas cidades”<sup>746</sup>.

A fim de continuar os estudos, mudou-se para Botucatu, onde passou a frequentar a Escola Normal, mas defrontou-se com duas dificuldades: o salário como repórter do *Correio de Botucatu* era muito pequeno, e as horas livres para o estudo não se conciliavam com o horário da escola. Permaneceu por pouco tempo em Botucatu. Mais uma vez, mudou-se, agora para a cidade de Sorocaba, e lá as mesmas dificuldades se mantiveram. Iniciou trabalhando em uma gráfica, mas, logo depois, deixou-a e tornou-se repórter dos jornais: *Correio de Sorocaba* e *Cruzeiro do Sul*. Dois anos depois, voltou a morar em Cerqueira César, e mais uma vez passou a dirigir a gráfica e o jornal. Por essa época, Herculano Pires já possuía contos publicados em *A Cigarra*, *O Malho*, e na *Revista da Semana*, todas do Rio de Janeiro, com circulação nacional<sup>747</sup>.

Nascido em família católica, permaneceu no catolicismo até aos quinze anos de idade. Depois, com a crise, não passou diretamente do Catolicismo para o Espiritismo. Devido à influência de um primo de seu pai, Francisco Correa de Melo, tornou-se teosofista. Posteriormente, aos 22 anos, abandona a Teosofia e converte-se ao Espiritismo. Sobre esse fato Herculano Pires relata o seguinte:

Eu não queria saber do espiritismo, que por minha formação considerava um amontoado de superstições. Um dia, meu saudoso amigo Dadício de Oliveira Baulet me desafiou a ler *O livro dos espíritos* de Allan Kardec. A contra gosto aceitei o desafio e o estou lendo e estudando até hoje. Tornei-me espírita pelo raciocínio. Isso ocorreu em 1936; eu tinha, então, 22 anos<sup>748</sup>.

Ainda aos 22 anos, em 1936, Herculano Pires foi eleito presidente de um centro espírita que dois amigos seus fundaram na cidadezinha de Cerqueira César: Ciro Milton de Abreu e Dadício de

---

<sup>746</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 25.

<sup>747</sup> Ibidem. p. 30-31.

<sup>748</sup> Ibidem. p. 32-33.

Oliveira Baullet. Recebeu o nome de Humberto de Campos, porque o famoso escritor maranhense vinha manifestando-se através da mediunidade psicográfica de Chico Xavier. Além disso, foi em 1936 que Herculano Pires pronunciou sua primeira conferência doutrinária na cidade de Ipaussu, no interior do Estado de São Paulo<sup>749</sup>.

O Primeiro artigo de Herculano Pires tinha por título *Confiteor, um livro doloroso*, foi escrito em 1938 e publicado na *Revista Internacional de Espiritismo*, de fevereiro de 1938, a primeira edição após a morte de Cairbar Schutel, nessa época, junto com o jornal *O Clarim* eram os principais periódicos da imprensa espírita paulista<sup>750</sup>.

Também em 1938 conheceu Maria Virgínia Ferraz, com quem dois anos mais tarde se casaria, e onze meses mais tarde nasceu sua primeira filha. Em razão do aumento das dificuldades econômicas, resolveu mudar-se para Marília, no interior paulista, visto que essa cidade oferecia maiores condições profissionais<sup>751</sup>.

Logo a seguir, conseguiu emprego no *Diário Paulista*, matutino que circulava em todas as cidades da região conhecida por Alta Paulista<sup>752</sup>. Como o jornal não atravessava uma boa situação financeira, atrasando o salário constantemente, Herculano Pires, com 26 anos de idade conseguiu um empréstimo bancário e comprou o jornal à prestação. Comprou em São Paulo, também à prestação, uma máquina linotipo nova e trouxe para Marília dois experimentados jornalistas. Por essa época, Herculano Pires lançou *Estradas e Ruas*, livro de poemas, editado em 1943, pela Editora Civilização Brasileira, o qual mereceu comentários elogiosos do crítico literário Sérgio Milliet e do escritor Érico Veríssimo<sup>753</sup>.

Em Marília, passou a frequentar, acompanhado da esposa, o Centro Espírita Luz e Verdade, no qual passou a comentar as passagens do livro de Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. O Movimento Espírita de Marília foi um dos primeiros a organizar-se no interior paulista, contando muito com a contribuição de Herculano Pires, onde

<sup>749</sup> RIZZINI. Op. Cit.p. 36-38.

<sup>750</sup> RIZZINI. Op.Cit. p. 36-39.

<sup>751</sup> Ibidem. p. 42-44.

<sup>752</sup> Antiga região ferroviária do estado de São Paulo colonizada em maior escala a partir da primeira metade do século XX, tradicionalmente conhecida como a faixa de terras situada entre o Rio Aguapeí ou Feio e o Rio do Peixe, por onde passava o traçado do Tronco Oeste da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Algumas das cidades da região são: Garça, Marília, Tupã, Parapuã, Rinópolis, Osvaldo Cruz, Inúbia Paulista, Lucélia, Adamantina, Pacaembu, Dracena, Panorama. – Conforme <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alta\\_Paulista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alta_Paulista)>>. Acessado em: 15/03/2015.

<sup>753</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 46-47.

atuou durante seis anos consecutivos. Em novembro de 1941, Herculano Pires fundou a Mocidade Espírita de Marília.

Junto com Eurípedes Soares da Rocha, trabalharam e desenvolveram o hospital espírita de Marília, destinado ao socorro gratuito aos doentes mentais não apenas de Marília, mas de toda a Alta Paulista. Herculano Pires fazia parte da diretoria, tinha o cargo de segundo secretário e Eurípedes Soares da Rocha o de provedor<sup>754</sup>.

Em virtude da atuação do hospital, enfrentou sua primeira grande polêmica pública em favor do Espiritismo, contra o médico Rodrigo Argolo Ferrão, médico-chefe da Casa de Saúde São Luís, o qual combatia iniciativa dos espíritas pelas páginas do *Correio de Marília*. Herculano Pires respondeu-lhe por intermédio de sua coluna, no *Diário Paulista*. A segunda polêmica pública que enfrentou foi devido à publicação do livro *Temas Espirituais*, do pastor protestante Otoniel Mota, fundador da Associação Evangélica Brasileira. A defesa de Herculano Pires encontra-se no opúsculo de 21 páginas *És mestre... e ignoras estas coisas?*, que a Casa Editora O Clarim editou em 1946<sup>755</sup>.

Um marco distintivo da atuação de Herculano Pires no Movimento Espírita, mais especificamente, do interior paulista, foi a realização do Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, que Urbano de Assis Xavier presidiu e Herculano Pires planificou e secretariou. Realizou-se no período de 30 de março a 4 de abril de 1946, em Marília<sup>756</sup>.

Prova do pioneirismo de Herculano Pires foi a tese apresentada por ele no congresso de Marília e devidamente aprovada, na qual recomendava a formação de Conselhos Espíritas Municipais nas cidades a fim de promover a unificação dos movimentos locais, compondo esses conselhos os representantes de todos os centros existentes em cada localidade. Portanto, essa proposta antecipava em um ano a criação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, criada oficialmente na capital paulista, pelo 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo, dado que já eram organizados à época Conselhos Municipais nas cidades de Marília, Garça, Tupã, entre outras<sup>757</sup>.

Carlos Imbassahy colaborou com o congresso de Marília apresentando a tese *Os Animais perante a Doutrina Espírita*,

---

<sup>754</sup> RIZZINI. Op.Cit. p. 48-49.

<sup>755</sup> Ibidem. p. 49-51.

<sup>756</sup> Ibidem. p. 52-53.

<sup>757</sup> Ibidem. p. 54-55.

demonstrando, assim, sua relação com Herculano Pires e, conseqüentemente, a amizade que os uniu por longo tempo<sup>758</sup>.

Durante o 1º Congresso Espírita da Alta Paulista, foram defendidas quatorze teses, sendo oito aprovadas, entre as quais a de autoria de Herculano Pires cujo título era *O Espiritismo e a Construção de um Novo Mundo – Estabelecimento do Reino de Deus na Terra*, aprovada por unanimidade. Posteriormente, no mesmo ano, a tese foi transformada em livro pela editora LAKE de São Paulo, com o título de *O Reino*, sendo revista em 1967<sup>759</sup>.

Após viver seis anos em Marília, Herculano Pires vendeu o *Diário Paulista*, pagou as dívidas e, em 31 de outubro de 1946, foi com a família morar na capital paulista. Ao chegar a São Paulo, sua primeira ideia foi editar uma revista mensal dirigida ao público do interior paulista. Assim sendo, em fevereiro de 1947, lançou a revista *Cabocla*. Porém, a revista não teve a repercussão imaginada e rapidamente faliu<sup>760</sup>.

Na capital paulista, iniciou, como colaborador efetivo da *Folha da Manhã*, um dos mais prestigiados jornais do país; logo depois, também passou a ocupar o mesmo cargo no *Jornal de São Paulo*. No diário *Folha da Manhã*, criou a seção *Homens, Fatos e Coisas do Interior* e no *Jornal de São Paulo*, a seção *Problemas do Interior*. Dessa maneira, Herculano Pires passou a trabalhar em dois grandes jornais diários. Os artigos em defesa da população do interior paulista deram grande prestígio a Herculano Pires<sup>761</sup>. Durante o ano de 1947, Herculano Pires passou também a trabalhar nos Diários Associados<sup>762</sup>, ingressando como repórter e, meses depois, assumiu o cargo de cronista parlamentar, passando a fazer a cobertura jornalística da Câmara Municipal de São Paulo. Mais tarde, mais precisamente no ano de 1952, ocuparia o cargo de Presidente da Associação dos Cronistas Parlamentares da Câmara Municipal de São Paulo e tomaria assento na Academia Paulista de Jornalismo<sup>763</sup>.

Na segunda metade da década de 1940, após mudar-se para São Paulo, Herculano Pires percebe que o Movimento Espírita Paulista, como reflexo do movimento nacional, encontrava-se dividido entre

---

<sup>758</sup> RIZZINI.Op. Cit. p. 55.

<sup>759</sup> Ibidem. p. 55-56.

<sup>760</sup> Ibidem. p. 63.

<sup>761</sup> Ibidem. p. 64.

<sup>762</sup> Império jornalístico criado por Assis Chateaubriand, composto por 88 veículos: 32 jornais diários, dezoito revistas, 22 emissoras de Rádio e dezesseis canais de televisão espalhados em todo o Brasil.

<sup>763</sup> RIZZINI.Op. Cit. p. 66-67.

quatro entidades federativas que propunham a união do movimento em torno de si: a União Federativa Espírita Paulista, fundada em 2 de fevereiro de 1933; a Liga Espírita do Estado de São Paulo, de 2 de janeiro de 1944; a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, fundada em 31 de agosto de 1916; e, por fim, a Federação Espírita do Estado de São Paulo, de 12 de julho de 1936. Grande, pois, era a confusão doutrinária. Naquela época, eram catalogadas no Estado de São Paulo 733 instituições espíritas, registradas de acordo com a lei, sendo as filiadas às quatro federativas existentes menos que a metade; além disso, cada uma delas seguia sua própria orientação<sup>764</sup>.

Edgard Armond, dirigente da Federação Espírita do Estado de São Paulo, entendia que se as quatro instituições fizessem um acordo no qual se comprometessem a não mais disputar o poder e trabalhassem unidas para criar uma nova instituição, com o objetivo principal de unir os centros espíritas e difundir a doutrina, a crise que destruía o movimento doutrinário paulista seria encerrada. Em busca desse objetivo, Armond promoveu duas reuniões com representantes das quatro instituições, quando resolveram pela fundação do intitulado Movimento de Unificação Espírita, que posteriormente se chamaria União Social Espírita. O plano possuía três objetivos básicos:

- 1) reunir todas as entidades estaduais em torno de uma legenda unificadora;
- 2) efetuar um censo de todo o movimento espírita estadual;
- 3) convocação do 1º Congresso Espírita Estadual, no qual deveria ser escolhida a entidade que representaria a união de todo o movimento<sup>765</sup>.

Diante disso, o 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo foi realizado entre os dias 1º e 5 de junho de 1947, na capital paulista. Em razão da experiência adquirida no congresso de Marília, Herculano Pires trabalhou nos bastidores do novo congresso de forma incansável durante meses, a fim de contribuir para o bom andamento das coisas. Dessa vez, não apresentou tese e preferiu atuar como Diretor de Propaganda e ainda na Comissão de Teses<sup>766</sup>.

O principal fruto do congresso foi a fundação da USE, em 5 de junho de 1947, composta por 551 instituições doutrinárias. Edgar Armond foi seu primeiro presidente e contou com a participação de

---

<sup>764</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 69-71.

<sup>765</sup> *Ibidem*. p. 71-72.

<sup>766</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 72-73.

Vinícius, Júlio Abreu Filho e Herculano Pires, entre outros, no seu Conselho Deliberativo. A união, a partir de 1952, passou a chamar-se União das Sociedades Espíritas. Nesse mesmo ano, Herculano Pires elegeu-se vice-presidente da USE, permanecendo no cargo até meados de 1955, passando a atuar somente como membro do Conselho Deliberativo, representando o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo<sup>767</sup>.

Anos mais tarde, Herculano Pires, comentando a atuação da USE escreveu:

Para evitar o autoritarismo, a USE ficou proibida nos estatutos de possuir qualquer espécie de propriedade. Devia funcionar em sedes de entidades já constituídas, evitando sempre a aquisição de bens materiais. Assim, não teria a possibilidade de converter-se numa instituição vaticânica. Sua finalidade não era de mandar, padronizar, ditar normas, mas apenas estabelecer o relacionamento fraterno das entidades doutrinárias, para trabalhos em comum<sup>768</sup>.

As atividades de Herculano Pires no Movimento Espírita, nos fins da década de 1940, crescem de forma exponencial, passando a empreender viagens com o intuito de atender aos pedidos de instituições sediadas fora de São Paulo, para realizar palestras e cursos de espiritismo. Durante o ano de 1948, Herculano Pires deixou a *Folha da Manhã* e o *Jornal de São Paulo*, ficando, apenas, nos Diários Associados; também nesse período, passou a fazer uso do pseudônimo “Irmão Saulo”. O *Diário de São Paulo* publicava uma coluna espírita diária sob a responsabilidade da Federação Espírita do Estado de São Paulo, que, nessa época, passou das mãos do redator da FEESP para as do “Irmão Saulo”. Inicialmente, a coluna era diária e manteve-se assim por quinze anos consecutivos. Depois passou a dominical com bastante destaque; além de uma crônica ou artigo, Herculano Pires divulgava os principais acontecimentos do Movimento Espírita e o defendia quando necessário. Em 1962, pela editora Edicel, foi publicada uma coletânea dessas crônicas que recebeu o título de *Os 3 Caminhos de Hécate*, título esse dado por Herculano Pires. Vinte anos depois, a Editora Correio Fraterno do ABC lançaria mais quatro coletâneas, com as crônicas: *O Homem Novo*, *O Infinito e o Finito*, *Visão Espírita da Bíblia* e *O*

---

<sup>767</sup> RIZZINI. Op. Cit. p.73-74.

<sup>768</sup> Idem.

*Mistério do Bem e do Mal*. Ao todo, Herculano Pires redigiu essa coluna por 22 anos, ininterruptamente<sup>769</sup>.

Em 23 de janeiro de 1948, em reunião na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, deu-se a criação do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, tendo como idealizador e primeiro presidente Herculano Pires, eleito por unanimidade. A sede social do clube funcionava, inicialmente, na Praça da Sé. As reuniões eram realizadas no segundo sábado de cada mês, às dezoito horas, além de Herculano Pires, a ela compareciam, entre outros: Pedro Granja, Júlio Abreu Filho e Luisa Peçanha Camargo Branco. Posteriormente, juntaram-se a eles: Jorge Rizzini, Américo Della Monica, Hugo de Freitas Cunha, Jorge Reina Filho, Fernando Campos Ferreira da Cunha (português, representante da Federação Espírita Portuguesa) e Aristides Lobo<sup>770</sup>.

Por intermédio do Clube, Herculano Pires promoveu a *Campanha do Livro Espírita*, cuja abertura oficial foi realizada no Teatro Municipal de São Paulo, na noite de 18 de abril de 1950. O evento contou com a participação, na composição de sua mesa diretora, com representantes do governo do Estado, da prefeitura municipal da capital, com do presidente da Câmara Municipal e dos comandantes das Forças Policiais e da Guarda Civil. Herculano Pires, que presidia a mesa, após discursar sobre a importância da data 18 de abril de 1857 (lançamento do *O livro dos Espíritos*), deu posse à primeira diretoria da Caixa do Livro Espírita, novo departamento do clube com o objetivo de editar e vender as obras da codificação a preço abaixo do custo, assumindo Domingos Antônio D'Angelo Neto a presidência e Pedro Granja o cargo de diretor-técnico<sup>771</sup>.

Tendo em vista a defesa do Espiritismo, que, no entendimento de Herculano Pires, se encontrava em grande desordem causada pelas fraudes e mistificações em boa parte dos centros espíritas, especialmente naqueles que praticavam “sessões de materialização”, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo saiu em defesa da codificação espírita. A fim de colocar um ponto final nessa situação, Herculano Pires criou, em abril de 1949, o que ficou conhecido como Comando Jornalístico do Diário da Noite, formado por ele, Wandick de Freitas, Hermínio Saccheta, Hugo de Freitas Cunha, Estevão Mattei, Castro Neves, Pedro Granja e José Ribeiro de Carvalho. O comando visitava os centros

---

<sup>769</sup> RIZZINI. Op.Cit. p. 75-77.

<sup>770</sup> Ibidem. p. 84-87.

<sup>771</sup> Ibidem. p. 88-90.

espíritas e procurava revelar ao público a fraude ou a realidade dos fenômenos que lá ocorriam. Várias reportagens foram impressas no Diário da Noite, sendo a primeira em 19 de abril de 1949, ocupando a primeira página do jornal<sup>772</sup>.

Herculano Pires, por meio do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, criou e promoveu cursos sobre as obras fundamentais de Allan Kardec, cujas aulas eram ministradas por ele; além disso, o clube desenvolvia cursos paralelos de interesse doutrinário, como por exemplo: “Vida e Pensamento de Gandhi”, dado pelo deputado Cid Franco. Outro curso relevante foi o de introdução ao existencialismo espírita, ministrado por Herculano Pires em razão do existencialismo de Jean-Paul Sartre, então, no apogeu<sup>773</sup>.

Em resposta à utilização pelos padres da parapsicologia, decorrente principalmente dos livros do casal Joseph B. Rhine e Louisa Rhine, pesquisadores da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, para negar a participação dos espíritos nos fenômenos, Herculano Pires, por intermédio do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, instituiu o primeiro curso regular de parapsicologia no país, dado pelo médico espiritualista Alberto Lira<sup>774</sup>.

O Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas, pelo prestígio pessoal de Herculano Pires, conseguiu que a Biblioteca Municipal de São Paulo cedesse seu auditório para que ali fossem realizadas, mensalmente, conferências. Todas elas eram divulgadas pelos jornais *Diário de São Paulo*, *Diário da Noite*, *Jornal de Notícias* e pelo *Grande Jornal Falado da Rádio Tupi*, emissora que cobria a maior parte do território nacional. Inúmeras personalidades do movimento espírita nacional e estrangeiro ministraram palestras no clube, entre elas: Carlos Imbassahy; Deolindo Amorim; Antônio Pereira Guedes (diretor do jornal *Almenara*, do Rio de Janeiro); Ítalo Ferreira (diretor da *Revista Internacional de Espiritismo*); Lauro Scheleder (diretor do jornal *Mundo Espírita*, do Paraná); Isidoro Duarte dos Santos (diretor da revista *Estudos Psíquicos* e presidente da Federação Espírita Portuguesa); Humberto Mariotti (presidente da Federação Espírita da Argentina); Luiz C. Postiglioni (presidente da Federação Espírita Internacional)<sup>775</sup>.

Ao fim do 1º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, liderado por Deolindo Amorim, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1939, foram criadas duas comissões, a primeira formada por

---

<sup>772</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 104-108.

<sup>773</sup> Ibidem. p. 115-117.

<sup>774</sup> Ibidem. p. 117.

<sup>775</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 117-119.

espíritas do Rio e a outra de São Paulo, ambas com a finalidade de organizarem o 2º congresso no ano seguinte, na capital paulista. Porém, dezenove anos se passaram e nada aconteceu nem no Rio, nem em São Paulo. Herculano Pires à frente do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo, em 1958, mobilizou suas forças para realização do evento. O congresso seria realizado em comemoração ao centenário da publicação da *Revista Espírita* de Kardec e também ao centenário da fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, primeira instituição doutrinária em todo o mundo<sup>776</sup>.

O congresso realizou-se em São Paulo, de 18 a 23 de abril de 1958; a abertura deu-se no auditório do Círculo de Comunhão do Pensamento. Vieram do Rio de Janeiro o escritor Carlos Imbassahy, o jornalista e orador Antônio Pereira Guedes. Deolindo Amorim não pôde comparecer, mas o ICEB foi representado por Carlos Imbassahy. Participaram, também, do histórico evento, Lauro Scheleder, diretor de *Mundo Espírita*; Francisco Raitani, presidente da Federação Espírita do Paraná; Ítalo Ferreira, diretor da *Revista Internacional de Espiritismo*; Canuto de Abreu, entre outros. Também compareceram representantes da Argentina, representando a revista *Constancia*, o órgão doutrinário mais antigo da imprensa espírita de todo o continente. A Federação Espírita Portuguesa foi representada pelo jornalista Fernando Campos Ferreira da Cunha. A Rádio Progresso, de São Paulo, irradiou todas as sessões, e a Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, efetuou algumas transmissões especiais direto da capital paulista<sup>777</sup>.

A USE paulista, sob a presidência de Edgard Armond, realizou o 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita na capital paulista, de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, tendo em vista, na opinião desse dirigente, a situação caótica em que se encontrava o Movimento Espírita, em que pese a atuação da Liga Espírita do Brasil, da Federação Espírita Brasileira e da própria USE, quanto ao movimento paulista. Havia inúmeras dissensões no interior do Movimento Espírita Brasileiro em relação aos conceitos doutrinários e enorme variedade de práticas mediúnicas nos centros espíritas, com o nome de santos, anjos e arcanjos. Além disso, ocorria uma grande confusão em relação ao Espiritismo e à Umbanda, havendo até mesmo instituições onde num dia da semana ocorria sessão espírita e no outro sessão de umbanda. No Rio de Janeiro, funcionava a União Espiritista de Umbanda, e no Rio Grande do Sul, a Federação Espírita de Umbanda. Foi oferecida à FEB, pela

---

<sup>776</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 119-121.

<sup>777</sup> Ibidem. p. 123-125.

USE, a direção do congresso, mas ela recusou, alegando que “não é chegada, para nós, a hora desse grande empreendimento”<sup>778</sup>. Herculano Pires a respeito da recusa da FEB declarou nas páginas do extinto *Jornal de Notícias*, em sua edição de 30 de junho de 1948, que

[...] A FEB, como a mais velha entidade espírita do país, situada na Capital Federal, dispõe de tudo quanto falta à USE, para centralizar o movimento espírita nacional. Infelizmente, porém, a Federação parece não ter ainda se apercebido desse fato [...] <sup>779</sup>.

Wantuil de Freitas, presidente da FEB, impôs uma pena à Federação Espírita do Rio Grande do Sul, sustando sua adesão à FEB, pelo motivo da apresentação por parte dessa federação de uma tese propondo a criação de um organismo federativo nacional capaz de coordenar com maior eficiência os trabalhos de unificação do movimento espírita, e a nova instituição receberia o nome de Confederação Espírita Brasileira, e seu primeiro presidente poderia ser o próprio Wantuil de Freitas, enquanto a FEB reduziria sua ação, apenas, à cidade do Rio de Janeiro. A ideia recebeu apoio nesse mesmo congresso da União Espírita Mineira que, por sua vez, propusera a criação de uma Confederação Nacional do Espiritismo e também a USE apresentou tese de apoio à Federação Espírita do Rio Grande do Sul, com a assinatura de Edgard Armond (seu relator), Luiza Peçanha Camargo Branco, J. Herculano Pires, Manoel Paula Cerdeira e Júlio Abreu Filho<sup>780</sup>.

No ano seguinte, em 1949, realizou-se, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o 2º Congresso Espírita Panamericano, sob o chancela da Liga Espírita do Brasil, igualmente à revelia da Federação Espírita Brasileira, pois mais uma vez recusou-se a participar de um congresso. Em 5 de outubro de 1949, participavam desse congresso vários espíritas que, no congresso da USE, no ano anterior, apoiaram a proposta de fundação da Confederação Espírita Brasileira, porque o perfil da FEB parecia a eles “mais de um Centro-Modelo que de uma Federação propriamente dita” e também porque consideravam “obsoleto seu atual sistema federativo”.

Mas, esses mesmos confrades, após uma reunião no Hotel Serrador, no centro do Rio de Janeiro, dirigiram-se à Federação Espírita Brasileira com o objetivo de terem uma conversa sigilosa com

---

<sup>778</sup> RIZZINI. Op. Cit.p. 129.

<sup>779</sup> Ibidem. p. 130.

<sup>780</sup> Ibidem. p. 131.

Wantuil de Freitas. Lins de Vasconcelos fora incumbido de promover o encontro que contou com a presença de Leopoldo Machado, que estava, casualmente, na porta da livraria da FEB. Esse acordo ficou conhecido como Pacto Áureo e foi assinado por: Wantuil de Freitas (FEB); Lins de Vasconcelos (LEB); Vinícius e Carlos Jordão da Silva (USE); Bady Cury e Noraldino de Melo Castro (UEM); João Ghignone e Francisco Raitani (FEP); Oswaldo Melo (FEC); Felisberto Peixoto, Jardelino Ramos e os Roberto Pedro Michelena, Marcírio Cardoso de Oliveira e Francisco Spinelli (FERGS)<sup>781</sup>.

Dois meses após a realização do 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, a USE realizou o 1º Congresso Educacional Espírita Paulista, de 16 a 18 de janeiro de 1949, na capital paulista, com a ativa participação de Herculano Pires, que fazia parte do recém-criado Departamento de Educação da USE, juntamente com Luiza Peçanha Camargo Branco, Sebastião Gonçalves e José Paneta. Juntos foram os responsáveis pelo planejamento e convocação desse congresso pioneiro no Brasil, presidido por Luiza Peçanha Camargo Branco e que contou com Herculano Pires como 1º Secretário, além de participar da Comissão de Teses, ao lado de Vinícius e outros companheiros. Do congresso, resultou a concretização de um antigo sonho de Herculano Pires, Vinícius, Júlio Abreu Filho e outros companheiros na criação do Instituto Espírita de Educação, com Vinícius na presidência, Luiza Peçanha Camargo Branco, como vice-presidente e Herculano Pires, como primeiro secretário; na mesma época, Herculano Pires presidia o Clube dos Jornalistas Espíritas<sup>782</sup>.

Sob o patrocínio da USE, foi realizado de 2 a 4 de junho de 1950, o 2º Congresso Estadual Espírita, que possuía como objetivos principais: a reforma estatutária da USE e o ataque à difícil e polêmica questão referente à unificação das instituições espíritas paulistas e suas práticas mediúnicas. Herculano Pires, em seu artigo *Kardec, a bússola*, no jornal *O Kardecista* (órgão oficial do Clube) nº 3, de maio de 1950, assim se pronunciou:

Para o verdadeiro trabalho de unificação espírita é indispensável a luta constante em favor do esclarecimento doutrinário dos próprios espíritas. [...]

O maior empecilho para uma verdadeira unificação do movimento espírita é a existência de uma série de numerosas interpretações pessoais da doutrina, formando pequenos quistos que prenunciam futuros cismas. A

---

<sup>781</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 131-135.

<sup>782</sup> Ibidem. p.135.

vaidade humana e a generalizada ignorância da verdadeira estrutura filosófica da doutrina alimentam sem cessar essas dissidências em gestação. [...]

As obras de Allan Kardec são o alicerce irremovível da III Revelação. O codificador desempenhou a sua missão terrena da maneira mais completa possível. O verdadeiro espírita deve ter, ou esforçar-se continuamente para ter, o conhecimento completo da codificação kardeciana, orientando-se por ela, no movimento espírita, como o marinheiro se orienta pela bússola em alto-mar. Toda a estrutura da doutrina dos espíritos encontra-se nas obras de Kardec. [...]

Mas o ponteiro da bússola está nas suas obras. E assim como as velhas escrituras eram a única pauta para se verificar a legitimidade do Novo Testamento, assim como os Evangelhos são o único crivo pelo qual podemos legitimar a III Revelação, assim também a Codificação Kardeciana é o único instrumento de que dispomos para nos orientar no desenvolvimento do espiritismo<sup>783</sup>.

Herculano Pires apoiou a renovação da Diretoria Executiva da USE que se encontrava há três anos sob a presidência de Edgard Armond, o momento, em seu entendimento, era excelente para renovar a instituição, dando-lhe agora um rumo absolutamente certo, com Kardec como bússola. Dessa maneira, apresentou seu amigo Francisco Carlos de Castro Neves, deputado, jornalista e advogado, um desconhecido no movimento doutrinário, embora houvesse presidido o Centro Espírita Emmanuel. Mas, apoiado por Herculano Pires, que já nessa época era a figura mais emblemática do Movimento Espírita Paulista, Castro Neves elegeu-se presidente da USE, com Luiz Monteiro de Barros, vice-presidente; Carlos Jordão da Silva, secretário-geral; Emílio Manso Vieira e Abrão Sarraf, primeiro e segundo secretários; Waldomiro Santos Silva, primeiro tesoureiro; Domingos R. Azeredo, segundo tesoureiro; Jonny Doin, procurador<sup>784</sup>.

Herculano Pires, por um breve período, assumiu a secretaria do “Diário de São Paulo” e do “Diário da Noite”. Entrava na redação à tarde e saía de madrugada, diariamente; juntam-se a isso os serviços dos sábados, era impossível de aguentar por muito tempo. Assim, deixou a secretaria para exercer somente o cargo de redator. Dessa maneira, teve a oportunidade de fazer crítica literária no “Diário da Noite”, criando a coluna “Sabatina Literária”, que manteve por oito anos. Sem abandonar

---

<sup>783</sup> RIZZINI. Op. Cit. p.136-138.

<sup>784</sup> Ibidem. p.138-140.

os “Diários Associados” foi, por breve período, secretário do jornal “Última Hora” e do “Jornal de Notícias”<sup>785</sup>.

Em 1954, por meio da editora LAKE, Herculano Pires lançou o primeiro romance “Barrabás, o Enjeitado”, de uma trilogia intitulada “Caminhos do Espírito”; mais tarde, teria seu nome trocado para “A Conversão do Mundo”, que ainda contaria com romances sobre Lázaro (1971) e Madalena (1979), figuras importantes do Cristianismo. O livro foi muito elogiado pela crítica literária espírita ou não. A obra ganhou, entre outros, o Prêmio do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. O livro foi adaptado para TV e apresentado pela TV-Paulista, canal 5, em forma de teleteatro na noite de 17 de outubro de 1954. Quatro anos depois, o romance sofreu nova adaptação, agora para o teatro, estreando em 11 de outubro de 1958, no Teatro João Caetano<sup>786</sup>. Ao falar sobre a trilogia em entrevista dada ao “Diário da Noite”, em 13 de setembro de 1971, Herculano Pires declarou: “Parti do princípio ou da tese de Wilhelm Dilthey, segundo a qual a transição histórica do paganismo para o cristianismo se deu em três tempos. E fixei esses tempos em três figuras evangélicas.”<sup>787</sup>

Profícuo autor, Herculano Pires lançou 81 livros, romances, poesias, ensaios, artigos, didáticos, doutrinários que versavam sobre: Filosofia, ensaios, História, Psicologia, Pedagogia, Parapsicologia e Espiritismo, vários em parceria com Chico Xavier, a grande maioria deles dedicada ao estudo e divulgação do Espiritismo. Lançou a série de ensaios Pensamento da Era Cósmica e a série de romances e novelas de Ficção Científica Paranormal. Alegava sofrer de “grafomania”, escrevendo dia e noite<sup>788</sup>.

Em 1957, Herculano Pires foi eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Faziam parte da Diretoria Executiva Hélio Damante, redator de *O Estado de S. Paulo*, Victório Martorelli, Gracita de Miranda e Vicente Leporace, entre outros<sup>789</sup>.

Perto de completar quarenta anos de idade, casado e pai de quatro filhos, Herculano Pires matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, a fim de prestar o curso de Filosofia; graduou-se em Filosofia em fins de 1957, especializando-se em História

---

<sup>785</sup> RIZZINI. Op.cit. p.142-143.

<sup>786</sup> Ibidem. p.143-147.

<sup>787</sup> Ibidem. p.202.

<sup>788</sup> FEB. Herculano Pires. Conforme <<<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Herculano-Pires.pdf>>> Acessado em 02/04/14 às 10:57.

<sup>789</sup> RIZZINI. Op. Cit. p.169-171.

e Filosofia da Educação. No fim da década de 1950, nenhum evento de alguma importância seria realizado no Movimento Espírita Paulista sem os seus responsáveis procurarem ouvir de antemão a opinião de Herculano Pires, fruto também de seus estudos sistemáticos da filosofia. Suas interpretações das obras de Kardec levaram o médium Chico Xavier, inspirado por seu guia espiritual Emmanuel, a afirmar que “Herculano Pires fora o metro que melhor mediu Allan Kardec”<sup>790</sup>.

Após lecionar para jovens em alguns colégios, Herculano Pires abandonou o projeto de lecionar, mas, dois meses depois veio o convite para ocupar a cátedra de História da Educação e Filosofia da Educação, na Faculdade de Filosofia de Araraquara. Assim, mudou-se com a família para Araraquara sem, no entanto, abandonar seu emprego nos Diários Associados; porém, as aulas obrigaram-no a renunciar ao cargo de Delegado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo na Federação Nacional dos Jornalistas. Em 1960, recebeu a indicação para ser membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, fundado e presidido por Miguel Reale, catedrático de Filosofia do Direito, reitor da Universidade de São Paulo e Doutor honoris causa, da Universidade de Gênova. No ano seguinte, lecionou Psicologia no Instituto Brasileiro de Filosofia, nos cursos patrocinados pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, ainda morando em Araraquara<sup>791</sup>.

Em março de 1961, o governador Carvalho Pinto, do Estado de São Paulo, convidou Herculano Pires, em nome do presidente Jânio Quadros, para assumir a chefia do Sub-Gabinete Civil da Presidência da República, em São Paulo. Com muita relutância, aceitou o cargo com a promessa do presidente de que não haveria injunções políticas no sub-gabinete. O presidente Jânio Quadros tomou posse em 31 de janeiro de 1961 e renunciou em 25 de agosto do mesmo ano; a seguir, Herculano Pires, despede-se do cargo<sup>792</sup>.

Após residir nove meses em Araraquara, Herculano Pires voltou a morar em São Paulo, continuou, porém, a lecionar na Faculdade de Filosofia daquela cidade, indo e vindo de trem. Mais tarde, deixou a cátedra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, em agosto de 1962, retomando suas antigas atribuições nos Diários Associados e a presidência do Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo<sup>793</sup>.

---

<sup>790</sup> RIZZINI. Op. Cit. p.172-176.

<sup>791</sup> Ibidem. p.176-178.

<sup>792</sup> Ibidem. p.179-182.

<sup>793</sup> Ibidem. p.182-185.

Herculano Pires, além de presidir o evento, chefiou a delegação do Estado de São Paulo no 3º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas, realizado em Belo Horizonte, em novembro de 1961. Ainda em 1961, deu um Curso de Introdução à Filosofia Espírita na sede da União da Mocidade Espírita de São Paulo, atendendo ao pedido do Movimento Universitário Espírita. No ano seguinte, a convite de Deolindo Amorim, Herculano Pires foi convidado a ir ao Rio de Janeiro, a fim de ministrar a aula inaugural no Instituto de Cultura Espírita do Brasil. Em 1968, o Movimento Universitário Espírita voltou a convidar Herculano Pires para ministrar o mesmo Curso de Introdução à Filosofia Espírita, sendo, dessa vez, destinado ao público em geral, no auditório do jornal *Folha de São Paulo*. Essas aulas foram, depois, enfeixadas em livro que recebeu o título de *Introdução à Filosofia Espírita*, publicado após sua morte<sup>794</sup>.

Entre os vários livros que lançou quando retornou a residir em São Paulo, destacamos *Os Filósofos*, lançado pela editora Cultrix. Esse lançamento mereceu grande artigo no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, assinado por Deolindo Amorim, na edição de 16 de agosto de 1961. Três anos depois, Herculano Pires lançou mais um grande livro *O Espírito e o Tempo*, que a Editora Pensamento publicou em 1964, resultante de um curso dado por Herculano Pires, na União da Mocidade Espírita de São Paulo, no qual lança mão da Antropologia Cultural, da História das Religiões e da Mitologia Comparada, desenvolvendo a tese espírita da mediunidade e suas implicações na evolução espiritual do homem<sup>795</sup>.

Sobre a obra, o expositor e filósofo espírita, argentino Humberto Mariotti fez algumas reflexões publicadas na revista *Constancia*, de Buenos Aires: “Su libro *O Espírito e o Tempo* es como una réplica a obras como *El Ser y el Tiempo* de Martin Heidegger y *El Ser y la Nada* de Jean-Paul Sartre donde el concepto nihilista es único sostén del proceso existencial del hombre”<sup>796</sup>.

Outra obra importante possuidora de profundidade filosófica e beleza denomina-se *O Ser e a Serenidade*, cujo objetivo, adverte Herculano Pires, “não foi colocar o problema do existencialismo espírita e, sim, expor uma reflexão que mergulhasse no problema do Ser”. Lançou posteriormente mais três livros filosóficos denominados:

---

<sup>794</sup> RIZZINI. Op. Cit. p.185-187.

<sup>795</sup> Ibidem. p.187-191.

<sup>796</sup> Ibidem. p. 191.

*Agonia das Religiões, Revisão do Cristianismo e Curso Dinâmico de Espiritismo*<sup>797</sup>.

Herculano Pires contribuiu de forma marcante e decisiva para a criação do Instituto Paulista de Parapsicologia, fundado em 30 de agosto de 1963, tendo como presidente o professor Aníbal Silveira, da Universidade de São Paulo, e como dois vices, o professor Candido Procópio Ferreira de Camargo, também da USP, e pelo psiquiatra Alberto Lyra, ficando Herculano Pires como secretário-geral, mais tarde atuando como presidente do instituto<sup>798</sup>.

Em defesa do Espiritismo, Herculano Pires compareceu a vários programas de televisão e rádio em São Paulo, e redigiu inúmeros artigos para jornais e revistas. Um dos casos relevantes em que atuou na defesa do Espiritismo foi na defesa do famoso caso do médium Zé Arigó e suas “operações mediúnicas”. Na TV Cultura, Canal 2 de São Paulo, Herculano Pires compareceu no programa intitulado *O Homem do Sapato Branco*, de grande audiência e em horário nobre, comandado pelo jornalista Jacinto Figueira, em que debateu com o jesuíta espanhol Oscar Gonzales Quevedo, proprietário na capital paulista de um instituto de “parapsicologia”. Por diversas vezes, ambos polemizaram em canais de televisão, ora juntos, ora separados<sup>799</sup>.

E, em vários outros canais de televisão, Herculano Pires em parceria com o jornalista Jorge Rizzini atuaram em defesa de Arigó, tendo por opositores Hossri e Mello, João Beline Burza e o padre Quevedo. Certa vez, Herculano Pires enviou aos jornais, emissoras de rádio e canais de TV um manifesto em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo no qual afirmava

[...] que Arigó não podia ser condenado por curanderismo (pois não era curandeiro) nem por exercício ilegal da medicina ou charlatanismo (pois não era um pseudomédico nem explorava a falsa medicina), mas agia apenas como médium, em função normal, num centro espírita legalmente registrado [...] <sup>800</sup>.

Herculano Pires elaborou uma série de artigos publicados no *Diário de São Paulo* e no *Diário da Noite*, nos quais refutava os sete artigos contra Arigó publicados, um por dia, na *Folha de São Paulo*, assinados pelo psiquiatra Rui Mello e Cesário Morey Hossri, professor

---

<sup>797</sup> RIZZINI. Op. Cit. p.191-195.

<sup>798</sup> Ibidem. p. 206.

<sup>799</sup> Ibidem. p. 208-210.

<sup>800</sup> Ibidem. p. 211.

de psicologia da Universidade Católica de Campinas. Coube mais uma vez a Carlos Imbassahy, então com mais de oitenta anos de idade, refutar, com seu livro *Enigmas da Parapsicologia*, o curso de parapsicologia ministrado pelo professor Cesário Morey Hossri<sup>801</sup>.

Em 1965, o padre Quevedo lançou a obra *A Face Oculta da Mente*, apelidada por Herculano Pires de a “a face oculta do padre”. Carlos Imbassahy, aos 82 anos, outro notável polemista refutou o livro de Quevedo, com a obra *A Farsa Escura da Mente*. A respeito do lançamento do livro, Herculano Pires parabenizou o velho amigo por meio de uma carta:

O título, apesar de um tanto estranho, e até mesmo rebarbativo, calha bem ao assunto. Você desembioca o padre, no mais lato sentido do verbo, arrancando-lhe o disfarce de sabedoria<sup>802</sup>.

Consultor da Editora Cultural Espírita Ltda (EDICEL), de Frederico Giannini Júnior, Herculano Pires firmou contrato para a tradução e publicação da coleção completa das obras de Allan Kardec, incluindo a *Revista Espírita*, com seus doze volumes. O trabalho foi dividido em partes, as quais contaram com a ajuda da mestra em francês Sylvia Mele Pereira da Silva, que traduziu inicialmente *Obras póstumas* e, posteriormente, *A gênese* e a segunda parte de *O céu e o inferno*, já que a primeira parte coubera a Herculano Pires, que traduziu, também, *O livro dos Espíritos*, *O livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e também o volume *Iniciação Espírita*. A tradução da revista foi realizada por Júlio Abreu Filho, com revisão de Herculano Pires<sup>803</sup>.

Na TV Tupi, canal 4, de São Paulo, compareceram juntos no programa “Pinga-Fogo”, Chico Xavier e Herculano Pires. Chico Xavier somente aceitou o convite devido à presença de Herculano Pires como um dos entrevistadores. O programa teve duas horas e meia de duração e foi levado ao ar na noite de 28 de julho de 1971. Foi um grande sucesso a ponto de o jornal *Diário de São Paulo* transcrever toda a entrevista e, dias depois, reprisou-a, obtendo audiência total, 100%. A partir de 22 de agosto, o *Diário de São Paulo* criou a coluna dominical *Chico Xavier pede Licença*, na qual eram divulgadas mensagens recebidas pelo médium e comentadas por Herculano Pires. Dessa parceria entre

---

<sup>801</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 211.

<sup>802</sup> Ibidem. p. 210.

<sup>803</sup> Ibidem. p. 216-221.

Herculano Pires e Chico Xavier no *Diário de São Paulo*, resultaram quatro livros: *Chico Xavier pede Licença*, *Na Era do Espírito*, *Astronautas do Além* e *Diálogo dos Vivos*, editados pelo Grupo Espírita Emmanuel, da cidade de São Bernardo do Campo<sup>804</sup>.

Durante três anos e meio, Herculano Pires apresentou o programa *No Limiar do Amanhã*, aos sábados à noite na Rádio Mulher, em São Paulo, com reprise aos domingos, pela manhã. A Rádio Morada do Sol, de Araraquara de São Paulo e a Rádio Difusora Platinense, de Santo Antônio da Platina, no Paraná, retransmitiam o programa com grande audiência<sup>805</sup>.

Herculano Pires recebeu um convite de Ivani Ribeiro (Cleide Freitas Alves Ferreira), famosa autora de novelas para a televisão, para assessorá-la nos aspectos doutrinários, em seu projeto de escrever a primeira “telenovela espírita”. No ano de 1976, a novela *A Viagem* foi apresentada em horário nobre pela TV Tupi. À medida que a autora entregava os capítulos para Herculano Pires, ele realizava uma acurada leitura em busca de trechos de diálogos ou cenas incompatíveis com a Doutrina Espírita, e, quando os encontrava, modificava-os. Uma segunda novela espírita, em confirmando a parceria, foi ao ar e recebeu o título de *O Profeta*, também transmitida pela TV Tupi, em 1978, e cujo esquema básico pertencia a Herculano Pires, realizado a pedido da própria telenovelistas. A novela teve o mesmo êxito da primeira em todo o território nacional. Posteriormente, ambas as novelas foram refilmadas pela TV Globo com enorme sucesso de audiência<sup>806</sup>.

Herculano Pires foi um pioneiro da Pedagogia, como podemos observar em sua atuação, quando esteve na direção do Instituto Espírita de Educação, em 1955, quando divulgou por meio do jornal *O Universitário Espírita* seus primeiros trabalhos sobre o tema. Cerca de treze anos depois, já graduado em História e Filosofia da Educação, apresentou, no IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado em 1968, em Curitiba, no Estado do Paraná, a tese *Escolas de Espiritismo*, aprovada por unanimidade. Atendendo ao convite do casal Thomaz Novelino e Maria Aparecida Rebelo Novelino, fundadores do Educandário Pestalozzi, na cidade de Franca, ministrou nesse colégio o primeiro curso de introdução à Pedagogia Espírita no Brasil e no mundo. Algumas semanas depois, entre os dias 23 a 26 de julho de 1970, em São Paulo, durante o III Congresso Educacional Espírita

---

<sup>804</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 222-227.

<sup>805</sup> Ibidem. p. 229.

<sup>806</sup> Ibidem. p. 229-233.

Paulista, ministrou mais uma vez o curso de instrução à Pedagogia Espírita<sup>807</sup>.

As preocupações de Herculano Pires com a reformulação da educação tinham fundamento, pois, já em 1970, havia em São Paulo e em outros Estados brasileiros, várias instituições escolares espíritas que se estendiam do pré-primário ao nível universitário. E mesmo já existiam algumas tentativas de elaboração de técnicas pedagógicas espíritas, como por exemplo, o trabalho desenvolvido pelo Prof. Ney Lobo, no Instituto Lins de Vasconcelos, em Curitiba, e as experiências educacionais de Elza Mazzoneto Machado, no Instituto Espírita de Educação, dirigindo os cursos de jardim de infância e pré-primário<sup>808</sup>.

Em novembro de 1970, Herculano Pires lançou, pela editora Edicel, a revista *Educação Espírita*, pioneira na História da Educação Espírita. O segundo número da revista somente foi publicado um ano e meio depois do primeiro, devido ao desinteresse dos professores e dirigentes espíritas. O segundo número da revista apenas veio a público um ano e meio após o primeiro por causa do espantoso desinteresse dos professores e dirigentes espíritas. Enviaram artigos para o segundo número: Deolindo Amorim, Ney Lobo, Iracema Sapucaia, Ary Lex e outros três pedagogos não espíritas, mas, a venda foi pífia. Durante os quatro anos em que circulou a revista (dez./1970 – dez./1974), apenas vieram à luz seis números. Os artigos de Herculano Pires, publicados na revista em 1985, foram reunidos em um volume editado pela EDICEL, com o título *Pedagogia Espírita*<sup>809</sup>.

Defensor intransigente dos ataques sofridos pelo Espiritismo por meio de seus adversários, Herculano Pires também foi forçado a defendê-lo de ataques de seus pares. Em 1969, Salvador Gentile, por intermédio do *Anuário Espírita* de 1969, revive a polêmica tese a respeito do livro “Nosso Lar”, do espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier, conhecida como “revelação luisiana” ou “andréluisina”, segundo a qual essa nova obra superaria a obra de Kardec, em um revisionismo doutrinário. Herculano Pires saiu em defesa dos postulados kardequianos afirmando que,

partindo de premissas falsas o articulista só poderia chegar a conclusões falsas. Não há nenhuma razão para se falar em ‘revelação luisina’ mesmo porque a própria tese de Kardec é a da revelação contínua a partir da aceitação e do conhecimento da mediunidade. Antes de pensar em

<sup>807</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 234-237.

<sup>808</sup> Ibidem. p. 237-238.

<sup>809</sup> Ibidem. p. 238-243.

‘novas revelações’, o de que precisamos com urgência é de estudo sistemático e mais aprofundado da obra de Kardec, incluindo não só os tomos da Codificação, mas também a *Revista Espírita*, por ele mesmo indicada como indispensável ao bom conhecimento da doutrina<sup>810</sup>.

Outra grande polêmica enfrentada por Herculano Pires, no interior do Movimento Espírita, foi referente às obras do escritor italiano Pietro Ubaldi, depois radicado no Brasil na cidade de Santos, celebrizado por sua primeira obra *A Grande Síntese*, traduzida para o português por Guillon Ribeiro e publicada em 1939 pela Federação Espírita Brasileira. Inicialmente, Herculano Pires debateu-se contra algumas questões doutrinárias que, a seu juízo, colocavam as obras de Ubaldi em confronto com as obras de Kardec. Mais tarde, Ubaldi enviou para a direção do VI Congresso Espírita Pan-americano, realizado em outubro de 1963, na cidade de Buenos Aires, uma tese cujo teor, em síntese, declarava que o Espiritismo teria estacionado na teoria sobre a reencarnação e na prática mediúnica, além de não possuir um sistema conceitual completo, ficando assim defasado em relação à cultura atual (1960), e que o Espiritismo corria o risco de ficar congelado no nível de Allan Kardec, como o Catolicismo houvera ficado no nível de Tomás de Aquino, e o Protestantismo, no nível da Bíblia. E propunha como salvação do Espiritismo a adoção de seus livros por parte do Movimento Espírita<sup>811</sup>.

Herculano Pires saiu em defesa do Espiritismo, publicando um artigo no jornal *Diário de São Paulo* e na *Revista Internacional de Espiritismo*, em que refutava ponto por ponto as acusações de Ubaldi e acrescentou que

se Ubaldi tivesse lido *O livro dos espíritos*, certamente jamais faria a proposta que fez. Mesmo porque a sua obra, como a de Flammarion, a de Delanne, a de Denis, a de Bozzano, e tantas outras, longe de completar o espiritismo, apenas procura desenvolver alguns dos grandes temas que o espiritismo levantou e sustenta no mundo moderno<sup>812</sup>.

Ainda no interior do campo espírita, outra polêmica deu-se quando Hernani Guimarães Andrade publicou o livro *A Teoria Corpuscular do Espírito*, estreando na literatura espírita e colocando-se como renovador da Doutrina Espírita. Herculano Pires critica de forma

---

<sup>810</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 246.

<sup>811</sup> Ibidem. p.247-249.

<sup>812</sup> Ibidem. p. 249.

dura o livro editado, na sua coluna espírita dominical no *Diário de São Paulo* afirmando que

[...] a teoria corpuscular do espírito representa um retrocesso. Reduz o espírito à matéria e condiciona o seu aparecimento e o seu desenvolvimento às influências materiais. Além disso, a teoria se apresenta como um arranjo sincrético, uma mistura de concepções diversas, às vezes até contraditórias. Falta-lhe orientação lógica. Empirismo filosófico, elementarismo psicológico, atomismo grego, monadismo leibniziano, misticismo hinduísta, espiritismo kardeciano e relativismo científico moderno, são misturados ao sabor das conveniências<sup>813</sup>.

Outra grande questão enfrentada por Herculano Pires no interior do Movimento Espírita deu-se relativamente ao Roustainguismo, doutrina pregada pelo advogado francês J. B. Roustaing, contemporâneo de Kardec, na qual defende, entre outras coisas, a ideia de que Jesus, quando vivera na Terra, era um agênere, ou seja, não fora gerado, não possuía um corpo de carne. Por uma série de inúmeros artigos e palestras, e pelo livro *O Verbo e a Carne*, editado junto com outro texto de Júlio Abreu Filho, combateu de forma veemente essa doutrina. Herculano Pires afirma que “Roustaing é o anti-Kardec. Se Kardec é o bom senso, Roustaing é a falta de senso”<sup>814</sup>.

Em 1974, com o selo da editora da FEESP pelas mãos do jornalista Paulo Alves Godoy, diretor da FEESP e também diretor da USE de São Paulo, com a ajuda de Jamil Nagib Salomão, diretor da área de divulgação da FEESP, lançaram uma edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cuja tradução fora adulterada, substituindo e até mesmo suprimindo expressões, tradução elaborada por Paulo Alves Godoy. A edição de trinta mil exemplares, lançada em outubro juntamente com o Instituto de Difusão Espírita de Araras, sob a direção de Salvador Gentile, teve boa parte de sua edição vendida antecipadamente aos centros espíritas. Stig Roland Ibsen, proprietário da Livraria Boa-Nova, em São Paulo, também colaborou, distribuindo o resto da obra às livrarias. Quando, pois, Jamil Nagib Salomão e Josian Courté enviaram um exemplar a Herculano Pires, o volume adulterado já estava circulando livremente no mercado<sup>815</sup>.

Logo após tomar conhecimento do ocorrido, Herculano Pires redigiu um artigo-denúncia, intitulado *Adulteração das Obras de*

<sup>813</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 252-254.

<sup>814</sup> PIRES; FILHO ABREU. Op. Cit. p. 30.

<sup>815</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 258-259.

*Kardec*, publicado na sua coluna dominical do *Diário de São Paulo*. Dias depois, Alfredo Cruso, ex-membro da diretoria do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que dirigia uma gráfica, presenteou Herculano Pires com 64 mil folhetos, reproduzindo o artigo-denúncia. Assim, os membros do Grupo Espírita Cairbar Schutel, que funcionava na residência de Herculano Pires e era por ele presidido, incumbiram-se de distribuí-los em todos os Estados brasileiros<sup>816</sup>. Em seu programa de rádio *No Limiar do Amanhã*, na Rádio Mulher, também denunciou a adulteração e por meio do programa de rádio *Um Passo no Além*, realizado e produzido por Jorge Rizzini, na Rádio Boa-Nova e reproduzido pela Rádio Clube de Sorocaba, com uma entrevista de Herculano Pires, divulgou-se o ocorrido<sup>817</sup>.

Herculano Pires propôs e desenvolveu a ideia de publicar um jornal em forma de tabloide, cujo número inicial seria inteiramente dedicado ao problema da adulteração. A edição do novo jornal, contando com quarenta mil exemplares, seria distribuída pelo Grupo Espírita Cairbar Schutel, por ele presidido; o jornal recebeu o nome de *Mensagem* e, em dezembro de 1974, circulou na maioria dos centros espíritas de todo o país. Apesar de toda a veemência de Herculano Pires por meio de programas de rádio, quarenta mil exemplares de *Mensagem*, 64 mil folhetos, reproduzindo artigo de Herculano Pires, artigos redigidos por outros dirigentes espíritas, rejeitando a adulteração, a USE somente após cinco meses se posicionou sobre o caso, dando tempo assim para ampla circulação dessa edição<sup>818</sup>.

Em julho de 1976, Herculano Pires fundou a Editora Paideia, empresa sem fins lucrativos, com o objetivo de publicar obras espíritas que contivessem os conceitos kardecistas. A editora foi dirigida por Herculano Pires desde a sua fundação, até a época de sua morte, em 9 de março de 1979. A fim de que o episódio da adulteração do livro de Kardec não fosse esquecido pelo Movimento Espírita, a editora lançou o livro *Na hora do testemunho*, obra escrita por Herculano Pires, em parceria com o médium Chico Xavier. Após a morte de Herculano Pires, sua esposa Maria Virgínia Ferraz Pires assumiu a direção da Editora Paideia, mantendo a mesma orientação de seu marido de fidelidade à doutrina de Kardec, ficando no cargo até o ano 2000<sup>819</sup>.

<sup>816</sup> RIZZINI. Op. Cit. p. 261.

<sup>817</sup> Ibidem. p. 262-263.

<sup>818</sup> Ibidem. p. 268-269.

<sup>819</sup>

Editora

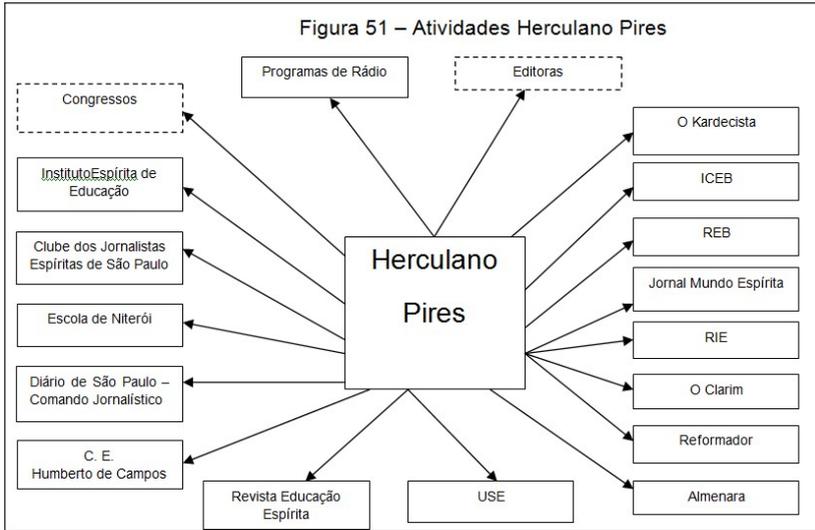
Paideia.

Quem

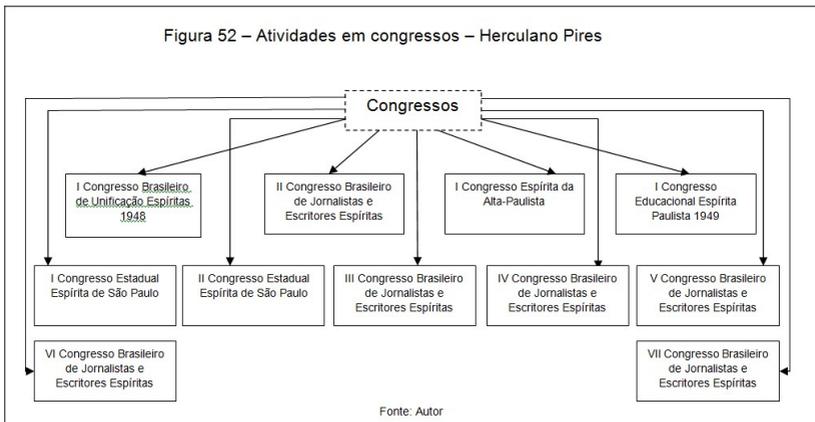
Somos.

Conforme <<<http://www.editorapaideia.com.br/quemsomos>>> .Acessado em 07/04/14 às 11:07.

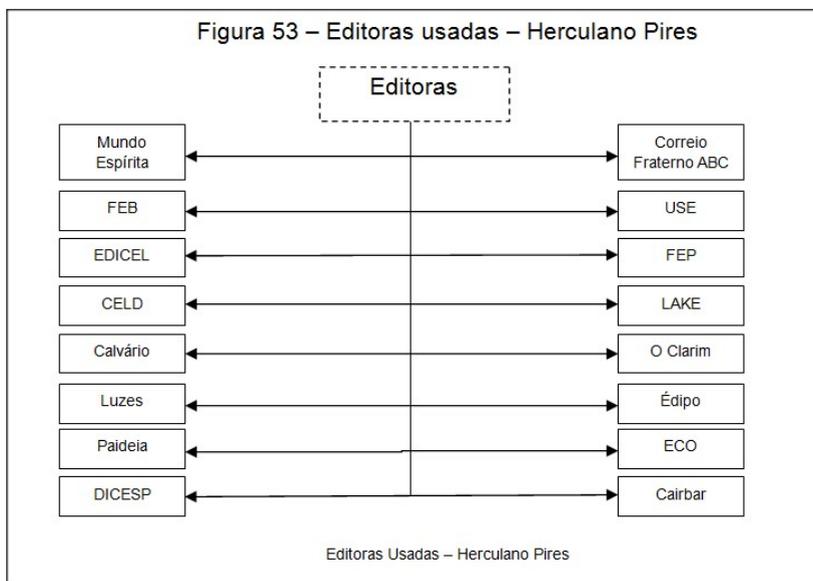
A seguir, podemos verificar na Figura 51 o resumo da atuação de Herculano Pires no interior do Campo Espírita Brasileiro.



Fonte: Autor



Fonte: Autor



Fonte: autor.

### 3.2 – As redes de sociabilidade e seus locais

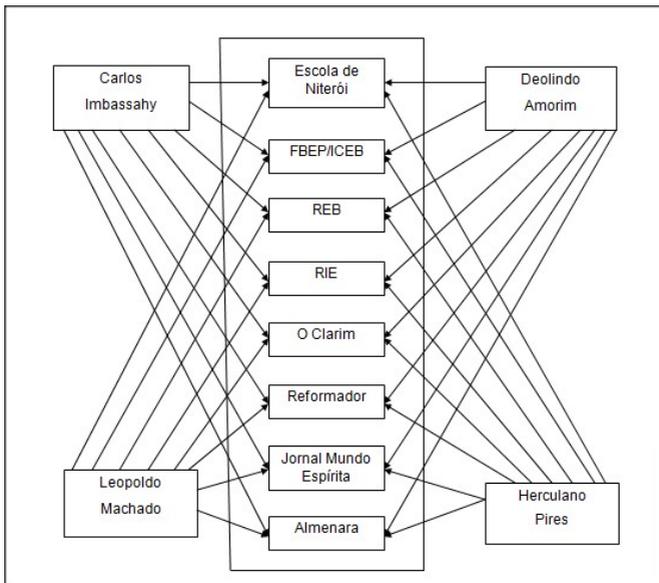
Em vários momentos de nossa pesquisa, reportamo-nos a alguns personagens que atuaram de diversas formas no interior do Movimento Espírita Brasileiro e, quando desejávamos distinguir um do outro, poderíamos apelar, para os diferentes campos de atuação de cada um deles. Portanto, quando falamos de alguém que atuou como escritor, tradutor, debatedor, grande defensor do Espiritismo, polemista, expositor, jornalista, radialista, médium e professor, chegaríamos rapidamente a uma conclusão sobre quem foi tal figura. Mas, poderíamos indagar sobre quem estávamos reportando-nos seria Carlos Imbassahy? Leopoldo Machado? ou seria Deolindo Amorim? ou quem sabe ainda Herculano Pires? Certamente não saberíamos afirmar com precisão sobre qual deles, pois, sem sombra de dúvidas, poderia ser sobre qualquer um, sem incorrer em imprecisão, pois, qualquer um dos quatro atuou com destaque nessas diversas áreas. A época talvez nos ajudasse, mas, nem sempre, pois também atuaram em conjunto durante certo tempo. Tampouco os lugares por onde exerceram tais funções serviriam de pistas definitivas para a definição, visto que, atuaram mais

de uma vez nos mesmos lugares. Assim, para distingui-los, teríamos de nominá-los de forma explícita para não gerar qualquer dúvida sobre quem estaria sendo reportado naquele dado momento.

Vamos encontrá-los ora reunidos, ora dispersos pelos diversos caminhos que compõem o Movimento Espírita Brasileiro, nas colunas dos jornais ou em suas redações, participando nos congressos espíritas como expositores e/ou organizadores, nas estações de rádios e televisões, em entrevistas ou realizando, e/ou coordenando programas, nos centros espíritas dando conferências, nas constantes viagens pelo Brasil, nas lides em defesa do Espiritismo, nas páginas dos livros e artigos, nas reuniões informais, como almoços e cafés nos fins de tarde, nas incessantes trocas de cartas e até mesmo em suas origens e profissões.

Como podemos perceber, inúmeros são os lugares de sociabilidades onde podemos encontrá-los; por conseguinte, realizamos opções e escolhemos alguns desses lugares a fim de orientar e viabilizar nossa pesquisa. A figura abaixo nos dá uma rápida e ampla ideia, desses vários lugares, por nós escolhidos, compostos por variados tipos de instituições espíritas, com exceção da Escola de Niterói.

Figura 54 – As Redes



Fonte: autor.

### 3.2.1 – As relações de amizade entre os quatro intelectuais

Porém, antes de analisarmos as redes de sociabilidades por eles frequentadas, não podemos esquecer as relações de amizade fraterna cultivadas entre os quatro personagens aqui destacados, pois, as considero, antes de tudo, a razão principal da manutenção do relacionamento entre eles por esses longos anos.

Michael de Montaigne, em seus *Ensaaios*, ao ponderar sobre a amizade, lembra que “parece não haver nenhuma outra realidade a que a natureza nos tenha inclinado como para a sociedade<sup>820</sup>”. Desse modo, partindo do trabalho de Le Goff, em que o historiador afirma que a sociabilidade reflete o prazer de se estar com o outro e que a cidade tem, como um de seus atributos, atuar como sinônimo de sociabilidade, embora ressalte que hoje em dia ela também possa ser sinônimo de individualismo e anonimato<sup>821</sup>, podemos perceber nesse contexto a importância do Rio de Janeiro, no caso específico do nosso trabalho, na concepção e manutenção da sociabilidade e do prazer daí decorrente entre os intelectuais aqui destacados.

Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 44 a.C.), advogado, orador e escritor da antiga Roma, entre os seus inúmeros escritos legados à humanidade, deixou na sua obra *Lélio, ou a amizade* a definição mais eloquente sobre a amizade:

[...]. Quanto à amizade, ela contém uma série de possibilidades. Em qualquer direção que a gente se volte, ela está lá, prestativa, jamais excluída de alguma situação, jamais inoportuna, jamais embaraçosa. Por isso, nem água nem fogo, como se diz, nos são mais prestimosos que a amizade. E aqui não se trata de amizade comum ou medíocre, que no entanto proporciona igualmente satisfação e utilidade, mas da verdadeira, da perfeita, à qual me refiro, tal como existiu entre os poucos personagens citados. Pois a amizade torna mais maravilhosa os fatores da vida, e mais leve, porque comunicados e partilhados, seus golpes duros<sup>822</sup>.

A amizade tanto pode ser banal, calcada nas simples relações sociais cotidianas, ou pode ser excepcional e envolver pessoas que se escolhem livremente e sem outra finalidade se não o encontro e a

<sup>820</sup> MONTAIGNE, Michel de. As amizades “comuns” e as “extraordinárias”. In: BALDINE, Maximo (Org.). Bauru, SP: EDUSC, 2000. p.99.

<sup>821</sup> LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 119-124.

<sup>822</sup> CÍCERO, Marco Túlio. Saber envelhecer e A amizade. Porto Alegre: L&PM, 2013. p.89.

comunhão delas mesmas<sup>823</sup>. Desse modo, para finalizarmos a importância da amizade, lembramos Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, quando assevera que “certamente, ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que tivesse todos os outros bens”<sup>824</sup>. Baseados nesses modos de sentirmos e identificarmos o que seja a amizade, podemos relacioná-la com o tipo de sentimento que envolvia os personagens principais de nossa pesquisa, tendo em vista os múltiplos lugares onde se encontravam e perpetuavam a rede por eles constituída e o tempo de duração desses encontros, principalmente naquelas reuniões realizadas na casa de Carlos Imbassahy, na denominada Escola de Niterói.

### 3.2.2 – Escola de Niterói

Lugar, a princípio, de longas tardes de domingo, com almoços fartos e conversas, longas conversas... cafês e mais conversas... a casa do decano do grupo Carlos Imbassahy foi palco de muitas e deliciosas tardes sobre assuntos pertinentes ao Movimento Espírita, com a constante frequência de Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e, quando presente na capital federal, Herculano Pires sempre procurava uma maneira de ir até o outro lado da baía, um reduto peculiar de sabedoria espírita. Não era um clube de baianos como se poderia pensar a princípio, tendo em vista o dono da casa e seus dois companheiros citados, como também comprova o comparecimento do paulista Herculano Pires. Muitos outros companheiros das mais diversas origens participavam dessas tardes, a maioria ligada ao movimento espírita. Henrique Andrade, diretor dos jornais espíritas *O Mundo Espírita* e *Aurora*; Antonio Pereira Guedes, do jornal *Almenara*, do Rio de Janeiro; Canuto Abreu e Pedro Granja, ambos de São Paulo; e o general Alfredo Molinaro<sup>825</sup>, eram dos mais assíduos, assim como alguns de seus grandes oponentes, aqui representados por Dom Frei Boaventura Kloppenburg OFM<sup>826</sup> e o Pastor Armando Ferreira<sup>827</sup>.

Em razão desses constantes encontros estabelecidos na cidade de Niterói e também do perfeito casamento de ideias e opiniões acerca

---

<sup>823</sup> AYMARD, Maurice. Amizade e Convivialidade. In CARTIER, Roger (Org.) História da vida privada, 3: da renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 444-445.

<sup>824</sup> ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2015, p.209.

<sup>825</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito. Op. Cit. p. 196.

<sup>826</sup> *Ibidem*. p. 200.

<sup>827</sup> *Ibidem*. p. 220.

da Doutrina Espírita que de lá emanavam e, por fim, pelo fato de lá residirem Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo, além da presença habitual de Pedro Granja, morador em São Paulo, mas cujos pensamentos e conceitos sobre o Espiritismo eram coincidentes com os dois pensadores fluminenses foi que Herculano Pires cunhou o nome de Escola de Niterói, para caracterizar a importância desses encontros e das ideias que de lá decorriam, ideias que fecundavam aqueles que lá compareciam em busca do entendimento com esses pensadores<sup>828</sup>.

A Escola de Niterói gerou frutos não só em “alunos”, mas também em forma de livros, artigos e palestras de seus principais integrantes, como podemos citar a título de exemplo: *Matéria ou Espírito?* e *Fantasmas, Fantasias e Fantoches*, ambos de Carlos Imbassahy e Pedro Granja; *Afinal quem somos?*, de Pedro Granja; *A Reencarnação e suas Provas*, de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo; e muitos outros.

Ainda lembramos, como frutos das reuniões da Escola de Niterói, os preparatórios do 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, idealizado por Leopoldo Machado, encampado por Carlos Imbassahy e pela força de Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, também frequentador da “Escola”<sup>829</sup>. Além disso, também de lá surgiram os estatutos e a fundação da União da Mocidade Espírita de Niterói<sup>830</sup>.

Junto com Canuto Abreu e Pedro Granja, Herculano Pires levou os ensinamentos da Escola de Niterói para a capital bandeirante, ampliando de forma bastante significativa o campo de influência dos membros desse seleto grupo de amigos, não só devido às suas presenças físicas na capital fluminense, como também por meio de copiosas cartas trocadas entre esses personagens e o decano de Niterói, Carlos Imbassahy, chegando a determinadas época, em que as cartas eram expedidas com frequência quase diária, conforme atestam seu filho Carlos de Brito Imbassahy e Alberto de Souza Rocha, que morou na casa de Carlos Imbassahy<sup>831</sup>.

### 3.2.3 – A Cidade do Rio de Janeiro

---

<sup>828</sup> IMBASSAHY; ROCHA. Op.Cit. p. 15 e 83-84.

<sup>829</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito. Op. Cit. p. 176-177.

<sup>830</sup> Ibidem. p. 192.

<sup>831</sup> Ibidem. p. 156; Ver também IMBASSAHY, Carlos de Brito; ROCHA, Alberto de Souza. Op.cit.p. 84-85.

Outro ponto importante que traz relevância a Escola de Niterói era a sua proximidade da Capital Federal, situando-se, como o seu próprio nome indica, na cidade de Niterói, a qual pertence à área metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Soma-se a isso, o fato de seus membros, em sua maioria, atuarem no Rio de Janeiro, tanto profissionalmente quanto em relação à vivência no Movimento Espírita. A importância que o Rio de Janeiro possuía no que concerne às questões ligadas à cultura e à política, em relação a todo o país, emprestava relevo às atuações dos intelectuais ligados a quaisquer atividades por eles exercidas naquela cidade; portanto, não seria diferente no que diz respeito aos intelectuais ligados ao Espiritismo.

Como já visto, três entre os quatro intelectuais escolhidos fixaram residência na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, antiga capital federal. Imbassahy, apesar de haver morado por alguns anos na cidade do Rio de Janeiro, em mais de uma oportunidade, foi em Niterói que se estabeleceu de forma definitiva. Leopoldo Machado, ao chegar, permaneceu por pouco tempo no Rio e escolheu a cidade de Nova Iguaçu para fixar-se em definitivo. Deolindo Amorim morou em diversos bairros do Rio, enquanto Herculano Pires fixou residência na cidade de São Paulo e manteve estreito contato com seus companheiros do Rio de Janeiro.

Por que o Rio de Janeiro foi a cidade escolhida? Conquanto Carlos Imbassahy tenha ido morar na cidade do Rio de Janeiro ainda sob a vigência do Império, trazido sob a tutela de seu pai, pois tratava-se de uma criança em tenra idade, diferentemente dos outros dois, que se transferiram para o Rio com idade girando em torno de vinte anos, a atração exercida pela Capital Federal, antigo Município Neutro, sobre intelectuais e funcionários públicos de forma geral, foi a mesma exercida sobre seu pai e os outros dois personagens.

No Brasil, ocorreu fenômeno semelhante ao da Europa Ocidental, ainda que exista um hiato temporal de pelo menos sessenta anos. Na Europa Ocidental, a partir do início do século XIX, o processo de urbanização sofreu grande aceleração, acompanhando o seu vertiginoso crescimento populacional. Em 1801, havia em torno de 23 cidades com mais de cem mil habitantes, responsáveis por menos de 2% da população europeia, em meados daquele século já atingiam 42 cidades, em 1900 perfaziam um total de 135 e, na primeira década do século XX, 15% dos europeus já moravam em cidades<sup>832</sup>.

---

<sup>832</sup> RÉMOND, Rene. O século XIX: 1815 – 1914. Rio de Janeiro: Apicuri, 2015. p 178-180.

Já no Brasil, em 1890, apenas três cidades possuíam mais de cem mil moradores: o Rio de Janeiro, com 522.651; Salvador (BA), com 174.412; e Recife (PE), com 111.556 habitantes. Somente outras três cidades apresentavam uma população em torno de cinquenta mil habitantes: São Paulo, com 64.934; Porto Alegre, com 52.421; e Belém, com 50.064<sup>833</sup>. No que se relaciona à população do país, em torno de 14.300.000 habitantes, apenas 1.300.000 representavam aqueles que viviam nas cidades, ou seja, 10% da população<sup>834</sup>.

Apenas dez anos depois, em 1900, cinco já eram as cidades com população superior ou em torno de cem mil habitantes, como podemos verificar na Tabela 2, embora representassem ainda apenas 10% da população total do país.

Tabela 2 – População das principais cidades brasileiras em 1900

Rio de Janeiro	691.565
São Paulo	239.820
Salvador	205.813
Recife	113.106
Belém	96.560

Fonte: A Urbanização Brasileira – Milton Santos,<sup>835</sup>  
Dados trabalhados pelo autor.

Durante o período do Segundo Império Brasileiro até o início da década de 1940, conforme atesta Milton Santos, os maiores atrativos proporcionados pelas cidades brasileiras, tendo em vista o aspecto da urbanização, na maior parte dos Estados, eram ligados às funções administrativas que nelas ocorriam e somente após os anos 1940/1950 os nexos econômicos ganharam maior importância nesse processo, quando a população urbana atingiu 36,2% da população brasileira, triplicando a sua presença em menos de vinte anos<sup>836</sup>. A seguir, em quarenta anos, entre as décadas de 1940 e 1980, a taxa de urbanização brasileira teve a sua inversão consolidada, alcançando a marca de 68,86%<sup>837</sup>.

<sup>833</sup> SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p.23.

<sup>834</sup> Idem

<sup>835</sup> SANTOS, Milton. Op.cit. p.23.

<sup>836</sup> Ibidem. p. 23-27.

<sup>837</sup> Ibidem. p. 31.

Certamente que as cidades no Brasil sofreram como as demais cidades europeias e americanas, especialmente, um grande acréscimo populacional em razão de vários aspectos que mudaram não só suas aparências como também suas funções, por exemplo: o êxodo rural, a modernização dos transportes urbanos, o abastecimento e a subsistência de seus membros, o crescimento vertiginoso do setor terciário e industrial<sup>838</sup>. Não só aspectos econômicos e técnicos contribuíram para o crescimento das cidades, mas ainda a atração que elas exercem em si mesmas, pois são capazes de oferecerem uma ilusão de vida mais fácil e menos monótona, com mais distrações e uma falsa ideia de liberdade em relação aos estreitos laços que prendiam as comunidades das pequenas vilas e povoados<sup>839</sup>.

A cidade do Rio de Janeiro, em virtude de sua situação peculiar de capital Imperial e depois Republicana, desempenhou de modo substantivo essa função de polarização da população urbana no Brasil, garantindo a supremacia absoluta, quanto ao seu contingente populacional, até que as razões econômicas suplantassem às administrativas, como vimos anteriormente, levando a preeminência para a capital do Estado de São Paulo. Da mesma maneira, em virtude da sua qualidade de capital brasileira, cumpriu, por longo tempo, seu papel-chave como polo de atração e civilização de toda a nação, atuando, assim, como espaço privilegiado para os intelectuais vindos de todas as partes do país<sup>840</sup>. Como afirma Marly Motta, o papel exercido pela cidade do Rio de Janeiro, pela sua capitalidade, ia além de funcionar como uma matriz irradiadora da ordem e da unidade nacional; assim sendo, despontava como um pilar cosmopolita, em que a cidade era o principal elo com a Europa, o que garantia a sua inclusão no denominado processo civilizacional, agindo como a fonte irradiadora dessa ideia de civilização em todo o país<sup>841</sup>.

Assim como Paris após a intervenção do seu prefeito, o Barão Georges-Eugéne Haussmann, o artista da destruição<sup>842</sup>, em meados do século XIX, erguia-se perante o mundo ocidental como o paradigma da cidade moderna, “a capital das capitais”, segura, anti-insurreições

---

<sup>838</sup> RÉMOND. Op.Cit. p 181-184.

<sup>839</sup> Ibidem. p. 184-185.

<sup>840</sup> GOMES, Angela Maria de Castro (1999). Op. Cit. p. 18-21.

<sup>841</sup> MOTTA, Marly. Rio, cidade-capital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p.16.

<sup>842</sup> Ninguém como Haussmann mudou inteiramente a face de uma cidade como durante sua longa administração (de 1853 a 1870), servindo como modelo e inspiração para os que mais tarde reformaram tanto Buenos Aires (Torquato de Alvear), o Rio de Janeiro (Pereira Passos), como Nova York (Robert Moses). Mto confuso

populares e higienizada<sup>843</sup>, onde foram abertas boulevards e ruas por meio de demolições radicais, contando, assim, com muitas vozes discordantes<sup>844</sup>, o Rio de Janeiro sob a intervenção do prefeito Pereira Passos, no início do século XX, serviu como exemplo para as demais cidades brasileiras, possuindo como destaque a nova Avenida Central, inaugurada em 1910, símbolo daquilo que a cidade pretendia demonstrar ao colocar-se como a “vitrine da civilização”, como atesta o historiador Jeffrey Needell, ao afirmar também que “a Capital Federal possuía agora um bulevar verdadeiramente ‘civilizado’ – duas muralhas paralelas de edifícios que refletiam o máximo de bom gosto existente – e um monumento ao progresso do país.”<sup>845</sup>.

Também chama a nossa atenção para o desejo de civilidade dos administradores da cidade do Rio de Janeiro e do destaque da Avenida Central o historiador Nicolau Sevckenko, ao afirmar que

[...] o resultado mais concreto desse processo de aburguesamento intensivo da paisagem carioca foi a criação de um espaço público central na cidade, completamente remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado, que se desejou garantir com exclusividade para o convívio dos ‘argentários’. A demolição dos velhos casarões, a essa altura já quase todos transformados em pensões baratas, provocou uma verdadeira ‘crise de habitação’. [...] Desencadeia-se simultaneamente pela imprensa uma campanha, que se prolonga por todo esse período, de ‘caça aos mendigos’, visando à eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade<sup>846</sup>.

Como fruto da presença constante do Estado em seu território, podemos destacar, ainda, a criação de um forte setor ligado ao comércio, ao setor financeiro e à burocracia pública, vale dizer, à presença de um grande contingente de funcionários públicos federais.

Assim, podemos perceber a influência que a Capital Federal exerceu sobre os intelectuais aqui estudados como sobre todos os

---

<sup>843</sup> MORSE, Richard M. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 16, 1995, p.206-208. Ver também MORAES, Sergio Torres. Uma luz na cidade: subsídios para estudos de requalificação urbana. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

<sup>844</sup> MORAES, Sergio Torres. Uma luz na cidade: subsídios para estudos de requalificação urbana. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p. 23-24.

<sup>845</sup> NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo:Cia das Letras, 1993. p. 60-61

<sup>846</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.p.34.

demais que vieram desempenhar suas atividades na cidade do Rio de Janeiro, funcionando como verdadeiro ímã. Além dos aspectos econômicos e administrativos, outra gama de fatores contribuiu para o caráter atrativo exercido pela cidade-capital, dos quais destacamos os aspectos ligados à cultura. Marly Motta assinala o fato de que a cidade do Rio de Janeiro funcionava como o símbolo do Brasil, atribuindo, assim, um importante fator de identidade para a cidade, pois a construção da ideia do Rio como cidade-capital se devia, entre outros fatores, ao fato de nela se encontrarem sediadas instituições culturais de caráter nacional, como o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Brasileira de Letras<sup>847</sup>.

Ao mesmo tempo, a cidade do Rio de Janeiro, devido às razões aqui elencadas, abrigava desde 1884 a sede da FEB, dando assim relevância aos atos praticados por seus membros ou por aqueles de alguma forma a ela ligados.

### 3.2.4 – As redes nos jornais e revistas espíritas

Outros importantes lugares de sociabilidade pertencentes ao Campo Espírita Brasileiro são as suas revistas e jornais, ou seja, seus periódicos, capazes de demonstrar a dinâmica dos intelectuais espíritas no interior do campo, além de nos permitir a percepção da criação e manutenção de uma ampla rede de sociabilidade em torno de suas páginas e redações.

Na imprensa espírita, encontramos inúmeros jornais e revistas dedicados exclusivamente ou não ao Espiritismo, tendo como carro-chefe o *Reformador*, órgão oficial da FEB, sendo esse o periódico mais antigo em funcionamento (fundado em 1883), também possuidor da maior tiragem e melhor estrutura de distribuição. Desse modo, além do *Reformador*, escolhemos o jornal *O Clarim*, a *Revista Internacional de Espiritismo*, o jornal *Mundo Espírita*, a *Revista Espírita do Brasil* e o jornal *Almenara*, para mapearmos a atuação desses intelectuais.

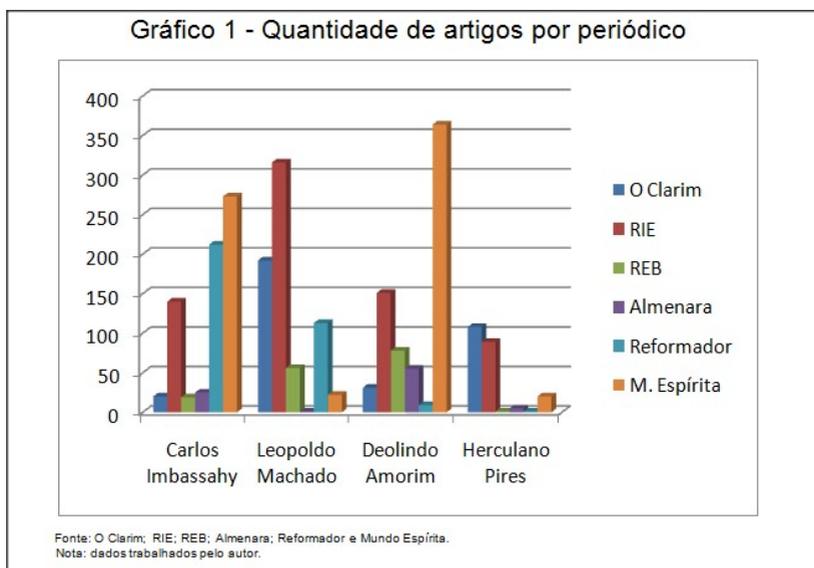
A seguir, é possível observar a atuação dos quatro intelectuais por meio das quantidades aproximadas de artigos, que pudemos levantar nos jornais e revistas estudados, uma vez que, não tivemos acesso à totalidade de suas tiragens. Somente do *Almenara* e da *Revista Espírita*

---

<sup>847</sup> MOTTA. Op.Cit.p.48.

do Brasil, tivemos acesso a praticamente todo o acervo disponível, o que significa dizermos que atingimos 100% de suas tiragens; já, quanto aos outros periódicos, com exceção de *O Clarim* (62%), nunca deixamos de analisar um percentual acima de 70% de sua tiragem, lembrando que esses mesmos periódicos possuem tiragens que cobrem o período de 1883 (*Reformador*), 1905 (*O Clarim*), 1925 (RIE) e 1936 (*Mundo Espírita*) até a data de hoje, isto é, o ano de 2016, com praticamente nenhuma interrupção.

O gráfico 1 e a tabela 3 a seguir mostram o total geral de artigos por periódicos, levantados em nossa pesquisa dando uma ideia mais ampla do trabalho empreendido pelos intelectuais nos jornais e revistas analisados.



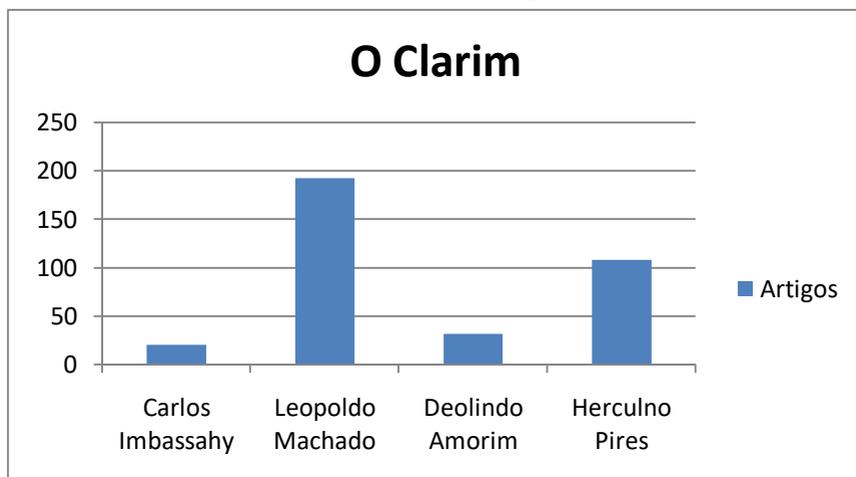
**Tabela 3 - Quantidade de artigos por periódico**

	O Clarim	RIE	REB	Almenara	Reformador	Mundo Espírita
C. Imbassahy	20	140	19	25	212	273
L. Machado	192	316	56	1	113	22
D. Amorim	31	151	78	55	9	364
H. Pires	108	89	1	5	1	20

Fonte: O Clarim; RIE; REB; Almenara; Reformador e Mundo Espírita.  
Nota: dados trabalhados pelo autor.

Dessa forma, iniciaremos observando de modo mais detalhado a atuação do nosso quarteto nas páginas do jornal *O Clarim*, de Matão, no interior paulista. A seguir, podemos acompanhar no Gráfico 2 o montante de artigos que cada intelectual contribuiu com o jornal.

Gráfico 2 - Quantidade de artigos no O Clarim



Fonte: O Clarim.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

Não devemos nos esquecer de que os exemplares referentes ao ano de 1905 a dezembro de 1947 não constam do acervo da Biblioteca Nacional, e também não se encontram disponíveis na sede do jornal na cidade de Matão, em São Paulo, estando, aqueles poucos que a Biblioteca possui, em péssimas condições e, portanto, não podem ser manuseados por qualquer pesquisador. Infelizmente, para nossa pesquisa, esse período inicial da vida do jornal marcou uma época de grande produtividade, tanto de Leopoldo Machado, quanto de Carlos Imbassahy, no interior do Campo Espírita, o que, de alguma forma, prejudicou o nosso levantamento de dados referentes à produção desses intelectuais no jornal *O Clarim*.

Antes de seguir propriamente na análise do jornal, devemos salientar que tanto ele como a RIE nasceram com a proposta de circulação em âmbito nacional, apesar de toda dificuldade que uma empreitada desse porte podia oferecer no início do século passado, visto que ambos tinham como sede uma cidade do interior paulista que hoje se localiza a 306 km de distância da capital bandeirante. Contava apenas



1948 (10/04/1948)<sup>848</sup>. Nesses artigos, Machado conta com detalhes suas viagens pelo Brasil, a fim de efetuar palestras doutrinárias nas mais diversas associações espíritas. Também em outras oportunidades divulgou suas viagens com os mesmos objetivos<sup>849</sup>. A própria editoria do jornal, ao longo dos anos, encarregou-se de elaborar diversas notícias sobre as viagens de Leopoldo Machado com o escopo de divulgar o Espiritismo e as Semanas Espíritas<sup>850</sup>. Da mesma forma, sempre que possível, o jornal anunciava as viagens com objetivos de propaganda e estudos de Herculano Pires, Deolindo Amorim e Carlos Imbassahy, sobretudo quando da passagem pela cidade de Matão e região<sup>851</sup>.

A partir de janeiro de 1951, Leopoldo Machado escreveu diversos artigos em que contava com detalhes os eventos ocorridos durante A Caravana da Fraternidade, patrocinada pela FEB, nos Estados das regiões Nordeste e Norte brasileiros com o propósito de visitar todos os Estados do Norte<sup>852</sup>. Principalmente os Estados que ainda não tinham se decidido sobre o Pacto Áureo de 5 de Outubro de 1949. Essa série de artigos, estendeu-se até a edição de 4 de julho de 1953.

Em 1954, Leopoldo Machado passou a escrever na coluna denominada *Instantâneo* acerca de assuntos variados, envolvendo o Movimento Espírita Brasileiro, e também sobre temas doutrinários. Machado foi responsável por, pelo menos, um artigo por número do fim da década de 1940 até sua morte, em 1957.

Em razão da impossibilidade de conferir os números anteriores, encontramos pela primeira vez uma coluna assinada por Herculano Pires em 28 de janeiro de 1950, intitulada *Portas de Damasco*, sob o pseudônimo “Irmão Saulo”, na qual abordava temas em sua grande maioria doutrinários, indo até 10 de março de 1952<sup>853</sup>, como podemos observar já em sua primeira participação:

<sup>848</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 13 dez. 1947. Ano XLIII, n. 10, a O Clarim. Matão (SP), 10 abr. 1948. Ano XLIII, n. 18.

<sup>849</sup> Professor Leopoldo Machado e sua nova excursão a S. Paulo. **O Clarim**. Matão (SP), 19 jun 1948. Ano XLIII, n. 23.p.3.; Semana Espírita de Bauru. **O Clarim**. Matão (SP), 19 nov 1949. Ano XLV, n. 8.p.3.; Cruzeiro Espírita. **O Clarim**. Matão (SP), 11 mar. 1950. Ano XLV, n. 16.p.3.

<sup>850</sup> Leopoldo Machado, em S. Lourenço, foi também a Cruzeiro e Itajubá. **O Clarim**. Matão (SP), 7 out. 1950. Ano XLV, n. 8.p.3.; Caravana da Fraternidade - O 2º dia em S. Luís. **O Clarim**. Matão (SP), 11 out. 1952. Ano XLVIII, n. 5.p.2. Semana Espírita em Itapira **O Clarim**. Matão (SP), 11 out. 1952. Ano XLIX, n. 8.p.3. Primeira Semana Espírita da Cidade de São Paulo. **O Clarim**. Matão (SP), 11 out. 1952. Ano LI, n.23.p.4.

<sup>851</sup> Férias em Matão **O Clarim**. Matão (SP), 11 out. 1950. Ano XLV, n.13.p.3.

<sup>852</sup> Quando Leopoldo Machado diz norte quer dizer os estados do norte e nordeste.

<sup>853</sup> **O Clarim**. Matão (SP), ano XLV, n. 14, 28 de jan. 1950 a O Clarim. Matão (SP), ano XLVI, n. 16, 10 de mar. 1951.

Luz do céu, destinada a iluminar os mais profundos recantos da terra, o Espiritismo desceu sobre a humanidade atarvés da falange divina do Espírito de Verdade. Missionário da mais elevada de todas as missões, Allan Kardec foi, no plano terreno, o porta-voz do Paraclito prometido pelo Cristo, o intérprete do Consolador da promessa evangélica, e suas obras cosntituem o sólido alicerce da Doutrina dos Espíritos<sup>854</sup>.

Mesmo não mais escrevendo quinzenalmente, Herculano Pires continuou contribuindo com o jornal, como por exemplo, em 23 de maio de 1953, com a reprodução de sua coluna do jornal *Diário de S. Paulo*, de 25 de abril de 1953<sup>855</sup>. Durante os anos de 1957 a 1961, em nova fase, a presença de Herculano Pires, sob o mesmo pseudônimo “Irmão Saulo”, era notada em praticamente todas as edições de *O Clarim*, rara foi a edição sem que um artigo seu não se fizesse presente.

Carlos Imbassahy igualmente foi responsável por uma série de artigos na coluna *O que é na verdade o Espiritismo*, iniciando em 14 de fevereiro de 1953 até 5 de dezembro de 1953, encerrando por motivo de grave doença<sup>856</sup>, atuando sempre em defesa do Espiritismo, contra as mais diversas polêmicas ou explicitando pontos doutrinários. Logo em sua primeira coluna, analisando e repondendo aos ataques do Padre Nelson Romão<sup>857</sup>, Imbassay não só defende o Espiritismo do ataque do pároco, como também procura dar lições doutrinárias aos seus leitores:

Enviaram-me alguns números de A Comarca, com alguns artigos do Padre Nelson Romão. Vejamos o que diz o nosso digno sacerdote, se me não falhar a síntese:

[...]

Poucas vezes se terá visto um amontoado tão grande de inverdades históricas. Ao ler-se o relato, onde os principais fatos são cautelosa e manhosamente surrupiados, outros visivelmente deturpados, outros absolutamente falsificados, [...]

Nas Fox e com as Fox o que houve foram os fenômenos, já verificados nos anais da História, da Antropologia, e de quanta Ciência tem tratado o assunto.

A parte doutrinária, esta surgiu depois, com o estudo de Rivail, que não foi uma lucubração individual, mas o

<sup>854</sup> Irmão Saulo. Porta de Damasco - Alicerce esquecido. **O Clarim**. Matão (SP), ano XLV, n. 14, 28 de jan. 1950. p. 2.

<sup>855</sup> IRMÃO SAULO. Transformou-se, pelo trabalho, em verdadeira encarnação da doutrina. **O Clarim**. Matão (SP), ano XLVIII, n. 20, 23 de maio 1953.

<sup>856</sup> **O Clarim**. Matão (SP), 14 de fev. 1953. Ano XLVIII, n. 14a **O Clarim**. Matão (SP), 5 de dez. 1953. Ano XLVIII, n. 9.

<sup>857</sup> **Padre Nelson Antonio Romão**. Disponível em: <<http://www.saibaja.com.br/tv-matao/noticia/3405-paroquia-senhor-bom-jesus-comemorou-115-anos-nesta-segunda-feira-4>>.

resultado de uma pesquisa com bases tão seguras, que assumem a feição de verdadeira prova.

[...] <sup>858</sup>

Mais tarde, Imbassahy retornou a escrever no jornal; porém, artigos avulsos.

Embora em números absolutos seja apenas o terceiro entre os quatro aqui analisados, Deolindo Amorim foi aquele que permaneceu por mais tempo contribuindo com artigos e colunas para o jornal, onde pudemos identificar artigos de 1949 a 1982, portanto durante 33 anos colocou sua pena a serviço de *O Clarim*. Além dos artigos de cunho doutrinários por ele elaborados, encontramos alguns nos quais destacava o caráter e o trabalho de seus companheiros aqui analisados e também apresentava análises sobre a publicação de novos livros, como podemos verificar no artigo a seguir a respeito do livro *Matéria ou Espírito?*, de Carlos Imbassahy e Pedro Granja em fevereiro de 1950:

[...] Ainda a pouco tempo Carlos Imbassahy o polemista brilhante e dedicado, que todos nós admiramos, lamentava, em conversa com amigos, o seguinte fato: tendo escrito uma série de artigos para responder a um jornalista que atacara o Espiritismo, a direção do jornal, contrariando a ética jornalista, passou a publicar com regularidade apenas artigos que combatiam a doutrina espírita, deixando para depois os artigos de nosso querido confrade. Tal critério jornalístico é inesplicável... Ainda a propósito das polêmicas de Carlos Imbassahy tenho um fato ocorrido comigo. Faz poucos anos Carlos Imbassahy bateu-se em polêmica, por um jornal, creio eu, de Ponta Nova. Por achar, como sempre, muito interessantes as discussões doutrinárias de festejado escritor espírita, escrevi uma carta ao diretor do jornal, pedindo que me mandasse, com as despesas por minha conta, os artigos do Dr. Carlos Imbassahy etc, etc. Sabem qual foi a resposta? A direção do jornal mandou-me justamente o contrário do que eu havia pedido: os artigos do cidadão que estava combatendo o Espiritismo! [...] <sup>859</sup>

Quando da morte de Leopoldo Machado, Deolindo Amorim teceu os seguintes comentários sobre o amigo:

[...] O primeiro livro, de Leopoldo, que me chegou às mãos, quando ainda não nos conhecíamos pessoalmente,

<sup>858</sup> O que é na verdade o Espiritismo - O caso espírico das irmãs Fox. **O Clarim**. Matão (SP), 14 de fev. 1953. Ano XLVIII, n. 14.p.3.

<sup>859</sup> AMORIM, Deolindo. <<Matéria ou Espírito?>>. **O Clarim**. Matão (SP), 25 de fev. 1950. Ano XL, n. 15, p. 1-2.

foi *Sensacional Polêmica*, publicado quando eu estava dando os meus primeiros passos na seara espírita.

Muita gente ainda se recorda do memorável episódio de Nova Iguaçu, onde Leopoldo, colhido de surpresa, com febre, sem tempo sequer, para selecionar livros e coordenar argumentos, saiu da cama para enfrentar, em lugar neutro, frente a frente, um padre estrangeiro, cioso de sua cultura teológica, e que desafiara os espíritas para um debate.

[...] <sup>860</sup>

Durante os anos 1950, encontramos a coluna *Livros e Autores* em muitos exemplares, quando o jornal entendia ser relevante dar destaque ao lançamento de algum livro com temática relacionada ao espiritismo, responderam pela coluna entre outros, Leopoldo Machado, Arnaldo Claro São Tiago, Deolindo Amorim, José Herculano Pires e Carlos Imbassahy <sup>861</sup>.

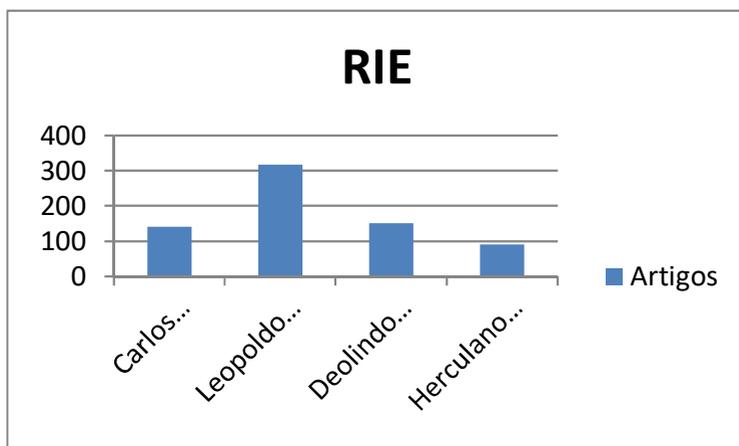
A seguir, com a ajuda do Gráfico 4, passamos para as páginas da *Revista Internacional de Espiritismo* que, diferentemente de *O Clarim*, os exemplares da revista estavam disponíveis na Biblioteca Nacional desde o primeiro, em 1925, apesar de, encontrarmos algumas falhas durante a sequência dos anos. A sua publicação desde o início foi mensal, e pela mesma razão que em *O Clarim*, na RIE nenhum dos quatro intelectuais aqui destacados exerceu qualquer cargo de direção.

---

<sup>860</sup> AMORIM, Deolindo. Desencarnou o Prof. Leopoldo Machado. **O Clarim**. Matão (SP), 14 de set. 1957. Ano LIII, n. 3, p. 3-4.

<sup>861</sup> SÃO TIAGO, Arnaldo Claro. Uma Grande vida de Leopoldo Machado. **O Clarim**. Matão (SP), 15 de ago. 1956. Ano LII, n. 1.p. 2-3.

Gráfico 4 – Quantidade de artigos na RIE



Fonte: RIE.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

A primeira menção a um dos quatro intelectuais aqui analisados foi localizada já no número 9 da revista referente a 15 de outubro de 1926, na coluna Espiritismo no Brasil, sob o título *Conferencias Scientificas*, fazendo alusão e comentários sobre a conferência realizada por Carlos Imbassahy na cidade do Rio de Janeiro, em 19 de agosto de 1926 na sede da Cruzada Espiritualista<sup>862</sup>. Nos primeiros anos da revista, além do seu fundador-editor Caibar Schutel, que escrevia em todos os números e, muitas vezes, exclusivamente ele escrevia toda a revista, encontramos contribuindo com artigos em quase todos os números Mariano Rango D’Aragona.

A contribuição de Leopoldo Machado foi altamente expressiva a partir de 1936, quando localizamos o seu primeiro artigo assinado na revista do mês de fevereiro, intitulada *O sábio Dr. William Stebel e o Espiritismo*<sup>863</sup>. Após o mês de janeiro de 1937 até o ano de 1950, muito raro foi o número da revista em que não existisse algum artigo assinado por Leopoldo Machado, quase sempre com assuntos doutrinários ou em defesa aos ataques sofridos pelo Espiritismo.

Leopoldo Machado era responsável pela coluna, homônima àquela impressa no jornal *O Clarim*, onde também atuava, *Livros e*

<sup>862</sup> Conferencia Scientifica. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de out. 1926. Ano II, n. 9. p. 300-304.

<sup>863</sup> O sábio Dr. Willian Stebel e o Espiritismo. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de set. 1936. Ano XII, n. 10, p. 301.

*Autores* na qual comentava e fazia críticas a respeito de livros e autores espíritas. Entre as muitas que encontramos, destacamos a referente aos meses de abril e maio (número duplo) de 1949, em que não só avalia o livro de Carlos Imbassahy, *Espiritismo e Loucura*, como também o autor e a amizade que os unia:

[...]

Não cremos que haja, no Brasil, dois espíritas de pontos de vistas que mais se choquem, principalmente em questões evangélicas, do que nós e o Imbassahy.[...] Continuámos ao longo dos anos sempre amigos e sempre em discordâncias. Mas, coisa interessante! – quanto mais discordamos, mais amigos. É que colocamos nossa amizade pura e sincera à margem de nossas idéias, nossos pontos de vistas.

[...]

Carlos Imbassahy acaba de publicar mais um volume, *Espiritismo e Loucura*. Edição primorosa da Allan Kardec Editora, de S. Paulo. [...] No mais, basta dizer, que se trata de livro de Carlos Imbassahy, editado pela Allan Kardec Editora. Só isso, ajustado ao título do volume, pensamos que é o bastante para recomendar o livro aos espíritas de boa vontade e cultura, que para eles foi o livro publicado.

[...] <sup>864</sup>

Achamos, em outras oportunidades, na mesma coluna, novas análises sobre outros livros de Imbassahy, como, por exemplo, a respeito de o *Reencarnação*<sup>865</sup> e sobre a obra em geral desse autor<sup>866</sup>.

Também, na mesma coluna, Leopoldo Machado fez referências ao livro *Africanismo e Espiritismo*, de Deolindo Amorim em agosto de 1947:

Os três artigos magistrais, que todos os leitores de *Estudos Psíquicos* leram desvanecidos, apareceram, agora, transformados em capítulos, corporificando um opúsculo que a Gráfica Mundo Espírita acaba de editar. Edição que, para nós, só pode dignificar a editora, pela oportunidade do assunto, pela justeza com que o assunto é tratado. O opúsculo traz, ainda a aumentar-lhe o grande mérito, um preâmbulo de Lippmann Tesh de Olivér, que é, por sua vez, um estudo forte, incisivo, desabusado

---

<sup>864</sup> MACHADO. Leopoldo. Livros e Autores. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de maio 1949. Ano XXV, n. 3 e 4, p. 65.

<sup>865</sup> MACHADO. Leopoldo. Livros e Autores. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de nov. 1953. Ano XXV, n. 12, p. 255-257.

<sup>866</sup> MACHADO. Leopoldo. Livros e Autores. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de out. 1955. Ano XXV, n. 11, p. 230-232.

mesmo<sup>867</sup>.

Dez anos depois, em agosto de 1957, também na mesma coluna, analisou a obra de Deolindo Amorim:

[...]

O Deolindo está – diga-se a verdade – na fôrça de sua produção. E o que mais interessante é: produção boa, substanciosa, atualíssima! Produção de que tudo se aproveita, de que nada, absolutamente nada, se perde.

Há autores, como Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Levindo Mello e mais meia dúzia de escritores de quem nada se perde de quem tudo se aproveita, com quem aprendemos muito.

[...] <sup>868</sup>

Fazendo uso da coluna que era de responsabilidade de Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, por sua vez, preparou uma análise do livro *Graças sobre Graças*, de Leopoldo Machado, além de ser o responsável pelo prefácio do material<sup>869</sup>.

Entre tantos artigos e colunas assinadas por Deolindo Amorim, podemos verificar sua síntese a respeito de Leopoldo Machado por ocasião da morte desse último, no exemplar de agosto de 1957:

Escrever sôbre LEOPOLDO MACHADO é recapitular mais de trinta anos de atividade no movimento espírita brasileiro. Leopoldo passou, de etapa em etapa, por quasi todas as searas do Espiritismo: a sessão mediúnica, a tribuna de conferência, o jornal, o livro, o rádio a organização de movimentos de mocidade, o teatro, a assiantência social. Foi, talvez, o conferencista que mais cidades percorreuneste país, a serviço da propaganda espírita, como todos sabem, foi dos maiores e dos mais vigorosos. Quando conheci Leopoldo Machado, e nossa amizade vem daquele tempo, esta êle, a bem dizer, no apogeu da tribuna: era o conferencista que aparecia diariamente nas colunas espíritas dos jornais <<A Pátria>> e <<Vanguarda>>. Eu o conheci, precisamente, quando êle era o homem da tribuna, de 2º domingo, no centro da Cidade e nos subúrbios do Distrito Federal. O primeiro livro, de Leopoldo, que me chegou às mãos, quando ainda não nos conhecíamos pessoalmente, foi

<sup>867</sup> MACHADO. Leopoldo. Livros e Autores. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de jul. 1947. Ano XXIII, n. 6, p.142-143.

<sup>868</sup> MACHADO. Leopoldo. Livros e Autores. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de ago. 1957. Ano XXXIII, n. 9, p.190.

<sup>869</sup> IMBASSAHY, Carlos. Livros e Autores. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de jan. 1952. Ano XXVII, n. 12, p.249-252.

*Sensacional Polêmica*, publicado quando eu estava dando os meus primeiros passos na seara espírita.

[...] <sup>870</sup>

Ainda sobre a morte de Leopoldo Machado, destacamos o artigo de Carlos Imbassahy também nas páginas da RIE de setembro de 1957:

[...]

Apesar das previsões, apesar de o ver debilitado, apesar de notar que a doença não o deixava, antes dêle se apoderava cada vez mais, apesar do triste prenúncio que me deixou a viagem à Bahia, a definitiva partida de Leopoldo Machado trouxe um abalo imenso: o vazio que deixou é profundo, e igualmente profunda a nossa convicção de que dificilmente encontraremos nas fileiras do Espiritismo outro propagandista com tanta energia, com tanta coragem, com tanta personalidade.

[...] <sup>871</sup>

Da mesma maneira que Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy comentavam e analisavam as obras de seus companheiros na revista, destacamos a atuação de Deolindo Amorim, onde realizou uma profunda análise composta de cinco longos artigos do livro de Carlos Imbassahy, *A Psicanálise perante a Parapsicologia* em que afirmava:

Há muito tempo se fazia sentir a necessidade, notoriamente proclamada, de um trabalho capaz de situar a posição do Espiritismo em face da Psicanálise ou, talvez dizendo com mais acerto, a posição da Psicanálise em face do Espiritismo.

[...]

Já temos, agora, um livro com este objetivo. É o recente trabalho de Carlos Imbassahy: *A Psicanálise perante a Parapsicologia* (Psicanálise, Religião, Espiritismo – Edição da Livraria Ghignone, Curitiba, 1960). [...] Têm, pois, os espíritas, no livro de Carlos Imbassahy, um guia lúcido e honesto, pois muitas pessoas, entre as que aceitam a doutrina espírita, ainda não compreenderam bem a posição do Espiritismo perante a Psicanálise. É mais um serviço, entre muitos e muitos outros, que a luminosa pena de Imbassahy vem prestar à cultura espírita no Brasil.

[...] <sup>872</sup>

---

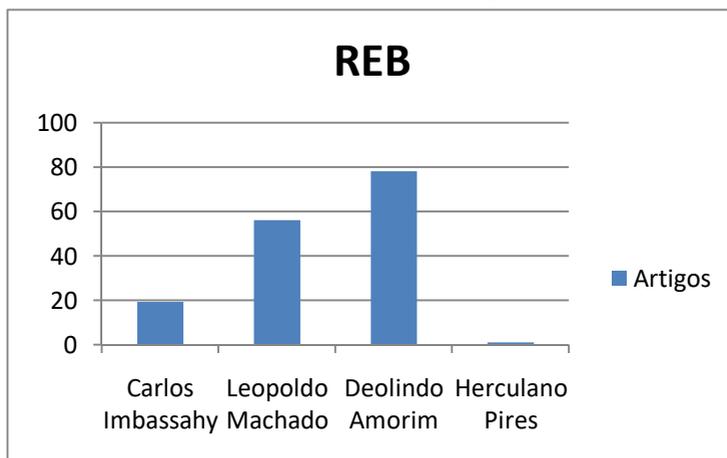
<sup>870</sup> AMORIM, Deolindo. Algumas Palavras sôbre Leopoldo Machado. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de ago. 1957. Ano XXXIII, n. 9. p. 182-183.

<sup>871</sup> IMBASSAHY, Carlos. O Velho Leopoldo. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de set. 1957. Ano XXXIII, n.10, p. 216.

<sup>872</sup> AMORIM, Deolindo. A Psicanálise perante a Parapsicologia. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão (SP), 15 de maio 1961. Ano XXXVII, n. 3 e 4. p. 69-74.



Gráfico 6 - Quantidade de artigos na REB



Fonte: REB.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

Apesar de sua fundação ter ocorrido em janeiro de 1929, apenas em janeiro de 1933 encontramos pela primeira vez algum artigo ou coluna assinado por um dos quatro intelectuais, sendo esse um artigo de Carlos Imbassahy, com o título *Medicina é medicina*<sup>873</sup>. Ressalta o fato de que nesse mesmo ano Henrique Andrade, proprietário do jornal *Mundo Espírita*, fundado um ano antes (1932), assumiria a presidência da Liga Espírita do Brasil (1933 – 1936)<sup>874</sup>, tornando-se responsável pela REB, e, como veremos mais à frente, Imbassahy, amigo íntimo de Henrique Andrade e colaborador desde o primeiro número do *Mundo Espírita*, iniciou, nesse período, sua colaboração na revista. Imbassahy contribuiu ao longo dos anos com uma pequena média de 2 a 3 artigos por ano e, como de costume, com temas doutrinários e ligados à defesa do Espiritismo.

Deolindo Amorim, por sua vez, aparece como aquele que mais cooperou com artigos assinados para a revista, também com temas ligados à defesa do Espiritismo e doutrinários. Podemos atribuir à causa

<sup>873</sup> IMBASSAHY. Carlos. *Medicina é medicina*. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, jan. 1933. Ano V, n. 1. p. 10-12.

<sup>874</sup> Resumo Histórico da Liga Espírita do Brasil (1926 – 1945). *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, abr. 1945. Ano XVII, n. 4. p. 4-9.

de Deolindo Amorim ser o que mais contribuiu, ao fato de atuar, como já comentamos anteriormente, como diretor-secretário (1938) e, posteriormente, como diretor-responsável (1940), portanto, de forma diferente de *O Clarim* e da RIE, onde nenhum dos quatro pesquisados assumiu cargo de direção.

De forma idêntica ao *O Clarim* e a RIE, encontramos notícias de maneira sistemática sobre as viagens de Carlos Imbassahy<sup>875</sup> e Leopoldo Machado pelo país a fim de promoverem a propaganda e a defesa do Espiritismo por meio de suas palestras de cunho doutrinário. Leopoldo Machado destacou-se como nenhum outro líder espírita em razão de suas constantes viagens ao longo dos anos. Da mesma maneira, encontramos os mesmos temas, destacados antes, em seus diversos artigos publicados na revista, tornando-o o segundo que mais contribuiu com trabalhos publicados<sup>876</sup>.

Herculano Pires, mesmo que já tivesse bastante destaque como escritor e defensor do Espiritismo, colaborou somente com um único artigo para revista, em outubro de 1947. Não conseguimos encontrar qualquer razão para tão pouca participação de Herculano Pires, visto que mantinha ele boa e sólida relação tanto com Deolindo Amorim, diretor da revista e da Liga, quanto com Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy, além de ser um grande opositor da FEB, que, como sabemos, distutava com a LEB a hegemonia do Campo Espírita Brasileiro naquele período.

Podemos atestar a relevância dada pela revista e seus responsáveis aos intelectuais aqui analisados, quando destacou Deolindo Amorim, seu diretor, para conduzir duas longas entrevistas com Leopoldo Machado<sup>877</sup> e Carlos Imbassahy<sup>878</sup>, denominadas *Porque se tornou espírita?*, ambas com claro objetivo pedagógico.

---

<sup>875</sup> Carlos Imbassahy falou na UEM. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, ago. 1942. Ano XIV, n. 8. p.10.; Semana Espírita de Macaé: Imbassahy e esposa sempre, todos os anos. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jul. 1945. Ano XVII, n. 7, p.15-16.

<sup>876</sup> Doutrinando: A excursão do Professor Leopoldo Machado ao Estado de Minas Geraes. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, ago. 1938. Ano X, n. 8. p.208-209; O Professor Leopoldo Machado e sua excursão de propaganda. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, mar. 1939. Ano XI, n. 3. p.374-375; Mais outra excursão do Prof. Leopoldo Machado. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, ago. 1942. Ano XIV, n. 8, p.10.; Uma grande propaganda Espírita: A nova excursão do prof. Leopoldo Machado a cidades mineiras. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jul. 1943. Ano XV, n. 7, p. 8.

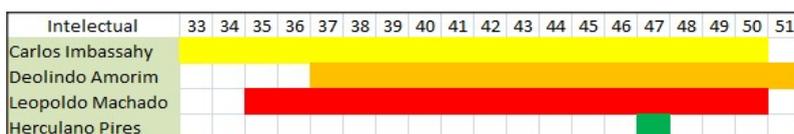
<sup>877</sup> Porque se tornou espírita? **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, dez. 1940. Ano XII, n. 12. p.- 6.

<sup>878</sup> Porque se tornou espírita? **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, jan. 1941. Ano XIII, n. 1, p. 5-6.

Também nas páginas da REB encontramos diversas análises e propagandas dos livros lançados pelos escritores espíritas nas colunas *Seara Alheia* e *Livros e Livros* com destaque para Imbassahy<sup>879</sup>, Machado<sup>880</sup> e Amorim<sup>881</sup>, que assinavam até mesmo essa coluna<sup>882</sup>.

Em vários momentos, encontramos, nas páginas da revista, a transcrição de palestras e conferências proferidas por um dos nossos analisados, realizadas na sede da Liga, em vários centros espíritas e programas de rádio<sup>883</sup>.

Gráfico 7 - Atuação dos intelectuais ao longo dos anos na REB



Fonte: RIE.

Nota: dados trabalhados pelo autor

Mais uma vez, constatamos a atuação conjunta, dessa vez, de três dos quatro intelectuais, pois, nesse caso específico, a presença de Herculano Pires, com apenas um artigo foi irrelevante. Mas, a participação simultânea dos outros em quatorze anos seguidos atuando tanto na revista quanto na LEB nos dão uma real dimensão de seus interesses e atuações em comum.

<sup>879</sup> Na Coluna Seara Alheia: AMORIM, Deolindo. Carlos Imbassahy: Religião. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, dez. 1942. Ano XIV, n. 12, p. 13.

<sup>880</sup> Propaganda Piguimeus Contra Gigantes de Leopoldo Machado. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, dez. 1940. Ano XII, n. 12, p. 10. Na Coluna Seara Alheia: AMORIM, Deolindo. Leopoldo Machado: Ide e Pregai. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, nov. 1942. Ano XIV, n. 11, p. 16. Na Coluna Seara Alheia: AMORIM, Deolindo. Leopoldo Machado: O Espiritismo é obra de educação. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, mar. 1944. Ano XIV, n. 3, p. 14. Na Coluna Seara Alheia: AMORIM, Deolindo. Leopoldo Machado: Das Responsabilidades Maiores dos Espíritas do Brasil. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 1945. Ano XVII, n. 4, p. 17.

<sup>881</sup> Na Coluna Seara Alheia: LIMA, J. Deolindo Amorim: Africanismo e Espiritismo. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 1947. Ano XIX, n. 4, p. 16-17.

<sup>882</sup> Livros Novos. Os Menezes. (de Carlos Imbassahy). **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, dez. 1933. Ano V, n. 12, p. 204. ; Seara Alheia. O Espiritismo é obra de educação. (de Leopoldo Machado). **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, mar. 1944. Ano XVI, n. 3, p. 14.

<sup>883</sup> Em torno do Mestre (de Leopoldo Machado). **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, mai. 1935. Ano VII, n. 5, p. 102-104. Ensaio biográfico sobre Eurípedes Barsanulfo (de Deolindo Amorim). **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, set. 1940. Ano XII, n. 9, p. 10-11. Espiritismo de Vivos (de Deolindo Amorim). **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, set. 1946. Ano XVIII, n. 9, p. 11-12.

O Gráfico 8 nos dá uma ideia da atuação dos intelectuais aqui analisados nas páginas do jornal *Mundo Espírita*.

Gráfico 8 – Quantidade de artigos no Mundo Espírita



Fonte: Mundo Espírita.  
Nota: dados trabalhados pelo autor.

Da mesma maneira que aconteceu na *Revista Espírita do Brasil*, no jornal *Mundo Espírita*, alguns dos intelectuais aqui analisados ocuparam cargo de direção no jornal. Tanto Deolindo Amorim como Carlos Imbassahy ocuparam por diversas vezes os cargos de redator-chefe e secretário<sup>884</sup>. Embora não tenha sido fundado como órgão oficial de uma instituição espírita como a REB e o *Reformador*, tornou-se órgão oficial da FEP em 1956.

Em nossas pesquisas tivemos acesso aos exemplares do jornal somente a partir de janeiro de 1945, perdemos então treze anos de sua publicação, pois o material desse período não se encontrava disponível para consulta nem na Biblioteca Nacional, nem na FEP, durante a época de nossa pesquisa. Como ocorreu com *O Clarim*, esse período inicial, ao qual não tivemos acesso, representa um momento bastante fértil da produção de Leopoldo Machado e de Carlos Imbassahy, proporcionando, assim, uma provável distorção nos dados alusivos à produção de ambos nas páginas do jornal. Fato esse agravado pela periodicidade semanal do jornal, pois somente a partir do número 601

<sup>884</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito (1974).Op. Cit.. 203 --204.

tivemos possibilidade de executar nossa análise sistemática dos exemplares do periódico. O período de início e fim da colaboração de cada um dos intelectuais nos foi fornecido por e-mail pela direção do jornal; por isso, temos esses dados, mas não os conteúdos referentes à produção integral de cada um.

A conduta marcadamente anti-roustainguista que notabilizou Henrique Andrade<sup>885</sup>, o qual esteve à frente do jornal até janeiro de 1948, funcionou como elo entre ele, os intelectuais aqui analisados e a redação do jornal, pois, com excessão de Leopoldo Machado, os outros três combateram de forma ostensiva o Roustainguismo por intermédio de livros e artigos, ao longo de suas vidas. Não só eles aparecem nas páginas do *Mundo Espírita* combatendo o Roustainguismo, podemos citar Luciano Costa, que teve o seu livro *Kardec e não Roustaing* anunciado e comentado, e também editado pela Gráfica Mundo Espírita<sup>886</sup>; o Gal. Araripe de Faria, publicou nas páginas do jornal uma série de onze artigos intitulados *A Nebulosidade Roustainiana*<sup>887</sup>; Lippman Tesch de Oliver, em artigo<sup>888</sup>, afirma que Roustaing houvera confessado sua mistificação em comunicação do médium Carlos Gomes dos Santos<sup>889</sup>, confirmando os apontamentos de Henrique Andrade no seu livro. Além desses exemplos, muitos outros autores ainda poderiam ser listados aqui.

Já sob a direção de Lins de Vasconcelos, notamos que as questões ligadas ao Roustainguismo passaram a rarear nas páginas do jornal e na coluna *Na Hora da Consulta*, de Carlos Imbassahy. Imbassahy em uma de suas colunas explicou a razão para tal acontecimento:

Tendo recebido várias cartas sobre este assunto que, não sei bem por que motivo, apaixonou muitos de nossos confrades. Mas, o “corpo fluídico” é, com o devido respeito, como o nariz do Cirano de Bergerac, palavra que não se pode pronunciar, matéria capaz de produzir deploráveis consequências. E por isso vou eu,

---

<sup>885</sup> Ver livro HENRIQUE, Andrade. **A bem da Verdade**. Rio de Janeiro: Mundo Espírita. 1946. Livro oriundo da série de 120 artigos publicados nas páginas do jornal Mundo Espírita.

<sup>886</sup> *Kardec e não Roustaing* – Luciano Costa. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, ano XIII, n. 601, 06 jan. 1945. p. 2.

<sup>887</sup> A série de artigos iniciou: FARIA, Araripe de. *A Nebulosidade Roustiniana*. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, ano XV, n. 695, 1º fev 1947. p. 3–4. E acabou no FARIA, Araripe de. *A Nebulosidade Roustiniana*. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, ano XV, n. 704, 12 abr. 1947. p. 304.

<sup>888</sup> OLIVER, Lippman Tessch de. *A Comunicação de J. B. Roustaing e o médium Carlos Gomes dos Santos*. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, ano XV, n. 715, 28 jun. 1947. p. 3-4.

<sup>889</sup> ROUSTAING. *Gutta cavat lapidem*. In: SANTOS, Carlos Gomes dos. *Páginas de Além Túmulo*. Rio de Janeiro, 1939. p. 55–56.

prudentemente, passando ao largo. Mas a insistência tem sido grande.

[...]

Ora, uma das razões de peso de meu silêncio é que o meu presado amigo, diretor dessa folha, não por intolância, mas por evitar contendas, e sobretudo desunião, que provocará a franquesa de nossa causa, tem fechado estas colunas à discussão do caso.

Vamos a ver, portanto, agora, se passo escondido, se contrabandeio este em meio ao papelório e à azáfama dos dias de impressão.

[...] <sup>890</sup>

Arthur Lins de Vasconcellos Lopes sempre fora conhecido e retratado por todos como um homem de coalizão, não possuindo um caráter belicoso, embora, tenha atuado amiúde em diversas frentes no interior do Movimento Espírita Brasileiro. Assim, o encontramos por muitas e muitas vezes engajado nas lutas encabeçadas pelos quatro intelectuais, motivo que nos leva a entender o não afastamento deles em razão da amizade que os unia, como podemos atestar nas palavras de Leopoldo Machado sobre a atuação de Lins de Vasconcelos no interior do Movimento Espírita Brasileiro ao afirmar que ele era “incontestavelmente o maior obreiro da unificação espírita no Brasil”<sup>891</sup>, reportando a sua ação na elaboração e posterior consolidação do Pacto Áureo.

Como nos demais periódicos, encontramos aqui nas páginas de *Mundo Espírita* análises e comentários dos quatro intelectuais sobre livros e artigos de suas lavras, ainda que também analisassem obras de outros intelectuais. Aqui, como nos demais periódicos que participavam, davam mais espaço e acuidade as obras um dos outros, caracterizando dessa maneira uma deferência reservada somente aos quatro. Assim, encontramos Carlos Imbassahy analisando o livro *Africanismo e Espiritismo* de Deolindo Amorim:

O autor demonstra que nem sempre o fato de existir fenômeno espírita significa que haja Espiritismo. E em boa hora no-lo diz e prova. De fato, o Espiritismo é uma doutrina do bem e para o bem, e nem sempre as práticas de feitiçaria colimam aquele objetivo. A pequena obra de Deolindo Amorim tem, pois o incalculável mérito de abrir os olhos de uns e fechar a boca de outros. É ela prefaciada por Lippman Tesch de Olivér, uma ótima pena a serviço

<sup>890</sup> IMBASSAHY, Carlos. Na Hora da Consulta: O Corpo fluídico do Cristo – Roustaing. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, ano XIX, n. 805, 28 out.1950. p. 1 e 4.

<sup>891</sup> MACHADO, Leopoldo. *A Caravana da Fraternidade*. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p.364.

da doutrina<sup>892</sup>.

Da mesma forma, Deolindo Amorim comentou o livro *A Mediunidade e a Lei*, de Carlos Imbassahy em maio de 1946<sup>893</sup>, e também analisou o livro *Os Filósofos* de Herculano Pires:

Já escrevi há pouco tempo no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, um artigo sobre o livro *Os Filósofos* de J. Herculano Pires. Fi-lo com a preocupação do conjunto, visando apenas à significação do livro, sobretudo pelo espírito crítico do Autor, justamente porque, fugindo ao lugar comum das repetições de simples dados biográficos, o que é muito freqüente neste gênero de literatura. Herculano Pires deu uma contribuição pessoal, fez apreciações próprias, tornando o livro muito diferente de outros livros de biografias. É nisto, precisamente, que está, em meu entender, o aspecto mais atraente de seu trabalho. É justo dizer que o nosso confrade Herculano Pires (Irmão Saulo) não é somente jornalista, mas também um homem de pensamento, uma cultura das mais amplas no meio espírita brasileiro [...]<sup>894</sup>.

Observamos também Leopoldo Machado de maneira mais abrangente fazendo em junho de 1957 um balanço sobre a obra de Deolindo Amorim e também comentando sobre o autor, qualificando-o como seu virtual sucessor, pois Leopoldo Machado já se encontrava muito doente e, em razão disso, pouco depois morreria:

[...]

O Deolindo está – diga-se a verdade – na força de sua produção. E o que mais interessante é: produção boa, substanciosa, atualíssima. Produção de que tudo se aproveita, de que nada, absolutamente nada se perde.

Há autores, como Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Levindo Mello e mais meia dúzia de escritores de quem nada se perde, de quem tudo se aproveita, com quem aprendemos muito.

[...]

Há vinte anos passados, demos de cara, numa tarde, com Fred Figner, à entrada da Federação. Ouvimos, então, de

---

<sup>892</sup> IMBASSAHY, Carlos. Africanismo e Espiritismo de Deolindo Amorim. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, ano XV, n. 705, 19 abr.1947. p. 3-4. Podemos observar também Imbassahy analisando mais um livro de Deolindo Amorim “O Espiritismo à Luz da Crítica” – IMBASSAHY, Carlos. Livros: O Espiritismo à Luz da Crítica. **Mundo Espírita**. Curitiba (PR), ano XXIV, n. 869, 30 nov. 1956. p. 3.

<sup>893</sup> AMORIM, Deolindo. *A Mediunidade e a Lei*. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, ano XV, n. 659, 25 mai. 1946. p. 2.

<sup>894</sup> AMORIM, Deolindo. *Herculano Pires e os Filósofos*. **Mundo Espírita**. Curitiba, ano XXX, n. 929, 30 nov.1961. p. 5 e 8.

seus lábios: <Parece que você agora só faz Espiritismo! Quer na imprensa e nas polêmicas, no rádio e na tribuna, no livro e nas excursões... em toda parte só se encontra o Leopoldo Machado. E seu Colégio? E a família? E seus negócios particulares, homem>?

O que há tempo ouvimos de Figner, poderíamos dizer, e com mais segurança, e com mais p r e c i s ã o, de Deolindo Amorim.

[...]

Deolindo Amorim já nos enviou quatro **Cadernos Doutrinários**, de **Divulgação do Espiritismo**, didaticamente organizados e distribuídos pelo Centro Espírita 18 de Abril, de sua fundação. E que Cadernos! E que substância doutrinária!

[...]

Nada de incidir no pecado do Deolindo, a propósito do nosso **Caravana da Fraternidade**, que ele não leu, tal era sua alergia ao **Pacto Aureo**. Nós ainda continuamos fieis ao **Pacto Aureo**, embora... embora... [...] <sup>895</sup>

Já Herculano Pires fez uma análise da atuação como intelectual de Carlos Imbassahy e de sua obra ligada à *Metapsíquica*, uma das razões pelas quais lhe atribuíram o epíteto de “Bozzano Brasileiro”, em face de sua dedicação ao aspecto científico do Espiritismo, conforme observamos nas palavras de Herculano Pires:

Há homens que enfrentam o seu tempo, que não se dobram às forças contingentes, que sustentam os seus ideais com uma obstinação que chega às raias da temeridade, tudo sacrificando em benefício da fé que lhes ilumina o espírito. [...] Imbassahy é um nome consagrado nos meios espiritualistas do país e de todo o continente. Seus numerosos trabalhos, seus livros e suas conferências, repercutem por toda a parte, inclusive nos países de além mar, como Portugal e França, onde quer que haja interesse pelos problemas do espírito.

[...]

Com sua cultura, sua vocação para o estudo, sua extraordinária dedicação à causa do pensamento, Carlos Imbassahy poderia figurar na lista dos grandes intelectuais brasileiros colocados em posição de preeminência.

[...]

Estamos, pois, diante de um pensador que se coloca à margem do presente, por amor ao futuro. Sua antevisão da

---

<sup>895</sup> MACHADO, Leopoldo. LIVROS E AUTORES: As últimas produções de Deolindo Amorim. **Mundo Espírita**. Curitiba (PR), 30 jun.1957. Ano XXVI. n. 876. p.2. Podemos observar também Leopoldo Machado analisando outro livro de Deolindo Amorim, “O Espiritismo e os Problemas Humanos”, de 1948, que contou com prefácio de Carlos Imbassahy – MACHADO, Leopoldo. O Espiritismo e os Problemas Humanos. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 9 out.1948. Ano XVII. n. 755. p. 1 e 4.

verdade o obriga a viver em conflito com a época. Podemos divergir de Imbassahy, condenar os aspectos fideístas de sua obra, discordar de muitas de suas conclusões. Mas jamais poderemos discordar de tôdas elas, porque há sempre um fundo de verdade que se torna irredutível a qualquer crítica, e é êsse fundo que constitui a essência do seu pensamento. Discípulo de Richet e Denizart Rivaill, mais do primeiro do que do último, Imbassahy é um apóstolo solitário. Defende em nosso país, praticamente sozinho, os princípios da Metapsíquica, sendo atualmente o único autor brasileiro que dispõe de uma obra sólida, de dezenas de volumes consagrados aos problemas da fenomenologia supranormal. [...] <sup>896</sup>.

Podemos perceber de forma praticamente exclusiva reproduções e análises de conferências e entrevistas <sup>897</sup> especiais dos intelectuais pesquisados. Carlos Imbassahy foi convidado a prestar uma entrevista exclusiva para o jornal em setembro de 1959 <sup>898</sup>, já Deolindo Amorim concedeu entrevista em que chegou a fazer sua profissão de fé:

De Deolindo Amorim para <<Mundo Espírita>>.

– Como foi levado ao Espiritismo?

– Fui levado ao Espiritismo pela doutrina. [...]

A doutrina espírita, com a sua clareza, com os seus elementos de convicção, tiro-me as dúvidas do espírito. Não fôsse a influência da doutrina espírita, eu seria um cético e, talvez, até, caísse no ateísmo. A doutrina espírita fêz verdadeira revolução dentro de mim, porque me fêz compreender a justiça de Deus nas próprias desigualdades humanas, através da reencarnação.

[...] <sup>899</sup>.

Em virtude da comemoração dos cem anos do Espiritismo em 1957, inúmeras homenagens foram prestadas a Allan Kardec e ao Livro dos Espíritos, cujo lançamento marca a data na qual os espíritas consideram a fundação do Espiritismo. Ainda, a fim de seguir as

---

<sup>896</sup> PIRES. J. Herculano. Imbassahy e sua obra. **Mundo Espírita**. Curitiba (PR), 30 set.1956. Ano XXIV, n. 867.p. 1-2.

<sup>897</sup> Quanto às diversas conferências e palestras, podemos listar algumas: MACHADO, Leopoldo. Conferências C.E. Discípulos de Jesus. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 24 fev.1945. Ano XIII, n. 607, p. 2.; AMORIM, Deolindo. Conferências no Grupo Espírita Preto a Jesus. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 24 mar.1945. Ano XIII, n. 611.p. 2-3. Resumo das últimas conferências de Deolindo Amorim. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 24 mar.1945. Ano XIII, n. 611.p. 3-4.

<sup>898</sup> Entrevista com Carlos Imbassahy. **Mundo Espírita**. Curitiba (PR), 30 set.1959. Ano XXVII, n. 903. p. 1 e 4.

<sup>899</sup> Entrevista com Deolindo Amorim. **Mundo Espírita**. Curitiba (PR), 31 jan.1957. Ano XXV, n. 871.p. 1-2.



Imbassahy, nas páginas do *Mundo Espírita* relativamente às produções de Leopoldo Machado e de Herculano Pires.

Podemos explicar essa desproporção pelo fato de Imbassahy, entre 1932 e 1968, além de possuir vários artigos soltos no jornal, foi titular das colunas: Na hora da consulta, Coisas e Casos e Notícias da FEB; e tanto a primeira quanto a segunda de forma exclusiva e por longos anos. Após sua morte, foi publicada uma coluna de nome *Crônicas Anacrônicas*, com trechos de seus livros, no período de 1971 a 1996 e a coluna *Relembrando...*, em 1986.

Deolindo Amorim, no período de 1934 a 1984, da mesma forma que Carlos Imbassahy, teve inúmeros artigos avulsos no jornal e foi titular das colunas: *Assuntos Atuais* e *Notícias da FEB*. A primeira de forma exclusiva, e a segunda dividindo com outros autores. Do mesmo modo, depois de a sua morte, em 1984, muitos artigos e trechos de seus livros foram reproduzidos até 1999.

Já Leopoldo Machado foi aquele que permaneceu por menos tempo ligado ao jornal, ou seja, esteve nele por dezessete anos, não obstante tenha escrito por algum tempo em duas colunas: *Notícias da FEB* e *Para o Padre Morais e seus fans*, sendo a segunda de forma exclusiva.

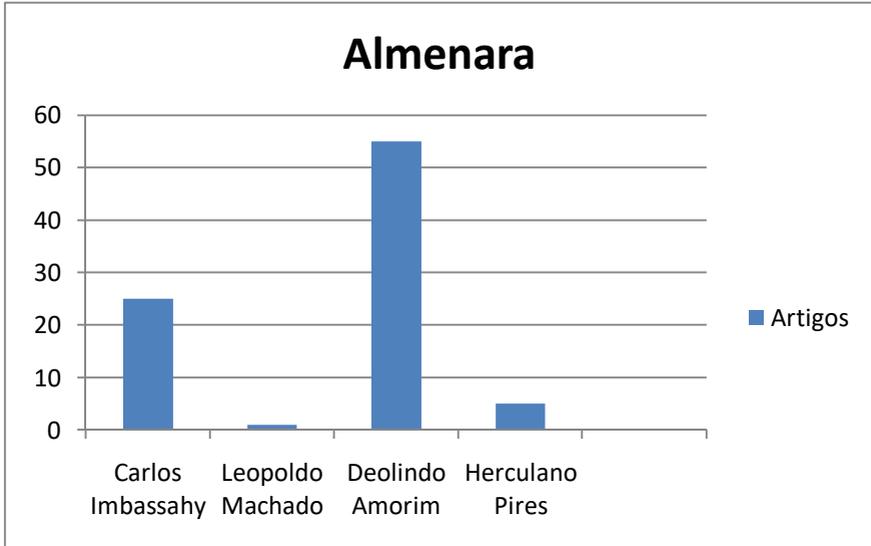
Herculano Pires, por sua vez, sempre contribuiu com artigos avulsos sem nunca ter sido titular de uma coluna específica, embora tenha mantido ligações com o jornal por longos 34 anos. Portanto, podemos atribuir a esse fato o número reduzido de artigos se comparado aos dois primeiros autores.

A atuação em conjunta dos quatro durou apenas dez anos; entretanto, se não levarmos em conta a participação de Leopoldo Machado, esse número sobe para 28 anos de convivência. Não podemos esquecer que em 1953 a sede do jornal foi transferida para a cidade de Curitiba, no Estado do Paraná e que, três anos após, se tornou órgão oficial da Federação Espírita do Paraná, instituição esta vinculada de forma institucional à FEB por meio do Conselho Federativo Nacional, quando certamente o jornal perdeu o que restava ainda da verve combativa de outrora, quando seu diretor era Henrique Andrade.

A partir de agora, como podemos observar no Gráfico 10, passamos a destacar a atuação dos intelectuais no *Almenara*, o jornal que teve a vida mais curta entre os aqui analisados e que certamente honrou o seu subtítulo *Órgão Independente e de Orientação Espírita*, de forma mais categórica. Como já observamos, desde o seu início, marcou sua posição de independência no que se relaciona às posições defendidas pela FEB. Assim, por cerca de dez anos, o jornal lutou

incessantemente contra a Federação Espírita Brasileira, o seu Conselho Federativo Nacional e a adoção da obra de Roustaing por parte da FEB<sup>905</sup>.

Gráfico 10 - Quantidade de artigos no Almenara



Fonte: Almenara.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

Do alto “Da Torre de Vigilância”, do topo de seu “farol”, encontramos o diretor-responsável, Antônio Pereira Guedes, observando, comentando, lutando, vigiando e defendendo, e iluminando aquilo que entendia como Espiritismo, por meio das páginas de seu jornal *Almenara*<sup>906</sup>. Desde o seu número inaugural, o jornal dava pistas das suas pretensões quanto ao que entendia como sendo o Espiritismo e quanto ao seu entendimento do momento no qual se encontrava o Movimento Espírita Brasileiro, quando estampava, em sua página

<sup>905</sup>QUINTELLA. Op. Cit.p. 39-40.

<sup>906</sup> Periódico editado na cidade do Rio de Janeiro, de agosto de 1952 a dezembro de 1962. De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (eletrônico – versão 3.0), Almenara corresponde a: farol ou fogueira que, colocados em torres e outros lugares elevados, emitiam sinais que podiam ser avistados de consideráveis distâncias; torre de onde esses sinais eram enviados; lugar onde está a luz; farol.

inicial, a seguinte manchete: “Os Próprios Espíritas decretam a Falência do Espiritismo no Brasil”<sup>907</sup>. Onde afirmava que

[...] Hoje não há mais respeito ao magnífico ideal. Conspurca-se a Doutrina, malbaratando o tesouro da Revelação. E tudo isso se faz ao som da fanfarrinha, entoando hinos e canções. Aqui é um médico, cheio de ambições, que se diz espírita, encastelado atrás de um diploma, explorando a credulidade pública. Ali, um fanfarrão mal alfabetizado, ainda em nome do Espiritismo, com milhares de mãos estendidas a pedir; a dêle e as dos que o acompanham prestigiando a promessa de uma obra e enxovalhando a Doutrina, visto que na ânsia de arrancar o dinheiro por todos os processos, se lançam mãos, desde a lista, de aparência inocente, as festas descabidas culminando o jogo que tanto degrada o caráter. Acolá, é a sincretização da Doutrina que deixa de ser a que orienta e liberta para tornar-se em cadêia que manietta a inteligência e escraviza o espírito [...] <sup>908</sup>.

No seu terceiro número publicado em outubro de 1952, Pereira Guedes afirmava em seu editorial intitulado *A Verdade Acima de Tudo*:

[...] Aos que vivem à sombra do Espiritismo explorando o povo sob qualquer aspecto, nós os alertamos, convocando-os ao trabalho honesto.

Os que tumultuam a doutrina, que transformam os templos em pagodes orientais conduzindo o Espiritismo à idolatria, nesse retrocesso avassalador que estamos testemunhando, serão os nossos mais visados adversários, sem contudo fugirmos à norma doutrinária da fraternidade.

[...]

Se penetrarmos em uma “tenda umbandista”, o fazemos com o mesmo espírito de fraternidade, mas, nem por isso seríamos capaz de abdicar do nosso direito de ser franco, dizendo a verdade, acima de tudo: “Umbanda” não é Espiritismo.

[...]

O nosso espírito de fraternidade jamais chegará ao ponto de fundirmos ou confundirmos Espiritismo com mediunismo, “umbanda” com Espiritismo.

[...] <sup>909</sup>

<sup>907</sup> GUEDES, Antonio Pereira. Os Próprios Espíritas decretam a Falência do Espiritismo no Brasil. **Almenara**, Rio de Janeiro, p. 1, ago. 1952.

<sup>908</sup> GUEDES, Antonio Pereira. Os Próprios Espíritas decretam a Falência do Espiritismo no Brasil. **Almenara**, Rio de Janeiro, p. 3, ago. 1952.

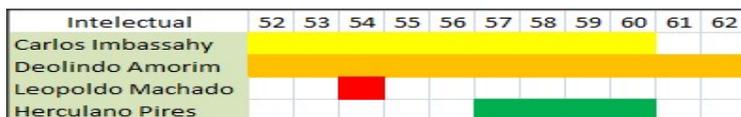
<sup>909</sup> GUEDES, Antonio Pereira. *A Verdade Acima de Tudo*. **Almenara**, Rio de Janeiro, out. 1952. Ano 1.p. 3.

Distintamente dos demais periódicos aqui analisados, conseguimos ler e analisar todos os exemplares editados do jornal, pois há uma coleção completa disponível na Biblioteca Nacional.

Os articulistas que contribuíram para o desenvolvimento e a duração do empreendimento o fizeram por intermédio dos seus artigos que compuseram vários números do jornal. Antônio Pereira Guedes, seu editor, contribuiu em todos os 125 números do jornal com artigos e editoriais. A seguir, listamos aqueles que mais assiduamente contribuíram com seus artigos: Deolindo Amorim, com 55 artigos (44% das edições); e Carlos Imbassahy, com 25 artigos (20% das edições); além de Alfredo Molinaro, também com 25 artigos (20% das edições). Os outros dois intelectuais analisados em nossa pesquisa contribuíram de forma bem menos atuante, Leopoldo Machado, com um único artigo enquanto Herculano Pires contribuiu com cinco artigos.

Além desses principais colaboradores do jornal, podemos ainda elencar figuras de relevo nas lides espíritas como, por exemplo: Manoel Quintão, Olivio Novaes, Newton Boechat, Alfredo D'Alcântara, Rodolfo Coelho Cavalcanti, Júlio Abreu Filho, Arnaldo S. Tiago, Henrique Rodrigues, Lippmann Tesch de Oliver.

Gráfico 11 – Atuação dos intelectuais ao longo dos anos no Almenara



Fonte: Almenara.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

Carlos Imbassahy, de forma contrária à sua atuação nas páginas do Mundo Espírita no período sob a liderança de Lins de Vasconcellos, aparece nas páginas do Almenara imbuído de seu velho estilo combativo, em consonância com o estilo agressivo de Pereira Guedes, tendo cooperado com o jornal desde o seu primeiro número<sup>910</sup>, como podemos observar no Gráfico 11 acima.

<sup>910</sup> IMBASSAHY, Carlos. Espiritismo e Espiritualismo. **Almenara**. Rio de Janeiro, ago. 1952. Ano 1, n.1. p.1.

Durante os anos 1955 a 1957<sup>911</sup>, Imbassahy envolvido em polêmica com o Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg OFM<sup>912</sup>, frequentador de sua casa em Niterói, e seus ataques ao Espiritismo em livros e artigos publicados em jornais católicos, pelas páginas do *Almenara*, escreveu vários artigos em defesa do Espiritismo e de seus pontos de vista. Assim, podemos observar em novembro de 1955:

Em péssima aventura, devo eu dizer, porque caiu, desventuradamente, sob a análise de um frade, pugilista de feroz catadura, quando se trata de Espiritismo, e para o qual tudo vale. “Jogo livre”, onde dificilmente se aguentará qualquer adversário, por mais temível que pareça.

Havia um santo homem, lá pelo tempo da Inquisição, para quem o amor do próximo era um imperativo categórico. Mas que não lhe falassem em hereses; via crepitar um dos seus semelhantes nas fogueiras purificadoras com uma beatitude puramente celestial.

Pois assim é o Frei Boaventura, embora o seu júbilo não vá, talvez, até a pira inquisitorial. Mas o fato é que a sua bondade cristã é capaz de se transformar, rapidamente, e o seu espírito se acenderá de uma indignação realmente santa, onde tope esse ímpio escândalo, que é a doutrina espírita.

Estaria o bom frade, provavelmente, numa de suas horas de doce recolhimento, pensando nas delícias do Paraíso, do mesmo passo que brisas de inefável prazer lhe osculavam a fronte, ao lhe lembrarem os estertores dos réprobos nas caldeiras infernais; estaria nesse ledó engano

---

<sup>911</sup> IMBASSAHY, Carlos. *A Reencarnação Em Má Aventura*. **Almenara**. Rio de Janeiro, nov. 1955. Ano 4, p.5. IMBASSAHY, Carlos. *O Argumento Especificamente Espírita*. **Almenara**. Rio de Janeiro, ago. 1955. Ano 4, n.41. p.1. IMBASSAHY, Carlos. *O Argumento Cristão*. **Almenara**. Rio de Janeiro, fev. 1956. Ano 4, n. 43.p.4. IMBASSAHY, Carlos. *O Argumento Cristão*. **Almenara**. Rio de Janeiro, abr. 1956. Ano 4, n. 45. p.7. IMBASSAHY, Carlos. *Os Jornais do Tio Ignácio*. **Almenara**. Rio de Janeiro, out. 1956. Ano 5, n. 51. p.4. IMBASSAHY, Carlos. *O Frade e o Cristianismo*. **Almenara**. Rio de Janeiro, nov. 1956. Ano 5, n. 52.p.7. IMBASSAHY, Carlos. *Em torno da definição do Espiritismo*. **Almenara**. Rio de Janeiro, dez. 1956. Ano 5, n. 53.p.4. IMBASSAHY, Carlos. *Ainda em torno da definição do Espiritismo*. **Almenara**. Rio de Janeiro, jan. 1957. Ano 5, n. 54. p.4.

<sup>912</sup> Segue uma pequena relação de cadernos e livros com temas ligados ao Espiritismo desse autor: Por que a Igreja condenou o Espiritismo (Ed. Vozes, 1953); Material para Instruções sobre a Heresia Espírita - Primeiro Ciclo (Ed. Vozes, 1953); Material para Instruções sobre a Heresia Espírita - Segundo Ciclo (Ed. Vozes, 1953); Resposta aos Espíritas (Ed. Vozes, 1954); O Livro Negro do Espiritismo (Ed. Vozes, 1955); A Reencarnação - Exposição e Crítica (Ed. Vozes, 1955); O Reencarnacionismo no Brasil (Ed. Vozes, 1957); A Psicografia de Chico Xavier (Ed. Vozes, 1960); Cruzada de Defesa da Fé Católica no I Centenário do Espiritismo (Ed. Vozes, 1957); O Espiritismo no Brasil (Ed. Vozes, 1960/1964); Ação Pastoral perante o Espiritismo (Ed. Vozes, 1961); O Reencarnacionismo no Brasil (Ed. Vozes, 1961); Espiritismo: orientação para os católicos (São Paulo: Edições Loyola). 1991; Reencarnação? (Ed. Vozes, 1999).

dalma que a fortuna não deixa durar muito, quando lhe veio às mãos, santificadas pelo folhear da Bíblia, o meu nefando livro – A Reencarnação e suas provas. [...]<sup>913</sup>.

Também envolto em controvérsias com o Frei Boaventura Kloppenburg, Deolindo Amorim em artigo intitulado *A Igreja e o Espiritismo*, na edição de junho de 1956, analisa o papel do frei como o mais contundente instrumento da Igreja Católica contra o Espiritismo. Já na edição de julho de 1955, encontramos Deolindo Amorim escrevendo sobre a relação entre Estado e Religião:

Os acontecimentos ultimamente ocorridos na Argentina, em relação à velhaquestão Igreja-Estado, por mais alarmante que sejam as suas consequências, já eram previstos na ordem natural das coisas, pela própria experiência da História. Nunca se deve esquecer, a propósito, a grande advertência de RUY, o glorioso brasileiro Ruy Barbosa, quando dizia, no verdadeiro sentido profético de sua doutrinação cívica: infeliz da religião que, para sobreviver, precisa do apóio do Estado. Realmente Religião e Estado são dois conceitos distintos, duas instituições que desempenham funções diferentes, embora não sejam antagônicas. O poder de César e a Fé representam dois planos, que se sucedem na hierarquia de valores: o temporal e o espiritual. A linha divisória entre a Religião e o Estado já está nitidamente fixada no Evangelho: “a Cezar o que é de Cezar, a Deus o que é de Deus”<sup>914</sup>.

Da mesma forma e veemência com que Pereira Guedes, Carlos Imbassahy e Deolindo Amorim defendiam o Espiritismo nas páginas do *Almenara*, encontramos Herculano Pires em defesa de sua doutrina, fazendo coro mais uma vez com seus parceiros e amigos, agora, no jornal em que o combate e a defesa do Espiritismo era condição básica para ali qualquer articulista expor suas ideias, como observamos no artigo a seguirem que Herculano Pires elenca uma série de antagonistas à sua visão do Espiritismo, dentro e fora do próprio Campo Espírita Brasileiro:

[...]  
Como se não fôsse suficiente o carruncho doutrinário do roustanguismo, a corroer a casa-mater e espalhar-se entre

<sup>913</sup> IMBASSAHY, Carlos. A Reencarnação Em Má Aventura. *Almenara*. Rio de Janeiro, nov. 1955. Ano 4, n. 40. p.5.

<sup>914</sup> AMORIM, Deolindo. O Estado e a Religião. *Almenara*. Rio de Janeiro, jul. 1955. Ano 3. n. 36. p.5.

as afiliadas, surgem ainda Zarur, Umbanda, a Religião Inversal, O Partido Espiritual Socialista, as Fraternidades André Luiz, as baboseiras ramatizianas, e outros queijondas. Profetas da terra e profetas do espaço, videntes do aquém e do além, semeiam o joio a mancheias na terra farta da seara indefesa.

Nem a obra de Kardec é poupada. Para uns, está superada e deve ser substituída por novos ensinamentos provenientes de fontes mediúnicas de qualquer categoria. [...]

Para outros, ainda, é simplesmente o “vale-tudo”, pois tudo o que sirva para fazer barulho deve ser usado<sup>915</sup>.

Embora Leopoldo Machado fosse reconhecidamente um dos mais atuantes defensores e escritores espírita, como podemos observar nas páginas deste trabalho, compareceu apenas uma única vez nas páginas do *Almenara*, e como não poderia deixar de ser com artigo *Personalismo Sadio, o nosso?*, em defesa da Doutrina Espírita, comentando aquilo que no seu entender representaria uma série de abusos e erros doutrinários, os quais ocorriam no interior do Movimento Espírita Brasileiro<sup>916</sup>. Como já sabemos, o *Almenara* pautou sua conduta como grande crítico e opositor da Federação Espírita Brasileira e, por conseguinte, do Pacto Áureo e a pretendida hegemonia da FEB. Em razão dessa postura combativa do jornal quanto à Federação e somando-se o fato de Leopoldo Machado ter sido um dos maiores defensores do Pacto Áureo, inclusive nomendo como tal, fica clara a dificuldade desse autor contribuir de forma sistemática com o jornal, apesar de Machado ter algumas restrições à própria FEB.

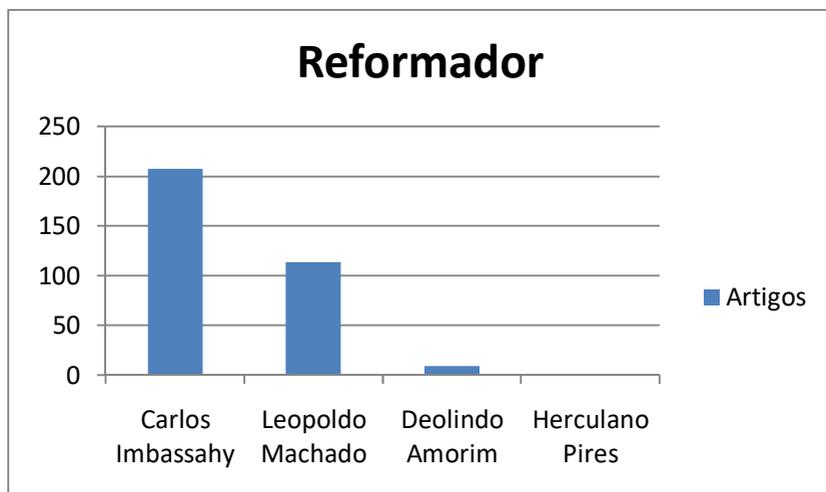
Passamos agora a destacar a atuação dos intelectuais na revista *Reformador*, o periódico com a vida mais longa de todos aqui analisados, sendo impresso sem interrupção desde janeiro de 1883 e, no ano seguinte, com a fundação da FEB, tornou-se órgão oficial dessa instituição, a mais prestigiosa de todo o Campo Espírita Brasileiro. Assim sendo, nesse ponto, o *Reformador* assemelha-se à REB e, posteriormente, ao *Mundo Espírita*, como órgãos oficiais de federativas espíritas, o que empresta a esses periódicos caracteres diversos dos demais que atuavam e ainda atuam como órgãos independentes.

---

<sup>915</sup> PIRES, Herculano. Doutrina e Não Mediunismo. *Almenara*. Rio de Janeiro, ano 8, n. 88, nov. 1959. p.7.

<sup>916</sup> MACHADO, Leopoldo. Personalismo Sadio, o nosso? *Almenara*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, nov. 1954. p.7.

Gráfico 12 – Quantidade de artigos no Reformador

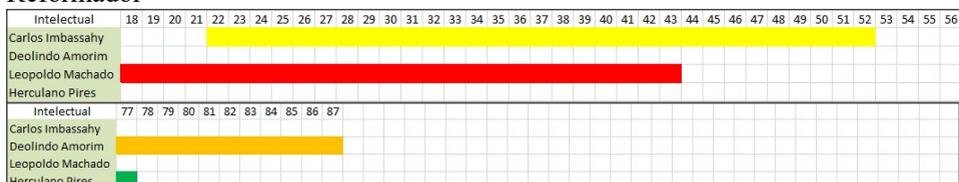


Fonte: Reformador.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

Logo de primeira, saltam aos nossos olhos (Gráfico 12) a enorme discrepância entre o volume de artigos encontrados na revista em relação à produção de Carlos Imbassahy e Leopoldo Machado, e a produção de Deolindo Amorim e Herculano Pires. Também se destaca o fato de que o período no qual os dois primeiros militaram nas páginas do *Reformador* não coincide com o de atuação dos dois últimos, diversamente dos outros periódicos aqui analisados, em que pelo menos três deles atuavam simultaneamente. A seguir, vamos tentar desvendar as razões para esses fatos.

Gráfico 13 - Atuação dos intelectuais ao longo dos anos no Reformador



Fonte: Reformador.

Nota: dados trabalhados pelo autor.

Iniciamos com Carlos Imbassahy, pois, conforme podemos verificar, foi aquele que mais contribuiu com artigos para a revista, iniciando em setembro de 1922, sob o título *Os progressos do Espiritismo e o orgulho dos homens*<sup>917</sup>. Também aqui no *Reformador*, Imbassahy exerceu cargos de chefia, atuando como secretário por um período de vinte anos, entre 1923 e 1943. Como vimos anteriormente, após Wantuil de Freitas deixar a gerência da revista e assumir a presidência da FEB, tornou-se também o principal responsável pela revista e, aos poucos, Imbassahy foi afastando-se da Federação e, conseqüentemente, da revista, em que as suas últimas contribuições foram cópias de outras anteriormente impressas em suas páginas. Certamente, em razão de sua atuação como secretário da revista por vinte anos, explica-se a quantidade de publicações bastante superior a dos outros aqui destacados.

Anterior ao fim do ciclo de Imbassahy no *Reformador*, vamos encontrá-lo em seu meio natural, isto é, envolvido em questões doutrinárias e também em polêmicas com os adversários de sua doutrina, por meio de uma defesa como sempre contundente. Assim, entre dezembro de 1943 e março de 1944<sup>918</sup>, em meio a uma polêmica com o Pastor Zaquie de Melo, da cidade de São João da Boa Vista (SP), sobre questões entre o Espiritismo e o Cristianismo podemos perceber esse fato:

Um pastor protestante, em S. João da Boa Vista, S. Paulo, lança-nos 8 perguntas, que tem como irrespondíveis. Elas vêm ao pé de um longo artigo, como tiro de misericórdia. É para matar de vez. E assim diz: “Finalizando, ofereço aos curiosos umas perguntinhas práticas que devem ser feitas aos chefes espíritas idôneos” Não sei se as perguntas se dirigem aos chefes espíritas idôneos ou aos curiosos. Como quer que seja, são pontos que merecem ventilados, e embora não me inculque curioso ou chefe espírita idôneo, vou tentar responder-lhes, tão certo é também parecer impolidez deixar sem resposta uma pergunta.  
[...]<sup>919</sup>

<sup>917</sup> IMBASSAHY, Carlos. Os progressos do Espiritismo e o orgulho dos homens. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 40.1922

<sup>918</sup> IMBASSAHY, Carlos. As perguntas de um Pastor. **Reformador**. Rio de Janeiro, dez.1943. Ano LXI, n. 12. p.9-11. IMBASSAHY, Carlos. As perguntas de um Pastor. **Reformador**. Rio de Janeiro, fev.1944. Ano LXII, n.2. p.30-31. IMBASSAHY, Carlos. As perguntas de um Pastor. **Reformador**. Rio de Janeiro, mar.1944. Ano LXII, n.3. p.63-64.

<sup>919</sup> IMBASSAHY, Carlos. As perguntas de um Pastor. **Reformador**. Rio de Janeiro, fev.1944. Ano LXII, n° 2. p.30-31.

Em janeiro de 1936, tratava de assunto fundamental para o Espiritismo, debatendo as definições e as diferenças entre alma e espírito:

Em o *Nova Era* de 17 e 24 de Outubro do anno passado, periodico que se publicava em Franca, Estado de S. Paulo, Sthavira, pseudonymo de illustre engenheiro e theosopho, desenvolve extensas considerações a respeito de alma e espirito.

O escriptor se surprehende por encontrar, a cada passo, nos trabalhos sobre espiritualismo, as denominações *alma e espirito*, sem que se lhes indique a differença, ou se diga se são synonymos.

Expende varias considerações sobre o assumpto e, por fim, fere alguns pontos e neles nos envolve directamente: Assim, declara:

Vê-se que há uma deplorável confusão e, se uns falam em reencarnação das almas, outros affirmam que é dos Espiritos.

Apreciemos um pouco dos ensinamentos do Espiritismo e para isso transcreveremos as palavras de Carlos Imbassay, em prelecção publicada em <<Religiões Comparadas>>, p. 178:

<<O sêr incarnado possui corpo, espirito e perispirito.>>

Definindo ensina: <<O espirito é o corpo imortal que se torna cada vez mais rico em saber, mais bello de luz.>>

[...] <sup>920</sup>.

A seguir, destacamos Leopoldo Machado como o segundo entre os quatro intelectuais em volume de artigos publicados na revista, sendo sua primeira participação em maio de 1918, com o artigo *Sublime apostulado*<sup>921</sup>. Diferentemente de Imbassay, Leopoldo Machado não exerceu cargo de chefia na revista e tampouco na FEB, fatos esses que não impediram uma grande contribuição de sua parte, seguramente, como já mencionamos, um dos mais atuantes autores espíritas brasileiros.

Apesar de podermos considera Leopoldo Machado como um dos maiores defensores do Pacto Áureo desde as suas primeiras horas, não encontramos artigos assinados por ele no *Reformador*, a partir de julho de 1943<sup>922</sup>, portanto, seis anos antes da celebração do pacto e também na mesma época em que Wantuil de Freitas assumiu a

<sup>920</sup> IMBASSAHY, Carlos. Alma e Espirito. **Reformador**. Rio de Janeiro, jan. 1936. Ano 54, n1. p.23.

<sup>921</sup> MACHADO, Leopoldo. Sublime apostulado. **Reformador**. Rio de Janeiro, maio 1918. Ano 36. p.170.

<sup>922</sup> MACHADO, Leopoldo. Felizes ou infelizes. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jul.1943. Ano 61. p.170.

presidência da FEB, mas, não achamos evidências concretas sobre essa relação de causa e efeito, como encontramos em relação a Carlos Imbassahy. O que chama mais a nossa atenção é que, mesmo depois da realização e confirmação do Pacto Áureo, não localizamos nenhuma linha assinada por Machado, ainda que sejam facilmente encontradas nas páginas do *Mundo Espírita*, *RIE*, *O Clarim* e muitos outros jornais e revistas espíritas, ainda mais, quando pudemos constatar a grande polêmica gerada pela implementação do pacto, tão bem defendido pela pena de Leopoldo Machado. Mesmo sobre a Caravana da Fraternidade, realizada em 1950, a fim de consolidar o pacto nas regiões Norte e Nordeste, não encontramos também uma linha sequer de Machado no *Reformador*, somente nos jornais e revistas aqui citadas. Infelizmente em nossas pesquisas até esse momento não fomos capazes de identificar os motivos que levaram Leopoldo Machado a silenciar nas páginas do *Reformador*, mesmo que depois desse período tenha lançado livros com o selo da FEB, como o referente à Caravana da Fraternidade, no qual contou em detalhes a viagem às regiões Norte e nordeste.

Encontramos nas páginas do *Reformador* uma tentativa por parte do Presidente da FEB Wantuil de Freitas de explicar o silêncio da revista sobre o evento no período logo depois de sua realização:

Os espíritas do “Coração do Mundo”, no dia 5 de outubro de 1949, data a que o nosso colega “Mundo Espírita” muito acertadamente chamou – DIA AUREO DA CONFRATERNIZAÇÃO –, [...]

“Reformador” não pode registrar os acontecimentos. Seus redatores não se sentem capazes de descrever com palavras precisas, talvez por inexistentes no vocabulário humano, os quadros de verdadeira espiritualidade então presenciados por todos quantos tiveram a grande felicidade de se encontrarem reunidos, na Capital da República.

Dessa forma, que nos perdoem os nossos leitores se passamos à transcrição do primeiro documento: [...]”<sup>923</sup>.

Unicamente em novembro de 1951, encontraremos alusão ao pacto, quando a revista simplesmente reproduziu um artigo de Lins de Vasconcelos, que tinha sido impresso em 13 de outubro do mesmo ano, no *Mundo Espírita*<sup>924</sup>. Em outubro de 1952, encontramos referências à celebração do Pacto Áureo e, no artigo, foram reproduzidas opiniões e

<sup>923</sup> UNIFICAÇÃO. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, ano 67, 1949. p.241.

<sup>924</sup> VASCONCELLOS, Lins. Segundo Aniversário da Unificação. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, ano 68, 1951. p.251.

parte de artigos de vários militantes do movimento espírita, dadas inicialmente a outros órgãos de imprensa espírita, entre eles Leopoldo Machado, que somente assim reapareceria nas páginas do Reformador.

Os festejos pelos aniversários do pacto nas páginas do *Reformador* eram realizados de forma lacônica se comparado aos de outros periódicos espíritas. Somente bem mais tarde, quando da comemoração de vinte anos, por exemplo, a FEB tratará o Pacto como aquilo que posteriormente se tornará o mais valioso fato da história do Espiritismo Brasileiro, conforme a sua própria interpretação de hoje. Desse modo, ganhou as primeiras páginas da revista com um editorial digno de sua importância para a Federação:

#### VINTE ANOS DE PACTO ÁUREO!

Num rápido bosquejo através da História do Espiritismo no Brasil, ou, para sermos mais precisos, através dos trabalhos realizados pela Federação Espírita Brasileira, desde os seus albores de vida, vamos verificar que essa Instituição, fundada em 1884, jamais deixou de se esforçar no sentido de conseguir a unificação do Espiritismo em terras brasileiras.

[...]

Assim se iam desenrolando os acontecimentos, quando, há precisamente vinte anos, em 5 de outubro de 1949, surgiu a hora propícia para que este grande evento da unificação do Espiritismo no Brasil fôsse alcançado, dia a que o jornal <<Mundo Espírita>>, da época, muito acertadamente chamou <<Dia Áureo da Confraternização>>.[...] acreditamos ser de todo interessante rememorarmos, em latgas pinceladas, os fatos que culminaram no chamado <<Pacto Áureo>>, denominação essa cuja paternidade se deve ao nosso inesquecível Professor Leopoldo Machado.

[...] <sup>925</sup>.

Assim, ocupando as primeiras páginas da revista, com título em letras garrafais, notamos o tom laudatório acerca do seu próprio papel nos acontecimentos e a busca por parte do autor de fornecer ao artigo um caráter histórico, tendo a finalidade de dignificar e ressaltar a importância do fato. Além disso, começamos a verificar o início de um novo período da história da FEB, na qual ela se sente mais forte no interior do Campo Espírita Brasileiro, para, cada vez mais, impor-se como a principal instituição do campo e estabelecer as suas ideias, como por exemplo, mais uma vez editar os livros de Roustaing, logo a seguir

---

<sup>925</sup> SOARES, Sylvio Brito. Vinte Anos de Pacto Áureo!. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ano 87, 1969. p.219-223.

em 1971, depois de um longo silêncio de quase duas décadas sem referências aos livros e ao autor, recurso usado de forma recorrente pela FEB, quando se depara com questões capazes de sustentar grandes polêmicas<sup>926</sup>.

Deolindo Amorim, opositor confesso da FEB e do Pacto Áureo, como tivemos oportunidade de demonstrar anteriormente, no entanto, consagrado defensor e escritor espírita, tão somente compareceu nas páginas do *Reformador* pela primeira vez em abril de 1977, com a transcrição de um artigo previamente impresso no jornal *Obreiros do Bem*<sup>927</sup>, comentando o lançamento da versão brasileira do livro de J.P.L. Crouzet, *Répertoire du Spiritism*, pela editora da FEB<sup>928</sup>. No total, foram nove artigos assinados por Deolindo Amorim enquanto esteve vivo, sendo sete transcrições de outros periódicos e, postumamente, foram impressos mais cinco artigos.

Herculano Pires, igualmente grande opositor da FEB e do Pacto Áureo, teve exclusivamente um artigo impresso nas páginas do *Reformador*, em junho de 1987<sup>929</sup>; oito anos depois de sua morte, portanto.

Como aconteceu nos demais periódicos, encontramos propagandas e análises das obras de Carlos Imbassahy e Leopoldo Machado nas páginas do *Reformador*. Em novembro de 1933, Leopoldo Machado aparece com um artigo, em que analisava o livro *Os Menezes*, de Carlos Imbassahy, publicado pela editora da FEB<sup>930</sup>.

Um ano antes na coluna *Bibliographia*, localizamos uma análise de autoria da editoria da revista, sobre o livro de Imbassahy, *A margem do Espiritismo*, editado pela FEB,

Ocioso, certamente, se tornou tudo quanto pudéramos dizer a bem desta obra com que o nosso excelente companheiro e querido amigo opulentou a feira mais rica de volumes que formam a vastíssima bibliographia espírita, [...]

Mas, não é tudo. Para bem se conhecer todo o valor do

<sup>926</sup> Tratamos com maiores detalhes sobre os grandes debates e desdobramentos no interior do campo espírita Brasileiro das sucessivas reedições dos livros de Roustaing em nossa dissertação de mestrado e em outros artigos.

<sup>927</sup> Órgão oficial da Associação Espírita Obreiros do Bem localizada na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>928</sup> AMORIM, Deolindo. Répertoire du Spiritism. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ano 95, 1977. p.127.

<sup>929</sup> PIRES, J. Herculano. Base tríplice para a construção da nova civilização do Espírito. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ano 105, 1987. p.176-178.

<sup>930</sup> MACHADO, Leopoldo. Os Menezes. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ano 51, nov.1933. p.621-622.

trabalho de Carlos Imbassahy, cumpre se note que da sua leitura resalta, aos olhos de qualquer leitor imparcial, que os adversários a quem elle respondeu mais não fizeram do que demonstrar a solidez dos alicerces dessa construcção doutrinarria que se chama – Espiritismo.

[...]

Escrita para responder ponto por ponto a críticas e ataques desferidos por protestantes e catholicos á obra fundamental do Espiritismo, o <<Livro dos Espiritos>>,[...] <sup>931</sup>

Agora, em janeiro de 1935, também na coluna *Bibliographia*, a revista realizou uma profunda análise do livro de contos de Leopoldo Machado, mostrando o seu pioneirismo nesse estilo na bibliografia espírita:

O Leopoldo, como aqui lhe chamamos, editou mais um livrinho. Pequeno formato, poucas páginas – não vão além de 31 – é elle, para nos valermos de uma velha figura, como os bons extractos em vidro pequeno.

O livrinho é uma collectanea de contos, uns já publicados, outros inéditos, todos, porém, agradáveis em sua simplicidade, instructivos em seus ensinos morais. [...] <sup>932</sup>.

Em outubro de 1934, na coluna *Echos e Factos*, localizamos longas alusões ao aniversário de Leopoldo Machado <sup>933</sup>, e também, a mesma coluna, em fevereiro de 1937, anunciava, como pudemos perceber nos demais periódicos aqui analisados, uma excursão com fins doutrinários de Leopoldo Machado, de 21 dias, por cidades dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, nas quais proferiu 24 conferências <sup>934</sup>.

Nas páginas de outubro de 1969, há um artigo <sup>935</sup> com cinco longas páginas a respeito de Carlos Imbassahy, em razão de sua morte em agosto do mesmo ano; no entanto, não encontramos nota ou artigo referente à morte de Leopoldo Machado, em 1957, ausência notada anteriormente, quando nos referimos à falta de artigos desse autor nas páginas da revista. Em junho de 1984, o Reformador dedicou um artigo sobre a morte de Deolindo Amorim, em 24 de abril do mesmo ano,

<sup>931</sup> A margem do Espiritismo, por Carlos Imbassahy. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, nov.1932. Ano 50. p. 563-564.

<sup>932</sup> Para a frente e para o alto, por Leopoldo Machado. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jan.1935. Ano 53.p. 41-42.

<sup>933</sup> Echos e Factos: Leopoldo Machado. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, out.1934. Ano 52.p. 558.

<sup>934</sup> Echos e Factos: Leopoldo Machado em excursão de propaganda. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, fev.1937. Ano 55.p.558.

<sup>935</sup> Dr. Carlos Imbassahy. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, out.1969. Ano 87. p. 231-235.

contendo uma rápida biografia desse “admirado e respeitado”<sup>936</sup> escritor espírita, conforme palavras da própria revista. De modo semelhante a de Leopoldo Machado, encontramos a situação referente à morte de Herculano Pires, ou seja, nenhuma linha a respeito do ocorrido... A não divulgação e/ou comentário sobre fatos tão relevantes para o Movimento Espírita Brasileiro revela uma tomada de decisão dos editores da revista em relação aos seus opositores, não importando a relevância que poderiam possuir para o movimento. Mas, no caso de Leopoldo Machado, com tantos serviços prestados à FEB, em minhas pesquisas não fui capaz, ainda, de determinar a razão de tão grande silêncio, não só em relação ao período final de sua vida, como articulista da revista, mas, principalmente, sobre sua morte, se compararmos, por exemplo, ao tratamento dado a Imbassahy, que teve um período inicial de grande ligação com a FEB e depois se afastou, conforme pudemos relatar anteriormente, com um necrológico tão completo e extenso. Contudo, por ocasião do centenário de nascimento de Carlos Imbassahy e, posteriormente de Leopoldo Machado, localizamos artigos referentes aos fatos, contendo amplos dados biográficos de ambos<sup>937</sup>, porém, já eram outros tempos com novos personagens...

Por fim, chegamos às últimas redes apontadas nesta pesquisa, mantendo-nos fiel à definição de que estas são “lugares de aprendizado e de trocas intelectuais”<sup>938</sup>, referimo-nos à Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (FBEP) e ao Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB).

A FBEP foi fundada em 16 de março de 1943, na cidade do Rio de Janeiro, contando com total cobertura nas páginas da REB<sup>939</sup> e do *Mundo Espírita*<sup>940</sup>, desde a sua fundação até a sua extinção, em 1957. O

---

<sup>936</sup> Deolindo Amorim. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jun.1984. Ano 102.p. 167-168.

<sup>937</sup> Centenário de Carlos Imbassahy. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, out.1983. Ano 101.pp. 315-316.; MARTINS, Celso. Leopoldo Machado: 100 anos. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, dez.1991. Ano 109. p. 383.

<sup>938</sup> GOMES, Angela de Castro (1999). Op. Cit. p. 20.

<sup>939</sup> Inaugurada a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 1943. Ano XV, n. 4. p. 15. Início do segundo ano letivo da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos em 23 de março de 1944. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 1944. Ano XVI, n. 4. p. 5. Suas primeiras provas parciais do ano - Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. **Revista Espírita do Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 1944. Ano XVI, n. 8. p. 6.

<sup>940</sup> Tem Novo Diretor a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 10 mar. 1945. Ano XIII, n. 609.p.3. F.B.E.P. Solenidade de Abertura das Aulas. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 04 abr.1945. Ano XIV, n. 612.p. 3. F.B.E.P. Encerramento do 3º Ano Letivo. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 08 dez.1945. Ano XIV. n. 638, p. 2. F.B.E.P. Reabertura das Aulas e Matrículas. **Mundo Espírita**. Rio de Janeiro, 23 mar.1946. Ano XIV.n. 650. p. 4.

aspecto mais importante da Faculdade para os fins da nossa pesquisa era a constituição de uma rede de sociabilidades ligada ao seu funcionamento, na qual encontramos três dos nossos pesquisados atuando como professores. A Faculdade funcionou em regime de escola livre, de acordo com a legislação da época que permitia a existência de instituições de ensino livre. Durante algum tempo, a Faculdade esteve nas dependências do Centro Espírita Discípulos de Samuel, depois funcionou também na sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo e ainda nas dependências da LEB<sup>941</sup>.

Deolindo Amorim, o último presidente da FBEP, afirmou em suas memórias sobre a criação da faculdade que

o maior objetivo de seus fundadores era justamente despertar interesse pelos estudos espiritualistas em geral, e, de um modo especial, melhorar o nível intelectual de doutrinadores e expositores da Doutrina Espírita, dando-lhes oportunidade franca de formar um lastro de cultura capaz de atender às próprias exigências da vida moderna em relação à divulgação da doutrina<sup>942</sup>.

Ainda segundo o relato de Deolindo Amorim, entre os seus fundadores e professores faziam parte pessoas oriundas de várias correntes espiritualistas como, por exemplo: espíritas, umbandistas, teosofistas, esoteristas, etc<sup>943</sup>. A LEB indicou, para ocupar a cadeira de professor de Espiritismo, o Cel. Delfino Ferreira, que já ministrava um curso regular sobre o Espiritismo nas dependências da Liga. Mas tarde, entre outros, assumiram cadeiras no corpo docente da instituição Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy.

Podemos notar a grande influência exercida na condução da FBEP, por parte de pessoas ligadas à direção da LEB, pelos vários indícios, tais como a possibilidade de seu presidente indicar o primeiro professor de Espiritismo da faculdade, a grande cobertura dada pela REB, órgão oficial da LEB, e pelo *Mundo Espírita*, de propriedade de um ex-presidente da LEB, contribuindo tanto para a propaganda da instituição como dando publicidade aos atos administrativos da faculdade, também o fato de ter funcionado durante um tempo nas dependências da Liga. Também contribui para essa situação a atuação, durante longos anos, em cargos de direção da faculdade de Deolindo

---

<sup>941</sup> AMORIM, Deolindo (1980). p.163-164.

<sup>942</sup> Idem.

<sup>943</sup> Ibidem. p.164.

Amorim, o que possibilitou a atuação de Carlos Imbassahy e Leopoldo Machado como professores.

Foram responsáveis por palestras avulsas sobre temas variados Leôncio Correa, então presidente da LEB, Fred Figner, Aurino Souto, Henrique Andrade ex-presidente da Liga e dono do *Mundo Espírita*, entre outros. A Faculdade contou em sua história com cinco diretores, sendo quatro deles ligados diretamente ao Movimento Espírita Brasileiro: Lins de Vasconcellos, Arnaldo S. Thiago, Delfino Ferreira e Deolindo Amorim, o último que dirigiu a Faculdade<sup>944</sup>.

Mesmo contando com muitos nomes de respeito dentro do Campo Espírita Brasileiro, a faculdade não foi uma unanimidade entre os espíritas, como conta Deolindo Amorim nas páginas do *Almenara*:

Faz alguns anos, assim que se fundou a Faculdade de Estudos Psíquicos, surgiram críticas, no meio espírita, à idéia de se ministrar o ensino do Espiritismo em curso regular. Parecia, até, uma heresia. Pessoas de responsabilidade no movimento espírita, ao invés de darem o estímulo de seu apoio à iniciativa, combateram a Faculdade, como se fôsse algum absurdo, algum escândalo<sup>945</sup>.

Nas páginas do *Reformador*, encontramos apenas uma única notícia sobre a FBEP, em sua coluna *Ecos e Factos*, por ocasião da sua fundação<sup>946</sup>, evidenciando um grande contraste se comparado com as abundantes notícias veiculadas especialmente na REB e no *Mundo Espírita*. Mais uma vez, podemos atestar o conflito de interesses entre a FEB e a LEB na luta pela hegemonia do campo Espírita Brasileiro, permanecendo o conflito mesmo após a extinção da LEB, subsistindo na figura de diretores e presidentes da faculdade como, por exemplo, Deolindo Amorim.

A FBEP cresceu à sombra da “Lei Rivadávia Corrêa”, ou “Reforma Rivadávia Corrêa”, “Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental” implementada em 5 de abril de 1911, que retirou da União o monopólio da criação de instituições de ensino superior, tornando possível a criação de faculdades e universidades pela iniciativa

---

<sup>944</sup> AMORIM, Deolindo (1980). p 165-166.

<sup>945</sup> AMORIM, Deolindo. Cursos de Espiritismo. *Almenara*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, jun. 1955. p.5.

<sup>946</sup> Ecos e Factos: Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, jun.1943. Ano 61 p. 78-79.

privada e estabeleceu o ensino completamente livre<sup>947</sup>. Portanto, a FBEP podia criar seu próprio programa de estudos sem intervenção governamental.

Já no fim da década de 1940 e início da próxima, o Ministério da Educação começou a criar uma série de exigências para as faculdades e também o Ministério do Trabalho passou a fazer cobrança de impostos sobre os professores vinculados à instituição. Como os professores nada recebiam, e a folha de pagamento era nula, nem sequer havia contabilidade, visto que não era uma exigência legal, as dificuldades para manutenção da faculdade foram cada vez mais se avolumando. Assim, em dezembro de 1957, Deolindo Amorim e os demais diretores da FBEP decidiram pelo encerramento de suas atividades<sup>948</sup>.

Logo depois, em 7 de dezembro de 1957, na sede da Liga Espírita, Deolindo Amorim fundou o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, sem vínculo estatutário com a FBEP, sem fusão ou transformação, embora, inicialmente, mantivesse os mesmos professores<sup>949</sup>.

Nas páginas do *Mundo Espírita* de 31 de dezembro de 1957, encontramos um longo artigo sobre a fundação do ICEB:

Em substituição à Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, cujas aulas se encerraram a 30 de novembro, fundou-se no Rio de Janeiro, no dia 7 de dezembro de 1957, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil. As disposições básicas do estatuto estão resumidas nestes pontos:

a) organizar e ministrar cursos regulares da doutrina espírita e promover seminários, conferências e outros meios de divulgação do Espiritismo.

b) O Instituto reconhece o Espiritismo com três partes harmônicas e inseparáveis: científica, filosófica e religiosa.

c) O Instituto adota, como base de seus ensinamentos e de sua orientação, as obras que constituem a Codificação de Allan Kardec.

São estes os princípios que vão reger a vida do Instituto.

[...]

O novo Instituto preocupa-se exclusivamente com o aspecto cultural do Espiritismo. Os cursos são livres e inteiramente gratuitos.

<sup>947</sup> BOMENY, Helena. Reformas Educacionais. FGV. Disponível em: <<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS%20EDUCACIONAIS%20.pdf>>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

<sup>948</sup> AMORIM, Deolindo (1980). p. 168.

<sup>949</sup> Ibidem. p. 168-169.

[...] <sup>950</sup>

Destaca-se a posição estatutária, portanto oficial, do instituto em adotar exclusivamente como base de seus ensinamentos e orientações as obras de Kardec, diferentemente da FEB que, além das obras de Kardec, também, de forma estatutária, orienta-se e orienta com base no livro de Roustaing, fato esse que contraria frontalmente a posição de quase a totalidade dos principais membros do novo instituto.

Nos Anais do ICEB, primeira edição, referente aos anos de 1958/59, consta uma lista de diretores e professores do instituto, na qual destacamos a presença de Deolindo Amorim, como presidente; Alberto Machado, como vice-presidente; e José Alberto Menezes, como 1º secretário <sup>951</sup>. Entre os professores, aparecem Deolindo Amorim, como encarregado das disciplinas de Filosofia Geral (1º ano), Introdução a Doutrina Espírita (1º ano) e Fundamentos do Espiritismo (2º ano); Lauro de Oliveira S. Thiago, nas cadeiras de Psicologia Geral (1º ano) e Psicologia à Luz do Espiritismo (2º e 3º anos) <sup>952</sup>.

Na cerimônia de inauguração do ICEB, houve várias homenagens especiais e, entre elas, destacamos a indicação, por unanimidade dos presentes, de Carlos Imbassahy, como Professor Honorário, “em razão de seus trabalhos e por ter mais de vinte anos ininterruptos na propaganda espírita [...]” <sup>953</sup>. Leopoldo Machado igualmente foi lembrado pelos fundadores do ICEB quando a

Assembléia prestou homenagem póstuma ao Prof. Leopoldo Machado, que fora também professor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, tendo feito incluir o seu nome entre os fundadores do Instituto, em virtude da grande obra que esse ilustre confrade realizou no movimento espírita brasileiro <sup>954</sup>.

Entre os componentes do grupo de professores e/ou conferencistas do próprio instituto, os *Anais do ICEB* deram destaque à atuação de Carlos Imbassahy, como o seu representante, no II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado na

---

<sup>950</sup> Fundado o Instituto de Cultura Espírita do Brasil. **Mundo Espírita**. Curitiba, ano XXVI, n. 882, 31 dez. 1957. p. 5.

<sup>951</sup> Anais do ICEB 1958/1959. Rio de Janeiro: ICEB, n. 1, 1959. p.1.

<sup>952</sup> *Ibidem*. p.12.

<sup>953</sup> Fundado o Instituto de Cultura Espírita do Brasil. **Mundo Espírita**. Curitiba, ano XXVI, n. 882, 31 dez. 1957. p. 5.

<sup>954</sup> Fundado o Instituto de Cultura Espírita do Brasil. **Mundo Espírita**. Curitiba, 31 dez.1957. Ano XXVI. n. 882. p. 5.

cidade de São Paulo, entre 18 e 23 de abril de 1958, sob a direção de Herculano Pires.

Ainda no primeiro volume dos Anais do ICEB, ressalvamos a publicação de vários artigos em sua 2ª parte com destaque para Carlos Imbassahy, com o título *Metapsíquica e Espiritismo*; Deolindo Amorim, com *A Doutrina Espírita e a Sociologia*; e Humberto Mariotti, com *A Doutrina Espírita no Processo Dialético e Poligênico da História*<sup>955</sup>.

Entre os membros correspondentes do ICEB, encontramos J. Herculano Pires, referente à cidade de São Paulo (SP); Noraldino de Melo Castro, de Belo Horizonte (MG); H.N. Banerjee do Rajasthan (Índia), como correspondente internacional, entre muitos outros<sup>956</sup>. Herculano Pires, além de ministrar aulas avulsas e contribuir com artigos, publicados ou não nos diversos tomos dos anais, colaborou também como conferencista, ministrando aulas magnas de abertura dos anos letivos de 1961 e 1969<sup>957</sup>.

No segundo tomo dos *Anais do ICEB*, referente aos anos de 1960-1963, do mesmo modo, encontramos, em sua primeira parte, resumos das principais aulas ministradas de diversos professores, como, por exemplo, *Características da Doutrina Espírita e Conseqüências da Doutrina Espírita*, ambos de Deolindo Amorim<sup>958</sup>; *Teoria Geral do Animismo*, de Lauro São Thiago<sup>959</sup>. Na sua segunda parte, foram impressos vários artigos de seus professores e colaboradores, não só do Brasil, como de diferentes países, como a Argentina, Estados Unidos, Bélgica, Índia, etc<sup>960</sup>. Os demais tomos que pesquisamos, Tomo III

<sup>955</sup> IMBASSAHY, Carlos. *Metapsíquica e Espiritismo*. **Anais do ICEB 1958/1959**. Rio de janeiro: ICEB, nº 1, 1959. p.143-164. AMORIM, Deolindo. *A Doutrina Espírita e a Sociologia*. **Anais do ICEB 1958/1959**. Rio de janeiro: ICEB, nº 1, 1959. p.177-188. MARIOTTI, Humberto. *A Doutrina Espírita no Processo Dialético e Poligênico da História*. **Anais do ICEB 1958/1959**. Rio de janeiro: ICEB, nº 1, 1959. p.169-177.

<sup>956</sup> Membros Correspondentes do Instituto. **Anais do ICEB 1958/1959**. Rio de janeiro: ICEB, nº 1, 1959. p.202-203.

<sup>957</sup> Conferências inaugurais. **Anais do ICEB 1976/1980**. Rio de janeiro: ICEB, nº 5, 1983. p.237-239.

<sup>958</sup> DEOLINDO, Amorim. *Características da Doutrina Espírita*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.69-81. DEOLINDO, Amorim. *Conseqüências da Doutrina Espírita*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.83-102.

<sup>959</sup> SÃO THIAGO, Lauro. *Teoria Geral do Animismo*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.25-45.

<sup>960</sup> IMBASSAHY, Carlos. *Desprendimento do Espírito*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.143-153. DEOLINDO, Amorim. *O Espiritismo na Cultura Brasileira*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.157-179. FERNANDEZ, J.S. *Aplicação das Matemáticas na Crítica dos Fenômenos Mediúnicos*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.181-186. DONNAY, Walter. *A Porta Estreita (Considerações sobre Parapsicologia e Espiritismo)*. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.187-189. SMITH, Melvin O. *A Reencarnação entre os*

(1964 – 1970), Tomo IV (1971 – 1975), Tomo V (1976 – 1980) mantiveram o mesmo esquema, apresentando resumos das principais aulas e conferências ministradas no período e artigos dos mais diversos colaboradores, contando sempre com artigos e aulas de Deolindo Amorim, o seu presidente a época.

Da mesma forma que acontecia com a FBEP, o ICEB recebia ampla cobertura de seus atos na imprensa espírita, embora o Reformador, da mesma maneira, ainda se mantinha distante do ICEB. O Mundo Espírita divulgava não só assuntos referentes ao início e fim do ano letivo, como também dava noticiados seus principais eventos, como a aula inaugural do ano letivo de 1961, ministrada por J. Herculano Pires<sup>961</sup>. Igualmente encontramos notícia referente à mesma aula nas páginas do Almenara<sup>962</sup>, que também dava vasta cobertura ao ICEB<sup>963</sup>. Também nas páginas de *O Clarim*, o ICEB merecia destaque em suas ações e publicações, como verificamos na notícia de primeira página sobre a confecção do terceiro volume dos anais do instituto e, além disso, a respeito do encerramento do ano letivo de 1972 e da divulgação da data da reabertura em março do ano seguinte<sup>964</sup>. Assim, fica manifesta a grande ligação entre os periódicos nos quais os quatro intelectuais mais militavam e a divulgação do ICEB, conferindo em nosso entendimento uma relação causal entre esses fatos.

Por meio da participação dos quatro intelectuais nos diversos congressos espíritas, como ficou evidenciado pelo texto anterior, ora como meros participantes, ora como presidentes e/ou coordenadores, demonstra mais um campo no qual atuaram de forma a estreitar os laços que os uniam por intermédio da própria estruturação dos congressos, como também via os órgãos de imprensa espírita aos quais se vinculavam, proporcionando ampla propaganda, cobertura e divulgação de seus resultados, e dos trabalhos vinculados aos referidos congressos.

Espiritualistas Norte-Americanos. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de Janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.191–194. RISH, V. D. Correspondência da Índia, A Propósito da Reencarnação. **Anais do ICEB 1960/1963**. Rio de Janeiro: ICEB, nº 2, 1964. p.198–199.

<sup>961</sup> Herculano Pires no ICEB – Aula Inaugural. **Mundo Espírita**. Curitiba, 30 abr.1961. Ano XXX, n. 922. p. 8.

<sup>962</sup> ICEB - Herculano Pires. **Almenara**. Guanabara, abr. 1961. Ano 10, n. 105. p.5.

<sup>963</sup> Instituto de Cultura Espírita do Brasil. **Almenara**. Guanabara, fev. 1960. Ano 8, n. 91. p.6. Instituto de Cultura Espírita do Brasil. **Almenara**. Guanabara, fev. 1960. ano 9.n. 97. p.1–2. Instituto de Cultura Espírita do Brasil no Congresso Espírita Internacional. **Almenara**. Guanabara, out. 1960. Ano 9.n. 99. p.2. Instituto de Cultura Espírita do Brasil – Aula Inaugural. **Almenara**. Guanabara, mar. 1961. Ano 9. n.104. p.1.

<sup>964</sup><<Anais>>do Instituto: 3º volume em preparo. **O Clarim**. Matão (SP), 15 dez. 1972. Ano LXVIII, n.5. p.1.

Por fim, a participação dos quatro em programas de rádio e televisão também evidencia como os congressos, locais em que suas atuações marcaram a importância da troca de experiências e conhecimentos entre eles, pelo convívio fundamental para a constituição das redes de sociabilidades aqui estudadas, mesmo que as fontes referentes a esses programas e aos congressos sejam bastante precárias em relação às suas quantidades.

## Considerações Finais

Como fizemos referência na introdução deste trabalho, cada vez mais as pesquisas envolvendo a temática religiosa vêm, ao longo dos anos, sofrendo um incremento importante tanto em quantidade como em qualidade. No caso mais específico das religiões mediúnicas, notamos ainda um número expressivo de estudos acerca daquelas de raízes africanas, como o Candomblé e a Umbanda. Mais especificamente em relação ao Espiritismo, o número de trabalhos produzidos continua bem inferior aos citados; no entanto, esses também passam por um processo de ampliação em suas quantidades. Dessa forma, acreditamos ser possível a intensificação do número de pesquisas nesse campo, possibilitando o surgimento de bons e novos trabalhos relativos à religião e à religiosidade. Tendo essas questões em mente, procuramos, com a concretização deste trabalho, contribuir para a consolidação de um campo de estudos voltado a questões que envolvam de forma mais direta o Espiritismo e o Movimento Espírita.

Durante a primeira metade do século XX, podemos afirmar que o mercado religioso brasileiro ganhou de forma definitiva mais um competidor pelos bens de salvação ali oferecidos, ou seja, o Espiritismo, em virtude da fixação duradoura no campo da FEB, da LEB, das demais federações espíritas estaduais e também da grande quantidade de centros espíritas funcionando em todo o país, apoiados por um crescente número de jornais e revistas espíritas, dando cada vez mais visibilidade ao movimento e também graças ao fim da perseguição policial aos seus adeptos em torno do fim dos anos 1940 e tão comum nas primeiras décadas do século passado.

Com a finalidade de chegarmos a bom termo no que tange ao trabalho aqui proposto, limitamos nossas análises do Campo Espírita Brasileiro à sua parte institucional, deixando de fora outros parceiros que compõem o campo, pois, de outra forma, haveria a necessidade da realização de outro trabalho, com o objetivo de contemplar as relações do vivido no interior do campo, o que não ambicionávamos realizar neste caso. Outra escolha nossa foi a de encarar as tensões internas ao Espiritismo Brasileiro. Assim sendo, ao estudar o Espiritismo como um campo tensional, no qual as fontes institucionais mostravam coerência e homogeneidade, encontramos diversos indícios de posições antagônicas, disputas e tensões, próprias da formação de um campo qualquer. Tensões que envolveram ou que ainda envolvem o Espiritismo, em suas relações com outros agentes sociais, externos ao campo espírita

brasileiro, já estudadas por vários pesquisadores<sup>965</sup>; portanto, analisamos as tensões endógenas ao campo espírita.

Sendo assim, caminhamos através das lutas de representações empreendidas pelos membros do campo em torno da união do movimento e da definição do que é ser espírita. A título de exemplo, destacamos a luta travada entre a Federação Espírita Brasileira e a Liga Espírita do Brasil na primeira metade do século passado, ou o combate, por meio das páginas do *Reformador* e do *Almenara*, nos anos 1950 e início dos anos 1960. Outro ponto marcante foi o destaque conseguido pelo livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, de Chico Xavier, demonstrando de forma plena a importância assumida por um dos mais caros bens simbólicos do Espiritismo, o livro, e a tentativa por parte da FEB de tomar para si o direito de definir a identidade espírita, ou seja, quem é ou não espírita.

Assim, constatamos a relação fundamental entre o Espiritismo e o letramento, além de salientamos a natureza discursiva e processual da formação identitária espírita, em que o emprego do livro e a ênfase no estudo apresentam-se como marcas distintivas do Espiritismo.

Absortos em nossas pesquisas, fomos despertados pela atuação dos mais diversos indivíduos no interior do Movimento Espírita Brasileiro, notadamente por aqueles envolvidos de alguma forma com a Federação Espírita Brasileira e os acontecimentos que marcaram não só a atuação da Federação, como a desses próprios personagens junto a ela. Assim, passamos a refletir sobre a ideia de geração e a atuação delas em torno da FEB, o que possibilitou dividirmos a história da Federação em quatro gerações, em que a atuação de seus membros destaca a pujança do Movimento Espírita Brasileiro e sua complexidade.

Um dos principais desafios dessa nossa pesquisa foi, sem dúvida, o grande volume de documentação disponível e o verdadeiro garimpo exercido por nós em busca daquilo que transformaríamos em fontes, às quais pudéssemos inquirir para extrairmos o que sustentaria a nossa argumentação em busca da construção de uma narrativa explicativa a respeito do resultado de nossas análises, sem esquecer jamais as condições dessas mesmas fontes, como discursos a serem analisados ou redes de práticas e representações a serem compreendidas.

---

<sup>965</sup> Longe de tentarmos esgotar a lista de autores que trataram do tema, apresentamos aqui uma pequena amostra: Artur C. Isaia, em *Espiritismo, conservadorismo e utopia*; Bernardo Lewgoy, em *Os espíritas e as letras*; Cândido Procópio Ferreira de Camargo, em *Kardecismo e Umbanda*; E. Giumbelli, em *O cuidado dos mortos*; Fábio Luiz da Silva, em *Espiritismo: história e poder (1938 – 1949)*; José Luiz. dos Santos, em *Espiritismo: uma religião brasileira*; Sandra J. Stoll. *Espiritismo à brasileira*.

Assim, analisamos os mais de 130 anos do *Reformador*; em grande parte, os 111 anos do *O Clarim*; além dos 91 anos da *Revista Internacional de Espiritismo*; dos 84 anos do *Mundo Espírita*, dos vinte anos da *Revista Espírita do Brasil*; e dos onze anos do *Almenara*, sem falar nos demais jornais, sítios da internet, livros e artigos referentes ao Movimento Espírita Brasileiro. Mesmo existindo falhas nos períodos por nós analisados, períodos aos quais não foi possível ter acesso aos exemplares faltantes das coleções, por diversos motivos, essas faltas não diminuíram o trabalho de pesquisa.

Tanto o *Reformador* quanto a *Revista Espírita do Brasil* atuaram de forma diferenciada do demais periódicos aqui analisados, em virtude de terem, desde os seus inícios, atuado como porta-vozes da FEB e da LEB, respectivamente, defendendo de forma sistemática os seus interesses. Não podemos esquecer que, a partir de 1956, o *Mundo Espírita* passou à condição de porta-voz da Federação Espírita do Paraná, e, portanto, passou a defender os seus interesses, como era de se esperar, evidentemente.

O Pacto Áureo e as lutas intestinas ocorridas no interior do Campo Espírita Brasileiro, em razão do seu estabelecimento, representam o ápice das lutas envolvendo a FEB e seus opositores em busca da posição hegemônica no interior do campo, lutas essas vencidas pela Federação Espírita Brasileira, que, desde a década de 1970, constitui-se na instituição possuidora do maior montante de capital simbólico no campo.

Ao procurarmos identificar e analisar a atuação dos quatro intelectuais destacados nesta pesquisa, Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e Herculano Pires, nos mais prestigiosos periódicos espíritas, tornamo-nos capazes de mapear os mais diversos caminhos por eles traçados no interior do Campo Espírita Brasileiro, revelando o caráter multifacetado que os distinguiam de maneira tão própria, e, ao mesmo tempo, possibilitaram perceber a criação e a manutenção de uma ampla rede de sociabilidade em torno das páginas e redações por eles frequentadas. Seguindo esses caminhos, foi possível também extrapolar a manutenção dessas redes de sociabilidade não só em relação aos periódicos espíritas, mas também em razão de outras entidades que compunham o campo, como por exemplo, a Escola de Niterói, o ICEB ou a FBEP.

Assim, o mais destacado membro da Escola de Niterói, Carlos Imbassahy, ficou conhecido no meio espírita como o “Bozzano Brasileiro”, por causa de suas pesquisas e estudos sistemáticos, que tanto enriqueceram o viés científico do Espiritismo, e também de sua

lógica implacável e racional, responsáveis que foram pela elaboração de 25 obras, dando vazão à sua enorme competência, como escritor e orador. Leopoldo Machado, o “Homem dos Congressos”, acreditava na força renovadora da mocidade no que se relaciona aos conceitos espíritas e à divulgação do Espiritismo, assim, foi responsável e idealizador da campanha “Espiritismo para vivos”, em busca de jovens para o espiritismo, sendo apontado como patrono do movimento juvenil espírita sendo o grande incentivador da criação das Mocidades Espíritas, das Escolas Espíritas de Evangelização para a infância, grande entusiasta das Semanas Espíritas, das Tardes Fraternas, Simpósios, Mesas Redondas e dos Congressos Espíritas. Deu grande ênfase à educação, dentro e fora do Movimento Espírita, atuando não só como professor, mas também como dono de escolas. Como vimos anteriormente, apresentou a tese *O Espiritismo é Obra de Educação*, no 1º Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, no qual trabalhou de forma incansável ao lado de Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim e Lins de Vasconcelos. Em paralelo à sua destacada atuação como professor, viajou de forma incansável por todo o país com o intento de divulgar o Espiritismo, como também defendê-lo dos mais diversos ataques quando necessário, o que levou Deolindo Amorim a afirmar que Leopoldo Machado seria o espírita que mais percorreu o Brasil a serviço da causa espírita.

Deolindo Amorim, por sua vez, foi aquele que trouxe o quadro-negro para o interior do Centro Espírita, forjou a necessidade do estudo de forma sistematizada, organizada, provando que o centro espírita é, inclusive, lugar de estudo, conforme determinara Allan Kardec. Deolindo Amorim era aquele que todo dia 18 de abril telefonava para todos os integrantes da sua agenda espírita, relembrando a todos o aniversário do primeiro livro de Kardec, *O Livro dos Espíritos*. Não por acaso, fundou o Centro Espírita 18 de Abril, no qual dá início aos estudos sistematizados sobre a doutrina espírita. Mais tarde, surgiu, como fruto dessa experiência, a Faculdade de Estudos Psíquicos e 12 anos depois fechou a faculdade para uma semana depois abrir o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, sobre novas bases.

Herculano Pires, “o metro que melhor mediu Allan Kardec”, trabalhou, ao longo de sua vida espírita, a necessidade da elaboração de cursos preparados para o desenvolvimento e estudo da Doutrina Espírita. Sob sua direção, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo criou e promoveu cursos sobre as obras fundamentais de Allan Kardec, cujas aulas eram ministradas por ele. Os cursos criados e mantidos por Herculano Pires capacitaram-no a criar o Instituto Espírita de Educação.

Do mesmo modo, dos cursos ministrados no Clube de Jornalistas Espíritas, principalmente o de *Introdução à Parapsicologia*, surgiu o Instituto Paulista de Parapsicologia, que teve como presidente Anibal Silveira, da Universidade de São Paulo, especialista em psicologia, e como vice-presidente, Cândido Procópio Ferreira Camargo, da escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo, e Alberto Lira, médico psiquiatra.

Nossa pesquisa foi capaz de nos revelar de forma candente a complexidade do Campo Espírita Brasileiro, na medida em que apontou para diversos outros assuntos intrigantes, os quais são dignos tanto de nossa atenção quanto da de outros pesquisadores em futuras análises. Para ficarmos apenas em um único exemplo, podemos dizer que as redes de sociabilidade por nós investigadas apontaram para inúmeras outras redes que compõem o Campo Espírita Brasileiro, as quais ainda carecem de análises por parte dos pesquisadores aqui mencionados.

Por fim, acreditamos que pesquisas sobre religião e religiosidades apresentam-se como um local privilegiado para aqueles que as entendem como produtos históricos, decorrentes das ações humanas, proporcionando uma melhor compreensão dos fenômenos sociais.

## Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 1991.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos de. Distinções no campo de estudos da religião e da História. In: GUERREIRO, Silas, Org. **O estudo das religiões. Desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- ACQUARONE, Francisco. **Bezerra de Menezes**: o médico dos pobres. São Paulo: Aliança, 2004.
- ARISTOTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. **La table, le livre et les esprits**. Paris: JC Lattès, 1990.
- AYMARD, Maurice. Amizade e Convivialidade. In CARTIER, Roger (org.) **História da vida privada, 3**: da renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. História da comunicação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1997.
- BOMENY, Helena. Reformas Educacionais. FGV. Disponível em: <<[http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS %20EDUCACIONAIS%20.pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS%20EDUCACIONAIS%20.pdf)>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. In. AMADO, J e MORAES, M.F. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.
- CARDIM, Elmano. No sesquicentenário do Jornal do Commercio. Rio de Janeiro. 1978, p.121. Apud BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- CARVALHO, JOSÉ Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível:** Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1999.
- CHAUÍ, Marilena S. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Fundação Persel Abramo, 2004.
- CÍCERO, Marco Túlio. Saber envelhecer e A amizade. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- COBEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.
- DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo:** advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens:** três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. **Fontes Históricas.** PINSKY, Carla Bassanezi (orga). São Paulo: Contexto, 2005.
- DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

FERRARO, Alceu Ravello. **Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?** Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81.dez. 2002.

FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-Rom.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo,** Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela Maria de Castro. (Org). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela Maria de Castro. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Francisco José Silva. Religião como objeto da História. In: LIMA, Lana Lage da Gama, Org. et al. **História & Religião.** Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).

**Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. **Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era Vargas.** Disponível em:<<[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_huff.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_huff.htm)>> Acesso em: 01 jul. 2014.

ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ISAIA, A. C. **O catolicismo pré-conciliar brasileiro e as religiões mediúnicas: a recorrência ao saber médico-psiquiátrico.** Revista de História das Idéias, Coimbra, v. 26, 2005.

ISAIA, Artur César. **Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. Anos 90 (UFRGS),** Porto Alegre, v. 11, n. 11,1999.

- ISAIA, A. C. Brasil: três projetos de identidade religiosa. In: RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tânia Regina de; GUIMARÃES, Valéria. (Org.). **Identidades brasileiras: composições e recomposições**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (Org.). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. 2000. 360 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, 2000.
- LEWGOY, Bernardo. **Transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial**. Rio de Janeiro: Religião e sociedade, 2008.
- LEWGOY, Bernardo. Entre herança européia e hegemonia brasileira: notas sobre o novo espiritismo transnacional. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João. (Org.). **Transnacionalização religiosa: fluxos e redes**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lanchâtre, 1997.
- MONTAIGNE, Michel de. As amigadas “comuns” e as “extraordinárias”. In: BALDINE, Maximo (org). Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- MORAES, Sergio Torres. **Uma luz na cidade: subsídios para estudos de requalificação urbana**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.
- MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- MORSE, Richard M. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 16, 1995.
- MOTTA, Marly. **Rio, cidade-capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- NEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- NETTO, Coelho. Palestras da Tarde. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.p.67. Apud BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- ORLANDI, Eni P. **Vão surgindo sentidos**. \_\_\_\_\_ (Org.) Discurso fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional. 3ª edição. Pontes: Campinas, SP. 2003.
- População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais. IBGE. Disponível em:<<  
<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>>  
 >. Acesso em: 15 jun. 2014.
- QUINTELLA, Mauro. **História do Espiritismo no Brasil**.
- RAMOS, Clovis. **A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978**. Juiz de Fora-MG. Instituto Maria, 1978.
- RÉMOND, Rene. **O século XIX: 1815 – 1914**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2015.
- RIO, João do. O Momento literário. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Apud DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Campinas: Editora Átomo, 2004.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5. ed., 3. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”.In:XAVIER, Regina Célia Lima (Org.) et al. **Questões da teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, Eliane Moura. **O Espiritualismo no Século XIX: reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade**. Campinas: IFCH/UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n. 27, 1999.
- SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938 – 1949)**. Londrina: EDUEL, 2005. p. 18.
- SILVA, Gélío Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995.
- SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SIRINELLI, Jean-Françoise. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 242.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 25, Abr. 2004, pp. 5-17. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mai. 2014.
- SODRE, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: USP; Curitiba: Orion, 2003.
- TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira e Oxalá: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis**. Itajaí, Florianópolis: Editora da UNIVALI, Lunardellii, 2002.

## Fontes

### Literatura Espírita

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 1991.

ACQUARONE, Francisco. **Bezerra de Menezes**: o médico dos pobres. São Paulo: Aliança, 2004

AMORIM, Delta dos Santos. Depoimento de uma esposa. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.

AMORIM, Deolindo. **Idéias e Reminiscências Espíritas**. Juiz de Fora: Instituto Maria, Departamento Editorial, 1980.

Federação Espírita do Paraná – FEP. **Pacto Áureo**: A vitória da fraternidade. Curitiba: FEP, 2009.

Anais do ICEB 1958/1959. Rio de Janeiro: ICEB, nº 1, 1959.

DIAS, Krishnamurti. Deolindo. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.

FEB. **Conheça o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

FEB. **Divulgue o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2002.

FEB. **O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita**: preparação de trabalhadores para as atividades espíritas. Brasília: FEB, 2002.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Orientação ao Centro Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

GARCIA, Wilson; MONTEIRO, Eduardo Monteiro. **Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo**. Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”, 2009.

GHIGGINO, Ivone M. M. **Deolindo Amorim**. Rio de Janeiro: Edilar – Editora Lar Fabiano de Cristo, 2007.

IMBASSAHY, Carlos. **Grandes Criminosos da História**. São Paulo: Luzes, 1962.

IMBASSAHY, Carlos. **Leviana**. São Paulo: PDL, 2001.

IMBASSAHY, Carlos. **O que é a morte**. 2ª edição. São Paulo: EDICEL, 1978.

IMBASSAHY, Carlos. **Religião**: refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em Espiritismo. 5ª.ed. Rio de Janeiro:FEB, 2002.

IMBASSAHY, Carlos de Brito. **Memórias pitorescas de meu pai**. Matão – SP: Casa Editora O Clarim, 1974.

- IMBASSAHY, Carlos de Brito; ROCHA, Alberto de Souza. **Uma Visita aos Arquivos Implacáveis de Imbassahy**: o homem, um marco doutrinário. Rio de Janeiro: CELD, 2002.
- JORGE, José. O Espiritismo à Luz da Crítica. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.
- KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1988.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- KARDEC, Allan. **O que é Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2000.
- KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – 6º Ano – 1863. Araras: IDE, 2001.
- KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001.
- KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Décimo Primeiro Ano – 1868. Araras: IDE, 2001.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **O Espiritismo no Brasil**: orientação para os católicos. Petrópolis: Vozes, 1960.
- LEX, Ary. **60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo**: Nossa Vivência. Campinas: FEESP, 1996.
- LUCENA, Antonio de Souza. Deolindo. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim**: Sua Vida, sua Obra. Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.
- MACHADO, Leopoldo. **O Espírita Mineiro**. 31 de dez. 1948.
- MACHADO, Leopoldo. **A Caravana da Fraternidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.
- MACHADO, Leopoldo. **Uma Grande Vida** – Estudo Biográfico de Cairbar Schutel. Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”, 1980.
- MARTINS, Celso. **Três Espíritas Baianos: e outras personagens da história**. São Paulo: Madras, 2005.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **História da Radiodifusão Espírita**. São Paulo: Madras, 2004.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Leopoldo Machado em São Paulo**. São Paulo: Edições USE, 1999.
- NASCIMENTO, Sergio Carvalho do. A Obra de Deolindo. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de;

AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra.** Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.

**Orientação aos Órgãos de Unificação.** Rio de Janeiro: FEB, 2010.

PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne: 2 análises do roustainguismo.**São Paulo:Edições Caibar, 1973.

PIRES, J. Herculano. **Os 25 anos de Pacto Áureo.** Mensagem. São Paulo – SP. Fev 1975. Ano I nº 1 p.3.

PRADO, Alfredo Miranda.O Deolindo que eu conheci. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra.** Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.

RAMOS, Clovis. A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978. Juiz de Fora-MG. Instituto Maria, 1978.

RAMOS, Clóvis. **Leopoldo Machado Idéias e Ideais.** Rio de Janeiro: CELD, 1995.

RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires: O apóstolo de Kardec.** São Paulo: Editora Paideia, 2001.

ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação.** v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1918.

ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação.** v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

SALLES, Lauro. A saga de um idealista. In NASCIMENTO, Sergio Carvalho do; LIMA, Genival Xavier de; AMORIM, Delta dos Santos (ORG). **Deolindo Amorim: Sua Vida, sua Obra.** Rio de Janeiro: CELD, ICEB, 1999.

SANTOS, Carlos Gomes dos. **Páginas de Além Túmulo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1939.

SILVA, Gélio Lacerda da. **Conscientização Espírita.** Capivari-SP: EME Editora, 1995.

SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo.** Santos – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2010.

SOBRINHO, Geraldo Campetti (Coord.). **Espiritismo de A a Z.** 4ª ed.Rio de Janeiro:FEB, 2008.

TOURINHO, Nazareno. As tolices e pieguices da obra de Roustaing. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1999.

USE. Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. São Paulo, Oficina Imprensa Artística Ltda.

VIEIRA, Marco Antônio. **Leopoldo Machado: O Mentor das Mocidades Espíritas do Brasil.** Rio de Janeiro: CELD, 2013.

XAVIER. Chico. **Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho.** Rio de Janeiro: FEB, 1970.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Vol:1. Rio de Janeiro:FEB, 2004.

WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB. 1969.

WEGELLIN, João Marcos. **Memória Espírita: papéis velhos e histórias de luz**. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005. p. 126.

### **Jornais e Revistas**

COLEÇÕES – (Acervos disponíveis na Biblioteca Nacional)

Reformador (1883 – 2016)

Revista Espírita do Brasil (1929 – 1952)

Revista Internacional de Espiritismo (1925 – 2016)

O Clarim (1905 – 2016)

Almenara (1952 – 1962)

Mundo Espírita (1932 – 2016)

### **Avulso**

**Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 de ago 1892. Ano II n° 218.

VIEIRA, Vítor Antônio. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. n. 285. suplemento ao número 285, 11 de out. de 1896.p 3.

PIRES, J. Herculano. Os 25 anos de Pacto Aureo. **Mensagem**. São Paulo – SP. Fev. 1975. Ano I n° 1.

### **Fontes na internet**

**800 Biografias Espíritas Resumidas**. Disponível em: << <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Biografias%20Espiritas/Biografia%20Esp%C3%ADritas%20Gr%C3%A1tis.htm>>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

**A História da Imprensa Espírita no Brasil' – 1869 – 1900**. Disponível em: << <http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2011/05/historia-da-imprensa-espirita-no-brasil.html>>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

Abstal Loureiro. **Um Pouco da História dos Congressos Espíritas**. Disponível em: <<[http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/L\\_autores/LOUREIRO\\_Abstal\\_tit\\_Um\\_pouco\\_da\\_historia\\_dos\\_Congressos\\_Espiritas.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/L_autores/LOUREIRO_Abstal_tit_Um_pouco_da_historia_dos_Congressos_Espiritas.htm)>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

**Amit Goswami**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Amit\\_Goswami](https://pt.wikipedia.org/wiki/Amit_Goswami)>>. Acesso em: 03 set. 2015.

**Alta Paulista**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alta\\_Paulista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alta_Paulista)>>. Acesso em: 15 mar.2015.

**Aníbal Silveira.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%ADbal\\_Silveira](https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%ADbal_Silveira)>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

**Aristóteles.** Disponível em: <<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

**Artur Bernardes.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur\\_Bernardes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur_Bernardes)>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

**Arthur Conan Doyle.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur\\_Conan\\_Doyle](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Conan_Doyle)>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

**Arthur Rudge da Silva.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur\\_Rudge\\_da\\_Silva\\_Ramos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Rudge_da_Silva_Ramos)>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

Assim falou Allan Kardec. **O Franco Paladino**, Niterói, agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.francoPaladino.pro.br/ofp0803.pdf>>. Acesso em: 30/10/2007.

**Bezerra de Menezes Kardecian Spiritist Center.** Disponível em: <<http://www.spiritist.com/archives/1566>>. Acesso em: 30 out. 2007.

**Biografia do Dr. Penna Ribas.** Disponível em: <<[http://www.sepe.org.br/site/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=4](http://www.sepe.org.br/site/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=4)>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

**Cândido Procopio Ferreira de Camargo.** Disponível em: <<<https://www.google.com.br/#q=Camargo%2C+C%C3%A2ndido+Proc%C3%B3pio+Ferreira+de>>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

**Capa Reformador de Setembro de 1970.** Disponível em: <<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1970/capa/10.jpg>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

**Capa Reformador de Novembro de 1970.** Disponível em: <<<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1970/capa/11.jpg>>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

**Capa Reformador de Dezembro de 1975.** Disponível em: <<<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1975/capa/12.jpg>>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

**Carlo Ginzburg.** Disponível em: <<<http://www.history.ucla.edu/faculty/carlo-ginzburg>>>. Acesso em: 1º mar. 2016.

**Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Carvalho\\_Pinto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carvalho_Pinto)>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

**Carlos José Boaventura Kloppenburg.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Jos%C3%A9\\_Boaventura\\_Kloppenburg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Jos%C3%A9_Boaventura_Kloppenburg)>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

**Carol Bowman.** Disponível em: <<[https://en.wikipedia.org/wiki/Carol\\_Bowman](https://en.wikipedia.org/wiki/Carol_Bowman)>>. Acesso em: 06 mai 2016.

**CEERJ** < Disponível em: <[http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=20&Itemid=34](http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=34)>. Acesso em: 1º nov 2007.

**CEI.** 7º Congresso Espírita Mundial. Disponível em:<<<http://www.7cem.org>>>. Acesso em 15 jul. 2014.

**CEI.** 8º Congresso Espírita Mundial. Disponível em:<<<http://www.8cem.org>>>. Acesso em 22 dez. 2016.

**CEPA NO BRASIL.** Disponível em: <<http://cepabrasil.org.br/index.php/divulgacao/jornal-opinioa/item/28-cepa-no-brasil>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

**Cesare Lombroso.** Disponível em:<<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cesare\\_Lombroso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cesare_Lombroso)>>. Acesso em: 30 set. 2014.

**Charles Robert Richet.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Robert\\_Richet](https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Robert_Richet)>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

**Cícero.** Disponível em: <<<https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero>>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

**Cid Franco.** **FGV.** Disponível em: <<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/franco-cid>>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

**Coelho Neto.** Disponível em:<<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Coelho\\_Neto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coelho_Neto)>>. Acesso em 15 ago. 2015.

**Conselho Espírita Internacional.** Disponível em:<<<http://cei.spirite.org/pt/>>>. Acesso em 15 jul. 2014.

**Cronologia.** Disponível em:<<[http://bvespirita.com/Cronologia%20Espirita%20\(Carlos%20A.%20I.%20Bernardo\).pdf](http://bvespirita.com/Cronologia%20Espirita%20(Carlos%20A.%20I.%20Bernardo).pdf)>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

**Departamentos CEI.** Disponível em: <<[www.cei.spirite.org/pt/departments/](http://www.cei.spirite.org/pt/departments/)>>. Acesso em 15 jul. 2014.

Editora Paidea. **Quem Somos.** Conforme <<<http://www.editorapaidea.com.br/quemsomos>>> .Acesso em 07 abr 2014.

**Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eni\\_Orlandi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eni_Orlandi)>>. Acesso em: 02 set. 2015.

**Ernesto Bozzano.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto\\_Bozzano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano)>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

**Fabio Luiz da Silva.** Disponível em: <<<http://www.escavador.com/sobre/9904593/fabio-luiz-da-silva>>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FEB. **Herculano Pires.** Conforme <<<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Herculano-Pires.pdf>>> Acesso em 02 abr. 2014.

FEB. **Pacto Áureo.** Disponível em: <<<http://feeb.org.br/federacao-espirita-do-estado-da-bahia-homenageia-os-pioneiros-do-pacto-aureo/>>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

FEB. **Presidentes.** Disponível em: <<<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/presidentes/>>>. Acesso em: 26 fev.2014.

FEB. Manifesto da FEB a respeito da decisão judicial sobre religiões de matriz africana. Disponível em: <<<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/manifesto-da-feb-sobre-decisao-judicial-sobre-religoes-de-matriz-africana/>>> Acesso em 3 jun. 2014.

FEB. **Presidentes da FEB.** Disponível em: <<<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/presidentes-da-feb.pdf>>>. Acessado em: 13/07/16.

FEB. **Reverendo G. Vale Owen.** Disponível em:<<<http://www.febeditora.com.br/autores/reverendo-g-vale-owen/>>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

**Filinto Müller.** Disponível em: <<[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto\\_muller](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller)>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

**Francisco Acquarone.** Disponível em: <<<http://editoraalianca.com.br/autor/francisco-acquarone/>>>. Acesso em: 07 abr.2016.

**Francisco Adolfo de Varnhagen.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Adolfo\\_de\\_Varnhagen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Adolfo_de_Varnhagen)>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

**Francisco Pereira Passos.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Pereira\\_Passos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_Passos)>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

**François Laplantine.** Disponível em: <<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois\\_Laplantine](https://fr.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois_Laplantine)>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires. **Biografia.** Conforme: <<<http://www.herculanopires.org.br/herculanopires/biografia#>>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

Fundação da RIE, a Revista Internacional de Espiritismo. **O Clarim.** Disponível em: <<<https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao-revista-internacional-do-espiritismo.html>>>. Acesso em 29 jun. 2015.

**Gabriel Delanne.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel\\_Delanne](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Delanne)>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

**Georges-Eugène Haussmann.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges-Eug%C3%A8ne\\_Haussmann](https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges-Eug%C3%A8ne_Haussmann)>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

**Herculano Pires & Jorge Rizzini.** Disponível em: <<<http://www.autoresespiritasclassicos.com/autores%20espiritas%20classicos%20diversos/herculano%20pires/o%20apostolo%20do%20espiritismo/9%20-%20Congressos%20e%20Pacto%20%C3%81ureo.htm>>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

**Herminio Sacchetta.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Herminio\\_Sacchetta](https://pt.wikipedia.org/wiki/Herminio_Sacchetta)>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

**História do Espiritismo.** Disponível em: <<<http://orebate-jorgehessen.blogspot.com.br/2013/08/historia-do-espiritismo-no-brasil.html>>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

ICEB. **O ICEB conta sua história.** Conforme <[http://www.portaliceb.org.br/wordpress/?page\\_id=83](http://www.portaliceb.org.br/wordpress/?page_id=83)> Acessado em 25/03/14.

IMBASSAHY, Carmem. **Carlos Imbassahy.** Disponível em: <<[http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=53](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=53)>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

**Ivani Ribeiro.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ivani\\_Ribeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ivani_Ribeiro)>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

Internorte Paraná. **Francisco Ferraz Batista**. Disponível em: <<<http://www.internorteparana.com.br/ures/504>>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

**Jacinto Figueira Júnior**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacinto\\_Figueira\\_J%C3%BAnior](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacinto_Figueira_J%C3%BAnior)>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

**Jacques Le Goff**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques\\_Le\\_Goff](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Le_Goff)>>. Acessado em: 25/03/2016.

**Jorge Rizzini**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge\\_Rizzini](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Rizzini)>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

**Jânio da Silva Quadros**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%A2nio\\_Quadros](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%A2nio_Quadros)>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

**Jean-Paul Sartre**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul\\_Sartre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul_Sartre)>>. Acessado em: 12 fev. 2016.

**José Murilo de Carvalho**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Murilo\\_de\\_Carvalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Murilo_de_Carvalho)>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

**José Pedro de Freitas**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Pedro\\_de\\_Freitas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Pedro_de_Freitas)>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

**Joseph Banks Rhine**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Banks\\_Rhine](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Banks_Rhine)>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

**Juiz não reconhece manifestações afro-brasileiras como religiões. G1**. Disponível em: <<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/juiz-nao-reconhece-manifestacoes-afro-brasileiras-como-religioes.html>>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

**Jürgen Habermas**. Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BCrgen\\_Habermas](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BCrgen_Habermas)>>. Acesso em: 1º set. 2015.

**Logotipo Mundo Espírita**. Disponível em: <<<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-numero-1-500>>>. Acesso em: 1º out. 2014.

**Louisa Ella Rhine**. Disponível em: <<<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Rhine/Louisa%20Rhine.htm>>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

**Magda Becker Soares.** Disponível em: <<<https://www.google.com.br/#q=Magda+Becker+Soares>>>. Acesso em: 1º out. 2014.

**Marco Morel.** Disponível em: <<<http://www.ppghistoria.com.br/corpo-docente?id=34>>>. Acesso em: 1º fev. 2016.

**Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti.** Disponível em: <<<HTTP://WWW.LAURACAVALCANTI.COM.BR/CURRICULO.ASP>>>. Acesso em: 15 JUN. 2016.

**Maria Helena Marcon.** Disponível em: <<<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=568>>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

**Mariana Monteiro de Barros.** Disponível em: <<[http://www.lamparina.com.br/autor\\_detalhe.asp?idAutor=Mariana%20Monteiro%20de%20Barros](http://www.lamparina.com.br/autor_detalhe.asp?idAutor=Mariana%20Monteiro%20de%20Barros)>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

**MARION AUBRÉE.** Disponível em: <<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Marion\\_Aubr%C3%A9e](https://fr.wikipedia.org/wiki/Marion_Aubr%C3%A9e)>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

**Marly Silva da Motta.** Disponível em: <<<http://cpdoc.fgv.br/equipe/MarlyMotta>>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

**Michel de Certeau.** Disponível em: <<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Michel\\_de\\_Certeau](https://fr.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Certeau)>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

**Michel de Montaigne.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel\\_de\\_Montaigne](https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne)>>. Acesso em: 23 mai. 2016

**Miguel Reale.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_Reale](https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Reale)>>. Acesso em: 5 mai. 2016.

**Mikhail Bakhtin.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail\\_Bakhtin#Biografia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin#Biografia)>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

**Milton Santos.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton\\_Santos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton_Santos)>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

**Nélson Hungria.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A9lson\\_Hungria](https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A9lson_Hungria)>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

**Nelson Werneck Sodré.** Disponível em: <<[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/nelson\\_werneck\\_sodre](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/nelson_werneck_sodre)>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

**Norberto Bobbio.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Norberto\\_Bobbio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Bobbio)>>. Acessado em: 19/02/2016.

**Olavo Bilac.** Disponível em: <<[https://www.ebiografia.com/olavo\\_bilac/](https://www.ebiografia.com/olavo_bilac/)>>. Acesso em: 14 set. 2015.

**Oliver Lodge.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliver\\_Lodge](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliver_Lodge)>>. Acesso em: 14 set. 2016.

**Oséias Mota.** Disponível em: <<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mota-oseias>>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

**Padre Nelson Antonio Romão.** Disponível em: <<http://www.saibaja.com.br/tv-matao/noticia/3405-paroquia-senhor-bom-jesus-comemorou-115-anos-nesta-segunda-feira-4>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

**Padre Quevedo.** Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Padre\\_Quevedo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_Quevedo)>. Acesso em: 18 mar. 2015.

**Peter L. Berger.** Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter\\_L.\\_Berger](https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_L._Berger)>. Acesso em: 2 mai. 2016.

**Pierre Bourdieu.** Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_Bourdieu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu)>. Acesso em: 13/07/16.

**Pietro Ubaldi.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietro\\_Ubaldi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietro_Ubaldi)>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

PRESTES, Erasto de Carvalho. **Pacto Áureo.** Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/>>. Acesso em: 13 set. 2010.

QUINTELA, Mauro. **O Pacto Áureo.** Disponível em: <<http://www.novavoz.org.br/bhu-004.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2007.

QUINTELA, Mauro. **Torteroli:** um nome a ser lembrado. Disponível em: <<<http://jornalcienciaespirita.org/torteroli-um-nome-a-ser-lembrado/>>>. Acessado em: 11 mai. 2016.

**Raymond Moody.** Disponível em: <<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Raymond\\_Moody](https://fr.wikipedia.org/wiki/Raymond_Moody)>>. Acesso em: 8 set. 2015.

**Rede Visão.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_Vis%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Vis%C3%A3o)>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

**Revista Espírita: Publicação Mensal de Estudos Psychologicos.** Disponível em: <<

[http://memoria.bn.br/pdf/810002/per810002\\_1875\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/810002/per810002_1875_00001.pdf)>>.

Acesso em: 10 mai. 2016.

**Revista Internacional de Espiritismo.** Matão (SP), ano I, n. 1. Disponível em:

<<<https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao-revista-internacional-do-espiritismo.html>>> Acesso em: 29 jun. 2015.

**Roger Chartier.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger\\_Chartier](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger_Chartier)>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

**Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.** Disponível em: <<<http://www.smerj.org.br/#!nossa-historia/c7sb>>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

**Stuart Hall.** Disponível em: <<<http://spartacus-educational.com/HIShallS.htm>>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

**Subsídios para a história da Radiodifusão Espírita.** Disponível em: <<<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/ednilsom-comunicacao/subsidios-historia-radio-espirita.html>>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

**Tânia Regina de Luca.** Disponível em: <<<http://editoracontexto.com.br/autores/tania-regina-de-luca.html>>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

**Thomas Luckmann.** Disponível em: <<[https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas\\_Luckmann](https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Luckmann)>>. Acessado em: 1º jun. 2016.

**TV Mundo Maior.** Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/TV\\_Mundo\\_Maior](https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Mundo_Maior)>>. Acessado em: 20/02/2016.

**Ubiratan Machado – jornalista, escritor e bibliófilo.** Disponível em: <<[http://www.aelrj.org.br/website2010/index.php?option=com\\_content&view=article&id=97:ubiratan-machado&catid=11:figuras-do-livro&Itemid=20](http://www.aelrj.org.br/website2010/index.php?option=com_content&view=article&id=97:ubiratan-machado&catid=11:figuras-do-livro&Itemid=20)>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

**União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE.** Disponível em: <<http://useinterbotucatu.com.br/historico.html>>. Acesso em: 08 dez. 2010.

**União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE.** Disponível em: <<http://useinterbotucatu.com.br/historico.html>>. Acesso em: 08 dez. 2010.

**USE.** Disponível em: <<http://www.usesp.org.br/use.html>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

**University of Florida.** Jeffrey D. Needell. Disponível em: <<  
<http://history.ufl.edu/directory/current-faculty/jeffrey-d-needell/>>>.  
Acesso em: 16 abr. 2016.

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

<p><b>Abreu Filho, Júlio (1893 – 1971)</b> – Cearense, funcionário público, professor, foi membro da diretoria da União Federativa Espírita Paulista. Participou da fundação da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, da qual foi conselheiro durante muitos anos. Teve marcante atuação no I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado em S. Paulo. Foi tradutor da “Revista Espírita” publicada por Allan Kardec durante doze anos consecutivos. 200 – 207 – 215 – 219 – 267 – 268 – 271 – 272 – 278 – 282 – 320.</p>
<p><b>Abreu, Álvaro de</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.</p>
<p><b>Abreu, Ciro Milton de</b> – Político, foi vereador eleito para o mandato da Legislatura 56/59 na cidade de Cerqueira César (SP). Junto com Herculano Pires e Dadício de Oliveira Bulet fundaram o Centro Espírita Humberto de Campos em Cerqueira César. Foi médium de efeitos físicos famoso no interior do Estado de São Paulo. Ciro era dotado de faculdades excepcionais no campo da ectoplasmia, dos fenômenos de transporte de objetos sem contato, de levitação e reprodução de efeitos luminosos e de fogo. 262.</p>
<p><b>Abreu, Silvino Canuto (1892 -1980)</b> – Paulista de Taubaté formou-se em Farmácia, Medicina e Direito. Foi fundador e presidente da Associação Paulista de Homeopatia. Profundo conhecedor da História do Espiritismo no Brasil e no mundo, escreveu, em 1936, quando ainda circulava a revista Metapsíquica”, órgão da “Sociedade Metapsíquica de São Paulo, vários artigos abordando fatos ocorridos no Brasil até o ano de 1895, detendo-se com profundidade de detalhes na atuação do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes à frente do movimento espírita em nosso país. Foi Diretor Geral da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, entidade que posteriormente se fundiu na Federação Espírita do Estado de São Paulo. 41 – 82 – 111 – 143 – 144 – 147 – 148 – 156 – 159 – 161 – 162 – 163 – 270 – 288 – 289.</p>
<p><b>Acquarone, Francisco (1898 – 1954)</b> – Artista plástico brasileiro atuou como pintor, caricaturista, desenhista, jornalista, historiador, professor e autor de livros sobre arte brasileira. Dedicou-e de forma destacada ao desenho, à pintura, à divulgação das artes, à literatura para jovens e adultos. 41.</p>
<p><b>Albuquerque, Edmundo</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.</p>
<p><b>Albuquerque, Eduardo Bastos de</b> – Graduado em História pela USP, graduação em Direito pela Universidade de São Paulo e doutor em História Social pela USP. Tem experiência na área de História, com</p>

ênfase em Teoria e Filosofia da História. Atuando principalmente nos seguintes temas: Preces, orações populares, Religião popular, Religiosidade popular, História da Prece e Preces populares. 25.
<b>Almeida Filho, João Pompílio de</b> – Foi membro atuante da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, atingindo cargo de direção. 209.
<b>Almeida, Lauro Pastor de (1907 – 1969)</b> – Maranhense, atuou ativamente na Liga Espírita do Brasil, realizando conferências e participando ativamente do Movimento Espírita. Atuou também como professor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos na cadeira sobre Spiritismo. 255.
<b>Altivo, Jorge Godinho Barreto</b> – Foi diretor do <i>Reformador</i> . 110.
<b>Alves Júnior</b> – Participou da fundação da LEB, em 1926. 99.
<b>Alves, Joaquim</b> – Companheiro de Cairbar Schutel na fundação de <i>O Clarim</i> e da <i>Revista Internacional de Spiritismo</i> . 99.
<b>Amorim, Delta dos Santos</b> – Foi esposa de Deolindo Amorim com quem participou trabalhando em várias instituições espíritas. 251.
<b>Andrade, Henrique (1889 – 1968)</b> – Brasileiro, advogado e jornalista foi certamente um dos mais combativos espíritas de seu tempo. Foi Diretor do Abrigo Teresa de Jesus e participou da fundação da Tenda de Caridade. Idealizou um órgão de difusão doutrinária, juntamente com o Comandante João Torres e Benedito de Souza proprietário de uma gráfica, fundou o jornal <i>Mundo Espírita</i> . Autor da obra <i>A Bem da Verdade</i> , em favor da pureza doutrinária contra o Roustanguismo. Foi expositor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil. 76 – 113 – 115 – 116 – 217 – 225 – 233 – 234 – 235 – 236 – 256 – 288 – 307 – 311 – 316 – 317 – 333.
<b>Andrade, Hernani Guimarães (1913 – 2003)</b> – Foi um engenheiro e parapsicólogo espírita brasileiro. Fundou o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), onde procurou demonstrar cientificamente a existência da reencarnação, de fenômenos paranormais como a mediunidade, a obsessão espiritual, e o “electronic voice phenomena”, e do que denominou Campo Biomagnético (CBM) ou Modelo Organizador Biológico (MOB). 281.
<b>Andrade, Pedro Lameira de (1880 – 1938)</b> – Carioca, professor e advogado foi infatigável no cenário da divulgação doutrinária, constituindo-se num dos mais salientes espíritas da sua época. Atuou de forma destacada ao lado de Augusto Militão Pacheco, renomado médico e um dos grandes baluartes espíritas da época. Através dos seus escritos, das suas conferências, Andrade não media esforços em suas peregrinações visitando muitas cidades brasileiras. Em 12 de julho de

<p>1936, ao ser fundada a Federação Espírita do Estado de S. Paulo, Lameira de Andrade foi eleito seu orador oficial, em sua primeira diretoria, passando a representar aquela egrégia instituição em quase todas as solenidades promovidas pelas associações espíritas do Estado. 99.</p>
<p><b>Anjos, Luciano dos (1933 – 2014)</b> – Carioca, foi jornalista e escritor. Espírita Atuou no movimento espírita, principalmente, como escritor divulgador da Doutrina Espírita. Fundador do Grupo dos Oito, um dos grandes defensores do Roustanguismo. 221.</p>
<p><b>Aquino, Geraldo de (1912 – 1984)</b> – Grande trabalhador na difusão do Espiritismo pelo rádio, participou da equipe de João Pinto de Souza, fundador da Hora Espiritualista na antiga Rádio Clube, a partir de 19 de agosto de 1937. Geraldo substituiu João Pinto de Souza em 1943, por ocasião de sua morte. Criou o Programa Meditação, Evocação da Ave Maria, em 1º de novembro de 1948, programa que é transmitido até hoje. Lançou a campanha para a compra de uma emissora de rádio em janeiro de 1951. Em 2 de agosto de 1971 adquiriu a Rádio Rio de Janeiro e foi seu presidente até sua morte. 100 – 218 – 259.</p>
<p><b>Aquino, Humberto de</b> – Teve atuação destacada na associação Obreiros do Bem da cidade de Osasco(SP); foi tesoureiro da <i>A Hora Espírita Radiofônica</i>, junto com Leopoldo Machado que atuou como diretor-geral do programa. 236.</p>
<p><b>Aquino, Tomás de (1225 – 1274)</b> – Foi um frade da Ordem dos Pregadores (dominicano) italiano cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica. 281.</p>
<p><b>Araújo, Getúlio Soares de</b> – Atuou como gerente do Reformador (1970 – 1981). 112.</p>
<p><b>Araújo, Xavier de</b> – participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 99.</p>
<p><b>Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.)</b> – Foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. 288.</p>
<p><b>Armond, Edgard (1894 – 1982)</b> – Paulista, militar, maçom, professor, intelectual espírita, foi, também, pioneiro do movimento de unificação, tendo lançado a idéia de criação União das Sociedades Espíritas. Foi diretor e presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde</p>

trabalhou por mais de 30 anos. Em 1973, a Aliança Espírita Evangélica nasceu sob seu comando. 200 – 201 – 207 – 266 – 270 – 271 – 273.
<b>Assis, Armando de Oliveira (1913 – 1988)</b> – Paulista, advogado, foi secretário do antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI). Em 1949 começou a participar da diretoria da FEB como 2º secretário, sucessivamente reeleito durante cinco anos, em 1954 passou a vice-presidente, cargo que ocupou por 15 anos. Foi diretor do Reformador. 220.
<b>Assis, João Carlos de</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.
<b>Aubrée, Marion (1942 –)</b> – antropóloga francesa, pesquisadora e autora de publicações internacionais relativas às sociedades contemporâneas. Ligada a Faculdade de Antropologia e Sociologia da Universidade LIÃO-II. Recentemente participou no Comitê científico para a composição do Dicionário dos fatos religiosos, publicado pelas Imprensas universitárias da França em 2010, ao qual contribuiu com quatro notas. 33 – 34 – 46 – 51 66 – 143.
<b>Azeredo, Domingos R.</b> – Foi segundo tesoureiro da USE-SP, quando Francisco Carlos de Castro Neves foi o presidente. 273.
<b>Azevedo, Nelson Batista</b> – Membro atuante da LEB, escritor espírita, autor de programas espíritas em rádios da cidade do Rio de Janeiro. 218.
<b>Bakhtin, Mikhail Mikhailovich (1895 – 1975)</b> – foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. 66.
<b>Banerjee, Hemendra Nath (1929 – 1985)</b> – Parapsicólogo indiano, foi Diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, Índia, iniciou uma série de investigações acerca de diversos casos de crianças que se lembravam de suas vidas anteriores, chegando a catalogar três mil casos. 336.
<b>Barbosa, Anna Izabel Machado</b> – Mãe de Leopoldo Machado. 240.
<b>Barbosa, Marialva Carlos</b> – Professora Titular de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora titular de jornalismo aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF), aonde foi professora de 1979 a 2010. Organizou dezenas de livros e publicou dezenas de capítulos de livros em obras organizadas no Brasil e no exterior. Dedicou-se também às pesquisas que fazem a interconexão entre história e comunicação. 66 – 69 – 71 – 72 – 78.
<b>Barbosa, Marília Ferraz de Almeida (1900 – 1952)</b> – Baiana, casada com Leopoldo Machado, com quem participou na fundação de várias entidades como: o Colégio Leopoldo, Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, em Nova Iguaçu, o Albergue Allan Kardec e Lar de Jesus.

242 – 245.
<b>Barreto, João</b> – Fundador do jornal <i>Século XX</i> , na cidade de Campos, no interior do Estado do Rio de Janeiro em abril de 1885, órgão da “Sociedade Espírita Concórdia”. 63.
<b>Barreto, Nelson Kerensky Paes (1918 – 1973)</b> – Paraibano, militar, formou-se em engenharia química industrial e mais tarde em engenharia econômica. Compôs o Hino ao Espiritismo e a Marcha Triunfal do Espiritismo, muito divulgadas no meio espírita. 115.
<b>Barros, Ernesto Teixeira</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1957 – 1959). 112.
<b>Barros, Luiz Monteiro de</b> – Foi vice-presidente da USE-SP, quando Francisco Carlos de Castro Neves foi o presidente. 209 – 273.
<b>Barros, Mariana Monteiro de.</b> – Bacharel e licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em História pela UERJ. 70.
<b>Barros, Newton Gonçalves de (1915 – 1997)</b> – Paulista, engenheiro, professor, escritor e palestrante espírita, teve sua presença marcante em inúmeros congressos. Foi vice presidente do Congresso Internacional para Estudo da Reencarnação, em Buenos Aires. 255.
<b>Barros, Salustiano José Monteiro de</b> – Um dos fundadores da <i>Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade</i> em 1881. 63.
<b>Batista, Francisco Ferraz</b> – Paranaense, advogado, foi Presidente da Federação Espírita do Paraná, de 2008 a 2009 e reeleito para o biênio 2010-2011 e foi secretário da Comissão Regional Sul da FEB de 2007 a 2012, que reúne as Federações Espíritas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. 119.
<b>Baulet, Dadício de Oliveira</b> – Junto com Herculano Pires e Ciro Milton de Abreu fundaram Centro Espírita Humberto de Campos em Cerqueira César (SP). 262.
<b>Belvedere, Aparecido O.</b> – Atuou como relações públicas do jornal <i>O Clarim</i> no final da década de 1970. Assumiu o cargo de diretor editorial da RIE e de <i>O Clarim</i> de setembro de 1988 até a presente data. 131 – 135.
<b>Berger, Peter Ludwig (1929 –)</b> é um sociólogo e teólogo luterano austro-americano, conhecido por sua obra <i>A Construção Social da Realidade</i> publicada em co-autoria com Thomas Luckmann, com quem teoriza a cerca da realidade como construção social. Dedicar-se com maior ênfase a sociologia da religião e, além disso, produz textos no campo da teoria sociológica, na sociologia política, globalização e o

desenvolvimento. É doutor honoris causa da Loyola University, do Wagner College, da University of Notre Dame e das europeias de Genebra e Munique. 20 – 21 – 24 – 38 – 40.
<b>Bernardes, Arthur da Silva (1875 – 1955)</b> – Político Mineiro foi advogado, Presidente de Minas Gerais de 1918 a 1922 e Presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1922 e 15 de novembro de 1926. 96.
<b>Bianchi, Ilcio</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (2007 – 2011). 112.
<b>Bilac, Olavo Braz Martins dos Guimarães (Olavo Bilac)</b> – (1865-1918) – Brasileiro, foi poeta, jornalista, inspetor de ensino e representante máximo do Parnasianismo. Escreveu a letra do Hino à Bandeira brasileira. É membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 15. 69.
<b>Blume, Hélio</b> – Foi diretor-substituto do <i>Reformador</i> . 111.
<b>Bobbio, Norberto (1909 – 2004)</b> – Italiano, foi filósofo político, historiador do pensamento político, escritor e senador vitalício italiano. 227 – 228.
<b>Boechat, Newton (1928 – 1990)</b> – Fluminense, funcionário público, graduado em Línguas Neolatinas foi orador, escritor e médium espírita conhecido nacional e internacionalmente. Defensor da obra <i>Os Quatro Evangelhos ou Revelação da Revelação</i> , do francês Jean Baptiste Roustaing, foi um dos fundadores do Grupo dos Oito, de que participou regularmente em toda a sua vida de espírita. 139 – 320.
<b>Borges, Luiz Carlos de Oliveira</b> – Financiador em 1911 do jornal <i>O Clarim</i> da cidade de Dourado (SP). 115 – 127.
<b>Borges, Maria Elisa de Oliveira</b> – Esposa de Luiz Carlos de Oliveira Borges, após a morte desse último, passou a financiar o jornal <i>O Clarim</i> . 133.
<b>Botelho, Jonatham (1878 – 1948)</b> – Fluminense, foi um espírita dinâmico, companheiro das lides espíritas de Carlos Imbassahy, Viana de Carvalho, César Gonçalves e outros, movimentaram o Espiritismo, introduzindo as palestras em locais públicos, como Teatro Municipal de Niterói, Cinema Odeon, Automóvel Clube do Brasil, Escola Nacional de Música, e outros. Foi Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Foi redator-chefe da <i>Revista Espírita do Brasil</i> . Foi o primeiro diretor-gerente da <i>Revista Espírita do Brasil</i> . 76 – 101 – 122.
<b>Bourdieu, Pierre Félix (1930 – 2002)</b> – Sociólogo francês, filósofo de formação, foi docente na <i>École de Sociologie du Collège de France</i> . Desenvolveu diversos trabalhos abordando a questão da dominação e é um dos autores mais lidos, em todo o mundo, nos campos da

antropologia e sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. 20 – 21 – 22 – 23 – 24 – 28 – 38 – 40 – 166 – 192.
<b>Bowman, Carol (1950 – )</b> – Escritora, palestrante, consultora, terapeuta de vidas passadas estadunidense, conhecida por seu trabalho no estudo da reencarnação, especialmente com crianças. 104.
<b>Bozzano, Ernesto (1862 – 1943)</b> – Professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim e pesquisador espírita italiano. Destacou-se como um contribuinte ativo na literatura italiana e francesa sobre fenômenos paranormais a partir da virada do século XIX até o início dos anos 1940. Membro honorário da Society for Psychical Research (SPR), American Society for Psychical Research (ASPR) e Institut Métapsychique International (IMI). 76 – 133 – 231 – 237 – 281 – 314 – 341.
<b>Braga, Ismael Gomes (1891 – 1969)</b> – Mineiro, jornalista e escritor. Grande defensor e divulgador do Esperanto, era poliglota, pois dominava diversos idiomas, entre os quais, o hebraico, o árabe, o inglês, o francês, o alemão e o espanhol. Foi professor de línguas antigas e modernas, apesar de não ter passado por nenhuma faculdade. Colaborou na imprensa leiga e em quase todos os jornais espíritas da época, tanto no Brasil, como outros países. Sua colaboração no Reformador, como redator, foi efetiva, publicando artigos com mais de uma dezena de pseudônimos. Elaborou dicionários Português-Esperanto e Esperanto-Português para facilitar o aprendizado da língua. 134 – 236.
<b>Braga, Mario</b> – Foi redator-chefe da <i>Revista Espírita do Brasil</i> . 124.
<b>Branco, Luisa Peçanha Camargo</b> – Participou junto com Herculano Pires da fundação do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, com participação na proposta de criação da Confederação Nacional do Espiritismo elaborada pela União Espírita Mineira corroborada pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul. 207 – 268 – 271 – 272.
<b>Burlamaqui, Floriano</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100
<b>Burgos Filho, Luís</b> – Junto com Lins de Vasconcelos, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, Ary Casadio e Luiz Burgos compôs a Caravana da Fraternidade, que no ano 1950 visitou vários centros espíritas e as instituições situadas nas regiões do Norte e do Nordeste do país. 222.
<b>Burza, João Belline (1918 – 1989)</b> – Foi um dos mais brilhantes neurocientistas brasileiros do período entre 1946 e 1964, quando, por motivos políticos, teve de se exilar na União Soviética, até 1974.

Quando retornou, estava com seus direitos políticos cassados e foi preso ainda na escada do avião em Viracopos. Ficou preso incomunicável por seis meses. Algum tempo depois de recuperado, parcialmente, voltou a clinicar em São Paulo. 277.
<b>Camargo, Cândido Procópio Ferreira de</b> – foi um sociólogo e demógrafo brasileiro. Graduado em Direito pela USP e em Filosofia, pela PUC-SP, posteriormente tornou-se professor da Escola de Sociologia e Política e da PUC-SP. 33 – 34 – 277 – 340 – 344.
<b>Camargo, Pedro de (Vinícius) (1878 – 1966)</b> – Paulista, ao longo de trinta anos desenvolveu, profícuo e intenso trabalho de divulgação do Espiritismo. Foi presidente da União Federativa Espírita Paulista e fundou uma escola para evangelização da infância e juventude, tendo para tanto elaborado normas e diretrizes para esse gênero de educação. Foi um dos diretores do Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, levado ao ar, diariamente, através da Rádio Educadora de S. Paulo. Fundou a Rádio Piratininga, emissora de cunho nitidamente espírita e foi eleito seu diretor-superintendente. 174 – 219 – 234 – 239 – 432.
<b>Campelo, Ângelo Watson (??? – 1963)</b> – Companheiro de primeira hora de Cairbar Schutel na fundação de <i>O Clarim</i> e da <i>Revista Internacional de Espiritismo</i> . Foi indicado por Schutel para a Presidência do Centro Espírita Amantes da Pobreza. Ficou como diretor editorial de fevereiro da revista e do jornal de 1938 a março de 1963. 129 – 134.
<b>Campelo, Antônia Perche da Silveira (1901 – 1993)</b> – Companheira de Cairbar Schutel escolhida pelo próprio para substituí-lo no Centro Espírita Amantes da Pobreza. Foi presidente da RIE de <i>O Clarim</i> de 1938 a 1966. Atuou também como gerente do jornal e da revista. 116 – 117 – 129.
<b>Campetti Sobrinho, Geraldo</b> – Foi diretor-substituto do <i>Reformador</i> . 111.
<b>Campos, Calazans de</b> – Jornalista espírita participou do Congresso dos Jornalistas Espíritas realizado na cidade de São Paulo em 1940. Tomou parte também da caravana de jornalistas e oradores espíritas que viajaram pelo interior paulista para divulgação e conferências. 100.
<b>Campos, Zeferino</b> – Participou do Grupo Espírita Fraternidade e depois junto com o grupo dos místicos liderados por Frederico Júnior abandonou a Fraternidade indo compor as fileiras do Grupo Ismael liderado por Sayão e Bittencourt Sampaio. 149.
<b>Cardim, Elmano (1891 – 1979)</b> – foi um jornalista brasileiro, membro

da Academia Brasileira de Letras, chegando a ser seu presidente. 72.
<b>Carneiro, Victor Ribas (1915 – 1991)</b> – Paranaense, professor, funcionário público, jornalista, advogado, procurador do Estado do Paraná, escritor espírita, em Paranaguá fundou o jornal espírita <i>Voz da Espiritualidade</i> . Exerceu a direção do jornal <i>Mundo Espírita</i> por mais de 12 anos consecutivos, mantendo estreita relação com as atividades gerais da Federação Espírita do Paraná. 117 – 118.
<b>Carvalho, Antonio César Perri de (1948 – )</b> – Brasileiro, formou-se Cirurgião Dentista e seguiu a carreira universitária na Faculdade de Odontologia de Araçatuba (Universidade Estadual Paulista – UNESP). Doutor em Ciências, atuou como Professor Livre-Docente e Professor Titular. No meio espírita exerce, atualmente, intensa atividade social e literária, escrevendo inúmeros artigos em colaboração com diversos periódicos. Ex-presidente da USE-SP e da FEB (interino de 5/2012 a 3/2013 e efetivo de 3/2013 a 3/2015), atualmente é membro do Conselho Superior da FEB – Brasília-DF – e membro da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional. 45 – 110 – 111 – 338.
<b>Carvalho, Constantino Gomes de</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.
<b>Carvalho, J. Antero de</b> – Atuou como secretário do <i>Reformador</i> (1975 – 1978). 111.
<b>Carvalho, José Murilo de (1939 – )</b> – Cientista político e historiador brasileiro, membro desde 2004 da Academia Brasileira de Letras. Também é membro da Academia Brasileira de Ciências. Graduiu-se em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, ao que se seguiu seu mestrado em Ciência Política pela Stanford University) onde também concluiu seu doutorado em Ciência Política. Em 1977, concluiu seu pós-doutorado em História da América Latina pela University of London. 53 – 189.
<b>Carvalho, José Ribeiro de</b> – Foi membro do Comando Jornalístico do Diário da Noite, junto com Herculano Pires que tinha como principal objetivo visitar os centros espíritas e procurava revelar ao público a fraude ou a realidade dos fenômenos que lá ocorriam. 268.
<b>Carvalho, José Vaz de (1884 – 1961)</b> – Comerciante, fluminense, foi assíduo frequentador da Federação Espírita Brasileira, e muito amigo de Manoel Quintão que o convidou para a Direção da Livraria da FEB, também foi secretário do <i>Reformador</i> (1929 – 1931). 112.
<b>Casadio, Ary</b> – Junto com Lins de Vasconcelos, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, e Luiz Burgos compôs a Caravana da Fraternidade, que no ano 1950 visitou vários centros espíritas e as instituições situadas

nas regiões do Norte e do Nordeste do país. 222 – 247.

**Castro, Noraldino de Melo (1908 – 1987)** – Mineiro, bancário e depois advogado renomado. Fundou o Centro Espírita Amor e Caridade, do qual foi o primeiro Presidente. Pouco tempo depois ingressava na União Espírita Mineira, onde atuou como Vice-Presidente durante anos sucessivos e representou essa Entidade Federativa em todas as Reuniões do Conselho Federativo Nacional da FEB. 205 – 206 – 209 – 272 – 336.

**Cavalcanti, Adolfo Bezerra de Menezes (1831 – 1900)** – Brasileiro, médico, político, foi eleito vereador municipal pelo Partido Liberal, depois foi eleito Deputado Geral, tendo ainda figurado em lista tríplice para uma cadeira no Senado. Criou a Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos. Depois, empenhou-se na construção da via férrea de S. Antônio de Pádua. Foi um dos diretores da Companhia Arquitetônica que, em 1872, abriu o "Boulevard 28 de Setembro", no então bairro de Vila Isabel. Retornando à política, foi eleito vereador em 1876, exercendo o mandato até 1880. Foi ainda presidente da Câmara e Deputado Geral pela Província do Rio de Janeiro, no ano de 1880. Foi o 2º e 5º presidente da FEB com os mandatos: 1889 e 1895 - 1900, tendo sido vice-presidente nos anos 1890 e 1891. 81 – 82 – 83 – 84 – 85 – 86 – 87 – 88 – 89 – 90 – 91 – 92 – 93 – 95 – 138 – 144 – 146 – 147 – 148 – 151 – 152 – 155 – 159 – 162 – 163 – 193 – 216.

**Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro** – é professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).IFCS/UFRJ. 34.

**Cavalcanti, Rodolfo Coelho – (1919 – 1986)** – Alagoano, poeta, jornalista, defensor do Espiritismo, realizou na Bahia, em 1955, o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. Como jornalista, fundou alguns periódicos, como A Voz do Trovador, O Trovador e Brasil Poético. Foi um cordelista e editor de folhetos populares. 320.

**Cerdeira, Manoel Paula** – Junto com Edgard Armond, Luiza Peçanha Camargo Branco, J. Herculano Pires e Júlio Abreu Filho apresentaram através da USE uma tese de apoio a Federação Espírita do Rio Grande do Sul para a criação da “Confederação Espírita Brasileira” em 1948. 207 – 271.

**Certeau, Michel Jean Emmanuel da Barca de (1925 – 1986)** – Intelectual jesuíta, historiador e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e ciências sociais. Autor de estudos sobre história religiosa e de obras com reflexões mais gerais sobre a história e

<p>a sua epistemologia, a psicanálise, e o estatuto da religião no mundo moderno. 46 – 67.</p>
<p><b>Chagas, João Batista (1901 – 1951)</b> – Pernambucano, destacou-se como divulgador da Doutrina Espírita em inúmeros veículos de comunicação. Foi correspondente de várias instituições espíritas, inclusive de Portugal e Espanha. Participou junto com Leopoldo Machado na Comissão Organizadora do 1º Congresso de Mocidades Espíritas, na qualidade de secretário. 100.</p>
<p><b>Chartier, Roger (1945 – )</b> – Historiador francês vinculado a corrente historiográfica da <i>l'École des Annales</i>. Trabalha sobre a história do livro, da edição e da leitura. 21 – 22 – 24 – 26 – 38 – 46 – 47 – 215.</p>
<p><b>Chaves, Camilo Rodrigues (1884 – 1955)</b> – Mineiro, antigo Presidente da União Espírita Mineira, foi fundador do Centro Espírita Tiago Maior, Presidente do Abrigo Jesus. 205 – 206.</p>
<p><b>Chaves, Francisco</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1913 – 1914). 100.</p>
<p><b>Cícero, Marco Túlio (106 a.C. – 44 a.C.)</b> – Advogado, orador e escritor foi um político da gente Túlia da República Romana, eleito cônsul em 63 a.C. com Caio Antônio Híbrida. Era filho de Cícero, o Velho, com Élvia e pai de Cícero, o Jovem, cônsul em 30 a.C., e de Túlia. Cícero nasceu numa rica família municipal de Roma de ordem equestre e foi um dos maiores oradores e escritores em prosa da Roma Antiga. 287.</p>
<p><b>Cirne, Carlos Joaquim de Lima e (1839 – 1906)</b> – Brasileiro foi funcionário da antiga Repartição Geral dos Telégrafos, fez parte da primeira Diretoria da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1879). Há uma controvérsia sobre ter sido ou não fundador do Grupo Confúcio, mas, certamente colaborou para a sua fundação. Aparece, como um dos membros da primeira Diretoria da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, também foi diretor do Centro da União Espírita do Brasil, e sócio fundador da FEB. 63.</p>
<p><b>Cirne, Leopoldo (1870 – 1941)</b> – Paraibano, exerceu o cargo de Presidente da Federação Espírita Brasileira durante o período de 1900 a 1914. Consagrou-se no campo espírita através da literatura filosófico-religiosa como um dos grandes pensadores de seu tempo, sendo mesmo cognominado - o Léon Denis brasileiro. Traduziu vários livros para o português, entre eles <i>No Invisível</i> e <i>Cristianismo e Espiritismo</i>, ambos de Léon Denis, e organizou, em 1904, o opúsculo <i>Memória Histórica do Espiritismo</i>. Foi redator do <i>Reformador</i> (1905 – 1913). 93 – 94 – 96 – 108 – 110 – 138 – 148 – 157.</p>

<p><b>Coelho Neto, Henrique Maximiano (Coelho Neto) – (1864 – 1934)</b> – Brasileiro, o "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", foi um escritor, cronista, folclorista, romancista, crítico literário, teatrólogo, político e professor, membro da Academia Brasileira de Letras onde foi o fundador da Cadeira número 2. 72 – 99.</p>
<p><b>Coelho, Fernando</b> – atuou como secretário do <i>Reformador</i>. 111.</p>
<p><b>Corrêa, Leôncio (1865 – 1950)</b> – Carioca, foi advogado, professor, escritor, jornalista e político brasileiro e presidente da Liga Espírita do Brasil. Exerceu os cargos de diretor da Instrução Pública do Rio Janeiro, diretor do colégio Dom Pedro II, diretor da Imprensa Nacional, diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, deputado federal e deputado estadual pelo Paraná. Foi membro da Academia Paranaense de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, da Academia Carioca de Letras, da Federação das Academias de Letras, no Instituto Brasileiro de Cultura, e outras instituições literárias. 236 – 333.</p>
<p><b>Correia, José Pires</b> – Farmacêutico, pai de Herculano Pires. 228.</p>
<p><b>Correia, Rivadávia da Cunha (1866 – 1920)</b> – Político gaúcho, foi prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, ministro da Fazenda no governo de Hermes da Fonseca e também Ministro da Justiça e Negócios Interiores do Brasil. Foi o criador da Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental implementada em 5 de abril de 1911, que ficou conhecida como “Reforma Rivadávia Corrêa”. 261.</p>
<p><b>Costa Filho, José da (???? – ????)</b> – Tipógrafo em 1925 a convite de Cairbar Schutel transferiu-se para Matão indo ser chefe das oficinas gráficas da Editora <i>O Clarim</i>. Passou a colaborar também no C. E. Amantes da Pobreza passando a escrever artigos para <i>O Clarim</i> e a RIE. Antes de morrer, Cairbar Schutel o indicou para a direção do jornal e da revista. 129.</p>
<p><b>Costa, Célio Trujillo</b> – Médico, trabalha no Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro. Integrante do Centro Espírita Luz Eterna atuou de forma destacada na elaboração e na implantação do COEM. 118.</p>
<p><b>Costa, Luciano</b> – Infelizmente, não temos dados a respeito desse escritor espírita, autor de importante trabalho de crítica aos <i>Quatro Evangelhos</i> de J.B. Roustaing, na década de 40, teve seu livro <i>Kardec e não Roustaing</i> reeditado nos anos 70, por iniciativa de Herculano Pires. 100 – 311.</p>
<p><b>Courté, Josian</b> – Trabalhador espírita ligado a FEESP. 282.</p>
<p><b>Couto, Albano Correia do</b> – Destacado membro do Grupo do Anjo Ismael. 81.</p>
<p><b>Cruso, Alfredo</b> – Jornalista espírita, ex-membro da diretoria do Clube</p>

dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, participante do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas de 1958. 283.
<b>Cruz, Francisco de Menezes Dias da (1853 – 1937)</b> – Carioca, médico, foi bibliotecário durante dez anos da Câmara Municipal, de onde foi demitido ao ser proclamada a República. Presidiu o Curso Hahnemaniano e o Instituto Hahnemaniano do Brasil. Foi vice-presidente da FEB quando Bezerra de Menezes era presidente pela primeira vez. Assumiu a presidência com a renúncia de Bezerra de Menezes cargo que exerceu com até os primeiros dias de 1895, quando foi substituído, temporariamente, por Julio César Leal e, definitivamente, por Bezerra de Menezes. 82 – 93 – 96 – 148 – 154 – 155 – 156 – 157 – 158 – 159.
<b>Cunha, Fernando Campos Ferreira da</b> – Português, representante da Federação Espírita Portuguesa junto ao Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. Participou do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado na cidade de São Paulo em 1958. 268 – 270.
<b>Cunha, Hugo de Freitas</b> – Foi membro do Comando Jornalístico do Diário da Noite, junto com Herculano Pires que tinha como principal objetivo visitar os centros espíritas e procurava revelar ao público a fraude ou a realidade dos fenômenos que lá ocorriam. Também participou do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, trabalhando em conjunto com Herculano Pires e Pedro Granja. 268.
<b>Cunha, José da (1907 – 1983)</b> – Paulista, foi Presidente do Centro Espírita Amantes da Pobreza até agosto de 1979. Assumiu o cargo de diretor editorial de abril de 1963, até 1966, deixando-o posteriormente a fim de assumir a presidência tanto do jornal quanto da revista até agosto de 1979. 129 – 130 – 131 – 134.
<b>Cunha, Nóbrega da</b> - participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 87 – 99.
<b>Curi, Bady Elias (1903 – 1962)</b> – Libanês, em 1943, associou-se à União Espírita Mineira, sendo eleito vice-presidente em 1948 e com a morte de Camilo Rodrigues Chaves, em 3 de fevereiro de 1955, Bady foi eleito presidente. 205 – 206 – 432.
<b>D’Alcântara, Alfredo Pedro (1879 – 1971)</b> – Fluminense, escritor, conferencista espírita de grande prestígio, foi funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, desde os 15 anos até se aposentar. Autor dos livros: <i>Umbanda em Julgamento</i> e <i>Um Apóstolo Espírita</i> , e vários opúsculos. Foi membro da Liga Espírita do Brasil e do Instituto de Cultura Espírita do Brasil. Esteve à frente das grandes realizações

espíritas no Rio de Janeiro, foi membro fundador e diretor de várias Instituições Espíritas. 121 – 176 – 320.
<b>D'Angelo Neto, Domingos Antônio – (1905 – ????)</b> – Paulista, foi jornalista, advogado, escritor. Foi presidente da Caixa do Livro Espírita, departamento do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, trabalhando em conjunto com Herculano Pires e Pedro Granja que assumiu o cargo de diretor-técnico. 268.
<b>D'Aragona, Mariano Rango</b> – Escritor, dirigente espírita, pioneiro na radiodifusão espírita, foi diretor do centro Família Espírita do Rio de Janeiro, contribuiu com artigos e colunas em vários jornais espíritas. Anti-roustanguista histórico foi responsável pela distribuição de um opúsculo contendo uma mensagem onde Roustaing , confessava que foi vítima de mistificadores, sendo mais tarde, em 1939 transcrita no livro <i>Páginas de Além Túmulo</i> de Carlos Gomes dos Santos. 302.
<b>D'Oliver, Lippman Tesch</b> – Membro influente da LEB, escritor espírita com atuação em vários periódicos como Revista Espírita do Brasil, <i>O Clarim</i> , RIE entre outras. Anti-roustanguista histórico. 217 – 303 – 311 – 312 – 320.
<b>Damázio, Cândido</b> – participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 99.
<b>Damazio, Sylvia F.</b> – Pesquisadora do Setor de História da Fundação Casa de Rui Barbosa. Mestre em História pela UFF. 41 – 42 – 58 – 143 – 154 – 155.
<b>Darget, Louis (1847 – 1923)</b> – Oficial de cavalaria francês, foi notório pesquisador do Espiritismo, com seus trabalhos no estudo da fenomenologia espírita num período de 30 anos perfazem milhares de experimentos onde utilizou diferentes processos de pesquisa. Amante da fotografia, se tornou em 1900 um membro ativo da Sociedade de fotografia de Touraine. Sob o pseudônimo de "Comandante Tegrad", descreveu, em 1899, suas experiências nos dois artigos publicados na revista <i>O espiritualismo moderno</i> . 133.
<b>Delanne, François-Marie Gabriel (1857 – 1926)</b> – Engenheiro francês, foi um importante defensor da cientificidade do Espiritismo durante a transição do século XIX para o século XX. Fundou a União Espírita Francesa, em 1882, e o jornal <i>Le spiritisme</i> no mesmo ano. Ao lado do filósofo Léon Denis, foi um importante divulgador das ideias espíritas nessa época. Fez conferência por toda a Europa, incluindo a abertura do I Congresso Espírita e Espiritualista que ocorreu em 1890. 76 – 133 – 198 – 237 – 281.
<b>Denis, Léon (1846 – 1927)</b> – Filósofo francês apontado como o

principal sucessor e propagador da Doutrina codificada por Kardec. Fez conferências por toda a Europa em congressos internacionais espíritas e espiritualistas. Ficou conhecido como sendo o consolidador do Espiritismo em toda a Europa. 76 – 133 – 195 – 251 – 254 – 258 – 281 – 449 – 451.
<b>Dias Sobrinho, Francisco Siqueira</b> – Foi um dos fundadores em 1873, no Rio de Janeiro, do Grupo Confúcius e posteriormente participou da fundação da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade em 1881. 63 – 73 – 123.
<b>Doin, Jonny</b> – Foi procurador da USE-SP, quando Francisco Carlos de Castro Neves foi o presidente. 273.
<b>Doyle, Arthur Ignatius Conan (1859 – 1930)</b> – Médico e escritor britânico, nascido na Escócia, consagrado mundialmente pelas séries: Sherlock Holmes, Ficção Histórica e Contos e Novelas Fantásticas. 76 – 133.
<b>Duarte, Joaquim de Souza</b> – Foi companheiro de trabalho de Leopoldo Machado no Hotel Central em Salvador (BA). 241.
<b>Faria, Manoel Araripe de (1879 – 1951)</b> – Cearense, escritor e articulista espírita, foi General do Exército, formado em Engenharia militar e Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Foi um dos fundadores da Cruzada dos Militares Espíritas. Esteve presente em todas as atividades do Movimento Espírita, como, por exemplo, participou de forma ativa na Liga Espírita do Brasil. 277.
<b>Faria, Néelson de</b> – fundador do jornal semanário <i>A Nova Era</i> , em 1º de Janeiro de 1890, na cidade do Rio de Janeiro. 57.
<b>Farnese, Gustavo</b> – Desembargador, presidente do Congresso Constituinte Espírita Nacional de 1926, que deu origem a Liga Espírita do Brasil e posteriormente tornou-se seu primeiro presidente. 97 – 99.
<b>Fernández, Fernando Ortiz (1881 – 1969)</b> – antropólogo, etnólogo, sociólogo, jurista e linguista, cubano. Dotado de uma prodigiosa cultura geral, foi professor universitário, fundador de várias instituições culturais e uma das maiores autoridades no estudo da cultura africana. 237.
<b>Ferraz, Maria Virgínia de (???? – 2000)</b> – Esposa de Herculano Pires. 263 – 283.
<b>Ferraz, Severiano Ivens</b> – Cooperador da RIE situado na cidade de São Paulo traduzindo artigos em conjunto com seu fundador. 134.
<b>Ferreira, Altivo (1924 – 2005)</b> – Escritor, poeta, médico paulista, exerceu a cátedra de Clínica Médica Pediátrica da Faculdade de

<p>Ciências Médicas do Paraná, foi um dos professores fundadores da Escola de Saúde Pública do Paraná. Foi diretor-substituto do <i>Reformador</i>. 110 – 111.</p>
<p><b>Ferreira, Armando</b> – Pastor grande opositor de Herculano Pires. 287.</p>
<p><b>Ferreira, Celso</b> – Ligado ao movimento espírita, foi diretor técnico da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. 255.</p>
<p><b>Ferreira, Cleide Freitas Alves (1916 – 1995)</b> – Paulista, escritora e filósofa, ficou conhecida pelo nome artístico de Ivani Ribeiro como autora de novelas brasileiras. 279.</p>
<p><b>Ferreira, Ítalo</b> – Foi diretor do jornal <i>O Clarim</i> e da <i>Revista Internacional de Espiritismo</i>. Foi representante desses veículos no II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado na cidade de São Paulo. 269 – 270.</p>
<p><b>Ferreira, Luiz Barreto Alves (1890 – 1944)</b> – Cearense, oficial da Marinha, Em 1925 assumiu a presidência da FEB, onde teve contato com Pedro Richard, Leopoldo Cirne, Amaral Ornelas, companheiros da Federação. Foi diretor do <i>Reformador</i>. 110.</p>
<p><b>Ferreira, Pedro Delfino</b> – Durante o II Congresso da CEPA, realizado no Rio de Janeiro de 3 a 12 de outubro de 1949, organizado pela Liga Espírita do Brasil sob a presidência de Aurino Barboza Souto e secretariado por Deolindo Amorim, foi eleito o segundo presidente da CEPA, e cumpriu como tal o triênio 1949 – 1952. Foi diretor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (FBEP). 256 – 258 – 332 – 333.</p>
<p><b>Ferreira, Tavares</b> – Junto com Leopoldo Machado e João Pinto de Souza e Tavares Ferreira na <i>Rádio Ipanema – P.R.H. – 8</i>, da cidade do Rio de Janeiro, a partir de dezembro de 1938 trabalhou no <i>Teatro Espiritualista pelo Ar</i>. 247.</p>
<p><b>Fígner, Frederico (1866 – 1947)</b> – Oriundo de família judia da atual República Tcheca, tornou-se no Brasil próspero negociante, foi o fundador e proprietário tanto da Casa Edison que é considerada o primeiro estúdio de gravação no Brasil, quanto da Odeon considerada a primeira fábrica brasileira de discos. Teve uma das mais destacadas atuações como trabalhador da FEB ligado a assistência social. Como escritor e divulgador do Espiritismo manteve por longos anos uma seção no <i>Correio da Manhã</i> e publicou alguns livros. 313 – 314 – 333.</p>
<p><b>Figueira Júnior, Jacinto (1927 – 2005)</b> – Paulista foi um apresentador de televisão brasileiro conhecido como <i>O Homem do Sapato Branco</i>. 277.</p>

<p><b>Figueira, Manoel Fernandes (1829 – 1918)</b> – Brasileiro, espírita e médium atuante no séc. XIX e começo do XX, foi um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira. Em 12 de dezembro de 1888 fundou o Centro de Estudos Espíritos, que funcionou na sede da FEB, desde a data de sua fundação até janeiro de 1916, sob sua presidência. Foi funcionário da antiga Central do Brasil, e como tinha de viajar constantemente, em virtude de sua profissão, aproveitava para divulgar a Doutrina Espírita por grande parte do país. 79 – 82 – 150 – 250.</p>
<p><b>Filgueiras, Domingos de Barros (1846 – 1906)</b> – Participou do Grupo Espírita Fraternidade e depois junto com o grupo dos místicos liderados por Frederico Júnior abandonou a Fraternidade indo compor as fileiras do Grupo Ismael liderado por Sayão e Bittencourt Sampaio. Em razão de exercer a função de médium receitista foi preso pelo exercício ilegal da medicina. 81 – 149.</p>
<p><b>Flammarion, Nicolas Camille (1842 – 1925)</b> – Mais conhecido como Camille Flammarion foi um astrônomo, pesquisador psíquico e divulgador científico francês. Importante pesquisador e popularizador da astronomia recebeu notórios prêmios científicos e foi homenageado com a nomenclatura oficial de alguns corpos celestes. Sua carreira na pesquisa e popularização de fenômenos paranormais também é bastante notória. 133 – 195 – 281.</p>
<p><b>Fonseca Filho, Bernardino Oliva da</b> – Junto com seu amigo Amaral Ornelas e com Carlos Imbassahy, fundaram os três o Centro Espírita Trabalhadores da Verdade em cuja presidência os mesmos se alternavam. 236.</p>
<p><b>Fonseca, Antonio Alves da</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1918 – 1920; 1920 – 1924; 1931 – 1932). 112.</p>
<p><b>Fonseca, Arthur</b> – participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 98 – 99.</p>
<p><b>Fonseca, Manuel Deodoro da (1827 – 1892)</b> – Militar Alagoano, proclamador da República e o primeiro presidente do Brasil. O Governo de Deodoro foi marcado pelo esforço da implantação da República Brasileira. 154.</p>
<p><b>Franca, José Vila</b> – Foi diretor do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil junto com Bezerra de Menezes, Ernesto José dos Santos Silva e outros vultos do Espiritismo. 94.</p>
<p><b>Franco, Cid (1904 – 1971)</b> – Fluminense, jornalista, advogado e político (PSB). Também participou do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, trabalhando em conjunto com Herculano Pires e Pedro Granja. 269.</p>

<p><b>Franco, Divaldo Pereira (1927 – )</b> – Baiano, funcionário público, depois de Chico Xavier é médium, orador e escritor espírita brasileiro mais prestigiado pelo movimento espírita. Viaja por todo o mundo divulgando o Espiritismo. 102 – 1032.</p>
<p><b>Freitas, Antônio Wantuil de (1895 – 1974)</b> – Mineiro, farmacêutico, foi Presidente da Federação Espírita Brasileira durante vinte e sete anos consecutivos. Foi eleito e empossado no cargo de Gerente de <i>Reformador</i> em agosto de 1936 onde ficou até 1943, quando ascendeu à presidência da FEB, neste posto permanecendo até agosto de 1970. Sob a sua presidência deu-se o Pacto Áureo em 1949. 100 – 107 – 112 – 140 – 209 – 215 – 220 – 221 – 226 – 234 – 236 – 271 – 272 – 325 – 326 – 327.</p>
<p><b>Freitas, José Pedro de (1922 – 1971)</b> – Foi um médium mineiro, conhecido como José Arigó ou simplesmente Zé Arigó. Tornou-se nacional e internacionalmente conhecido através das cirurgias e curas realizadas por intermédio de sua faculdade mediúnica, pelo espírito que se denominava como Dr. Fritz, um médico alemão falecido em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial. 277.</p>
<p><b>Freitas, Wandick de</b> – Jornalista, membro do Comando Jornalístico do Diário da Noite, junto com Herculano Pires que tinha como principal objetivo visitar os centros espíritas e procurava revelar ao público a fraude ou a realidade dos fenômenos que lá ocorriam. 268.</p>
<p><b>Gama, Mário da</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.</p>
<p><b>Gama, Ramiro (1898 – 1981)</b> – Fluminense, foi professor, jornalista, escritor, poeta, conferencista espírita. Trabalhou como professor na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde se aposentou. Participou de inúmeros congressos e outros eventos espíritas, tendo sido um dos criadores das Semanas Espíritas, em 1939, em Três Rios, juntamente com outros companheiros. 244.</p>
<p><b>Gentile, Salvador</b> – Escritor espírita foi diretor do Anuário Espírita, editado em Araras, pela editora IDE, no Estado de São Paulo. 280 – 282.</p>
<p><b>Garcia, Francisco Virgílio da Rocha</b> – Atuou como diretor-tesoureiro do programa radiofônico <i>A Hora Espírita Radiofônica</i>, junto com Leopoldo Machado que atuou como diretor-geral do programa. 236.</p>
<p><b>Ghignone, João (1889 – 1978)</b> – Empresário, nascido na Itália, chegou ao Brasil com cinco anos, comerciante do ramo de livrarias e líder espírita paranaense, foi presidente da <i>Federação Espírita do Paraná</i> por 46 anos. 272 – 305 – 432.</p>
<p><b>Giannini Junior, Frederico (1908 – 1984)</b> – Paulista, fundador e diretor da Editora Cultural Espírita (EDICEL), com o objetivo inicial de</p>

lançar a <i>Revista Espírita</i> de Allan Kardec, cuja tradução para o português era de Júlio de Abreu Filho e supervisão de José Herculano Pires. 278
<b>Ginzburg, Carlo (1939 – )</b> Historiador italiano, conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história. 24 – 62 – 73.
<b>Giumbelli, Emerson Alessandro.</b> – Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. É co-editor da revista <i>Religião e Sociedade</i> . Dedicou-se à Teoria Antropológica, Antropologia da Religião e Antropologia da Modernidade. 41 – 42 – 115 – 142 – 143 – 144 – 149 – 151 – 155 – 165 – 168 – 176 – 185 – 186 – 199 – 200 – 342 – 448 – 449 – 450 – 451 – 452 – 453.
<b>Godoy, Paulo Alves (1914 – 2001)</b> – Paulista, foi um jornalista e escritor espírita. Militou no Movimento Espírita como diretor da FEESP e também diretor da USE-SP. 282.
<b>Gomes, Angela Maria de Castro</b> - Possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (1978) e doutorado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (1987). É professora titular aposentada de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense e Professora Emérita do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. 74 – 75 – 77 – 78 – 229 – 230 – 292 – 331.
<b>Gomes, Manoel</b> – fundador do jornal <i>O Espírita</i> , de Natal, Rio Grande do Norte em 1874. 63.
<b>Gonçalves, Sebastião</b> – Participou através da USE da realização do 1º Congresso Educacional Espírita Paulista de 16 a 18 de janeiro de 1949 na capital paulista. 272.
<b>Goswami, Amit (1936 – )</b> – PhD em Física Quântica pela Universidade de Calcutá, na Índia, professor aposentado do Departamento de Física da Universidade de Oregon, nos Estados Unidos, e membro do Instituto de Ciências Noéticas e estudioso da Parapsicologia desenvolvendo a temática Ciência e Consciência, onde defende a substituição do materialismo pela consciência como base do mundo. 104.
<b>Granja, Pedro de Carvalho (1909 – 1969)</b> – Escritor espírita com grande atuação no Movimento Espírita, com destacado trabalho em conjunto com Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Herculano Pires e outros. Foi diretor-técnico da Caixa do Livro Espírita, departamento do

Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, trabalhando em conjunto com Herculano Pires e Domingos Antônio D'Angelo Neto. 268 – 287 – 288 – 289 – 299.

**Guedes, Antônio Pereira (1896 – 1980)** – Jornalista que por longos anos fizera parte da Federação Espírita Brasileira foi no dia 14 de janeiro de 1950 sumariamente eliminado do quadro social dessa instituição pelo fato de opor-se às decisões de Wantuil de Freitas. Foi fundador e diretor-presidente do jornal *Almenara*. Pereira Guedes morreu aos 84 anos de idade, no dia 23 de outubro de 1980. Foi presidente do Grêmio de Propaganda Espírita Luz e Amor em Bangu na Cidade do Rio de Janeiro. Polemista imbatível manteve por longo tempo uma coluna no popular jornal *A Vanguarda*. 77 – 137 – 139 – 140 – 219 – 233 – 234 – 256 – 258 – 269 – 270 – 288 – 318 – 319 – 320 – 322.

**Guedes, Antonio Pinheiro (1842 – 1908)** – Médico brasileiro foi eleito senador pelo Estado do Mato Grosso em 1890. Foi fundador da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade em 1876. Em 3 de outubro de 1879, Pinheiro Guedes apoiou a transformação da referida Instituição em Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, muito atuante no Espiritismo brasileiro. 63 – 94 – 154 – 155.

**Guedes, Thales Pereira** – Participou da fundação do jornal *Almenara* na função de gerente. 77 – 137.

**Guimarães, João Carlos Moreira (1892 – 1979)** – Ficou conhecido como Rouxinol do Evangelho, pela doçura de sua palavra, bem abalizada, sobre o espiritismo. Foi pioneiro das semanas espíritas. Foi secretário da *Revista Espírita do Brasil*. Atuou como gerente do *Reformador* (1951 – 1952). 100 – 112 – 122 – 123 – 124 – 157.

**Habermas, Jürgen (1929 – )** – Filósofo e sociólogo alemão, que participa da tradição da teoria crítica e do pragmatismo. É membro da Escola de Frankfurt, dedicou sua vida ao estudo da democracia, especialmente através de suas teorias do agir comunicativo, da política deliberativa e da esfera pública. 67.

**Hall, Stuart McPhail (1932 – 2014)** – Teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido a partir de 1951. Hall, juntamente com Richard Hoggart e Raymond Williams, foi uma das figuras fundadoras da escola de pensamento que hoje é conhecida como Estudos Culturais britânicos ou a escola Birmingham dos Estudos Culturais. 26 – 36 – 38 – 39.

**Hausmann, Georges-Eugène (1809 – 1891)** – Advogado, funcionário público, político e administrador francês, mais conhecido como Barão Hausmann – o "artista demolidor", foi prefeito do antigo departamento

do Sena (que incluía os atuais departamentos de Paris, Hauts-de-Seine, Seine-Saint-Denis e Val-de-Marne), entre 1853 e 1870. Foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, e tornou-se muito conhecido na história do urbanismo e das cidades. 292.
<b>Hoffbauer, Nelson Hungria Guimarães (1891 – 1969)</b> – Mineiro, foi um dos mais importantes penalistas brasileiros, com diversas obras publicadas ao longo da vida. Foi desembargador do Tribunal de Justiça do antigo Distrito Federal, delegado de Polícia e, culminando sua carreira de jurista, ministro do Supremo Tribunal Federal entre 1951 e 1961. Lecionou durante anos na Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, como professor de Direito Penal. 237.
<b>Hossri, Cesário Morey</b> – Professor do Curso de Parapsicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, instituto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É co-autor, com o médico Rui Mello, de Campinas, de uma série de artigos publicados em nossa imprensa diária, com grande estardalhaço, sobre o caso Arigó, interpretando o médium, “cientificamente”, como simples charlatão. 277 – 278.
<b>Huaixan, José Queid Tufaille (1955 – )</b> – Empresário brasileiro do ramo de internet. É pastor da igreja Renovação Cristã da Vila Elmaz, em São José do Rio Preto, SP. 62 – 455.
<b>Ibsen, Stig Roland (1927 – 1995)</b> – Sueco, tradutor, escritor e bibliógrafo espírita, radicado na cidade de Botucatu (SP), destacou-se juntamente com sua esposa, quando se agregaram à Casa Transitória, Departamento da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Foi proprietário da Livraria e distribuidora Boa-Nova, em São Paulo. 282.
<b>Imbassahy, Carlos de Brito (1931 – )</b> – Fluminense, é engenheiro e Professor de Física aposentado. Articulista e escritor espírita com vários livros lançados. Filho de Carlos Imbassahy. 231 – 232 – 233 – 234 – 236 – 237 – 288 – 289 – 310.
<b>Isaia, Artur Cesar</b> – Professor Titular da UFSC, exercendo suas atividades no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História. Pesquisador do CNPq. É graduado em História pela UFRGS, mestre em História pela PUC do Rio Grande do Sul e doutor em História Social pela USP. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento na École de Hautes Études en Sciences Sociales em Paris e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS. 40 – 42 – 46 – 42 – 100 – 101 – 141 – 165 – 340.
<b>Julia, Dominique (1940 – )</b> – Historiador francês, trabalha principalmente com o Antigo Regime e com a Revolução Francesa,

também esta ligado a História das Religiões e da Educação. 20.
<b>Kahl, João</b> – Foi vice-presidente do Grupo Espírita Fraternidade onde promovia-se regularmente, não apenas o estudo das obras da codificação de Allan Kardec, mas também de <i>Os Quatro Evangelhos</i> de Jean Baptiste Roustaing, com a tradução realizada por Kahl. 148 – 447.
<b>Kardec, Allan</b> – Hippolyte Léon Denizart Rivail (1804 – 1869). Pedagogo francês consagrado foi membro de muitas sociedades científicas e entre elas a da Academia Real de Arras. Responsável pela compilação do Espiritismo. 24 – 25 – 33 – 36 – 37 – 38 – 43 – 44 – 50 – 55 – 56 – 57 – 58 – 59 – 60 – 61 – 62 – 63 – 81 – 94 – 102 – 103 – 104 – 117 – 144 – 145 – 146 – 147 – 148 – 151 – 157 – 161 – 163 – 166 – 172 – 173 – 176 – 184 – 185 – 187 – 188 – 195 – 196 – 197 – 199 – 216 – 217 – 221 – 232 – 235 – 242 – 246 – 247 – 254 – 257 – 258 – 261 – 262 – 263 – 269 – 270 – 272 – 273 – 275 – 278 – 280 – 281 – 282 – 283 – 299 – 303 – 311 – 315 – 323 – 334 – 335 – 342.
<b>Kloppenburger, Karl Josef Bonaventura (1919 – 2009)</b> – Conhecido como Dom Frei Boaventura Kloppenburger OFM foi um bispo católico brasileiro nascido na Alemanha, sendo o segundo bispo da Diocese de Novo Hamburgo. Foi um grande crítico do Espiritismo sendo responsável por vários livros e artigos contrários a Doutrina Espírita. Foi um dos maiores representantes do pensamento católico no Brasil as décadas de 1950 e 1960. 139 – 288 – 321 – 322.
<b>Laplantine, François (1943 )</b> – Pesquisador francês em etnologia e antropologia de fama internacional. O seu domínio de estudo é a etnopsiquiatria. 33 – 34 – 46 – 51 – 58 – 66 – 143.
<b>Le Goff, Jacques (1924 – 2014)</b> – Foi um historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, era membro da Escola dos Annales, empregou-se em antropologia histórica do ocidente medieval. 29 – 30 – 227 – 228 – 229 – 287.
<b>Leal, Júlio César (1837 – 1897)</b> – Brasileiro, jornalista, funcionário público, professor de humanidades, advogado, romancista, teatrólogo, poeta e polemista, pioneiro do Espiritismo no Brasil, foi o 4º presidente da FEB, por apenas sete meses com mandato no ano de 1895. 63 – 67 – 87 – 94 – 96 – 157 – 159 – 449.
<b>Lewgoy, Bernardo</b> – Brasileiro, possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professor do PPG/Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do

Sul. 26 – 35 – 57 – 58 – 102 – 103 – 104 – 340.
<b>Lex, Ary (1916 – 2001)</b> – Médico, professor, orador espírita, foi conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo de 1942 até seu desencarne, conselheiro da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo desde 1947, ex-presidente do Instituto Espírita de Educação e da Associação Médico-Espírita de São Paulo. 176 – 280.
<b>Lieutaud, Casimir</b> – Francês, foi professor, fundador e diretor do Colégio Francês no Rio de Janeiro publicou a tradução, em língua portuguesa, das obras <i>Os tempos são chegados (Les Temps sont arrivés)</i> e <i>O Espiritismo na sua mais simples expressão (Le Spiritisme à sa plus simple expression)</i> . Participou desde a fundação do jornal <i>Courrier Du Brésil</i> e também escreveu crônicas políticas para <i>O Republico</i> . 79 – 445.
<b>Lima, Jaime Rolemberg de (1913 – 1978)</b> – Sergipano, militar e espírita brasileiro. Atuou na Cruzada dos Militares Espíritas, participou da Organização Educacional Espírita, da Fundação Cultural Espírita Paulo de Tarso, e da União dos Discípulos de Jesus. Teve atuação destacada como divulgador da Doutrina Espírita não apenas por intermédio de palestras, como por artigos na imprensa e por programas de rádio. 235 – 258.
<b>Lobo, Aristides</b> – Participou junto com Herculano Pires do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. 268.
<b>Lobo, Ney (1919 – 2012)</b> – Nascido em Curitiba, foi militar e escritor. Dedicou-se à pedagogia espírita assumindo, em 1967, a diretoria do Instituto (depois colégio) Lins de Vasconcellos, construindo a cidade-mirim e realizando um dos mais marcantes feitos da Pedagogia Espírita, no Brasil. Precursor da Pedagogia Espírita em conjunto com Herculano Pires e Elza Mazzoneto Machado. 280.
<b>Lodge, Joseph Oliver (1851 – 1940)</b> – Cientista inglês, foi professor de física do Colégio Universitário de Liverpool no período de 1881-1900; diretor da Universidade de Birmingham em 1900 e professor em Oxford em 1903. A importância que o mundo deu à sua penetração pelo campo do espiritualismo e às experiências rigorosamente controladas com que estudou o caso post-mortem do seu filho Raymond, morto em uma trincheira de Flandres logo nos primeiros meses da primeira grande guerra, geraram fortes controvérsias. 76 – 133.
<b>Lombroso, Cesare (1835 – 1909)</b> – foi um psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista italiano. 237.
<b>Lopes, Arthur Lins de Vasconcellos (1891 – 1952)</b> – Empresário, engenheiro agrônomo, militar, paraibano, contribuiu largamente para a expansão do Espiritismo no Brasil. Tornou-se um dos que mais

concorreram para a concretização do Pacto Áureo. 76 – 77 – 100 – 113 – 116 – 218 – 222 – 224 – 225 – 226 – 233 – 234 – 244 – 247 – 252 – 255 – 258 – 272 – 280 – 289 – 311 – 312 – 316 – 320 – 327 – 333 – 342
<b>Lopes, Tânia de Souza</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1982). 112.
<b>Loureiro, Abstal (1911-2003)</b> – foi um dirigente e jornalista espírita paraense, radicado no Rio de Janeiro desde 1933. Bacharel em jornalismo pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atuou na imprensa espírita de todo o País. Participou da fundação do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, foi membro da antiga Liga Espírita do Brasil e integrou a comissão organizadora do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, em 1948. Articulista, foi fundador e presidente da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas – Abrajee, atual Abrade. 100.
<b>Luca, Tânia Regina de.</b> – Brasileira, historiadora, professora Livre Docente em História do Brasil Republicano (2009) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora de cursos de graduação e do programa de pós-graduação em História da Unesp, campus de Assis. Mestre e doutora em História Social pela USP. 29 – 30 – 65 – 67 – 69 – 70.
<b>Luckmann, Thomas (1927 – 2016)</b> – Sociólogo austríaco de origem eslovena que trabalhou principalmente como professor na Alemanha, mormente na Sociologia na Universidade de Constança na Alemanha, onde desde 1994 é professor emérito. Dedicou-se principalmente a sociologia da comunicação, sociologia do conhecimento e sociologia da religião, além da filosofia da ciência. 23 – 38 – 40.
<b>Ludka Paulo de O. – (1925 – 1983)</b> – Carioca, ocupou durante dezesseis anos o cargo de 3º Secretário da FEB. Prestou bons serviços à Federação no setor de biblioteca. Após a reorganização da Instituição foi professor de Esperanto. Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1951). 112.
<b>Lyra, Alberto</b> – Psiquiatra, contribuiu de forma marcante e decisiva para a criação do Instituto Paulista de Parapsicologia. 277.
<b>Lyra, Paulo de Tarso dos Reis</b> – Atuou como secretário do <i>Reformador</i> (2007). 111.
<b>Machado, Arthur de Azevedo (1884 – 1944)</b> – Português, veio para o Brasil ainda criança, dedicando-se à pintura, aprimorou-se nos estudos, estudando História das Religiões, filosofia e História Geral. Muito ajudou na Tribuna Espírita, sendo um vibrante orador. Participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926, sendo seu Vice Presidente

em 1939. 99.
<b>Machado, Elza Mazzone</b> – Professora e dirigente do Instituto Espírita de Educação, onde dirigiu os cursos de jardim de infância e pré-primário. Precursora da Pedagogia Espírita em conjunto com Herculano Pires e Ney Lobo. 280.
<b>Machado, Ubiratan (1941 – )</b> – Brasileiro, jornalista, tradutor e escritor. Ganhou da Academia Brasileira de Letras a medalha João Ribeiro por serviços à cultura nacional. 41 – 71.
<b>Magalhães, Estevão Ferreira de (1875 – 1936)</b> – Participando da organização do Congresso, em que foi fundada a Liga Espírita do Brasil em 31 de março de 1926. Fundou o Centro Espírita Paz, no Andaraí. Concluiu apenas o curso primário, mas após ingressar na Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro conseguiu alcançar o posto de chefe das máquinas. Fundou, dirigiu e foi o redator do jornal PAZ de sua Instituição. 99.
<b>Magalhães, Henrique Alves da Cunha (1900 – 2004)</b> – Português, foi presidente da benemérita Instituição Maria de Nazareth – Casa da Mãe Pobre na cidade de Teresópolis, espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.
<b>Maia, João Carlos de Oliva</b> – Foi membro da comissão permanente de 1893 que apresentou ao Congresso Nacional, nova representação solicitando a revisão dos artigos do Código Penal de 1890 que restringiam a liberdade religiosa, por considerá-los inconstitucionais. 155.
<b>Marchesan, José Luiz Alberto</b> – Com a saída de Carlos Vital Olson assumiu a presidência da RIE e de <i>O Clarim</i> , cargo esse que ocupa até a presente data. 135.
<b>Marcon, Maria Helena</b> – Na FEP iniciou em 1986, ocupou a 2ª Vice-Presidência da FEP de 1999 a 2000 e a 1ª Vice-Presidência de 2001 a 2003. Eleita Presidente para o período de 2004 – 2005. Reeleita para o período de 2006/2007. Em 2008 tomou posse como 2ª Vice-Presidente da Federação Espírita do Paraná, com mandato até o final de 2009. Foi eleita para o Conselho Federativo Estadual da FEP em 1991, posteriormente em 1998, 2004, cujo mandato se encerrou em 2010. Reconduzida ao cargo em 2012, com mandato a expirar em 2018. A partir de 2012, a convite do Presidente da FEP, assumiu a coordenação de Comunicação da Presidência, a coordenação do Setor de Comunicação Social Espírita. Responsável pela Biblioteca Virtual, Portal da FEP e pelo jornal Mundo Espírita. 121.
<b>Mariotti, Humberto (1905 – 1982)</b> – Argentino, foi poeta, escritor,

<p>jornalista, conferencista e intelectual espírita portenho. Foi presidente da Confederação Espírita Argentina de 1935/1937 e 1963/1967, da Sociedad Victor Hugo por várias gestões e diretor da revista de cultura espírita <i>La Idea</i>. Foi também vice-presidente da <i>Confederação Espírita Pan-Americana</i> em duas gestões. 269 – 276 – 336 – 452.</p>
<p><b>Marques, Plínio</b> – Deputado paranaense católico autor de duas emendas à constituição a fim de restaurar o Catolicismo como religião oficial do Estado Brasileiro e o ensino religioso nas escolas públicas de todo país em 1925 as Emendas Católicas ou Emendas Plínio Marques. 96 – 97.</p>
<p><b>Martins, Itália (1886 – 1949)</b> – Seu verdadeiro nome era Alsônia Martins, mas ficou conhecida por Itália Martins, italiana casada com Venâncio Martins, grande trabalhador do Espiritismo na década de vinte no Rio de Janeiro. Por sua sugestão criou-se na Liga Espírita do Brasil (hoje USEERJ) um Departamento de Assistência Social. 100.</p>
<p><b>Martins, Celso (1942 - )</b> – Carioca, é escritor e jornalista espírita muito conhecido por seus escritos em jornais e revistas de todo o Brasil e mesmo do Exterior; e também por seus inúmeros livros. Professor de Biologia e de Física, licenciado em História Natural e Pedagogia. Faz a difusão do Espiritismo na tribuna, na Rádio Rio de Janeiro e pela TV Bandeirantes. 240</p>
<p><b>Martins, Venâncio</b> – Casado com Itália Martins, militaram juntos na Liga Espírita do Brasil. 100.</p>
<p><b>Masotti, Nestor João (1937 – 2014)</b> – Paulista, formado em Odontologia, funcionário público, foi um expositor espírita presidiu a Federação Espírita Brasileira (FEB) entre os anos de 2001-2013. 110.</p>
<p><b>Mattei, Cesare</b> – Conde italiano inventor de uma variante da homeopatia denominada eltro-homeopatia que afirmava que os seres vivos tinham diversas energias elétricas vitais e que ele era capaz de ativar mediante descargas elétricas aos compostos homeopáticos que usava. 157.</p>
<p><b>Mattei, Estevão</b> – Foi membro do Comando Jornalístico do Diário da Noite, junto com Herculano Pires que tinha como principal objetivo visitar os centros espíritas e procurava revelar ao público a fraude ou a realidade dos fenômenos que lá ocorriam. 268.</p>
<p><b>Maximino, Manoel Joaquim</b> – Foi diretor do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil junto com Bezerra de Menezes, Ernesto José dos Santos Silva e outros vultos do Espiritismo. 94.</p>
<p><b>Mello, Oswaldo Ferreira de (1893 – 1970)</b> – Catarinense, conhecido como Oswaldo Mello, jornalista, foi Diretor-Geral da Assembléia</p>

Legislativa do Estado, cargo em que se aposentou em 1959. Escritor espírita, foi secretário e representante do Estado de Santa Catarina quando das realizações das gestões que culminaram com a assinatura do Pacto Áureo. Presidiu durante muitos anos o Centro Espírita Amor e Humildade do apóstolo. 215 – 272 – 431– 432.
<b>Mello, Rui</b> – Médico, foi co-autor, com o professor Cesário Morey Hossri de uma série de artigos publicados em nossa imprensa diária, com grande estardalhaço, sobre o caso Arigó, interpretando o médium, “cientificamente”, como simples charlatão. 277.
<b>Melo, Bandeira de</b> – Orador e conferencista espírita, capitão de corveta, ligado a Liga Espírita do Brasil. 100.
<b>Melo, Francisco Correa de</b> – Primo do pai de Herculano Pires. 262.
<b>Melo, Honório (1905 – 1989)</b> – Exerceu a presidência da Federação Espírita do Paraná, de 1979 a 1983. Foi seu 3o Vice-Presidente de 1949 a 1952 e 2o Vice-Presidente de 1972 a 1978. Além de suas atividades na Federação Espírita do Paraná, foi trabalhador atuante e também Presidente da Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz e do Centro Espírita Leocádio José Correia, bem como palestrante em outras casas Espíritas do Estado. 118.
<b>Melo, Levindo Gonçalves de</b> – Médico, fundou a Associação de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro em 11 de junho de 1941, junto com diversos companheiros, médicos ou não, com a finalidade de pesquisa no campo científico e de ajuda ao próximo, portanto, sem fins lucrativos. 242 – 254 – 304 – 313.
<b>Melo, Mário Cavalcanti de</b> – Escritor espírita. 289.
<b>Melo, Zaqueu de (1914 – ????)</b> – Professor, Deputado Estadual no Estado do Paraná, formado em Filosofia e Teologia foi pastor da Igreja Presbiteriana. Foi dono do Colégio Londrinense, o antigo Colossinho, fundou o Instituto Filadélfia e a Faculdade de Filosofia, curso que integraria a futura Universidade Estadual de Londrina. 325.
<b>Mendes, Antônio Vieira</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.
<b>Mendes, Augusto</b> – Foi delegado de polícia na década de 1920 na cidade do Rio de Janeiro. 186.
<b>Mendes, Indalcio Hildegárdio (1901 – 1988)</b> – Funcionário da empresa White Martins onde fez carreira, chegando à posição de Diretor. Como jornalista trabalhou em vários jornais, ocupou na Associação Brasileira de Imprensa, o cargo de Diretor do Setor de Relações Sociais e Humanas. Dedicou-se ao trabalho na FEB principalmente ao estudo das obras de Kardec, em 1943, foi empossado

<p>como Secretário do <i>Reformador</i> onde contribuiu com inúmeros artigos ao longo de 32 anos. Deu também sua colaboração durante quatro anos na Comissão de Assistência da FEB. Em 1953 entrou para o Conselho Federativo Nacional, como representante da Federação Espírita Paraibana e em 1956 foi eleito membro efetivo do Conselho Superior da FEB. Em 1975 foi eleito Vice-Presidente da FEB, cargo que ocupou até 1978. Mas, até a sua morte, permaneceu como redator do <i>Reformador</i> e Assessor da Presidência. 110 – 111.</p>
<p><b>Menezes, Luiz Olímpio Teles de (1828 – 1893)</b> – Jornalista brasileiro fundou no dia 17 de setembro de 1865 em Salvador (BA), o Grupo Familiar do Espiritismo, primeiro centro espírita brasileiro, além disso fundou em 8 de março de 1869 o primeiro jornal espírita no Brasil <i>O Eco D'Além Túmulo – monitor do Espiritismo no Brasil</i>. 63 – 446.</p>
<p><b>Michelena, Roberto Pedro (1901 – 2001)</b> – General de Divisão gaúcho, o último dos signatários do Pacto Áureo a morrer em fevereiro de 2001, foi presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, de 1941 a 1947; grande trabalhador na Cruzada dos Militares Espíritas de Porto Alegre; e por muitos anos, Presidente da Sociedade Espírita Allan Kardec, uma das mais antigas do Estado. 209 – 272 – 432.</p>
<p><b>Miranda, Manoel Philomeno de (1876 – 1942)</b> – Baiano, junto com José Petitinga frequentava as sessões da União Espírita Baiana que havia sido recentemente fundada, em 1915. Fez parte da diretoria da União Espírita Baiana desde 1921 até o dia da sua morte, em 14 de julho de 1942. Também presidia as sessões mediúnicas e trabalhos do Grupo Fraternidade. 241.</p>
<p><b>Mizrahy, José Salomão</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1989 – 1990). 110 – 112.</p>
<p><b>Molinaro, Alfredo (1908 – 1967)</b> – Militar carioca, chegando ao posto de General de Divisão. Juntamente com Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, José Alberto Menezes defendeu o Espiritismo contra ataques no rádio, na imprensa e na televisão. 99 – 140 – 288 – 320.</p>
<p><b>Monica, Américo Della</b> – Participou junto com Herculano Pires do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. 268.</p>
<p><b>Montaigne, Michel Eyquem de (1533 – 1592)</b> – Foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal. 287.</p>
<p><b>Moody, Raymond (1944 – )</b> – Estadunidense é filósofo, psiquiatra, psicólogo e parapsicólogo. Conhecido como autor de livros sobre vida depois da morte e experiências de quase-morte. 104.</p>
<p><b>Moraes, João de Souza</b> – Militar brasileiro, fundador do jornal <i>Mundo</i></p>

<i>Espírita</i> . 113.
<b>Morel, Marco.</b> – Historiador com doutorado em História - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1995) e Pós-Doutorado (IEB \ USP) (2005). É professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador associado sem vínculo à - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). 70 – 73.
<b>Mota, Oséias Serôa da (1886 – 1947)</b> – Sergipano, jornalista, oficial da antiga Guarda Nacional, redator de debates da Câmara dos Deputados, primeiro-oficial dessa casa e delegado de polícia de Manaus, foi um dos fundadores dos jornais A Noite e A Rua e diretor-proprietário do jornal carioca A Vanguarda. Atuou ainda como diretor da Associação Brasileira de Imprensa e presidente do Sindicato das Empresas e Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro. 253.
<b>Motta, Marly Silva da</b> – Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Pesquisadora associada do CPDOC-FGV e coordenadora do núcleo de Estudos e Pesquisas do Rio de Janeiro e também é coordenadora do setor de História Oral. 292 – 294.
<b>Moura, Marta Antunes de Oliveira de</b> – Foi diretora-substituta do <i>Reformador</i> . 111.
<b>Müller, Filinto Strubing (1900 – 1973)</b> – Matogrossense, militar, político, foi chefe de Polícia do Distrito Federal (1933), permanecendo nesse cargo por quase uma década. Participou ativamente da Ditadura Vargas e em 1945, iniciou o processo de redemocratização do país, foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD). 115.
<b>Needell, Jeffrey D. (1951 – )</b> – Professor e historiador estadunidense, Ph.D. pela Stanford University, recebeu seu M.A. (Latin American and colonial African history) da Yale University, e seu A.B. (historia) da University of California at Berkeley. 293.
<b>Neves, Francisco Carlos de Castro (1914 – XXXX)</b> – Deputado, jornalista e advogado. Foi presidente do Centro Espírita Emmanuel em São Paulo e também da USE-SP. Foi ministro do Trabalho e Previdência Social no governo Jânio Quadros. 268 – 272.
<b>Nobre, Marlene Rossi Severino (1937 – 2015)</b> – Paulistana, médica, médium escritora e conferencista espírita, foi fundadora do C.E.Cairbar Schutel, em São Paulo e da Associação Médico Espírita (de São Paulo, do Brasil e a Internacional); juntamente com Freitas Nobre, seu marido, fundou também o Jornal e a Editora “Folha Espírita. 103.
<b>Nogueira, Antonio Luiz Ramos (???? – ????)</b> – Advogado foi presidente do <i>Centro Faimilia Spirita</i> fundado em 1º de janeiro de 1886 na cidade de São Paulo, que tinha o professor Angeli Tortelli (residente

no Rio de Janeiro) como Secretário. Foi membro da comissão permanente de 1893 que apresentou ao Congresso Nacional, nova representação solicitando a revisão dos artigos do Código Penal de 1890 que restringiam a liberdade religiosa, por considerá-los inconstitucionais. 155.
<b>Nogueira, José Luiz de Almeida (1851 – 1914)</b> – Paulista, deputado, senador, advogado, professor, foi membro da comissão permanente de 1893 que apresentou ao Congresso Nacional, nova representação solicitando a revisão dos artigos do Código Penal de 1890 que restringiam a liberdade religiosa, por considerá-los inconstitucionais. 154.
<b>Noiva, Adauto</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1912 – 1913). 112.
<b>Novaes, Olivio</b> – Jornalista espírita com atuação destacada no cenário nacional. Contribuiu de forma destacada no jornal <i>Almenara</i> do Rio de Janeiro. 320.
<b>Novelino, Maria Aparecida Rebêlo</b> – Professora, Junto com seu esposo fundaram a Escola Pestalozzi, e a Fundação Educandário Pestalozzi, na cidade de Franca (SP). 279.
<b>Novelino, Tomaz (1901 – 2000)</b> – Mineiro, médico, Junto com sua esposa fundaram a Escola Pestalozzi, e a Fundação Educandário Pestalozzi, na cidade de Franca (SP), cujos recursos para a manutenção, vinha de uma fábrica de calçados. 279.
<b>Oliveira, Antônio Xavier de (1892 – 1953)</b> – Cearense, psiquiatra e escritor, aluno de Henrique Roxo, a partir dos estudos do mestre, vai atender aos internos do Pavilhão de Observações da Assistência a Psicopatas (Instituto Teixeira Brandão). Seus registros entre os anos de 1917 e 1928 são sumamente importantes para esclarecermos os contornos do discurso médico psiquiátrico da época sobre os fenômenos espíritas. 252.
<b>Oliveira, Marcirio Cardoso de</b> – Foi membro atuante da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Junto com Francisco Spinelli trabalharam na implantação e divulgação da Doutrina Espírita na região da Serra Gaúcha. Assinou o Pacto Aureo pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul. 209 – 272– 432.
<b>Oliveira, Mauro F.</b> – empresta o seu nome a Cruzada Espírita Suburbana (Nova Iguaçu – RJ). Atuou como gerente da <i>Revista Espírita do Brasil</i> . 123.
<b>Olivér, Lippmann Tesch de</b> – Escritor e articulista espírita, prefaciou o livro <i>Africanismo e Espiritismo</i> de Deolindo Amorim. 303 – 321.

<p><b>Olson, Carlos Vital</b> – Atuou como secretário geral do jornal <i>O Clarim</i> no final da década de 1970. Com a saída de José Cunha da presidência para assumir o cargo de diretor editorial, assumiu a presidência de agosto de 1979 a julho de 2010. 131 – 135.</p>
<p><b>Orlandi, Eni de Lourdes Puccinelli</b> – Paulista, foi a introdutora, no final dos anos 70, da análise do discurso no Brasil. Foi professora da USP e depois transferiu-se para a Unicamp. 24 – 27 – 28 – 191 – 192 – 194 – 198.</p>
<p><b>Ornelas, Gustavo Adolfo do Amaral (1885 – 1923)</b> – Carioca, poeta, dramaturgo, jornalista e médium. Trabalhou como funcionário público. Foi poeta de grande sensibilidade, além de festejado dramaturgo à sua época. Desenvolveu seus trabalhos no campo doutrinário junto à Federação Espírita Brasileira, tendo sido ainda diretor e secretário da revista <i>Reformador</i>, exerceu cargos de diretoria na FEB e foi membro da comissão de Assistência aos Necessitados da FEB. 111 – 232 – 236.</p>
<p><b>Ourique, Alfredo Ernesto Jacques (1848 – 1932)</b> – General paulista, participou da fundação da <i>Liga Espírita do Brasil</i>, em 1926. 98 – 99.</p>
<p><b>Owen, George Vale (1869 – 1931)</b> – foi um sacerdote anglicano e médium inglês. Autor do livro <i>A Vida Além do Vêu</i>, além de textos como <i>As Regiões Inferiores do Céu</i>, <i>As Altas Regiões do Céu</i>, <i>O Ministério do Céu</i> e <i>Os Batalhões do Céu</i>. 237.</p>
<p><b>Paixão, Antônio Barbosa da (1876 – 1957)</b> – Alagoano, coronel da Polícia, mantinha sob a sua direção um Grupo de Estudos Espíritos no Regimento de Cavalaria e outro Grupo Familiar, para o estudo do Evangelho e prática mediúnica, na sua própria residência. A 1º de setembro de 1917 fundou o Grupo Espírita Fernandes Pinheiro. Participou ativamente da Liga Espírita do Brasil, da qual foi um dos pioneiros; da Cruzada dos Militares Espíritos, da qual também foi um dos fundadores, ao lado dos Generais Frutuoso Mendes e Manoel Araripe de Farias; do Almirante Carlos Olímpio Borges de Farias e de tantos outros, além de participar de muitas outras instituições espíritas do antigo Distrito Federal. 100.</p>
<p><b>Pamplona, Francisco Vieira Paim (1872 – 1955)</b> – Carioca, militar chegou ao posto de almirante. Além de suas funções na Marinha, foi professor no Colégio Militar, como lente de Geografia; fundou e dirigiu, no Engenho Novo, o Colégio Nacional. Exerceu as mais diversas funções na FEB, inclusive ao de Presidente nos exercícios de 1927 e 1928. Posteriormente, atuou no Conselho Fiscal e do Conselho Superior, funções que exerceu até sua morte. 242.</p>
<p><b>Paneta, José</b> – Participou através da USE da realização do 1º Congresso</p>

Educacional Espírita Paulista de 16 a 18 de janeiro de 1949 na capital paulista. 272.
<b>Passos, Francisco Franco Pereira (1836 – 1913)</b> – Engenheiro e político fluminense, foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906. Nomeado prefeito pelo presidente Rodrigues Alves, ao lado de Lauro Müller, Paulo de Frontin e Francisco Bicalho, promoveu uma grande reforma urbanística na cidade, com o objetivo de transformá-la numa capital nos moldes franceses. 293.
<b>Passos, José Angelito</b> – Participou da fundação do jornal <i>Almenara</i> na função de secretário. 77 – 137.
<b>Paz, Manoel Raimundo da</b> – Espírita atuante na <i>Liga Espírita do Brasil</i> . 100.
<b>Peixoto, Felisberto do Amaral</b> – Militar e engenheiro foi o responsável pela conclusão da sede da FERGS, quando exercia a presidência da Comissão Técnica, valendo-se de recursos financeiros próprios. 272 – 432.
<b>Pereira, Alfredo A. O.</b> – gerente do <i>Reformador</i> de 1891 a 1897. 82 – 112.
<b>Pereira, Antônio Francisco</b> – fundador do jornal semanário <i>A Nova Era</i> , em 1º de Janeiro de 1890, na cidade do Rio de Janeiro. 63.
<b>Pereira, Arnaldo</b> – Foi tesoureiro da FEB quando Júlio César Leal assumiu a presidência da FEB em 1895. 157.
<b>Pereira, João Batista</b> – Foi diretor e lente da Faculdade Livre do Rio de Janeiro, com a proclamação da República, Campos Sales, então ministro da justiça, indicou Batista Pereira, para que elaborasse um novo Código Penal. O projeto de Batista Pereira, rapidamente elaborado, converteu-se, com algumas emendas, no Código Penal da República, promulgado pelo decreto n. 847 de 11 de outubro de 1890. 152 – 154.
<b>Pinheiro, Francisco Antonio Xavier</b> – foi um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira, membro da sua primeira diretoria. Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1887 – 1890). 73 – 100.
<b>Pinto, Carlos Alberto Alves de Carvalho (1910 – 1987)</b> – Político brasileiro e 19º governador do estado de São Paulo. 275.
<b>Pinto, João Francisco da Silveira</b> - foi um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira, membro da sua primeira diretoria. 79.
<b>Pinto, Mário de Castro</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.
<b>Pires, Bonina Amaral Simonetti</b> – Pianista, mãe de Herculano Pires. 261.
<b>Postiglioni, Luiz Di Cristoforo (1909 – 1979)</b> – Argentino, foi

presidente da Federação Espírita Internacional (1972-1978), tendo, nessa qualidade efetuado visitas a numerosos países, dentre elas a Inglaterra, França, Itália, Grécia, África do Sul e numerosas nações da América Latina, notadamente o Brasil. Teve importante atuação na Sociedade Constância, de Buenos Aires, inclusive no cargo de vice-presidente. Foi ainda secretário do periódico portenho Constancia. Atuou de forma destacada no Grupo de Estudos Camille Flammarion, do qual foi fundador, no Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, do qual foi secretário. Na Confederação Espírita Panamericana, atuou como secretário em seu primeiro período, e como seu delegado junto ao 2º Congresso Espírita Panamericano, realizado no Rio de Janeiro, em 1949. 269.

**Prestes, Erasto de Carvalho (1926 – 2009)** – Mineiro, professor, escritor espírita, formado também em Serviço Social. Foi 1º secretário da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro. Como jornalista amador, foi responsável pelo boletim "PROCLAMAÇÃO", de 1994 a 1998, O Franco Atirador de 2000 a junho de 2003, e, atualmente, pelo *O Franco Paladino*, de julho de 2003 até 2009. 220 – 226.

**Quadros, Francisco Raimundo Ewerton (1841 – 1919)** – Brasileiro, militar, engenheiro e Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Foi, ainda, diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, Comandante da Escola Militar do Rio de Janeiro (1894-1895) e lente da Escola Politécnica. Foi eleito primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira cargo que ocupou até 1888, quando foi substituído pelo Dr. Bezerra de Menezes. Foi redator do *Reformador* (1884 – 1888). 79 – 96 – 112 – 449 – 450.

**Quadros, Jânio da Silva (1917 –1992)** – Político sul-mato-grossense, foi o vigésimo segundo presidente do Brasil, entre 31 de janeiro de 1961 e 25 de agosto de 1961 — data em que renunciou. Em 1985 elegeu-se prefeito de São Paulo pela segunda vez, tomando posse em 1.º de janeiro de 1986, tendo sido este o seu último mandato eletivo. 275.

**Quevedo, Óscar González (1930 – )** – Conhecido como Padre Quevedo, é um padre jesuíta espanhol radicado no Brasil desde a década de 1950. Professor universitário de parapsicologia, doutor em Teologia formado na Faculdade de Nossa Senhora de Assunção, em São Paulo, e autor de diversos livros entre os mais famosos *A Face Oculta da Mente*, *As Forças Físicas da Mente* e *Antes que os Demônios Voltem*. Nega qualquer hipótese de intervenção espiritual como explicação para os fenômenos que considera paranormais. 277 – 278.

**Quintans, A. A. Rodrigues** – Atuou como gerente do *Reformador*

(1915 – 1916). 111.
<b>Quintão, Manoel Justiniano de Freitas (1874 – 1955)</b> – Brasileiro, foi sócio da Federação Espírita Brasileira durante 44 anos e ocupou-lhe a presidência em 1915, 1918, 1919 e 1929. Escreveu nas revistas o <i>O Malho</i> , a <i>Revista da Semana</i> e até o <i>Rio Nu</i> . 100 – 110 – 234 – 235 – 241 – 242 – 243 – 244 – 254 – 320.
<b>Quintella, Mauro</b> – Espírita e estudioso do Espiritismo entre os seus diversos artigos e trabalhos sobre o Movimento Espírita destacamos sua <i>História do Espiritismo no Brasil</i> . 79 – 82 – 94 – 95 – 96 – 99 – 100 – 143 – 182 – 202 – 203 – 208 – 209 – 218 – 219 – 318.
<b>Raitani, Francisco (1897 – 1971)</b> – Jornalista e professor gaúcho radicado em Curitiba (PR) foi o terceiro ocupante da cadeira número 6 da Academia Paranaense de Letras. Participou durante mais de 30 anos do Conselho Deliberativo da FEP. Foi co-redator do jornal <i>Mundo Espírita</i> , assinando a coluna <i>Nossa Crônica</i> por longos anos. 117 – 209 – 270 – 272 – 432.
<b>Ramos, Arthur Rudge da Silva (1875 – 1941)</b> – Paulista, jurista, delegado de polícia em São Paulo e um dos restauradores da antiga Estrada do Vergueiro — nome pelo qual foi conhecido o <i>Caminho do Mar</i> , que ligava São Paulo a Santos. 128.
<b>Ramos, Guiomar</b> – participou da fundação da <i>Liga Espírita do Brasil</i> , em 1926. 98 – 99.
<b>Ramos, Jarbas</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1914 – 1915). Participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 98 – 99 – 112.
<b>Ramos, Jardelino</b> – Foi um dos que assinou o Pacto Áureo pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul em 1949. 272 – 432.
<b>Ramos, José</b> – Participou do Grupo Espírita Fraternidade e depois junto com o grupo dos místicos liderados por Frederico Júnior abandonou a Fraternidade indo compor as fileiras do Grupo Ismael liderado por Sayão e Bittencourt Sampaio. 149.
<b>Reale, Miguel (1910 – 2006)</b> – Foi um filósofo, jurista, educador e poeta paulista. Atuando na filosofia do direito, sua obra foi traduzida para italiano, espanhol e francês. A ele se deveu a teoria tridimensional do direito, que integra a norma jurídica ao fato social e aos valores culturais, num processo histórico-dialético de implicação e complementaridade. 275.
<b>Rego, Florentino</b> – participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 99.
<b>Reina Filho, Jorge</b> – Participou junto com Herculano Pires do Clube

dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. 268.
<b>Rhine, Joseph Banks (1895 – 1980)</b> – Foi um botânico estadunidense, fundador da investigação científica na parapsicologia como um ramo da psicologia, fundador do laboratório de parapsicologia na Universidade de Duke. Rhine foi casado com Louisa Ella Rhine e os dois foram biólogos ligados ao Departamento de Psicologia da Universidade de Duke. 269.
<b>Rhine, Louisa Ella (1891 – 1983)</b> – Estadunidense, recebeu os graus de Bacharel, Mestre e Doutora em Botânica, na Universidade de Chicago, em seguida casou-se com Joseph Banks Rhine. Começou a investigação da Parapsicologia em 1948 no curso no Duke University Parapsychology Laboratory. Foi em 1980 a Presidenta da Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas. 269.
<b>Ribas, Rodolpho Penna</b> – Fluminense, médico, jornalista e líder espírita. Foi fundador da Associação Espírita Jesus Cristo, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro e fundador e Presidente, ininterruptamente reeleito, da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE). 117 – 118 – 259.
<b>Ribeiro, Luiz Olímpio Guillon (1875 – 1943)</b> – Fluminense, formou-se em Engenharia Civil e trabalhou como redator no Jornal do Commercio. Foi 2º oficial da Secretaria do Senado Federal, onde chegou a exercer o cargo de Diretor-Geral até se aposentar. Exerceu o cargo de presidente da Federação Espírita Brasileira de 1920 a 1921 e novamente a partir de 1930 até falecer, em outubro de 1943. 100 – 107 – 110 – 138 – 234 – 235 – 236 – 244 – 281 – 451 – 453.
<b>Richard, Pedro (1853 – 1918)</b> – Brasileiro, trabalhou numa casa comercial para logo depois ser admitido como funcionário da Alfândega. Foi um dos fundadores do Grupo Ismael. Foi diretor da FEB por longos anos. Dirigiu a Assistência aos Necessitados, departamento beneficente da FEB. Foi gerente e administrador do <i>Reformador</i> por diversos períodos. 81 – 96 – 112 – 142 – 149.
<b>Richet, Charles Robert (1850 – 1935)</b> – Médico fisiologista francês, descobridor da soroterapia e da anafilaxia, foi laureado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1913. Também interessou-se por fenômenos paranormais, tendo criado a metapsíquica. Desempenhou um papel fundamental no processo de desvendar o desconhecido mundo dos fenômenos anímicos. 76 – 133 – 315.
<b>Rizzini, Iracema Sapucaia (1924 – 2013)</b> – Professora, escritora e pedagoga espírita, foi casada com Jorge Rizzini. Iracema foi uma das precursoras da literatura infantil com temática espírita, na década de

1970. 245.
<b>Rizzini, Jorge Toledo (1924 – 2008)</b> – Paulista foi um escritor, jornalista, radialista, publicitário e médium psicógrafo brasileiro. Lançou o primeiro programa de televisão espírita - <i>Em Busca da Verdade</i> -, na TV Cultura de São Paulo. Produziu diversos documentários cinematográficos sobre fatos e personalidades espíritas. Participou junto com Herculano Pires do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. 201 – 202 – 208 – 214 – 219 – 261 – 262 — 263 – 264 – 265 – 266 – 268 – 269 – 271 – 272 – 274 – 275 – 276 – 277 – 278 – 279 – 280 – 281 – 282.
<b>Rocha, Álvaro Brandão da</b> – Jornalista, atuou de forma destacada no vespertino <i>Vanguarda</i> da cidade do Rio de Janeiro, foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro junto com Lauro São Thiago, Carlos Ambassahy, Leopoldo Machado e Deolindo Amorim entre outros. Participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 99 – 236 – 253.
<b>Rocha, Eurípides Soares da (1882 – 1962)</b> – Fluminense, exerceu vários cargos públicos na Cidade de São Paulo e em Marília (SP). Junto com Herculano Pires trabalharam e desenvolveram o hospital espírita de Marília, destinado ao socorro gratuito aos doentes mentais não apenas de Marília, mas de toda a Alta Paulista. 264.
<b>Rodrigues, Rosiane Dias</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (2014). 112.
<b>Rodrigues, Wallace Leal Valentin (1924 – 1988)</b> – Capixaba, economista foi ator e diretor de teatro, diretor de cinema, escritor e jornalista. Como escritor tem livros publicados no Brasil e no Exterior. Wallace se destacou como Redator-Chefe do jornal <i>O Clarim</i> e da <i>Revista Internacional de Espiritismo</i> . O seu pendor para a escrita fez com que Wallace se destacasse também na literatura espírita; foram dezenas de livros, uns de sua própria autoria, outros que ele traduziu e organizou. Em substituição a José Cunha exerceu o cargo de diretor editorial da RIE e de <i>O Clarim</i> entre o período de 1966 a setembro de 1988. 129 – 131 – 134 – 135.
<b>Romão, Nelson Antônio</b> – Padre católico foi responsável pela Paróquia Senhor Bom Jesus da cidade de Matão (SP). 299.
<b>Romero, Alberto</b> – Atuou como secretário do <i>Reformador</i> (1978 – 1998). 111.
<b>Rosenburg, Arthur</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1917 – 1918 e 1924 – 1927). 112.
<b>Roustaing, Jean Baptiste (1805 – 1879)</b> – francês, advogado,

<p>jurisconsulto, bastonário da Ordem do Advogados de Bordeaux e autor de diversos trabalhos jurídicos. Em relação ao Espiritismo foi o coordenador da obra <i>Les Quatre Évangéles – Spiritisme Chrétien ou Révélation de la Révélation</i> ("Os Quatro Evangelhos ou Revelação da Revelação - Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação"), obra psicografada pela médium belga Émilie Collignon. 24 – 25 – 59 – 60 – 62 – 80 – 82 – 94 – 95 – 96 – 145 – 147 – 162 – 163 – 164 – 167 – 173 – 176 – 185 – 190 – 195 – 196 – 197 – 198 – 199 – 218 – 219 – 221 – 222 – 282 – 311 – 318 – 328 – 335 – 447 – 448 – 450 – 451 – 452 – 453 – 454 – 455 – 456.</p>
<p><b>S. Thiago, Arnaldo Claro de (1886 – 1979)</b> – Catarinense, professor, Participou da Federação Espírita Brasileira e deixou-nos mais de 50 obras de sua lavra e traduções, foi diretor técnico da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. 255 – 333.</p>
<p><b>S. Thiago, Lauro de Oliveira</b> – Foi diretor-substituto do <i>Reformador</i>. Foi professor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, nas cadeiras de Psicologia Geral (1º ano) e Psicologia à luz do Espiritismo (2º e 3º anos). 110 – 335 – 336.</p>
<p><b>Saccheta, Hermínio (1909 – 1982)</b> – Paulista foi jornalista e militante trotskysta. Formou-se bacharel em Ciências e Letras. Foi revisor do Correio Paulistano, passando depois por importantes jornais como a <i>Folha da Manhã</i>, a <i>Folha da Noite</i>, os <i>Diários Associados</i> e <i>O Tempo</i>. Foi membro do Comando Jornalístico do Diário da Noite, junto com Herculano Pires que tinha como principal objetivo visitar os centros espíritas e procurava revelar ao público a fraude ou a realidade dos fenômenos que lá ocorriam. 268.</p>
<p><b>Sales, Manuel Ferraz de Campos (1841 – 1913)</b> – Paulista, foi advogado, político, ministro da justiça, terceiro presidente do estado de São Paulo, de 1896 a 1897 e o quarto presidente da República, entre 1898 e 1902.</p>
<p><b>Salomão, Jamil Nagib</b> – Escritor e orador espírita foi diretor da área de divulgação da FEESP. Cooperou na fundação e também por muitos anos com o jornal <i>Folha Espírita</i> de propriedade da Federação Espírita do Estado de São Paulo. 282.</p>
<p><b>Sampaio, Francisco Leite de Bittencourt (1834 – 1895)</b> – Foi jurisconsulto, magistrado, alto funcionário público, jornalista, literato, renomado poeta lírico e médium espírita. Além disso, foi eleito deputado para a Assembleia Geral Legislativa nas legislaturas 1864-1866 e 1867-1870. Neste último período foi Presidente do Espírito Santo, nomeado por carta imperial. 79 – 81 – 96 – 149 – 162 – 477.</p>

<p><b>Santos, Amadeu</b> – Junto com Jacques Aboab, Antônio Alves Ferreira e outros fundaram o Grupo Espírita André Luiz. Foi gerente do jornal <i>Mundo Espírita</i>. 116.</p>
<p><b>Santos, Aníbal Cipriano da Silveira (1902 – 1979)</b> – Paulista, mais conhecido como Aníbal Silveira, foi médico, um dos pioneiros da psiquiatria no Brasil. Foi professor de psicologia clínica na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Contribuiu de forma marcante e decisiva para a criação do Instituto Paulista de Parapsicologia. 244.</p>
<p><b>Santos, Bertoldo dos</b> – participou da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. 99.</p>
<p><b>Santos, Carlos Gomes dos</b>– Escritor, médium espírita autor do livro <i>Páginas de Além Túmulo</i> (1939), no qual há uma mensagem onde Roustaing, confessava que foi vítima de mistificadores. 311.</p>
<p><b>Santos, Godofredo dos</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.</p>
<p><b>Santos, Isidoro Duarte dos (1907 – 1974)</b> – Militar português da Marinha, jornalista e divulgador espírita. Colaborador da <i>Revista de Espiritismo</i>, órgão divulgador da Federação Espírita Portuguesa, passando posteriormente a fazer parte da Comissão Diretiva desta, vindo a ser nomeado Diretor posteriormente. Dirigiu também, durante alguns anos, o jornal <i>O Mensageiro Espírita</i>, também da FEP. Em 1939 fundou com a esposa, Maria Gonçalves Duarte Santos, e dirigiu durante 35 anos a revista <i>Estudos Psíquicos</i>, conjuntamente com o Centro Espiritualista Luz e Amor, do qual foi diretor durante cerca de 26 anos. 289.</p>
<p><b>Santos, José Luiz dos (1949 – )</b> – Paulista, formado em Ciências Sociais e Antropologia nas universidades de São Paulo, Estadual de Campinas e de Londres. Professor de antropologia na Unicamp. 97 – 142 – 165 – 166 – 178 – 199 – 200 – 201 – 211 – 342 – 446 – 449 – 452 – 453 – 454.</p>
<p><b>Santos, José Yolando dos</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1959 – 1970). 112.</p>
<p><b>Santos, Milton Almeida dos (1926 – 2001)</b> – Geógrafo baiano, também era graduado em Direito, destacou-se por seus trabalhos em torno da urbanização do Terceiro Mundo. Também se destacou por seus trabalhos sobre a globalização nos anos 1990. Ganhou o prêmio Vautrin Lud, em 1994, o de maior prestígio na área da geografia. 291.</p>
<p><b>São José, Carlos Augusto de</b> – Servidor público federal por 38 anos, aposentou-se como pró-reitor de Administração, Finanças e Planejamento da Universidade de Brasília. Dirigiu a revista <i>O Espírita</i> e</p>

dirige também o jornal <i>Nova Era</i> do Centro Espírita Antônio de Pádua. Foi diretor do jornal <i>Mundo Espírita</i> e membro do Conselho Federativo Estadual da Federação Espírita do Paraná. 110 – 119.
<b>Sarraff, Abrão</b> – Foi segundo secretário da USE-SP, quando Francisco Carlos de Castro Neves foi o presidente. 273.
<b>Sartre, Jean-Paul Charles Aymard (1905 – 1980)</b> – Foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. 269 – 276.
<b>Sausse, Henri (1851 – 1928)</b> – Representante comercial francês foi o biógrafo de Kardec, praticamente todos os informes que hoje possuímos da vida pessoal de Allan Kardec devemos a ele. Fundou e dirigiu vários grupos espíritas no final do século XIX. Por sua insistência foi criada, oficiosamente, a <i>Fédération Spirite Lyonnaise</i> (Federação Espírita Lionesa). Por meio desta Federação, Henri fundou, em 1888, uma sociedade de socorro mútuo composta por espíritas Lioneses para ajudar aos necessitados durante o rigoroso inverno francês. 133.
<b>Sayão, Antonio Luiz (1829 – 1903)</b> – Carioca, pioneiro trabalhador do Espiritismo no Rio de Janeiro, Sayão e Bittencourt Sampaio pertenceram à Sociedade Deus, Cristo e Caridade. Ao saírem da Sociedade fundaram o Grupo dos Humildes, depois denominado de Grupo Ismael, do qual foi diretor. 80 – 81 – 96 – 148 – 149 – 175 – 448 – 449 – 450.
<b>Schleder, Lauro (1905 – 1984)</b> – Escritor paranaense, foi conselheiro da Federação Espírita do Paraná, onde proferiu inúmeras exposições doutrinárias. Dirigiu, também, o periódico <i>Mundo Espírita</i> , por mais de 20 anos consecutivos. Foi um dos principais organizadores do IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado em Curitiba. 116 – 117.
<b>Schmidt, Benito Bisso</b> – É licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em História pela mesma instituição e doutor em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, com estágio no Centre d'Histoire Sociale du XXe Siècle (Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne). 28.
<b>Schmidt, Sady Guilherme</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (2012 – 2014). Também foi diretor-substituto do <i>Reformador</i> . 111 – 112.
<b>Schutel, Cairbar de Souza (1868-1938)</b> – Carioca, jornalista, escritor, farmacêutico, político, palestrante e conferencista espírita. Fundou em 1905 o Centro Espírita Amantes da Pobreza. Lançou em 1905, o primeiro número do jornal <i>O Clarim</i> e abriu uma Editora onde passou a

<p>imprimir o jornal, os próprios livros e de outros autores. Em 1925 lançou a <i>Revista Internacional de Espiritismo</i>. Em 1936 fez um programa radiofônico espírita pela Rádio Cultura de Araraquara, PRD-4. 76 – 126 – 127 – 129 – 132 – 133 – 134 – 184 – 185 – 263 – 283 – 297 – 302.</p>
<p><b>Sebastião, Jacy</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100.</p>
<p><b>Sena, José Florentino de (1866 – 1939)</b> (José Petitinga) – Baiano, ficou mais conhecido como José Petitinga, foi poeta, jornalista, contabilista e linguista; como sertanista sabia recolher da Natureza virgem os grandes ensinamentos da vida. Fundou em histórica reunião realizada na sede do Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade a União Espírita Baiana, hoje transformada em Federação Espírita do Estado da Bahia. 241 – 242.</p>
<p><b>Sevcenko, Nicolau (1952 – 2014)</b> – Foi um professor e historiador paulista, especializando-se em cultura brasileira e desenvolvimento social das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Formou-se na “Universidade de São Paulo”, onde manteve o cargo de professor de história da cultura. 293.</p>
<p><b>Seve, Manoel</b> – Participou do Grupo Espírita Fraternidade e depois junto com o grupo dos místicos liderados por Frederico Júnior abandonou a Fraternidade indo compor as fileiras do Grupo Ismael liderado por Sayão e Bittencourt Sampaio. 149.</p>
<p><b>Silva Junior, Frederico Pereira da (1858 – 1914)</b> – O mais renomado médium brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX. Trabalhando nos principais grupos espíritas da cidade do Rio de Janeiro, destacadamente Grupo Ismael, onde permaneceu atuante por 34 anos. 81 – 144 – 149 – 422 – 457.</p>
<p><b>Silva Neto, Antônio da (1836 – 1905)</b> – Brasileiro, engenheiro, bacharel em matemática e física. Participou da fundação da Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio, em 02 de agosto de 1873, da qual foi Vice Presidente. 63 – 447.</p>
<p><b>Silva, Amaury Alves da</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1998 – 2007). 112.</p>
<p><b>Silva, Antônio Gonçalves da (Batuíra) (1839 – 1909)</b> – Português, foi um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil. Fundou o Grupo Espírita Verdade e Luz, no dia 06 de abril de 1890 e também foi fundador do jornal <i>Verdade e Luz</i>, na capital do Estado de São Paulo, em maio de 1890. 63.</p>
<p><b>Silva, Arlindo Correia da</b> – Fundador do jornal <i>O Poder</i> em Belo Horizonte, marcadamente Anti-roustanguista. 218.</p>

<p><b>Silva, Augusto Elias da (1848 – 1903)</b> – Português, fotógrafo profissional, foi ativo membro da Comissão Confraternizadora da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Fundou, a seguir, o Grupo Espírita Menezes. Em sua casa fundaram-se o <i>Reformador</i> (1883) e posteriormente a FEB (1884). 63 – 75 – 79 – 81 – 82 – 94 – 106 – 111 – 448.</p>
<p><b>Silva, Carlos Jordão da (1903 – 1985)</b> – Paulista, foi figura de grande projeção no movimento espírita de São Paulo. Foi membro da <i>Liga Espírita do Estado de São Paulo</i>, da qual foi representante junto a USE e depois seu presidente. Tomou parte ativa na fundação da Fraternidade Espírita Evangélica, foi membro e Diretor-Tesoureiro da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, fundada por Anália Franco. 209 – 222 – 224 – 272 – 273 – 238 – 432.</p>
<p><b>Silva, Ernesto José dos Santos (???? – 1910)</b> – exerceu na FEB os cargos de 2º. Secretário e de vice-presidente ao lado do Dr. Dias da Cruz, que presidiu os destinos dessa Casa de 1890 a 1894. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, na “Faculdade de Direito de São Paulo”. Foi diretor do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil junto com Bezerra de Menezes e outros vultos do Espiritismo. 94.</p>
<p><b>Silva, Fábio Luiz da.</b> – Brasileiro, doutor em História, professor de História Contemporânea e do Programa de Mestrado em Ensino na Unopar e do Colégio de Aplicação/Uel. Também é docente do Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, da Unopar. 51 – 52 – 53 – 188 – 189 – 340.</p>
<p><b>Silva, Gélvio Lacerda da</b> – Capixaba, advogado, escritor - De 1953 a 1977 foi diretor do Departamento de Doutrina da Mocidade Espírita 3 de Outubro. Posteriormente, na qualidade de diretor do Centro Espírita Apóstolo Estêvão, exerceu diversos cargos de diretoria e da qual foi representante junto aos demais órgãos da USE- SP. Foi presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo por dois mandatos consecutivos, de 1980 a 1986. Passou 20 anos de sua vida preparando uma síntese da grande discordância que há dentro da doutrina espírita entre Kardec e Roustaing. 40 – 221 – 226.</p>
<p><b>Silva, Iaponan Albuquerque da</b> – Atuou como secretário do <i>Reformador</i> (1998 – 2004). 111.</p>
<p><b>Silva, João d’Oliveira e</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1948 – 1951, 1952 – 1957). 112.</p>
<p><b>Silva, Luiz Henrique da</b> – Catarinense, formado em Economia. Foi Presidente do Centro Espírita Luz da Caridade e da União Regional Espírita Metropolitana Oeste, em Curitiba. Na FEP exerceu as funções</p>

de Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Espíritas - CEPE, Diretor Administrativo, 2º Vice-Presidente e 1º Vice-Presidente e Presidente de 2012 a 2015. 121.
<b>Silva, Maurício Roberto (1953 –)</b> – Paranaense, formado em Economia e Administração de Empresas. Foi fundador e presidente da Sociedade Espírita Renovação, em Curitiba. Na FEP, também exerceu as funções de Presidente (1993 - 1996; 1999 - 2003), Diretor do jornal “Mundo Espírita”, 2º Vice-Presidente e 1º Vice-Presidente. Membro do Conselho Federativo Estadual desde 1989. 118.
<b>Silva, Sérgio Milliet da Costa e (1898 – 1966)</b> – Paulista, foi um escritor, pintor, poeta, ensaísta, crítico de arte e de literatura, sociólogo e tradutor brasileiro. Foi também diretor da biblioteca Mário de Andrade. 230.
<b>Silva, Sylvia Mele Pereira da</b> – Mestre em francês, participou junto com Herculano Pires da tradução inicialmente de <i>Obras póstumas</i> e posteriormente <i>A gênese</i> e a segunda parte de <i>O céu e o inferno</i> todos livros de Allan Kardec. 278.
<b>Silva, Waldomiro Santos</b> – Foi primeiro tesoureiro da USE-SP, quando Francisco Carlos de Castro Neves foi o presidente. 273.
<b>Silveira, José Carlos da Silva</b> – Foi diretor-substituto do <i>Reformador</i> . 100.
<b>Sirinelli, Jean-François (1949 - )</b> – historiador francês especialista em história política e cultural do século XX, é professor do instituto de estudos políticos de Paris e diretor do Centro de História de Ciências Políticas. 77 – 78 – 227 – 228.
<b>Soares, Affonso Borges Gallego</b> – Foi diretor-substituto do <i>Reformador</i> . Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1981 – 1982). 110 – 111 – 112.
<b>Soares, Magda Becker (1932 –)</b> – Brasileira, professora titular emérita da “Faculdade de Educação da UFMG”. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale – da Faculdade de Educação da UFMG. Graduada em Letras, doutora e livre-docente em Educação. 35 – 36.
<b>Sodré, Nelson Werneck (1911 – 1999)</b> – Historiador, professor, militar e escritor brasileiro. Como o regime militar tirou-lhe o direito de ensinar, sua atividade passou a ser exclusivamente o estudo e a produção de novos livros, com destaque para História militar do Brasil, editado pela primeira vez em 1965. 64 – 100.
<b>Sondermann, Henrique</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1943 – 1948). 112.

<p><b>Souto, Aurino Barbosa</b> – Fundador da Liga Espírita do Brasil em 1926, foi também seu presidente e nessa qualidade atuou de forma decisiva para a criação da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro em 1941. 124 – 218 – 233 – 333 – 431.</p>
<p><b>Souza, Benedicto de</b> – Industrial, fundador do jornal Mundo Espírita. 113 – 122.</p>
<p><b>Souza, Eulálio de</b> – Pai de Leopoldo Machado. 241.</p>
<p><b>Souza, João Pinto de (1891 – 1943)</b> – Militar pernambucano, foi um dos pioneiros de programas espíritas radiofônicos apresentando na <i>PRE-6 – Rádio Sociedade Fluminense</i> – a <i>Hora Espiritualista</i> – o primeiro programa prolongado e permanente de Espiritismo pelo rádio. No programa inaugural na “Rádio Ipanema”, quando se transferiu de Niterói para o Rio de Janeiro compareceram eminentes figuras do Espiritismo, como Manoel Quintão, Dr. Guillon Ribeiro, Leopoldo Machado, Leôncio Corrêa, João Torres, Carlos Imbassahy e muitos outros. A <i>Hora Espiritualista</i> contou com integral apoio da Liga Espírita do Brasil, de cujo conselho João Pinto de Souza fazia parte. A Rádio Rio de Janeiro, dirigida por muitos anos pelo seu sucessor Geraldo de Aquino, mantém um programa até hoje com o nome de <i>Hora Espírita João Pinto de Souza</i> apresentado todos os domingos. 100 – 124 – 235 – 247 – 258.</p>
<p><b>Souza, José Fernandes de</b> – Membro atuante da LEB, escritor espírita com artigos publicados em vários periódicos como <i>Revista Espírita do Brasil</i>, <i>O Clarim</i>, RIE entre outras. Atuante na Liga Espírita do Brasil. 100 – 218.</p>
<p><b>Souza, Juvanir Borges de (1916 – 2010)</b> – Mineiro advogado, procurador do INSS. Na Federação Espírita Brasileira foi membro do Conselho Superior, a partir de 1966; diretor-tesoureiro, em 1975; e vice-presidente, a partir de 1977. Em agosto de 1990, tornou-se o seu 14º Presidente permanecendo na função até 2001. Foi diretor do Reformador. 110– 194 – 221.</p>
<p><b>Souza, Milton O’Reilly de (1904 – 1996)</b> – Capixaba, militar, professor, alcançou, na reserva, o posto de General de Divisão. Profundo estudioso da língua portuguesa e orador exímio. Participou da fundação de inúmeras instituições, tais como Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Rádio Rio de Janeiro e Cruzada dos Militares Espíritas, nas quais exerceu a função de Presidente. 259.</p>
<p><b>Spinelli, Francisco (1893 – 1955)</b> – Italiano, bancário, foi presidente do Centro Espírita Amor de Jesus, grande divulgador da Doutrina de Kardec, na região serrana gaúcha. Posteriormente colaborou com várias</p>

sociedades espíritas de Porto Alegre, não tardando a ser eleito Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Foi membro Caravana da Fraternidade, percorrendo vários Estados do norte e nordeste do país na propaganda da unificação da prática espírita. 209 – 222 – 272 – 431.

**Spínola, Aristides de Souza (1850 – 1925)** – Baiano, jornalista, advogado, deputado provincial pela Bahia e posteriormente Presidente da Província (Estado) de Goiás, foi reeleito deputado geral nas legislaturas de 1885 e de 1886 a 1889. Em 1905 Aristides Spínola ingressou na Federação Espírita Brasileira, convidado pelo então Diretor na Assistência aos Necessitados, Pedro Richard. Na vice-presidência da FEB permaneceu de 1905 a 1913. Presidente em 1914 e em 1916 e 1917, voltando a exercer o cargo de vice-presidente em 1920 e 1921. Ocupou, de novo, de 1922 a 1924, a direção da Casa, sendo eleito, em 1925, para a vice-presidência, cargo que desempenhou até à data de sua morte. Atuou também como diretor e redator-chefe do *Reformador*. 85 – 96 – 110 – 451.

**Tavares Ferreira** – Participou da realização junto com Leopoldo Machado e João Pinto de Souza na Rádio Ipanema – P.R.H. – 8, da cidade do Rio de Janeiro, a partir de dezembro de 1938 do *Teatro Espiritualista pelo Ar*. 247.

**Távora, Joaquim** – foi um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira. 79.

**Teixeira, José Raul (1949 – )** – Fluminense, formado em Física pela Universidade Federal Fluminense e tem pós-graduação em Metodologia do Ensino de Física pela mesma Universidade, da qual é professor. Médium, escritor e orador espírita. 103.

**Thiesen, Francisco (1927 – 1990)** – Gaúcho, foi escritor, expositor e pesquisador espírita. Com larga atuação no movimento espírita, foi tesoureiro da FEB, diretor do *Reformador* e do seu Departamento Editorial, culminou sua atuação como o 19º presidente da FEB exercendo seu mandato entre os anos de 1975 – 1990. 1 – 33 – 107 – 108 – 110 – 112.

**Timponi, Miguel – (1893 – 1964)** – Mineiro, advogado, político. Foi Secretário do Interior e Segurança ao tempo do prefeito Pedro Ernesto, em 1935. Foi um dos fundadores da Ordem dos Advogados do Brasil e seu primeiro presidente. 238.

**Torres, Agadyr Teixeira** – Atuou como gerente do *Reformador* (1982 – 1988; 1990 – 1997). 111 – 112.

**Torres, João (1873 – 1958)** – Brasileiro, militar da Marinha foi um

ativo colaborador na Liga Espírita do Brasil, onde exerceu as funções de Vice Presidente e Presidente. 76 – 99 – 113 – 122 – 123 – 254.
<b>Torteroi, Afonso Angeli (1848 – 1928)</b> – Ítalo-brasileiro, embora formado em Direito tirava sua subsistência do trabalho de professor e jornalista. Como espírita, seu nome está ligado aos principais trabalhos doutrinários desenvolvidos no Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do XX. 79 – 82 – 87 – 89 – 95 – 99 – 144 – 154.
<b>Tourinho, Sebastião</b> – Espírita atuante na Liga Espírita do Brasil. 100 – 218.
<b>Travassos, Joaquim Carlos (1839 – 1915)</b> – Médico fluminense, foi secretário geral do Grupo Espírita Confúcio, primeiro centro espírita da cidade do Rio de Janeiro. É a Travassos que se deve a primeira tradução das principais obras de Kardec: <i>O Livro dos Espíritos</i> , com o pseudônimo de Fortúnio, traduzido da 20ª edição francesa, sem data de publicação; <i>O Livro dos Médiuns</i> , em 1875, traduzido da 12ª edição francesa, sem o nome do tradutor; <i>O Céu e o Inferno</i> , em 1875, traduzido da 4ª edição francesa, sem o nome do tradutor; <i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i> , em 1876, traduzido da 16ª edição francesa, sem o nome do tradutor. Com o advento da República, Travassos foi eleito senador na primeira Legislatura pelo Estado do Rio de Janeiro. 96 – 446.
<b>Ubaldi, Pietro de Alleori (1886 – 1972)</b> – Mais conhecido como Pietro Ubaldi foi um filósofo e pensador espiritualista italiano. 281.
<b>Valente, João Gurgel</b> – Foi diretor do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil junto com Bezerra de Menezes, Ernesto José dos Santos Silva e outros vultos do Espiritismo. 94 – 108.
<b>Varnhagen, Francisco Adolfo de (1816 – 1878)</b> – Visconde de Porto Seguro, foi um militar, diplomata e historiador brasileiro. 190.
<b>Vaz, José Antônio Val de</b> – Um dos fundadores da <i>Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade</i> em 1881. 63.
<b>Velho, Francisco Corrêa</b> – Foi gerente da <i>Revista Espírita do Brasil</i> . 123 – 124.
<b>Veloso, Francisco</b> – Dono da Tipografia Norte de São Paulo na cidade de Taubaté (SP) on foram impressos os primeiros números do jornal <i>O Clarim</i> . 127.
<b>Veras, Humberto de Campos (1886 – 1934)</b> – Maranhense, foi jornalista, político, escritor e poeta. Em 1919 ingressou na Academia Brasileira de Letras, sucedendo Emílio de Menezes na cadeira n.º 20. 220 – 222 – 237 – 238 – 263 – 269 – 453.
<b>Verissimo, Érico Lopes (1905 – 1975)</b> – Gaucho, foi um dos escritores

brasileiros mais populares do século XX. Além de farmacêutico, Verissimo também trabalhou como professor de literatura e língua inglesa. Exerceu a função de conselheiro literário da Editora Globo. 263.
<b>Viana, João da Costa</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1932 – 1936). 112.
<b>Vieira, Américo Lopes</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1927 – 1929). 112.
<b>Vieira, Emílio Manso</b> – Foi primeiro secretário da USE-SP, quando Francisco Carlos de Castro Neves foi o presidente. 273.
<b>Vieira, Vítor Antônio</b> – Foi diretor de Centro de União na cidade do Rio de Janeiro e teve atuação destacada no Estado do Paraná. 88 – 89 – 91 – 92 – 93.
<b>Werneck, Francisco Klörs (1905 – 1986)</b> – Fluminense, foi advogado, historiador, escritor, jornalista, tradutor e conferencista. Traduziu inúmeras obras de vários autores, como Ernesto Bozzano, Oliver Lodge, Cesar de Vesne, José L. Home e outros. 64 – 100.
<b>Wirz, Emílio</b> – Atuou como gerente do <i>Reformador</i> (1916). 112.
<b>Xavier, Francisco Cândido (1910 – 2002)</b> – mais conhecido por Chico Xavier, considerado o médium do século e o maior psicógrafo de todos os tempos, nasceu em Pedro Leopoldo, pequena cidade do estado de Minas Gerais, Brasil. Possui uma vastíssima obra mediúnica que ultrapassou os 400 livros. 52 – 60 – 103 – 104 – 109 – 188 – 196 – 220 – 238 – 243 – 263 – 275 – 278 – 279 – 280 – 283 – 340 – 419 – 452 – 453 – 456 – 457.
<b>Zaghetto, Sônia Regina Ferreira</b> – Atuou como secretário do <i>Reformador</i> (2004 – 2007). 111.
<b>Zama, Aristides Cesar Spinola (1837 – 1906)</b> – Baiano, deputado, advogado, foi membro da comissão permanente de 1893 que apresentou ao Congresso Nacional, nova representação solicitando a revisão dos artigos do Código Penal de 1890 que restringiam a liberdade religiosa, por considerá-los inconstitucionais. 154 – 155.

Anexo A  
Lançamento de Periódicos Espíritas até 1960

Nº	Nome	Local	Ano
1	Eco D'Além Túmulo	Salvador – BA	1869
2	O Espírita	Natal – RN	1874
3	Revista Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1875
4	A Cruz	Recife – PE	1881
5	O Espiritismo	Rio de Janeiro – RJ	1881
6	Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade	Rio de Janeiro – RJ	1881
7	União e Crença	Areias – SP	1881
8	Reformador	Rio de Janeiro – RJ	1883
9	Século XX	Campos – RJ	1885
10	A Luz	São Luiz – MA	1886
11	Espiritualismo Experimental	São Paulo – SP	1886
12	A Luz	Curitiba – PR	1890
13	A Nova Era	Rio de Janeiro – RJ	1890
14	A Regeneração	Rio Grande – RS	1890
15	O Regenerador	Rio de Janeiro – RJ	1890
16	O Regenerador	Belém – PA	1890
17	Revista Espírita	Curitiba – PR	1890
18	Verdade e Luz	São Paulo – SP	1890
19	Evolução	Rio Grande – RS	1892
20	Farol da Verdade	Paranaguá – PR	1892
21	A Fé Espírita	Paranaguá – PR	1894
22	A Verdade	Cuiabá – MT	1894
23	A Voz Espírita	Porto Alegre – RS	1894
24	Perdão, Amor e Caridade	Franca – SP	1894
25	Eco da Verdade	Porto Alegre – RS	1895
26	O Espírita	Recife – PE	1895
27	Revista Espírita	Salvador – BA	1895
28	A União	Penedo – AL	1896
29	A Voz da Verdade	Paranaguá – PR	1896
30	O Alvião	Taubaté – SP	1896
31	Arrebol	Uberaba – MG	1897
32	Religião Espírita	Rio Grande – RS	1897
33	Revista Espírita do Brasil	Rio de Janeiro – RJ	1897

34	A Caridade	Ouro Preto – MG	1898
35	Álbum das Meninas	São Paulo – SP	1898
36	Revista Espírita	Porto Alegre – RS	1898
37	O Guia	Recife – PE	1899
38	Revista da Sociedade Psíquica de São Paulo	São Paulo – SP	1899
39	A Defesa	Taubaté – SP	1900
40	A Doutrina	Curitiba – PR	1900
41	A Paz	Salvador – BA	1900
42	A Voz D’Além-Túmulo	Ouro Preto – MG	1900
43	Luz e Fé	Maranguape – CE	1900
44	O Espírita Alagoano	Maceió – AL	1900
45	A Fraternalização	Rio de Janeiro – RJ	1902
46	A Ciência	Maceió – AL	1903
47	Revista da Associação Feminina	São Paulo – SP	1903
48	Jornal Espírita	Juiz de Fora – MG	1904
49	A Centelha	Niterói – RJ	1905
50	A União Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1905
51	Aurora	Pontal – MG	1905
52	O Clarim	Matão – SP	1905
53	Sophia	Belém – PA	1905
54	A Revelação	Belém – PA	1906
55	Aurora Espírita	Recife – PE	1906
56	Espaço	Curitiba – PR	1906
57	Eternidade	Porto Alegre – RS	1906
58	Humildade	Rio de Janeiro – RJ	1906
59	Nova Revelação	São Paulo – SP	1906
60	O Guia	Manaus – AM	1906
61	O Mundo Oculto	Campinas – SP	1906
62	Revelação	Florianópolis – SC	1906
63	Verdade e Fé	Cometá – PA	1906
64	Verdade e Paz	São Luiz – MA	1906
65	O Espírita Mineiro	Belo Horizonte – MG	1907
66	A Verdade	Recife – PE	1908
67	Lumen	Maceió – AL	1908
68	Tribuna Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1909
69	Eternidade	Porto Alegre – RS	1910
70	O Combate	Fortaleza – CE	1910

71	O Lábaro	Fortaleza – CE	1910
72	Riso D’Alma	São Luiz – MA	1911
73	Aurora	Rio de Janeiro – RJ	1912
74	Pegureiro da Fé	São Luiz – Ma	1912
75	Alavanca	Conquista – MG	1913
76	Lux	Caeteté – Bahia	1914
77	O Mundo Psíquico	São Paulo – SP	1914
78	Renascença	Natal – RN	1914
79	A Luz	Florianópolis – SC	1916
80	A Paz	Curitiba – PR	1916
81	Alfa	Cachoeiro de Itapemirim – ES	1916
82	Anuário Espírita	Curitiba – PR	1916
83	O Pioneiro	Nova Iguaçu – RJ	1916
84	Revista de Espiritismo	Curitiba – PR	1916
85	A Verdade	Belém – PA	1917
86	Luz no Caminho	Belém – PA	1917
87	Alma e Coração	Belém – PA	1918
88	O Consolador	Parnaíba – PI	1918
89	A Luz	Maceió – AL	1919
90	Jornal Espírita	Porto Alegre – RS	1919
91	Revista de Estudos Psíquicos	São Paulo – SP	1919
92	O Semeador	Juiz de Fora – MG	1920
93	Paladino	Vila de São Pedro – RS	1920
94	Tribuna Espírita	Ponta Grossa – PR	1920
95	Despertar	Santa Maria – RS	1921
96	Do Além	Rio de Janeiro – RJ	1921
97	O Farol	Pelotas – RS	1921
98	O Missionário	Rio Claro – SP	1921
99	O Perdão	Parnaíba – PI	1921
100	Precursor	Júlio de Castilhos – RS	1921
101	A Verdade	Vitória – ES	1922
102	Caridade	Vacaria – RS	1922
103	A Luz	Santa Rita de Jacutinga – MG	1923
104	Boletim da FERGS	Porto Alegre – RS	1923
105	Brasil – Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1923
106	O Consolador	Laranjal – SP	1923

107	A Luz	São Gabriel – RS	1924
108	Amor e Caridade	Cuiabá – MT	1924
109	Nova Fé	Belém – PA	1924
110	O Além	João Pessoa – PB	1924
111	O Astral	Uberaba – MG	1924
112	O Astro	São Paulo – SP	1924
113	O Cristão	Rio de Janeiro – RJ	1924
114	O Evangelho	Porto Alegre – RS	1924
115	O Lábaro	Ubá – MG	1924
116	O Luzeiro	Itabuna – BA	1924
117	O Peregrino	Rio de Janeiro – RJ	1924
118	Redenção	Belém – PA	1924
119	Revista Espírita	Belém – PA	1924
120	Rio-Psíquico	Rio de Janeiro – RJ	1924
121	Nova Era	Rio de Janeiro – RJ	1925
122	Revista Internacional de Espiritismo	Matão – SP	1925
123	Semeador	Porto Alegre – RS	1925
124	A Senda	Vitória – ES	1926
125	Correio Invisível	Rio de Janeiro	1926
126	O Livro Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1926
127	Pay	Rio de Janeiro – RJ	1926
128	A Nova Era	Franca – SP	1927
129	O Jornal	Santiago do Boqueirão – RS	1928
130	A Luz	Faxina – São Paulo	1929
131	O Farol	São Luiz – MA	1929
132	Revista Espírita do Brasil	Rio de Janeiro – RJ	1929
133	O Mensageiro do Lar	São Miguel – SP	1930
134	A Caridade	Mogi das Cruzes – SP	1931
135	A Luz	Salvador – BA	1931
136	A Propaganda	Maceió – AL	1931
137	A Semana	Sant’Ana dos Olhos d’Água – SP	1931
138	A Verdade	Teófilo Otoni – MG	1931
139	A Voz de Eurípedes	Rio Verde – GO	1931
140	A Voz Espírita	Salvador – BA	1931
141	Alvorada	Ubá – MG	1931
142	Anuário Espírita do Brasil	Rio de Janeiro – RJ	1931

	Inúmero		
143	Boletim de Espiritismo	São José dos Campos – SP	1931
144	Espiritismo Cristão	São Paulo – SP	1931
145	Heraldo	Rio de Janeiro – RJ	1931
146	Lázaro	Rio de Janeiro – RJ	1931
147	LEESP	São Paulo – SP	1931
148	Luz e Verdade	Lavras – MG	1931
149	Novo Horizonte	Rio de Janeiro – RJ	1931
150	O Abrigo	Recife – PE	1931
151	O Astral	Rio de Janeiro – RJ	1931
152	O Espírita Cristão	Belo Horizonte – MG	1931
153	O Mensageiro	Manaus – AM	1931
154	O Mensageiro	Manaus – AM	1931
155	O Semeador	São Luiz – MA	1931
156	Voz do Alto	Belém – PA	1931
157	A Flama	Uberaba – MG	1932
158	A Seara	Florianópolis – SC	1932
159	A Voz	Campo Grande – MS	1932
160	Mundo Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1932
161	O Farol	Niterói – RJ	1932
162	O Luzeiro	Aracaju – SE	1932
163	O Médium	Juiz de Fora – MG	1932
164	O Médium	Juiz de Fora – MG	1932
165	O Roteiro	Barretos – SP	1932
166	Raio de Luz	Nova Iguaçu	1932
167	Reflexos	Sant’Ana do Livramento – RS	1932
168	A Luz	Curitiba – PR	1933
169	Alvorada	São João da Boa Vista – SP	1933
170	Alvorada D’uma Nova Era	São Paulo – SP	1933
171	Nosso Guia	Três Rios – RJ	1933
172	O Consolador	Queluz de Minas – MG	1933
173	O Revelador	São Paulo – SP	1933
174	Resenha Espírita	São Francisco do Sul - SC	1933
175	Revista Espírita	São Francisco do Sul – SC	1933
176	A Reencarnação	Porto Alegre – RS	1934

177	Anuário Amor e Luz	Guaratinguetá – SP	1934
178	Bezerra de Menezes	Bagé – RS	1934
179	O Semeador	Cuiabá – MT	1934
180	O Sol	Campos – RJ	1934
181	Obreiro do Bem	Rio de Janeiro – RJ	1934
182	Vinte e Três de Setembro	Santa Rita de Sapucaí – MG	1934
183	Alavanca	Campinas – SP	1935
184	Revista Espírita de Campos	Campos – RJ	1935
185	A Evolução	São Luiz – MA	1936
186	Alvorada	Rio de Janeiro – RJ	1936
187	Amor a Verdade	Ribeirão Preto – SP	1936
188	Boletim dos Centros Espíritas dos Subúrbios da Leopoldina	Rio de Janeiro	1936
189	Metapsíquica	São Paulo – SP	1936
190	São Paulo-Espírita	Santos – SP	1936
191	Verdade	Marcelino Ramos – RS	1936
192	A Aliança	São Paulo – SP	1937
193	A Luz	São Francisco do Sul – SC	1937
194	A Revelação	Rio de Janeiro – RJ	1937
195	A Voz do Além	São Paulo – SP	1937
196	Avante	Adrade de Araújo – RJ	1937
197	Boletim Mensal	Rio de Janeiro – RJ	1937
198	Correio Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1937
199	Juvenil	Juiz de Fora – MG	1937
200	Maranhão Espírita	São Luiz – MA	1937
201	O Arauto	Carangola – MG	1937
202	O Atalaia	Barbacena – MG	1937
203	O Tempo	Belo Horizonte – MG	1937
204	A Flama Espírita	Uberaba – MG	1938
205	A Imortalidade	São Paulo – SP	1938
206	Irradiação	Rio de Janeiro – RJ	1938
207	O Vagalume	Belo Horizonte – MG	1938
208	A Centelha	São Paulo – SP	1939
209	A Senda	Vila de São Sebastião – RS	1939

210	Arauto de Fé	Astolfo Dutra – MG	1939
211	Bahia – Espírita	Salvador – BA	1939
212	Boletim Mensal	Dom Pedrito – RS	1939
213	Estrela do Bem	Manaus – AM	1939
214	Macaé Espírita	Macaé – RJ	1939
215	O Cristófilo	Rio de Janeiro – RJ	1939
216	O Espiritualista	São Paulo – SP	1939
217	O Porvir	Campinas – SP	1939
218	A Seara	Juiz de Fora – MG	1940
219	A Verdade	Rio de Janeiro – RJ	1940
220	Aura	Niterói – RJ	1940
221	Fraternidade	Belém – PA	1940
222	Mensageiro do Órfão	São Miguel – SP	1940
223	Notícia Espírita	Belo Horizonte – MG	1940
224	O Mensageiro da Paz	São Gabriel – RS	1940
225	O Noticiário Espírita	Santa Maria – RS	1940
226	O Semeador	São Paulo – SP	1940
227	Seara Jornal	Rio de Janeiro – RJ	1940
228	Síntese	Belo Horizonte – MG	1940
229	A Verdade	Corumbá – MT	1942
230	A Videira	São Paulo – SP	1942
231	Jesus é a Verdade	Livramento – RS	1942
232	O Semeador	São Paulo – SP	1943
233	A Samaritana	Rio de Janeiro – RJ	1944
234	Tribuna Espírita	São Paulo – SP	1944
235	A Voz dos Espíritos	Rio de Janeiro – RJ	1945
236	Boletim Doutrinário	São Paulo – SP	1945
237	Boletim Espírita	Florianópolis – SC	1945
238	Luz da Verdade	Salvador – BA	1945
239	O Lar	Nova Iguaçu – RJ	1945
240	O Consolador	Natal – RN	1946
241	Arco-Iris	Salvador – BA	1947
242	Boletim do Instituto Espírita João Evangelista	Recife – PE	1947
243	Consolador	Curitiba – PR	1947
244	Juvenil Espírita	Aracajú – SE	1947
245	O Cruzado	Rio de Janeiro – RJ	1947
246	O Poder	Belo Horizonte – MG	1947
247	Pernambuco-Espírita	Recife – PE	1947

248	A Luz	São Luiz – Maranhão	1948
249	A Voz do Alto	Fortaleza – CE	1948
250	A Voz do Congresso	Rio de Janeiro – RJ	1948
251	Desobsessão	Porto Alegre – RS	1948
252	Jornal da Mocidade Espírita	Campos – RJ	1948
253	Nova Luz	Ubá – MG	1948
254	O Cajado	Rio de Janeiro – RJ	1948
255	O Caminheiro	Salvador – BA	1948
256	O Caminho	Guaxupé – MG	1948
257	Orientador	Passo Fundo – RS	1948
258	Raios de Luz	Recife – PE	1948
259	Rumo à Luz	Rio de Janeiro – RJ	1948
260	A Voz da União	Recife – PE	1949
261	Brasil – Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1949
262	Jornal Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1949
263	Luz da Verdade	Recife – PE	1949
264	Luz de Cima	Belém – PA	1949
265	O Amigo Germano	Porto Alegre – RS	1949
266	O Verbo Moço	Belo Horizonte – MG	1949
267	Voz da Juventude	Tupã – SP	1949
268	A Verdade	Porto Alegre – RS	1950
269	Almenara	Campinas – SP	1950
270	Édipo	São Paulo – SP	1950
271	Juventude em Marcha	Natal – RN	1950
272	Meditação	Rio de Janeiro – RJ	1950
273	Meditação	Rio de Janeiro – RJ	1950
274	O Futuro	Rio de Janeiro – RJ	1950
275	O Kardecista	São Paulo – SP	1950
276	Boletim da UEBEA	Rio de Janeiro – RJ	1951
277	Jornal Bethel	Rio de Janeiro – RJ	1951
278	Paraíba Espírita	João Pessoa – PB	1951
279	Raios de Luz	Bicas – MG	1951
280	Almenara	Rio de Janeiro – RJ	1952
281	Juazeiro Espírita	Juazeiro – BA	1952
282	O Iluminador	São José do Rio Preto – SP	1952
283	Zarabatana	Rio de Janeiro – RJ	1952
284	A Voz da CELJ	Rio de Janeiro – RJ	1953

285	Mensageiro da União	Santos – SP	1953
286	O Imortal	Cambé – PR	1953
287	SEPE	Niterói – RJ	1953
288	Alvorada	Campo Grande – MS	1954
289	Nova Era	São Paulo – SP	1954
290	O Perdão	Rio de Janeiro – RJ	1954
291	Avatar	Pelotas – RS	1955
292	Cáritas	São Paulo – SP	1955
293	Luminar	São Paulo – SP	1955
294	O Motivo	São Luiz – MA	1955
295	O Porvir	São Paulo – SP	1955
296	O Verbo	São Paulo – SP	1955
297	Boletim Informativo	Rio de Janeiro – RJ	1956
298	O Espírita Fluminense	Niterói – RJ	1956
299	Renovação	Vitória da Conquista – BA	1956
300	Vozes do Coração	Rio de Janeiro – RJ	1956
301	A Mocidade	Cornélio Procópio – PR	1957
302	A Voz da União dos Discípulos de Jesus	Rio de Janeiro – RJ	1957
303	Alvorada	Graratinguetá – SP	1957
304	Anais do ICEB	Rio de Janeiro – RJ	1957
305	Boletim Espírita	Campos – RJ	1957
306	Bússula	Florianópolis – SC	1957
307	Cena	São Paulo – SP	1957
308	Cruzeiro Espírita	Cruzeiro – SP	1957
309	Evangelizador	Rio de Janeiro – RJ	1957
310	Ilustração Espírita	São Paulo – SP	1957
311	Na Senda do Cristo	Rio de Janeiro – RJ	1957
312	Nova Imprensa	Taubaté – SP	1957
313	O André Luiz	Poços de Calda – MG	1957
314	O Arauto	São Paulo – SP	1957
315	O Guia	Porto Alegre – RS	1957
316	Paz e Alegria	Piquete – SP	1957
317	Piaí-Espírita	Teresina – PI	1957
318	Pinhal Espírita	Pinhal – SP	1957
319	Raio de Sol	Rio de Janeiro – RJ	1957
320	Renovação	Fortaleza – CE	1957
321	Roteiro	Salvador – BA	1957

322	Véritas	São Lourenço – MG	1957
323	Vidas Sucessivas	Belo Horizonte – MG	1957
324	Novo Sol	Rio de Janeiro – RJ	1958
325	O André Luiz	Natal – RN	1958
326	Progresso Espírita	São Paulo – SP	1958
327	Rio-Verde Espírita	Rio Verde – GO	1958
328	Sinaxe	Vitória da Conquista – BA	1958
329	Soldadinhos de Deus	Rio de Janeiro – RJ	1958
330	A Boa Nova	Volta Redonda – RJ	1959
331	Coletânea Espírita	Rio de Janeiro – RJ	1959
332	Kardequinho	São Paulo – SP	1959
333	Libertação	Araras – SP	1959
334	Mensagens	Garça – SP	1959
335	O Idealista	Rio de Janeiro – RJ	1959
336	Pará-Espírita	Belém – PA	1959
337	Kardebraile	Rio de Janeiro – RJ	1960

## Anexo B

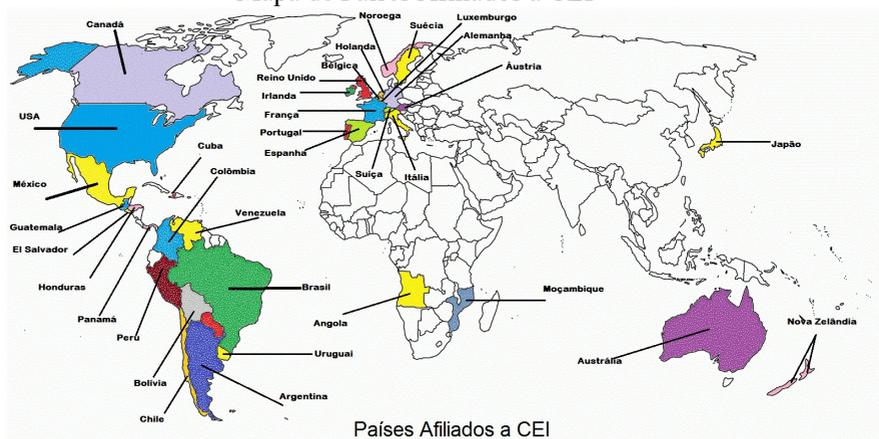
## Países afiliados a CEI

País	Instituição	Sítio ou e-mail
Alemanha	União Espírita Alemã	<a href="http://www.spiritismus-dsv.de">www.spiritismus-dsv.de</a>
Angola	Sociedade Espírita Allan Kardec de Angola	<a href="http://www.freewebs.com/seakaangola/">http://www.freewebs.com/seakaangola/</a>
Argentina	Confederación Espiritista Argentina	<a href="mailto:ceaespiritista@gmail.com">ceaespiritista@gmail.com</a>
Austrália	Franciscans Spiritist House	<a href="http://www.joanadecusa.org.au">www.joanadecusa.org.au</a>
Áustria	Verein für Spiritistische Studien Allan Kardec	<a href="http://www.spiritismus.at">www.spiritismus.at</a>
Bélgica	Union Spirite Belge	<a href="http://www.spirite.be">www.spirite.be</a>
Bolívia	Federación Espírita Boliviana	<a href="http://www.febol.org">www.febol.org</a>
Brasil	Federação Espírita Brasileira	<a href="http://WWW.febnet.org.br">WWW.febnet.org.br</a>
Canadá	Canadian Spiritist Council	<a href="http://www.canadianspiritistcouncil.com">www.canadianspiritistcouncil.com</a>
Chile	Centro de Estudios Espíritas Buena Nueva	<a href="mailto:centroespirita_buenanueva@yahoo.com.ar">centroespirita_buenanueva@yahoo.com.ar</a>
Colômbia	Confederación Espírita Colombiana	<a href="http://www.confecol.org">www.confecol.org</a>
Cuba	Sociedad Amor y Caridad Universal	<a href="http://www.josedeluz.com">www.josedeluz.com</a>
El Salvador	Federación Espírita de El Salvador	<a href="http://www.elsalvadorespirita.org">www.elsalvadorespirita.org</a>
Espanha	Federación Espírita Española	<a href="http://www.espiritismo.cc">www.espiritismo.cc</a>
Estados Unidos	United States Spiritist Council	<a href="http://www.spiritist.us">www.spiritist.us</a>
França	Conseil Spirite Français	<a href="http://www.spiritisme.org">www.spiritisme.org</a>
Guatemala	Cadena Heliosophica Guatemalteca	<a href="http://www.guatespirita.org">www.guatespirita.org</a>
Holanda	Nederlandse Raad voor het Spiritisme	<a href="http://www.nrsp.nl">www.nrsp.nl</a>
Honduras	Asociación Civil de Proyección Moral	<a href="http://www.hondurasespirita.org">www.hondurasespirita.org</a>
Irlanda	Spiritist Society of Ireland	<a href="http://www.spiritismireland.com">www.spiritismireland.com</a>
Itália	Unione Spiritica Italiana	<a href="http://www.italiausi.com">www.italiausi.com</a>
Japão	Comunhão Espírita Cristã Francisco Candido Xavier	<a href="http://www.spiritism.jp">www.spiritism.jp</a>
Luxemburg	Groupe Spirite Allan Kardec	<a href="http://www.groupespiriteallankardeclux.c">www.groupespiriteallankardeclux.c</a>

o		om
México	Consejo Espírita de México	<a href="http://www.espiritismoenmexico.org">www.espiritismoenmexico.org</a>
Moçambique	União Espírita de Moçambique	<a href="http://www.facebook.com/CEAK.MZ">www.facebook.com/CEAK.MZ</a>
Noruega	Gruppen for Spiritistiske Studier Allan Kardec	<a href="http://www.geeaknorge.com">www.geeaknorge.com</a>
Nova Zelândia	Allan Kardec Spiritist Group of New Zealand	<a href="http://www.allankardec.org.nz">www.allankardec.org.nz</a>
Panamá	Fraternidad Espírita Dios, Amor y Caridad	<a href="http://www.fedac.org.pa">www.fedac.org.pa</a>
Paraguai	Centro de Filosofia Espiritista Paraguayo	<a href="mailto:cefep.paraguay@gmail.com">cefep.paraguay@gmail.com</a>
Perú	Federación Espírita del Perú	<a href="mailto:feperu_espirita@yahoo.com">feperu_espirita@yahoo.com</a> <a href="mailto:rezkalah5@hotmail.com">rezkalah5@hotmail.com</a>
Portugal	Federação Espírita Portuguesa	<a href="http://www.feportuguesa.pt">www.feportuguesa.pt</a>
Reino Unido	British Union of Spiritist Societies	<a href="http://www.buss.org.uk">www.buss.org.uk</a>
Suécia	Svenska Spiritistiska Förbundet	<a href="mailto:spiritismen@hotmail.com">spiritismen@hotmail.com</a>
Suíça	Union des Centres d'Études Spiritistes en Suisse	<a href="http://www.ucess.ch">www.ucess.ch</a>
Uruguai	Federación Espírita Uruguaya	<a href="http://www.espiritismouruguay.com">www.espiritismouruguay.com</a>
Venezuela	Asociación Civil "Socrates"	<a href="http://www.venezuelaespirita.org">www.venezuelaespirita.org</a>

Alguns outros países mantêm relações com o CEI sem fazerem parte do conselho como membros efetivos como, por exemplo, Hungria, República Checa e Rússia.

## Mapa de Países Afiliados a CEI



Países Afiliados a CEI

Fonte: Autor

## Anexo C

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO  
BRASIL, NA SOCIEDADE ESPÍRITA FRATERNIDADE, PELO  
MÉDIUM FREDERICO JÚNIOR

Paz e amor sejam convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa Doutrina de paz e amor, de justiça e esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoem se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe que usemos de linguagem franca, rude mesmo, por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos muitas vezes com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos, que tomei para com o nosso Criador e Pai.

Sempre compassivo e bom, voltando os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade às palavras do seu amantíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que vem abertamente falar da revelação messiânica a essa mesma Humanidade esquecida do seu imaculado Filho aquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho, precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da inteligência humana para compreendê-lo em Espírito.

Por toda parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa Nova.

Todos foram chamados, a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia que não quer a morte do pecador — que não quer o extermínio dos ingratos — que antes os quer ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos!

Sendo assim, a esse pedaço de terra a que chamais Brasil, foi dada também a revelação da revelação, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — DEUS, CRISTO E CARIDADE. Forte pela sua dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos seus trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão das pombas; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor —, pudessem adorar o Pai em espírito e verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, oh! misérias humanas! A semelhança de sementes lançadas no pedregulho, eles não encontram terra boa para as suas raízes e quando aquele Anjo Bom — aquele Enviado do Eterno — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões — foram-se encravando na rocha, apesar do orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação!

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, a indiferença cavou sulcos, a justiça se chamou injustiça, a fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

Assim, quando os inimigos da luz, quando o Espírito das trevas julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da trindade divina, quando a voz iníqua já reboava no espaço glorificando o reino das trevas e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse uma pequena tenda de combate com o nome — FRATERNIDADE!

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que recebiam a semente no pedregulho!

Certos de que acaso é palavra sem sentido e testemunha dos fatos que determinam o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agrupar, ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael, único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta, único que tem toda a responsabilidade da sua marcha e do seu desenvolvimento.

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra FRATERNIDADE!

Não é um termo, é um fato; não é sua palavra vazia, é um sentimento sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua grandeza extraordinária!

Ismael tem o seu Templo e sobre ele a sua bandeira Deus, Cristo e Caridade! Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram como a verdade. Chama-se FRATERNIDADE!

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é Deus, Cristo e Caridade?

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto convosco naquilo que vou dizer: — O vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a Doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem método, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a Doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que encontrando-vos

desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará, com todo o peso da sua iniquidade.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota porquanto — vede bem, o que não podeis fazer com o Evangelho — unir-vos pelo amor do bem — fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — revelação da revelação — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos, em face da Doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elementos contam eles na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidades?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos — em que canto da Terra construístes a grande muralha contra o mal, contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tenhais perdido? Que repouseis sobre as outras que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundado de todos os dias, os vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídas pela traça — tocados pelo bolor dos vossos arquivos repletos de comunicações?

Se assim é, e agora não há voltar atrás, porque já tendes a mão no arado, onde a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se entregues a vós mesmos, julgando-vos possuidores de grandes conhecimentos doutrinários, afastais, pela prática das vossas obras,

aqueles que até hoje têm procurado incessantemente colocar-vos debaixo do grande lábaro — Deus, Cristo e Caridade?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais, ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já desse modo um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha à propaganda que fazeis?

Mas para a propaganda precisamos dos elementos constitutivos dela. Pergunto: — onde a Escola dos Médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir na outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheio dessa seriedade, que dá uma idéia exata da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades, individuais e coletivas, se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam, julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que repassa profundamente o seu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance.

Se completa não está a minha missão na terra, se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a Doutrina que aí me foi revelada, dando vos nossos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências, se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, se produzirdes

um trabalho na altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude do amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para a emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da ciência e da religião, como também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estrito limite da boa vontade e da propaganda sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de N.S. Jesus Cristo quando disse que a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminei todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, Templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então sim; — distribuí a luz, ela vos pertence.

E vos pertence porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço — uma brilhante conquista do vosso Espírito empenhado nas lutas sublimes da verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto maravilhoso, nunca, porém, deixarão as impressões suaves da verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição pela base do vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos Espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos profanos livros que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá

socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se à lâmpada do vosso

Espírito faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada de Jesus Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo feliz consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que virão como últimos, a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

Esses pontos do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda, apesar da revelação, não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que ressoa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — os tempos são chegados! — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos Espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituís sermos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens como criaturas cheias de ambições que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e a satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar no reino de Deus coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria o não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis que credes: seria zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não há salvação. Sem fraternidade não pode haver união.

Uni-vos, pois, pela fraternidade debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto. Aqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o individuo bem intencionado e verdadeiramente cristão.

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi: se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliarees e a expansão dos fluidos, aí tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos. Virei, em novos termos, se for preciso, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da vossa Doutrina é o maior escolho lançado no vosso caminho, é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante e será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério que se exige daqueles que se empenham numa tão grande causa.

Permita Deus que os espíritas, a quem falo, que os homens, a quem foi dada a graça de conhecerem em Espírito e verdade a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, tenham a boa vontade de me compreender, a boa vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

Allan Kardec

## Anexo D

## Ata do Pacto Áureo

Ata da reunião entre os diretores da Federação Espírita Brasileira e os representantes de várias Federações e Uniões de âmbito estadual: Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e quarenta e nove (1949) na sede da Federação Espírita Brasileira, à Avenida Passos, nº 30, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, Brasil, presentes o Sr. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da F.E.B., e demais signatários desta, após se dirigirem ao Alto, em prece, suplicando bênçãos para todos os obreiros da Seara Espírita do Brasil, bem como para toda a Humanidade, e depois de longo e coordenado estudo do Movimento Espírita Nacional, a que pertencem, acordaram em aprovar os seguintes itens, “ad referendum” das Sociedades que representam: 1º) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo. – 2º) A F.E.B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa. – 3º) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho. – 4º) Se isso não for possível, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho. – 5º) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos. – 6º) Considerando que desde a sua fundação a F.E.B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu órgão – “Reformador”- fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional. – 7º) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas espíritas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira. – 8º) No caso de haver mais de uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que se reúnam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodízio e automaticamente pelo presidente de cada uma delas, substituídos que serão, anualmente, no dia 1º de Janeiro de cada ano. – 9º) Anualmente, em sua primeira reunião do mês

de Agosto, o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Diretoria da FEB, será entregue ao tesoureiro dessa. – 10º) Cabe à Federação Espírita Brasileira entrar com cinquenta per cento do que for determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cinquenta per cento ser distribuídos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho. – 11º) Na escrita da F.E.B. o seu tesoureiro deverá criar um título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a finalidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que, de forma alguma, poderão ser aplicadas senão por deliberação do dito Conselho. – 12º) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificará, aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil. – 13º) Deverá ser organizado um quadro de pregadores espíritas, composto de sócios das sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de caráter puramente Espírita – 14º) Se possível, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a difícil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à sementeira cristã. – 15º) Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalhos seu individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo conselho. – 16º) Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem. – 17º) Sempre que possível, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedades. – 18º) Se alguma colidência encontrar, pedirá ele se convoque a diretoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho. E nada mais havendo, eu, Oswaldo Mello, servindo de secretário, a escrevi e datilografei, assinando-a juntamente com os componentes da 5 reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. E, para constar, fiz esta, que subscrevo, aos cinco dias do mês e ano referidos. A) Oswaldo Mello, secretário. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação

Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Roberto Pedro Michelena; Felisberto do Amaral Peixoto; Marcírio Cardoso de Oliveira; Jardelino Ramos; Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo – Vinícius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira. Em tempo: Depois de assinado o presente documento, o presidente Wantuil de Freitas, após manifestar o seu regozijo pelo histórico acontecimento, com palavras cheias de fé e de esperança nos destinos gloriosos do Brasil Espírita, convidou o confrade Pedro Camargo – Vinícius a proferir a prece final, de encerramento dos trabalhos, o que foi feito, fervorosamente, em súplica ardente aos Espíritos Superiores, aos quais rogou assistência e iluminação para o desenvolvimento rápido dos nossos trabalhos, na semeadura do bem e do amor, em torno do Mestre e Senhor, Eu, Oswaldo Mello, subscrevo e assino, como testemunho da verdade: Oswaldo Mello.

## Anexo E

## Quadros resumos das atuações dos quatro intelectuais

Nome	Formação	Trabalho	Atuação no Espiritismo
Deolindo Amorim	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jornalismo</li> <li>▪ Graduação em Filosofia</li> <li>▪ Aluno ouvinte em Sociologia, Filosofia, Ciências Sociais, Metodologia, Pesquisas Sociológicas e Economia</li> <li>▪ Sociedade Brasileira de Filosofia</li> <li>▪ Autodidata</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jornal do Comércio</li> <li>▪ Gazeta Judiciária</li> <li>▪ Instituto Pedagógico (RJ)</li> <li>▪ Digesto Econômico</li> <li>▪ Revista de Estudos Pedagógicos</li> <li>▪ Revista do IHG da Bahia</li> <li>▪ Sócio remido da ABI</li> <li>▪ Jornal A Vanguarda</li> <li>▪ Jornal O Radical</li> <li>▪ Ministério da Fazenda</li> <li>▪ Funcionário Público</li> <li>▪ Jornalista profissional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Presidente e Fundador do ICEB</li> <li>▪ Jornal Mundo Espírita (Editor, Secretário, Colunista)</li> <li>▪ RIE</li> <li>▪ O Clarim</li> <li>▪ Reformador</li> <li>▪ Jornal Almenara</li> <li>▪ Escritor</li> <li>▪ Conferencista</li> <li>▪ Palestrante</li> <li>▪ Polemista</li> <li>▪ Liga Espírita do Brasil – Secretário, Procurador – Secretário – Vice-Presidente</li> <li>▪ Fundador e Presidente da ABRAJEE</li> <li>▪ Coluna no Jornal Vanguarda</li> <li>▪ RIB – Editor, Secretário, Colunista</li> <li>▪ Fundador e Conselheiro da Fundação Cristã Espírita Cultural</li> </ul>

			<p>Paulo de Tarso - Rádio Rio de Janeiro</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Promoção do "I Congresso de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil" em 1948</li> <li>▪ Criação do "Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas".</li> <li>▪ Diretor Técnico da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos - Presidente</li> <li>▪ Fundador do C.E. 18 de abril</li> <li>▪ Curso Regular de Espiritismo</li> <li>▪ Pioneiro nas transmissões radiofônicas no Rio</li> <li>▪ Idealizou e dirigiu o I Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas 1939</li> <li>▪ Reuniões na casa de Imbassahy e família</li> <li>▪ 1949 - CEPA - II Congresso Espírita</li> </ul>
--	--	--	--

			<p>Panamericano - Secretário.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Participou do I ao VIII Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas.</li><li>▪ "Escola de Niterói"</li></ul> <p>Reuniões na casa de Carlos Imbassahy apelido dado por Herculano Pires.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Espiritismo como Cultura - Curso Regular de Espiritismo</li><li>▪ Participante nas Semanas Espíritas em várias cidades.</li></ul> <p>Publicou livros: FEB, LAKE, Mundo Espírita, FEP, Calvário, ECO, Édipo, Luzes, EDICEL, Instituto Maria, EDILAR, Lar ABC, CELD, USE, O Clarim, Ghignome.</p>
--	--	--	---

---

Nome	Formação	Trabalho	Atuação no Espiritismo
Carlos Imbassahy	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jornalismo</li> <li>▪ Direito</li> <li>▪ Poliglota</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Funcionário Público (M. da Fazenda)</li> <li>▪ Jornal do Comércio</li> <li>▪ Revista da Estrada de Ferro (Funcionário da Central do Brasil)</li> <li>▪ Diário do Comércio de Niterói (Redator-chefe)</li> <li>▪ Diário Fluminense.</li> <li>▪ Promotor</li> <li>▪ Tradutor</li> <li>▪ Estatístico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ FEB – Diretor - Passista</li> <li>▪ ICEB</li> <li>▪ Escritor</li> <li>▪ Conferencista</li> <li>▪ Palestrante</li> <li>▪ Polemista</li> <li>▪ Jornal Mundo Espírita – Editor, Secretário, Colunista</li> <li>▪ RIE</li> <li>▪ O Clarim</li> <li>▪ Reformador (Secretário, Redator)</li> <li>▪ Jornal Aurora</li> <li>▪ Almenara</li> <li>▪ Liga Espírita do Brasil</li> <li>▪ Conferencista</li> <li>▪ I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (Idealizador)</li> <li>▪ Presidente da FEERJ (vários cargos)</li> <li>▪ Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos</li> <li>▪ TV Continental do Rio</li> <li>▪ Fundador do C. E. Trabalhadores da Verdade.</li> </ul>

			<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Pioneiro nas transmissões radiofônicas no Rio.</li><li>▪ Participou do I ao IV Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas<ul style="list-style-type: none"><li>▪ "Escola de Niterói"</li></ul></li><li>Reuniões em sua casa apelido colocado por Herculano Pires.</li><li>▪ Participante nas Semanas Espíritas em várias cidades</li><li>▪ Improviso de Teatro Espírita com apoio de Leopodo Machado.</li><li>▪ Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista em Marília (Participante) Junto com Herculano Pires</li><li>▪ Publicou livros: FEB, LAKE, Mundo Espírita, FEP, Calvário, ECO, Édipo, Luzes, EDICEL, Ghignome. EDILAR, CELD,</li></ul>
--	--	--	--

			USE, O Clarim.
--	--	--	----------------

Nome	Formação	Trabalho	Atuação no Espiritismo
Leopoldo Machado	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jornalismo</li> <li>▪ Autodidata</li> <li>▪ Professor</li> <li>▪ Escritor</li> <li>▪ Poeta</li> <li>▪ Cronista</li> <li>▪ Contista</li> <li>▪ Memorialista</li> <li>▪ Biógrafo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Empresário dono do Colégio Leopoldo</li> <li>▪ Colaborador de revistas e jornais em Salvador (Década de 10 - 1918/19)</li> <li>▪ jornalista, escritor, poeta, teatrólogo, polemista, professor, orador e conferencista espírita (A - 19).</li> <li>▪ Poeta com livros publicados</li> <li>▪ Crítico literário do jornal "Diário da Bahia".</li> <li>▪ Colaborador de jornais e revistas espíritas no RJ já na década de 20</li> <li>▪ Jornal "O Correio da Lavoura" - Nova Iguaçu (Colunista). Publicou artigos no</li> <li>▪ Diretor do</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Escritor</li> <li>▪ Poeta</li> <li>▪ Cronista</li> <li>▪ Contista</li> <li>▪ Conferencista</li> <li>▪ Teatrólogo</li> <li>▪ Polemista</li> <li>▪ Editora Lar de Jesus (fundador)</li> <li>▪ Liga Espírita do Brasil</li> <li>▪ UEB (secretário)</li> <li>▪ Jornal Vanguarda (colunista)</li> <li>▪ RIE</li> <li>▪ O Clarim</li> <li>▪ Reformador</li> <li>▪ REB</li> <li>▪ Almenara</li> <li>▪ I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (Idealizador)</li> <li>▪ Atuou C.E. Fé, Esperança e Caridade - presidente por quase 20 anos</li> <li>▪ Hospital Pedro de Alcântara no</li> </ul>

		<p>Colégio Nacional</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Colégio Olavo Bilac (proprietário)</li> <li>▪ A Pátria (colunista)</li> <li>▪ Vanguarda (colunista)</li> <li>▪ O Malho</li> <li>▪ Operário</li> <li>▪ Garçom</li> </ul>	<p>RJ (Idealizador)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pioneiro nas transmissões radiofônicas no Rio</li> </ul> <p>atuou em 1940 na Hora Espírita Radiofônica e também na Hora Espiritualista</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Criador do "Lar de Jesus"</li> <li>▪ 1ª Festa Nacional do Livro Espírita em 18 de abril 1947 (Idealizador)</li> <li>▪ I Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas</li> <li>▪ Albergue Noturno Allan Kardec</li> <li>▪ Em 1948 participou como um dos membros mais ativos do Congresso Brasileiro de Unificação em São Paulo</li> <li>▪ Idealizou e realizou o 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil entre 17 e 23 de julho de 1948</li> </ul>
--	--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Campanha Espiritismo de Vivos</li> <li>▪ Albergue Noturno Allan Kardec (Criador e fundador) ▪</li> <li>▪ Pacto Áureo</li> <li>▪ Caravana da Fraternidade 1950</li> <li>▪ Escola de Alfabetização João Batista (fundador)</li> <li>▪ Teatro Espírita (TELMA)</li> <li>▪ Participou do 1º Congresso Espírita Mineiro (julho de 1944 em BH)</li> <li>▪ "Escola de Niterói"</li> <li>Reuniões na casa de Carlos Imbassahy apelido colocado por Herculano Pires.</li> <li>▪ Revista Estudos Psíquicos (Lisboa - Portugal). (colunista)</li> <li>▪ Escreve e compõe músicas espíritas</li> <li>▪ Publicou livros: FEB, LAKE, Mundo Espírita,</li> </ul>
--	--	--

			FEP, Calvário, ECO, Édipo, Luzes, EDICEL, CELD, USE, O Clarim.
--	--	--	--

Nome	Formação	Trabalho	Atuação no Espiritismo
José Herculano Pires	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jornalismo</li> <li>▪ Filósofo</li> <li>▪ Parapsicólogo</li> <li>▪ Educador</li> <li>▪ Romancista</li> <li>▪ Escritor</li> <li>▪ Poeta</li> <li>▪ Cronista</li> <li>▪ Contista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Diário Associados</li> <li>▪ Diário da Noite</li> <li>▪ Última Hora</li> <li>▪ Jornal de Notícias</li> <li>▪ Diário de São Paulo</li> <li>▪ Vários Jornais na cidade de Marília (SP)</li> <li>▪ Jornal Diário Paulista (Dono)</li> <li>▪ Folha da Manhã</li> <li>▪ Jornal de São Paulo</li> <li>▪ Foi presidente da Associação dos Cronistas Parlamentares da Câmara Municipal de São Paulo</li> <li>▪ Presidente da Academia Paulista de Jornalismo</li> <li>▪ Diário de São</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ RIE</li> <li>▪ O Clarim</li> <li>▪ Conferencista espírita</li> <li>▪ Fundador do C.E. Humberto de Campos</li> <li>▪ Jornal "O Kardecista" órgão oficial do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo</li> <li>▪ Diário de São Paulo Criação do Comando Jornalístico do Diário da Noite</li> <li>▪ Através do Clube ministrou diversos cursos sobre cultura espírita e não-espírita</li> <li>▪ Realizou o 2º Congresso Brasileiro de Jornalistas e</li> </ul>

		<p>Paulo (colunista)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Faculdade de Filosofia de Araraguara</li> <li>▪ Instituto Brasileiro de Filosofia (professor)</li> <li>▪ Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (presidente – secretário)</li> <li>▪ Jornal O Povir</li> <li>▪ Revista da Semana</li> <li>▪ O Malho</li> <li>▪ Correio de Botucatu</li> <li>▪ UAI – União Artística do Interior (fundador)</li> <li>▪ Correio de Sorocaba</li> <li>▪ Jornal Cruzeiro do Sul</li> <li>▪ A Cigarra</li> <li>▪ Instituto Paulista de Parapsicologia (fundador)</li> <li>▪ Editora Pensamento</li> <li>▪ Editora Civilização Brasileira</li> <li>▪ Cultrix</li> <li>▪ Tradutor</li> <li>▪ Tipógrafo</li> </ul>	<p>Escritores Espíritas, dezanove anos depois.</p> <p>3º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas (presidente)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ ICEB</li> <li>▪ I Congresso Espírita da Alta Paulista em Marília (planificou e secretariou).</li> <li>▪ USE (Fundador)</li> <li>▪ "Escola de Niterói"</li> </ul> <p>Reuniões na casa de Carlos Imbassahy apelido colocado por Herculano Pires.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ I Congresso Educacional Espírita Paulista 1949 (secretário)</li> <li>▪ Instituto Espírita de Educação (secretário)</li> <li>▪ II Congresso Estadual Espírita de São Paulo 1950</li> <li>▪ I Congresso Brasileiro de</li> </ul>
--	--	--	--

			<p>Unificação Espírita (organizador)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pioneiro da Pedagogia Espírita</li> <li>▪ Instituto Espírita de Educação (diretor)</li> <li>▪ Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo (fundador – diretor)</li> <li>▪ Revista Educação Espírita (fundador – editor)</li> <li>▪ Campanha do Livro Espírita</li> <li>▪ Assessor da escritora Ivani Ribeiro nas novelas A Viagem e O Profeta.</li> <li>▪ Radio Mulher Rádio Difusora Platinense</li> <li>▪ Publicou livros: Paideia, Cairbar, DICESP, Correio Fraternal ABC, FEB, LAKE, Mundo Espírita, FEP, Calvário, ECO, Édipo, Luzes, EDICEL, CELD, USE, O</li> </ul>
--	--	--	---

			Clarim.
--	--	--	---------

## Anexo F Cronologia

### 1804

Nasce no dia 3 de outubro, na cidade de Lyon, Hippolyte Léon Denizard Rivail – Allan Kardec<sup>966</sup>.

### 1857

Publicado na França “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

### 1858

A 1º de janeiro Kardec lança o primeiro número da "Revue Spirite" (Revista Espírita), jornal de estudos psicológicos. Contendo o relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo.<sup>967</sup> Foi fundada, em 1º de abril, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.<sup>968</sup>

### 1860

Surge a primeira publicação espírita impressa no Brasil: “Lês temps sont arrivés” patrocinada pelo professor Cassimir Lieutaud.<sup>969</sup>

### 1861

Publicado na França “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec. É publicado O Livro dos Médiuns. Deu-se na Espanha o Auto-de Fé de Barcelona, onde foram queimados várias obras espíritas encomendadas por Maurice Lachâtre.<sup>970</sup>

### 1864

Publicado na França “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

### 1865

---

<sup>966</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo**. Santos – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2010. p.568.

<sup>967</sup> CHIBENI, Sílvio Seno. Sinopse dos Principais Fatos Referentes às Origens do Espiritismo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2.039, p. 36, fev. 1999.

<sup>968</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.572.

<sup>969</sup> Idem.

<sup>970</sup> Idem.

Em Salvador, no Estado da Bahia, Teles de Menezes fundou o primeiro núcleo espírita do país “Grupo Familiar do Espiritismo”.<sup>971</sup> Publicado na França “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec. No Estado da Bahia foi dada oficialmente nos moldes kardecistas a primeira comunicação Espírita no Brasil, no Grupo Familiar do Espiritismo.<sup>972</sup>

### 1866

Em maio de 1866, foi lançada, na França, a primeira edição de “Os Quatro Evangelhos”.<sup>973</sup>

Uma parte do livro “Livro dos Espíritos” foi traduzida pela primeira vez no Brasil, em Salvador (BA), por Teles de Menezes.<sup>974</sup>

### 1868

Publicado na França “A Gênese”, de Allan Kardec.

### 1869

Allan Kardec desencarna, em 31 de março, aos 65 anos, vítima da ruptura natural de um aneurisma.<sup>975</sup> Fundação do primeiro periódico de cunho espírita do Brasil, em julho de 1869, “O Eco d’Além-Túmulo”, em Salvador no Estado da Bahia.<sup>976</sup>

### 1871

O cientista Willian Crookes leva à Academia Real de Londres o relato de suas conclusões sobre a veracidade dos fenômenos espíritas.<sup>977</sup>

### 1873

Fundação em 2 de agosto de 1873 o “Grupo Confucius”, sendo a primeira entidade jurídica do Espiritismo no Brasil<sup>978</sup>.

Entre os anos de 1873 e 1876 o Dr. Joaquim Carlos Travassos, no Rio de Janeiro, realizou a tradução da quatro obras de Kardec: “O Livro dos Espíritos”, “O Livros dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “O Céu e o Inferno”.<sup>979</sup>

---

<sup>971</sup> WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro:FEB,1969.p. 570.

<sup>972</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.573.

<sup>973</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.108.

<sup>974</sup> Idem.

<sup>975</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

<sup>976</sup> WANTUIL. Op. Cit. p.576.

<sup>977</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

<sup>978</sup> ABREU. Op. Cit. p.29.

<sup>979</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.108.

## 1875

O Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, noticia a publicação de O Livro dos Espíritos, em português, sendo o editor o francês B. L. Garnier. Antonio Silva Neto funda no Rio a “Revista Espírita”, primeiro órgão carioca no gênero.<sup>980</sup>

## 1876

Em abril de 1876 foi fundada a primeira sociedade kardecista regular do Rio de Janeiro a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade” tendo entre seus membros Bittencourt Sampaio e posteriormente Antônio Luiz Sayão, ambos considerados os maiores expoentes do Roustainguismo<sup>981</sup>.

## 1877

Em razão de divergências no interior da “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”, retira-se desta a “Congregação Anjo Ismael”.<sup>982</sup>

## 1878

Em razão de divergências no interior da “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade” retira-se desta o “Grupo Espírita Caridade”.<sup>983</sup>

## 1879

A “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade” transformou-se em “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade” de caráter eminentemente “científico”.<sup>984</sup>

## 1880

Os “místicos” se reorganizam em março invocando a liderança do espírito Ismael na “Sociedade Espírita Fraternidade” tendo como presidente J.P. do Nascimento e como vice-presidente João Kahl, tradutor da primeira versão em português da obra de Roustaing.

---

<sup>980</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

<sup>981</sup> ABREU. Op. Cit. p.33-34; ACQUARONE Op. Cit. p.49.

<sup>982</sup> ABREU. Op. Cit. p.33-34

<sup>983</sup> Ibidem p.34-35

<sup>984</sup> MARTINS. Op. Cit. 40; ABREU. Op. Cit. p.33-34; ACQUARONE Op. Cit. p.49.

Quatro meses depois, em julho, ocorreu uma nova separação, quando Antônio Luiz Sayão fundou o “Grupo dos Humildes”, cujo programa era o estudo de “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing.

No interior da “Sociedade Espírita Fraternidade”, onde o estudo do “O Evangelho Segundo Espiritismo” de Kardec era obrigatório, ocorreu a mais antiga divergência entre kardecistas e roustaingistas, onde estes últimos após fracassarem na tentativa de imporem suas teorias, abandonaram a sociedade e foram para o “Grupo dos Humildes”, futuro “Grupo do Anjo Ismael”<sup>985</sup>.

### 1881

A polícia proíbe a realização de sessões da Sociedade “Deus, Cristo e Caridade” em 28 de agosto. O Imperador D. Pedro II recebeu em audiência uma comissão espírita. Foi realizado na corte o I Congresso Espírita do Brasil.<sup>986</sup>

### 1883

Augusto Elias da Silva fundou no Rio de Janeiro o “Reformador” jornal quinzenal, que no próximo ano tornar-se-ia o órgão oficial da FEB<sup>987</sup>.

### 1884

Fundação da FEB em 1 de janeiro de 1884, tendo como primeiro presidente o Marechal F.R. Ewerton Quadros, tradutor, no ano anterior, da obra de Roustaing<sup>988</sup>.

### 1885

O “Grupo dos Humildes” em setembro de 1885 passa a se chamar “Grupo Ismael” ou “Grupo dos Estudos Evangélicos do Anjo Ismael”, mantendo o mesmo programa, sob a direção de Sayão e Bitencourt<sup>989</sup>.

### 1886

Bezerra de Menezes adere publicamente ao Espiritismo<sup>990</sup>.

### 1887

---

<sup>985</sup> ABREU. Op. Cit. p.48.

<sup>986</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.574.

<sup>987</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.64 e 298.

<sup>988</sup> MARTINS. Op. Cit. p.43.

<sup>989</sup> MARTINS. Op. Cit. p.40-43; ABREU. Op. Cit. p.33 e 45.

<sup>990</sup> WANTUIL, Zeus. Grandes Espíritos do Brasil. Rio de Janeiro:FEB,1969.p.233.

No dia 23 de outubro Bezerra de Menezes começa uma série de artigos no jornal “O Paíz”, com o pseudônimo de Max, sob o comando da “União Espírita do Brasil”<sup>991</sup>.

### 1888

Na Espanha, em Barcelona, realizou-se o 1º Congresso Espírita Internacional.<sup>992</sup>

### 1889

Bezerra de Menezes assume a presidência da FEB pela primeira vez<sup>993</sup>.

### 1889

O novo Código Penal da República considera crime a prática do Espiritismo e também criminaliza as atividades de cura através de pessoas não habilitadas oficialmente<sup>994</sup>.

### 1889

Na França, em Paris, na Loja Maçônica Grande Oriente da França, Léon Denis defende as teses kardequianas durante a realização do 2º Congresso Espiritualista Internacional.<sup>995</sup>

### 1890

Publicado na França “As Obras Póstumas”, de Allan Kardec.

### 1891

A nova Constituição Federal garante ampla liberdade religiosa<sup>996</sup>. O novo Código Penal Brasileiro enquadra genericamente a prática do Espiritismo como crime.<sup>997</sup>

### 1895

Após a renúncia de Júlio César Leal, Bezerra de Menezes assume a presidência da FEB, pela segunda vez, com plenos poderes e inclui “Os Quatro Evangelhos” nos estatutos da Casa de Ismael (FEB). Essa atitude

---

<sup>991</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.298.

<sup>992</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.575.

<sup>993</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.298.

<sup>994</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.299.

<sup>995</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.575.

<sup>996</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.109.

<sup>997</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.575.

formal foi um fortalecimento do estado de fato<sup>998</sup>. Ainda neste ano temos a publicação de “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão, editado pela FEB. Bezerra de Menezes comenta este trabalho num de seus artigos na imprensa: “O Livro de Sayão é um resumo de Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec” no jornal “A Gazeta de Notícias” de 06/04/1897<sup>999</sup>.

### 1898

Em janeiro de 1898 o Dr. Bezerra de Menezes começa a publicar no “Reformador” a tradução de “Os Quatro Evangelhos” feita pelo Marechal F.R. Ewerton Quadros<sup>1000</sup>.

### 1900

No dia 11 de abril morreu Bezerra de Menezes. Entre as suas realizações na FEB em seis anos como presidente, podemos citar: a inclusão do “Grupo Ismael” como núcleo espiritual desta instituição e iniciou a publicação de “Os Quatro Evangelhos” nas páginas do “Reformador”<sup>1001</sup>. Assumiu a presidência da FEB o seu vice-presidente: Leopoldo Cirne<sup>1002</sup>.

### 1902

Leopoldo Cirne retirou a obrigatoriedade do estudo de “Os Quatro evangelhos” do estatuto da FEB<sup>1003</sup>.

### 1904

A 3 de outubro de 1904, em comemoração ao centenário do nascimento de Kardec, reuniram-se no Rio de Janeiro, a convite da Federação, os representantes dos Centros e Sociedades Espíritas de onze Estados brasileiros, além de representantes das instituições da Capital Federal. Neste encontro aprovou-se uma resolução que ficou conhecida como as “Bases de Organização Espírita”, documento que passou a orientar a marcha do movimento espiritista em todo o Brasil.<sup>1004</sup>

### 1907

---

<sup>998</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.299 ; MARTINS. Op. Cit. p.49.

<sup>999</sup> MARTINS. Op. Cit. p.53 – 54.

<sup>1000</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.300 ; MARTINS. Op. Cit. p.49.

<sup>1001</sup> MARTINS. Op. Cit. p.52.

<sup>1002</sup> Ibidem p.53.

<sup>1003</sup> MARTINS. Op. Cit. p.53 – 54.

<sup>1004</sup> SOUZA, Juvanir Borges de. União e Unificação. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2092, p. 6, out. 2003.

É publicada pela FEB a obra considerada a complementação de Os Quatro Evangelhos: “Do Calvário ao Apocalipse”, de Bittencourt Sampaio, através do médium: Frederico P.S.JR<sup>1005</sup>.

### 1908

Continuam no interior da sede da FEB as sessões públicas de estudo dos livros “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e sessões fechadas de estudo de “*Os Quatro Evangelhos*”<sup>1006</sup>.

### 1909

A FEB publica a 1ª edição de “Os quatro Evangelhos”, tradução de Guillon Ribeiro<sup>1007</sup>.

### 1917

Aristides Spínola presidente da FEB, eleito em 1914, recoloca a obra de Roustaing nos seus estatutos. Emenda aprovada nas sessões extraordinárias dos dias 29 de novembro e 3 de dezembro deste ano e a seguir inscrita no 1º registro especial de títulos e documentos<sup>1008</sup>.

### 1920

Realiza-se sessões públicas com estudo de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing e de “O Livro dos Espíritos” de Kardec<sup>1009</sup>. Foi editada a 2ª edição de “Os quatro Evangelhos” com a tradução de Guillon Ribeiro<sup>1010</sup>.

### 1921

Guillon Ribeiro assume neste ano a presidência da FEB<sup>1011</sup>.

### 1925

Surge em Matão-SP a “Revista Internacional do Espiritismo” lançada por Caibar Schutel. Em Paris, Léon Denis defende a tese do Espiritismo Religioso no III Congresso Internacional Espírita.<sup>1012</sup>

---

<sup>1005</sup> MARTINS. Op. Cit. p.55.

<sup>1006</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.302.

<sup>1007</sup> MARTINS. Op. Cit. p.55.

<sup>1008</sup> Ibidem. p. 58.

<sup>1009</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.305.

<sup>1010</sup> MARTINS. Op. Cit. p.58.

<sup>1011</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.306

<sup>1012</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.577.

### 1926

Convocação da “Constituinte Espírita Brasileira” da qual resultou a criação da “Liga Espírita do Brasil”, com propósitos de unificação do movimento em escala nacional<sup>1013</sup>.

### 1930

Realiza-se sessões públicas com estudo de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing e de *O Livro dos “Espíritos”* de Kardec<sup>1014</sup>.

### 1933

Publicado o primeiro livro de Chico Xavier “Parnaso de além túmulo”, obra atribuída a diversos espíritos de literatos.<sup>1015</sup>

### 1934

A Prefeitura da capital federal, através de Pedro Ernesto, assina decreto reconhecendo a Federação Espírita Brasileira como entidade de utilidade pública. Manuel Porteiro e Humberto Mariotti destacam-se no 5º Congresso Internacional de Espiritismo, em Barcelona, com suas teses sobre problemas sociais.<sup>1016</sup>

### 1937

Com a criação do Estado Novo (1937 – 1945) a repressão ao Espiritismo aumentou.<sup>1017</sup>

A FEB foi fechada por 72 horas por ordem policial, em razão de portarias emitidas pelo Estado as quais restringiam a liberdade de crença e também obrigaram os grupos Espíritas a obterem registro policial para seu funcionamento.<sup>1018</sup>

### 1938

Foi publicado o livro “Brasil coração do mundo pátria do evangelho” de Chico Xavier, obra atribuída ao espírito de Humberto de

---

<sup>1013</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.69.

<sup>1014</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.309.

<sup>1015</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.111.

<sup>1016</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.578.

<sup>1017</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.111.

<sup>1018</sup> GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono04.html>. Acessado em: 20/01/2007.

Campos, considerado um dos mais importantes livros do Espiritismo Brasileiro, citado nominalmente no Pacto Áureo.

### 1940

Realiza-se sessões públicas com estudo de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing e de “O Livro dos Espíritos” de Kardec<sup>1019</sup>. Reforma do Código Penal descriminaliza o Espiritismo<sup>1020</sup>.

### 1941

A FEB foi obrigada a fechar suas portas por ordem policial mais uma vez<sup>1021</sup>.

### 1942

Na gestão do presidente Guillon Ribeiro sai a 3ª edição de “Os quatro Evangelhos”<sup>1022</sup>.

### 1944

A FEB e o médium Chico Xavier são processados pela família do escritor Humberto de Campos.<sup>1023</sup>

### 1945

Fundação da União Social Espírita (USE) no Estado de São Paulo<sup>1024</sup>.

### 1946

Em abril realizou-se o Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, sobre a presidência de Urbano de Assis Xavier e J. Herculano Pires. Foi realizado em Buenos Aires, Argentina, o Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano.<sup>1025</sup>

### 1947

Em Buenos Aires, Argentina, realizou-se o Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano<sup>1026</sup>.

---

<sup>1019</sup> GIUMBELLI. Op. Cit., p.312.

<sup>1020</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.112.

<sup>1021</sup> GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono04.html>. Acessado em: 20/01/2007.

<sup>1022</sup> MARTINS. Op. Cit. p.63.

<sup>1023</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.579.

<sup>1024</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.79.

<sup>1025</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.579.

<sup>1026</sup> GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono05.html>. Acessado em: 20/01/2007.

### 1949

Foi assinado o “Pacto Áureo”, documento através do qual criou-se o “Conselho Nacional”, órgão consultivo ligado diretamente a FEB, composto por representantes das várias federações estaduais. A Confederação Espírita Panamericana – CEPA realiza no Rio o seu II Congresso.<sup>1027</sup>

### 1950

A “Caravana da Fraternidade” percorreu as regiões norte e nordeste, objetivando levar à região os princípios do “Pacto Áureo” e a unificação do movimento.<sup>1028</sup>

### 1953

Realizou-se o III Congresso Espírita Panamericano. A sede da Federação Espírita Portuguesa é invadida por agentes do regime ditatorial salazarista e tem seus bens confiscados, além de ter destruída sua biblioteca composta por 12 mil volumes.<sup>1029</sup>

### 1954

Foi lançada a quarta edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.<sup>1030</sup>

### 1961

Universitários fundam nas cidades de Campinas, Santos, Sorocaba e São Paulo o MUV, Movimento Universitário Espírita.<sup>1031</sup>

### 1965

O Espiritismo foi perseguido pelas ditaduras instaladas tanto na Espanha quanto em Portugal. Deu-se o confisco e o desaparecimento da biblioteca da Federação Espírita Portuguesa, enquanto na Espanha os cultos religiosos não católicos eram proibidos.<sup>1032</sup>

### 1971

Foi lançada a 5ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.<sup>1033</sup>

---

<sup>1027</sup> Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2047, p. 7, out. 1999.

<sup>1028</sup> SANTOS, José Luiz dos. Op. Cit. p.113.

<sup>1029</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.580.

<sup>1030</sup> MARTINS; BARROS. Op. Cit. p.575.

<sup>1031</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.580.

<sup>1032</sup> Ibidem. p. 581.

<sup>1033</sup> MARTINS; BARROS. Op. Cit. p.575.

**1974**

J. Herculano Pires denuncia a publicação de uma edição adulterada de O Evangelho segundo o Espiritismo, publicada pela FEESP.

**1982**

Foi lançado pela primeira vez no Brasil através da editora EDICEL a coleção completa das obras de Allan Kardec, incluindo os 12 volumes da Revista Espírita referentes ao período em que esteve sob sua direção.<sup>1034</sup>

**1983**

Foi lançada a 6ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.<sup>1035</sup>

**1984**

Fundação do “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, em São José do Rio Preto no Estado de São Paulo, sob a liderança de José Queid Tufaile Huaixan.

**1988**

Foi lançada a 7ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.<sup>1036</sup>

**1992**

Após oito anos militando no interior do movimento espírita o “Grupo Espírita Bezerra de Menezes”, ainda sob a liderança de Huaixan criou o “Movimento de Reformas”.<sup>1037</sup> Criado por Raul Franzolin o primeiro grupo espírita na INTERNET (GEAE - Grupo de Estudos Avançados Espíritas)<sup>1038</sup>. Em 15 de outubro de 1992 nos Estados Unidos da América Raul Franzolin, brasileiro então radicado nos EUA, criou o primeiro grupo espírita na INTERNET (GEAE - Grupo de Estudos Avançados Espíritas)<sup>1039</sup>.

---

<sup>1034</sup> GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono05.html>. Acessado em: 20/01/2007.

<sup>1035</sup> MARTINS; BARROS. Op. Cit. p.576.

<sup>1036</sup> Idem.

<sup>1037</sup> **Quem Somos?** Disponível em <http://www.renovacaoocrista.org/quemsomos.htm> Acessado em 22/11/2007.

<sup>1038</sup> GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono06.html>. Acessado em: 20/01/2007.

<sup>1039</sup> Cronologia. Disponível em:<<

[http://bvespirita.com/Cronologia%20Espirita%20\(Carlos%20A.%20L%20Bernardo\).pdf](http://bvespirita.com/Cronologia%20Espirita%20(Carlos%20A.%20L%20Bernardo).pdf)>>.

Acessado em: 20/02/2016.

### 1994

Foi lançada a 8ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.<sup>1040</sup> Em 11 de abril de a Rede Globo, levou ao ar uma nova versão da novela "A Viagem" de Ivani Ribeiro, baseada na obra "E a vida continua..." de André Luiz, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier<sup>1041</sup>.

### 1996

A FEB deu início ao seu Projeto Internet com o lançamento de seu sítio na web, contendo a biografia de Allan Kardec e o "O Livro dos Espíritos" em formato PDF. Posteriormente, foram acrescentadas outras obras básicas da codificação nos idiomas: português, francês, inglês e espanhol.<sup>1042</sup>

### 1999

Foi lançada a 9ª edição de “Os quatro Evangelhos” de Roustaing.<sup>1043</sup>

### 2000

A USE realizou um encontro com 11 entidades espíritas a fim de elaborar uma “Carta de Intenções de Acordo de União pela Difusão da Doutrina Espírita”. A revista Veja publica em sua edição de 26 de julho, matéria “À nossa moda”, afirmando que a doutrina espírita só deu certo no Brasil e que os fenômenos de Hydesville foram fraudados.<sup>1044</sup>

### 2002

Em junho morreu em Uberaba (MG) Chico Xavier. Em setembro o “Movimento de Reformas” rompeu definitivamente com o Movimento Espírita, dando origem “A Renovação Cristã”.<sup>1045</sup>

### 2004

---

<sup>1040</sup> **Quem Somos?** Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 22/11/2007.

<sup>1041</sup> Cronologia. Disponível em:<<  
[http://bvespirita.com/Cronologia%20Espirita%20\(Carlos%20A.%20I.%20Bernardo\).pdf](http://bvespirita.com/Cronologia%20Espirita%20(Carlos%20A.%20I.%20Bernardo).pdf)>>.  
Acessado em: 20/02/2016.

<sup>1042</sup> GEAE. **Cronologia Espírita**. Disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/crono06.html>. Acessado em: 20/01/2007.

<sup>1043</sup> **Quem Somos?** Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 22/11/2007.

<sup>1044</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.583.

<sup>1045</sup> **Quem Somos?** Disponível em <<http://www.renovacaocrista.org/quemsomos.htm>> Acessado em 10/01/2008.

Em abril comemorou-se o centenário do nascimento de Allan Kardec. Alamar Régis Carvalho fundou em novembro “A Rede Visão” um canal de televisão espírita, funcionando 24 horas por dia. Após interrupção de alguns meses, voltou ao ar em 9 de dezembro de 2005. A Rede Visão tinha seu sinal captado por antena parabólica digital<sup>1046</sup>.

### 2006

A TV Mundo Maior, é uma emissora comercial pertencente a Fundação Espírita André Luiz (FEAL), fundada em 1º de janeiro de 2006, com uma programação voltada para a família e a educação, além de contar com programas informativos<sup>1047</sup>.

### 2008

Comemorou-se o sesquicentenário da Revista Espírita. Foi lançado com grande sucesso de público o filme “Bezerra de Menezes, Diário de um Espírito, visto por mais de 250.000 expectadores apenas no mês de seu lançamento.<sup>1048</sup>

### 2010

Foi lançado em comemoração ao centenário de nascimento de Chico Xavier um filme baseado na sua biografia e também o filme Nosso Lar, atingindo este último a marca de 2 milhões de expectadores apenas na segunda semana de exibição.<sup>1049</sup>

### 2011

Foi lançado com grande sucesso o filme “As Mães de Chico Xavier” baseado no livro "Por Trás do Véu de Ísis", de Marcel Souto

---

<sup>1046</sup> **Rede Visão.** Disponível em:<< [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_Vis%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Vis%C3%A3o)>>. Acessado em: 20/02/2016.

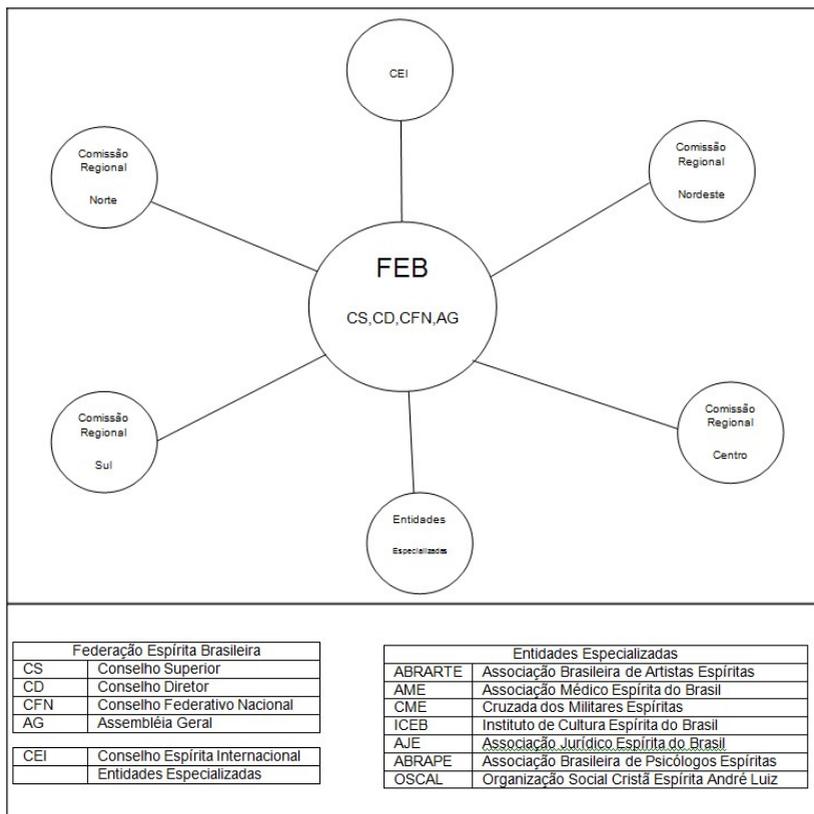
<sup>1047</sup> **TV Mundo Maior.** Disponível em:<< [https://pt.wikipedia.org/wiki/TV\\_Mundo\\_Maior](https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Mundo_Maior)>>. Acessado em: 20/02/2016.

<sup>1048</sup> SANTOS, Dalmo Duque dos. Op. Cit. p.584.

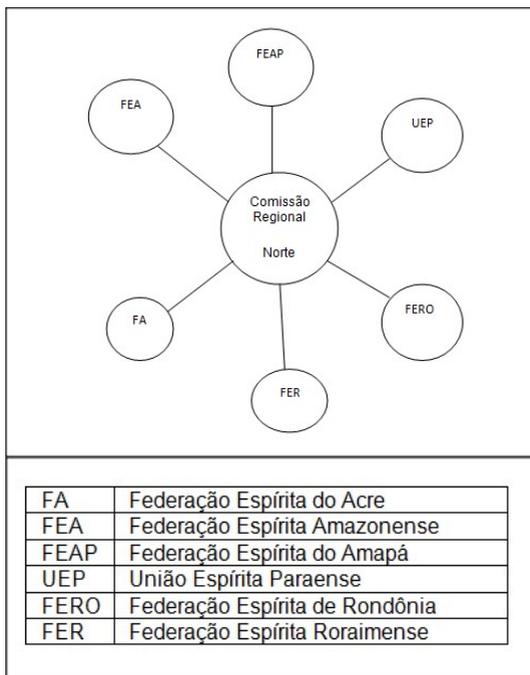
<sup>1049</sup> Idem.

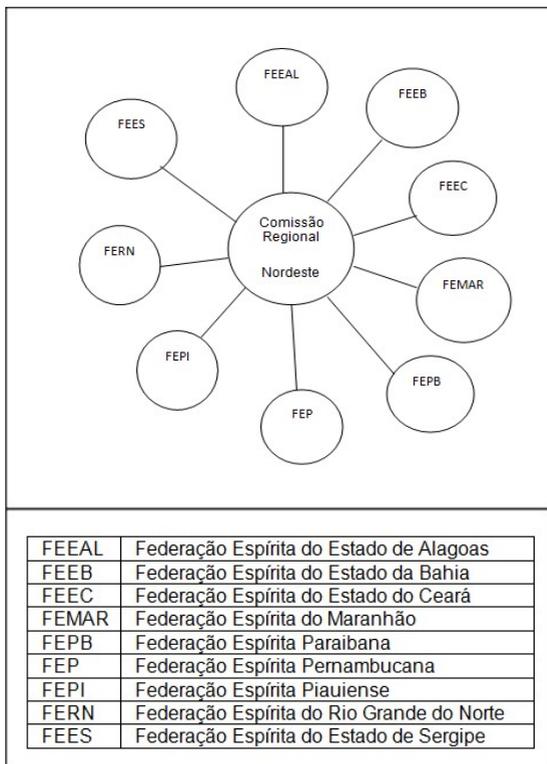
## Anexo G

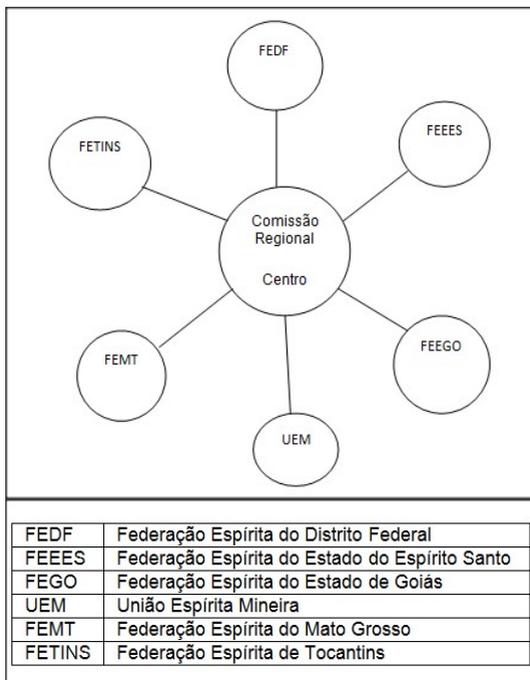
## Organograma do Movimento Espírita Federado (FEB)

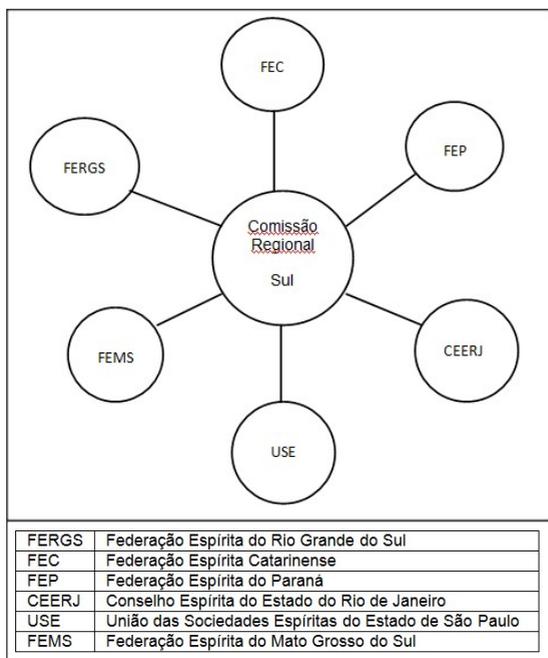


## Comissões Regionais









### Organograma do Movimento Espírita Federado II (FEB)

